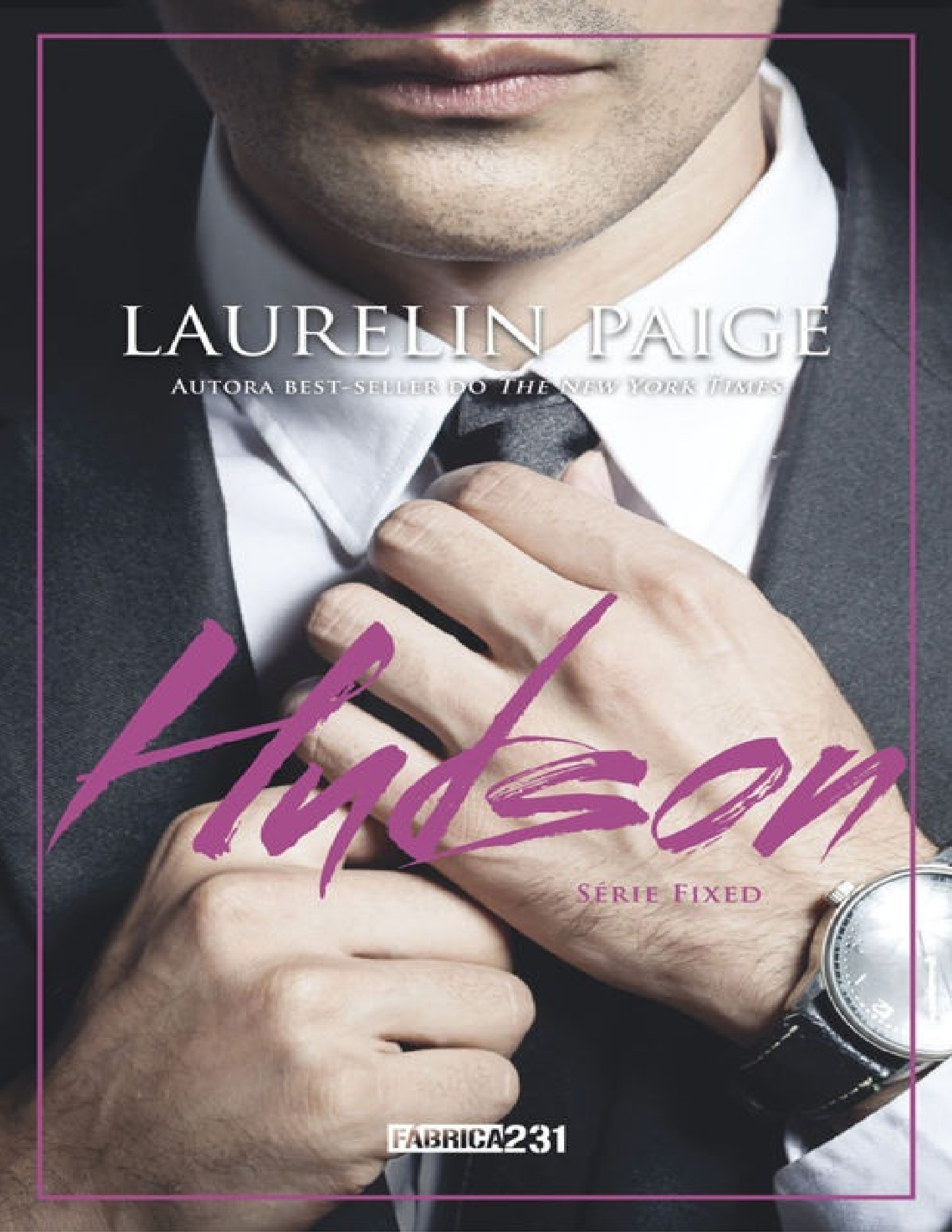
LAURELIN PAIGE
AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
Hudson
SÉRIE FIXED
FABRICA231

LAURELIN PAIGE

Hudson

Série Fixed – Livro 4

FÁBRICA231

Star Books Digital

"Eu posso facilmente dividir minha vida em duas partes: antes e depois dela."

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

1

Eu assino o formulário e entrego a prancheta de volta ao rapaz da recepção.

As sobrancelhas do jovem sobem quando ele reconhece meu nome.

– Sr. Pierce! – Ele se levanta de sua cadeira e estende a mão para apertar a minha. – Eu não esperava que seria o senhor a representar as Indústrias Pierce. Achei que mandariam outra pessoa.

Aperto a mão dele, mais por cortesia, e depois forço um sorriso rígido.

– Surpresa!

Deus, detesto conversa fiada. Especialmente desse puxa-saco de vinte anos de idade que espera que essa interação comigo vá lhe garantir um emprego na minha empresa. Ele não sabe que não é assim tão fácil conseguir uma entrevista.

O rapaz procura entre as credenciais na mesa aquela que tem o logotipo das Indústrias Pierce. Ele o entrega para mim, que coloco no bolso. Sou facilmente reconhecido sem que precise ficar anunciando por aí.

O cara – na verdade, um garoto – parece desapontado. Seja porque não sou tão carismático ou charmoso quanto ele tinha imaginado ou porque rejeitei o crachá, não posso dizer com certeza. Francamente, não dou a mínima. Houve uma fase, há muito tempo, em que essas suas emoções teriam suscitado mais interesse em mim. Agora, elas mal fazem um bip no meu radar. Eu nunca serei capaz de entendê-las, então não faz sentido desperdiçar o meu tempo tentando fazer isso.

O sorriso do cara é profissional quando ele me entrega a brochura com a apresentação desta noite. Ao mesmo tempo, sinto uma mãozinha miúda pressionando as minhas costas. Fico tenso. Porque sei de quem é essa mão.

Olho para trás, confirmando minha suspeita quando me dirijo ao auditório principal.

– O que você ainda está fazendo aqui? Eu te dei o que você queria.

– Como já estava aqui, eu decidi ficar. – Enquanto caminha a meu lado, os saltos dos sapatos de Celia ecoam no piso de mármore do Kauffman Management Center, que é a casa da Stern School of Business da Universidade de Nova York.

Eu paro na porta para o corredor e me volto para ela.

– Você não foi convidada.

As pálpebras dela vibram ainda que levemente, e sei que as minhas palavras a atingiram.

– *Você* podia ter me convidado. A gente raramente se vê, agora. – E ela abaixa o tom de

voz. – Eu sinto sua falta.

Minha mandíbula se aperta, e deixo escapar o ar lentamente. Celia é a pessoa sobre quem me aconselharam a não ficar por perto. Ela é também a única pessoa que me entende, e melhor do que ninguém. Essa é uma batalha que eu enfrento diariamente – estar com ela é semelhante a deixar um bêbado sozinho numa loja de bebidas. Ela sempre me provoca a avançar pelo mau caminho, mesmo que não tenha essa intenção. Mas tenho certeza de que, normalmente, ela *tem* essa intenção.

Mas ela é a minha única amiga, se é assim que se poderia chamar o nosso relacionamento. Sem ela, eu estou sozinho.

– Tudo bem, você é minha convidada – eu cedo. Abro a porta e fico segurando para que ela possa passar. – Não entendo por que você quer estar aqui. Essas coisas são chatas pra diabo.

Sigo a mulher por uma fileira de assentos até o fundo da sala e pego dois lugares no meio. O salão é pequeno, e há menos de dez outros representantes corporativos atualmente sentados. Poderíamos facilmente ficar mais perto, mas Celia me conhece bem o suficiente para entender que eu prefiro ficar afastado de situações como esta.

Ela se inclina para mim, o aroma de seu perfume de marca muito forte impregnando o meu espaço.

– E se é chato assim, então por que se incomoda em vir? Você poderia mandar alguém que esteja a vinte degraus mais baixo na companhia.

Faço uma pausa, para decidir se eu quero explicar. Esse simpósio anual da Stern é o único evento do tipo a que eu assisto. Embora a maioria das apresentações seja maçante, descobri um punhado de alunos brilhantes nessa mistura. Uma boa descoberta dessas é raro de acontecer e não paga as duas horas que passo aqui todos os anos, mas esse não é o motivo principal pelo qual continuo a vir. Qualquer um dos meus executivos poderia vir em meu lugar e ser uma melhor utilização de meu tempo como gestor.

Ainda assim, eu insisto em comparecer. Em parte, sou curioso. Quero estar informado das ideias e tendências emergentes nas melhores escolas. É uma tentativa de ficar em contato, para me lembrar de como manter o espírito aberto e a mente inovadora. Assim como os formandos no MBA que irão se apresentar nesta noite.

Há também outra razão para eu assistir, uma razão que é menos tangível e mais difícil de colocar em palavras. Já faz oito anos que me formei. Então, fui direto gerenciar a empresa do meu pai. Eu me tornei conhecido pelas minhas decisões empresariais de ponta, minha visão contemporânea dos negócios. Mas a grande verdade é que tudo me foi entregue de mão beijada. Nunca precisei lutar para merecer o que recebi, ao contrário dos alunos a que em breve iremos assistir. Eu sou ambicioso e inteligente, mas eles têm uma paixão e uma

persistência que são intrigantes. Isso me inspira. A maioria deles vai fazer de tudo para chegar ao topo. Eles querem ser Hudson Pierce, eles querem ter o que eu tenho. Eles me olham como exemplo, para mostrar-lhes como chegar lá.

E eu olho para eles.

Celia nunca entenderia, então eu simplesmente digo:

– Você nunca sabe que pedras preciosas se podem encontrar por aqui. – Pego a brochura pousada em meu colo e começo a folhear distraidamente enquanto falo. – Mas não me culpe quando tiver que lutar para ficar acordada. E nem sequer pense em me convencer a ir embora no meio.

– Não vou fazer nada disso. Serei uma boa menina.

Meus olhos se dirigem para as pernas dela, enquanto cruza uma sobre a outra. São atraentes, não posso negar. Eu seria um mentiroso se dissesse o contrário. Mas não me sinto atraído por ela dessa forma. De modo nenhum. É provável que seja um sintoma de minha incapacidade de amar, apesar de eu ter interesse em outras mulheres. Mulheres que não conheço. Eu fodo com elas e curto muito, mas é só isso. Celia é a única mulher, além de minha mãe e irmã, que conheço e com a qual mantenho um tipo de intimidade. E, como se ela fosse um membro da família, eu não tenho um pingo de desejo por ela.

– Eu só estou aqui para estar com você, de qualquer maneira – diz ela agora, envolvendo a mão em meu braço.

Espio de lado para ver o que ela fez, mas não afasto.

– Pare de dizer coisas assim, Celia.

Por mais que eu a conheça, ainda tenho que compreender suas intenções quando emite declarações como esta. Ela é inteligente o suficiente para perceber que eu nunca vou retribuir qualquer afeição, e, estranhamente, não acho que seja isso que Celia está procurando. Ela simplesmente deseja essa mesma conexão que eu – uma espécie de parentesco com alguém que entende as sombrias obsessões que vivem dentro dela.

E eu realmente entendo essa escuridão. Na verdade, tenho quase certeza de que fui eu quem fez nascer isso dentro de Celia. Por várias vezes, tentei me lembrar se já existia isso lá antes de submetê-la à minha experiência cruel. Eu nunca consegui ter certeza da resposta. Como eu poderia identificar a luz quando eu mesmo moro em total escuridão? Agora, mesmo que eu esteja melhor, mesmo que eu tenha abandonado o meu jogo, só enxergo escuridão ao meu redor.

Ainda fingindo estar concentrado na brochura, sinto sem olhar que Celia desviou o olhar.

– Sinto muito – diz ela, em voz baixa. – É que eu... Eu não sei.

Um momento de piedade me agarra.

– Você não tem que explicar nada. Eu compreendo.

As luzes se apagam, e o diretor do programa de graduação sobe ao palco. Deixo a pasta apoiada em meu colo, tendo absorvido muito pouca informação sobre as apresentações da noite. De qualquer maneira, o que estava explicado na brochura seria de pouca utilidade para mim. Se tiver alguém que tenha valido o meu tempo, só vou saber quando ouvir essa pessoa falar.

Depois que o diretor faz as apresentações, a primeira apresentação começa. Eu sei que haverá seis alunos no total. Isso é uma coisa que não varia de ano para ano. Apenas os melhores alunos da turma de formandos são convidados a se apresentar. Eles são a nata da nata. Stern não é Harvard, mas é uma Faculdade de Administração que está colocada entre as dez mais. E esses alunos são alguns dos melhores do país.

Como eu prometi, no entanto, a noite é realmente um saco. Também fiel à sua palavra, Celia não se queixa. Ela parece estar profundamente mergulhada em seus pensamentos, provavelmente bolando seu próximo golpe. A tentação de me juntar a ela em suas conspirações é grande, mas eu jogo essa tentação de lado e me concentro no evento. O comércio internacional parece ser o tema da noite, mas há algumas diferenciações em cada apresentação – uma delas fala das novas tabelas de imposto e como isso pode beneficiar as corporações. Dá vontade de roncar. Outro aluno apresenta uma variação sobre um velho modelo de negócios. É uma ideia original, mas não é prática.

No momento em que o quinto aluno termina de falar, cheguei ao meu limite. Dou um cutucão e tiro Celia de seu devaneio.

– Estou pronto para ir embora – começo a dizer, mas paro de falar antes de liberar todas as palavras.

A mulher subindo as escadas para o palco travou meu olhar, e todos os pensamentos de ir embora começam a desaparecer. Algo sobre o jeito com que ela se move é cativante... Aquele gingado de seus quadris sugere uma tendência forte de sexualidade, e as costas retas demonstram toda a sua confiança.

Então ela se vira para o público, e minha respiração para um segundo. Mesmo aqui, a doze fileiras de distância, eu posso dizer que ela é a mulher mais linda que já vi. Seu cabelo castanho-escuro cai suavemente em torno de seu rosto, acentuando as maçãs do rosto. Seus olhos são escuros. Seu vestido curto revela pernas longas e elegantes. O decote recatado do vestido não consegue esconder os seios fartos e perfeitos.

Mas há algo mais, alguma coisa sobre seu comportamento que me faz sentar e prestar atenção. E ela nem sequer tinha começado a falar...

– O que foi? – sussurra Celia, respondendo à cotovelada que dei nela. Ou talvez tenha sido a forma como engasguei com a visão daquele anjo diante de nós.

– Nada. Esquece.

Nossa conversa ocorreu ao mesmo tempo em que foi feita a apresentação da aluna, e perdi o nome dela e o que ela iria nos apresentar. Mas não consigo mover meus olhos por um momento sequer para verificar na brochura.

Estou hipnotizado. Verdadeiramente hipnotizado.

Ela toma seu lugar no pódio e começa sua apresentação, e eu meio que espero que a minha atração por ela comece a desaparecer no minuto em que ela abrir a boca. Mas é o oposto que ocorre. O som de sua voz envia um choque através de meu corpo, e eu me endireito em meu assento. O tom de voz dessa mulher e seu comportamento exalam paixão e autoridade, e também um toque de cautela. Por vários minutos, quase não consigo me concentrar em suas palavras. Eu me sinto cativado pela mera presença dela, por seu sorriso, por sua linguagem corporal, pela forma como ela franze a testa quando desce os olhos para consultar suas anotações.

E ela tem uma aura, alguma coisa que ela projeta, que me atraiu imediatamente. Sinto que ela tem sido injustiçada, mas não derrotada. Que ela conhece a dor, mas emergiu disso mais inteira e mais forte. E zombo de mim mesmo – como posso saber de tudo isso depois de apenas alguns minutos de um discurso de negócios? Não posso. Mas eu também não consigo afastar a sensação de que isso é verdade. Isso me atrai mais do que qualquer outra coisa sobre ela.

Quando finalmente consigo apreender o discurso, fico ainda mais impressionado. O tema dela é simples – o marketing impresso na era digital –, mas ela o aborda com brilhante praticidade, e eu tenho certeza de que cada executivo no salão vai atrás dela na recepção ao final da noite.

Decidi que devo encontrá-la depois, antes de todo mundo. Essa é uma joia muito preciosa.

– Alayna Withers – Celia diz baixinho ao meu lado.

– Quê?

Divido minha atenção por um segundo da apresentadora e isso foi tempo suficiente para ver que Celia estava lendo a brochura.

Ela aponta com a cabeça para o palco.

– O nome dela é Alayna Withers.

Fico eriçado, irritado por Celia ter notado o meu interesse. Ao mesmo tempo, uma onda de satisfação se espalha por todo meu peito. *Eu tenho o nome dela!* É uma coisa pequena e, infelizmente, todos na sala têm isso também. Mas eu me apego a ele, esse pouquinho de informação que tenho sobre ela. Repito o nome silenciosamente para mim mesmo. Deixo o som repousar em meus ouvidos. Deixo a textura dele se enrolar na minha língua.

A iluminação no salão ainda é fraca, o palco o único lugar iluminado, mas eu sinto o

manto da escuridão em torno de mim começar a se dissipar.

De repente, eu vejo luz.

2

Antes

– Seu saque é terrível – gritei para Mirabelle.

No geral, minha irmã tinha melhorado desde o último verão. As aulas particulares que tinha recebido ao longo do ano tinham reforçado tanto seu *backhand* quanto seu voleio. Não que eu planejasse dar-lhe a satisfação de lhe contar que eu tinha notado.

Os olhos de Mirabelle brilhavam enquanto ela fazia a bola de tênis saltar à frente dela.

– Meu saque é bom. Estou ganhando, não estou?

Ela ganhou o primeiro *match* porque eu não tinha levado o jogo a sério. Não esperava que ela estivesse jogando tão bem.

– Só porque eu estou prestando mais atenção à sua postura horrível do que à bola.

Seus lábios se curvaram.

– Isso é problema seu. Você se distrai muito facilmente. – Mirabelle atira a bola para cima, mas em vez de jogar, ela deixa a raquete cair a seu lado e lança sua atenção para outro lugar. – Oh, ei! Eu não tinha visto você aí.

Segui o olhar de minha irmã e encontrei Celia encostada na parede lateral da nossa quadra particular.

Ora, mas vejam só.

Eu ainda não tinha certeza se estava feliz em vê-la ou não, mas quando ela sorriu, devolvi seu sorriso facilmente. Eu não sabia que ela estava nos Hamptons, mas não fiquei surpreso ao vê-la. Claro, ela iria passar por aqui. Mesmo se nossas mães não fossem as melhores amigas, Celia iria encontrar uma razão para vir me ver.

– Eu estava gostando de seu jogo – disse ela à minha irmã mais nova, mas seus olhos nunca me deixaram. – Espero que você não se importe.

– Sim, bem, a gente já tinha terminado mesmo. Huds, podemos jogar mais tarde.

Mirabelle veio ao meu lado da quadra, onde deixara a capa da raquete, e começou a guardá-la.

– Mirabelle... – alertei, em voz baixa, com um toque de aviso. Eu sabia que minha irmã não gostava de Celia, mas não precisava ser tão desagradável.

Ela me ignorou. Me dando uma carranca final, respondeu:

– Aproveite o resto do dia com a sua namorada.

Então, foi embora passando através da abertura nas sebes para a casa principal.

– Eu não sou a namorada dele! – gritou Celia atrás dela. Então, virou-se para mim, as mãos nos quadris. – Por que você não a corrigiu?

Inclinei a cabeça para o lado, fazendo um rápido alongamento de pescoço. Honestamente, eu fiquei surpreso que Celia tivesse corrigido a minha irmã. Eu teria pensado que ela ficaria feliz em ser chamada de minha namorada... Quanto a mim, eu preferia deixar que as pessoas acreditassem no que quisessem acreditar. Isso tornava a vida muito mais interessante.

Mas o meu fascínio com o comportamento humano era uma coisa que eu mantinha para mim, então eu respondi:

– Mirabelle é uma romântica incurável. Ela vai formar a sua própria opinião, não importa o que eu diga.

Celia olhou para trás, para Mirabelle por um momento, em seguida, caminhou em minha direção, enquanto eu limpava o suor da minha testa com uma toalha.

– Ela ainda não gosta de mim. – A decepção era evidente em sua voz.

– Uma pena.

Eu achava que só quando criança Celia tinha procurado Mirabelle como uma espécie de irmã substituta. Nossas famílias viviam entrelaçadas de modo tão próximo que parecia inevitável a criação de um vínculo entre as duas. Por alguma razão, isso nunca tinha acontecido. Por que seria? A curiosidade começou a fustigar meu subconsciente, mas eu forcei que isso se afastasse. Eu iria ponderar sobre esse assunto em outro momento.

Celia não pareceu pensar que houvesse qualquer coisa que valesse a pena ponderar.

– Ela tem quatorze anos. Entendo isso. Eu gostaria que fosse diferente, mas eu entendo.

– Ela precisa aprender boas maneiras.

– E você precisa aprender a relaxar. Estou bem. Eu não tenho que ser amiga dela. Eu sou sua amiga. – Celia olhou para mim com uma dúvida piscando em seus olhos. – Pelo menos, eu acho que nós ainda somos amigos. Faz nove meses que fui para San Francisco e não ouvi um único pio de você. O que aconteceu?

Dei de ombros como se a minha negligência tivesse sido acidental. Não foi, nem um pouco. Antes de Celia sair para fazer a faculdade, ela deixou claro que estava interessada em mais do que uma simples amizade. Eu não estava. Eu tinha decidido que era melhor não alimentar isso. Não porque eu estivesse preocupado com o que Celia pudesse estar sentindo, mas porque aquela paixão era um aborrecimento. Por isso tinha ignorado seus telefonemas e apagado os e-mails sem nem mesmo abri-los.

Sim, eu era um idiota. Isso não era novidade para mim.

Agora, porém, fiquei surpreso ao perceber como era bom ver essa garota. Não de um

modo romântico, nada disso, mas de uma forma familiar. Ela era da família e estava de volta em casa.

Cocei meu queixo, decidindo que não iria responder àquela pergunta assim diretamente. E, agindo praticamente sem pensar, fiz um convite, ao invés disso.

– Millie já está terminando o almoço. Posso tomar um banho e depois podemos conversar sobre as novidades comendo uns sanduíches.

Celia franziu a testa.

– Na verdade, hoje eu não posso. Só vim aqui por alguns minutos.

Eu levantei uma sobrancelha inquisitiva. Por que ela iria parar aqui se não pudesse ficar?

Celia não explicou. Em vez disso, perguntou:

– Você estará aqui durante todo o verão?

Bem, pelo que eu conseguia me lembrar, as duas famílias sempre passavam o verão nos Hamptons. Parecia estranho pensar que Celia poderia pensar em algo diferente disso. Mas eu supunha que, como estávamos ficando mais velhos, as coisas poderiam mudar. Na verdade, eu mesmo já estava começando a pensar que era hora de ter um lugar só para mim. Eu não tinha necessidade de passar todas as minhas férias da faculdade com os meus pais. Esta seria provavelmente a minha última temporada em Mabel Shores.

– Sim – respondi. – E você?

– Também. E gostaria de ver você. – Ela limpou a garganta e mudou seu foco para os sapatos. – Eu vim aqui hoje para lhe dizer uma coisa. Hum, uma coisa que achei que poderia deixar as coisas mais fáceis para você se quiser me ver de novo...

Cruzei os braços sobre o peito. Ela tinha me intrigado.

– Do que se trata?

Celia ergueu a cabeça e se forçou a me olhar nos olhos.

– Achei que você deveria saber que estou saindo com um cara. Durante todo esse ano. É uma coisa bem séria. – Ela se mexeu no lugar, obviamente nervosa. Será que ela pensou que eu ficaria com ciúmes?

– Tudo bem – eu disse. – Parabéns.

Eu já sabia como reagir em situações como esta, embora eu não sentisse que devesse congratular a pessoa. Eu não sentia nada.

Ela respirou fundo.

– Pensei que essa poderia ter sido a razão pela qual não retornou nenhuma de minhas mensagens. Porque estava preocupado que eu... Que eu ainda...

Eu levantei minha cabeça, fascinado com a forma como ela iria terminar a frase, se é que ela iria terminar...

Mas Celia não disse mais nada, e depois de um momento de silêncio constrangedor, não

pude mais resistir. Eu queria pressioná-la, queria ver o que ela iria dizer, o que ela faria.

– Que você ainda... gostava de mim?

Suas bochechas ficaram escarlate. *Interessante*.

– Sim. Você sabia, então.

Eu ri.

– Todo mundo sabia, Celia.

Ela balançou a cabeça como se tentando reconciliar-se com a ideia.

– Tudo bem, então, todo mundo sabia. Mas aquilo foi uma paixão boba de ginásio. Já superei isso, e agora tenho Dirk e...

– Dirk? Esse é o nome do cara?

Imediatamente imaginei a figura, um hippie de cabelão comprido, embora Celia jamais se interessaria a sério por alguém que não fosse de sua mesma classe social. Isso não era uma coisa que estivesse nela. O cara provavelmente era um sujeito bem-educado e com muito dinheiro, assim como ela.

– Não faça assim, Hudson. – Mas aquela admoestação veio com um sorriso. – Então, eu tenho Dirk e estou realmente apaixonada por ele. Eu acho que ele pode ser o cara que procuro. – Celia corou de novo, e desta vez eu pude ver que ela realmente tinha superado o que sentia por mim.

Fascinante.

– Isso é ótimo...

Desta vez, eu não tinha realmente certeza sobre o que mais deveria dizer. E não sabia muito bem o que Celia queria que eu dissesse.

Ela pareceu sentir que eu precisava de mais.

– Então, você e eu podemos voltar a ser amigos. Sem aqueles olhos de cachorrinho quando eu olhar para você. E isso não deve ser um grande problema. Certo? – Ela sorriu, hesitante, esperançosa, como se a minha resposta fosse importante para ela. Como se minha *amizade* fosse algo que ela achasse importante.

Lambi meus lábios, salgados do meu esforço anterior. Não havia nenhuma razão para dizer não. E eu gostava da companhia de Celia.

– Certo.

– Ótimo! – O alívio dela era palpável. – Eu ligo para você. Talvez possamos jogar tênis no final desta semana? Ou andar de jet ski ou outra coisa?

– Ah, legal.

Mas isso também parecia aborrecido. Celia estava propondo uma rotina de verão nos Hamptons. Era o que sempre fizemos e fazer tudo isso de novo era uma coisa que fazia sentido. Eu gostaria de encontrar outra coisa para ocupar o meu tédio.

Um momento de silêncio se passou entre nós até que isso se estendeu para além do confortável, ficando estranho.

– Bem, então – disse Celia, colocando os óculos escuros para se proteger do sol do meio-dia. – É melhor eu ir andando.

O cavalheirismo voltou para mim.

– Vou com você até o portão.

Enrolei a toalha em volta do meu pescoço e peguei a capa de minha raquete. Então começamos a subir o caminho para a casa principal.

Ficamos em silêncio, por toda a caminhada. Eu a escoltei até a entrada de casa, onde ela havia estacionado o carro. Depois de abrir a porta para ela, inclinei-me para lhe dar um beijo na bochecha. Este era o padrão para nós. Ela era, afinal, praticamente minha irmã.

Celia colocou a mão no meu braço, sua expressão melancólica.

– Obrigada, Hudson. Te vejo em breve.

Fiquei assistindo enquanto ela ia embora, pensando sobre a mudança na dinâmica de nosso relacionamento. Nossas mães tinham sido as melhores amigas desde que éramos crianças. Todas as férias e todos os feriados prolongados e todas as reuniões de família eram passados com os Werner. Nossos pais tinham até nos matriculado nos mesmos colégios particulares da elite. Nós nos conhecemos bem, embora eu duvidava seriamente de que nós fôssemos nos tornar mais do que conhecidos se a gente não tivesse vivido juntos dessa forma.

Celia deveria ter sido a combinação perfeita para mim. Um casamento feito no céu. Ambos tínhamos dinheiro, já éramos próximos. No entanto, eu nunca tinha tido a menor inclinação em direção a ela. O que havia de errado comigo que não conseguia sentir nada por ela? Ou por qualquer pessoa?

– Você gosta dela? – A vozinha de Mirabelle soou atrás de mim.

Virei-me para encontrá-la sentada nos degraus da frente, os braços em volta dos joelhos.

Tranquei a mandíbula de irritação. Eu não queria compartilhar o vazio das minhas emoções com ninguém.

– Não é realmente da sua conta se eu gosto ou não – respondi, passando por ela e entrando na casa.

Mirabelle levantou-se e seguiu de perto nos meus calcanhares.

– Ela não é para você, Hudson. Ela é mesquinha e rasa e não combina em nada com você.

Eu continuei andando, dirigindo-me para a escada principal.

Mirabelle continuou atrás de mim.

– E você não gosta dela. Eu posso ver isso em seus olhos. Você não tem nenhum interesse por ela, de jeito nenhum.

Isso era verdade, mas me intrigou pensar que minha irmã tinha notado. O que mais ela viu? O que ela sabia sobre mim? Parei no meio dos degraus e virei-me para Mirabelle.

– Se você já sabe que eu não gosto dela, então por que perguntou?

– Eu queria ter certeza de que você sabia também.

Bem, eu sei. Mas não disse isso em voz alta. Eu me afastei dela e saltei os degraus seguintes rapidamente até o piso superior, e depois desapareci em meu quarto.

Pelo restante do dia, eu não conseguia parar de pensar em Celia e seu suposto namorado. Meu peito se enchia de nós enquanto eu girava essa informação na minha mente. Não era ciúme, honestamente eu não me importava de maneira nenhuma com a vida amorosa dela. Eu estava intrigado. Obsessivamente intrigado. Não era a primeira vez que eu senti isso, nem, eu tinha certeza, seria a última.

A ideia de amor e carinho estava me consumindo. Eu estudava isso em todas as ocasiões que pudesse. Era uma coisa que não conseguia entender. Nunca estivera apaixonado. Nem acreditava que tal coisa fosse real. Eu não era um cara virtuoso, nem inexperiente. Eu tinha namorado algumas garotas. Ou melhor, tinha levado essas meninas para jantar ou para o cinema com a única intenção de foder com elas depois. Às vezes pulava o jantar ou o cinema e simplesmente transava com elas. Mas nunca tive nenhuma inclinação para gastar algum tempo com qualquer pessoa. Eu nunca tinha *sentimentos* por elas.

E mesmo que Celia tivesse pensado em algo a mais comigo no ano anterior, nunca assumi que ela sentisse algo mais profundo do que aquela paixonite boba sobre a qual ela comentara. Nós dois éramos feitos do mesmo molde. Sabíamos muito bem do ridículo que havia por trás dessas noções românticas.

Ou era assim que eu pensava.

Agora, ela disse que tinha encontrado a pessoa certa. A ideia me confundia.

E essa ideia também me desafiou.

O que havia nessa coisa que fazia alguém pensar que amava outra pessoa? Poderia ser a emoção manipulada de alguma forma? Forçada? Decidi que era o momento de uma experiência.

Seria lamentável que os resultados pudessem não ser lá muito favoráveis a Celia. Mas, por outro lado, se o amor era realmente um mito, como eu acreditava, talvez eu estivesse simplesmente salvando minha amiga de uma mentira.

*

Eu estava tomando sol com meu laptop à beira da piscina, quando Celia me ligou no dia seguinte para marcar uma data em que a gente pudesse se encontrar. Fingindo planos

anteriores, eu empurrei o nosso encontro para a semana seguinte. Eu precisava de tempo para planejar antes que a visse de novo. Eu era meticuloso com meus experimentos, e desta vez não seria diferente.

Bati meus dedos ritmicamente no teclado enquanto planejava. Depois do fracasso de meu último estudo, eu estava ansioso para reencontrar o sucesso. Talvez *fracasso* fosse uma palavra muito cruel para ser usada. Meus resultados não tinham comprovado a minha hipótese, mas ainda assim eu conseguira reunir algumas informações a partir dessa experiência, por mais inconclusivas que fossem. Concebi a ideia desse estudo depois que dois colegas de classe, Andrew e Jane, ficaram noivos. Eles pareciam perdidos um pelo outro, tontos sob aquela névoa de luxúria que provavelmente tinham confundido com outra coisa. Eu comecei a me perguntar se eles acreditavam que estavam próximos o suficiente para que fossem se casar, então isso significava que seu vínculo era inquebrável?

Propus-me a encontrar a resposta.

Nós três assistíamos a tantas aulas juntos que foi fácil flertar com Jane na frente de seu noivo. Eu fiz isso casualmente num primeiro momento, esperando algum tipo de reação de Andrew. Quando nenhuma reação veio, levei meu jogo a outro nível. Comecei a tocar Jane quando a gente conversava, encostava meus dedos contra os dela, brincava com os cabelos da garota. Realmente, invadi seu espaço. Sussurrei coisas sugestivas a ela – cara, coisas sujas pra valer, que fizeram a garota corar e os mamilos ficarem eretos de tesão. Foi um semestre inteiro nessa brincadeira e nem Jane, nem Andrew vieram me falar para parar. Mas não deveriam ter feito acusações? Se não comigo, então pelo menos um com o outro? Ou então, eles conversavam pelas minhas costas, sem que eu soubesse?

Ou será que o casal realmente tinha bastante confiança e afeto um pelo outro para suportar os ciúmes?

Ou talvez eles estivessem à procura de um *ménage à trois*.

A falta de uma resposta conclusiva foi o motivo pelo qual considerei meu experimento um fiasco. Mas, desta vez, eu não iria me contentar com resultados ambíguos. O que significava que era melhor começar com uma hipótese mais sólida.

Eu abri meu diário digital e comecei uma nova seção, que chamei de *O Ricochete*. Era uma sequência perfeita para o capítulo anterior, *O Noivado*. Este estudo anterior tentou separar um casal que não tinha nenhuma história comigo. Desta vez, o objeto do estudo, Celia, teve um dia um ataque de paixão por mim. E a questão que eu colocava agora era, enquanto eu digitava: *poderia uma paixão anterior afetar o status de uma nova relação, se o objeto de afeição de antes de repente retribuir a emoção?*

A seguir, eu digitei a minha hipótese: *se o objeto do estudo acreditar que a afeição está sendo retribuída, a resposta é "sim".*

*

Como eu seria capaz de dizer que eu tinha sido bem-sucedido? Fiz uma pausa para assistir ao meu irmão mais novo, Chandler, dar um salto-mortal na piscina. Se Celia acreditasse que eu estava interessado, ela provavelmente: a) me diria para me afastar; b) iria consentir num namoro de verão; c) iria romper com Dirk.

Eu não iria transar com Celia, isso era inegociável. Eu não consigo fazer sexo com as mulheres que não me atraem, e certamente não manteria relações sexuais com uma mulher que me conhecia pessoalmente. Isso significaria deixá-la chegar perto. E eu nunca deixo ninguém chegar perto.

O único sucesso de meu experimento, decidi, seria Celia terminar seu relacionamento.

Digitei isso em meu documento e me recostei.

Agora, eu deveria simplesmente descobrir como seguir adiante com meus procedimentos. Essa era a parte favorita de minhas experiências – criar um plano. Minha frequência cardíaca dava um pulo com a emoção. Mas eu teria que estudar com um pouco mais de cuidado toda a situação. Uma paquera ocasional não daria certo com este sujeito – Celia teria que ser apenas *O Sujeito* aos meus olhos a partir de agora, porque pensar nela como qualquer outra coisa enfraqueceria a minha objetividade. Eu teria que fazer uma tentativa real de demonstrar afeto. Seria um desafio, mas, com um verdadeiro esforço, eu tinha certeza de que poderia convencer meu objeto de estudos. Talvez eu devesse assistir a alguns filmes românticos. Ou mesmo perguntar a Mirabelle, que se achava uma perita em romance.

Enquanto eu alinhava os meus pensamentos, Mirabelle se sentou em uma cadeira de praia ao lado da minha, seu biquíni preto e rosa parecendo muito maduro para uma menina de sua idade. Pelo menos estávamos na privacidade de nosso próprio quintal. Se fôssemos ter companhia, ela estaria vestindo algo para se cobrir, se eu tivesse algo a dizer sobre o assunto. E eu sempre tinha uma palavra a dizer sobre o assunto.

– O que está fazendo? – Ela olhou para o meu computador.

Girei um pouco a tela para que ficasse fora da vista.

– Nada de importante – respondi, mas logo mudei o tom de voz. – Na verdade, estou trabalhando em um projeto. Para um amigo. Talvez você pudesse ajudar.

– Lógico. – Ela pegou um frasco de protetor solar que eu tinha trazido comigo mais cedo e começou a espalhar o creme pelo seu corpo miúdo. – Do que se trata?

Eu tinha certeza de que ela quis soar indiferente, mas notei a pitada de emoção em suas poucas palavras. Se houvesse alguma razão no mundo para aprender a amar, seria por Mirabelle. Ela me adorava, como muitas irmãs mais novas adoravam seus irmãos mais velhos. Mas, ao contrário de outros irmãos mais velhos, eu não merecia isso. No entanto, ela

ainda perseverava em sua fé e em seu carinho. Só por isso, eu me esforcei para tentar com ela tudo aquilo que eu me recusava a tentar com qualquer outra pessoa. Deixei de agir como eu mesmo para lhe dar atenção – joguei tênis com ela, levei minha irmã para fazer passeios quando o chofer não estava disponível, a protegia do ridículo de nossa mãe bêbada. Acho que lhe pedir conselhos era algo que a estimularia tanto quanto nos momentos em que ela me ajudava.

– Bem – comecei a falar –, ele quer saber a melhor maneira de conquistar uma menina...

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

– E ele perguntou isso a você? Qualquer um com metade de um cérebro sabe que você não sabe nada sobre xavecar uma garota.

Eu engoli de volta a picada de sua declaração. Era verdade, afinal.

– Exatamente. Por isso mesmo estou perguntando a você.

– Isso não tem nada a ver com você, tem? Você não está interessado em alguém, está? – Ela parou de esfregar a loção em seu braço e olhou para mim diretamente. – Você não está tentando conquista a Celia, está?

Eu sempre fiz questão de nunca mentir. Mesmo nos meus experimentos, eu havia prometido permanecer verdadeiro. Essa foi a maneira que encontrei de manter um pouco de dignidade, apesar das minhas ações manipuladoras. Então, atirei-lhe a minha resposta.

– Mas, por que eu iria tentar namorar a Celia? Você mesma disse que ela não era para mim.

– Eu só queria ter certeza. – Mirabelle voltou a massagear a pele. – Bem, vejamos... As mulheres amam aquele tipo de atenção mais artístico, mais criativo. Tipo escrever um poema para ela ou desenhar seu retrato.

Pisquei. Eu não era nem um pouco artístico.

– Tudo bem, o que mais?

– Tem aquelas coisas mais fáceis, enviar flores, comprar joias, dar presentes...

Eu digitei enquanto ela falava.

– Mas isso tudo vai ser bem tosco se o cara não personalizar.

Ergui os olhos do meu laptop.

– Como assim? O que você quer dizer com *personalizar*?

– Claro, não adianta mandar rosas, rosas é tosco. Tem que ser flores de que ela goste ou que tenham algum significado para ela. As joias precisam ser únicas ou uma coisa que ela admire.

Cara, parecia que essa coisa de romance ia exigir uma investigação mais detalhada do que eu esperava.

– Basicamente, tudo o que uma mulher quer é que você passe bastante tempo a

conhecendo – disse minha irmã, confirmando os meus pensamentos.

Eu ri.

– Como se você soubesse o que é ser uma mulher.

– Cala a boca. Tudo o que uma garota quer, então – ela sorriu para mim, uma expressão que queria dizer que ela dissera o máximo que sabia. – Você sabe que as garotas são apenas mulheres em miniatura, não é?

– Ouvi dizer. – Cocei a minha nuca, notando o suor ali enquanto eu estava sentado ao sol. – Quer dizer então que eu... – eu me peguei e comecei de novo. – Quer dizer que tudo o que meu amigo tem a fazer é passar um tempo com essa garota?

– E demonstrar que ele percebeu como ela é. – Minha irmã franziu a testa. – Isso faz algum sentido?

– Acho que sim. – Na verdade, notar e perceber como as pessoas eram sempre foi um de meus talentos. Enquanto eu tentava entender o comportamento e as emoções básicas do ser humano, aprendi a desenvolver um bom olho para as pessoas. A aplicação das minhas descobertas, isso sim era o que eu precisava trabalhar. – Tenho certeza de que meu amigo vai gostar de suas dicas.

Mirabelle colocou os óculos de sol e se acomodou em sua cadeira.

– Eu gostaria que fosse para você, Huds. Você daria um namorado muito bom.

Forcei um sorriso, engolindo o sabor amargo na minha boca.

– Vou lhe dizer uma coisa, vou salvar essas dicas para quando eu precisar delas.

Eu precisava delas agora, mas não da maneira que Mirabelle pensava. Eu, de meu lado, jamais precisaria disso dessa maneira. Minha irmã era uma menina brilhante, mas ela estava absolutamente errada sobre uma coisa: eu não seria um belo namorado.

Mas ela nunca saberia isso. Eu nunca planejei chegar perto o suficiente de uma mulher para que ela descobrisse.

3

Depois

Já se passaram dois dias desde o simpósio na Stern, e eu ainda estou pensando na beleza morena que me deixou extasiado naquela noite. Eu voltei para a brochura mais de uma vez para ler sua biografia e olhar para a foto dela. Seu rosto está entranhado na minha mente e eu nem a vi de perto na vida real.

Claro que tentei fazer isso. Depois de me livrar de Celia, corri para a recepção, ansioso para encontrar Alayna Withers. Eu pretendia oferecer-lhe um emprego ali mesmo, no meio da sala. Seja qual fosse a posição que ela quisesse, eu a daria. Isso era absolutamente louco e nada parecido com algo que eu tivesse feito antes, mas havia alguma coisa naquela mulher. Alguma coisa que eu não entendia. E eu não conseguia sufocar o desejo de conhecê-la.

Então, ela não apareceu para a recepção. Dizer que eu fiquei desapontado era dizer o mínimo. Eu fiquei também enfurecido e confuso. Enfurecido porque ela fora responsável por eu perder o meu tempo. Quem não aparece para conhecer os melhores profissionais do ramo? Havia seis candidatos e dez executivos. Ela teria recebido uma oferta. Inferno, ela teria recebido cinco ofertas. Dez ofertas, até. E eu teria superado todas as ofertas para fazer com que ela ficasse com a minha.

E era aqui que residia a minha confusão – por que eu estava dando importância? Eu não sou um cara completamente sem emoção, mas quase. Os sentimentos que eu tenho estão domados, controlados. Práticos. Este desespero irracional por alguém que nem ao menos conheci, isso me abalou. Isso me abala agora, nestes dias mais tarde, quando meu desespero aumentou.

Nunca na minha vida eu me senti assim sobre alguém.

Isso é uma coisa sexual? Uma enorme necessidade de transar com alguém? Já se passaram algumas semanas desde que eu tive uma mulher na minha cama. Talvez mais tempo. Eu não tive interesse nisso recentemente.

Mas agora, enquanto estudo a foto dela e me lembro da segurança dela, da confiança dela, de sua vivacidade, meu pau se agita.

Eu tento me convencer de que meu interesse é esse, puramente físico. Ou que é a mente dela. Talvez seja isso mesmo, estou intrigado com suas ideias, sua maneira inovadora de

pensar, tanto que isso me excita. O que mais pode explicar o seu efeito em mim?

Eu estou tão consumido com a ideia de descobrir a resposta, com tanta necessidade de explorar a minha fascinação, que eu chamei meu investigador no início do dia para aprofundar meu conhecimento sobre ela. Eu disse a mim mesmo que tudo isso tinha apenas a ver com negócios. Talvez ela não tivesse aparecido na recepção após as palestras porque já tivesse recebido uma oferta de emprego. Se eu a encontrar, posso fazer uma contraoferta.

Mas eu sei que é mais do que isso, porque se essa Alayna não aceitar um emprego, eu vou ter que encontrar outra forma de chegar perto dela. Eu preciso saber se essa preocupação tem poder de permanência dentro de mim. Me ocorre fugazmente que a intensidade da minha fixação é muito semelhante à maneira como eu costumava me sentir quando se iniciava uma nova experiência. Mas procuro descartar essa noção imediatamente. Desta vez é diferente porque, pela primeira vez, eu não estou interessado nas emoções de outra pessoa, mas sim nas minhas próprias emoções.

Já estava mais do que na hora.

Se bem que não tinha muita certeza de que gosto disso.

Beliscando a ponta do nariz, inclino-me para a frente na minha mesa e tento apagar Alayna dos meus pensamentos. Meus esforços são interrompidos pelo zumbido de minha secretária.

– Sim, Patricia? – *Talvez seja o meu investigador agora.*

– A pessoa de sua reunião às duas horas está aqui. O dr. Alberts.

– Merda. – Eu não tinha a intenção de dizer isso em voz alta. – Bem. Obrigado. Mande-o entrar.

Eu esqueci dessa minha reunião com Alberts, embora eu venha me encontrando com ele regularmente por mais de dois anos. A verdade é que eu não queria me lembrar desse compromisso. Ele tem ajudado – eu não teria sido capaz de resistir às tentações se não fosse por ele –, mas ultimamente ando meio agitado. Eu sinto falta da emoção de minha vida antiga. Meus dias agora são monótonos e sempre a mesma chatice sem fim. Talvez seja por isso que estou tão intrigado com Alayna Withers. Ao vê-la naquela noite, senti algo pela primeira vez em anos. Pela primeira vez desde que eu parei de jogar os meus jogos.

Fico de pé e dou a volta na minha mesa para cumprimentar o dr. Alberts quando ele entra. Embora eu não precise, faço um gesto para a área de estar na minha sala, e, em seguida, tomo assento na outra ponta do sofá de couro, cruzando uma perna sobre a outra. Alberts senta-se na poltrona, como de costume. Esta é a nossa rotina. Ele vai sugerir que eu me deite, eu vou recusar educadamente. Ele vai puxar seu bloco de notas e escrever suas observações quando eu responder às suas perguntas – que são sempre as mesmas, semana após semana. *Como você está se sentindo? Existem novas pressões na sua vida? Como você vai*

lidar com isso? Você já teve alguma inclinação para voltar a jogar?

Estou entediado antes mesmo que ele comece, e não vou suportar passar pelos mesmos comportamentos, mais uma vez.

Ele deve ter percebido o meu estado de espírito – ou minha constante mudança de posição denuncia a minha ansiedade – porque Alberts muda o ritual imediatamente.

– O que está se passando pela sua mente, Hudson?

Eu corro as pontas dos meus dedos na minha testa, contemplando a minha resposta. Eu poderia culpar a minha ansiedade sobre o trabalho. Há muito com que me preocupar por aqui, como todos os rumores na Plexis, uma de minhas menores subsidiárias, onde receio estar perdendo o controle do conselho. Antes do simpósio na Stern, esse era o meu foco principal. Depois, Plexis mal e mal está no meu radar. Como é possível eu me concentrar nessa coisa idiota dos negócios quando não consigo me livrar da lembrança daqueles profundos olhos castanhos e de uma voz de seda confiante rastejando pelo cérebro?

É isso que está se passando pela minha mente. Ela.

Mas o que eu poderia contar a Alberts sobre Alayna Withers? Acerca de uma aluna que eu vi durante vinte minutos em um evento da Faculdade de Administração? Conversar com ele é algo que, supostamente, deve ajudar a resolver o conflito de minhas emoções, mas essas emoções são vagas demais e não identificáveis. São muito intensas e estranhas.

Em vez disso, eu escolho mencionar o detalhe dos meus últimos dias e que vai interessá-lo mais.

– Eu vi Celia.

– É mesmo? – Alberts mostra seu alarme com apenas um ligeiro levantar de uma sobrancelha cinza. – Quais foram as circunstâncias desse encontro?

– Eu gostaria de dizer que foi algo inocente. Mas não foi inteiramente assim. – Corro minha mão pelo cabelo enquanto ele me espera continuar. – Ela me ligou. Ela está usando a minha identidade para jogar com alguém, uma funcionária da minha irmã. – Tremo só de pensar em como o jogo de Celia estava prestes a praticamente destruir Stacy. E em pensar que não fiz nada para interromper isso até a noite passada.

– Você estava ciente de que ela estava fazendo isso?

– Sim – respondo à pergunta seguinte antes que ele tenha a chance de fazê-la. – Não, eu não incentivei Celia, mas estava ciente. – Fico de pé, precisando andar enquanto falo. – Celia me pediu para ajudá-la a encerrar o jogo. Concordei. Eu disse a ela onde eu estaria e quando. Ela fez os arranjos para que o restante acontecesse.

Olhando em direção a Alberts, eu espero ver um olhar de desaprovação. Não está lá. O homem é tão cuidadoso com suas emoções como eu.

Aposto que, agora, ele vai querer saber por que eu concordei em ajudar. Essa é muito fácil

de responder – o jogo precisava acabar. Eu não gostei de ver meu nome sendo envolvido no esquema dela e fingir estar disponível para o abraço encenado de Celia foi a maneira mais fácil de acabar com isso.

Mas não é isso que ele quer saber.

– Como você se sentiu? Jogando novamente, depois de tanto tempo?

Faço uma pausa, considerando sua pergunta. Tinha havido uma certa faísca, uma emoção que tinha atravessado meu corpo quando beijei a minha amiga de infância. Não por causa da mulher que eu tinha beijado ou mesmo porque eu estava beijando, mas porque eu sabia o efeito que eu estava tendo sobre Stacy, que era o alvo de Celia. Naquele momento, eu desejava mergulhar nessa emoção, queria agarrá-la e segurá-la. Aquilo era uma emoção, um sentimento, pelo amor de Deus. Um sentimento, bem ali onde eu tinha estado vazio. Tudo que eu tinha que fazer era parar de lutar contra o impulso, e eu poderia ter a emoção de volta na minha vida. Com Celia lá, incitando-me como sempre fazia, teria sido tão fácil cair de volta em nossos antigos padrões, teria sido tão fácil retomar os nossos jogos.

Mas bastou olhar nos olhos de Stacy, a devastação que ela sentia em minha suposta rejeição, para me lembrar que meu entretenimento vinha ao preço das emoções dos outros.

– Sim, eu senti o ímpeto de novo – respondi honestamente. – Mas logo isso terminou, e até agora eu não tinha pensado nisso de novo.

Mesmo sem a lembrança das consequências do jogo, eu teria abandonado qualquer noção de jogar de novo quando fui para o simpósio. Essa breve faísca com Celia tinha sido completamente obscurecida pela carga potente que correu através de mim com a visão de Alayna Withers.

Alberts limpa a garganta e eu olho para descobrir que ele está me estudando. Ele aperta os olhos.

– Então, você não está preocupado que possa ser puxado de volta para o jogo?

Deixei escapar uma bufada. Estou sempre preocupado em ser atraído de volta para o jogo. Mas estou preocupado que Celia vai me puxar para fazer isso?

– Não, não estou.

– Você planeja vê-la de novo?

Meus olhos se arregalam quando, por um segundo, eu acho que "ela" refere-se à morena que está atormentando meus pensamentos.

Mas não é disso que Albert está falando.

– Não, eu não planejo ver Celia novamente.

Ela gostaria que sim. Ela vive me pedindo isso. Já a vejo suficientemente nos eventos de família. Sua presença não é uma tentação para mim como meu terapeuta acredita, mas vê-la ainda não é uma boa ideia. Celia é uma lembrança dolorosa de todos os erros que cometi na

minha vida. De todos os erros que fiz para ela.

Retomo meus passos pela sala, na esperança de não ir por esse caminho na conversa de hoje, não querendo rever meu passado.

– Hudson, sente-se.

Estou surpreso que ele não tenha pedido isso antes. Sento-me, cruzando meu tornozelo sobre o meu joelho que não para de balançar.

– Desculpa. Eu tenho um monte de coisas no momento.

Eu respiro tranquila, mas profundamente, e isso não faz nada para me aliviar.

Dr. Alberts se inclina para trás, uma contradição distinta com relação à minha postura tão tensa.

– Não sinto que sua ansiedade tem a ver com o seu encontro com Celia. Há outra coisa que você não está me contando?

Está na ponta da língua contar a ele sobre a minha reação estranha à Alayna Withers, mas me vejo novamente perdido em como colocar tudo isso numa frase.

– Não é nada. O trabalho é estressante.

O trabalho é sempre estressante.

Tarde demais, percebo que abri a porta para uma antiga discussão.

– Eu odeio voltar a um velho assunto, Hudson, mas se nós nos encontrássemos em meu consultório, em vez de aqui, você teria uma chance de escapar desse estresse, mesmo que por um curto período de tempo.

Eu lanço um olhar a ele.

– Se eu tivesse que ir ao seu consultório, eu nunca conseguiria me afastar.

– Isso é um problema, Hudson. Eu tenho tolerado durante os últimos dois anos, mas sinto que estamos em um ponto em sua terapia que ela deixará de funcionar. Se você quiser continuar com a sua recuperação, você precisa fazer dela a sua prioridade. Você deve decidir que afastar-se é mais importante, que sua saúde mental é mais importante do que o trabalho, que você pode deixar para trás.

Sinto minha mandíbula se contrair. Concordo que a minha terapia está parada. Ele provavelmente está certo ao dizer que, para avançar, eu preciso reorganizar minha lista de prioridades atual. No entanto, isso não vai acontecer. Eu não tenho nenhuma vontade de me afastar. E não acredito que eu seja mais importante do que o trabalho que eu deixar para trás. Eu não acredito que seja mais importante do que *qualquer coisa*. E, enquanto ter esse trabalho com Alberts tenha me impedido de estragar a vida de outras pessoas, isso não tem trazido à minha própria vida nenhuma outra dimensão a mais do que já existia. Eu ainda não encontrei uma maneira de preencher o vazio que reside no meu interior. Pelo menos o jogo foi uma coisa suficiente para me distrair disso. Agora eu estou sempre consciente do

meu vazio, de minha incapacidade de sentir mais do que um zumbido surdo de emoção.

No passado, quando o tema de nos encontrarmos no consultório dele em vez de no meu escritório vinha à tona, sempre o convenci a deixar as coisas como estavam. Hoje, estou sentindo que ele não vai abrir mão. E não tenho certeza de que eu quero brigar com ele por mais tempo. Já tenho as ferramentas de que preciso para continuar como estou sem precisar continuar a vê-lo. Ele seria capaz de me "consertar" se eu cedesse à sua vontade? Se eu fizesse ainda mais esforços do que ele sugere que não fiz? Não sei. Isso é o que eu devo decidir. Ou eu começo a jogar do jeito dele, ou não preciso mais de meu terapeuta. E acho que não estou pronto para dar uma resposta firme neste momento.

– *Touché* – respondo. – Tudo bem, eu admito que este nosso arranjo não está mais funcionando. Talvez devêssemos terminar nosso relacionamento de uma vez por todas.

É uma técnica de manipulação, eu sei. Como uma criança fazendo beicinho. Se eu não conseguir brincar do meu jeito, não vou mais brincar e ponto.

Mas o meu psicólogo é bom demais para cair em meus truques.

– Se é isso que você quer fazer, tudo certo. Você sabe muito bem que a terapia só funciona se você for um participante voluntário.

Parte de mim quer cortar esse arranjo da minha vida e seguir em frente, mas eu não me sinto muito confortável com as decisões tomadas por impulso.

– Tenho que pensar sobre isso.

– Faça isso. Se você decidir que quer se encontrar comigo de novo, mas em meu consultório, basta ligar para minha secretária e marcar um horário. – Ele se levanta, a nossa sessão claramente encerrada ainda que tenhamos mais trinta minutos.

Suponho que não faz sentido continuar se não tenho interesse verdadeiro em meu progresso.

Fico de pé e aperto a mão dele.

– Obrigado, doutor.

– Espero vê-lo novamente – diz ele, o brilho em seus olhos mais parecido com o olhar que um avô iria compartilhar com seu neto do que o de um psicólogo com o seu paciente. Ele tem muito carinho por mim. E me pergunto o que ele poderia ver em mim para se sentir desse jeito.

Talvez eu não tenha lhe dado a chance que eu deveria.

Embora eu esteja mais preocupado com o fato de que, se eu lhe desse essa chance, ele ainda continuaria incapaz de me ajudar.

Dr. Alberts está quase na porta quando ele se vira para mim.

– Lembre-se, Hudson, o verdadeiro progresso só acontece com o trabalho.

Com essas palavras, ele vai embora e me deixa sozinho.

Balanço a cabeça em frustração. É claro que eu me lembro disso. Eu trabalhei pra caramba para fazer das Indústrias Pierce o que são hoje. Se ele acha que eu não entendo o valor do trabalho duro, então ele não tem entendimento do que eu faço, de quem eu sou. Mas, no fundo, eu sei que ele está falando sobre um tipo diferente de trabalho, e embora já tenha passado algum tempo do departamento de reparos, não tenho certeza se estou disposto a voltar lá.

Neste momento particular da minha vida, a única coisa a que pretendo dedicar muito mais tempo é em descobrir mais sobre Alayna Withers.

No minuto em que Alberts sai, pego meu telefono e disco para minha secretária.

– Houve algum telefonema?

Ela sabe que não deve me interromper quando o terapeuta estiver aqui, e estou esperando meu investigador me telefonar.

– Não, senhor.

Dou um rápido agradecimento e desligo, parando apenas um momento antes de telefonar para ele eu mesmo.

– Aqui fala Jordan – ele responde ao primeiro toque.

O cara costumava trabalhar em Operações Especiais e descobri que essas habilidades podiam ser benéficas em muitas situações.

– E aí, já descobriu alguma coisa? – Percebo que estou sendo impaciente. Eu só lhe dei algumas horas para procurar, afinal.

– Não muito. Eu ainda estou à espera do histórico médico e da verificação completa de antecedentes.

Esse histórico médico pode não me informar nada de útil, mas essa verificação de antecedentes pode.

– O que você sabe até agora?

– O básico. Seu nome completo é Alayna Reese Withers, nascida e criada em Boston. Seus pais morreram em um acidente de carro quando tinha dezesseis anos. Ela vive entre a Lexington e a Terceira, perto do Waldorf. Conseguiu o bacharelado em administração na Universidade de Boston e deve conseguir a pós-graduação na Universidade de Nova York, com um mestrado em administração no próximo mês. Agora ela está trabalhando como gerente-assistente no The Sky Launch.

Sky Launch? Fico rachando o meu cérebro tentando localizar o nome.

– A danceteria?

– Sim.

Não é possível que ela esteja planejando continuar trabalhando numa boate depois de sua formatura. Ela tem que ter outra oferta.

– Você pode dizer se alguém mais já puxou informações sobre essa moça recentemente?

Se ela tem uma oferta de emprego à espera, eles vão ter que ter checado seus antecedentes.

Ouço movimentos abafados do outro lado da linha enquanto Jordan está prendendo o telefone no ombro para procurar a resposta em meio a seus papéis.

– Parece que só houve mais um pedido de informações de antecedentes. Foi ontem.

– Merda! – Fico me perguntando qual dos meus concorrentes teve sorte o suficiente para ganhar um "sim" dela. – Descubra quem foi que pediu. – Então, vou preparar a minha contraoferta.

– Deixa comigo.

– E me ligue no minuto em que surgir alguma novidade.

– Sim, sr. Pierce.

Assim que desliguei, Patricia me chama novamente. Pego o receptor para atender quando a minha porta se abre totalmente e Celia entra na sala.

– Perdão, senhor – minha secretária diz ao meu ouvido. – Eu estava ligando para anunciar e ela acabou entrando.

– Está tudo bem. Eu vou cuidar dela.

Desligo, amaldiçoando sob a minha respiração. Celia é a última pessoa que estou a fim de ver com este meu humor, e Patricia não é nenhum tipo de guarda-costas.

Celia desliza para mais perto e meio que se senta na ponta mais distante da minha mesa.

– Você vai cuidar de mim, é?

Ignoro esse tom sugestivo.

– Dois dias em uma semana, Celia. A que devo esse *prazer*?

Eu coloquei amargura suficiente na minha última palavra que ela não pode confundir, achando que existe algo de agradável nessa sua visita.

Imediatamente eu sinto uma pontada de culpa. Não é culpa de Celia que eu já não quero estar ao seu lado, ao contrário, a culpa é minha. Tudo culpa minha.

Mas ela não deixa que meu tom de voz a irrite.

– Ora, o que é isso, Hudsy. Não seja assim. Eu não sou o inimigo.

Não, ela não é. Eu sou o inimigo. Ela nunca vai enxergar isso, porém, porque meu trabalho é manter distância.

– Por que você está aqui?

Há um brilho nos olhos quando ela sorri.

– Eu tenho algo que eu sei que vai lhe interessar.

– Ah, é? – Pareço entediado, e estou mesmo.

– Estou falando sério. Você vai querer entrar nessa.

Como assim? Ela só pode estar propondo um novo jogo.

– Celia, eu já lhe disse, eu não vou jogar mais.

E procuro mudar meu foco para a tela do meu computador, fingindo voltar para o que eu estava fazendo antes de ela chegar.

Celia não entende que eu a estou dispensando, ou ela não se importa.

– Você já me disse, já me falou. Mas eu estou dizendo a você, Hudsy, vai querer entrar nessa.

Eu deveria expulsá-la agora, jogar fora a garrafa antes mesmo de tomar um gole, como se diz, mas não posso evitar. Mesmo com a minha atenção focada em outra coisa, minha pulsação acelerou e a umidade na minha boca aumentou. Sua ansiedade é contagiosa. E eu estou curioso. Muito curioso.

Mas não posso deixar que Celia saiba.

– Não vou querer fazer parte de nada. Mas já que você está aqui – e me volto casualmente para encará-la –, o que é que você está planejando?

O sorriso dela aumenta um ponto.

– Ah, olhe para você. Você está morrendo de vontade de saber o que eu tenho. Seus olhos brilhavam no minuto em que percebeu o que eu estava oferecendo.

Nem tento negar – *estou* mesmo interessado e mesmo com todo o meu treinamento em disfarçar as emoções, ela pode notar. Odeio saber que eu a ensinei tão bem a ler as pessoas. E odeio quando ela usa seus conhecimentos para *me* ler.

Isso me irrita o suficiente para que eu quase a chute para fora da minha sala.

Mas a curiosidade vence. Ela não veio me tentar com seus jogos já por um bom tempo. Por que justo agora?

– Desembucha, Ceeley. – Tremo por dentro ao ver que seu apelido de infância escapou pelos meus lábios. Ela vai pensar que eu quero dizer alguma coisa com isso quando foi puramente sem querer. É por isso que eu odeio tanto os apelidos.

Ela se levanta e começa a vasculhar sua bolsa.

– É um cenário básico: faça a garota se apaixonar por você e, em seguida, recuse-a, assistindo enquanto ela se desfaz em pedaços.

Esse tinha sido o nosso jogo favorito. E não importava quantas vezes tínhamos realizado o experimento, ele nunca deixou de me interessar. Era um estudo maravilhoso na emoção chamada *amor*, mas de alguma forma, ele nunca me deu nenhuma das respostas que eu estava procurando.

Eu finjo que a ideia não me interessa nem um pouco.

– Nossa, mas que original. E me diga, por que você achou que existia alguma coisa nisso que eu poderia me interessar?

Ela sorri com confiança.

– A garota.

Eu levanto uma sobrancelha indagativa, mas em vez de me responder verbalmente, ela recupera uma pasta de arquivo de sua bolsa e a coloca sobre a mesa na minha frente. Em seguida, Celia fica esperando enquanto eu acabo de estudar seu conteúdo.

Com um suspiro relutante, abro a capa da pasta e levo meus olhos de Celia para a folha que está por cima do arquivo. Profundos olhos castanhos e um sorriso caloroso me encontram.

Celia tem razão – é a garota que me interessa. E eu sei que antes que ela diga mais alguma coisa, eu vou ouvir o que ela tem a dizer até o fim. Porque se Celia tem a resposta para que eu possa me aproximar de Alayna Withers, estou dentro.

Completamente.

4

Há outras fotos no arquivo que Celia reuniu e quero analisar todas elas, quero memorizar todos os detalhes das expressões faciais de Alayna Withers, suas posturas. Eu não faço isso, porém, porque estou muito consciente dos olhos de águia de Celia sobre mim. Ela está esperando que eu leia os relatórios inclusos, e quero fazer isso, quero absorver tudo que puder.

Mas tem alguma coisa me perturbando, querendo me forçar a fechar a pasta e acabar com isso agora, apesar da minha imensa vontade de agir de outra forma. Eu deveria me abster destes jogos. Mas não é isso que está querendo me impedir de continuar. Minha hesitação vem de uma fonte muito mais primal – eu não quero compartilhar. Eu já estou irritado que Celia descobriu coisas que eu queria saber. Eu gostaria de ter podido manter todas essas descobertas apenas comigo, decidir sozinho como quero lidar com meu fascínio por Alayna. Obviamente que é muito tarde para isso, mas eu posso tentar dissuadir minha ex-parceira de crime de prosseguir com este projeto.

Fecho o arquivo sem ler nada. É mais difícil do que eu imagino, mas consigo seguir em frente com toda a indiferença que consegui reunir.

– Não estou interessado.

Deslizo a pasta sobre a mesa para onde Celia está empoleirada. Minha pulsação está acelerada enquanto meus dedos soltam o arquivo sobre Alayna. Estou ansioso para examiná-lo, com uma atração obsessiva que eu não sentia há anos. *Jordan vai encontrar a mesma informação*, eu relembro. Eu posso esperar, então. A paciência tem sido sempre um dos meus traços mais admiráveis.

Celia segura a pasta em suas mãos. Eu tento não focar aquilo por mais tempo, mas meus olhos voam para lá mais de uma vez.

Ela está de pé.

– Eu acho que estava enganada, que pena. – O tom de voz dela demonstra que ela não acredita nisso nem por um minuto. – Então, acho que terei que manter este prêmio só para mim. Você está realmente fora do jogo, não é?

Celia é quase tão boa nessa coisa de manipular quanto eu. É ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição que eu a conheça tão bem, porque posso prever cada movimento antes mesmo que ela o faça. Infelizmente, ela também pode prever o meu. Ela é o maior adversário de xadrez que eu já tive.

Eu tento discernir seu próximo passo agora, ou melhor, o movimento que ela prevê que vou fazer. Ela está me deixando escapar com muita facilidade, o que significa que ela não está realmente me deixando escapar. Ela quer que eu pergunte o que pretende fazer com Alayna, e uma vez que é isso que Celia quer, esta é a única pergunta que eu não posso fazer. No entanto, é isso que está me queimando por dentro agora.

Muito bem, sabendo o que Celia quer que eu faça, posso definir minhas próprias intenções. O que quer que tenha planejado, preciso impedi-la. Mas não por um motivo altruísta, nada disso – a motivação volta para minha vontade de não compartilhar. Não quero que Celia faça nada com Alayna Withers porque eu quero essa mulher só para mim. Por qual motivo a desejo, isso ainda precisa ser determinado. Não tenho nenhum desejo de jogar com essa mulher. Mas anseio me conectar com ela de alguma forma e seja lá de que maneira for, isso não vai incluir Celia.

Então, já decidi a maneira que vou responder à minha velha amiga. Vou acabar com seus planos sem parecer que me importo com quais são eles.

– Estou fora, Celia. Quando você vai aceitar isso?

Tenho prática em me manter distante mesmo quando altas apostas estão em jogo. Eu até mesmo me perguntei muitas vezes se eu poderia passar por um teste de polígrafo sem ser completamente honesto. Eu não pretendo de maneira nenhuma estar na posição de descobrir tal coisa, mas é uma curiosidade minha.

Celia ri.

– Eu nunca vou aceitar, Hudson. Eu tenho que acreditar que as pessoas podem mudar, e não acredito nisso. Não fundamentalmente. Mais cedo ou mais tarde, você vai perceber que isso está te matando. Você prospera e cresce em seus experimentos. Eles que lhe deram razão para viver. O que mais poderia substituir isso?

Eu mesmo me fiz essa pergunta milhares de vezes desde que parei com meus jogos. Procurei os substitutos nos melhores e nos piores lugares: no trabalho, na academia, no sexo, no álcool. Nada ainda conseguiu satisfazer-me da maneira que eu preciso, mas não estou pronto a desistir de procurar.

E não vou compartilhar isso com Celia.

– A vida substitui, Ceeley. Cedo ou tarde, você vai crescer. Mesmo as pessoas com dinheiro suficiente fazem isso. Até nós crescemos.

– Ahã. Você fala ainda mais como Alayna Withers do que eu pensava.

Aqui é onde eu escorrego. Cometo o meu grande erro e sei disso antes mesmo de começar a falar, mas não consigo me impedir de abrir a boca.

– O que você quer dizer?

Os olhos de Celia se acendem e eu entendo exatamente o porquê. Assim do nada,

demonstrei meu interesse. Estou exposto e não há nada que eu possa fazer para levá-lo de volta. Ela ganhou. Eu tento me convencer de que é uma pequena vitória, mas sem estar ciente de exatamente onde essa minha exposição pode me levar, já sei que não é algo tão pequeno assim.

– Se você tivesse lido o arquivo – responde Celia calmamente –, você saberia.

Então, eu estou preso. Ou eu a cutuco para que ela me conte, ou peço o arquivo de volta. Ambos os movimentos irão me afundar ainda mais na armadilha.

Ou eu posso pedir que Celia vá embora. Se eu o fizer, vou ter que deixar isso tudo passar. Esquecer os meus próprios planos, esquecer a mulher de olhos castanhos e a atração que ela exerce em mim.

Mas essa atração, no entanto, é inflexível. Eu não posso deixar Alayna Withers ir embora, ainda. E se eu forçar Celia a sair, posso perder a minha chance de conhecer seus planos. Eu perdi, não interessa o que eu faça agora. Preciso mais é recuperar o terreno, assumir o controle da situação.

Levanto-me e caminho até o elevador que leva apenas ao meu loft particular, oferecendo a Celia apenas uma diretiva:

– Andar de cima.

Não fico olhando para ver se ela vai me seguir, porque tenho certeza de que fará isso, e, antes que eu perceba, Celia desliza ao meu lado pouco antes de fechar as portas.

– Como nos velhos tempos – ela murmura baixinho.

Eu engulo meu desgosto. Parece que ele é dirigido a ela, mas na verdade é para mim. Fico enjoado ao perceber que estou aqui de novo, que estamos nos esgueirando para discutir assuntos que nada têm a ver com o meu negócio. Quando chegamos ao loft, tento sufocar a noção de que esta ação significa que estou admitindo qualquer coisa.

– Esta é uma conversa inadequada para meu escritório. Isso é tudo.

Minha tentativa foi inútil.

– Exatamente. – Ela se alegra. – Como todas as conversas que tivemos aqui no passado.

Consigo provar o desgosto novamente na parte de trás da minha garganta, o sabor amargo muito real na minha boca. Embora o sótão tivesse servido de tudo, desde um lugar para transar quanto um espaço para relaxar depois de um longo dia de trabalho, era sempre em primeiro lugar o *nosso lugar*, meu e de Celia. No início de nossos dias de jogos, tornou-se a nossa sede. Nós planejamos todos os nossos esquemas aqui. Um espaço que era usado como o meu endereço para evitar que nossos objetos de estudo invadissem meu espaço pessoal.

Mas, agora, não é a mesma coisa. Eu trouxe Celia aqui em cima para dar-lhe a impressão de que ela estava ganhando. Para abaixar a guarda dela. Esse foi o meu jogo. O problema é

que as lembranças também me abalavam, admito. Mas estou preparado para isso. Às vezes você tem que perder um peão para salvar o seu rei.

Vou para a geladeira. Sem perguntar, pego uma garrafa de água sabendo que é bebida de escolha de Celia. Eu entrego para ela e sigo para o bar para preparar meu próprio drinque. Este encontro exige Scotch. Por sorte, minha agenda está livre para o resto do dia. Eu rapidamente deito ao copo dois dedos de um líquido âmbar e volto para minha convidada.

– Quero saber de tudo.

Celia senta-se no sofá.

– O arquivo ou a história?

– O arquivo.

Eu não estou interessado em sua história. Porque sei que será distorcida a seu gosto. Ela espera que eu me sente a seu lado. Mas escolho a poltrona, em vez disso.

Abro a pasta uma vez mais, com a mão firme. Dentro, começo a tremer. Eu não tenho nenhuma ideia de como serei impactado por aquilo que está aqui, mas temo estar prestes a cair no buraco do coelho. É assim que me sinto afetado pela simples ideia de Alayna Withers. Preso ao couro nas minhas costas, começo a ler.

Meus olhos percorrem os documentos. Há as informações de sempre – cópias de seus relatórios de crédito, sua certidão de nascimento, a certidão de óbito de seus pais. Não passo muito tempo lendo isto, apenas o suficiente para notar a sua idade, vinte e seis até novembro, e a confirmação de que ela realmente trabalha na Sky Launch.

Celia está quieta no começo, enquanto eu leio. Ela sabe quando deve me dar espaço e quando deve me pressionar, mas ela não pode deixar de comentar quando vê que eu estou olhando para uma cópia do último recibo de pagamento de Alayna.

– A garota vai ficar lá. Naquele clube noturno. Mesmo após a graduação.

Eu não vou perguntar como ela sabe disso. Se é verdade, e eu tenho certeza de que é se Celia está compartilhando, eu teria descoberto também.

– Por quê? – quero saber.

– Ela que usar seu MBA para subir na carreira. Minha impressão é que ela quer assumir o lugar, um dia. – Celia toma um gole de água. – Eu conversei com o proprietário lá quando fui saber se ele queria que eu redecorasse o lugar.

Celia trabalhou rápido. Estou impressionado.

Há mais que ela quer contar, então, eu a estimulo.

– E esse proprietário compartilha as informações sobre seus funcionários assim, na boa?

– Aí é que está. Ele não quer mais ser o proprietário. Ele está vendendo. Me perguntou se eu conhecia alguém interessado e destacou uma ou duas pessoas importantes de sua equipe para incentivar o interesse das pessoas. Eu respondi que talvez conhecesse alguém. – Celia

senta mais na ponta do sofá, a excitação clara em seu rosto. – É aqui que você entra, Hudson.

Esta notícia me desperta e já estou à procura de desculpas para fazer a compra. Não é um bom negócio? Se você não pode conseguir o empregado que deseja, então, você compra a empresa do empregado?

Mas eu sou um líder em práticas de negócios inovadores. Ainda pode ser um princípio aceitável, mesmo se eu forçar um pouco a ideia.

Ainda assim, não me sinto motivado a agir dessa forma. Não preciso de Celia se eu escolher esse caminho.

Volto minha atenção para o arquivo.

– Ainda há mais – provoca Celia.

Eu a ignoro. E então, vejo a informação insinuada por Celia. Um registro policial.

– Ela foi presa?

Celia desliza para mais perto de mim no sofá.

– Ela violou uma ordem de restrição. Duas vezes. Seu irmão é advogado e enterrou esse registro.

– E você o desenterrou. Deixe-me adivinhar: Don Timmons.

Don é um policial de quem Celia é amiga. Ela brincou com as emoções do cara durante anos, fodendo-o simplesmente para conseguir as informações de que precisava. Ele está fora da classe social de minha amiga, algo que importava a ela se algum dia namorasse alguém a sério. Mas Celia não acredita nesses relacionamentos românticos. Não mais. Eu ensinei isso a ela.

A garota cruza uma perna sobre a outra.

– Não seja assim tão crítico. Don conseguiu o que queria com isso.

Eu não tenho certeza exatamente do motivo de estar julgando Celia. Esse comportamento está bem alinhado com as coisas que eu mesmo fiz muitas vezes. Talvez a terapia tenha tido um efeito positivo sobre mim. Não que eu tenha de repente desenvolvido algum tipo de consciência. Minha atitude de desprezo é mais um mecanismo de defesa, porque, se eu não aprovo as ações dela, então será menos provável que eu vá adotá-las.

– De qualquer forma, talvez essa prisão seja parte da razão pela qual ela não exerce outra ocupação. Ela pode não querer que esse registro seja descoberto, e ela sabe que qualquer processo de triagem corporativa decente iria descobrir isso.

– É possível.

Faço uma anotação mental para conseguir que essa prisão de Alayna seja apagada dos registros permanentemente. Conheço pessoas mais influentes do que Don Timmons. E eu não tenho que fazer boquete com eles para conseguir favores. Alayna é brilhante demais para

deixar que um passado com essa mancha a impeça de desenvolver seu pleno potencial.

Uma parte de mim reconhece que estou mentindo para mim mesmo sobre minhas razões para me preocupar com o futuro dessa mulher. Minha motivação não é centrada apenas em torno de sua carreira no mundo dos negócios ou como eu poderia alcançar essas suas habilidades intelectuais. Eu não posso ainda determinar a fonte da minha motivação, no entanto. Então, melhor me apegar à mentira, ao menos enquanto eu puder.

– Por outro lado, o proprietário foi muito claro e não parava de falar sobre o amor genuíno que Alayna tem pelo seu trabalho. Ela parece estar realmente apaixonada pelo que faz. E tem um grande interesse nessa casa noturna.

Toda essa argumentação ecoa em mim. Alayna Withers não me parece alguém que vivesse sempre com medo. Por que ela foi fazer essa pós-graduação, em primeiro lugar? Faz sentido, uma vez que pretende ser dona dessa boate um dia. Ela tem motivação e ambição. Isso ficou óbvio em sua apresentação. Meu choque inicial em sua escolha de emprego tem sido substituído pelo total respeito. Isso eu posso apoiar. Eu quero ajudá-la a alcançar esse objetivo. É admirável.

– Mas a prisão não é o grande problema. – Celia me traz de volta dos meus pensamentos com um entusiasmo que ameaça ser contagioso. – A causa da prisão é que é o lance. Ela tem um histórico de problemas de saúde mental.

Desço os olhos uma vez mais para os papéis em meu colo e vou direto para a última parte dos documentos. Eles consistem em registros médicos, relatórios ambulatoriais, um certificado de conclusão de reabilitação. Leva apenas alguns minutos para eu decifrar toda a sua história. Alayna Withers tem um transtorno compulsivo provavelmente agravado pela morte de ambos os pais em uma idade ainda muito tenra. Ela foca especificamente suas tendências obsessivas sobre homens e sobre relacionamentos, levando-a a um comportamento socialmente anormal, como perseguição de pessoas, vandalismo e conduta desordeira. De acordo com o seu relatório de reabilitação, ela está recuperada nesses últimos dois anos, um período de tempo semelhante ao meu.

Há uma parte de mim que está chocada com esta informação. A mulher que estava falando na frente de todos nós na apresentação da Stern não era uma pessoa frágil. Ela estava confiante, no controle da situação e coerente. Mas eu me lembro da forte sensação que senti de que havia algo mais sob aquela fachada. Percebo agora que eu tinha reconhecido isso tão facilmente porque o comportamento dela era familiar. Forte do lado de fora, lutando contra os demônios do lado de dentro, ela era, de muitas maneiras, como eu.

Fecho os olhos e massageio meu nariz. Então, seria essa a natureza de minha atração por ela? Não posso acreditar que seja assim tão simples, mas, com esta nova informação, estou muito além de fascinado por ela. Sempre questionei se havia algum tipo de recuperação para

alguém como eu. Posso realmente ficar melhor? Eu tenho alguma esperança para ter uma vida plena e saudável?

Celia estava certa. Eu quero experimentar com esta mais do que com qualquer outra pessoa com a qual ela veio me tentando nos últimos dois anos. Nossos objetivos, porém, estão em oposição. Eu posso facilmente adivinhar a natureza do jogo planejado por Celia. Ela quer ver se consegue fazer com que seu objeto do experimento se quebre novamente. Quer ver se Alayna irá voltar a seus comportamentos do passado quando for pressionada.

Eu, por outro lado, não quero ver Alayna Withers desabar. Eu quero vê-la sobreviver. Porque se ela pode, então talvez eu também possa.

Estou decidido agora. Não vou deixar Alayna fora da minha vista. Vou persegui-la. Vou estudá-la. Eu não vou jogar com ela.

Por isso, é hora de garantir que Celia não faça isso.

Fecho a pasta, levanto-me e a entrego de volta a Celia.

– Este não é um jogo que iremos jogar.

Meu tom de voz informa a ela que este assunto está encerrado.

Celia fica de pé com um suspiro.

– É uma pena. Eu tinha montado um grande cenário. A gente iria fingir que nossos pais querem que a gente se case. As melhores mentiras estão mais próximas da verdade, como você sempre diz. – Neste caso, esta *é* a verdade. – Sua mãe acredita que você nunca vai amar ninguém, por isso é melhor você se casar comigo. Você contrata Alayna para ser sua namorada. Para convencer seus pais a deixar sua vida romântica em paz. Com todo o fingimento, a menina vai se apaixonar por você. O esquema vai acabar uma hora e daí a gente vê o que acontece. Intrigante, não?

Eu balanço minha cabeça.

– Nós não vamos jogar.

– E isso iria lhe dar uma desculpa para se aproximar dela. Não negue que você deseja fazer isso. Eu posso ler você também, Hudson.

Sem olhar para ela, faço um gesto na direção da saída.

– Nós já terminamos nossa conversa, Celia.

Ela coloca sua garrafa de água na mesa de café e começa a se dirigir para a porta.

– Você pode ter terminado, Hudson – diz ela enquanto atravessa a sala. – Eu não. Eu posso jogar com ela sem você. – E se vira para me encarar. – Hudson, pode ter certeza, eu *vou jogar* com ela.

– Não vai, Celia. Pense em outro jogo. – Estou admitindo muito interesse em Alayna. Não pude evitar.

– Não vai dar, querido. O jogo já começou.

O pânico toma conta de mim. Claro que não demonstro, exceto talvez no aperto da minha mandíbula.

– O que você fez?

Celia está triunfante, mas ela esconde tão bem como eu consigo esconder minhas emoções. Só percebi pelo ligeiro arregalar dos seus olhos.

– Fiz uma oferta para comprar a casa noturna.

Fico imediatamente mais tranquilo.

– Não havia tempo. O proprietário não pode já ter aceitado.

Não digo a ela que irei fazer uma contraoferta.

Celia levanta o queixo para entregar suas próximas palavras.

– Eu disse ao cara que a minha oferta valia por uma hora. Ele teve um ano ruim e tinha que vender a casa. Por isso aceitou de imediato.

Porra!

Como é que não vi isso chegando? Eu fiquei enferrujado com o passar do tempo, enquanto que Celia ficou ainda mais calculista. Ela assumiu corretamente minha fraqueza nesta situação e garantiu seu capital antes da sua abordagem comigo. Brilhante pra caralho...

Eu nem sequer penso em considerar que ela está mentindo. Ela sabe que vou verificar essa sua declaração no momento em que ela for embora e Celia não correria o risco de blefar. Além disso, o nosso código pessoal nos ensinou a sermos honestos sempre que possível. Praticamente, isso ajuda a manter as mentiras firmes e consistentes. E, além disso, torna os jogos mais desafiadores.

Eu não tenho certeza de como deve ser o meu próximo movimento, o que é uma raridade para mim. Tento ganhar tempo com uma pergunta que pode me fornecer alguma inspiração.

– Por quê? – Inclino a minha cabeça, examinando-a. – Por que você se importa se é essa garota ou a seguinte?

– Porque *você* se importa com ela. – Isso não é dito com rancor. É honesto. É cru.

Eu quero odiá-la naquele momento. Eu quero odiar Celia pelo jeito com que ela me prendeu, pela forma como ela me atraiu. Pela maneira como ela já destruiu algo que interessa a mim, como a criança no parquinho que pisa na borboleta simplesmente porque outra criança dedicou-lhe sua atenção. Isso é maldoso, é cruel.

Mas não posso odiá-la. Ela não pretende ser perversa assim. Eu sou o cara que a educou a procurar pelas vulnerabilidades e manipulá-las para conseguir vantagens. Ela não conhece outra maneira de se conectar comigo.

Francamente, eu mesmo não conheço nenhuma outra maneira. Há um anseio profundamente encerrado em mim para que eu descobrisse isso. O dr. Alberts ainda nem

começou a raspar a superfície desse desejo, mas é a única coisa que me impede de ser completamente sociopata. Eu não me importo com as pessoas, mas eu quero me importar...

Isso é tudo que Celia quer, também.

– Se você concordar em jogar, eu vou deixar você assumir a minha oferta. – Ela pisca. – Simples assim.

Com seu xeque-mate, a bola está comigo em meu campo. Claro, eu ainda poderia cair fora. Mas, se eu fizer isso, Celia vai jogar com Alayna Withers. Não se trata de ser algo que imaginei. Celia nunca recuou de um esquema, uma vez que deu andamento a ele.

Então, por que eu deveria me importar com isso? Deixei Celia jogar com outras pessoas desde que abandonei a nossa parceria. Stacy é o exemplo mais recente. Eu nunca fiz qualquer movimento para deter tal coisa. Por que deveria fazer isso agora?

Mas eu já respondi a essa pergunta. Porque estou intrigado. Estou enfeitiçado. Estou cativado. Obcecado. Talvez esta seja a melhor chance de chegar perto de Alayna. E mesmo que eu faça parte desse jogo, eu não teria que fazer as coisas de modo a obter os resultados traçados por Celia. Posso muito bem ir atrás de meus próprios resultados, que não destruiriam Alayna. Esta é a melhor das desculpas, não há nada em nosso código de conduta particular sobre não mentir para nós mesmos.

Há outras maneiras de combater Celia, eu sei. Se eu realmente tentar, eu poderia criar uma outra maneira de frustrar seus planos.

Por saber disso é que me sinto totalmente culpado quando me rendo tão facilmente. Não haverá batalha. Eu não vou me contrapor ao movimento astuto de Celia. Eu não vou tentar dissuadi-la de seu jogo. Eu não vou fazer outra consulta com o dr. Alberts. Não vou lutar.

– Quanto foi a sua oferta pelo Sky Launch?

Com um sorriso, ela me dá a informação.

Endireito os ombros. Se vou cair, então pelo menos que caia com orgulho.

– Vou pedir que meu financeiro faça o cheque.

– Então, você está no jogo?

Minhas motivações anteriores agora não fazem sentido. Mesmo se Alayna Withers me ensinar que pessoas como nós podem sobreviver, com este passo, acabo de provar que não posso.

E gravo a minha entrada no inferno quando concordo.

– Sim, estou.

5

Antes

– ...E se Sherry não contar que gosta dele, então ele vai acabar com Marisa. Que é simplesmente errado. Lance deve ficar com a Sherry. Você não acha? – Mirabelle cutuca minha coxa nua com seu dedo do pé. – Você está me ouvindo, Hudson?

– Não...

Normalmente eu não me importava com a tagarelice de Mirabelle sobre seus amigos, simplesmente porque a psicologia dos adolescentes precoces e suas supostas relações românticas eram de fato fascinantes. Mas neste dia, eu estava trabalhando em minha própria psicologia, ou seja, a psicologia de Celia.

Mirabelle bufou na cadeira ao meu lado

– Você podia pelo menos fingir.

Embora à noite se aproximasse, o dia ainda estava quente. Eu ainda tive que trocar de calção depois de meus mergulhos mais cedo na piscina. Mas, por agora, o sol já tinha secado meu corpo e minha pele brilhava aos raios do sol. Este era um dos meus passatempos favoritos neste verão – mergulhar e cozinhar. Mergulhar na piscina e cozinhar meu projeto.

– Sim, eu poderia fingir – respondi. – Só não senti que seria justo. Se você quiser continuar tagarelando, tudo bem para mim. – Coloquei meus óculos de sol na ponta de meu nariz para olhá-la de frente. – Mas se você o fizer, saiba que estará falando sozinha.

Mirabelle soltou um som de exasperação.

– Você é sacana demais.

E então, voltou correndo para dentro de casa.

Na verdade, achei que eu tinha sido até muito paciente. Eu poderia ter dito a ela para calar a boca, e não o fiz. Olhei para o meu relógio. Eram quase seis. Eu dei a minha mãe sete minutos antes que ela viesse me censurar por mexer com a minha irmã, e no dia de sua grande festa, não menos do que isso. A bronca nem tinha acontecido ainda e eu já estava apagando Sophia e suas censuras. Ela provavelmente já estaria meio bêbada e meio puta da vida. Quer dizer, meio bêbada e totalmente puta da vida. Afinal, essa era a minha mãe.

A festa não era realmente tão grande quanto ela gostava de dizer. Não pelos padrões vigentes nos Hamptons – coisa de vinte famílias, vários amigos dos meus pais, incluindo, naturalmente, os Werner. A qualquer minuto agora, Warren e Madge iriam aparecer com

Celia. Eles eram sempre os primeiros a chegar em nossas festas de fim de verão. Isso significava que eu tinha muito pouco tempo para finalizar os detalhes da parte daquela noite do meu projeto. E como setembro estava apenas no começo, eu tinha apenas um punhado de dias para terminar todo esse experimento.

Eu empurrei meus óculos no lugar e deitei-me. Eu tinha ido bem longe com Celia desde que tinha começado esse meu estudo, embora o progresso fosse lento. Seguindo o conselho de Mirabelle de conhecer melhor O Objeto de estudos, tinha passado horas e horas com Celia. Nós tínhamos jogado tênis quase diariamente e eu a tinha levado para velejar em mais de uma ocasião. Ela estava mantendo seu relacionamento de longa distância com Dirk, e eu a deixava falar sobre o cara o tanto que desejasse. Na verdade, até encorajei esse relacionamento, elogiei os tolos bilhetinhos apaixonados que ele enviava semanalmente, repetidamente comentando sobre o efeito positivo que ele parecia ter sobre ela.

Meu interesse e apoio acabaram deixando Celia à vontade. Ela deixou cair a guarda.

E então eu tinha deslizado para dentro.

Sutilmente, eu tinha começado a fazer comentários que insinuavam um sentimento de ciúmes da minha parte. Em primeiro lugar, sobre casais em geral.

– As pessoas apaixonadas são tão sortudas por terem encontrado seu par – eu disse um dia. Então, comecei a falar de minha inveja dela com Dirk especificamente. – Veja vocês dois, que sorte terem se encontrado. – E, mais recentemente, a minha alusão de inveja foi transferida apenas para Dirk. – *Ele tem* sorte por ter encontrado você.

Acompanhada com um olhar de desejo, essa última bateu o último prego. Como Celia poderia não acreditar que eu não a quisesse?

Nada do que eu havia dito tinha sido uma mentira – eu não professava uma emoção que eu não sentia. Eu simplesmente tinha manipulado a verdade para que parecesse o contrário. De alguma forma inexplicável, eu acreditava que a omissão de uma mentira manteria a minha integridade. E isso também deixava a experiência mais válida. Mentiras podiam contaminar a amostra. As mentiras eram fáceis.

Minha tentativa de sedução não contava apenas com as palavras. Eu tinha aprendido em experiências anteriores que o toque era uma maneira fácil de se aproximar de um objeto de estudo. Com Celia, eu tinha ignorado os limites do espaço pessoal, roçando-lhe com o braço ou o corpo em todas as oportunidades, casualmente afagando sua pele sempre que possível.

Minhas ações, evidentemente, provocaram um efeito sobre ela. Seu olhar permanecia em mim mais e mais tempo, e logo ela arranjou suas próprias desculpas para me tocar. Finalmente, depois que dois meses tinham passado, fiz a minha grande jogada. Na entrada da casa dos Werner nos Hamptons, eu me inclinei para um beijo. Ela ergueu o queixo para me encontrar, molhando os lábios enquanto eu descia lentamente para ela.

A meia polegada de sua boca, eu me afastei.

– Me desculpe – eu tinha dito, com tanto peso quanto pude colocar em minhas palavras. – Isso é errado. Sinto muito.

Corri para meu carro e saí em disparada, a voz dela me perseguindo e me pedindo para voltar. Eu a deixei querendo. Eu a deixei ansiando. Por mim.

Então, não telefonei e nem fui vê-la por duas semanas. Esse distanciamento tinha um ar de ser uma coisa meio babaca, mas com o evento de um beijo interrompido precedente, achei que meu comportamento pareceria compreensível. Nobre, até. Eu não queria destruir seu relacionamento com Dirk, então eu tinha me afastado de sua presença. Ou, era essa a encenação que tentei criar para Celia.

Ela tentou entrar em contato comigo, apesar de minha retirada. Mas eu recusei cada chamada e consegui evitar suas visitas à minha casa. Esta noite seria o fim da nossa "pausa". Seria uma coisa aparentemente forçada, porque nós dois éramos esperados na festa, mas eu havia planejado cuidadosamente que minha experiência se ampliasse consideravelmente nesta noite. Eu me sentia confiante sobre todos os preparativos, embora ainda houvesse variáveis. Ela ficaria com raiva de mim? Ou aliviada por me ver de novo? Celia iria fingir que nosso último encontro nunca acontecera? As variáveis não me preocupavam, todavia. Justamente essa imprevisibilidade é que deixava os experimentos mais divertidos.

Passos que se aproximavam soaram sobre o piso de pedras da piscina. *Lá vem Sophie. Bem na hora.*

Tirei os óculos de sol e sentei-me para enfrentar a ira da minha mãe.

Mas não era Sophia. Era Celia. *Até melhor.*

Fiquei de pé para encontrá-la.

Celia cerrou os punhos delicados e apoiou-os em seus quadris.

– Nem pense em ir a algum lugar, Hudson Pierce. Você está preso esta noite. Você tem que falar comigo, quer queira, quer não.

Seu tom de voz dizia que ela estava frustrada. Acalorada, com certeza, mas não com raiva.

Interessante.

Eu decidi que iria ser o cara a fingir que nada aconteceu.

– Eu não vou a lugar nenhum, Ceeley – disse eu, propositadamente usando meu apelido de infância para ela. – Estava apenas ficando de pé para cumprimentá-la.

Celia franziu a testa, a descrença estampada no rosto.

– E agora, você vai fingir que não vem me evitando por duas semanas.

Eu balancei a cabeça e encolhi os ombros, o meu olhar à deriva atrás dela, olhando para

nada específico. Era uma postura que eu tinha aperfeiçoado – dramática e distante.

– Não, eu não vou fazer isso. – Então a prendi com meus olhos. – Eu não posso fingir com você, Ceeley. Não mais.

Não tinha sido isso o que planejara dizer, era uma mentira descarada. Eu tinha planejado continuar fingindo com ela enquanto fosse necessário, mas assim que emiti essas palavras, soube que era o que o momento exigia.

A expressão de Celia confirmou que era a coisa certa a dizer. Sua frustração derreteu-se em suas feições e ela se mostrou mais suave, embora desbalanceada.

– Então, não vamos fingir. Vamos falar sobre isso.

Eu não estava pronto para fazer o que ela propunha. Se ela fizesse uma declaração de amor ou informasse que tinha a intenção de terminar as coisas com seu namorado, eu estaria preso para o resto da noite fingindo que tinha me congratulado com isso. Era a porra da festa do jardim na casa dos meus pais. Eu não poderia largar Celia ali e dar o fora. E certamente não estava disposto a ir tão longe quanto isso exigiria que eu fosse. Não estava planejando nem mesmo beijá-la.

Então, me desviei da pergunta.

– Que tal se a gente não conversar hoje à noite? Em vez disso, vamos apenas desfrutar de um dos últimos dias de verão. Nós podemos conversar amanhã. Você vai à festa dos Brooke?

Claro que eu já sabia a resposta. Os Brooke tinham a nossa idade. Eram gêmeos, Thomas e Christina. Christina era uma das amigas de Celia. Seria uma casa cheia de crianças ricas e mimadas. Sem supervisão de adultos. Essa era a situação mais apropriada para o fim do meu projeto.

A boca de Celia transformou-se em um sorriso ansioso.

– Claro que vou. Christina iria chutar a minha bunda se eu não fosse.

Ela estava com esperanças de que a razão por trás da minha pergunta era porque eu queria ficar sozinho com ela.

Não era.

– Eu estou indo também. Então, te encontro lá. Nós podemos escapar quando não tivermos mais os nossos pais fungando no pescoço. – Olhei em direção à casa, indicando o quão perto os nossos pais estavam naquele exato momento. – Isso nos dará a oportunidade de... – hesitei, deixando sua mente chegar a qualquer conclusão que ela preferisse antes de eu terminar a frase com: – ... conversar.

– Certo. – As bochechas coradas dela me deram a certeza de que Celia teve pensamentos sujos. – Bem, então a gente... *conversa* lá.

– Ótimo. – Deixei um sorriso mais brilhante do que o normal cruzar meus lábios. – Estou vendo as alças de biquíni por baixo desse vestido. Se você quiser dar um mergulho, eu

também vou.

Nós brincamos na piscina por um bom tempo. Logo outros convidados chegaram e mais alguns de nossos amigos se juntaram a nós. Christina Brooke flertou comigo, como sempre fazia, embora eu evitasse lhe voltar a atenção da maneira que eu normalmente faria. Havia várias outras garotas atraentes lá também, algumas das quais eu já tinha comido. Em qualquer outra noite, eu teria escolhido uma e transado com ela atrás da casa onde ficavam as máquinas da piscina.

Mas, nesta noite, Celia estava lá. Hoje, o experimento era mais importante. Então eu ignorei os olhares que as outras garotas me deram, e procurei manter o meu foco sobre o objeto da experiência durante toda a noite. Eu queria ter certeza de que ela percebera que eu estava olhando para ela, que pensasse que eu estava atraído por ela fisicamente, embora não estivesse. Não que Celia não fosse bonita. Pelo contrário. Ela tinha sido uma menina bonita que tinha crescido e se tornado uma mulher ainda mais bonita ao longo do ano que tínhamos sido separados. Suas curvas tinham se acentuado, os quadris estavam cheios, a cintura elegante. Os seios eram do tipo pequeno, mas estavam firmes sob o biquíni. Os mamilos estavam eriçados por baixo do tecido fino por causa de meus frequentes olhares. Qualquer outro homem teria ficado de pau duro olhando para ela tantas vezes como eu fiz.

Mas eu não era um homem qualquer. Apesar de sua beleza, Celia nunca tinha me deixado com tesão. Eu a conhecia bem demais. Eu gostava dela tanto quanto eu era capaz de gostar de alguém. Para mim, as emoções não combinavam com sexo. Eram coisas totalmente distintas. Apego emocional era destinado às pessoas com as quais você queria passar algum tempo, e havia poucas dessas pessoas em minha vida. Tão poucas que eu poderia contá-las nos dedos de uma só mão.

Sexo, por outro lado, era algo completamente diferente. Era destinado ao prazer. Para se liberar, para apaziguar a agressão reprimida. Eu já tinha explorado muito bem a possibilidade de que pudesse ser outra coisa. Eu tinha transado com frequência. Aprendi a agradar e como eu gostava de ser agradado. Aperfeiçoara a minha técnica, havia me moldado em um amante bastante hábil. No entanto, com todos os encontros que tive, nunca tinha descoberto a associação que as outras pessoas faziam entre sexo e emoção. Minhas conclusões apenas solidificaram a minha hipótese, de que eles eram duas entidades inteiramente separadas.

Ou eu tinha provado outra hipótese completamente distinta, a de que eu era incapaz daquele tipo de emoção. Que eu era incapaz de amar. Essa certamente não foi uma conclusão que eu tinha descartado.

Já passava das dez quando um grupo de nós tomou posse de uma área de descanso e especificamente para a festa. Sentei-me no sofá de dois lugares, Celia ao meu lado. Christina

Brooke meio que se sentou, meio que caiu aos meus pés. Imaginei que ela tinha passado do estágio de ligeiramente alta para bêbada, mas a maior parte era apenas encenação. Ela estava procurando uma desculpa para encostar na minha perna. Eu não me importava. Gostei da maneira como sua mão pousava na minha coxa enquanto seu peito se empurrava contra a minha perna nua quando ela respirava. A visão que eu tinha dela era fantástica. Eu podia ver tudo pela abertura da camisa. Ela era uma menina muito sexy com lábios cheios que eu não podia deixar de imaginar agasalhando o meu pau. Fiquei excitado só de pensar nisso.

Celia lançou um olhar irritado para a amiga.

– Todo mundo está bebendo, menos eu.

Com dificuldade, eu mudei meu foco de Christina para Celia. Não podia deixar a luxúria me distrair.

– Eu não estou bebendo.

Ela fez uma careta.

– Mas você poderia conseguir alguma bebida se quisesse.

Olhei para os outros convidados da nossa idade. Eles não tinham idade legal para beber, mas quase todos estavam curtindo uma bebida alcoólica de algum tipo. Obviamente, o cara do bar que tínhamos contratado não estava pedindo a identidade.

– E por que você não poderia conseguir?

Eu me perguntei se ela tinha medo de me deixar sozinha com Christina. A forma como o meu pau estava empurrando a minha cueca era, sem dúvida, um motivo para essa preocupação ser válida.

– Meu pai está tomando conta do bar. Não tenho chance. – *Não era a resposta que eu esperava*. – Ele já me disse que não queria encontrar nada na minha mão nesta noite que não fosse Diet Coke. E ele verifica. Entendeu?

Olhei em direção ao bar, onde Warren estava de pé, com as costas contra o balcão. Com certeza, seus olhos estavam sobre nós, embora eu tivesse a sensação de que ele estava mais interessado em minha confraternização com sua filha do que em sua preocupação que ela roubasse um gole de vinho. Warren Werner era o tipo do pai protetor. Ocorreu-me que a minha experiência poderia me conseguir um olho roxo do homem.

Mas teria valido a pena.

O projeto agora estava me consumindo. Percebi isso totalmente. Eu deixaria de lado a chance de foder essa gostosa que estava aos meus pés pela oportunidade de comprovar a minha hipótese. Era realmente uma experiência, ou um jogo? Era minha obsessão, isso é o que era. Eu poderia chamar isso por qualquer outro nome, a esta altura, e seria apenas um rótulo.

– Vou me levantar – avisei Christina.

Ela resmungou alguma coisa, então se deitou na grama, provavelmente prestes a desmaiar. Sua camisa estava puxada para cima e vislumbrei a barriga nua. Eu me permiti uma foto mental para saborear mais tarde, quando me masturbasse no chuveiro. Então, me virei para Celia.

– Venha comigo. Eu não acredito que todo o armário de bebidas foi levado para o pátio. Se foi, não tem problema, eu sei onde minha mãe mantém seu esconderijo secreto.

Peguei a mão de Celia e entrelacei os dedos com os dela. Parecia mais quente do que eu esperava, e o choque disso quase me fez soltar a mão. Mas raciocinei que a sensação foi provavelmente causada pelos pensamentos sujos que eu estava tendo sobre Christina.

Deixei que as visões de sexo se esvaíssem da minha mente enquanto caminhávamos na direção da casa. Na porta, eu olhei para a minha amiga e pisquei.

– Além disso, eu tenho algo que quero lhe dar.

– Ah, é? – Os olhos de Celia se iluminaram. – E o que é?

– Tudo a seu tempo, meu amor.

A manipulação do meu carinho me fez estremecer. Especialmente quando eu vi o efeito que teve sobre o objeto de estudos. Ela literalmente brilhava.

Fiquei com nojo de mim mesmo. Isso me surpreendeu, mas não considerei que fosse algo muito esclarecedor. Um ser humano decente teria sentido a mesma coisa muito antes de agora. Mais uma prova de que eu não era nem digno, nem possuía sentimentos.

Só que eu estava *sentindo* naquele momento. Um desgosto amargo. Era feio na textura e no sabor. Eu não gostei disso. Mostrou-se um obstáculo para o meu objetivo. Essa bebida estaria chegando numa ótima hora.

Dez minutos mais tarde, quando o bourbon do minibar se acomodava no meu estômago, reavaliei a fraqueza que senti um pouco antes. Talvez não fosse fraqueza, afinal das contas. Foi mais o reconhecimento do fato do que um sentimento real. Não havia dúvida de que eu era uma pessoa repugnante. Ninguém que conhecesse a extensão dos meus pensamentos e ações discordaria.

Mas não havia ninguém que conhecesse essa minha psique interior. Meu segredo pertencia apenas a mim.

– Melhor? – Despejei o líquido no meu copo antes de terminar o último gole.

– Muito. – Celia bebeu seu drinque, encolhendo-se quando engoliu o álcool amargo. – Uau! – Ela estendeu a mão para mim para se firmar. – Acho que eu devia ter bebido mais devagar.

– Venha cá. – Eu a ajudei a ir para o sofá. – Sente-se enquanto eu pego seu presente.

Ela se instalou nas almofadas.

– Não é meu aniversário nem nada parecido. Por que você me daria alguma coisa?

– Preciso de uma ocasião? Além disso, é apenas uma lembrancinha.

Eu a deixei ali enquanto me dirigi à sala de jantar onde eu tinha escondido meu presente na cristaleira. Eu tinha planejado isso antes, e não querendo ser evasivo demais com Celia, garanti que meu presente estivesse em um lugar próximo da festa.

Juntei os itens e me lembrei brevemente de que eu devia agradecimentos a Mirabelle pela dica de que seria legal dar um presente a alguém baseado naquilo que se conhecia da pessoa. Celia ainda não tinha decidido o que iria estudar. Passou longas horas debatendo comigo sobre o que ela deveria escolher. Seu coração ansiava perseguir a carreira de artes, mas seus pais jamais aprovariam a escolha de uma carreira tão frívola. Enquanto eu a ouvia e a consolava, não dei muitos palpites. Eu gostava de arte em todas as suas formas, embora não tivesse um pingo desse tipo de criatividade, e qual seria a maneira que Celia poderia casar sua paixão com uma ocupação que fosse aprovada pelos Werner era algo que estava além da minha compreensão.

Então, minha mãe contratou um designer de interiores para a nossa casa em Manhattan. Ele esboçou à mão belos e novos conceitos para a nossa sala de estar e estúdio. O trabalho que ele tinha feito era criativo e artístico e algo completamente dentro da capacidade de Celia. Eu tinha pesquisado os cursos para Celia e encomendei alguns folhetos. Então comprei um livro com fotografias de design contemporâneo a partir da última década. Estes foram os presentes que eu dei para Celia.

– É apenas uma opção. – Sentei-me ao lado dela e fiquei olhando enquanto ela passava os olhos. – Você pode aceitar ou deixar de lado as informações que estão aí, como achar melhor. Não vou ficar ofendido se você achar que é tudo uma merda.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Está perfeito. Esta ideia é perfeita.

Eu dei de ombros. Mas estava muito satisfeito com os resultados do meu presente.

– Obrigada, Hudson. – Seus olhos estavam molhados e com o rosto corado, tanto pela bebida quanto pelo meu gesto. – Estou tão emocionada. Você não vai entender...

– Realmente, não foi nada.

– Pare de bancar o humilde. Isso é muito. Obrigada. – Celia enxugou uma lágrima de seu olho. Então, ela se jogou em meus braços. – Muito obrigada.

Fiz uma pausa por um momento antes de abraçá-la de volta. Eu não esperava que ela me desse um abraço, mas assim que superei o choque inicial, fiquei feliz com isso. O calor espalhou-se no meu peito, e eu não conseguia descobrir se a minha satisfação era pelo progresso que eu tinha atingido na minha experiência ou se por sinceramente me importar com a felicidade de minha amiga. Será que eu tinha isso em mim? Quero dizer, me importar

se coisas boas aconteciam com Celia?

Parecia que talvez, sim, eu me importasse.

Por isso, quando ela se afastou e encontrou minha boca, eu aceitei isso de bom grado. Beijei-a verdadeiramente, deixando meus lábios se moverem em conjunto com os dela. Ela era doce e inocente e também tinha necessidade, como se ela estivesse ansiando por esse beijo durante o tempo que eu tinha trabalhado para trazê-la até aqui. Seu desejo era tão forte que era contagiante. Eu poderia ter continuado a beijá-la. Eu poderia tê-la levado para o meu quarto. Eu poderia ter arrancado a roupa dela e conhecido seu corpo e fazer essa garota se contorcer de prazer, esquecendo-me totalmente da minha experiência, abandonando tudo o que eu já acreditava sobre mim mesmo.

Eu poderia ter feito tudo isso. Mas por quanto tempo iria durar? Até nós dois gozarmos e pronto? Poderia durar mais, talvez uma semana, um mês? Até que Celia percebesse que eu era frio e calculista? Até que ela descobrisse que tudo o que ela gostava em mim era uma fachada? Que tudo o que ela pensou que eu sentia era uma mentira total e absoluta?

Não. Eu nunca poderia deixar que alguém soubesse quem eu realmente era. Ninguém poderia me querer se descobrisse quem eu era por dentro. Era melhor eu não ser capaz de amar em troca, porque eu nunca iria ficar com ninguém, de todas as maneiras. Então, eu tinha que dar um fim nisto, neste beijo. Em nome de tudo o que eu sabia que nunca poderia ser ou ter, ou dar.

Além disso, havia uma experiência para concluir.

Eu rompi o beijo e me afastei. Foi mais fácil do que deveria ter sido. Ela tentou chegar para mim de novo e eu a detive.

– Celia. – Minha respiração era irregular. – Você tem um namorado.

– Não podemos fingir que não tenho, só por esta noite? – Seus olhos estavam esperançosos, querendo.

Mas meu estoicismo havia retornado e sua expressão de súplica não teve efeito sobre mim.

Fiquei de pé, passando a mão pelo meu cabelo.

– Eu disse a você que parei com essa história de mentir.

Parei de mentir a mim mesmo. Tinha que finalmente ser honesto. Não era que eu suspeitasse ser incapaz de amar – eu *sabia* que era incapaz. Se eu não fosse, teria sido capaz de continuar beijando Celia. E eu não podia fazer isso.

Ela se levantou e deu um passo em minha direção, mas congelou quando o som de vozes veio da cozinha. Vozes dos meus pais.

Corri para eles, Celia nos meus calcanhares. No arco para a cozinha, eu parei, espreitando ao virar a esquina para ver o que estava acontecendo. Junto com meus pais, eu

vi meus irmãos e sua babá, Erin.

– Você não acha que eu sei? – Minha mãe estava gritando com meu pai. – Você e suas putas.

Eu olhei em toda a cozinha para a festa que rolava lá fora. Todas as janelas estavam fechadas, felizmente. Provavelmente ninguém podia ouvir o que estava acontecendo aqui dentro.

– Foram quantas, Jack? – minha mãe cuspiu.

Ela estava bêbada. Ela ficava bêbada com frequência. Mas geralmente se sentia capaz de esconder isso. O fato de minha mãe não estar podendo esconder isso justamente quando tínhamos companhia era algo que me aborrecia profundamente.

Isso teve um efeito mais devastador sobre os meus irmãos.

– Mamãe – Mirabelle puxou a borda do vestido de Sophia. – Pare de gritar. Você está fazendo Chandler chorar.

– Erin. – Meu pai fez um gesto para a babá. – Leve Chandler, por favor. E Mira.

Mirabelle protestou.

– Eu sou crescida o suficiente para ficar acordada. Eu não quero perder...

– Vá. Vou lá para cima ver vocês quando puder.

Não havia desobediência com meu pai quando ele falava nesse tom. Mirabelle seguiu Erin pela outra porta da cozinha.

Em seguida, meu pai se virou para minha mãe, colocando uma mão em seu braço.

– Sophia, vamos falar sobre isso mais tarde.

Ela encolheu os ombros para fora de seu alcance.

– Vá embora. Vai fingir que está cuidando de seus filhos quando está mesmo atrás daquele rabo. Todo mundo aqui sabe que você está transando com ela.

– Ninguém aqui sabe nada – corrigiu ele rapidamente. – Porque não há nada que saber. Você já bebeu demais, foi isso. Planejar esta festa deve ter esgotado você. Deite um pouco e...

Minha mãe lhe deu um tapa. Forte o suficiente para deixar uma marca.

– Você não precisa ser condescendente comigo. Eu sei, Jack. Sempre soube. E não quero ouvir mais as suas desculpas. Você vai sempre foder quem quiser, quer eu esteja por perto ou não. Mas não preciso que isso aconteça bem debaixo de meu teto. Suas vadias não são bem-vindas em minha casa. *Você* não é mais bem-vindo em minha mãe.

– Sophia.

Apesar de sua mandíbula dolorida, meu pai chegou de novo mais perto de minha mãe.

– Você pode ficar na casa de hóspedes a partir de agora. Trepe com quem quiser, na hora que quiser. Mas não em minha casa. Não na frente dos meus filhos. – Ela jogou a mão no

sentido de que a babá tinha ido. – E Erin não está mais na minha folha de pagamento.

Meu pai finalmente perdeu a calma.

– Não é a porra da sua folha de pagamento, Sophia – ele gritou. – Sou eu quem traz o maldito dinheiro para a família.

– Ah, verdade... Então, me conte, antes de mais nada, como é que você tem essas empresas para tocar?

– Sim, sim, é verdade. Eu devo a você cada merda de centavo que já ganhei.

Esta não foi a primeira vez que eu ouvi esse tipo de discussão entre meus pais. Tinha sido minha mãe que possuía o dinheiro quando se casaram. Minha mãe que lhe tinha dado as empresas que meu pai transformou em Indústrias Pierce. E ela nunca deixou que ele esquecesse.

Meu pai esfregou as mãos sobre o rosto. Isso pareceu acalmá-lo.

– Olha, você pode gritar comigo sobre isso o quanto quiser, Sophia. Amanhã. Mais tarde, esta noite, mesmo. Mas agora, temos um jardim cheio de convidados que estou indo atender. Com ou sem você.

Ele se afastou dela e se dirigiu para as portas do pátio.

– Estou falando sério sobre a casa de hóspedes, Jack. Não adianta tentar voltar aqui para dormir esta noite – ela gritou atrás dele, mas meu pai já tinha ido embora.

Fiquei assistindo enquanto minha mãe irrompia em lágrimas. Seu rosto se contorceu e ela se dobrou como se em dor física. O soluço que ela soltou foi demolidor. Isso tudo por causa do amor.

Graças a Deus eu era incapaz disso. Meus pais eram o melhor exemplo que já existiu sobre olha-só-o-que-você-não-está-perdendo. Talvez eu devesse mais a eles do que jamais tinha imaginado.

– Você acha que devia ir ter com ela?

Tinha me esquecido de Celia até aquele momento.

*

– Não é problema meu. – Fui mais insensível do que eu queria que ela acreditasse que eu fosse. Então, voltei atrás. – Não quis dizer isso. É só que... Eu não quero embaraçá-la, deixando-a saber que nós vimos tudo. Eu vou daqui a pouco.

– Posso ajudar – Celia se ofereceu.

– Não, não, deixe que eu cuido disso. Ela está bêbada. Você não precisa lidar com isso.

Foi uma cena humilhante. Eu odiava que Celia tinha testemunhado isso.

Olhei para ela e encontrei-a mordendo o lábio.

– Seu pai realmente... – Ela respirou fundo. – Será que ele realmente dormiu com a babá?

Isso não teria me surpreendido. Eu tinha pouca confiança na fidelidade do meu pai. Realmente, não podia culpá-lo. Minha mãe não era a mulher mais fácil de se conviver. Se eu tivesse que culpar alguém pela falta de humanidade que existia em mim, eu a culparia. Ela me ensinou a ser frio. Ela me obrigou a criar esse muro.

Mas Celia não precisava saber de todos os meus segredos de família.

– Não sei – murmurei. – Como eu disse, minha mãe bebeu demais. Ela não sabe o que está dizendo.

Celia limpou a garganta de uma maneira que me deixou saber que ela não acreditou em mim.

Em seguida, a mão dela pousou de leve nas minhas costas.

– Eu sinto muito, Hudson.

Eu me forcei a não ficar tenso sob seu toque. Foi mais difícil do que deveria ter sido. Ela me tocou um bocado recentemente, e isso nunca me incomodou antes. Mas logo agora, porém, quando eu não estava no controle da nossa conexão, quando eu estava à beira de algum tipo de vulnerabilidade que não poderia explicar, então, a mão dela sobre mim foi difícil de tolerar. Mas se eu me afastasse dela, esse gesto iria desfazer todo o trabalho que eu tinha feito naquele verão. Assim, suportei.

Então a coisa mais estranha aconteceu – uma onda de tristeza rolou através de mim como um ataque de náusea. Como minha mãe se desfazendo diante de nós, eu senti como se fosse desmoronar a qualquer momento. Senti um forte desejo de voltar-me para Celia, para deixá-la me segurar, deixá-la me confortar. Como se eu fosse Chandler, chorando com a visão das lágrimas da mãe. Foi a emoção mais concreta que senti em toda a minha vida, pelo menos que eu pudesse me lembrar. Eu estava fora de controle. Eu era frágil. Foi horrível.

Era preciso acabar com isso. Eu tinha que ir embora dali, quer isso destruísse o meu projeto ou não.

– Vou falar com ela agora – falei isso sem me virar, não deixando que Celia visse o que estava em meus olhos, com muito medo do que ela pudesse encontrar lá. – Eu vou ajudá-la a ir para cama, e depois eu mesmo irei dormir. Vejo você amanhã na casa dos Brooke. Boa noite, Celia.

Dei um passo em direção à cozinha e fui interrompido por uma chamada de Celia, falando meu nome baixinho. Eu fiquei, mas não me virei para ela.

– Está tudo bem – disse ela. – Não há problema em sentir.

Porra, o que ela pensava que sabia sobre mim? Isso me irritou, e só ampliou a minha dor. Eu queria que ela fosse embora, para parar de supor que me entendia. Se isso era sentir, então não gostei dessa merda nenhum pouco. Mas Celia tinha razão em dizer que não havia

problema. Eu iria ter o controle de volta. Essa merda não iria me subjugar. Eu iria passar por isso.

Agora, se ela apenas fosse embora, caralho, tudo seria muito mais fácil.

Mas ela não o fez.

– E eu entendo se você precisa passar por isso sozinho. Eu estou aqui para você quando estiver pronto, Hudson. Eu te amo.

Eu balancei a cabeça uma vez, reconhecendo sua declaração. E não tentei falar. Porque não tinha certeza se podia fazer isso, falar... As palavras dela eram ao mesmo tempo assustadoras e estimulantes. Elas me queimaram e me libertaram e, acima de tudo, me confundiram. Eu queria essas palavras, eram as palavras que levaram à confirmação da minha hipótese. Mas ali, naquele momento, elas ameaçaram destruir a minha outra teoria. Porque uma parte de mim queria devolver essas palavras para ela. Uma parte de mim acreditava que eu poderia ser capaz de amá-la de volta.

A mistura de tantas emoções beligerantes me paralisou. O sofrimento, a dor, a alegria, a liberação. Então, eu simplesmente estava ali, congelado, sem ter como responder.

Na minha frente, minha mãe recuperou-se o suficiente de seu colapso para se firmar de novo. Eu tinha esperado demais para ajudá-la. Ela estava começando a se ajudar. E fez isso ao caminhar para o balcão da cozinha onde reabasteceu seu copo de uma garrafa de vodca que ela pensava que mantinha escondida de nós sob a pia da cozinha.

Percebi então como ela fazia isso. Quando a mulher de coração frio que era minha mãe sentia um pingo de qualquer coisa, o que era raro, era desta forma que ela o reprimia. Ela bebia. Bebia para aliviar seu tormento. Para acalmar sua tristeza. Para matar o seu amor.

Eu entendi sua motivação. Mas a criatura patética em que ela se transformou por causa disso não era alguém que eu gostaria de ser um dia.

E foi bem ali que jurei que seria mais forte do que isso. Eu não precisaria de álcool para impedir que os sentimentos rastejassem para dentro de mim. Eu poderia controlar isso sozinho. Exatamente do mesmo modo como eu conseguia controlar tudo e todos ao meu redor. O maior exemplo disso estava ali de pé, bem atrás de mim. Celia tinha acabado de declarar seu amor por mim.

Sem nenhuma noção do poder do momento ou de seu impacto sobre ele, Celia sussurrou um boa-noite. O *flip-flip* de seus pés em seus sapatos me disse que ela estava indo embora. O silêncio que se seguiu disse que ela tinha partido.

Um sorriso lento curvou meus lábios quando o turbilhão de emoções se dissipou dentro de mim. Tão de repente como eu o tinha perdido, eu tinha recuperado o controle. A dormência familiar estabeleceu-se em meu peito, substituindo qualquer aparência de sentimento. Minha mãe estava bêbada, mas prestes a dormir por ali mesmo. Meu pai era um idiota infiel, mas

ele lidou com a minha mãe com tanta habilidade como estava lidando com o pessoal da festa lá fora. Erin poderia ser uma puta, mas ela estava fazendo seu trabalho cuidando de meus irmãos.

Nada estava caindo aos pedaços. Tudo estava bem.

E Celia me amava.

Eu tinha que acreditar que um rompimento com seu namorado era iminente. Minha experiência estava quase completa. Exatamente como eu tinha planejado.

6

Depois

Eram seis e quinze quando me aproximo da porta aberta do escritório de Norma Anders. Sendo minha diretora financeira, não estou surpreso em vê-la trabalhando depois do expediente, mas a presença de seu assistente é inesperada. Ele está inclinado sobre a mesa de frente para ela, e sua discussão é feita em voz baixa. Eu bato no batente da porta para anunciar a minha presença.

O assistente se endireita imediatamente, e ele se afasta para que Norma possa me ver.

Olho para ela.

– Preciso daquela procuração para assinar, se ela já estiver pronta.

– Claro. – Ela acena para o assistente. – Boyd, você poderia...

– Certamente.

O jovem corre por trás de mim e vai até sua mesa, presumivelmente para procurar o papel que eu preciso. Pergunto-me brevemente se ele está sempre ansioso assim, ou somente quando o proprietário da empresa aparece. Honestamente, é raro eu me aventurar aqui embaixo até a sala de Norma. Ela geralmente é convocada para ir à minha.

Apesar de minhas raras visitas, sinto-me relaxado nesta encenação. Eu não espero pelo convite de Norma para entrar.

– Sinta-se em casa, Hudson – brinca ela, depois de me sentar em frente à mesa dela. – Pensei que você fosse pedir esse papel no início desta tarde.

– Eu perdi a noção do tempo.

Não é uma resposta totalmente desonesta. Eu tinha outras coisas na minha mente, como os meus planos para aquela noite, mais tarde, mas eu adiei a visita propositadamente. É um desperdício do meu tempo eu passar horas assinando a aquisição da The Sky Launch. É muito mais prático dar uma procuração à Norma para fazer isso em meu lugar. Mas a assinatura do documento é, de muitas maneiras, a minha declaração oficial de que eu estou continuando com este plano insano.

Então, foi por isso que não pedi que ela me levasse o papel mais cedo. Fiquei adiando até muito tempo depois que minha secretária e a maior parte dos funcionários já tinham ido para casa. E, no fim das contas, aqui estou eu. Com a minha caneta pronta no bolso.

Boyd retorna e entrega um arquivo para Norma.

– Se isso é tudo, então vou embora.

– Sim, claro. – Ela espia o relógio. – É um pouco tarde. Obrigada por ficar. Vejo você amanhã.

– Certo. Até amanhã, ms. Anders.

Um olhar passa entre eles e eu percebo que os dois estão trepando. Não é provável que seja assim tão óbvio para a maioria das pessoas, mas eu tenho estudado a natureza e as relações humanas extensivamente. E reconheço um olhar do tipo vejo-você-pelado-muitas-vezes quando vejo um.

Mas não digo nada e nem deixo transparecer que entendi a situação. Se eu fizesse isso, teria que estar disposto a repreender Norma. As relações sociais não são permitidas entre direção e pessoal, e é uma transgressão passível de rescisão de contrato. Mas ela é muito valiosa para a empresa para que eu me preocupe com algo tão sem relação com o motivo pelo qual a contratei.

Boyd se vai e Norma abre a pasta e encontra o papel que eu preciso assinar. Ela passa os olhos por ele brevemente antes de entregá-lo a mim. Eu não leio. Apenas assino e coloco a data nos locais apropriados e entrego de volta.

– Você tem certeza de que quer fazer isso? – pergunta Norma quando pega o documento.

Ela já o está colocando de volta na pasta, sabendo que não irei mudar de ideia, embora estejamos começando uma conversa sobre isso.

– Tenho certeza.

Não tenho, não. Eu nunca tinha entrado em um negócio com tantas dúvidas quanto tenho agora. Não são as finanças que me incomodam. Mesmo se eu perder dinheiro, é uma empresa tão pequena que nem vai chegar a arranhar a superfície de meus negócios.

– O preço é bastante razoável, mas, Hudson, este não é um bom investimento empresarial. – Ela não está tentando menosprezar a minha decisão, eu me lembro. É o trabalho de Norma me questionar.

– Mas é um investimento especialmente ruim? – Eu deveria pelo menos ouvir o que ela tem a dizer.

Norma percorre com os olhos a folha de análise da Sky Launch.

– Não necessariamente. Se você estiver disposto a dedicar-lhe algum tempo e atenção.

– Estou.

Quero dar *muito* tempo e atenção. Tenho sorte de que tudo o mais nas Indústrias Pierce está funcionando sem problemas no momento.

Ela fecha a pasta e se inclina para trás em sua cadeira, o cotovelo apoiado no braço, o queixo descansando na palma da mão.

– Por que você se fixou em uma boate?

– Eu possuo danceterias em outras cidades.

Eu tenho uma em Atlantic City. Outra em Miami e duas em Las Vegas. Esta não será a minha primeira aventura no setor, e como o atual proprietário assegurou-me, a equipe do Sky Launch é autossuficiente. Aconteça o que acontecer com Celia, eu pretendo ter Alayna preparada para assumir como gerente geral o mais rapidamente possível. Uma vez que isso tenha acontecido, o meu envolvimento com essa boate será mínimo.

– Deixe-me reformular a pergunta, então: por que está tão interessado nesta boate em especial? Eu poderia mandar algumas pessoas procurar, e poderíamos encontrar algo que fosse mais rentável e que exigisse menos do seu tempo.

Eu me esquivo da sugestão.

– Como está sua família?

– Eu adoro a forma como você acha que, mudando de assunto, vai me distrair de discutir isto. Mas vou responder à sua pergunta. Meu irmão está em casa, agora. Eu gostaria de poder dizer totalmente recuperado, mas isso vai levar tempo.

O irmão de Norma teve um colapso recentemente e havia sido internado em um hospital psiquiátrico. Enquanto eu normalmente tento não me envolver com a vida privada dos meus funcionários, Norma tinha explicado a situação para que ela pudesse sair alguns dias.

– Ele vai chegar lá – asseguro.

– Sim, eu sei que vai. E Gwen ainda está na Eighty-Eight Floor. – Suas sobrancelhas começam a levantar com uma ideia. – Ei, essa é uma danceteria que você podia considerar comprar.

Ela não vai sossegar até eu lhe dar um motivo mais satisfatório para comprar a danceteria de Alayna.

– Existem ativos no Sky Launch que não posso conseguir em outro lugar. – Não parece certo me referir a Alayna como um ativo, embora, legitimamente, ela seja. – Uma funcionária em ascensão. Eu a vi como uma gerente no futuro, e quero ser seu empregador quando isso acontecer.

Norma considera durante alguns segundos. Em seguida, suspira.

– Não consigo decidir se você está sendo honesto ou apenas tentando me enrolar com palavras. Seja como for, você ganhou. Vou parar de lhe dar minha pequena contribuição.

– Você é uma das quatro pessoas mais importantes na minha vida que não seja a minha família. Eu valorizo sua opinião.

Embora esteja agradecido por ela deixar de lado este assunto, costumo apreciar suas observações.

– Sério? – Ela se inclina para a frente, os cotovelos apoiados na mesa. – Quem são os outros três?

Eu respondo, sem perder tempo.

– Minha secretária, meu assistente, e meu chefe de segurança não oficial. – Esse é um bom título para Jordan.

Norma faz uma carranca.

– Não é triste saber que estamos todos em sua folha de pagamento?

– Não é triste. É o jeito que eu gosto.

Eu escovo um fiapo invisível da minha perna da calça, não encontrando os olhos dela. Não acho que meus relacionamentos sejam tristes. Eu estou contente. Mas como é que pretendo viver o resto dos meus dias? Meramente contente?

Sua carranca permanece.

– Foi Celia Werner que vi aqui no outro dia?

Eu não gosto da preocupação de Norma sobre a minha vida social, ou a falta dela. Isso lhe dá uma desculpa para brincar de casamenteira e eu não estou interessado em nada disso. Então deixo que ela acredite no que quiser sobre Celia. É mais fácil assim.

– Sim, ela estava aqui.

– Você não está redecorando nada agora, está?

Eu não respondo, mas minha expressão diz a ela que não estou. Esta seria a única razão relacionada com o trabalho para a visita de Celia – se ela fosse cuidar da decoração de um dos escritórios.

Norma assume como eu imaginei que ela faria.

– Por mais que eu esteja feliz em ver você com uma mulher em sua vida, realmente gostaria que não fosse ela.

Agora o mais triste é que Celia é a mulher da minha vida. Que meu passado tenha me amarrado à pessoa que eu desprezo mais do que ninguém... a não ser eu mesmo.

Fico de pé, disposto a encerrar a conversa.

– Obrigado por sua ajuda, Norma.

Saio da sala rapidamente, como se ao escapar dessa discussão eu pudesse escapar da realidade que foi o foco dessa discussão. Mas não há como escapar dessa realidade. Eu fiz a minha cama. É hora de mentir.

*

São quase dez horas naquela noite, quando paro meu carro no estacionamento da Columbus Circle. Meu punho está apertado ao redor do volante. Aperto mais, despejando toda a minha agressão nesse volante. Então, relaxo. Esse movimento me ajuda a me concentrar. Estou ansioso e preciso disso para queimar alguma tensão.

Realmente, o que eu preciso é ir para casa e correr algumas horas na esteira. Mas estou aqui, então saio do meu Maybach e sigo em direção às portas da frente da casa noturna.

Já estive duas vezes agora no Sky Launch, antes de hoje. As duas vezes foram durante o dia, uma vez com o vendedor e outra vez com o meu avaliador. Eu nunca vi isso em operação nem conheci nenhum dos funcionários. Antes de fazer isso, quero a oportunidade de observá-los em seu ambiente.

Essa é a minha desculpa para esta visita. É besteira. Quero observar *Alayna* em seu ambiente. Eu não dou a mínima para ninguém mais. A escala pendurada na sala dos funcionários indicou que ela vai tirar a próxima semana de folga. Amanhã é sua formatura, então suponho que usará esses dias para comemorar. Hoje à noite é a minha única chance de vê-la no trabalho. Quando ela retornar, a transferência de propriedade estará completa, e eu serei o seu novo patrão.

É uma sexta-feira e ainda não estamos no verão, mas há uma fila na porta da danceteria. Eu me viro para entrar de forma rápida, um terno Armani muito caro é uma passagem automática para entrar em qualquer lugar. Lá dentro, passo alguns minutos observando a pista de dança. O DJ é bom e o layout funciona bem. Olho para os quartos bolhas que circundam o segundo andar. Eles são o destaque da casa. Com um pouco de ênfase, eles poderiam atrair uma multidão ainda maior. Na verdade, não é difícil imaginar como o lugar ficaria ainda melhor com alguns ajustes.

Eu me pego fazendo um *brainstorming* e acho melhor parar. Isso é para Alayna. Marketing era sua área de interesse na faculdade. Após sua apresentação, tenho a sensação de que suas ideias para a casa iriam acabar com as minhas.

Pensando em Alayna e suas ideias, não posso esperar mais. Eu tenho que encontrá-la. A escala de trabalho que vi indicou que ela deve estar atendendo no bar do primeiro andar. Atravesso em meio à multidão que começa a crescer à medida que chego mais perto do balcão.

Vejo a garota quando ainda estou a vinte passos de distância.

Nos dias que se seguiram ao simpósio – semanas agora, três para ser exato – eu muitas vezes me perguntava se tinha imaginado o efeito que Alayna Withers causava em mim. Minha sanidade não é exatamente indiscutível, afinal de contas, e a maneira como fiquei obcecado e pregado no chão por causa dessa garota desconhecida é realmente maluca.

Mas mesmo com toda esta distância, com a música tocando tão alto que não posso ouvir a sua voz e as luzes tão fracas que não posso decifrar os detalhes de suas feições, mesmo agora, ela me puxa com uma força magnética que não é nem explicável nem racional. Meus olhos se agarram a ela como se ela fosse o único brilho em um quarto escuro.

E ela não é?

Alayna é entusiasmada pelo trabalho. O modo como ela se movimenta em torno de seus colegas de equipe para servir seus clientes... É uma dança, bonita e fascinante. Os sorrisos e acenos que ela compartilha com aqueles ao seu redor são tão envolventes que fico instantaneamente com ciúmes de cada destinatário. Eu quero seus sorrisos. Eu quero que ela acene para mim. Quero me comprometer com ela.

É mais do que a minha natureza competitiva surgindo aqui. Não tem nada a ver com os meus jogos passados ou experiências, embora o sentimento de alegria seja idêntico. É desconcertante e eu não sou um cara que seja facilmente confundido.

Desvio meu foco para longe pelo tempo suficiente para distinguir um lugar vazio na extremidade do balcão. Então meu olhar retorna para ela. Meu olhar fixo e constante, provavelmente, será atribuído a um cliente sedento tentando atrair os atendentes, mas, sinceramente, eu não me importo com o que Alayna pensa de mim, contanto que ela pense em mim. Anseio por sua atenção com uma dor profunda. Anseio pelo momento em que ela olhar para mim, quando ela se conectar comigo. Vou me recusar a ser atendido por qualquer um que não seja ela. Preciso saber se eu provoco nela o mesmo efeito que ela provoca em mim.

Enquanto a observo, um dos outros barmen, um homem que eu imagino ser David Lindt, o gerente, reúne a equipe em torno dele. Logo ele distribui doses de bebida e estão todos participando.

Se eu estivesse realmente aqui para espionar o meu pessoal, este seria o episódio que poderia chamar a minha atenção. Beber atrás do bar não é uma forma aceitável de gerir uma casa noturna. No entanto, embora eu não possa ouvir exatamente o que está sendo dito do meu lado do balcão, os aplausos e gritos parecem indicar uma ocasião especial. Do jeito que todo mundo está focado em Alayna, suponho que seja sobre ela.

– Uhuu! – grita ela, como se para confirmar meus pensamentos. – Uau, isso é muito bom!

Ela é divertida, eu percebo. Além de ser inteligente e responsável, ela sabe como se divertir. É tão diferente de mim, tão estranho que poderia ser algo completamente oposto. Mas não, em vez disso, isso me intriga ainda mais. Como se fosse possível.

Assim que as doses são consumidas, a equipe se dispersa. Alayna fica atrás do bar. Estou mais aliviado do que gostaria de admitir. Meu alívio é substituído pela inveja quando ela se aproxima para abraçar um cliente. Quem é este homem? Eu mandei Jordan ficar de olho nela por boa parte das últimas duas semanas. Suas descobertas mostraram que ela tem uma vida social limitada, suas saídas relacionadas apenas ao trabalho, à faculdade e aos exercícios, quer dizer, corrida. Não houve nenhuma evidência de um namorado ou mesmo de um amigo próximo. Será que Jordan perdeu alguma coisa importante?

Eu me esforço para ouvir a conversa entre os dois. Rapidamente, consigo deduzir que o

homem é simplesmente um cliente regular. Meu alívio retorna. Embora eu possa ter de intervir se ele continuar a olhar para os seios de Alayna do jeito que está fazendo. Eu não o culpo. São peitos excepcionais. Eu não consigo parar de olhar. Mas eles não deviam ser compartilhados com esses idiotas bêbados que só querem uma transa rápida.

Graças a Deus eu não sou nem um bêbado nem alguém que quer uma transa rápida. Devagar. É assim que será com Alayna. Eu vou levar um bom tempo quando eu transar com ela, e não vai ser apenas uma vez.

*

Jesus, de onde veio esse pensamento? Eu não tinha planejado perseguir Alayna sexualmente. Certamente não era parte do esquema de Celia. Mas agora que eu pensei nisso, não consigo tirar essa ideia da cabeça.

É sua roupa. Ela se parece com sexo de pernas.

Faço uma anotação mental para falar com Alayna sobre suas escolhas de guarda-roupa para vir trabalhar.

Eu consigo parar de pensar só no meu pau, concentrando-me nas outras informações que tinha conseguido com minha espionagem. Alayna admitiu que não tem planos para suas férias. Eu não gosto disso. Ela deveria estar comemorando suas realizações. Além disso, a pitada de decepção em sua postura me leva a acreditar que ela bem que gostaria de ter planos.

Mas não posso mais me debruçar sobre isso. Porque ela está deslizando pelo bar em direção a mim. Finalmente, sua atenção é minha.

– Bem, o que posso lhe servir...?

A voz dela se esvai quando ela encontra os meus olhos. Aquele olhar intenso sobre mim quase me tira o fôlego. Isso a deixa também sem palavras, a boca se abrindo quando ela me absorve.

Então, eu sei.

Eu sei que ninguém nunca olhou para mim dessa maneira. Eu sei que esta ligação não é apenas unilateral, que ela sente isso também. Eu sei que eu a assusto e fascino tanto quanto ela me assusta e me fascina. Sei que, mais cedo ou mais tarde, eu vou transar com ela, que ela vai gostar. E que eu vou gostar. E, de alguma forma, com aquela certeza que ultrapassa os outros fatos que vim a aceitar neste espaço de segundos, eu sei que minha vida nunca mais será a mesma novamente.

Finalmente, eu me lembro de que supostamente eu deveria fazer o meu pedido.

– Scotch Single Malt. Puro, por favor.

Ela balança a cabeça, como se estivesse saindo de uma névoa.

– Eu... Eu tenho um Macallan 12 anos.

– Ótimo.

Era uma única palavra e eu mal consegui pronunciá-la. Ela não olha para mim enquanto serve a minha bebida e eu já sinto falta do calor de seus olhos. Então, quando Alayna me dá meu copo, eu propositadamente deixei meus dedos encostar nos dela. Eu precisei fazer isso. Eu precisava saber como era a sensação de tocá-la.

Sinto-me recompensado com muito mais do que a suavidade de sua pele e o choque de eletricidade que passa entre nós. Eu estou recompensado com o estremecer dela. É visível. Eu *sei* que consigo afetá-la. Estou mais do que satisfeito com isso.

Mas Alayna está cautelosa comigo. Ela puxa a mão e corre para o outro lado do bar.

Fico imaginando como estão seus pensamentos enquanto dou um gole na minha bebida. Por causa de sua história, eu poderia supor que ela reage a muitos homens do jeito que ela fez comigo. No entanto, eu a observei durante toda a noite e ela parecia à vontade com todos, *exceto* comigo. Alayna tem medo de mim, mas acredito que o medo tem a ver com ela mesma. Eu não fiz nada para assustá-la, apesar de não ter mascarado qualquer pista da luxúria que ela despertou dentro de mim. Isso foi suficiente para afastá-la?

Estou a segundos de distância de formar uma teoria. E então eu me sinto obrigado a forçar meus pensamentos em outra direção. É lá que finalizo a minha intenção com Alayna Withers. Vou levá-la através do jogo idiota de Celia. Vou participar do jeito que concordei fazer. Separadamente, vou seduzi-la, porque depois de encostar em sua mão, não posso imaginar não tocar cada centímetro dela com meus dedos, minha boca, minha língua.

Mas Alayna não será meu *objeto de estudos*. Eu não vou fazer experimentos com suas emoções. Eu não vou permitir que ela seja destroçada. Este será um estudo de mim mesmo. Será uma oportunidade para ver se alguém pode me destroçar.

Enquanto consolido os meus planos, fico bebericando meu drinque e continuando a observá-la. Logo, ela é deixada para gerenciar o bar sozinha. Limpa o balcão com o que parece ser uma energia nervosa. Então ela olha para mim. É um raio de sol escapando de uma cobertura de nuvens pesadas quando seus olhos encontram os meus novamente.

Ela desliza para perto de mim e acena com a cabeça para meu copo quase vazio.

– Outro?

– Não, por hoje está bem.

Eu não preciso de mais nada. Estou intoxicado por sua presença. Ponho a mão no meu bolso e puxo uma nota de cem de minha carteira. Não tenho a intenção de aceitar o troco.

Alayna marca o meu pedido no caixa e percebo que nosso encontro está chegando ao fim. Eu me sinto compelido a falar com ela, para absorver o máximo que puder nos últimos

momentos de anonimato que vou compartilhar com ela.

Fico me debatendo por um momento para escolher uma conversa inicial que seja apropriada, mas que não passe muitas informações sobre mim e nem pareça assustadora. Lembro-me do brinde que foi compartilhado entre a equipe e escolho fazer comentários sobre isso.

– Ocasião especial?

Alayna fica com um vinco na testa.

– Ahn, sim, eu me formei. Amanhã pego meu MBA.

Já sei disso, mas, como estou realmente impressionado com ela, não é difícil para mim exibir admiração.

– Parabéns. Um brinde a seu sucesso. – Levanto o meu copo e bebo o drinque que ainda sobrou.

– Obrigada.

Os olhos dela estão sobre minha boca e não consigo evitar, passo a língua sobre meus lábios e me delicio ao notar as pupilas de Alayna dilatando por causa disso.

Ela se aproxima para me dar o troco.

Quase mudo de ideia sobre não aceitá-lo. Seria mais uma oportunidade de tocá-la, e eu queimo por dentro por poder fazer isso. Mas já estou de pau duro do jeito como as coisas estão. Não quero encorajar o meu desejo, não esta noite. Então eu balanço a cabeça e digo:

– Fique com ele.

– Não posso.

– Você pode e vai ficar com ele. – Não é a primeira vez que dou uma gorjeta tão generosa, mas é a primeira vez que eu realmente me importava que fosse aceita. – Considere isso como um presente de formatura.

– Tudo bem. – Ela aceita, mas sinto que isso é difícil. – Obrigada.

Sua rendição, simples desse jeito, me excita ainda mais. Ela se afastou de mim agora, mas não estou pronto para deixá-la ir.

– É uma festa de despedida também? – Alayna se volta para me encarar. – Não imagino que você estará usando o seu MBA para continuar atendendo no bar.

Deus, esses olhos. Esses olhos continuam me encontrando todas as vezes.

Ela hesita.

– Na verdade, eu gostaria de subir na hierarquia aqui. Eu amo a cena noturna.

Ela parece preparar-se para a minha crítica.

Três semanas atrás, eu teria lhe dado isso. Agora, eu respondo:

– Faz com que você fique viva.

– Exatamente. – Ela abre um sorriso.

– Dá para ver.

Quando soube pela primeira vez que a garota tinha escolhido ficar no The Sky Launch em vez de usar seu diploma de uma forma mais tradicional, eu tinha assumido que Alayna tinha uma afinidade com a danceteria. Tendo testemunhado seu desempenho neste ambiente e comparando-o com a sua apresentação na Stern, vejo que é ainda mais do que isso. Este lugar é uma força vital para ela. Ela me impressionou com sua beleza ambas as vezes em que a vi. Aqui, porém, sua beleza é transcendente.

– Laynie!

É o garoto bêbado do outro lado do balcão. Alayna me deixa para ir atender o rapaz. Fico espiando, e me encolho de raiva quando o cara dá seu número de telefone. Eu me pergunto quantas vezes ela é abordada em uma noite. Isso me incomoda mais do que eu gostaria. Mais uma vez, amaldiçoo a roupa que ela está usando.

Felizmente, ela não parece muito interessada nesse cara. Assim que o bêbado se vai, ela joga o papelzinho na cesta de lixo, olhando para mim ao fazer isso.

Eu poderia sorrir e acenar com a cabeça e não teríamos que discutir o assunto. Mas eu me vi querendo saber, então pergunto:

– Você sempre faz isso com os números de telefone que recebe?

Realmente, eu só quero que ela fale comigo um pouco mais. Contudo, isso é uma outra maneira de exigir sua atenção.

Ela me estuda.

– Você está tentando descobrir se eu vou jogar fora o seu número?

Não posso deixar de rir.

– Pode ser.

Ela sorri, iluminando o espaço ao redor dela. É o tipo de sorriso que alguns homens fariam qualquer coisa para ver sempre que possível. Eu me pergunto qual seria a sensação de ser esse tipo de homem.

Então, ela se inclina sobre o balcão para mim, e meu olhar é puxado para a curva linda de seus seios.

– Eu não jogaria fora. Eu nem o aceitaria, de qualquer forma.

Eu consigo levantar os olhos para os dela.

– Não sou o seu tipo?

– Não necessariamente.

Estou gostando dessa conversa muito mais do que deveria.

– Por que então?

– Porque você está procurando por algo temporário. Algo divertido para brincar.

Ela se inclina mais perto e preciso de toda a minha força de vontade para não olhar para

baixo, para seus seios, para tentar não descobrir se os mamilos estão apertados contra o tecido fino da blusa, para não esticar a mão e esfregar esses seios com a ponta dos dedos.

– E eu me apego. – Ela endireita o corpo. – Isso não faz você se cagar de medo?

Me cagar de medo? Isso me excita pra caralho. Tudo o que ela faz e diz é mais combustível para o fogo do desejo que está lentamente me consumindo. Estou começando a pensar que eu faria qualquer coisa para estar perto dela. Oh, isso é verdade – eu já fiz...

E ela supõe que é a mais sombria e melancólica de nós dois. Isso é divertido.

– Você, Alayna Withers, faz tudo, menos me assustar. – Fico de pé e abotoo o botão do paletó. Estou tentado a ficar mais tempo, mas acabo de mostrar que sei o nome dela. E não deveria estar aqui quando ela perceber. – Parabéns novamente. Foi uma grande conquista.

Muito tempo depois de ter ido embora, sinto os olhos dela em mim. O calor e a vida contidos em seu olhar se agarram ao meu corpo, mesmo depois quando estou em casa. Isso me consome. Eu penso nela enquanto estou no chuveiro me masturbando. Gozo depressa e com força e ainda sinto a presença dela sobre mim, como uma segunda pele.

Precisando vê-la novamente em breve, eu decido presenteá-la com uma semana no meu spa nas montanhas perto de Poughkeepsie. Vou fazer com que isso seja entregue anonimamente e depois vou me encontrar com ela lá. Posso conhecer a garota melhor no mesmo terreno. Eu posso conhecê-la, passar um tempo com ela, seduzi-la. Isso provavelmente colocaria o esquema de Celia em perigo, o que não seria nada mau, um bônus adicional.

A ideia me emociona e me encanta enquanto penso sobre isso.

E então, abro mão dela.

Eu sei, por experiência própria, que Celia é um adversário digno. Qualquer violação do seu plano de minha parte resultará em retaliação. Embora eu não tema o que ela possa fazer contra mim, estou preso nesta maneira estranha com Alayna Withers. Eu me importo com o que Celia pode e vai fazer com ela. Minha proteção só pode ser eficaz se eu me mantiver no curso.

Embora seja uma pessoa bastante sem sentido de humor, sou obrigado a rir da minha própria tentativa de me enganar. Eu não estou investindo nisso para o benefício de Alayna. É tudo para o meu próprio benefício. Eu quero estar perto daquela mulher. Eu quero estudar o efeito que ela tem sobre mim. Eu quero vê-la sobreviver, mas isso é para minha própria satisfação egoísta.

Ainda assim, decido lhe dar a viagem ao spa. Não sei muito bem qual é a minha motivação para fazer isso. Não deixo meu nome no cartão que acompanha o presente, por isso não se trata de tentar cativá-la para mim. Eu realmente quero que ela vá, porque acho que Alayna pode gostar. Porque quero que ela tenha um momento de prazer em uma vida

que tem sido menos do que fácil. Talvez eu seja capaz de ações altruístas, afinal.

Ou talvez saiba que Alayna terá melhores chances no jogo de Celia se ela entrar nele bem tratada e bem descansada. Essa é uma razão mais provável para minhas ações. Eu sou capaz de manipular os pensamentos de muitos, mas não consigo me convencer de que sou uma pessoa melhor do que sou, não importa o quanto eu tente.

7

Eu sou um homem composto, sempre no controle. Já conduzi reuniões dos membros do conselho, e todos descontentes, sem formar uma gota de suor na testa. Faço lances para investir em ações sem alterar a minha pulsação. Já participei de jogos mentais convincentes sem pestanejar.

Hoje à noite, na presença de uma mulher que eu mal conheço, estou numa situação que eu nem mesmo compreendo.

Talvez esteja perdendo meu toque. Ou talvez eu finalmente encontrei alguém à minha altura.

Alayna entra no quarto bolha antes que eu. Ainda ontem, em seu primeiro turno após suas férias no meu spa, fui apresentado a ela como o novo proprietário da danceteria. Nós ainda não tivemos a oportunidade de estabelecer uma relação de trabalho. Isso ocorre por desejo meu. Eu não quero que ela me veja como seu patrão ou um colega de trabalho. Preciso que ela me veja como um homem. Como um amante em potencial.

Então, aqui estamos nós em um ambiente que não se parece como de trabalho dentro da discoteca. Ela está me acompanhando enquanto desfruto de meu jantar. O jeito como foi feito o arranjo deveria parecer a ela como se estivéssemos em um encontro. No entanto, também sinto como se fosse um encontro e isso me deixa um pouco intimidado.

Pelo menos, vamos ficar um pouco intimidados juntos.

Alayna aciona o interruptor para indicar que a nossa bolha está ocupada. Então ela me entrega um menu. É um pouco divertido. Embora ela não esteja mais desempenhando suas funções, ainda assim ela está de plantão.

Faço um gesto para ela para tomar um assento.

– Por favor, sente-se.

Ela se senta e a observo de perto. Os nós dos dedos estão quase brancos de tanto ela apertar a borda da mesa. O calcanhar não para de saltar contra o chão acarpetado. Ela está nervosa por estar aqui comigo sozinha. Francamente, eu também estou. Mas cabe a mim acalmar os nervos dela. E os meus.

Jesus, estou fodido.

Eu tiro o paletó e me demoro para colocá-lo no gancho atrás de mim. É nesse momento que me organizo mentalmente. Só tenho uma chance de acertar, e, se eu não fizer isso direito, todo o esquema terá acabado antes mesmo de começar. E vou parecer um idiota.

Respiro fundo e estou pronto para enfrentá-la. *O jogo começou.*

Sento-me em frente a ela e deixo de lado o menu que Alayna me deu.

– Eu não preciso disso. Você?

– Não, obrigada, sr. Pierce.

– Hudson – corrigi.

– Não, obrigada, Hudson. – O som do meu nome em seus lábios e eu já estou apertado em minha calça. – Eu já comi.

– Uma bebida, então? Embora eu saiba que você entra às onze.

Isso tudo é uma farsa. Eu já pedi para nós dois. E sou eu quem está precisando de uma bebida.

A língua de Alayna passa por todo o seu lábio inferior.

– Acho que um chá gelado.

Agora eu estou pensando em sua língua passando rapidamente através de meu pau.

– Certo.

Pressiono o botão no meio da mesa para convocar a garçonete e os meus dedos batem contra os dela. Seu toque, o calor impressionante neste breve contato, e sei que preciso mais. Ela se mexe para se afastar, mas não deixo, e tomo a mão dela na minha.

Ela inala acentuadamente quando passo meu polegar ao longo do dorso da mão.

Eu prendo meus olhos nos dela, percebendo suas pupilas se alargarem. Invento uma desculpa sobre o motivo de ainda a estar tocando. Alayna aceita. Pelo que vejo na expressão de seu rosto, ela vai aceitar qualquer coisa que eu diga no momento.

Ela está na minha. Isso é bom.

Eu tinha medo de que o meu encontro áspero com ela no dia anterior tivesse exaurido sua atração. Evidentemente, eu tinha sido... não muito simpático é uma maneira de colocá-lo. Mas foi necessário. Ela estava vestida de forma provocativa de novo e eu tinha feito uma cena sobre isso. Eu tinha que estabelecer a minha autoridade na frente de David. E tinha que mostrar desde o início que Alayna não seria minha favorita no que dizia respeito às coisas de trabalho. Embora ela fosse, de há muito...

E tive que dar um fim nas roupas que ela usava e que convidavam os homens a assediá-la. Talvez ela pudesse lidar com os avanços deles. Eu não pude.

*

Por mais necessário que fosse, o surto de raiva que tinha acendido em seus olhos depois tinha me preocupado. Agora, enquanto acaricio sua pele, e Alayna praticamente derrete na minha mão, percebo que a minha ansiedade foi em vão.

Além disso, eu percebo como é bom tocar essa garota desse jeito. Muito, mas muito bom.

Meu telefone toca, interrompendo o nosso contato.

– Desculpe-me.

Tiro o telefone do bolso da calça e o silencio. Conheço esse toque, era Celia. Ela está provavelmente checando o meu progresso.

Foda-se ela. Ela está muito ansiosa e isso me irrita. Vou retornar quando estiver pronto, e olhe lá.

– Você pode atender, se precisar – diz Alayna.

– Não pode haver nada importante o suficiente para interromper esta conversa.

Tudo bem, é uma frase pronta, mas ao mesmo tempo não é. É possível jogar o jogo e ser sincero, ao mesmo tempo? Meu script é muito solto. Eu sei onde eu deveria terminar antes de sair deste quarto, mas tudo o que acontece antes disso é improvisado. Nos meus últimos esquemas, eu estudava o objeto e fazia suposições sobre o que ele ou ela queria ouvir, a fim de levá-los até o fim. Eu manipulava as coisas de maneira habilidosa.

Desta vez não é assim.

Apesar de tudo o que tenho dito e feito, até agora, foi perfeitamente elaborado para a minha tarefa, grande parte disso chegou organicamente. É verdadeiro.

É um arranjo tão estranho que, mais uma vez, tenho a sensação de estar completamente fodido.

A garçonete entra e estou aliviado por haver esse intervalo em meus pensamentos. Ela coloca o meu jantar na minha frente, juntamente com um copo de Sancerre. Em seguida, coloca um copo de chá gelado na frente de Alayna.

A testa de Alayna sobe e eu respondo sua pergunta não feita.

– Eu perguntei a Liesl o que você geralmente bebia. Se você tivesse dito que queria algo diferente, eu não ficaria tão legal neste momento.

Meu jogo está funcionando, ela relaxa um pouco e me dá um sorriso.

– Hmm, legal não é exatamente a palavra que eu usaria para você.

Bem, isso é intrigante.

– Qual palavra você usaria para mim, então?

Ela cora e toma um gole de chá. Estou apostando que ela estava pensando em algo sacana. Estou desesperado para descobrir.

Mas a garçonete interrompe minha busca.

– Mais alguma coisa, sr. Pierce?

– Nós estamos bem. – Eu espero até que ela saia para retornar à minha busca. – Qual palavra você usaria para mim, Alayna?

Ela não hesita.

– Controlado.

– Interessante. – Não é o que ela ia dizer. Provo o meu peixe, aparentemente desviando minha atenção. – Não que controlado não seja uma descrição precisa de mim. Mas eu tinha pensado, levando em conta o olhar em seu rosto, que você diria outra coisa.

Ela não responde e eu estou mais convencido de que seus pensamentos eram inadequados. Ela desvia os olhos para estudar a casa abaixo de nós. Enquanto desfruto de minha refeição, fico estudando a mulher ao meu lado. Ela não é tão fácil de ler como a maioria das pessoas que encontro. Ou talvez seja porque quero saber mais dela do que posso adivinhar por conta própria. Eu quero saber o que ela está pensando. O que ela pensa sobre mim.

Que diabos é isso? Não me lembro da última vez em que me preocupei com o que a pessoa pensava de mim. No entanto, aqui estou eu, não só com o desejo de possuir o seu corpo, mas sua mente também. Eu quero estar em seus pensamentos. Eu quero que ela esteja tão consumida por mim quanto estou por ela.

Ao mesmo tempo, essa ideia me deixa petrificado.

Então, desvio.

– Eu sei por que você concordou em jantar comigo, Alayna. – Na verdade, eu não lhe dei escolha. Mas ela provavelmente tem algumas ideias do motivo pelo qual a convidei, então é hora de começar a eliminar as que estão erradas. – Eu tenho que ser honesto com você. Não tenho a intenção de ajudá-la com o seu desejo de chegar à gerência.

Na verdade, eu passei a primeira parte da noite discutindo este tema com David. Fiquei ouvindo quando ele me detalhou as qualificações de Alayna em profundidade. Deixei que ele me *convencesse* de que a promoção dela era a melhor jogada para a casa. Só quando tive certeza que ele iria levá-la ao longo da carreira que eu queria para ela que mencionei a David que pessoalmente não tinha interesse em estar envolvido com as operações do dia a dia da danceteria. Ambos saímos satisfeitos da reunião.

Alayna, porém, está inquieta diante de mim e eu senti sua decepção com minha declaração.

Tentei acalmar a garota.

– Isso não significa que você não vai ser promovida. David disse que você é muito capaz, e tenho certeza de que vai conseguir a posição sem a minha ajuda. Posso ser o dono do The Sky Launch, mas não sou seu chefe. David é seu chefe e vai continuar a ser, a menos que o negócio já não prospere sob o seu comando.

Ela solta um suspiro e eu acredito que esteja mais tranquila.

Agora, com esse assunto fora do caminho...

– Mas eu não a chamei aqui para discutir os negócios.

O corpo dela fica tenso novamente.

– Por que você me convidou?

É o momento para largar a minha bomba. Mas não posso evitar ficar flertando em torno da outra opção que provavelmente cruzou sua mente.

– Talvez eu goste de você.

Só depois que eu já disse isso que percebo a profundidade de sua honestidade. Eu *gosto* dela. Muitas vezes me sinto intrigado com as pessoas, não pelo nível em que estou com Alayna, mas há aqueles que conseguem atrair o meu interesse. É raro, porém, que eu goste deles. E eu gosto de Alayna. Já é muita coisa.

Ela estremece, e eu adoro que tenha conseguido deixá-la perturbada. Alayna toma um gole de sua bebida.

– Talvez eu esteja saindo com alguém.

Adoro ainda mais que ela continue a me desafiar com essas respostas fajutas. Isso ajuda a tirar minha concentração de quantas vezes eu dei desculpas fajutas.

Eu sei que ela não tem ninguém por causa de minha pesquisa, mas eu teria imaginado isso, mesmo sem o trabalho de meus espiões.

– Não, não está. Nenhum homem iria deixar sua mulher vestir a roupa que você usou ontem.

Agora ela fica eriçada, e eu me pergunto se deveria ter trazido à baila o encontro que tivemos e onde a repreendi. Meus pensamentos voltam ao espartilho apertado e como os seios dela se derramavam maravilhosamente por cima. Eu não me importaria em ver tudo isso de novo. Mas em particular.

Então, acrescento:

– Pelo menos, não em público.

Os olhos dela se acendem por causa da óbvia insinuação que fiz, mas sua mandíbula se aperta desafiadoramente.

– Talvez eu não esteja a fim de namorados controladores.

Touché.

– Muito bem, Alayna. – Ergo uma sobrancelha. – Você está saindo com alguém?

Pronto, agora eu a peguei. Mas ela não se dobra, coisa que é para ser admirada. Em vez disso, ela se senta com o corpo reto e toma emprestada uma de minhas táticas favoritas, desviar do assunto.

– Não foi por isso que você me chamou, Hudson. Você tem algum objetivo.

– Um objetivo... – Sufoco minha risada. Essa garota é tão direta comigo. Isso é assustadoramente estimulante. – Sim, Alayna, eu tenho um objetivo.

Mas não estou preparado para partilhar os meus planos ainda. Ou melhor, ela não está

preparada. Por isso, jogo minha próxima carta.

– Eu presumo que você tenha desfrutado de sua estadia no meu spa na semana passada.

Minha vontade era deixar o spa sendo um presente anônimo, coisa que eu não tivesse que trazer para este jogo. Mas a verdade é que eu estou com medo de que ela não vá aceitar o presente ainda maior, que é parte desse meu esquema. Eu tenho que suavizar o caminho, deixá-la confortável com a minha fortuna. Se ela puder ver que já está se aproveitando daquilo que eu posso oferecer, então não vai ficar tão fora de sua zona de conforto aceitar mais.

– Oh, eu não sabia que você era o dono... espere... – O momento em que ela registra o que acabo de admitir fica claramente demonstrado em sua expressão. – O presente era seu?

– Sim. Você se divertiu?

– Nem a pau. – A boca de Alayna se abre de surpresa.

– Nem a pau?

Essa não é uma resposta à minha pergunta, eu sei. Ela decorre da sua admiração pelo que acaba de descobrir. Estou feliz agora que tive que revelar esse meu pequeno segredo. Isso me faz querer explorar quais seriam as outras maneiras de poder surpreendê-la. Particularmente, as maneiras que não envolvessem roupa.

– Não, quero dizer, sim, eu passei alguns dias maravilhosos, de fato, mas você não podia ter feito isso. Eu... por que fez isso? Não devia ter...

– Mas, por que não? – interrompi.

Os olhos de Alayna estão arregalados e elétricos.

– Porque isso foi muito!

– Não para mim.

Eu não sou um idiota. Eu sei como isso parece. Foi um presente extravagante de um cara desconhecido. Ela provavelmente pensa que estou tentando levá-la para a minha cama. Eu estou, sim, mas o presente foi dado de forma independente disso.

– Mas para mim é. É gigante! E você nem me conhece! É completamente inadequado e não profissional e sem precedentes e inadequado. E se eu soubesse que era seu, nunca teria aceitado.

Apesar de sua declaração, eu não me arrependo de minhas ações. Eu sou um homem com dinheiro. Claro, não sou generoso com frequência, mas raramente as pessoas recusam quando ajo com generosidade.

– Não é inadequado. Era simplesmente um presente. Pense nisso como um bônus, sei lá.

Estou desviando novamente. Ou tentando, pelo menos.

A tática não parece estar funcionando.

– Mas você não dá presentes como esse para as mulheres que trabalham para você, a

menos que esteja dirigindo um tipo totalmente diferente de casa noturna.

– Você está exagerando, Alayna.

Embora ela fique realmente muito adorável quando fica irritada desse jeito.

– Não estou! – Sua expressão muda de frustrada para interrogativa. – E o que você quer dizer com um bônus? Quer dizer, tipo luvas ou algo assim?

– Sim, Alayna. – Já chega de brincar com ela. – Esse é o meu objetivo. Eu gostaria de contratá-la.

– Eu já trabalho para você e estou feliz onde estou.

Ela está assustada e confusa.

Mas já tenho a sua atenção.

– Mais uma vez, eu não sinto que você trabalha para mim. Eu não sou seu chefe. Sou dono do estabelecimento em que você trabalha. Isso é tudo. Está claro?

Começo a relaxar quando ela assente com a cabeça. Este é um delineamento importante para mim. Como seu chefe, eu tenho a oportunidade de trabalhar com ela de perto. No entanto, quero que ela escolha isso por si mesma. Não tem nada a ver com o esquema fraudulento que Celia está jogando – é simplesmente a maneira como eu desejo interagir com Alayna. Eu quero que nosso relacionamento seja espontâneo. Quero que ele se desenvolva naturalmente.

Eu sou uma pessoa bastante sem humor, mas essa afirmação me deixa com vontade de rir. Como é possível que qualquer coisa que eu já disse ou que pensei possa ser natural quando todo pedacinho de meu discurso faz parte de um ardil?

Bem, não são todos os pedacinhos. Porra, nem eu mesmo sei mais nada.

É então que eu percebo que agora que sou o dono da danceteria, Celia não tem nenhuma armadilha preparada para mim. Eu poderia dar o fora do esquema aqui e agora, não poderia? Poderia passar meu tempo com Alayna em meus próprios termos, convidá-la para um encontro de verdade, até.

Mas a ideia é demasiado absurda. Eu nunca namoro. E eu conheço Celia, ela não vai desistir assim tão facilmente. Além disso, eu não sou uma pessoa de tomar decisões impulsivamente.

– Isso não afetaria o seu emprego na casa noturna. – Eu me inclino em direção a ela. – Talvez contratar não seja o termo correto. Eu gostaria de pagar-lhe para me ajudar com um problema. E acredito que você seria perfeita para o trabalho.

– Você ganhou. Minha curiosidade foi aguçada. Qual é o trabalho?

Pronto, agora eu a tenho exatamente onde queria que ela estivesse. Faço uma pausa para aumentar o suspense.

– Eu preciso de você para romper um compromisso.

Deus, como eu já domino a arte do drama. É patético; é realmente patético.

Ela tosse.

– Hum, o quê? De quem?

Inclinando-se para trás, eu revelo a minha bomba.

– Meu.

Alayna abre a boca surpresa e estou perdido novamente em pensamentos impertinentes sobre seus lábios.

– Feche a boca, Alayna. Embora seja bastante adorável vê-la espantada, também é muito perturbador.

Embora ela feche a boca, posso ver que ela ainda está horrorizada. Eu passo-lhe minha taça de vinho. Ela toma um gole – o sabor da bebida misturado ao meu – e depois fala:

– Eu não sabia que você estava envolvido em um compromisso assim...

Ela fica ruborizada quando diz isso e tenho que desviar o olhar. Alayna é muito deliciosa. Eu penso em abandonar o esquema que criamos e me concentrar totalmente em sedução. Mas ainda há muita coisa a ser colocada e eu resisto um pouco mais, e explico a Alayna Withers a estranha relação em que Celia e eu nos encontramos. Embora grande parte seja omitida, quase nada do que digo é uma mentira. Conto a ela como nossos pais são amigos, como eles querem que a gente se case, como minha mãe acha que não há ninguém para mim no mundo que não seja Celia.

Não explico que a crença de nossos pais de que devemos nos casar é baseada em uma relação que Celia e eu nunca tivemos. Os Werner e minha mãe – eles juntaram Celia e a mim em suas mentes desde aquele verão dez anos antes. Isso não é uma parte importante desta charada, porém, e é um momento no qual prefiro não pensar. Então deixo isso de fora.

Deixo muita coisa de fora. Porque ela logo diz:

– Tem alguma coisa que não estou entendendo.

Eu concordo.

– Acredito que sim. – Pego minha taça de vinho dela e bebo o que restara antes de clarificar o último detalhe. É uma outra verdade: a verdade mais importante desse plano, e uma que eu nunca tive vergonha de admitir. Até agora. – Alayna, se há alguém no mundo que tenha qualquer poder sobre mim, esse alguém é a minha mãe. – E Mirabelle, mas ela não vem ao caso no momento. – Minha mãe sabe que eu sou... – não preciso pesquisar pela palavra, mas faço uma pausa, de qualquer maneira – ... *incapaz* de amar. Ela se preocupa que eu vou... acabar ficando sozinho. Um casamento com a filha de sua melhor amiga, pelo menos, garante que isso não vai acontecer.

Eu gostaria de ter mais para beber quando uma nova dúvida começa a rastejar dentro de mim. Eu sou realmente incapaz de amar? Ou essa foi apenas uma ideia plantada por um

psiquiatra em minha adolescência e sem nenhuma base na realidade? Eu nunca me importei em desafiar essa noção e, de repente, do nada, me vejo perguntando se eu deveria fazer isso.

Mas esse desafio poderia ameaçar perturbar tudo o que conheço.

Então eu procuro rapidamente abandoná-lo e seguir em frente com a minha trama. Explico que, se eu estivesse apaixonado por outra pessoa, nossos pais ficariam encantados. Mais do que encantados – minha mãe teria uma porra de um ataque cardíaco. Ou ela simplesmente não acreditaria. Esse é o cenário mais provável.

A certa altura, Alayna estreita os olhos e pergunta:

– Então, eu seria a piranha pela qual você se apaixonou?

Isso me diverte muito. Não há nada de comum ou de humilde nessa mulher sentada à minha frente.

– Ninguém jamais iria confundir você com uma piranha, Alayna. Mesmo quando você se veste como uma delas, às vezes.

Fui particularmente impertinente com a última frase. Era apenas uma desculpa para pensar naquele espartilho mais uma vez. Porra, ela ficava muito gostosa nele.

Mas a garota não está tão contente assim com meu comentário.

– Por que você não contrata uma piranha de verdade para colocar na sua charada?

– Minha mãe nunca iria acreditar que eu cairia de amores por uma piranha. Você, no entanto, tem qualidades particulares, qualidades que deixariam a história muito crível.

– Que tipo de qualidades?

A paciência dela está esgarçando. Francamente, a minha também. Não consigo mais disfarçar meu desejo por ela por mais tempo. Eu a seguro no meu olhar.

– Você é dona de uma rara beleza, Alayna, e também extremamente inteligente.

– Oh!

Ela ficou meio atordoada. Assim como eu. Porque em seus olhos, eu vejo o reflexo do meu próprio desejo e anseio explorá-lo ainda mais. Anseio por explorar *essa mulher* ainda mais. Fantasias carnais lutam para dominar a minha consciência. As coisas que eu poderia fazer para ela...

Ainda não. Em breve.

E rompo o contato visual.

– E você é morena. Todas essas três coisas fazem de você o meu tipo de mulher, por assim dizer.

Eu não namoro, mas eu transo. As mulheres com quem transo são todas maravilhosas. São inteligentes o suficiente para mim para passar uma noite inteira em sua companhia. E todas são, de modo geral, morenas. Não sei se gosto delas morenas simplesmente por causa de preferência ou se isso tem algo a ver com Celia ser loira. Seja qual for a resposta, Alayna

cabe na conta.

E ela se encaixa no projeto tão completamente que é só sobre isso que eu desejo pensar.

Mas há detalhes a serem trabalhados. E apresento a isca do meu esquema. Pagamento.

Como eu suspeito, ela ri de minha oferta para pagar seus oitenta mil dólares em empréstimos estudantis em troca de sua participação na encenação. Ela não percebe que eu já paguei, e tenho certeza de que, se ela soubesse, teria ido embora imediatamente.

Mas ela não foi embora. Ela ainda está aqui ouvindo atentamente cada palavra minha, mas posso sentir que Alayna não está comprando a minha proposta. Eu temia que daria trabalho convencer essa garota, e parece que eu estava certo. Não ajuda muito o fato de que estou um pouco distraído da minha tarefa. Tudo o que posso pensar é ter essa mulher debaixo de mim.

Mas obrigo-me a lembrar que o objetivo desta conversa não é esse. Meu objetivo hoje é levá-la a concordar com a ideia de fingir ser minha namorada. O pagamento deveria ter sido o meu ponto de venda. Não foi, e fico feliz por isso.

Ainda assim, ela quer saber mais. Estou contente com isso também.

– O que exatamente você quer que eu faça? – pergunta.

Isso é contra seu melhor entendimento, eu sei. Mas Alayna não pode evitar.

Relaxo. Meu esquema não alcançou seu interesse ainda, mas estou perto de terminar de tentar seduzi-la para jogar o jogo para o qual a estou convidando.

– Finja que somos um casal. Eu convidaria você a várias reuniões onde minha mãe iria nos ver juntos. Eu esperaria que você se pendurasse no meu braço e se comportasse como se estivéssemos loucamente apaixonados.

– E isso é tudo?

– Isso é tudo.

Isso não é tudo que eu quero, mas é tudo que eu tinha planejado pedir hoje à noite. Meus planos estão à beira de mudar.

E é só porque eu a estou estudando tão de perto que noto a garota engolir em seco.

– Esse relacionamento fingido. Até que ponto eu iria ser chamada a... atuar?

Não sei se fico com raiva ou excitado ao ver Alayna tão nervosa com a perspectiva de dormir comigo.

Excitado, eu decido. A maneira como os olhos dela sobem e descem pelo meu corpo, como seu olhar continua voltando aos meus lábios, eu sei que ela está tão atraída por mim como eu por ela. Ela simplesmente não quer ser considerada uma prostituta, e nem eu iria querer isso para Alayna.

Ela vai ter que ficar mais confortável do que isso se espera que eu lhe dê aquilo que ela quer, o que ela precisa. Posso tolerar inocência, mas não vou aceitar ambiguidade quando

se trata de uma relação física.

– Não adianta pisar em ovos sobre isso. Você está perguntando sobre sexo.

É então que tomo a minha decisão de uma vez por todas. Embora não estivesse previsto neste acordo, embora não fosse isso que eu tinha pensado para esta noite, eu tenho que possuir essa mulher e não posso esperar mais para que ela saiba disso.

– Nunca pago por sexo, Alayna. Quando eu possuir você, será de graça.

Os olhos dela se arregalam e inequivocamente escurecem. Ela se contorce em sua cadeira. Eu havia revelado a ela sua fraqueza por mim e agora ela não sabe como reagir. Está impotente.

E eu estou ligado pra caralho em seu desconforto.

– Talvez eu devesse ir embora – diz ela.

– Você quer fazer isso?

Sei que não. E eu a estou convidando para ficar.

– N-não sei bem, sim, acho que sim. Eu deveria ir embora. – Alayna gagueja sua resposta.

Isso é sexy como o inferno. Eu quero ouvi-la tremendo e gaguejando com a minha língua em sua boceta. Meu pau fica duro com o pensamento.

– Porque você está desconfortável com a minha proposta? – Não consigo parar. Eu tenho que fazer essa garota se contorcer mais. – Ou porque eu lhe disse que vou transar com você?

– Sim... Eu... Isso.

Eu inclino minha cabeça, intrigado. Ela está jogando duro para conseguir ou está ignorando a química entre nós?

– Mas estou certo de que isso não é uma surpresa para você, Alayna. Você sente a eletricidade entre nós. Sua linguagem corporal expressa isso muito bem. Eu não ficaria surpreso ao descobrir que você já está molhadinha.

O rubor queima seu rosto e eu quase como a garota aqui mesmo.

Eu pisco um sorriso.

– Não se sinta constrangida. Você não sabe que eu sinto o mesmo? – Meu pau cresce ainda mais e é a minha vez de mudar de posição no meu lugar. – Se você fosse ler atentamente o meu corpo, você veria a evidência do que acabei de dizer.

Foda-se o meu objetivo para esta noite. Não adianta falar mais sobre isto, a única coisa que me interessa agora é ela, a boca, os seios, as pernas compridas esticadas. É a minha casa noturna e eu poderia facilmente deitar essa mulher em cima da mesa e penetrar na boceta dela agora mesmo, minhas bolas batendo nas coxas, a boceta se apertando em torno de mim.

A única coisa que me impede de fazer isso é que aqui é também onde ela trabalha. Não seria justo com Alayna, então eu devo me controlar.

Mas por mais desconfortável que isso possa me deixar, não estou disposto a terminar esse flerte acalorado. Então, não paro.

– Vamos deixar de lado por um momento a minha proposta para contratá-la e discutir essa outra coisa ainda mais. Por favor, entenda que estão bem distantes uma da outra. Eu não quero nunca que você pense que meu desejo sexual faça parte de uma farsa para meus pais e os amigos deles.

– É que eu... Eu não sei como reagir a alguém afirmando que me deseja. – Ela está nervosa.

Surpresa.

Fico meio perdido com isso. Franzo a testa.

– Mas nenhum homem lhe disse isso antes?

Com certeza ela sabe como ela é atraente. Sua beleza vai além de sua aparência física, tem a ver com sua aura, seu comportamento, a forma como seus olhos brilham e a maneira como a testa fica franzida de preocupação. Ela é uma combinação de forte e fraco, como um vaso bonito que tenha sido quebrado e colado de volta tão perfeitamente que você só pode ver as rachaduras quando olha bem de perto. Ela simboliza o nascer da fênix das cinzas. Muitos homens devem ter se queimado na sua presença.

Ela se atrapalha com a taça.

– Não com tantas palavras. Ações às vezes. Certamente não tão sem rodeios.

Eu quase lamento a sua admissão.

– Isso é uma vergonha.

Como é que ninguém reconheceu a preciosidade do tesouro que está diante de mim? Ela não o reconhece em si mesma, inclusive. É decepcionante. Desolador, se eu fosse do tipo que tem um coração.

Sem querer, eu me vejo chegando do outro lado da mesa para tocar sua mão. Esfrego meu polegar por sua pele insuportavelmente macia.

– Eu pretendo dizer-lhe isso sempre que puder.

Agora, de onde diabos veio isso? Mas assim que essas palavras saíram da minha boca, soube que são verdadeiras. Eu estou quebrando todas as minhas regras com esta mulher, agindo fora da minha própria natureza. Talvez outros homens tenham sobrevivido às suas chamas, mas eu temo que já esteja queimando.

Ela puxa a mão.

– Oh.

Vejo as engrenagens girando na cabeça dela. Ela está recuando. Rápido.

– Eu, uh, estou me sentindo um pouco sobrecarregada com essa conversa. Eu preciso ir. Você me deu muito o que pensar.

Ela se levanta e eu também. Não quero que ela vá embora. Minha pulsação acelera e há suor na minha testa. Isso é pânico? É uma sensação estranha, e sinto que estou fora de controle.

Praticamente imploro para Alayna ficar.

– Eu queria que você não fosse embora. Mas se você precisa...

Ela não vai olhar em meus olhos.

– Eu tenho que começar a trabalhar.

Ela se dirige para a porta, e eu a sigo. Assim que Alayna coloca a mão na maçaneta, eu pressiono minha mão por cima da dela, impedindo-a de abrir a porta. Isso não estava no meu roteiro nem faz parte de meus objetivos. Tudo o que sei é que não posso deixá-la sair.

Eu abaixo a cabeça até o ouvido dela e preciso de todo o meu esforço para não mordiscar o lóbulo.

– Espere, Alayna.

Meu pau endurece quando sinto o cheiro dela. Seu aroma é de xampu e sabonete e um musk doce, mas nenhum desses perfumes florais conseguem encobrir seu aroma natural.

Sem premeditação, eu falo, deixando que as palavras fluam naturalmente.

– Peço desculpas por ter feito o que fiz. Essa não foi minha intenção. Mas eu quero que você saiba que não importa, mesmo se você decidir me ajudar com a minha situação, vou continuar a seduzi-la. Eu sou um homem que consegue o que quer. E quero você.

Então, não suporto mais – e mordisco a orelha de Alayna. Ela engasga e inclina a cabeça para o lado. Com seu pescoço exposto, sou como uma criança numa loja de doces. Eu belisco e lambo ao longo de seu pescoço. Ela agarra meu braço e esse é o meu convite para passar o meu outro braço ao redor dela. Espalmo minha mão em seu peito. Ela se inclina na minha mão, e sinto o mamilo ficar ereto através de seu vestido. Tudo o que posso pensar é chupá-lo, puxando-o com os dentes.

Aperto sua teta e esfrego meu rosto no cabelo dela.

– Devia ter dito antes, você está absolutamente linda esta noite. Não consigo afastar meus olhos. Séria e sexy embrulhada num mesmo pacote. – Sei que este não é o local mais apropriado para isso, mas não posso aguentar esperar um minuto a mais. – Beije-me, Alayna.

Lentamente, ela vira a cabeça em minha direção. Eu estou lá para encontrá-la. Pego sua boca na minha, deslizando minha língua na dela. Seus lábios são macios e sedosos, mas ela recebe o meu ardor ganancioso com igual fervor. Eu sou exigente, querendo que ela compreenda que isso é como será comigo – vou assumir, vou dominar. Mesmo quando me sinto tão fora de controle como estou no momento, vou guiar-nos através do físico.

E o sabor dela...

É incrível. É viciante. É delicioso.

Eu quero prová-la em todos os lugares. Quero arrastar a minha língua ao longo de seu umbigo. Quero chupar seu clitóris. Quero lamber a fenda de sua vagina.

Nós mudamos de posição juntos, virando até que nossos corpos estejam alinhados. Eu agarro a bunda dela, puxando-a para mais perto, e ela envolve as mãos em volta do meu pescoço. Deus, eu quero essa mulher. Quero Alayna como nunca quis ninguém. Eu sei que não posso penetrá-la aqui, e mesmo assim ainda não tenho certeza se posso parar. Especialmente quando ela começa a espremer seus quadris contra o meu pau. Ela é o matador agitando a bandeira vermelha, e eu sou o touro prestes a avançar.

Mas nada sobre o que está acontecendo é direito. O lugar, a hora... Acima de tudo, as circunstâncias. Esta noite é sobre o jogo. Eu não quero que essa mancha fique ofuscando a glória de me enterrar em Alayna. Celia não recebeu um convite para vir em nossa cama.

Pensar em Celia deixa tudo mais fácil, e empurro Alayna para longe. Mantenho minhas mãos em seus ombros, porém colocando-a a distância. Seria preciso apenas o roçar de seu corpo contra o meu para eu mudar de ideia sobre comer essa garota agora mesmo. Ofegamos juntos, enquanto recuperamos nossa respiração, meus olhos nunca se afastando dos dela.

Noto quando o desapontamento e a preocupação se instalam. Querendo que ela relaxe, passo minha mão pelo seu rosto.

– Não aqui, preciosa. Não assim. – Passo minha outra mão em torno de seu pescoço e pressiono minha testa na dela. – Eu vou ficar com você debaixo de mim. Numa cama. Onde eu posso te adorar corretamente.

Essa promessa é a única coisa que me mantém um cavalheiro. Eu não vou tê-la esta noite. Mas vou tê-la um dia.

Eu paro a minha mão em seu sutiã, onde sei que ela guarda seu celular. Delicio-me na curva de seus seios quando puxo o aparelho. Toco na tela e ligo para meu telefone. Desligo assim que ele chama. Eu já tenho o número dela, é claro, mas queria que ela visse que teria seu telefone de uma forma legítima.

– Agora temos o número do telefone um do outro. Espero que você o use.

Recoloco o telefone dela de volta ao sutiã, meus olhos demorando-se mais uma vez sobre a fenda de seu decote. Meu pau está tão duro que até dói. É um risco beijá-la novamente, então eu simplesmente esfrego meus lábios nos dela.

– Me telefone quando você estiver pronta. – Só que tenho medo de que ela não fique pronta tão depressa quanto eu gostaria, e acrescento: – Amanhã.

Beijo-a de uma forma casta e saio de lá rapidamente. Definitivamente vou precisar de minha mão nesta noite. Acho que nem dois turnos vão me aliviar.

8

Antes

Fui dirigindo até a festa dos Brooke. Normalmente, se eu achasse que haveria uma chance de eu ficar bêbado, teria confiado no motorista. Mas eu precisava manter o controle total naquela noite – que requeria não beber e também descobrir uma rápida rota de fuga. Depois do jeito instável em que terminou tudo na noite passada, decidi que era hora de encerrar o experimento com Celia de uma vez por todas. Eu deixaria claro que não haveria nenhum "nós" se ela não terminasse com o namorado. Se ela não se oferecesse para terminar as coisas com o cara neste momento, então eu teria que mudar a minha conclusão. Talvez seu apego bobo pelo sujeito fosse mais forte do que eu pensava. Talvez eu estivesse errado.

Mas eu duvidava disso.

Cheguei depois do sol se pôr, e a festa estava em pleno andamento. Eu queria Celia esperando por mim no momento em que eu aparecesse. Parte de mim estava surpresa de que ela não tinha tentado me ligar para se certificar de que eu de fato viria. Mas, levando em conta como ela havia deixado as coisas na noite anterior, apostei que ela estivesse me dando espaço. Também apostei que isso a estava matando.

Estacionei meu carro longe da casa para me certificar de que não seria bloqueado por outros carros quando precisasse ir embora. Enquanto subia a pé a longa entrada de carros da casa, notei que o carro de Celia não estava lá. Mas isso não queria dizer nada. Ela poderia ter vindo com o motorista. Ela provavelmente imaginava que eu lhe daria uma carona de volta. Isso não estava nos meus planos.

Parei por um momento na calçada da frente. O que exatamente estava nos meus planos? Se Celia decidisse que iria romper com o Dirk, eu teria que dizer a ela que era tudo um mal-entendido, é claro. Mas depois disso, quando ela estivesse chorando e louca da vida comigo – tudo bem, e daí? Eu estava consumido com a curiosidade de saber sua reação completa. No final do meu sonho, ela faria uma cena pública e eu seria um espectador na primeira fila. Esta era a parte mais fascinante de todo o estudo, afinal das contas. Emoções. Como as emoções enfraqueciam os fortes. Como elas iludiam os inteligentes. Como elas transformavam uma pessoa em alguém irreconhecível. Eu tinha uma vantagem com Celia que não tive com muitos de meus objetos de estudo anteriores – eu conhecia pessoas que faziam parte da vida dela e que estariam a par das consequências. Eu saberia por minha mãe

a rapidez com que Celia se recuperasse, tendo ela decidido ou não voltar com o namorado. Eu provavelmente estaria na lista negra de Sophia por causa do que eu fiz, mas isso seria uma melhoria, comparado a não estar em sua lista...

Mas espere. Eu estava pondo o carro na frente dos bois. Celia ainda não tinha terminado com o namorado. Não havia necessidade de me preocupar com o depois, quando eu ainda estava no antes.

Dentro da casa, peguei uma cerveja e encontrei um grupo de conhecidos com quem ficar. Embora eu não planejasse beber muito, eu precisava de uma garrafa na mão como um adereço. Isso me fez parecer casual, descontraído. Quanto menos eu parecesse desesperado para Celia, melhor. Quando ela me encontrasse e percebesse que eu não tinha a menor urgência para encontrá-la, eu suspeitava que isso fosse provocar desespero nela própria. Ela me chamaria para conversar, eu daria de ombros e iria junto. Meu comportamento arredio a forçaria a jogar sua melhor mão.

Isso tudo era só um palpite. Mas ele foi calculado e eu tinha uma boa dose de fé nele.

Quando quase uma hora se passou e eu não tinha visto nenhum sinal do Objeto, comecei a me perguntar se eu não havia superestimado minhas suposições. Será que ela havia decidido não vir? Procurar por ela era algo fora de questão. E perguntar por ela também iria denunciar um pouco o meu interesse. Mas, por outro lado, se eu fosse cuidadoso com a maneira de perguntar...

Olhei para Christina do outro lado da sala. Ela estava tentando chamar minha atenção pelos últimos quinze minutos, e eu fingi não perceber. Mas, caramba, eu notei. Ela estava usando uma saia curta que quase parava nos quadris e uma blusinha tão alta que quilômetros de pele separavam as duas peças. Ela escorria sexo. Seus lábios que pareciam dizer "foda-me" foram pintados com um gloss que fazia parecer que tinham acabado de ser lambidos. Ela era uma distração – uma distração que eu não precisava.

Mas se alguém sabia do paradeiro de Celia, esse alguém era ela.

Joguei o jogo dela, trocando olhares lascivos até que ela me chamou de novo. Fingi considerá-lo. Então percorri o caminho através da multidão de corpos em direção a ela, esperando que a ereção que estava ostentando não fosse testemunhada por Celia. Talvez, se eu trabalhasse direito nessa situação, Christina poderia ser a minha recompensa por concluir a minha experiência. Muito consumido com meus planos para pensar sobre meu pau, já fazia semanas que eu não transava. Muito tempo. Eu precisava me enterrar em uma boceta muito me breve. E Christina Brooke possuía uma boceta mais do que aceitável.

Ela encostou-se à arcada da sala de jantar enquanto eu me aproximava, os olhos presos em mim.

– Hudson Pierce – disse meu nome com um sorriso sedutor. – Como demorou...

Fingi inocência.

– Para chegar à festa?

– Para vir me procurar.

Ela molhou os lábios e meu olhar correu imediatamente para a língua enquanto ela se movia.

Droga, ela estava querendo deixar as coisas difíceis, como eu iria manter o foco assim? Mas tentei de novo:

– Não vim procurar por você, você me chamou.

– Isso eu fiz. – Seu olhar piscou para os meus lábios e de volta para os meus olhos. – E você veio.

– Não, não vim. Não ainda.

Flertar com ela era fácil. Só não peguei a Christina Brooke no colégio porque na época tinha um namorado fixo. O namorado não tinha sido um problema para mim, mas Christina tinha sido leal. Ela também tinha sido inocente, então. Pela forma como o seu comportamento tinha afrouxado desde o verão anterior, eu teria que concluir que a faculdade havia despido toda a sua ingenuidade.

E então tudo que eu conseguia pensar agora era em despir Christina de outras coisas.

– Oh, mas que menino impertinente. – Seu sorriso era tão sacana quanto os meus pensamentos. – Eu espero que você ainda não tenha escolhido seu alvo quando for... procurar.

– E por que isto?

– Porque eu gostaria de oferecer-me como voluntária.

Eu sufoquei uma risada, mas mantive meu rosto sério.

– É engraçado você pensar que teria alguma escolha. – Coloquei a mão na parede acima de sua cabeça e me inclinei para ela. – O que eu quero dizer é que, se você for meu alvo, eu vou pegar você, caso tenha sido convidado ou não.

A respiração profunda que ela deu foi audível.

– Merda... Minha calcinha ficou ensopada.

Olhei para baixo, admirando a saia apertada, imaginando que tipo de calcinha que ela usava por baixo. Em seguida, imaginando o que existia sob a calcinha.

– Talvez você não devesse estar usando.

– Isso poderia ser providenciado.

A brincadeira foi mais do que divertida. Estava ficando quente e me fazendo esquecer de meu verdadeiro propósito de me aproximar dela. Desci minha mão da parede e tomei um gole de minha cerveja, forçando minha mente a trocar de marcha.

– Mas me diga, por que você está sozinha, Christina? Eu esperava ver Celia pendurada ao

seu lado.

Ela deu de ombros, entediada.

– Celia esteve aqui mais cedo.

– Ela já saiu?

Merda. Eu tinha sido arrogante demais ao pensar que ela iria esperar.

– Ela pode estar de volta mais tarde. Disse que precisava de um tempo para se recuperar.

Christina afastou o cabelo do ombro.

Eu levantei uma sobrancelha. Mas recuperar do quê? Meus nervos ficaram em pé, preocupado com que eu tenha cometido algum deslize em todo o processo. Esse era um pensamento egocêntrico, talvez, mas não acabou com a minha preocupação.

Christina respondeu à minha expressão interrogativa.

– Ela terminou com seu namorado hoje.

Meu coração batia forte em meus ouvidos. *Celia tinha terminado com Dirk*. Não podia ser assim tão fácil, não é? Eu tinha vindo preparado para um confronto. Tinha me preparado para encenar um grande show de que ansiava por ela, que estava com saudades dela... Essa novidade foi mais parecida com um anticlímax, mas ainda assim, foi muito gratificante.

– Tem certeza que ela terminou? – Dei outro gole na minha cerveja para esconder a minha alegria. Esse gole esvaziou a garrafa.

– Sim, eu tenho certeza. Ela estava aqui quando ele ligou. –Christina pegou a garrafa da minha mão e colocou-a no bufê atrás dela. Ela esperou até ficar de frente para mim novamente antes de continuar.

– Eu não acho que ela estava planejando dar o fora nele exatamente, mas num minuto ela estava dizendo olá e no outro ela estava dizendo que ela sentia muito por tudo ter acabado. Sim, eu fiquei escutando, mas ela não saiu da sala, então achei que tudo bem ficar ouvindo.

– Merda.

Como se eu a estivesse julgando por ficar futricando. Eu poderia beijá-la por isso. E eu iria beijá-la – muito em breve. Um beijo de vitória seguido de uma trepada de vitória.

Mas, primeiro, havia muitas incógnitas. Celia e Dirk poderiam ter tido uma briga que não tinha nada a ver comigo. Eu precisava de mais informações antes que pudesse realmente comemorar o sucesso. E eu precisava da minha fonte para dar-me essas informações sem perceber que eu estava curioso.

Com minhas mãos livres da garrafa, fui para mais perto de Christina, pressionando-a ainda mais contra a parede. Meu pau endureceu com o contato de corpo inteiro.

– Por que Celia foi fazer isso? Eu pensei que ela estava realmente a fim desse namorado.

Christina gargalhou.

– Pensou nada. Você pensou que ela estava a fim de você – Ei! Então, não havia necessidade de encobrir o meu interesse, afinal. – E ela está. Ela terminou com ele por sua causa. – A garota apertou sua pélvis contra o meu pau.

Uma onda de triunfo passou por mim. Minha pulsação acelerou tanto pela emoção de minha conquista quanto pelo conhecimento de que eu estava prestes a foder, e foder muito. Era quase doloroso prolongar a celebração, mas eu também conhecia o prazer de gratificação atrasada.

Christina passou o dedo ao longo da minha mandíbula.

– Obviamente, você não retorna o mesmo sentimento a ela.

– E ela pensa em você como uma amiga próxima, Christina. Obviamente, você não retorna esse sentimento. – Cara, que gente desprezível nós éramos. Merecíamos um ao outro. Pelo menos, naquela noite.

– *Au contraire*. Eu a amo como uma irmã. – Ela arrastou as mãos para cima, subindo pelos lados de minha camisa, enviando faíscas de eletricidade zumbindo pelas minhas veias. – Mas ela não é material para Hudson Pierce. Celia nunca poderia lidar com você.

– E você acha que pode?

Foi a minha vez de sorrir. Como se alguém pudesse me segurar. Era eu quem sabia lidar com as pessoas. Assim como estava lidando com Christina Brooke. Ela pode ter pensado que tivesse me seduzido do outro lado da sala, mas era eu quem estava no controle. E quando a pegasse, seria em meus termos.

Mas permitir que ela acreditasse que tinha o poder foi metade da diversão.

– Eu sei que posso.

O queixo dela se projetava para a frente em um desafio. Ou ela estava insinuando que queria ser beijada – provavelmente uma combinação das duas coisas.

– Interessante.

– Você acha? Pois eu vou mostrar o que eu acho que seria interessante.

Ela me agarrou através da minha calça, e fiquei ainda mais duro em sua mão. Se ela continuasse desse jeito, eu iria gozar bem ali.

Isso não estava acontecendo. Eu precisava meter nessa garota. Precisa meter profundamente. Tinha que expulsar aquela estranha mistura de vitória e autoaversão que agora estava mexendo com a minha cabeça. Esperar já bastava. Era hora de agir e desfrutar de meus desejos.

Inclinei-me ao ouvido de Christina.

– A menos que isso comece com a minha língua em sua boca e termine com meu pau em sua boceta, eu não quero ouvir mais nada.

Seus olhos dilataram enquanto a garota me olhava sob seus longos cílios.

– Vamos para o meu quarto, que tal?

Mas não tinha que ser em um quarto. E nem sequer tinha que ser em particular.

– Eu vou te dar dois minutos e, onde quer que estejamos nesse tempo, será onde você será comida.

Ela me levou lá em cima e para seu quarto dentro desse limite de tempo. Mas foi por pouco. Assim que a porta se fechou atrás de nós, eu estava sobre ela. Com minha boca amassada sobre a da garota num beijo erótico. Mergulhei meus lábios imediatamente entre os dela, estabelecendo imediatamente o meu domínio. Este não seria o sexo brincalhão. Este não seria o sexo doce e suave. Seria sexo violento. Este seria o sexo feito em meus termos.

Rompi o beijo por tempo suficiente para puxar o top de Christina sobre a cabeça. Minhas mãos espalmaram seus seios enquanto retomei meu poder sobre sua boca. Ela gemeu quando mordi seus lábios. Ela suspirou enquanto apertava seus seios. Ela gritou quando belisquei seus mamilos. Ela adorou cada segundo disso.

Eu tinha perdido minha virgindade antes dos dezesseis anos, e nos três anos depois em que exerci minha atividade sexual, ampliei bastante minha exploração sobre técnica e estilo. Houve momentos em que adorei totalmente a ideia de excitar uma mulher. Isso era um estímulo para mim, não porque eu me importasse muito se minha parceira estivesse tendo prazer, mas porque era uma chance para eu destilar meu poder. Como qualquer das minhas experiências, eu ansiava pela dissecação de causa e efeito. Eu me alegrava em adivinhar o efeito que minhas ações teriam sobre cada uma das minhas amantes.

Eu sabia como Christina iria querer isso, tendo observado suas reações iniciais à minha conversa picante. Ela queria que eu agisse como o dominante e controlador. Felizmente, isso era exatamente do jeito que eu queria que fosse naquela noite.

Sem desembaraçar minha língua da dela, eu a empurrei de volta para a cama. Ela começou a se sentar, me puxando para baixo com ela, mas a garota não estava no comando dessa experiência. Eu é que estava. Então, me afastei, exercendo minha dominação, e pedi que ela ficasse de pé novamente. Virei o corpo dela, colocando-a de costas para mim e a empurrei para a cama, de modo que sua bunda ficou no ar para mim. Coloquei minhas mãos na parte superior das coxas da garota e acariciei subindo até a bunda, puxando a saia até a cintura. A bunda era redonda, gorda, perfeita para apertar. Perfeita para morder.

Afastando a calcinha de lado, passei minha língua através de sua fenda e, em seguida, apertei os dentes na carne de seu traseiro. Ela uivou e meu pau saltou. Eu dancei o meu dedo sobre o seu buraco e encontrei-a toda molhada e pronta. Graças a Deus eu não tive que colocar muito esforço para prepará-la. Porque eu estava ansioso para estar lá dentro.

Empurrei a calcinha até os joelhos.

– Abra suas pernas – ordenei, quando abri meu zíper apenas o suficiente para liberar meu

pau pulsante.

Então, sem aviso, empurrei o pau para dentro dela, enchendo-a profundamente com o meu primeiro impulso. Merda, ela era apertada, e eu percebi que não estava tão pronta quanto achei que estivesse. Mas isso foi bom. Ela era incrível pra caralho – confortável e apertada em torno de mim.

Segurando seus quadris, comecei a estocar a garota em um ritmo constante, minha calça caindo ainda mais para baixo das minhas coxas. Eu assistia a meu pau enquanto ele empurrava e voltava para fora. Isso me deixou ainda com mais tesão. Esta era a minha posição favorita – meter por trás. Era a visão mais erótica e decididamente menos íntima do que face a face. Além disso, era muito delicioso.

– Por favor, me diga que está tomando pílula.

Eu tinha sido imprudente ao não colocar um preservativo, mas, francamente, eu estava me sentindo invencível. O triunfo do rompimento de Celia, a forma como meu plano havia se desenrolado da maneira que eu havia previsto, o fato de que eu estava transando com a menina de minha escolha e do jeito que eu queria, esse era um momento poderoso para mim. Eu me sentia eufórico com ele.

– Sim, a pílula...

A voz dela tremia e eu penetrei mais forte, mais rápido, o som das minhas bolas batendo contra sua pele sendo a sensual trilha sonora de nossa relação sexual.

– Claro que está tomando, porque você é uma putinha suja, não é? Você tem que tomar precauções, porque nunca sabe quando vai dar para alguém. Que será sempre que tiver a oportunidade.

Nem sempre eu usava essa fala humilhante durante o sexo, mas era um toque agradável quando a menina concordava com isso.

O canal de Christina se apertou em torno de meu pau. Ela estava definitivamente a fim dele.

– Fale – exigi. – Diga-me que você é uma puta suja. Diga-me que você gosta de ser fodida.

– Eu sou... Eu sou uma vagabunda suja. Gosto de ser fodida.

Ela mais gemeu do que falou, e imediatamente ficou mais molhada.

– Isso, você ama isso. – Larguei o quadril da garota e me inclinei sobre o corpo dela para que eu pudesse estar perto de seu ouvido. – Agora, Christina, você precisa se preparar para gozar. Porque eu vou gozar em breve e não pretendo esperar por você. Mas você é tão boa de ser comida que acho que não vai ser um problema.

Alcancei debaixo dela para esfregar seu clitóris enquanto eu falava. Eu queria que ela apertasse meu pau com seu orgasmo.

Não sei se foram minhas palavras ou minha fricção, mas Christina obedeceu, e rapidamente entrou em erupção em torno de mim com um grito.

Lá estava, era disso que eu precisava. Eu a segui com um grunhido baixo e longo. Meus dedos voltaram para seus quadris, cavando em sua pele enquanto eu pulsava para fora as últimas gotas de meu clímax.

Eu ainda estava dentro dela quando a porta do quarto se abriu.

Automaticamente, meu rosto se virou para ver quem era o nosso público. Meus olhos então se conectaram com olhos azuis familiares – Celia.

Cara, minha noite não poderia ficar melhor! Eu já achava antes que meu plano tinha terminado de forma perfeita, mas isto foi realmente a cereja no bolo. Agora, neste momento, Celia iria perceber que eu realmente não sentia as emoções que a levei a acreditar que sentia. Pensei que eu teria que ter uma conversa sobre isso. Mas, oh, a verdade é que as ações falam mais alto que palavras.

Celia congelou em seu lugar. Seus olhos corriam de mim para Christina e de volta para mim. Tudo pareceu levar minutos, mas, na realidade, apenas alguns rápidos segundos se passaram antes que suas mãos voassem para cobrir os olhos.

– Oh, meu Deus.

Foi só então que Christina notou nossa intrusa.

– Porra! Celia.

Ela mexeu-se para sair debaixo de mim, mas eu a segurei no lugar.

– Eu sinto muito. – A voz de Celia estava rachada. – Eu cometi um erro terrível.

Ela se virou e saiu do jeito que tinha entrado.

Eu poderia ter ido mais um round – meu pau estava duro novamente por causa da interrupção de Celia –, e a última coisa que ele queria era retirar-se do seu casulo quente. Mas eu estava desesperado para provocar mais reações de Celia. Esta devia ser a fase final do experimento, o registro dos resultados. Eu tinha que saber o que ela estava pensando, o que ela estava sentindo. O que ela *pensou* que estava sentindo.

Sem demora, vesti a calça e dei instruções para Christina.

– Tire a sua saia e calcinha e espere por mim aqui. Da próxima vez não vou ser tão gentil.

Vi quando ela se preparou para obedecer quando a deixei ali. Meu pau pulsava, gritando comigo para ficar. Meu coração, por outro lado, batia violentamente com o resultado emocionante da minha experiência. A adrenalina e uma capacidade de adivinhar para onde Celia iria – para seu carro – me permitiram compensar a distância que ela colocou entre nós, embora eu não a visse até quando estava fora da casa.

– Celia, espere – gritei através do gramado frontal.

Tentei parecer com urgência e em pânico. Temia estar parecendo muito contente.

Ela não se virou para mim, mas me reconheceu com seu dedo médio.

– Foda-se, Hudson.

– Vamos lá, espere.

Corri para alcançar a garota. E quando estava perto o suficiente, eu estendi a mão para seu braço.

Celia se arrancou de minha mão e, em seguida, virou-se para me encarar.

– O quê? O que você quer de mim?

Lágrimas caíram em torrentes por suas bochechas. Sua voz era surpreendentemente estável considerando o estado em que estava. O olhar, no entanto, era desconcertante. Sua mágoa óbvia cutucou alguma coisa nas minhas entranhas, algo com o qual eu não tinha nenhuma familiaridade.

Corri a mão pelo meu cabelo, um pouco surpreso. Uma respiração mais tarde, consegui dizer algo.

– A gente ia conversar. Eu vim aqui esta noite para a gente conversar.

Ela riu, sua expressão em total contradição com a corrente de lágrimas que fluía de seus olhos.

– Isso é foda... Muito hilário. Você veio aqui para falar comigo e o quê? Como não conseguiu me encontrar, decidiu ir *conversar* com Christina, no meu lugar?

Isso foi excelente. Sua emoção era pura, crua. Ela me intoxicou de uma forma que poucas outras coisas conseguiriam. Eu queria engarrafá-la, inalá-la, levá-la e processar seus sentimentos em profundidade. Desde que nada disso era possível, queria tirar o máximo proveito que pudesse antes que Celia fosse embora.

Dei um passo em direção a ela. Ela deu um passo para trás.

– O que é que eu fiz de errado, Celia? – Minha voz era firme e controlada, em oposição gritante com a dela. – Você age como se eu lhe devesse alguma coisa. O que exatamente você acha que está acontecendo entre nós?

Um soluço escapou de seus lábios e ela enxugou as lágrimas com a mão.

– Eu te disse que te amava, Hudson. Você me beijou.

Outro passo em direção a ela.

– *Você* me beijou.

– E você insinuou que a única razão que você parou foi porque eu tinha um namorado.

Ah, seu lado. Os detalhes da minha armadilha cruel, pronunciados de volta para mim como uma melodia que eu tivesse orquestrado, mas que só agora estivesse ouvindo. Era maravilhosa.

Olhei para os meus pés, escondendo os cantos de um sorriso.

– Não. Não, Ceeley. – Ergui os olhos para ela. – Eu realmente sinto muito se você teve a

impressão errada. Eu estava simplesmente lembrando para não jogar fora o seu relacionamento com Dirk simplesmente porque você se lembrou de como se sentiu uma vez por mim...

– Como eu me sentia por... – Seus olhos queimavam com incredulidade. – Isso não foi o que aconteceu. Você estava sentindo coisas por mim também.

– Não. Eu não estava. – Aqui vinha o grande momento de meu ato. Minha alegria em realizá-lo foi uma prova de minha natureza sádica. Eu suavizei a minha expressão. – Quero dizer, eu me importo com você. Um montão. Sempre me importei, sempre me importarei. Eu sei que é provavelmente difícil de ouvir, mas isso é tudo o que já senti em relação a você.

Eu era bom. Eu sabia. Eu senti isso.

Exceto que Celia não desmoronou da maneira que eu esperava. Na verdade, as lágrimas diminuíram e as sobrancelhas ficaram franzidas em confusão.

– O quê... O que você está fazendo, Hudson?

O jeito com que ela olhou para mim, a maneira que seu olhar me perfurou... O que ela sabia? Será que ela descobriu que era tudo uma encenação? Mas não havia como ela descobrir. Quem iria imaginar?

Fiz uma longa pausa antes de responder.

– Estou tentando endireitar essa confusão.

Celia me estudou.

– Não, você não está. Você está fugindo.

Os ombros dela, caídos apenas um momento antes, estavam enquadrados com força renovada. Foi ela desta vez que deu um passo em minha direção.

E fui eu quem recuou.

– Você está convencido de que não deve ter permissão para sentir alguma coisa ou que abrigar emoções vai tornar você fraco ou algo igualmente ridículo, e então está me empurrando para longe.

Minha calma foi se desfazendo. Suas palavras, elas me picaram. Me morderam. Me queimaram. E, como o dragão que ficou irritado com as tentativas medíocres de seres humanos para arrastá-lo para baixo, fiquei furioso.

E Celia se aproveitou desse meu revés.

– Para de me empurrar para longe – pediu ela.

A suavidade desse pedido, a doçura nos olhos dela, a sinceridade de sua postura, tudo isso me deixou agitado. Lá estava ela, assumindo coisas sobre mim novamente. Ela queria ver-me sentir? Bem, eu estava sentindo toda uma tempestade de raiva.

– Você não tem uma porra de uma ideia do que está falando! – gritei.

O ataque dela – porque me recusei de chamar aquilo de alguma outra coisa – não cedeu.

– Pare com isso, Hudson. Pare de mentir para mim. Pare de mentir para si mesmo. Este não é você.

A fúria se espalhou pelo meu corpo de tal forma que me impeliu para a frente, até que eu estava a um palmo de seu rosto.

– Esse é quem eu sou, Celia. Não se atreva a pensar que sabe de algo diferente. O que você vê é o que você recebe.

– Você é um covarde de merda. – Sua voz travou e eu saboreava a vitória. Para seu crédito, ela não recuou. – Esta foi a sua chance de ser um homem, Hudson. Eu poderia até mesmo ter perdoado a sua coisa com Christina se tivesse pelo menos conseguido ser honesto agora.

– Você poderia me perdoar? – Meus olhos se arregalaram com uma exclamação simulada. – Sério? Puta merda, como é que vou conseguir continuar em frente sem o seu perdão?

Minha voz estava estranhamente alta. Eu não me importava. O veneno estava vomitando de dentro de mim, quer eu quisesse ou não, e eu *queria*. Já não se tratava mais de um experimento sobre as emoções humanas. Eu queria magoar Celia, queria feri-la. Ela era o próprio exemplo de como o amor enfraquecia uma pessoa. Ela foi patética. Eu detestava essa garota.

Eu me odiava por contribuir para essa criação.

– Apague o covarde. Eu quis dizer idiota. – Ela era muito gentil comigo.

Afastei-me dela, não como um recuo, mas de desgosto. Eu estava consumido por isso, pela emoção se enrolando em torno de minhas entranhas como uma cobra.

– Jesus, você é realmente uma panaca, Celia Werner. O que você achou que ia acontecer entre nós? Você pensou que eu ia te amar? Você achou que a gente ia cavalgar ao pôr do sol juntos, como nos comerciais de TV? Quem precisa parar de mentir para si mesma é você. Isso é um conto de fadas, Ceeley, e eu parei de acreditar nessas coisas há muito tempo. É hora de você crescer, garota.

Já estava cheio dela. Cheio de tudo isso. Eu a deixei lá, chorando na beira da calçada. Eu não me virei para trás uma vez.

As próximas duas horas que passei foram aliviando meus nervos de forma carnal com Christina. Transei com ela forte e demoradamente e de forma inexorável até que ela estava em carne viva e eu estava dormente por dentro e por fora. Uma dose rápida de uísque antes de sair da casa dos Brooke manteve essa dormência agarrada em mim até que parei no meio-fio em Mabel Shores. Fechei os olhos e descansei minha cabeça por um momento no volante do meu BMW Z4, um presente dos meus pais por ter terminado a escola secundária. Eu me sentia... cansado. Exausto. Drenado. Certamente tinha uma boa quantidade de anotações para adicionar aos meus registros. Meus resultados foram satisfatórios, embora

não tão precisos quanto eu teria desejado. Uma parte de mim queria estudar mais um pouco esse veio, por exemplo, será que outro Objeto reagiria como Celia, se voltando contra mim? Ou teria sido sua estreita relação comigo que produziu os resultados que eu vi?

Mas a maior parte de mim nunca mais queria realizar experimentos com um objeto que fosse tão próximo. Era um objeto pouco confiável para um estudo desses. A partir de então, prometi a mim mesmo, a minha investigação seria realizada o mais distante possível de casa.

Estava tão distraído que não notei o carro de Celia até sair do meu. Ele estava estacionado na outra extremidade do círculo diante da minha casa. E essa aparição tinha um quê de sinistro – não gostei do que isso poderia significar. Fui até lá para me certificar de que ela não estava esperando lá dentro. E não estava. Então fui para dentro da casa. A porta da frente estava trancada, o que significava que, se Celia estivesse lá dentro, teria sido convidada a entrar antes de a casa ser fechada para a noite.

Eu pretendia procurá-la, mas parei quando descobri Mirabelle enrolada, lendo na escadaria principal.

– Por que você ainda está acordada?

– O que você tem com isso? – Minha irmã deve ter percebido que eu não estava com disposição para a atitude dela porque emendou rapidamente. – Estamos de férias e não tenho hora para me recolher. E nem uma babá tomando conta.

Certo. Erin tinha sido demitida. A mãe devia ter vencido a batalha.

Se tivéssemos pais que dessem a mínima, Mirabelle teria hora de dormir, quer fossem férias ou não.

– Bem, já que você está acordada... – Eu poderia muito bem usá-la para obter informações. – O que o carro de Celia está fazendo aqui?

Minha irmã encolheu os ombros.

– Ela veio. Eu disse que você não estava em casa e ela disse que iria esperar por você no pátio. Isso foi, tipo, há duas horas. Deve ter dormido lá fora.

– Caralho... – murmurei baixinho.

Eu não estava com disposição para lidar ainda mais com Celia naquela noite. Mas seria ainda pior ter que explicar porque ela estava dormindo em uma cadeira da piscina na manhã seguinte.

Acenei com a cabeça para as escadas.

– Vá para a cama, Mirabelle.

– Eu não...

– Vá para cama.

– Tá... – Ela se foi pisando fundo escada acima resmungando algo sobre “nunca se pode

ter alguma diversão".

Eu esperei até que ela estivesse fora de vista antes de ir checar Celia. A última coisa que eu precisava era Mirabelle como testemunha de tudo o que ia acontecer a seguir.

O pátio externo estava vazio, então desci para a piscina para ver se Celia tinha terminado ali. Ela não estava lá. Eu estava prestes a ir para a praia quando notei as luzes acesas na casa de hóspedes. Meu pai tinha ficado lá depois da festa da noite anterior, e de manhã minha mãe mandou levarem as coisas dele para lá também. Talvez Celia tivesse ido até lá à minha procura.

Eu só tinha dado dois passos em direção a casa quando a porta se abriu. Celia saiu em seguida, e meu pai apareceu na porta atrás dela. De onde eu estava, e no escuro, não podia ter certeza, mas parecia que ele não estava usando nada além de sunga ou cuecas boxer. Ele estendeu a mão e deve ter dito alguma coisa, porque Celia se voltou para ele. Ela pegou a mão dele. Meu pai a puxou para perto. E os dois se beijaram. Não foi um beijo longo, mas eu sabia que tipo de beijo era. Não foi um primeiro beijo, era uma espécie de beijo no gênero obrigado-pela-trepada.

Meu estômago se agitou, e desviei o olhar. Dei um passo para trás na escuridão para permanecer invisível e também para ficar fora do caminho caso vomitasse – prefiro fazer isso na grama.

Em algum momento o beijo deve ter terminado, porque quando eu olhei para trás, a porta estava fechada e Celia estava na metade do caminho para a entrada de carros. Ela diminuiu um pouquinho suas passadas quando me viu, mas não parou. Quando ela passou por mim, pude enxergar mais claramente e notei que seus lábios estavam inchados, o cabelo e as roupas, uma bagunça. Nós não dissemos uma palavra um ao outro, mas uma conversa transpareceu, no entanto. Com meus olhos, eu disse a ela que sabia. Com seus olhos, ela me disse que estávamos quites.

Com o nosso silêncio, dissemos que tinha terminado. Que nós tínhamos terminado.

Foi um entendimento compartilhado. Logo ela se foi e, poucos minutos depois, ouvi o carro arrancar lá fora.

Então eu caminhei até a casa de hóspedes. Celia e eu poderíamos ter resolvido as coisas, mas meu pai e eu, ainda não. Ele tinha feito um monte de merda antes, mas isso não podia ficar assim sem que eu desse meu pitaco. Porque tinha sido muito baixo. Comer a filha da melhor amiga de sua esposa a menos de cem metros de distância de onde sua mulher dormia? Não admira que eu não tinha nenhum senso de ética.

A luz no interior da casa agora estava apagada, mas bati na porta levemente, de forma que ele pensasse que Celia tinha voltado, e não que era seu filho adulto. Não demorou muito para que ele abrisse a porta, e quando o fez, eu estava pronto. Eu lhe dei um soco na

cara. Com força.

Deixei-o lá xingando e segurando sua bochecha. Ele não precisava de nenhuma explicação para o meu comportamento. Ele poderia ser um panaca estúpido, mas não era idiota.

A noite não tinha sido exatamente como fora planejada. Mas finalizei a minha experiência. Eu terminei o drama com Celia. Eu aprendi mais sobre como a ideia do amor afetava o comportamento humano. E conseguira até mesmo dar uma trepada.

Mas se essa noite tinha sido assim tão gratificante, por que eu me sentia tão vazio, caralho?

Com a cabeça latejando e o peito apertado, demorei algum tempo para pegar no sono. Quando finalmente consegui, sonhei que estava em chamas, que as chamas me lambiam, me queimando, me roubando o oxigênio, me destruindo. Acordei suando. *Pesadelo do caralho*. Ele não tinha nenhuma verdade.

Na realidade, eu não estava em chamas. Eu *era* o fogo.

9

Depois

Já se passaram dois dias desde que beijei Alayna pela primeira vez. Ontem, ela veio ao meu escritório e aceitou a minha proposta. Fiquei surpreso, para dizer o mínimo, pois pensei que eu iria precisar de mais tempo para trabalhar nela. Fiquei contente, porque eu poderia, então, me concentrar nos aspectos de nosso relacionamento que me interessavam mais.

Depois de nosso acordo ter sido resolvido, eu a levei ao meu loft e a fiz gozar com meus dedos e minha língua. A experiência foi diferente de qualquer outra que tive com uma mulher. Embora não tivesse sido a primeira vez que dei prazer a uma garota sem nenhuma expectativa de retorno, essa foi a primeira vez que não tinha sido sobre mim. Normalmente, meu foco se concentra em minhas próprias habilidades. Estou sempre estudando, investigando. Assistindo e mentalmente registrando como as minhas ações provocam respostas nas mulheres com quem estou. Adoro experimentar e encontrar os pontos de gatilho nelas. Adoro descobrir como fazê-las gozar. É intrigante. É fascinante. É também muito autocentrado.

Com Alayna, no entanto, os meus pensamentos não estavam em mim, exceto no sentido de como eu poderia fazer com que a coisa toda ficasse melhor para *ela*. Desde seu primeiro gemido, tornei-me seu escravo. Tudo o que fiz depois disso foi para ela – para seu prazer, para a sua libertação, para sua satisfação. Todo o meu ser desapareceu no propósito singular de fazê-la sentir-se bem. Embora o episódio tenha terminado com meu pau duro e desconfortável dentro da minha calça, foi a mais fantástica experiência sexual que eu já tive.

Fizemos planos para que a gente pudesse se encontrar esta noite. Eu não consigo parar de pensar em estar dentro de sua vagina. E estou tão preocupado com isso que fiz sem entusiasmo nenhum muitas das minhas outras obrigações, incluindo Celia. Não tenho falado com ela há dias e sei que ela está ansiosa por notícias. Não querendo que isso perturbe a minha noite, acho que é melhor falar com ela antes de Alayna chegar.

Pouco depois das três, eu saio do meu escritório, com a pasta na mão, e peço a minha secretária para liberar a minha agenda pelo resto da tarde. Então venho até o loft usando o elevador principal, de modo que até mesmo ela não saiba que ainda estou no prédio. Isso reduz as minhas chances de ser perturbado.

Uma vez lá, faço a chamada que eu estava temendo.

– Já era tempo, porra! – diz Celia no lugar de uma saudação.

– Desde quando eu tenho que lhe dar retorno toda hora?

Olho ansiosamente para o meu bar, mas prefiro estar com todos os meus sentidos intactos para quando Alayna chegar, mais tarde.

– Não é uma exigência, seria apenas cortesia. – Celia está mais calma agora. – Até agora, não sei se vamos seguir em frente ou não.

– Vamos em frente.

Massageio a ponte do meu nariz e um sabor amargo se reúne na minha boca. É culpa isso que estou sentindo. Embora existam poucas emoções com as quais estou familiarizado, a culpa é uma das que conheço muito bem. Ela é o maior problema sobre meus ombros. O problema que tenho que carregar por todo lugar aonde eu for.

– Ótimo. – A satisfação na voz dela é transportada até mim. – Quer dizer que nossa primeira atividade será neste domingo, no evento de caridade de sua mãe?

– É.

Eu não vou contar a Celia que verei Alayna antes disso. E nem vou contar a natureza do tempo que passamos juntos, por nenhuma outra razão que não seja que isso não é da conta de Celia. Eu realmente acredito que Celia aprovaria – quanto mais tempo eu passar com Alayna, mais será provável que a garota se apegue a mim. Esse é o risco que estou correndo com a minha futura amante, mas tenho fé em Alayna.

Além disso, eu não posso evitar...

Apesar de não ser necessário, Celia e eu já concordamos que ela vai estar presente nos principais eventos de nossa farsa. Eu suspeito que ela vai tentar pressionar para estar presente em outros eventos mais, e isso não irei permitir.

– Bem, precisa de mais alguma coisa, Celia?

– Não, eu só queria saber mais sobre os detalhes.

Balanço a cabeça, negando, embora ela não possa me ver.

– Não vou lhe dar os detalhes, nem hoje e nem no futuro. Não vou ficar batendo o ponto com você e nem receberei telefonemas seus relacionados a esta situação. – Sinto que ela está prestes a me interromper, mas falo antes. – Arranjei as coisas conforme você queria, Celia. E seguirei em frente, apesar de eu perceber que não tenho nenhuma razão neste momento para fazê-lo.

– Porque você é dono da discoteca agora? Hudson, você sabe tão bem quanto eu que eu iria encontrar uma outra maneira de seguir com a minha experiência. – O clique de seus saltos no chão sugere que ela está andando enquanto fala. – Eu estou envolvida neste projeto agora. E não vou abrir mão disso. Porque tem um grande potencial. Francamente, estou desapontada que você não esteja tão intrigado como eu pela psique emocional de

Alayna Withers.

Estou tão curioso quanto Celia. Mais até, quem sabe, mas não vou dar-lhe a satisfação de confirmar isso.

Então desvio o assunto.

– Não acho que você irá conseguir os resultados que acredita que terá.

Especialmente depois de passar um tempo com Alayna. Cada minuto na presença dela me deixa mais convencido de que ela é mais forte do que parece.

Celia ri.

– Temos diferentes hipóteses. Isso só me intriga mais. Você sabe disso.

Eu sei e também compreendo. Uma lembrança se acende no fundo da minha mente, uma situação semelhante, uma conversa similar. O objeto de estudo era uma mulher que trabalhava para um dos clientes da empresa de decoração de Celia. O noivo dela tinha flertado com Celia, bem inocentemente, em uma festa de empresa. Foi o suficiente para interessar Celia a entrar em um jogo. Criamos então um esquema em que eu disse à mulher que seu noivo tinha sido infiel. A minha teoria era a de que o objeto de estudos iria perdoar a indiscrição. Mas Celia acreditava no contrário.

Essa trama tinha muito pouco interesse para mim, exceto pela diferença em nossas teorias. Nós fabricamos a prova que depois apresentei ao objeto de estudo. Era uma prova bastante crível. No final, a mulher acabou perdoando seu noivo.

Mas ela também me deixou fodê-la contra a parede do banheiro feminino.

Ou ela não dava muito valor à fidelidade ou isso foi uma foda de vingança. Seja como for, fiquei satisfeito porque a minha hipótese estava correta. Celia estava errada.

Mas mostrar a Celia que eu divergia de opinião sobre a conclusão prevista só aumentou seu interesse no experimento com Alayna Withers. Foi um erro, eu percebo agora. Normalmente não sou tão desleixado assim. Será que é porque eu estive tanto tempo fora do jogo? Ou é Alayna que me abala dessa forma?

Eu realmente não tenho ideia.

Um bip no meu ouvido indica que uma mensagem de texto veio através do meu Blackberry.

– Celia, tenho um assunto que eu preciso cuidar. – Não importa sobre o que seja a mensagem, pelo menos é uma desculpa para sair do telefone. – Vejo você no evento, domingo.

Não espero pelas despedidas dela e desligo antes de terminar a chamada. Então, verifico minhas mensagens. Esta que chegou é de Jordan, que agora está oficialmente servindo de motorista e de segurança de Alayna ao invés de simplesmente ficar seguindo a moça. Ele está avisando que já a pegou e a está trazendo ao meu edifício. Trazendo-a para mim.

Me preparo o melhor que posso para Alayna, escovando os dentes e tirando o paletó. Por dentro, sou uma bola de energia nervosa. Não me lembro da última vez que fiquei esperando pelo momento de fazer sexo com tanta avidez. Na faculdade, talvez? No colegial?

Não, não acho que alguma vez estive assim, tão ansioso. Essa percepção me faz me acalmar um pouco. Não querendo que a situação vá ficar fora de controle, ou que chegue a assustar Alayna, decido ir mais devagar. Quando ela chegar, vou manter nosso contato ao mínimo até que a gente tenha a chance de nos acomodar com a situação. Vou pedir o jantar primeiro. E depois, vamos pensar em ir para o quarto com calma.

Fico caminhando em frente à porta de entrada em antecipação à chegada de Alayna. Minutos antes de ela chegar, meu telefone toca. É um telefonema de negócios, Roger Kingsley, um membro do conselho da Plexis. Ele não estaria chamando numa sexta no final da tarde, se não fosse importante.

– Roger – respondo. – O que está acontecendo?

Roger prossegue para me informar da situação emergencial na Plexis. Os lucros foram para baixo, e alguns dos outros membros do conselho estão interessados em vender sua parte. A venda resultaria no desmantelamento da empresa. Um monte de empregos seria perdido.

– O conselho está avaliando seriamente esta última oferta – ele me diz.

– Porra – murmuro.

Começo a afrouxar a gravata e desabotoo o botão de cima da minha camisa, tentando aliviar a sensação sufocante que me invade. Esta notícia me perturba. Uma das poucas coisas que me interessam na vida é a minha corporação. Eu não quero que meus funcionários sejam ferrados desse jeito.

– E as coisas não vão ficar melhor, Pierce – continua Roger. – Eu sei que você está chegando na segunda-feira, mas Grant e alguns dos outros estão planejando fazer uma votação no fim de semana.

Estou prestes a entregar outra sequência de palavrões quando ouço a batida dela na porta.

Alayna está aqui.

Eu abro a porta e lá está ela – linda e corada. Sua roupa já está um pouco mais discreta em comparação às outras roupas que eu a vi usando, embora o short listrado pudesse ser um pouco mais comprido. As pernas são torneadas e elegantes, e eu já estou imaginando essas pernas em volta de mim.

De repente, já não dou a mínima para Plexis. Eu só me preocupo com ela.

De alguma forma, isso me faz pensar de novo em minha conversa pelo telefone.

– Roger, eu não quero ouvir que perdemos esta empresa porque minha equipe não foi capaz de prever a possibilidade de separação. – Seguro o receptor longe de minha boca. –

Entre – sussurro para Alayna.

Ela entra, e fecho a porta atrás dela. Eu me viro para olhar para ela. Alayna está me devorando com os olhos e isso mostra as faíscas de meu próprio desejo. A energia que corre entre nós é espessa e palpável. Jesus, eu pensei que estava excitado antes. Agora, estou desesperado por ela.

Roger está no meio da frase, mas, para mim, esse telefonema já se encerrou.

– Cuide disso, Roger. Espero que esse assunto esteja resolvido antes que eu chegue na segunda-feira.

Eu lanço meu telefone em cima da mesa, meus olhos ainda presos aos de Alayna. Um silêncio paira sobre nós. Não é desconfortável, necessariamente, mas é pesado.

– Oi – sussurra ela.

A garota não está conseguindo aguentar a antecipação. Está nervosa. E adorável. E sexy como os diabos.

Eu não posso deixar de sorrir.

Então ela está em meus braços, a boca esmagando a minha. Por uma fração de segundo, lembro de meu plano de ir devagar. E rapidamente o abandono. Ela tem um sabor tão delicioso, a sua língua lambendo em minha boca, passando através de meus dentes. Ela está tão desesperada como eu, e estou determinado a atender a suas necessidades.

Eu também estou determinado a tocá-la. Minhas mãos passam por debaixo de sua camisa, e logo estou acariciando seus seios. Eles são firmes e perfeitos. Seus mamilos já estão durinhos sob o sutiã. Eu preciso dela sem roupa para que eu possa tocá-los e sugá-los. Eu preciso dela debaixo de mim.

Mas, então, sinto que retorna aquele estranho desejo, o de ontem. Aquele desejo em que quero fazê-la sentir-se bem, mais do que procurar o meu próprio prazer. É tão intenso que esqueço a necessidade dolorida que vem surgindo através de minhas veias.

Eu me forço a afastá-la.

– Jesus, Alayna. Eu te quero tanto, mas não estou me comportando.

– Hudson. – Sua voz é entrecortada e cheia de desejo. Ela dá um passo em minha direção. – Se isso é se comportar mal, então, por favor, não pare.

Ela desliza a minha camisa sobre meus ombros – caramba, nem tinha percebido que ela já havia desabotoado toda a minha camisa –, então se inclina para frente e lambe meu peito.

Involuntariamente, começo a gemer.

– Pelo menos deixe-me levá-la para a cama. Se você continuar assim, eu vou te foder contra a porta.

Agora estou pensando em transar com ela contra a porta. Cara, isso seria muito bom, mas

não é o que ela merece.

– Isso não me parece a pior coisa do mundo – murmura ela quando a levo para meu quarto.

Coloco na minha lista mental a transa na porta.

– Não, não é mesmo. – Na cama, puxo-a para meus braços e enterro meu rosto em seu pescoço. – Mas não seria capaz de saborear você corretamente e eu me arrependeria até o fim dos meus dias.

E eu desejo muito saboreá-la. Eu quero fazê-la sentir-se bem. Porque sei que ela nunca foi agradada do jeito que vou agradá-la. Não porque acho que sou um amante melhor do que ela já teve, embora isso provavelmente seja verdade, mas porque eu não vou deixar que seja de outra maneira.

Agora, preciso de seus seios na minha boca.

Eu puxo sua camisa, meus olhos arregalados ao ver como ela está gostosa na sua lingerie preta. Mas eu a quero sem roupa. Abro o sutiã e atiro no chão. Alayna se empurra para mim, aparentemente querendo se esconder. Eu não posso deixar que isso aconteça. Tenho que me regalar com ela com os olhos. Eu a seguro para que possa vê-la.

Deus, ela é perfeita.

– Imaginei que você teria belos seios, Alayna. Mas não tinha ideia...

Nem consigo mais falar. Meus olhos estão colados naqueles peitos, e empurro a garota para se sentar na minha cama. Então me ajoelho em frente a ela e engulo os seios com a minha boca. Prendendo seu peito com uma das mãos, brinco com a minha língua sobre o mamilo. A respiração dela fica instável, mas percebo que isso não será suficiente para ela. Alayna quer algo mais forte.

Uma bela foda.

Com um grunhido, pego aquele bico cor-de-rosa em minha boca, sugando e puxando, primeiro uma mama e depois a outra. Ela grita, ofegante e agarrando o meu cabelo. Eu provavelmente poderia fazê-la chegar ao clímax apenas com isto. Ela é tão sexy com seus sons e cheiro que estou prestes a gozar nas minhas calças.

Eu forço minha boca para se mover para baixo, beijando ao longo de seu estômago.

– Você é tão gostosa. Eu poderia passar o dia todo chupando seus seios lindos. – Empurro Alayna de volta na cama. – Mas sei que tem muita coisa mais que você vai adorar.

Tiro o short e a calcinha dela. Mas a garota pergunta sobre os sapatos. Olho para eles, que têm no mínimo dez centímetros de salto. Ela parece deliciosa vestindo isso, e quero que ela calce *apenas* sapatos assim.

– Eu quero seus sapatos cravando em minhas costas quando você enrolar suas pernas em volta de mim – digo.

Ela treme, e eu estou eufórico. Eu já aprendi que ela gosta das coisas um pouco mais bruscas. Agora eu sei que ela gosta de ser dominada também. Eu lhe teria dado tudo aquilo que ela quisesse, mas ser mais brusco e dominante é do jeito que gosto de foder. Então, agradar-lhe será mais fácil do que eu pensava. E vai ser muito mais divertido.

– Apoie-se em seus cotovelos – ordeno. Ela faz isso e eu dobro as pernas para cima e separo as coxas. *Jesus Cristo*. Deixo escapar uma longa torrente de ar enquanto passo minhas mãos pela parte interna de suas pernas. – Você é tão sexy assim. Toda espalhada para mim. – Vejo sua vagina se apertar quando corro meus dedos descendo pela fenda. – Você me quer. Veja como sua linda boceta palpita por mim.

Eu quero essa mulher, também. Meu pau está pulsando.

Mas quase nem percebo. Meu foco está totalmente em Alayna. Continuo a provocá-la com os dedos. Quando não aguento mais, substituo minha mão pela minha boca, lambendo-a, saboreando-a, sugando a boceta. Alayna goza rapidamente, mas quero que ela tenha mais. Eu quero dar-lhe mais.

– Mais uma vez.

Mergulho meus dedos no seu buraco e fodo essa garota com minha mão enquanto chupo e mordisco seu clitóris. Ela está perto, posso senti-la tremendo debaixo da minha língua, por isso levo a mão para cima e puxo seus mamilos. Isso envia Alayna até o pico. Sua vagina se aperta em torno de meus dedos enquanto ela se debate contra a cama. Estou tão hipnotizado por sua beleza que uma parte de mim quer assistir a tudo até que ela passe por todo o clímax.

Mas mais do que isso, eu quero estar dentro dela. Tiro minha calça e encontro um preservativo. Ela ainda está tremendo pelo tempo que passei em cima dela. Eu me inclino em meus braços.

– Você está pronta para mim – digo, mais para mim do que para ela.

Meu pau está pressionando em sua abertura, e sei que não posso segurar por mais tempo. No entanto, no momento em que eu entrar nela, sei que vou perder inteiramente meu controle.

Espero que eu perca todo o meu controle.

É essa esperança que me permite penetrar com minha ponta.

– Jesus, Alayna... – Já estou no céu e nem sequer entrei nela plenamente. – Você é tão gostosa.

Ela é tão confortável, tão apertada. Eu empurro sua coxa para trás, abrindo-a, e penetro o resto do caminho.

– É tão bom.

Alayna se ajustou para mim agora. Puxo para fora lentamente. Penso em me demorar

trabalhando até alcançar um ritmo constante. Mas isso não é o que a gente quer. Então, quando volto a penetrar, empurro com força.

Alayna grita, o rosto contorcido de prazer. Eu me inclino para beijar sua boca, penetrando com a minha língua enquanto continuo a estocar em sua boceta. Embora esteja perdido no êxtase completo da garota, estou sempre atento às suas necessidades. Logo ela está balançando contra mim, se contorcendo para atender cada mergulho que dou. Eu preciso levá-la para onde ela deseja estar.

Sem abrandar as minhas estocadas, dirijo Alayna para passar as pernas em volta de mim. Ela faz isso, e a nova posição a abre ainda mais. Os saltos de seus sapatos cravam na minha bunda. Estou tão profundamente dentro dela.

E é então que... Enquanto minhas bolas se chocam contra as coxas a cada impulso, enquanto o corpo da garota se aperta e se contrai em meu pau, quando atinjo o pico da minha própria liberação, nesse momento minhas esperanças e meus temores são realizados. *Estou* completamente perdido em Alayna Withers. Figurativa e literalmente. De modo completo e inevitavelmente perdido.

Ela treme debaixo de mim. Será que ela sabe o que estou pensando? Será que está tão comovida com esta revelação como eu?

– Eu vou gozar – geme ela.

– Sim. Sim, venha, Alayna.

Porque eu não posso aguentar muito mais tempo e quero ir com ela.

Eu quero ir com ela aonde quer que ela vá.

O orgasmo de Alayna explode através dela e eu a sigo, gritando seu nome, voando com ela. E sinto uma liberação que transcende o clímax da nossa atividade sexual. A liberação de palavras não ditas. Este momento que acabamos de viver juntos, é o máximo que compartilhei com qualquer mulher. Como se não estivéssemos apenas transando, mas também nos comunicando. Como se tivéssemos inventado nossa própria língua e, através dela, finalmente fui capaz de bradar emoções que nunca soube que existiam dentro de mim.

Ou eu apenas tive realmente um bom orgasmo do caralho e sou um cara poético com hormônios.

Deito em cima de Alayna, minha cabeça aninhada em seu pescoço. Espero que seja mais que simplesmente hormônios. Espero que não esteja virando um cara poético. Seja qual for o motivo de minha epifania emocional, a experiência foi muito, muito boa. Eu estou mais intrigado com ela do que nunca. Mais ligado a ela do que jamais imaginei ser possível.

Esta, porém, parece ser a única maneira pela qual posso tê-la. Numa cama. Com o meu corpo. Porque não tenho mais nada para dar. Não tenho mais nada que eu possa compartilhar com ela. O querer estar com ela em outro lugar é uma fantasia. É um capricho,

um impulso bobo que deve ser controlado.

E uma vez que isso é tudo que teremos e que será real, eu me apego a isso de uma forma que me lembra uma criança agarrada a seu cobertorzinho. É meio que uma dramatização exagerada e um pouco patética, mas é uma coisa verdadeira.

Sussurro em sua pele, com a necessidade de compartilhar esse sentimento com ela de qualquer maneira que puder.

– Eu sabia que o sexo com você seria assim. Poderoso e intenso e incrível. Eu sabia.

É uma mentira, no entanto. Eu não tinha ideia de que seria *tão* bom. Nenhuma porra de uma ideia.

10

Ela está dormindo.

Fui ao banheiro me lavar e voltei para sua respiração rítmica e suave. A suavidade dela, de sua pele, de seu cabelo, deste momento, isso tudo me faz ansiar por algo que não sei como chamar.

Puxo os cobertores debaixo dela para cobri-la.

Alayna luta para sentar-se.

– Durma, preciosa.

Gosto da ideia de ela dormir na minha cama. Mesmo que não seja a cama onde normalmente passo a maioria das noites. E quase me incomoda vê-la neste lugar onde tive outras mulheres. Ela parece fora de lugar.

Mas onde mais eu poderia tê-la? Certamente não no The Bowery, onde moro. Não levo ninguém lá. Ainda assim, não dá para evitar, imagino essa mulher *naquela* cama...

O estranho desejo está prestes a assumir o controle, e me recuso a deixar isso acontecer. Embora exista uma parte de mim que queira explorá-lo e estudá-lo do jeito que tenho estudado e explorado as emoções dos outros, sei que este não é o momento nem o lugar para fazê-lo. Não é justo com Alayna. Eu quero que ela saia desta situação ilesa, e essas noções não são saudáveis para qualquer um de nós dois.

Preciso me concentrar nisto, manter o foco sobre o que é real, e abandonar pensamentos do impossível.

Deposito um beijo em sua testa.

– Vou pedir o jantar. Tudo bem um chinês?

– Parece delicioso.

Ela se espreguiça e as mamas dela saem de debaixo das cobertas. São lindas e estão me distraindo da minha tarefa de pedir a comida, mas Alayna vai trabalhar mais tarde e eu preciso cuidar dela.

– Tudo bem, vou ligar para lá.

Eu sinto seus olhos depositados em mim enquanto saio do quarto, e quase estou me deixando puxar de volta para ela. Só que sou um homem de disciplina. Eu consigo me abster de coisas que não posso ter e Alayna Withers... Só posso tê-la dessa maneira, em pequenas doses. Em fragmentos de tempo.

Mas quando *estou* com ela, estarei com ela completamente.

Faço a chamada para o restaurante chinês na esquina. Eles estão na discagem rápida de meu telefone e me conhecem bem.

Então, me demoro alguns minutos para reunir os meus pensamentos, para me lembrar dos jogos que estou jogando e dos jogos que me recusei a participar. Quando eu voltar ao quarto, preciso me distanciar dela. Esta noite não pode ser interpretada como qualquer coisa que não seja nada além disso, uma simples trepada. Alayna não pode pensar que exista alguma coisa além de meu desejo de comê-la.

Porque não existe. Não vou deixar que exista, não importando essas ideias que estão se formando em minha mente.

Recolho as roupas que deixamos no chão mais cedo, na sala de estar, não me permitindo relembrar os detalhes tórridos do que aconteceu. Quando volto para meu quarto, ela está meio vestida. Isso deveria ser uma coisa boa, afinal, ela entende exatamente o que isso deveria ser, e não está se apegando ao ato físico, tornando-o algo mais significativo, como a maioria das mulheres faz.

E eu estou decepcionado.

– Você está se vestindo?

Eu a assustei. Alayna se cobre com os braços, escondendo-se de mim. Eu não gosto de ver essa mulher se escondendo.

Mas isso não é uma coisa justa a desejar. Não quando eu estou me escondendo. De todos. Dela.

Ainda assim, não posso deixá-la ir embora.

Eu jogo a camisa e a gravata para o cesto de roupa e faço uma pose severa.

– Tudo isso é pressa de ir embora?

Meu olhar percorre todo o seu corpo, as pernas bem tonificadas, sua boceta aparada. Meu pau se contorce com a excitação.

Ela treme e eu me pergunto se ela está com frio ou se ela pode sentir o meu tesão.

Então, Alayna desvia o olhar e percebo que ela não tem ideia de como me afeta. É uma loucura que uma mulher tão inteligente não possa ver o óbvio.

– Os caras geralmente não querem que eu fique por perto depois de fazermos sexo – diz ela.

Fico dilacerado por suas palavras.

– Essa declaração traz à tona muitas questões para discussão que eu não sei por onde começar.

Ela é perfeita e os homens a desprezavam? Dou um passo em direção a ela, por impulso.

– O que está errado com os homens para não...?

Não consigo terminar a frase. Eu deveria estar pedindo que ela fosse embora. Porque

frases como essa estão muito perto de compartilhar suas emoções. Porque estar pensando nela com outros homens faz minhas entranhas darem uma cambalhota.

Sim, eu devo dizer alguma coisa.

– Alayna, por favor, não me agrupe com os outros caras que você conhece. Eu gostaria de pensar que não sou como a maioria deles. E não quero saber ou pensar sobre você tendo relações sexuais com outros homens. Eu não compartilho nada.

Ela não olha nos meus olhos, mas posso dizer que gosta do que eu disse.

– Bem, isso me parece terrivelmente com um relacionamento. Eu pensei que você não criasse relacionamentos com ninguém – diz ela enquanto veste o short.

Não é um desafio, ela está se sentindo fora dos limites do que está acontecendo com a gente. Eu a admiro por isso.

– Não, não tenho relacionamentos *românticos*. As relações sexuais são outra coisa completamente diferente. Por que você está se preparando para sair?

Ela pega sua camisa, mas eu a impeço.

– Pare – digo, segurando sua camisa fora de seu alcance.

Eu coloquei meu dedo sob seu queixo, erguendo-o até encontrar meus olhos. É um gesto íntimo, quase íntimo demais. Perdido nos olhos dela, eu digo as palavras que não devo, mas que não posso suportar deixá-las presas dentro de mim:

– Eu quero que você fique. – E acrescento o meu adendo para que o meu apelo não seja mal interpretado, nem por ela e nem por mim. – E, se estiver disposta, prefiro que não se vista.

Alayna é teimosa. Ou cautelosa.

– *Você está* vestido.

Ela cruza os braços sobre o peito novamente e empurra para fora o lábio, de tal forma que reúno toda a minha energia para impedir que eu me incline para frente e mordisque aquela boca.

– Assim que a comida chegar, ficarei feliz em tirar minha roupa. Isso faria você se sentir melhor?

Me ajudaria muito ficar nu com ela. Esta energia estranha entre nós está pesando em mim. O físico é o que eu tenho para lhe dar. Eu preciso trazer isso de volta para o primeiro plano das nossas relações.

– Sim – responde Alayna, e fico aliviado.

Mas, então, ela muda de ideia.

– Eu não sei.

Passo minha mão contra sua bochecha. Outras mulheres são tão fáceis de ler, tão fáceis de manipular, porque eu entendo o que elas estão pensando. Mas Alayna, ela é diferente. E

tudo que sei é que tenho que ter mais dela.

– O que está acontecendo dentro de sua cabeça, preciosa? Você vai sair correndo cada vez que tivermos relações sexuais?

Ela se afasta de mim.

– Eu realmente não tinha pensado que isso seria mais do que uma coisa de uma única vez, Hudson.

Honestamente, eu pensei que pudesse tirar essa mulher de meu sistema de modo mais fácil do que isto. Mas não posso. Eu preciso dela de uma forma que não consigo entender completamente.

E algo sobre a maneira como nos conectamos me faz pensar que ela sente o mesmo. Então, por que Alayna está correndo?

Eu agarro seu braço e puxo-a para mim.

– Alayna – procuro seus olhos. – Se você não quer fazer sexo comigo de novo, você precisa me dizer.

– Eu quero! Eu quero!

Ela joga os braços em volta de mim e enterra o rosto no meu peito. Eu não deveria fazer o que estou prestes a fazer, mas meus braços têm uma mente própria, o meu corpo sente a necessidade de protegê-la e abraçá-la e confortá-la. Retribuo seu abraço.

– O que foi? – Acaricio seu cabelo. – Diga-me.

Quero saber o que ela está pensando, quero conhecer seus motivos, suas preocupações. Mesmo que não possa dar-lhe o mesmo em troca.

– Eu não sou boa em relacionamentos. De qualquer espécie. Eu tenho problemas.

– Como o quê?

Eu sei mais sobre seu passado do que ela percebe. Seus problemas não são nada comparados aos meus. Mas eu não deveria deixá-la saber que fiz pesquisas sobre ela. Tinha mais é que deixar isso pra lá, deixar que os segredos de Alayna fiquem escondidos dentro dela. Eu não irei compartilhar os meus.

Mas há outras partes de mim, partes que desejam que ela divida suas coisas comigo, e há partes mais sombrias que desejam forçá-la a se abrir. Essas partes assumem e eu pergunto:

– Será que isso tem alguma coisa a ver com aquela ordem de restrição?

Ela fica tensa em meus braços.

– Você sabe sobre isso?

Uma onda de satisfação corre através de mim. Eu sou viciado neste poder – nesta emoção de ser capaz de fazer alguém se sentir de uma certa maneira. Ela está desconfortável, humilhada.

Alayna se arranca dos meus braços e enterra a cabeça nos cobertores.

E eu me odeio.

Este poder não é o poder que eu quero. Não é quem desejo que esteja com ela. Quero aquela leve e despreocupada Alayna de volta, aquela que se rendeu a mim com prazer, não desconforto.

Eu deveria deixá-la ir embora. Mas tenho que remediar isto.

Eu deito na cama ao lado dela e forço uma risada. Coloco minha mão em suas costas e massageio os ombros. Sua pele nua sob meus dedos parece incrível e quente. Eu não consigo parar de tocá-la.

Consigo trazer nós dois de volta para aquilo que temos, a única coisa que compartilhamos – nossa conexão física.

– Eu conheço coisas íntimas sobre você, preciosa. Como você fica e os sons que você faz quando está prestes a gozar, e agora está preocupada *com isso*?

Ela geme e meu pau palpita.

– Mas isso era importante. A coisa mais importante. Era o meu maior segredo. Eu pensei que meu irmão tivesse enterrado essa coisa. – Alayna se levanta apoiada no cotovelo e se vira para me olhar. – E você está dizendo que eu deveria estar envergonhada do jeito que fico e com os sons que faço quando... Você sabe.

Eu quero reagir à última parte de sua declaração, mas ainda tenho coisas a corrigir.

– Eu precisava saber de tudo que poderia ser revelado sobre a minha namorada de mentira. Não foi necessariamente fácil de encontrar, mas não foi incrivelmente difícil. Foi enterrado agora.

Com isso fora do caminho, posso tocar seu rosto e me perder em seus olhos castanhos.

– E nunca, nunca sinta vergonha de como você fica ou com o som que faz, especialmente quando está prestes a gozar. – Toco o nariz dela com o meu. – Estou honrado de estar familiarizado com você dessa forma.

Gostaria de estar familiarizado com ela desse jeito agora, na verdade.

– Estou envergonhada. – Alayna cai de volta na cama. – Sobre a ordem de restrição, quero dizer. Eu não sei como reagir a isso.

– Por quê?

Seu passado não é nada parecido com o meu, e, de muitas maneiras, sua ordem de restrição é boba e frívola, em comparação com as vidas que estraguei.

Mas eu entendo seu pesar e suas compulsões. Eles me intrigam e eu quero que ela veja que posso estabelecer uma conexão com isso, mesmo que não saiba como dizer isso a Alayna. Corro minha mão pelo seu rosto e por seu cabelo. Eu não deveria estar tocando essa mulher desse jeito, é algo muito próximo de demonstrar afeto, mas não consigo evitar.

– Porque isso me faz sentir um formigamento estranho, e me deixa excitada.

– Fantástico.

Eu deveria pegá-la de novo, agora.

Melhor não.

– Mas o que eu queria dizer é, por que você se sente envergonhada?

– Oh.

Ela fica ruborizada e meu pau endurece. Essa cor no rosto dela é tão bonita, ela fica da mesma maneira quando estou transando com ela, quando estou enfiando dentro dela. O desejo de devorar Alayna aumenta.

Mas eu quero ouvir a outra resposta. É importante.

– Porque é evidência da minha loucura – diz ela. – Você sabe, quando eu disse que amo demais? A ordem de restrição é parte disso, e eu gosto de fingir que nunca aconteceu.

Gosta de fingir que nunca aconteceu. Nunca pude chegar a esse ponto. As coisas que fiz ainda são reais em minha mente – a cada momento, a cada dia. Isso me consome e me devora por dentro, e apesar de eu ter aprendido a lamentar essas coisas, não posso me afastar delas. O que eu não daria para fingir que nunca aconteceu.

Eu suspeito que, apesar do que diz, é o mesmo para ela, que ela nunca pode escapar das coisas das quais continua fugindo. Eu a admiro por tentar.

Então, como se eu tivesse algum poder para torná-lo realidade, torno real esse desejo de Alayna.

– Então, nunca aconteceu. – Beijo seu nariz, e por esse único momento, deixei que as palavras lavassem nossos pecados do passado, os pecados de nós dois. Meus e dela. – Nós todos fizemos coisas insanas no passado. Eu nunca usarei isso contra você.

Neste tempo e espaço, estou capturado por ela, ligado de uma forma que vai além do físico. Conheço-a a uma profundidade que ela nunca poderá entender.

Então, nesse momento, acabo de voltar à realidade. Eu não posso manter esta ligação. Tenho que abrir mão disso, tenho que afastá-la. Alayna Withers não pode pertencer a mim.

– Esse é mais um motivo pelo qual o amor romântico não me interessa. As pessoas ficam loucas por causa disso.

Mas por que o meu estômago se retorce com esse lembrete? Isso é tudo o que pode acontecer entre nós. O que mais poderia haver? Mesmo se eu pudesse sentir alguma coisa por ela, coisa que é inverossímil em si, sou incapaz de ter qualquer tipo de emoção que Alayna merece.

Eu me obrigo a relaxar e concentro minha atenção sobre ela.

– Mas, voltando ao cerne dessa conversa, por que é que isso tem uma influência sobre a relação entre nós?

Ela senta-se de repente.

– Eu fiquei maluca por um cara, Hudson. Por vários caras, na verdade, mas foi o último que não terminou bem.

Sento-me ao lado dela.

– E você acha que vai acabar "surtando" comigo?

Tenho medo da resposta. Eu não quero que ela surte por minha causa. Não quero que ela desmorone.

No entanto, não posso negar que há uma parte de mim, uma parte muito doente e repugnante de mim, que quer exatamente isso. Não porque eu queira que ela desmorone ou porque desejo que Celia vença, mas porque quero a atenção de Alayna. Eu quero que ela se concentre em mim.

Mas qualquer coisa que ela diga, percebo, será uma decepção.

Eu prendo a respiração enquanto ela responde.

– Realmente, não posso honestamente lhe dizer nada. Eu fiquei longe de qualquer relacionamento por um tempo, assim não teria que lidar com isso. Tentar ter alguma coisa agora com você, esse é um território desconhecido para mim. – Ela olha para cima e encontra meus olhos. – Como deu para perceber, não surtei até agora. Com você. E não quero não fazer sexo com você novamente. Quero dizer...

Alayna vira o rosto, corando.

Vejo sua luta, e peço a Deus que eu pudesse deixá-la ir. Por causa dela, não por mim. Se eu pudesse simplesmente ir para longe, tudo isso seria muito mais fácil para ela. Mesmo se eu tivesse seguido adiante com o jogo de Celia, eu entendo que é isto – ir atrás da garota fora do jogo – que vai fazer o máximo dano a Alayna.

Mas não posso deixá-la ir. Eu sou um belo de um bundão egoísta.

Envolvo meus braços em torno dela e começo a mordiscar sua orelha.

– Você é adorável quando fica confusa. Também não quero deixar de fazer sexo com você mais vezes. Portanto, vamos esquecer essa conversa. Nós iremos fazer um sexo incrível milhares de outras vezes.

Alayna se rende ao meu abraço.

– Eu não estou dizendo que sim, ainda. Tenho que levar isto um dia de cada vez.

Se eu tivesse uma consciência, eu seria mais favorável à sua declaração.

– Alayna, você pode ter que levar as coisas um dia de cada vez, mas eu já sei que haverá milhares de trepadas entre nós. – Puxo a garota para mais perto. Segurando-a assim, falando com ela tão intimamente, tudo isso me deixa de pau duro. – Por falar nisso, tenho que penetrar em você de novo antes que saia para ir trabalhar.

Ela olha para a minha ereção e, em seguida, espia de volta para mim.

– Tipo, agora?

O jeito que ela está olhando para mim com olhos grandes cheios de luxúria, cara, preciso de toda a minha força de vontade para impedir que eu a jogue no chão e mergulhe dentro de sua boceta. Mas só me permito um beijo, porque o interfone toca avisando que o jantar chegou.

Nos poucos minutos em que estou longe dela, pegando a comida e pagando ao entregador, consigo voltar ao meu juízo. E quando retorno ao quarto, já estou mais recomposto. Alayna ainda me deixa louco com suas longas pernas fantásticas e seus lábios carnudos perfeitos, mas é uma coisa administrável. Nós flertamos e eu lhe dou de comer e brincamos e rimos. Isso é bom, na verdade. Confortável.

Em seguida, voltamos a debater o tema que nos deixa os dois pisando em ovos, nosso relacionamento. Nossos desejos são realmente muito parecidos. Ela quer estar comigo sexualmente sem qualquer apego. Eu quero estar com ela sexualmente sem qualquer apego. No entanto, ambos temos medo de que isso não seja possível.

Fingindo que eu tenho todo o autocontrole quando se trata dela, digo a ela que o sexo no futuro é uma decisão dela. Isso é o que penso de fato naquele momento, mas não tenho certeza de que vou ser capaz de resistir e me afastar dela se isso tiver que acontecer. Não posso resistir a ela. Já sei disso. Minha intenção, porém, é o que importa agora, e ela parece apreciá-la. Nós avançamos na conversa, estabelecendo limites e termos. Apenas falar sobre isso já nos relaxa.

Até que ela traz à tona o assunto da fidelidade.

Alayna não vai transar com outros enquanto estiver em um relacionamento comigo. Não é discutível. A mera ideia de ela tocar outro homem faz o meu peito apertar, e eu finalmente consigo entender o que significa a expressão “ver tudo vermelho”. E estou de volta ao sentimento de estar fora de controle. Porque eu nunca me senti possessivo com uma mulher que estou fodendo. Nunca exigi fidelidade. Nunca ofereci isso de minha parte, também. Durante a maior parte do tempo, tenho sido fiel a uma amante de cada vez, mas apenas porque era mais fácil. Nunca porque um compromisso sexual realmente significou alguma coisa para mim.

Alayna concordou com essa coisa da fidelidade, graças a Deus, mas ela quer saber das minhas intenções. Se fosse qualquer outra mulher, eu iria fugir da pergunta. Ou iria encontrar maneiras de fazer com que se esquecesse do que pedira. Mas não faço isso agora.

Olhando nos olhos de Alayna, ponho a palma de minhas mãos em cada uma de suas pernas.

– Não sou um galinha, Alayna. Este loft tem sido usado para sexo, sim, mas eu tenho isso para que possa estar perto de meu escritório, não para foder o tempo todo. – Afasto uma mecha de cabelo do rosto dela, principalmente para me distrair do peso daquilo que não

posso me impedir de dizer. – Eu vou ser tão fiel quanto espero que você seja.

Me parece bem dizer isso para a garota que está aqui, à minha frente. Me parece bem dizer essas palavras. São uma promessa que eu sei que não terei problemas em manter, mas elas me assustam pra caralho.

Aparentemente, elas a assustam pra caralho também, porque de repente ela está de pé e recolhendo suas roupas.

– Eu não posso pensar mais sobre isso agora.

Também fico de pé, como ela, reconhecendo a emoção gravada em suas feições.

– Por que você está em pânico?

Embora eu não tenha tido muita experiência com esse tipo de cenário, esta certamente não é a reação que eu esperava.

Ela se vira para mim, com os olhos brilhando de raiva.

– Ora, para você está tudo muito bom e muito bem, dizer que deseja um relacionamento sexual comprometido. Você não terá nenhum problema em continuar distante de qualquer envolvimento emocional, porque esse é o seu padrão. Mas não é o meu padrão. Você não vê que o que está me pedindo pode ser impossível?

Ela está à beira das lágrimas. Eu vi lágrimas, muitas e muitas vezes. E glorifiquei todas elas. Porque são geralmente o sinal de uma vitória da minha parte. E também as estudei. Elas me fascinaram e me intrigaram.

Apesar de não enxergar uma única lágrima escapando dos seus olhos ainda, sei que não quero ver Alayna chorando.

Estendo a mão para ela, mas ela se afasta.

– Quanto mais fizermos sexo, Hudson, será mais provável que eu me trave, e mesmo que você fizesse o mesmo, nunca estaria no nível em que eu travo. Por isso, confie em mim quando digo que é uma má ideia a gente prosseguir. Vamos apenas dizer que foi uma noite maravilhosa. E, oh, meu Deus, que noite maravilhosa! Mas agora precisamos seguir em frente.

Meu momento de compaixão – sim, era isso, compaixão – desaparece e eu endureço novamente.

– Se é isso que você precisa...

– Sim, e eu preciso de um banho, você se importa?

– De modo nenhum. O banheiro fica lá. – Aponto o caminho. – Eu vou lhe trazer algumas toalhas.

Ela desaparece no banheiro, e vou para o armário das toalhas. Enquanto empilho duas toalhas felpudas em meus braços, avalio meu estado de espírito. Poucos minutos atrás, eu estava desequilibrado e apreensivo. Agora, estou... dormente. Como estou na maior parte do

tempo. Honestamente, acho que estou melhor. Porque aquela maneira estranha como tenho agido com Alayna é inquietante.

No entanto, por baixo da dormência, há algo mais. Alguma coisa puxando os cantos da minha guarda, tentando sair. É um sentimento de algum tipo. É agradável, de certa forma. Mas também não é.

De repente, eu quero isso mais do que qualquer coisa. Essa alguma coisa. É uma compulsão que me impele para o banheiro, onde deposito as toalhas no balcão. Onde tiro a roupa e então estou deslizando no chuveiro para me juntar a ela. Não é o que ela quer, Alayna disse que precisava de tempo, mas aqui estou eu, incapaz de evitar esse comportamento.

Ela se vira para mim com nenhuma surpresa em seu rosto. Em seguida, os lábios estão nos meus e qualquer dúvida que eu tinha sobre minhas ações desaparece. Eu a beijo por tempo suficiente para deixá-la saber que eu estou no comando. Quando a deixo sem fôlego, começo a lavá-la. E exploro o corpo dessa mulher de todas as maneiras que ainda não tinha feito. Eu falo com ela assim. Eu tenho tanta coisa que preciso dizer a ela, e esta é a única maneira que consigo. A única maneira que eu sei – esfregando-a, acariciando-a, aprendendo com ela. Não deixo intocada nenhuma parte desse corpo.

Quando esfrego meus dedos em seu clitóris, ela geme e se inclina para mim.

Acho que foi um pouco manipulador – fazê-la sentir-se assim neste momento. Eu a excitei e meio que acabei com ela. Pela primeira vez, porém, minhas ações não foram propositais. Estou aqui porque *não posso* estar.

– Hudson! – Alayna exclama meu nome repleto da mesma confusão que eu sinto.

Nada disso foi planejado ou premeditado. Eu não sei quem eu sou neste momento. Prefiro confiar no instinto, empurrando dois dedos dentro de sua vagina.

– É isso que você quer?

– Sim! – suspira. – Quero dizer, não. Quero você.

Há uma parte de mim que quer se sentar no banco no chuveiro e descobrir tudo o que acontece na minha cabeça. Eu ignoro essa parte e me concentro na outra parte de mim – na nova parte que só quer agradar e provocar e adorar a mulher em meus braços.

– Você vai ter que esperar – respondo a ela. – Estou gostando de fazer você esperar.

Eu trabalho em Alayna, apertando seu clitóris e transando com ela com os dedos até que ela está gemendo e se contorcendo e cravando suas unhas em meus ombros. E quando ela está prestes a gozar, eu me afasto.

– Eu preciso ser lavado também.

Estou brincando com ela agora, mas é divertido. Quando foi a última vez que brinquei assim? Sem nenhuma maldade? Sem nenhuma necessidade de examinar? Nem tenho certeza

se alguma vez fiz isso.

Alayna brinca de volta, e me pergunto se isso é novo para ela também. Algo sobre a maneira como suas mãos me tocam, a maneira como ela timidamente esfrega meu pau, estou certo de que isso é novo para ela, sim. Ela me acaricia uma vez, duas vezes. Na terceira vez, não aguento mais. Acabou a brincadeira.

Ou ela está apenas começando.

Eu levanto a garota. Suas pernas se enrolam em meu corpo e pressiono suas costas contra a parede do chuveiro. Tomo sua boca na minha ao mesmo tempo em que me empurro dentro dela. Não estou sendo gentil, estou sendo feroz, empurrando com força. Porque essas são as coisas entre nós. Essas são as coisas que compartilhamos. Energia intangível e vaga, que nos puxa um para o outro, um para dentro do outro.

Fico bombeando em Alayna assim, rápido e com força, mesmo quando ela se aperta em mim. Gozo depressa, logo depois dela.

Estamos em silêncio quando a enxugo e a ajudo a se vestir. Alayna tem que ir agora. Ela tem que começar a trabalhar. Eu envolvo uma toalha em volta da minha cintura e caminho com ela até a porta.

Apesar do nosso silêncio, não é um silêncio estranho entre nós. Sinto que ela está... *absorvendo*. Assim como eu. Há muito para entender. Embora eu não possa nem mesmo começar a processar tudo o que aconteceu. Então, depois que a beijei e me despedi, decido que não vou processar nada. Desligo meu cérebro e simplesmente deixo que a noite se acomode ao meu redor.

Nunca passei a noite em meu loft depois de ter uma mulher aqui comigo. Prefiro ficar em minha própria cama, sem ter esse cheiro persistente de sexo, e de mulher. Mas como Alayna agora se foi, no entanto, não consigo me obrigar a ir embora. Visto a cueca e subo nos lençóis, onde o cheiro dela ainda continua.

11

Antes

Christina passou a língua ao longo da minha cabeça, enviando um arrepio que percorreu minha espinha.

– Pare com essa merda de provocação – assobiei.

Um boquete em um recanto escondido no Cipriani da 42nd Street não estava em meus planos para esta noite. Mas quando minha aventura de uma noite de verão chegou ao Baile de Gala de Ação de Graças da Indústria Pierce com os lábios pintados de "vermelho-me-foda", meus planos todos mudaram.

– Diga-me o que você quer, então, sr. Pierce?

Ela estava brincando com uma fantasia onde ela era minha funcionária e eu era seu chefe. Não era necessário, pelo menos no que me dizia respeito, mas como ela pôs sua boca no meu pau sem muito trabalho de minha parte, então eu fui junto.

– Só quero que você chupe, como uma boa menina. – Passei meu dedo em sua bochecha. – Abra. – Ela obedeceu, moldando seus lábios em um "O" antes de envolvê-los em torno de meu pau duro. – Sim, desse jeito.

Fechei os olhos, saboreando a sensação de sua boca quente e úmida fechada em torno de meu pau. Havia poucas coisas que eu gostava nesse mundo tanto quanto receber um boquete. Era a única situação onde eu poderia sentar e pensar completamente em mim mesmo. Eu não me importava se a menina estava excitada ou gostando. As pesquisas sobre a natureza humana eram colocadas em espera. A felação tratava-se apenas de simples prazer – o *meu* prazer.

Com uma mão bombeando a base, Christina levou a boca para cima e para baixo sobre meu pau inchado. A outra mão alcançou embaixo para acariciar minhas bolas. Ela não era muito original com seu jogo, mas tinha valor. E, honestamente, mesmo boquetes medíocres são fantásticos.

Quanto ao seu ritmo... era do modo lento. Isso poderia ser remediado. Eu emaranhei minhas mãos em seu cabelo, bagunçando seu coque cuidadosamente arrumado. Levou um momento, mas logo ela abandonou o controle e foi quando as coisas ficaram boas. Eu a dirigi em uma velocidade agressiva. Com cada impulso que atingia o fundo de sua garganta, as cócegas na minha coroa me enviavam para o clímax. Olhei para baixo, para aquela visão

erótica – os olhos dela cheios de água enquanto meu pau fodia a sua boca. Mesmo enquanto eu batia mais forte, mais rápido, ela me permitiu controlar a experiência.

– Força, Christina. Me faça gozar com sua boquinha sacana.

Os lábios dela se apertaram em torno de mim. Ela estava tão disposta, tão submissa. Era estranho que ela não achasse isso completamente aviltante. Ela lutava para respirar um pouco e aquele chão duro devia ser uma merda para seus joelhos. A natureza humilhante da situação apenas somou-se ao erotismo. Meu clímax veio correndo em minha direção. Tive tempo para avisá-la, mas eu não queria dar a ela uma chance de se afastar. Jorrei dentro dela, segurando a cabeça no lugar para que Christina não tivesse escolha a não ser engolir.

– Isso mesmo, sua putinha. Engula tudo.

Como uma campeã, ela ainda me limpou e lambeu inteiro.

Respirei fundo e exalei. Jesus, aquilo foi muito bom. Uma distração perfeita da lúgubre noite de jogatina de meus pais.

Depois de me arrumar de volta em minha calça do smoking, ajudei Christina a ficar de pé.

– Muito bem, senhorita Brooke. Acho que vou ter que aprovar o seu pedido de férias, depois de tudo.

Ela limpou os lábios antes de me dar um sorriso sedutor.

– Obrigada, sr. Pierce. Há mais alguma coisa que eu possa fazer para o senhor esta noite?

– Eu acho que isso é tudo, srta. Brooke.

Se ela queria que eu fosse retribuir o favor, isso não estava em meus planos. Eu já tinha estado lá e provado, e havia muitas bocetinhas novas na festa para escolher, caso eu decidisse que iria querer me satisfazer de novo antes que a noite terminasse.

No entanto, nunca era uma boa ideia queimar as pontes, então puxei-a para perto e sussurrei em seu ouvido.

– Eu tenho que voltar a esta festa chata. Mas se eu encontrar uma outra chance de fugir... – Mordisquei a ponta da orelha dela.

– Certo. Entendi.

Ela estava sorrindo quando a soltei.

Missão cumprida.

Ela puxou os poucos grampos que eu não tinha desarrumado de seu cabelo, e os reuniu em uma pilha em sua mão.

– Você precisa chegar lá e praticar para quando estiver dirigindo esse evento. Não vai demorar muito agora, eu tenho certeza.

Eu tinha planos de trabalhar para o meu pai nas férias de Natal. Ele já tinha até mesmo me dado algumas preliminares de alguns de seus negócios.

– Quando estiver no comando, eu serei o dono das discotecas onde a gente for fazer as festas.

Fazia muito mais sentido do que gastar uma fortuna para alugar outro local. Especialmente quando a noite fosse para a caridade. Eu tinha visto as despesas do evento. Era difícil imaginar que houvesse alguma coisa para doar depois que todas as contas fossem pagas.

– Pensamento inteligente, chefe.

Eu me encolhi. Agora que nós não estávamos imersos na fantasia, os restos do que aconteceu deixavam um gosto ruim na boca. Era hora de pedir licença e me afastar dessa garota.

– Você teve notícias da Celia?

Essa pergunta, no entanto, manteve-me interessado em Christina por mais um tempo.

– Não, desde o verão passado.

Não desde aquela noite em que ela havia transado com meu pai. Eu tinha feito tudo para evitar vê-la até que tivesse voltado à faculdade na Califórnia alguns dias mais tarde. Como eu mesmo tinha estado na faculdade, tive poucas notícias dela e sempre quis saber como a minha experiência tinha afetado seu semestre. Esta era uma oportunidade para descobrir.

– E você?

– Fui visitar Celia faz uns dois meses – respondeu Christina, pegando sua bolsa do chão. Ela colocou os grampos em um bolso lateral. – Ela estava uma bagunça do caralho.

Agora ficou interessante.

– O que você quer dizer com bagunça?

– Vivendo em festas, drogas. Ela estava cheirando uma tonelada de cocaína quando eu a vi. E falando de putinhas, cara, ela abre as pernas para qualquer um que lhe dê atenção.

Limpei minha boca, tentando decidir como avaliar a informação. Foi provavelmente uma coincidência. Seu comportamento não poderia ter sido por minha causa. Poderia?

– Isso é muito ruim.

Eu realmente fui sincero ao dizer isso.

– As pessoas diziam – Christina estreitou os olhos para mim – que ela estava assim por causa de um coração partido.

– E você está culpando a mim por causa da autodestruição dela?

A ideia não me agradou. Embora eu nunca me importasse com os meus objetos de estudo depois de ter concluído meus experimentos, Celia era diferente. Ela era da família, de certa forma. Mais uma vez, decidi nunca mais armar esquemas com as pessoas que eu conhecia.

Christina riu.

– Ela já é crescida. Por isso é responsável por sua própria destruição. Eu apenas achei que

você gostaria de saber.

Dei de ombros. Eu *queria* saber, mas não precisava que Christina soubesse disso.

– Ela está na cidade por causa dos feriados.

Dei de ombros novamente.

– Sabe de uma coisa, Hudson? Você é bem idiota.

Foi a minha vez de rir.

– E você está descobrindo isso apenas agora?

– Não, eu já sabia. – Ela passou os dedos pelos cabelos emaranhados. – E ainda assim deixo você me comer. Então, obviamente, eu realmente não me importo.

Pena que eu não dou a mínima para as pessoas. Christina e eu poderíamos ter feito uma boa equipe.

Mas, do jeito que estavam as coisas, já tinha sido suficiente com ela. Fiz uma pausa, elaborando uma maneira de escapar dali. No final, simplesmente apontei para a cabeça na direção dos banheiros.

– Você deveria se limpar. E tenha uma boa Ação de Graças se eu não a ver novamente.

Fui embora antes que ela tivesse a chance de responder.

De volta ao salão principal, eu me vi varrendo as mesas do cassino em busca de Celia. Era bobagem pensar que ela estaria no evento. Seus pais não estavam mesmo lá, e Celia não teria vindo sem eles, mas eu queria vê-la. Queria saber se ela estava realmente *uma bagunça*. Algo em mim precisava saber que ela não estava...

Eu não estava esperando encontrar a resposta que estava procurando. Minha pesquisa sobre o lugar, porém, me levou a outra visão que não estava esperando – a minha mãe, subindo em uma mesa de Blackjack.

Droga.

Minha mãe esteve bebendo pela maior parte da minha vida, então já estava acostumado a todos os seus modos de intoxicação. Normalmente, minha mãe tomava vergonha na cara em público. O que quer que a tenha feito surtar nesta noite, bem, eu não tinha certeza se queria saber. Mas alguém tinha que salvá-la, ou pelo menos evitar que ela envergonhasse a si mesma ou à sua família.

Meu pai já a estava ajudando quando eu cheguei à cena do crime. Ele sorriu, como se fosse tudo uma brincadeira.

– Sophia, quantas vezes eu lhe disse que não é essa a maneira de jogar Vinte e Um?

O punhado de espectadores em volta riu da piada. Jack Pierce, cabeça de bagre que ele era, sempre teve jeito com a multidão.

Minha mãe piscou um par de vezes, como se estivesse tentando limpar sua visão.

– Aí está você. Eu estava subindo lá para ter uma visão melhor da sala e para descobrir

onde você estava.

Ela ainda podia falar sem enrolar as palavras. Então, não estava tão bêbada quanto pensei que estivesse.

Minha mãe prendeu seu olhar sobre a loira ao lado do meu pai.

– Esta é a última? Eu deveria saber. Quando desaparece, geralmente é com uma vagab...

Eu entrei na conversa antes que ela pudesse terminar a frase.

– Mãe, venha comigo, tudo bem?

– E deixá-lo sozinho com a sua p...

Meu pai cortou desta vez.

– Está tudo bem, Hudson. Claro que você não vai me deixar aqui, querida. Eu vou com você.

Ele passou um braço em volta da cintura dela e começou a acompanhá-la em direção à saída.

Enquanto minha mãe era conhecida por suas falsas acusações, o olhar que ele lançou de volta para a loira o denunciou. Mas não para minha mãe, ela já sabia. Mas agora eu sabia também que a mulher ao seu lado não era apenas uma conhecida qualquer. O olhar que ele deu a ela disse que estaria de volta mais tarde. Em outras palavras, ele estava apenas colocando minha mãe em um carro antes de retornar à festa.

Não é de admirar que Sophia Pierce tenha sentido a necessidade de ficar um pouco bêbada demais na festa da empresa de seu marido. *Cuzão do caralho*.

Eu esfreguei a mão em meu queixo e avaliei se eu mesmo queria ficar ali mais um pouco. Embora houvesse muito espaço para mim no apartamento onde moravam os meus pais, eu estava hospedado no Plaza, por isso fui embora, já que não teria que lidar com a minha mãe. Mas talvez eu devesse ir até a casa dela, de qualquer maneira. Não era trabalho da nova babá cuidar de uma patroa bêbada. E Sophia poderia manter um mínimo de dignidade, se eu fosse a pessoa a ajudá-la.

Eu já estava na chapelaria quando tomei a decisão de ir embora. O funcionário tinha acabado de me entregar meu casaco quando encontrei uma razão para ficar. Celia Werner tinha acabado de entrar, mãos enfiadas nos bolsos do casaco, seu traje nem perto do formal.

Ela caminhou em minha direção. Minha surpresa ao vê-la me manteve colado ao meu lugar, minha boca frouxa quando a olhei. Embora não estivesse vestida para o evento, Celia não tinha nada daquela bagunça que Christina havia sugerido. Ou Celia tinha se desintoxicado nos últimos meses, ou os rumores sobre ela tinham sido muito exagerados.

Eu não conseguia decidir se isso me fez feliz ou decepcionado.

– Você quer entregar o seu casaco? – perguntou o moço da chapelaria quando Celia chegou até nós.

Ela balançou a cabeça negando e fixou o olhar em mim.

Eu tinha tido tempo suficiente agora para me recompor.

– Você chegou muito tarde, Celia. Meu pai acabou de sair. Mas se você quiser esperar, eu acho que ele vai voltar. Ele já tem uma loira de pernas longas que foi escolhida para a noite, no entanto. Você se importa em fazer *ménage*?

– Não vim até aqui pelo Jack, imbecil.

Fiquei tenso com o uso familiar do nome de meu pai.

– Mas isso é ruim. Ninguém mais vai olhar para você vestida desse jeito.

– Você vai ficar aí jogando insultos para mim a noite toda? Ou pode calar a boca um minuto para que eu possa falar com você?

– Não tenho nada para dizer.

– Que ótimo. Então feche a matraca e escute enquanto eu falo.

Hesitei, em dúvida sobre o assunto que Celia queria conversar. Então, decidi que isso não tinha importância e que eu não estava a fim de descobrir.

– Embora possa lhe parecer algo muito divertido, Celia, eu acho que passo.

Dei uma gorjeta ao chapeleiro e me encaminhei para a saída.

– Hudson. – O tom de voz dela era mais imperativo do que normalmente ela usava. Ainda assim, continuei andando. – Tudo bem – continuou Celia, acelerando os passos até me alcançar. – Vou falar com seu pai, então.

Isso me deteve. Apesar de eles já terem ficado juntos uma vez, detestei a ideia de ambos repetirem a dose. Preferia imaginar meu pai transando com qualquer outra pessoa – até mesmo a loira esperando por ele no salão do evento. Menos Celia.

Nunca pensei no quanto isso me perturbava, mas eu iria tentar evitar que acontecesse de todas as maneiras que eu pudesse.

– O que você quer, Celia?

Os olhos dela olharam para a chapelaria.

– Aqui, não. Precisamos conversar num local mais discreto.

– Eu não...

Um ruído perto da porta chamou minha atenção. Era meu pai voltando depois de "cuidar" de minha mãe. Ele ainda não tinha nos visto, por isso agarrei o braço de Celia e a puxei em direção ao banheiro masculino. Na porta, disse a ela que esperasse, fui lá dentro para me certificar de que estava vazio e, depois, puxei-a comigo.

Enquanto trancava a porta atrás de mim, houve um breve momento quando pensei como nossas vidas poderiam ter sido diferentes se não tivesse acontecido o meu experimento naquelas férias de verão. Como eu poderia ter me esgueirado com Celia para uma trepada num quarto em vez de escondê-la do galinha do meu pai. Ou talvez não. Afinal, eu nunca

desejei isso, não é mesmo?

Alguma coisa diferente, no entanto. Mas não isso.

Mas como dizia Thoreau: "Nunca olhe para trás, a menos que você esteja planejando ir por esse caminho." E eu não estava planejando fazer isso. Pensando bem, foi Celia quem me disse isso uma vez.

Eu me virei para encará-la.

– Você tem três minutos. Depois, eu vou te levar para o meio-fio e colocá-la em um táxi. Vou até mesmo dar-lhe algum dinheiro, se é assim que você está acostumada a ser paga.

Seus olhos brilhavam com o calor do meu insulto.

– Eu já lhe disse *vá se foder*, Hudson?

– Não vou cair na mesma armadilha que meu pai, desculpe. – Olhei para o meu relógio, fazendo pressão. – E agora você tem dois minutos e quarenta e cinco.

Ela cruzou os braços e encostou-se ao balcão da pia, com os olhos estreitados em desafio.

– Estou disposta a apostar que terei a sua atenção por mais tempo do que isso.

Mais uma vez, olho para o relógio.

– Dois minutos e quarenta.

– Eu sabia que deveria ter conversado com Jack em seu lugar.

Ela percebeu que mencionar meu pai era sua carta mais poderosa. Celia usou essa carta várias vezes, e, em todas elas, funcionou.

Mas eu estava perdendo a paciência. Esta foi a última vez que eu ia perguntar e meu tom de voz iria deixá-la saber disso.

– Que merda você quer, Celia?

Ela afastou o cabelo do rosto e engoliu.

– Estou grávida.

Eu abri minha boca para fazer alguma observação engraçadinha, porque não era *meu* filho, afinal, e então percebi de quem era. Fiz as contas quando olhei para a barriga de Celia. Fazia uns três meses. Já estava aparecendo? Celia estava mais cheia do que antes ou eu estava imaginando coisas?

Ou ela estava inventando? Tudo isso poderia ser uma mentira.

– Você está tentando descobrir se eu estou mentindo? Oh, meu Deus. Eu posso provar isso, se você quiser. Pode acreditar, uma gravidez não é algo que eu seria capaz de mentir por muito tempo.

Embora a minha confiança nas pessoas fosse muito limitada, eu conhecia Celia bem o suficiente para acreditar que ela estava dizendo a verdade. Não gostei do que tinha a dizer, mas eu acreditei nela.

Corri a mão pelo meu cabelo.

– Você tem certeza de que é dele?

Ela me lançou um olhar gelado.

– Eu não dormi com todo mundo por aí, Hudson.

– Isso não é o que eu ouvi. – Inclinei a cabeça, lembrando dos relatos anteriores de Christina, dizendo que Celia tinha ficado maluca. – Na verdade, ouvi dizer que você era a maior vagaba do lugar.

– Ouviu de quem? De *Christina*? E você acreditou naquela putinha do caralho? – Celia fechou os olhos, amaldiçoando mais baixinho. – Tanto faz. Bem. Sim, fiquei meio louca neste semestre. Antes de descobrir que estava grávida. Depois do que *você* fez. – Foi um deslize, foi algo que ela queria dizer, mas não no sentido do que estava me contando. – Depois de Jack, quis dizer... Mas o período de tempo... É do seu pai, Hudson. Não há mais ninguém que se encaixe nesse período de tempo. E o preservativo se rompeu.

– Eu não quero ouvir isso.

Cobri os olhos com a mão. Como se isso pudesse me esconder do que ela estava me dizendo. Não apenas sobre essa coisa do preservativo, mas toda a conversa, eu teria preferido não ter que continuar ouvindo.

– Tenho certeza de que não. – Um traço de arrependimento atava suas palavras. – Mas vai ter que ouvir porque a culpa é sua.

Agora, eu estava indignado.

– A culpa é minha de o preservativo ter rasgado? Ou pela sua má escolha?

– Oh, nem tente fingir que você não tem compreensão de sua culpabilidade. Você me levou para ele. Você não me deu escolha.

– Patético, Celia. Melhor assumir a responsabilidade por suas próprias ações.

– É o que estou fazendo. Por isso que estou aqui. Agora é a sua vez de assumir a responsabilidade por suas ações. – Ela apontou o dedo para mim. – E me diga o que nós vamos fazer.

– O que *nós* vamos fazer? Isso não é problema meu.

Mas eu já sabia que era. Não apenas por causa do motivo que ela deu, mas porque isso afetava minha família. Afetava *minha* vida. Mas não queria dizer que eu sabia o que devia ser feito.

Celia se endireitou.

– Então eu vou levar o assunto a seu pai. Tenho certeza de que ele vai tomar uma atitude. Ele não terá escolha quando eu chegar com um teste de DNA.

Mais uma vez usando sua carta mais forte. Celia endireitou-se e começou a caminhar para a porta.

Eu poderia tê-la deixado ir embora. Seria uma boa lição para Jack.

Mas Jack não seria a única pessoa que iria sofrer com isso. Celia sabia disso.

Bati na parede atrás de mim com um punho.

– *Merda!*

Era melhor esquecer a ideia de ter Christina como parceira. Celia tinha elevado a manipulação à categoria de ciência.

– O que você quer de mim?

Ela jogou os braços para o lado, exasperada.

– Eu quero que você me diga o que fazer!

Era quase engraçado. Como se fôssemos um casal de verdade discutindo a gravidez não planejada. A situação tinha muita coisa que me intrigaria em circunstâncias normais.

Eu bati minha cabeça contra a parede atrás de mim.

– Quais são as nossas opções?

Logo me repreendi por usar a palavra *nossa*. Isso lhe deu muito poder, pensar em nós como uma parceria.

– Bem. – Celia voltou a inclinar-se contra o balcão da pia, de novo. Ela precisava do apoio, percebi. A conversa era difícil. Sim, isso eu tinha que admitir. – Não farei um aborto. Poderia até ter sido capaz disso, mas vi o ultrassom. Eu vi o seu batimento cardíaco. Não posso fazer isso.

– Portanto, não ao aborto.

Eu estava feliz por isso, na verdade. Não achava direito condenar à morte meu irmão ainda por nascer.

Meu irmão. Cara, isso estava realmente acontecendo?

– Mas não me oponho à adoção.

Ela falou como se já tivesse passado por tudo isso sozinha, e ela provavelmente tinha passado. Para mim, porém, era algo novo e havia muito a aceitar. Um monte de diferentes aspectos da situação para absorver.

– Minha mãe vai querer mantê-lo. – Celia soltou uma única gargalhada. – Você consegue imaginar minha mãe como uma avó coruja? De qualquer maneira, meus pais vão querer saber quem é o pai. Meu pai me mataria se soubesse.

– Mais provável que ele matasse meu pai se soubesse.

Meu pai era amigo de Warren. E ele tinha transado com sua filha.

Celia suspirou.

– Vamos apenas dizer que não seria bom para nenhum de nós.

– Isso iria destruir a minha mãe. – *Não apenas minha mãe.* – E o meu irmão e minha irmã.

Ela assentiu com a cabeça, mordendo o lábio.

– Eu não posso contar ao meu pai que é de Jack.

Ela estava certa. Isso estava mais do que claro.

E só havia uma coisa que eu conseguia pensar para garantir que essa informação nunca vazasse.

– Você vai dizer a ele que sou eu. – Firmei meu queixo. – Diga a ele que eu sou o pai.

– O quê? – Ela levantou a cabeça como se estivesse surpresa, mas algo sobre seu tom de voz dizia que era falso. – Você está realmente... você realmente quer fazer isso?

Aquilo foi mais alegre do que esperançoso. Mais triunfante do que incrédulo.

– Agora quem está fingindo é você. – Eu era capaz de ler Celia como se fosse um livro aberto. – Você veio me procurar porque sabia que eu iria me oferecer, como estou fazendo agora. Por isso, porra, nem tente me convencer que não planejou isso.

– Eu esperava isso – sussurrou ela. – Não que eu engravidasse, lógico. Mas depois que descobri, esperava que você fosse se oferecer.

– Finalmente estamos chegando a algum lugar. – Eu me inclinei para trás, apoiado na parede e balançando para frente e para trás nos calcanhares. – Então é isso que vamos fazer. Vamos dizer que é meu. – Enquanto falava, fui delineando o plano. – Você po-de terminar este semestre. Volte no Natal e vou com você nas aulas de pais ou sei lá o quê. Vou bancar o doador de esperma apoiador. Se você escolher ficar com a criança, vou criar algum fundo para ela. O dinheiro do meu pai vai ser meu, de qualquer maneira, quando eu assumir a empresa.

– Tudo bem – Celia respirou fundo. – E quanto à paternidade?

– Você quer que eu tenha um relacionamento com ele?

– Não fale assim, como se o bebê fosse um estranho. Ele será o seu irmão ou irmã.

– Certo. – Eu já tinha percebido isso, mas meu estômago revirou com a lembrança. E desde que ele realmente era meu irmão, eu poderia simplesmente abandonar qualquer contato? Se fosse Chandler ou Mirabelle, eu gostaria de estar envolvido. Mesmo desse meu jeito frio e restrito. – Tudo bem. Mas será uma relação mínima. Não quero a custódia. Mas isso também significa que tenho que ajudar a tomar decisões parentais. Você vai ficar bem com isso?

Ela encolheu os ombros quando balançou a cabeça. Em seguida, disse:

– Vou ficar bem com qualquer coisa. – Os olhos de Celia estavam quase vidrados, como se estivesse sobrecarregada com a ideia. – Nem sei ainda se vou ficar com ele.

Outro pensamento passou pela minha cabeça.

– Eu não vou me casar com você, Celia. – Endireitei o corpo para mostrar a minha seriedade. – Isso em nada nos torna um casal.

Ela me olhou com descrença absoluta.

– Eu nunca pensei por um momento que tornasse. – Mas o tom de voz de Celia estava

coberto com o subtexto do nosso passado. Daquele momento em que ela queria exatamente isso de mim. – E nunca esperei mesmo. Você, descobri, é incapaz de qualquer coisa remotamente parecida com um relacionamento.

Talvez Celia quisesse me machucar com sua declaração. Mas não conseguiu. Isso tornou a nossa nova situação mais fácil. Eu olhei diretamente nos olhos da garota.

– Estou contente que você reconheça isso.

Ela segurou o meu olhar por alguns segundos. Então seus olhos caíram no chão. Ela balançou a cabeça de novo, como se estivesse confusa. Como se ela estivesse sem mais palavras. Finalmente, Celia olhou para cima novamente.

– Hudson, por que você está fazendo isso?

Estudei a mancha de sujeira na ponta do meu sapato direito enquanto tentava descobrir a resposta para essa pergunta. Não era pelo meu pai. Fiquei desapontado que ele não tivesse que enfrentar o resultado de suas ações. Quanto à minha mãe... eu tinha começado a compreender que a maior contribuição para que continuasse a beber era a infidelidade do meu pai. Meu relacionamento com ela estava tenso, na melhor das hipóteses. No entanto, eu sentia um desejo de protegê-la. Ela seria a razão?

Então minha mente voou novamente para os meus irmãos. Chandler. Mirabelle.

Ah, Mirabelle.

Ela era uma menina que acreditava no amor e no arco-íris e na coisa de "felizes para sempre", todas aquelas coisas que eu detestava. A ruptura do casamento dos meus pais iria arrancá-la dessas convicções. E esse pensamento me pareceu um chute no estômago. Eu percebi que faria qualquer coisa para impedir que isso acontecesse com ela. Então, o motivo de minha atitude era Mirabelle.

Havia outra razão, e essa razão estava aqui, de pé na minha frente – seu rosto magro e pálido. Os olhos mais pesados do que me lembrava, o sorriso que não era mais fácil como costumava ser antigamente. Eu a repreendi por culpar qualquer um, menos a ela mesma, por sua situação, mas eu também não era culpado? Se eu não tivesse colocado as peças do dominó em movimento, ela nunca teria ido para Mabel Shores naquela noite. Ela nunca teria subido na cama do meu pai. Ela não estaria grávida agora.

Será que eu me importava por ter essa responsabilidade? Pode ser. Talvez eu não conseguisse me importar com as pessoas do jeito que todo mundo fazia, mas eu tinha algum senso de dever. Isso eu não poderia explicar, até mesmo para mim.

E nunca tentaria explicá-lo a ninguém.

– Hudson?

Celia me cutucou por uma resposta, uma vez que fiquei em silêncio por tanto tempo.

– Já escutei. – Engoli em seco e ergui os olhos para ela. – Pelo nome da minha família. – E

como eu me sentia desconfortável com o rumo do meu autoexame, eu virei para ela, rancoroso. – Pierce é o meu legado. Eu não gostaria de ver esse nome envenenado pelos erros de meu pai.

Celia fez uma cara de desprezo e abriu a boca para responder de modo cáustico, também, mas eu pulei na frente.

– Vamos deixar as nossas famílias aproveitarem seu feriado de Ação de Graças. Podemos contar a eles na sexta-feira. Eu te ligo amanhã para acertar os detalhes de nosso anúncio. – Eu me virei e ajeitei a gravata-borboleta no espelho. Não voltaria para a festa, sem chance, mas também não deixaria Celia para trás. – Venha, vou levá-la para fora.

Nós não trocamos outra palavra um com o outro até que ela estivesse sentada no banco traseiro de um táxi e eu estava prestes a fechar a porta.

– Hudson?

Inclinei-me para ela.

– O quê?

– Obrigada.

Seu lábio tremeu e os olhos quase se fecharam, e lembrei-me de que Celia não era como eu. Ela transpirava emoções, tinha sentimentos. Esta situação era, provavelmente, mais importante para ela do que o inconveniente que era para mim. Uma onda de... alguma coisa... passou por mim. Algo não muito confortável. Como se eu estivesse ouvindo o *Adágio para cordas* de Schubert, enquanto lutava contra uma gripe.

Mais e mais, recentemente, a profundidade da minha própria capacidade de sentir me surpreendeu. E não gostei disso.

Assenti com a cabeça uma vez e procurei por aquilo que Celia precisava que eu respondesse:

– Parabéns, Ceeley – consegui dizer. – Tudo vai ficar bem.

Nem precisei tentar parecer sincero. Eu fui.

12

Depois

A mão de Alayna nas minhas costas, mesmo através da minha camisa e jaqueta, empurra minha pele para a vida. Eu me viro para olhar para ela, desejando que estivéssemos em outro lugar, em qualquer lugar menos aqui, no desfile de moda de caridade de minha mãe. Este evento foi planejado durante semanas para ser o pontapé inicial de nossa trama dentro da trama. Foi escolha de Celia, não minha. Eu teria preferido uma apresentação mais particular entre Alayna e Sophia Pierce. Não esta extravagância de pessoas. Celia queria exatamente isso – isto lhe deu a desculpa de estar presente. Ela quer ver o jogo em ação; entendi. Era sempre a melhor parte. Mas sua proximidade me lembra o que isso realmente é. Lembra-me de que a minha relação com Alayna é um experimento, e nada mais.

Não, isso não é correto. Meu relacionamento com Alayna não é o que acontece aqui, é o que acontece em particular. Essa é a nossa realidade. Este é apenas um show. E nós dois sabemos disso.

Mas é difícil lembrar de que é apenas um show quando ela está passando a mão em meu ombro, como faz agora. Eu deveria dizer a ela para parar, mesmo que não a culpe. Sinto mais dificuldade de me concentrar em qualquer coisa que não seja Alayna quando ela está por perto. Mesmo quando não está, na verdade, porque tudo em que penso, tudo pelo que anseio, é Alayna.

Seu toque despertou meu desejo constante por essa mulher. Eu não me importo se alguém puder ver. E não me importo onde isso pode me levar. Não me importo com o fato de que provavelmente vou me arrepender do tesão que irei sentir ao beijar essa boca deliciosa. Eu coloco minha mão sobre sua coxa e me inclino para tocar seus lábios.

– Oh, você não precisa de todas essas demonstrações públicas de afeto por minha causa – uma voz familiar me interrompe. – Lembre-se, eu sei.

Fico rígido. Eu não deveria estar tão irritado como estou com a chegada de Celia. Estou surpreso que ela não apareceu mais cedo. Mas não há motivo para ela querer interagir conosco, porém. Nem há razão para ela tomar o assento ao lado de Alayna como faz agora. Não estou feliz com isso, e o olhar que compartilho com minha velha amiga não esconde a minha irritação.

Alayna retira a mão do meu corpo e fico instantaneamente decepcionado. De meu lado,

não consigo fazer isso tão facilmente, e reforço meu aperto na perna dela, mantendo a nossa conexão.

– Sou Celia – diz ela para Alayna. – Achei que a gente deveria se conhecer. Embora não pareça que Hudson esteja muito interessado em fazer isso.

Celia está se excedendo. O que ela está tentando provar?

E por que me importar com isso? Se ela estragar tudo, melhor, o experimento termina e posso depois me concentrar no meu relacionamento real com Alayna em vez desta farsa. Esse pensamento me anima um pouco mais.

– Não, você tem razão, vocês duas deveriam se conhecer. – Acaricio a coxa de Alayna enquanto falo, reivindicando-a como minha. – Agora, isso já foi feito.

– Você não vai se livrar de mim tão facilmente, caipira. – Celia sorri e se vira para Alayna. – Acredite ou não, nós somos realmente amigos.

Amigos. É isso o que nós somos? É como eu sempre me referi a ela. Celia conhece os meus segredos e eu, os dela. Compartilhamos um vínculo. Suponho que isso seja a coisa mais próxima de amizade que conheço. Talvez seja por isso que eu a tolero do jeito que faço, por causa da amizade. Exceto que é mais do que isso. Estamos amarrados. Eu tolero Celia porque não tenho escolha.

Suspirando, entro no jogo.

– O que você quer, Ceeley?

É uma pergunta de dois gumes, que se encaixa tanto na cena que estamos jogando, assim como em nosso jogo pessoal.

– Eu queria agradecer pessoalmente Alayna por toda essa farsa.

Há um brilho nos olhos de Celia e eu me vejo preocupado com Alayna. Ela se segurou contra os insultos mal-intencionados de minha mãe. Ela pode lidar com Celia também?

Fico tenso enquanto ela se inclina para Alayna.

– Você não tem como saber como tem sido terrível suportar a ideia de ter que me casar com esse bundão – diz Celia com um sorriso provocante.

Alayna retorna um sorriso nervoso.

– Hum, eu posso imaginar. Ele não é o tipo de se acomodar.

Sua declaração me incomoda. Não deveria, porque é verdade. Esta estranha conexão com Alayna me fez esquecer de quem eu sou. Eu tiro minha mão de sua perna. Talvez isso faça com que fique mais fácil de me lembrar.

– Uau – Celia ri. – Você já o conhece tão bem.

– É bom conversar com alguém mais que o conhece – diz Alayna.

– Mas Hudson não é surpreendentemente bom fingindo?

Essa frase de Celia é para mim. É um jogo dentro de um jogo dentro de um jogo. Ela está

apertando meus botões e não tenho ideia de qual pode ser seu motivo.

E Alayna está no meio do fogo cruzado.

– É mesmo, muito bom.

Eu não gosto do subtexto de Alayna. Será que ela acha que o que temos não é real? Mas não posso defender o nosso relacionamento. Não aqui na frente de Celia. E não consigo nos livrar disso, também.

– Eu adoraria continuar esta conversa maravilhosamente divertida, mas estou vendo alguém com quem preciso conversar sobre negócios. – Fico de pé e estendo minha mão. – Alayna?

Ela não se mexe.

– Pode ir, H. Vou ficar com Celia.

– Nós vamos ficar bem – Celia insiste. – E nós vamos terminar nossa conversa com uma briga de mentira, se quiser que a gente alimente a farsa.

O que eu quero é puxar Alayna dessa cadeira e arrastá-la para longe dessa minha suposta amiga. Posso realmente deixá-las juntas?

– Nenhuma briga. No meu script, vocês se tratam amigavelmente.

– Então, ela e eu deveríamos nos sentar e conversar, já que somos supostamente amigas. – Celia pisca para Alayna, e meus pulsos se fecham ao lado de meu corpo. – Certo, Alayna?

– Certo. – Alayna retorna a piscadela. – E já que somos amigas, você deve me chamar de Laynie.

Ah, porra. Celia é muito boa – eu me esqueço disso, às vezes. Por que Alayna não iria ser enfeitiçada por ela?

Não tenho escolha, a não ser deixá-las sozinhas.

– Amistosas. Não amigas. – Respiro fundo, mas isso não ajuda. – Bem. Estarei de volta em breve.

Uma vez que eu realmente não tinha visto um parceiro de negócios, caminho até o bar do lobby. Está lotado e eu tenho que ficar na fila. Enquanto espero, envio uma mensagem de texto para minha assistente, para pegar um pouco de café gourmet e deixá-lo na porta de Alayna. Ela está usando um elástico para lembrar a si mesma para beber algum, e se as coisas correrem como eu planejo, ela vai estar muito desgastada para conseguir isso mais tarde. Além disso, o presente vai mantê-la pensando em mim enquanto eu estiver em Cincinnati durante os próximos dias.

Meu peito aperta com o pensamento de passar esse tempo sem ela. Considero pedir a Alayna para vir comigo e rapidamente prefiro descartar a ideia. Ela tem seu trabalho e eu tenho o meu. Eu nunca tinha levado uma mulher em uma viagem de negócios comigo; por que iria começar a fazer isso agora?

E sobre que diabos Celia está falando com Alayna?

Estou ansioso e no limite. Quando eu recebo o meu scotch, esvazio o copo rapidamente. A queimação me faz bem, parece apropriada. E também faz aquilo que esperava que fizesse – me acalma.

Por que estou preocupado em deixar Celia e Alayna sozinhas, de qualquer maneira? Talvez seja mesmo uma coisa boa. Celia vai se sentir como se fizesse mesmo parte do esquema. Ela vai alimentar Alayna com detalhes que podem deixar a nossa história ainda mais crível. Não há nada que pudesse dar errado.

Ainda assim, não consigo afastar a sensação de que tudo está em risco. Celia é a única pessoa que pode me expor. Isso nunca foi uma preocupação antes. Eu nunca me importei com o que as pessoas pudessem saber sobre mim. Se alguém descobrisse sobre minhas experiências sádicas, que mal faria? Isso não me machucaria em nada.

Com Alayna, porém, eu me importo. Não quero que ela conheça meus segredos. Quero protegê-la desse meu lado hediondo. Quero. *Vou* protegê-la.

Mas então eu vejo Alayna correndo em direção à saída. Eu tento me convencer de que ela está simplesmente à minha procura, que minha mãe voltou e fez um comentário sarcástico qualquer. Exceto que minha mãe está de pé do outro lado do hall de entrada e ficou lá durante todo o tempo em que estive no bar.

Eu estendo a mão e puxo com cuidado o braço de Alayna.

– Aonde você está indo?

Ela me afasta.

– Não me toque!

– Ei! – Coloco minhas mãos para cima em sinal de rendição. É impossível que isto seja aquilo que estou pensando. Não pode ser que Celia lhe tivesse contado que tudo isso é uma farsa. Então, só tenho que descobrir o que realmente aconteceu e então posso deixar as coisas como devem ser. – O que há de errado com você?

– O que há de errado com você seria a pergunta mais apropriada.

Os olhos de Alayna voam até a porta.

– Alayna. – Abafo a minha voz e passo na frente dela. – Eu não sei o que está falando, mas você está fazendo uma cena. Você precisa se acalmar e guardar o que quer que seja para mais tarde.

Começo a segurar o cotovelo dela, mas a garota se afasta.

– Não vai ter mais tarde. Eu estou caindo fora.

Ela passa por mim e sai pelas portas.

– Alayna!

Eu não me importo que esteja gritando enquanto a sigo pelas escadas. E não me importo

que a minha mãe esteja assistindo a tudo isso. Tudo o que importa agora é deter Alayna.

Estou prestes a chegar até ela novamente quando a garota se vira para mim. Seus olhos estão cheios de lágrimas e meu estômago aperta. O que a magoou? Sei que, de alguma forma, isso tem a ver comigo, mas não posso suportar ouvir isso de seus lábios. No entanto, preciso saber.

– Diga-me, Hudson, você me escolheu porque achou que meus problemas com minha obsessão iriam deixar seu jogo mais divertido? Por que, sério, onde está o desafio disso?

A raiva viaja através de mim como um relâmpago. " Fodam-se, Celia e sua boca grande." Um milhão de perguntas inundam minha mente – o quanto Celia contou? Por que ela iria revelar o nosso embuste? Como diabos faço para corrigir isso?

Eu passo adiante de Alayna. Ela se afasta. Eu suavizo a minha abordagem, me aproximando dela com palavras.

– Vamos falar sobre isso na limusine.

– Eu não quero...

– Alayna! Não é justo você só ouvir uma desconhecida contar sua história e não me dar a chance de explicar. – Eu não sei como pedir, então ordeno. – Estou lhe dizendo que vamos falar sobre isso na limusine que está estacionada no terreno ao lado. Em primeiro lugar, porque minha mãe está assistindo, vou me inclinar e beijar sua testa. Então, irei até lá e vou dizer a ela que você não está se sentindo bem. Vou encontrá-la no carro.

Ela espia por cima do ombro, provavelmente confirmando a posição da minha mãe às portas, atrás de nós. Então, dá um leve aceno de cabeça. Eu me inclino para beijá-la na testa e me pergunto se este será o nosso último beijo.

Não. Eu não vou permitir isso.

– Na limo, Alayna – digo. – Eu encontro você lá.

Alayna se dirige ao estacionamento. Eu puxo o meu telefone do meu bolso enquanto volto para as portas de entrada e mando uma mensagem de texto para Jordan. *Pegue Alayna. Espere-me na frente.*

*

Minha mãe vem ao meu encontro quando entro.

– Problemas com seu brinquedinho já? Esse não durou muito tempo.

Meus olhos se contraem e toda a raiva que sinto em relação a Celia torna difícil que eu permaneça civilizado com minha mãe.

– Alayna não está se sentindo bem. Ela não adquiriu uma tolerância ao veneno neste ambiente, como o resto de nós tem. Vou levá-la para casa e colocá-la na cama. – Deixo que

minha mãe assuma o que quiser sobre essa afirmação. – Estarei de volta a tempo para que você apresente seu precioso cheque de doação das Indústrias Pierce.

Vou embora antes que ela possa responder.

Jordan chega ao meio-fio ao mesmo tempo que eu. Subo na parte de trás, e o carro entra em meio ao tráfego.

Alayna está apertada no canto mais distante como se ela estivesse enojada de mim. Como se estivesse com medo de mim.

Eu gostaria que ela soubesse que nunca iria machucá-la. Mas como ela poderia saber disso quando nem eu mesmo tenho certeza?

Eu apertei o interfone.

– Jordan, fique rodando até que eu diga o contrário. Ou encontre um lugar para estacionar por um tempo.

Ficamos sentados em silêncio enquanto Jordan roda pela cidade. Nem sei como começar a conversa. Se eu soubesse exatamente com o que Alayna está chateada, eu me sairia melhor, mas não tenho nenhuma ideia do que Celia disse ou fez. Seja o que for, tenho que descobrir como corrigir as coisas.

Ocorre-me que a melhor jogada pode ser jogar limpo sobre tudo. Alayna já disse que está pulando fora do nosso esquema. E já está caminhando para fora da minha vida. No entanto, mantenho a esperança de que ainda possa mudar isso. Se eu confessar tudo, aí sim não terei nada o que corrigir.

Em vez disso, vou ter que levar as coisas com muito cuidado. Descobrir o que posso da Alayna e reparar o dano da melhor forma possível. Eu mantenho a minha voz baixa e rezo para que meu desespero não seja transparente.

– O que exatamente Celia lhe disse?

– Oh, apenas como você fode com as emoções das mulheres vulneráveis. Isso é verdade?

Cada fio de cabelo no meu corpo está de pé, e sinto como se eu tivesse acabado de cair em um campo minado. Como a Celia pôde...? Por que ela...? Não consigo colocar meus pensamentos em ordem. Não consigo raciocinar o que ou por que ou o quanto Celia expôs de nosso jogo.

– Alayna... – Deslizo para mais perto dela e ponho a mão no seu joelho.

Eu preciso de seu toque. Essa é a maneira com que eu consigo me comunicar melhor com ela.

Mas ela me afasta.

– Não me toque! E pare de dizer o meu nome. Isso é verdade?

– Você vai se acalmar para que eu possa explicar?

Embora eu não tenha nenhuma ideia ainda de como será a minha explicação. Estou

fazendo o meu melhor para manter a calma, mas a energia está se reunindo dentro de mim, querendo explodir.

Seus olhos brilham e ela parece tão nervosa quanto eu.

– Isso. É. Verdade?

O pânico crescendo em meu peito escapa em uma explosão.

– Sim, é verdade! – Oh, meu Deus. Eu respondo isso em voz alta. Acabei de contar a pior coisa sobre mim. Respiro fundo e tento recuperar o controle. – Era verdade, no passado.

Não consigo olhar para ela, e não consigo ver a decepção que sinto sendo atirada de seus olhos. Eu não deveria dizer mais nada, mas agora que a confissão começou, me sinto obrigado a concluí-la.

– Eu... Eu fiz coisas... Das quais não me orgulho. – Minha admissão é lenta e dolorosa. – Manipulei as pessoas. Feri as pessoas, e muitas vezes isso foi deliberado.

Estou falando como se os meus defeitos estivessem no passado. E estão. Pelo menos, eles estavam. Isso ainda é verdade?

Eu juro naquele momento que isso é verdade. *Eu não vou machucar Alayna deliberadamente*. Eu posso estar preso neste jogo, mas vou fazer tudo e qualquer coisa para me certificar de que minhas ações com ela são sinceras. Procuro os olhos dela e faço a promessa de que farei tudo que puder para manter.

– Mas agora não. Eu não faço isso agora. Não com você.

Rezo para que ela acredite em mim.

Ela não o faz.

– É mesmo? Porque parece completamente óbvio que você fez exatamente isso comigo. O jeito como você me escolheu no simpósio, e você me seguiu, e me deu férias no spa, e... Jesus, você comprou a discoteca!

Eu balanço minha cabeça.

– Não é assim. Já expliquei o presente, e eu estava de olho naquele lugar, de qualquer maneira. – Já estou quebrando a minha promessa, já manipulando verdades. – Quando eu descobri que você trabalhava lá, sim, isso me ajudou a tomar a minha decisão.

Ela me corta.

– E você me "contratou" e me seduziu. E quando eu disse que eu não devia fazer sexo com você, então de alguma forma me levou a fazer exatamente isso. Você é manipulador. Você é tirânico e opressor, Hudson.

Ela envolve seus braços em torno de si mesma, e mais do que tudo, eu gostaria que eles estivessem envolvendo a mim. Mas suas palavras estão buzinando no meu ouvido – *manipulador, opressor, tirânico*.

– Não, Alayna. Eu não queria isso com você. – Mas, Deus, ela está certa. Tentei ter o meu

bolo e comê-lo. Tentei chegar perto dela com os meus jogos, e, em seguida, tentei protegê-la desses mesmos jogos ao mesmo tempo. Era um plano ridículo. – Eu *não quero* ser assim com você.

Mas é a única maneira que conheço de estar com ela. Com qualquer um.

– Então, o que você deseja ser comigo, Hudson?

Ela enxuga as lágrimas, e eu tenho que me segurar para não beijá-las de seu rosto.

– Honestamente? Eu não tenho certeza.

É a coisa mais verdadeira que já falei. Eu me recosto contra o assento do carro e, embora esteja fisicamente aqui na minha limusine, eu também estou completamente perdido. Nunca estive tão sem respostas. Não apenas hoje, com a bagunça que Celia criou, mas desde o primeiro dia em que vi Alayna.

Por que ela? Por que agora? Será que a terapia realmente me mudou? É por isso que ela me faz sentir desse jeito? Porque, por mais assustado que esteja pronto a admitir, isso é exatamente o que está acontecendo com Alayna – eu estou sentindo. *Ela me faz sentir*. O quê, não sei dizer. Eu não estou bastante familiarizado com essas sensações para explicar nada disso.

Isso me parece até engraçado. Por que, depois de toda a minha vida nunca sentindo nada por ninguém, essa mulher aparece e joga todas as minhas verdades para fora da janela. É irônico. Cômico, até.

Então, eu rio. E tento colocar isso em palavras, para o nosso bem.

– Estou atraído por você, Alayna. Não porque eu quero feri-la ou fazer você se sentir de uma certa maneira, mas porque você é linda e sexy e inteligente e, sim, um pouco louca, talvez, mas você não está destroçada. E isso me deixa esperançoso. *Por mim*.

E, Deus, não é que falar tudo isso me deixou sentindo bem? É cru. É real. É o mais livre que já estive.

Eu olho para ela e sei, pelo jeito como ela está me observando, que tenho sua atenção. Tenho sua simpatia. Em outro momento de minha vida, este seria o momento onde poderia comemorar interiormente. Este seria o momento principal para tirar proveito de outra pessoa.

Eu poderia esticar a mão para Alayna agora, e estou disposto a apostar que ela me deixaria fazer o que quisesse. Apenas um dia antes, provavelmente eu teria feito isso. Lamento isso.

– Talvez eu tenha sido mesmo tudo aquilo que você me descreveu. Mas sou uma pessoa dominante. Eu posso tentar mudar as coisas sobre mim, mas os fundamentos da minha personalidade nunca irão embora. – Esse reconhecimento traz uma outra onda de liberdade, e percebo que Alayna percebe isso do mesmo modo que eu. – Você, entre todas as pessoas, deveria ser capaz de compreender tal coisa.

– Desculpe. – A voz dela falha. – Sinto muito. Você não me julgou e eu te julguei.

Seu pedido de desculpas me devolve à minha prisão. O indulto de minha culpa foi breve. Agora eu me lembro de que, não importa o que eu sinta ou pretenda ou deseje que vá acontecer entre mim e Alayna, chegamos até aqui porque eu a enrolei. Meu remorso é tão pesado que nem posso falar. Tudo o que consigo fazer é acenar com a cabeça uma vez.

Ela assume que a minha resposta é a aceitação.

– E exagerei quando chamei você de tirânico e tudo o mais. Não fiz nada que não quisesse. E essa sua coisa, tão dominadora e confiante, é muito excitante.

Eu quero sorrir. Mas não me permitirei fazer isso. Ainda há muita coisa em jogo. Aperto os olhos fechados, concentrando toda a minha força e todo o meu desejo naquela coisa que eu quero – que *preciso* – mais.

– Alayna, não desista. Não desista de mim.

E não quero dizer do esquema para o qual a contratei. Eu quero me referir a mim. Eu quero que ela tenha tanta fé em mim quanto tenho nela. É a coisa mais ridícula que já desejei, e eu nunca tinha desejado tanto uma coisa.

Ela olha para o lado, e já sei a resposta.

– Hudson, tenho que desistir. Não por causa disso, bem, não só por causa disso, mas por causa do meu passado. Eu não estou bem o suficiente para estar com alguém que tenha seus próprios problemas.

– Você está bem, Alayna. Você só diz isso para si mesma porque está com medo.

Estou falando de mim, mas suspeito que Alayna sente o mesmo.

– Eu deveria estar com medo. Não é seguro. Para qualquer um de nós. Você deveria estar com medo, também.

Se ela soubesse o quão assustado estou. Eu tenho pavor do que fiz – do que estou fazendo –, mas, mais do que tudo, estou com medo de que venha a perder seja o que for que tenho com ela.

Mas talvez Alayna esteja certa. Isto é o que desejo para ela, ser forte desse jeito. Deixo escapar uma respiração pesada e começo a pensar sobre o que ela disse. E percebo que não concordo.

– Não acredito nisso. Eu acho que ficar ao lado de outra pessoa que tenha tendências compulsivas semelhantes pode nos dar discernimento e cura.

Porque, neste breve tempo com ela, eu tive uma ideia mais clara do que sofro, e consegui um processo melhor de cura, do que tive em três anos com o dr. Alberts.

Alayna inclina a cabeça para trás contra o assento e olha para o teto. Dei-lhe muito em que pensar, tenho certeza. Eu mesmo me dei muito o que pensar. Mas as únicas palavras que ficam se repetindo na minha cabeça agora são: *Por favor*. *Por favor, não me deixe perder isso*.

Por favor, não me deixe perdê-la.

– Não vou desistir. – As palavras dela fazem meu coração bater de novo. Ela se vira para me olhar. – Mas não posso ter um relacionamento com você, Hudson. Tudo o que posso lhe dar é falso. Eu tenho que me proteger aqui.

Fico doente com a decepção.

– Eu entendo – repito isso para mim mesmo, esperando que, desta vez, possa aceitar. – Obrigado.

E, uma vez que Alayna terminou o que tínhamos – a única parte de nosso relacionamento que importa –, eu me recomponho. Eu me fecho. Eu fecho Alayna para fora.

Então, ela coloca uma mão no meu joelho e se inclina.

– Hudson, você não está destruído.

Começo a vacilar quando avisto seu decote. O que eu vejo por baixo do vestido me surpreende.

– O que você...? Isso é...?

Eu juro que ela está vestindo o espartilho sobre o qual a repreendi no dia em que fomos apropriadamente apresentados. Apesar de ter sido inadequado para o trabalho, eu tinha mencionado o quanto eu adoraria vê-la usando isso novamente, mas em particular.

Ela fica ruborizada.

– Sim. Eu tinha vestido isso para você.

– Uau. Isso foi... isso foi muito atencioso da sua parte.

O momento é inoportuno, mas estou instantaneamente de pau duro. Na verdade, eu suspeito que tudo o que descobri e tudo o que ela disse têm ajudado a contribuir para o quanto eu desejo essa mulher agora. Ela sempre me excita. Mas agora eu preciso dela de uma forma que me consome.

No entanto, não posso tê-la. Mesmo que seus olhos brilhem com a mesma necessidade, eu sei que vou machucar a nós dois se não demonstrar respeito pelo que ela pediu.

– Sinto muito – diz ela.

Como se ela tivesse alguma coisa para se desculpar.

– Eu sei. Eu também sinto.

Continuo preso em seu olhar por um minuto. Tudo o que eu quero ver está lá, inclusive o jeito como ela me vê.

Mas isso não é real e não pode durar. Eu tenho que seguir em frente.

– Pode não ser o melhor momento, mas preciso voltar para o show de minha mãe.

– Claro.

– E uma vez que você deveria estar doente, terá que ir para casa.

Oriento Jordan para se dirigir ao apartamento de Alayna e descubro que já estamos quase

lá. É uma coisa boa – não vou conseguir ficar com ela muito mais tempo sem enlouquecer. Mas eu também gostaria de poder reunir cada segundo até que ela vá embora e esticá-los infinitamente.

– Quando será a nossa próxima apresentação, chefe? – pergunta Alayna.

Celia e eu tínhamos planejado que o próximo evento de nossa agenda seria a apresentação da sinfônica. Como ela saiu do roteiro hoje, então não me sinto obrigado a permanecer com nossos planos. Mesmo que o dano já tenha sido feito, eu também gostaria de manter Alayna e Celia tão longe quanto possível uma da outra.

Então decido não mencionar a sinfônica a Alayna.

– Eu não tenho certeza. Tenho que voar para Cincinnati esta noite. – E franzo a testa. – E não sou seu chefe.

– Cincinnati? Hoje à noite?

Ela parece desapontada.

– Sim, esta noite. Eu tenho uma reunião logo cedo, na parte da manhã. Meu jatinho parte logo no começo da noite. – Minha mãe nos convidou para a casa de praia no final desta semana. Desta, não vou poder escapar. – Depois envio a você uma mensagem de texto para organizar a coisa nos Hamptons. Vamos sair na sexta de tarde.

– Então, ficará fora a semana toda?

– Ainda não sei. – Devo estar de volta na quarta, mas não conto isso a Alayna. É melhor para nós dois se ela achar que não estou na cidade.

– Oh.

Ela parece desapontada. Mas eu desliguei tudo agora. Anos de não sentir nada e agora volto ao estado dormente. Por isso, não dói tanto quando chegamos à casa dela e ela sai do carro.

Ou talvez esteja doendo, não sei, mas é tão profundo, está tão enterrado, que prefiro encontrar uma maneira de ignorá-lo.

Mas não consigo ignorar a dor dela. Está escrito por todo seu rosto, em todo seu comportamento. Chamo-a de volta antes que Alayna tenha se distanciado demais.

– Obrigado por hoje. Eu acho que você realmente causou uma impressão em minha mãe. Bom trabalho.

Não é nada do que eu quero dizer, mas é tudo o que posso me permitir.

Então Jordan afasta o carro, e em vez de pensar em tudo o que eu estou deixando para trás, procuro me concentrar no que está à espera diante de mim, até que toda a minha emoção – toda a minha raiva e amargura – se foque em Celia.

*

O desfile de moda já começou quando volto para o Manhattan Center. Eu sei onde Celia está sentada, graças a Deus, e fico contente de que é bem no fundo da sala. Quando chego até ela, toco em seu ombro para chamar sua atenção, em seguida, não tão gentilmente, vou ajudá-la a se erguer da cadeira. Ela não briga quando a acompanho até o lobby e a chapelaria. É verão, por isso não está em uso.

Eu não posso evitar, mas penso na última chapelaria onde estive. Foi com Alayna no Sky Launch, onde quase foi impossível controlar minha paixão por ela. Agora, é o meu humor que mal e mal está controlado.

Depois de localizar a luz e fechar a porta atrás de nós, me viro para Celia.

– Que porra é essa que você fez?

Meu tom está ameaçador e selvagem.

Ela revira os olhos para mim.

– Oh, fique calmo. Eu não tinha tido a chance de conhecer nosso objeto de estudos até hoje. Estava apenas sentindo a moça.

Celia senta-se no banco que fica no meio da sala.

– Você contou a ela os meus segredos. – Aquela falta de preocupação de Celia, aquele temperamento dócil, isso me provoca. Ela me fodeu e não está nem um pouco temerosa de minha retaliação. Então, procuro alguma coisa que terá significado. – Você praticamente arruinou seu próprio esquema, contando-lhe algo sobre o qual nós nem mesmo deveríamos falar. Nunca!

Estou gritando. Isso não é comum em mim. Como se eu não estivesse apenas sentindo novas emoções por causa de Alayna, mas sentindo também velhas emoções, mais profundas, e sem nenhuma inibição.

Com apenas um olhar um pouco surpreso no rosto, Celia começa um cumprimento exageradamente longo.

– Uau, Hudson. Você está bravo. Estou impressionada.

Ela está provocando a minha indignação. Mas seu reconhecimento do meu humor me coloca em xeque. Emoções, lembro-me, tornam as pessoas fracas. Estou extremamente vulnerável nesta situação, e Celia não é a pessoa que deveria testemunhar isso.

Eu passo a mão pelo meu cabelo e procuro controlar minha raiva.

– Eu fico com raiva. Isso não é nenhuma novidade.

Já estou visivelmente mais calmo, suprimindo meu desabafo.

– Você nunca ficou assim bravo. E se ficou, escondeu muito bem. – Celia coloca as mãos em ambos os lados dela e se inclina para trás para me estudar. – Será que seu terapeuta finalmente ensinou você a sentir?

Ela está me cutucando, me espetando, e em um breve momento de clareza, entendo como

é estar na outra extremidade de um ataque manipulador. A percepção disso me enfraquece, e tenho que sentar. Eu caio no banco ao lado de Celia.

Preciso me recompor. Colocar-me de novo na posição dominante. Inspiro profundamente e deixo o ar escapar lentamente.

– Estou apenas... sem prática nisso. E você está mudando as regras sem me consultar. Estou frustrado.

Outra inspiração e expiração.

– É compreensível, eu acho. – Ela está me olhando com olhos de águia. – Mas eu não mudei as regras. Eu vi uma falha na nossa encenação e improvisei. O mesmo que sempre fazemos.

Estou cauteloso, mas isto desperta o meu interesse.

– Que falha?

Celia muda de posição no banco e agora está inclinada em minha direção.

– A menina está caída por você, Hudson. É óbvio que ela vai desmoronar e, embora essa seja a expectativa, ia ser um resultado fácil demais de se conseguir. – Celia corre um dedo entre as sobrancelhas. – Então, injetei um pouco de desafio. Isso é tudo.

Outra onda de emoção corre sobre mim. Estou com raiva de novo. Irritado com o fato de que Celia esteja jogando com Alayna desse jeito, moldando-a, fazendo com que a garota salte para frente e para trás.

– Transformando a experiência em algo mais desafiador? Desde quando isso foi algo a que a gente aspirava?

Celia encolhe os ombros.

– Este é o seu primeiro jogo depois de um longo tempo. Eu queria fazer algo de bom para você.

É plausível. Seus motivos poderiam muito bem ser me manter interessado. Deus sabe que ela está tentando me enrolar de volta há anos.

Mas eu conheço Celia muito bem. O desafio é para ela. E eu ainda não estou totalmente certo de que foi esse o motivo para me expor para Alayna. Eu só não consigo determinar o seu verdadeiro objetivo.

Mais composto agora, tento descobrir.

– Esse foi um tremendo risco. Ela quase desistiu da coisa toda.

Celia oferece um sorriso confiante.

– Mas isso não aconteceu. Não é?

– Só porque a convenci de não fazer isso. Se não fosse por mim, ela teria ido.

Sinto uma pontada de culpa – eu deveria tê-la deixado ir embora. Aconteça o que acontecer agora entre Celia e Alayna, é culpa minha.

Mas não foi sempre assim?

Celia cruza uma perna sobre a outra e junta as mãos em seu joelho.

– Se não fosse por você, ela não estaria tão enamorada, em primeiro lugar.

– O que isso deveria significar?

– Apenas que o esquema teria funcionado de forma mais objetiva, se você não tivesse transado com ela.

Aí está o verdadeiro motivo. Ela não está feliz com a minha relação pessoal com Alayna. Trata-se de ciúmes? Ou apenas puro despeito?

– Você nunca se importou antes com quem eu transo.

– E continuo não me importando. Exceto quando isso mexe com a hipótese. – Celia fica de pé, arrumando a saia enquanto faz isso. Então ela se vira para mim. – Suas atividades extracurriculares são problema seu. Continue se divertindo, se quiser. Mas é bom perceber que o que faz com Alayna Withers fora do nosso plano tem o poder de afetar o resultado.

– É um pouco tarde para esse conselho. Você terminou eficazmente com quaisquer atividades extracurriculares, como você gosta de chamá-la.

Eu sei que, apesar da animosidade, ou ciúme, ou seja o que for da parte de Celia, ela realmente fez um favor a Alayna. Há uma conexão entre mim e essa garota, e Celia tem razão ao afirmar que nossa vida sexual está apenas afetando as chances de Alayna de permanecer forte. Eu sabia disso já por algum tempo, mas não tive forças para acabar com as coisas como eu deveria.

Assim é melhor, por mais que eu me sinta arrasado em ter que viver com isso.

Celia reconhece a minha decepção. Ela cruza atrás de mim e acaricia os meus cabelos.

– Eu sinto muito, Hudson. Eu realmente sinto. Eu provavelmente não deveria ter interferido como fiz. Eu só sei que você tem fé de que Alayna vai sair dessa mais forte, e, com o caminho que você tinha escolhido, isso simplesmente não ia acontecer. – Ela se inclina e me abraça por trás, sua boca no meu ouvido. – Eu fiz isso por você. Para dar à sua tese uma chance de lutar. Me perdoa?

Fico tenso sob seu toque. Temos tido contato físico ao longo dos anos, e ficamos suficientemente confortáveis um com o outro para nos beijarmos e nos abraçarmos sempre que a encenação assim o exigisse. Mas, agora, os braços de Celia ao meu redor se parecem com algemas. Ela exerce um poder sobre mim, consigo perceber. E não tenho ideia de como posso me libertar.

Empurrando-me para fora de seu abraço, eu fico de pé e giro para ela.

– Não finja que isso era para mim, Celia. Você esquece que eu te conheço. Você queria tornar o jogo mais desafiador, bem, você fez exatamente isso. Boa sorte com o resto disso, caminhando do jeito que você quiser.

Vou para a porta, mas ela chama atrás de mim.

– A sinfonia na quinta-feira? É o nosso próximo passeio, correto?

Eu ainda estou comprometido com o meu juramento de manter Alayna longe de Celia, mas uma recusa absoluta só vai incitar minha parceira.

– Vou ver o que posso fazer, mas não estou fazendo nenhuma promessa.

Mais tarde, na limusine, enquanto Jordan me leva para casa para eu me trocar antes de meu voo, tenho meu primeiro gosto de solidão. Eu sinto falta de Alayna. Eu quero vê-la, tocá-la, ouvir a voz dela.

Mas misturada com a solidão, sinto uma medida de afeto. Não é algo que eu entenda. Tudo o que sei é que eu me importo mais com o bem-estar de Alayna, no momento, do que com o meu. Assim, quando a mensagem de texto dela chega, tento ignorar o meu impulso para responder. Preciso ajudá-la a me esquecer.

Eu li a mensagem mais uma vez.

Obrigada pelo café. E por todo o resto.

E então pressiono o botão de excluir.

13

Os próximos dias são dolorosos. Eu trabalho longas horas, jogando toda a minha energia para resolver os problemas na Plexis. Mas as noites são longas e solitárias. Nem álcool nem ficar me masturbando aliviam nenhuma das minhas necessidades. Se eu fosse um objeto de estudos em uma de minhas próprias experiências, minha tese teria sido provada – a afinidade com outra pessoa torna uma delas falha. Ainda assim, por mais triste e fraco que esteja agora, não vou desistir dos momentos que compartilhei com Alayna.

Eu tinha planejado voar diretamente para Chicago na quarta-feira para mais uma reunião sobre a Plexis na quinta-feira de manhã, mas eu voltei para Manhattan na terça-feira em vez disso. É mais difícil lutar contra a minha vontade de correr para ela, mas encontro conforto em estar na mesma cidade. Passo a noite em meu loft, e os pensamentos do tempo que passamos juntos me acompanham enquanto derivo para dentro e para fora de um sono vacilante.

Logo cedo na quarta-feira, recebo um relatório de Jordan. Ele ainda está dirigindo para Alayna e, mais importante do que isso, ainda manda relatórios para mim. O seu relatório é um pouco banal, exceto que percebo que Alayna parou no prédio das Indústrias Pierce nos últimos dois dias. Esse comportamento dela pode ser avaliado como sem sentido para outra pessoa, mas eu entendo coisas sobre ela que outros não compreendem. Fico pensando se suas visitas são uma indicação de que ela está voltando a cair em hábitos passados.

A ideia me preocupa. É uma vitória menor para Celia.

Ao mesmo tempo, sinto-me coberto por um formigamento quente que é quase reconfortante. É uma merda sentir alegria com isso, mas não vou ficar contente com os reveses dela. Estou esperançoso, em vez disso, de que suas ações indiquem outra coisa, que eu significo alguma coisa para ela. Que estou presente em sua mente. Que Alayna sente algum afeto por mim, como eu me sinto em relação a ela.

Apesar de que não sei por que isso importa...

É depois de uma reunião improvisada no almoço com uma de minhas equipes de publicidade que eu a vejo. Acompanhei essas pessoas ao elevador, um dos homens terminando de contar uma piada quando as portas se abrem.

E lá está ela.

– Alayna.

Mesmo dizer o nome dela é um deleite que eu me neguei. Fico tonto com a visão dela,

mas estou ciente de onde estamos e do que é a nossa relação, e consigo manter grande parte da minha surpresa para mim mesmo.

Ela está congelada, aquela expressão de um cervo pego nos faróis de um carro cobrindo todo seu rosto. Estico a mão para ela. Alayna a segura e fico feliz. Como pode ser tão simples você ficar tão emocionado com apenas o toque de mão de uma mulher? É ridículo e maravilhoso ao mesmo tempo.

Viro-me para a minha equipe.

– Senhores, a minha namorada decidiu me surpreender com uma visita ao meu escritório.

Os homens fazem algum comentário espirituoso que eu perco porque estou completamente absorvido pelo sorriso dela. Completamente absorvido por ela.

Os minutos seguintes são um borrão, mas, finalmente, eu tenho Alayna comigo no meu escritório. Sozinho.

Nada disso pode ser uma boa ideia.

Com grande esforço, solto a mão dela e me distancio, física e figurativamente.

– O que você está fazendo aqui, Alayna?

Ela não olha para mim. Isso ajuda.

Enquanto ela trabalha em sua resposta, aproveito para estudá-la. Eu a entendo, acho. O sentimento de querer estar perto de alguém e saber que você não deve fazer isso. Sim, eu entendo isso.

Depois de um tempo, ela cruza seus braços em volta de si mesma e inspira profundamente.

– Eu, ahn, eu queria ver se você estava de volta.

Isso é difícil para ela. É difícil para mim também.

– Eu voltei ontem à noite. Você poderia ter ligado. Ou enviado uma mensagem.

É impressionante que eu possa aparentemente permanecer tão frio na presença dela quando, na realidade, estou girando com euforia.

– Você não responde meus textos.

– Eu não respondi uma mensagem.

Uma lágrima escorre pelo seu rosto.

– Foi minha única mensagem.

Os nossos olhos permanecem travados uns nos outros, e me vejo entrando em modo de exame. Estou coletando dados – a vulnerabilidade na maneira como ela está de pé na minha frente, a fragilidade de sua voz, o peso de suas lágrimas. Mas, ao contrário das outras vezes que estudei as mulheres na mesma situação, fico comovido por ela. Eu não posso bancar o durão com ela, mesmo que seja o melhor para nós dois, e vacilo.

– Não sabia que era importante para você. Vou me esforçar para responder no futuro.

Ela olha para mim, boquiaberta.

Eu a surpreendi tanto quanto a mim mesmo, e tenho medo de que esse meu amolecimento tenha causado danos irreparáveis. Endireito o corpo, assumindo uma posição de comando.

– Mas você não pode simplesmente vir aqui desse jeito. Como você acha que vai parecer ter a minha namorada vagando pelo lobby, andando pelo elevador quando nem estou na cidade?

– Mas como você...?

– Eu pago pessoas para saberem as coisas, Alayna.

Mais lágrimas caem.

– Eu... eu sinto muito. Eu não consegui evitar.

– Por favor, não faça isso de novo.

Estou despedaçado. Minha vontade é puxá-la em meus braços, não admoestá-la.

Sua testa franze em confusão.

– Por que você está assim?

– Assim como?

Estou tão confuso quanto ela. Será que fui muito duro? Pensei que tinha sido gentil. Bem, tão gentil quanto eu poderia ser sem trair a nós dois.

Mas ela está chorando agora.

– Eu ferrei com as coisas, Hudson! Você deveria estar chamando a sua segurança para me escoltar para fora. Eu sou uma merda, e você está levando tudo na esportiva.

Dou um passo em direção a ela, odiando o espaço entre nós.

– Não. – Deus, como eu queria tocá-la. – Isso é o que eu quis dizer sobre estar perto de alguém que entende. Eu sei tudo sobre compulsão. Eu sei tudo sobre ter que fazer coisas que você sabe que não deve.

Sem ser capaz de resistir, dou mais um passo e limpo uma lágrima de seu rosto, minha mão permanecendo lá mais tempo do que o necessário.

– Quando você sentir que não consegue mais se segurar, fale comigo primeiro.

Eu estou me iludindo? Achando que, de alguma forma, nós poderíamos ser assim juntos – ajudando um ao outro, curando um ao outro? Será que pensar nisso é de fato tão absurdo assim? Eu me esqueço de Celia e do jogo e me concentro apenas em nós dois, em Alayna e em mim, e isso parece quase... possível.

Ela encontra o meu olhar, e acho que ela sente o mesmo. Aonde isso poderia nos levar? Eu me pergunto…

Mas então, a voz de minha secretária ecoa pelo interfone.

– Sr. Pierce, a pessoa de sua reunião da uma e meia está aqui.

A realidade volta e eu me lembro que o espaço entre nós é para seu próprio bem. Eu suspiro e solto minha mão de seu rosto. Sinto falta do calor de sua pele.

– Eu peço desculpas por ter que encurtar a nossa conversa, Alayna, mas tenho uma outra reunião agora. E estou viajando outra vez esta noite.

Ela não esconde sua decepção, embora não tenha certeza de qual parte do que eu disse a incomode. Então, Alayna retruca:

– Eu odeio que você esteja viajando. Faz-me sentir um pouco inquieta.

Eu me sinto como uma árvore de Natal com a maneira como as minhas terminações nervosas se acendem com aquela pequena admissão.

– Estarei de volta amanhã. – E aperto a mão dela. – Venha comigo amanhã à noite para a sinfônica.

Eu sou egoísta. Sou um sádico. Estou enviando Alayna para o abate. Mas estou exultante porque são menos de trinta horas e estarei com ela novamente.

A euforia me segue através do resto do dia, e quando Alayna envia mais tarde uma mensagem de texto, respondo. E quando a mensagem pergunta *"Está pensando em mim?",* não hesito em responder honestamente: *"Sempre"*.

*

O meu avião se atrasou ao partir de Chicago, e estou atrasado para o espetáculo. Corro ansiosamente pelo saguão do Lincoln Center. Não apenas pela ansiedade de ver Alayna, mas estou ficando louco ao imaginar toda a merda que Celia pode ter despejado na minha ausência. Felizmente, Madge e Warren também vieram. Esperemos que sua presença irá manter sua filha mais comportada.

Eu entro em nosso camarote assim que as luzes do teatro se apagam. Alayna está de costas para mim, mas mesmo apenas a nuca dela e a curva de seus ombros são suficientes para fazer meu pau se contorcer e meu peito aquecer. Eu posso dizer que ela está usando o vestido que pedi. Embora eu não possa ver como ela ficou nele, sei de memória como o vestido preto longo abraça suas curvas, sei como os laços do espartilho que se prende em suas costas vão ser uma merda para desatar quando eu o tirar mais tarde.

Só que eu não vou despi-la mais tarde. Eu tenho que lembrar que não é o que ela pediu.

O meu telefone vibra com uma mensagem de texto na caixa de entrada. É de Alayna. *"Onde está você?"*

Eu deslizo pelos degraus até a minha cadeira e me inclino para ela para sussurrar em seu ouvido enquanto me sento.

– Bem ao seu lado.

A música começa quando aceno uma saudação aos Werner, mas tudo que sei é Alayna. O olhar dela, o calor dela, o cheiro dela, tudo isso me consome. Ela não deseja nada, apenas manter o fingimento entre nós, mas mesmo assim pego a mão dela e justifico isso como parte da encenação para os pais de Celia. Fico segurando, prendendo seu toque até o intervalo. Se for só isso que terei dela, vou aproveitar até a última gota.

Estamos bem com o nosso desempenho como um casal. Os Werner parecem comprar o nosso relacionamento. Estou preocupado quando Alayna acompanha Celia e Madge para o banheiro, mas não posso fazer nada para impedi-las de usar as instalações. Meus olhos se movem incessantemente de Warren para a entrada do camarote desde que elas saíram.

Warren percebe, claro.

– Ah, o amor entre os jovens – comenta ele. – Eu me lembro quando não podia suportar ficar sem Madge. Na verdade, esqueça essa coisa de jovem, ainda me sinto dessa forma.

Eu concordo. *Amor*, disse ele. Eu giro a palavra na minha cabeça. Não tem nenhum significado para mim. A maneira como ele parece se sentir sobre sua esposa não é nada que já tenha testemunhado entre meus pais. E, sim, eu estou interessado em ter Alayna ao meu lado novamente. Mas isso não é chamado de *amor*. Ou é?

Quando elas retornam do banheiro, Alayna parece no limite. Ela está carente, tocando em mim sempre que pode. Ela desliza a mão debaixo do meu paletó, e fico esperançoso de que isso pode significar que Alayna esteja disposta a nos dar outra chance.

Mas, se estiver, é uma má ideia acalentar tal coisa, e uma ideia ainda pior deixar que Celia saiba. Então, limito meu contato com Alayna a apenas segurar sua mão, embora esteja tão desesperado para tocá-la quanto ela está comigo. Enquanto a música toca, trato de me convencer um milhão de vezes de que não vou levá-la de volta para o loft. E, assim como acontece muitas outras vezes, eu me convenço de que vou. Qual das duas hipóteses vai vencer, não sei, mas pelo menos Celia não vai saber.

Após o concerto, todos nós caminhamos para a garagem juntos. Eu mantenho o meu braço em torno de Alayna, mas não posso olhar para ela. O toque é supostamente parte da encenação, mas se Alayna espiar meus olhos, aposto como ela irá notar o quanto isso é muito real para mim. E tenho receio também de que será testemunhado pela minha parceira no crime. É um ato de equilíbrio que mal consigo executar.

No meu carro, levo Alayna até o banco do passageiro e vou depois me despedir dos Werner. Celia se inclina para me abraçar.

– Você recuou. Estou impressionada – sussurra ela em meu ouvido.

– Eu poderia dizer o mesmo – sussurro de volta, embora eu duvide que ela tenha recuado em qualquer coisa e não estou tão impressionado assim.

Ela ri. Minhas entranhas se contraem a esse som. Celia tem tanto prazer nesse jogo,

enquanto eu estou lutando, jogando em ambos os lados.

Mas não quero pensar sobre Celia por mais tempo. Agora eu tenho que ficar a sós com Alayna, e tenho que decidir o que isso vai significar.

Ficamos em silêncio enquanto saímos da garagem, trechos da sinfonia repetindo-se em minha mente. Eu uso esse tempo para aliviar a tensão acumulada durante esta noite. Também aproveito para retomar a guerra interior – levo Alayna para o loft ou para a casa dela? Do que eu posso ler de Alayna, ela está igualmente em conflito. Uma vez que ela está inconsciente de todos os riscos envolvidos em nosso relacionamento, cabe a mim tomar a decisão.

E fiz isso no momento em que chegamos à rua. Não é uma decisão que me deixa completamente confortável, mas é a única com a qual posso conviver.

Enquanto estou decidindo como dizer isso a Alayna, ela quebra o silêncio.

– Então você sabia que Celia estaria lá hoje à noite.

Seu tom é duro, e isso me surpreende.

– Eu sabia que Celia estaria lá com seus pais, sim. – Lanço um olhar para ela, tentando entendê-la. – Lembre-se, os pais dela são amigos de meus pais.

Ela está chateada comigo. E não sei por quê. Ou ela está chateada consigo mesma. Alayna bate com a cabeça suavemente contra a janela do carro, e a vejo enxugando uma lágrima.

– O que há de errado?

Talvez houvesse acontecido mais coisas quando ela foi ao banheiro do teatro junto com Celia e Madge do que eu sei. Já estou fazendo planos sobre o que vou fazer com Celia da próxima vez que eu vê-la.

Mas Alayna me surpreende novamente.

– Eu quero você – sussurra no vidro.

Ela disse isso tão baixinho que duvido do que ouvi.

– Alayna?

– Eu sei o que eu disse. – E enxuga os olhos. – Mas talvez estivesse errada. Quer dizer, não sei se você está certo. Se eu passar mais tempo com você pode me fazer melhor. Mas sei que, desde que nos separamos, estou me sentindo pior.

Alayna olha para mim e há aquela luz novamente. A luz de que eu tinha saudades e que só brilha em seus olhos.

– Eu sinto sua falta. – Ela ri. – Não falei que eu me apego?

Estou aliviado. Eu tinha tomado a decisão correta, e ainda mais reconfortante é saber que Alayna admitiu que está ligada a mim. Não me importo com o que isso significa para o esquema de Celia. Porque o que isso significa para mim é mais importante.

E não posso esconder minha satisfação.

– Aonde você acha que vou levar você?

Ela olha pela janela. Posso dizer o momento exato em que ela percebe que estamos indo para o loft. Um rubor sombreia suas bochechas.

– Oh.

Em seguida, ela pensa sobre isso um pouco mais.

– Eu tinha dito que não queria mais sexo, e você estava me levando para o loft sem pedir?

A irritação se derrama de suas palavras.

– Alayna – suspiro. Deus, a nossa situação é frustrante. *Ela é* frustrante. – Você é um feixe de sinais misturados. Lá no teatro, você parecia indicar que...

– E você me afastou totalmente. Não venha me falar de sinais misturados!

Claro que isso é o que ela pensa. Ela não entendeu os meus motivos. Como poderia?

Eu descanso a mão em seu joelho.

– Eu estava tentando evitar misturar negócios com prazer. Uma tarefa difícil com você ao meu lado, preciosa. – Preciso que ela saiba como ela me afeta. Preferia mostrar a Alayna, mas como estou dirigindo, terei que tentar fazer isso com palavras. – Ainda mais andando de mãos dadas e como está gostosa nesse vestido.

Ela amolece.

– Oh.

– Se quer que eu peça, farei isso, mas você sabe que não é o meu estilo. – Alayna olha para mim, com os olhos arregalados, então eu me forço a perguntar o que nunca fiz antes. – Posso levá-la para a minha cama, Alayna?

– Pode – geme ela em resposta.

Nunca estive tão agradecido por encontrar um semáforo. Puxo a mulher para mim. Estou ansioso por um beijo. Esqueço as boas maneiras ou sutilezas. Eu vou transar com ela do jeito que nós dois precisamos, com desespero e necessidade. Esse beijo é o prelúdio.

Uma buzinada nos interrompe, cutucando-me para dirigir. Meu pau está tão duro como pedra, e eu mal consigo me concentrar, mas de alguma forma consigo chegar ao edifício das Indústrias Pierce sem nos matar. Entrego as chaves para o manobrista. Então estamos no elevador. Ficamos nos provocando durante a viagem e, quando chegamos ao loft, eu pressiono Alayna contra a parede. Ponho as mãos no rosto dela e a beijo. Avidamente, com abandono.

Enquanto eu a adoro com minha boca, ela me acaricia através da minha roupa. Então, puxa meu pau para fora, tirando-me a calça e a cueca. Alayna cai de joelhos e, antes que eu perceba, me tem em sua boca. Eu suspiro, puxando os fios de seu cabelo.

– Deus, Alayna. Isso é tão... ah... tão bom.

E isso é muito bom. É prazer em cima de prazer a forma como sua língua lambe minha coroa, a forma como a boca suga meu eixo no calor de sua boca. Estou tonto, minhas coxas apertando quando fico mais excitado e meu orgasmo se aproxima.

Mas embora ela seja incrível, enquanto tudo que ela faz para mim é incrível, eu não quero isso dela. Já tive muitos boquetes por muitas mulheres. Eu tirei delas, tirei, tirei, tirei. Não quero que seja assim com Alayna. Eu quero dar a ela, não apenas receber. Eu quero agradá-la. No mínimo, quero gozar com ela, nela. Eu não quero ser o único a receber.

Então eu a impeço de continuar.

Ela está perplexa, desapontada, talvez.

– Eu fiz alguma coisa errada? – pergunta.

É parte de sua beleza – como ela pode ser ingênua sem ser inocente. Isto tem a ver comigo, porém, e eu preciso apaziguar seus medos.

– Não, preciosa. Sua boca é incrível. – Eu a beijo novamente, o gosto salgado de meu esperma ainda em seus lábios. – Mas eu preciso gozar dentro de sua boceta. Estive pensando sobre isso por dias.

Então, nós estamos perdidos um no outro novamente. No momento em que lutamos para tirar o resto de nossas roupas, nós dois estamos tão ansiosos e impacientes que não podemos esperar mais. Eu levanto-a, levando suas pernas a se envolver em torno da minha cintura. Faço uma pausa, meu pau pronto em sua vagina. Tenho certeza de que ela não está molhada o suficiente, mas ela me convida para tomá-la de qualquer maneira.

Não posso me segurar mais, e mergulho, penetrando nela com um golpe profundo. Ela está áspera e tão apertada no começo, mas eu entro mais e mais até que ela se solta e passo a deslizar mais facilmente. É insano ser capaz de meter nela assim – segurando-a enquanto penetro tão intensamente, e tenho que creditar isso à pura adrenalina e à luxúria. Os sons eróticos de seus gemidos e nossas coxas batendo e a visão de seus seios saltando na minha frente alimentam meu desejo.

– Tão... bom – digo a ela. – Você é tão... gostosa!

Estou perto, tão perto, e se ela não passar por cima de mim, vou desmoronar. Viro o corpo dela para a parede, usando-a para segurar Alayna enquanto eu a ajudo a chegar lá também, esfregando seu clitóris enquanto continuo a penetrar nela com meu pau.

– Goze comigo, Alayna – peço. – Goze.

Suas coxas ficam agitadas em torno de mim e é assim que eu sei que ela está no ponto. Então, ela joga a cabeça para trás e solta o som mais lindo de todos – uma espécie de lamento eufórico. Suas unhas se cravam nas minhas costas enquanto sua boceta me inunda. É tão quente e eu estou lá também. Grito o nome dela enquanto gozo dentro dessa mulher, e nessas três sílabas simples, eu dou-lhe crédito por tudo o que ela faz por mim, não só

fisicamente, mas emocionalmente.

Ela não pode entender tudo o que quero dizer quando grito seu nome. Naquele estado pós-orgásmico, enquanto o zumbido ainda está em meus ouvidos e minhas pernas ainda estão dormentes, espero que um dia ela possa entender. Que possa saber o quanto significa para mim, o quanto ela está me mudando. E o quanto mais eu estou disposto a mudar por ela.

Nós dois estamos ainda ofegantes quando Alayna diz:

– Podemos fazer isso de novo?

Será que ela ainda tem que perguntar? Claro que podemos fazê-lo novamente. Mas faço uma encenação antes de responder, olhando para o meu relógio.

– Você tem que estar no trabalho à uma? Acho que podemos conseguir fazer isso novamente duas vezes.

Eu tomo a boca de Alayna de novo, não tentando recomeçar as coisas, mas sim para me esfriar. Seus lábios estão inchados, e meu beijo é mais suave. Quando o meu ritmo cardíaco retoma uma velocidade normal, decido me afastar.

Depois de conduzir Alayna para o sofá, dirijo-me à cozinha.

– Você quer água ou chá gelado? – chamo por cima do ombro.

– Água, por favor.

Pego uma garrafa e, depois de tomar um longo gole, levo até ela. Alayna está encolhida no canto do sofá, abraçando os joelhos. Eu odeio o fato de que ela ainda esconde a sua nudez de mim, mas isso é adorável, ao mesmo tempo. Como se ela realmente pudesse esconder alguma coisa de mim.

Entrego-lhe a garrafa. Ela acena um agradecimento quando a toma de minhas mãos, a testa franzida como se estivesse pensando. Depois de dar um gole, pergunta:

– Você poderia realmente fazer isso? Ir novamente duas vezes?

– O que você acha?

Eu poderia ir toda a noite com ela. Porque é a primeira mulher sobre quem posso dizer isso. Eu nunca me canso de Alayna.

Seus olhos castanhos brilham, insolentes.

– Eu acho que você gostaria de pensar que pode.

Meus olhos se estreitam.

– Você não tem que me desafiar para me obrigar a provar isso, preciosa.

Eu já estou semiduro.

– É mesmo?

Os olhos dela pousam em meu pau, que fica ainda mais duro sob esse olhar.

Tiro a garrafa de água de sua mão e coloco-a sobre a mesa de café antes de dar o bote em

cima dela. Alayna grita, mas facilmente obedece quando insisto para que ela estique seu corpo sob o meu.

– Seja cuidadosa com quem você brinca, Alayna. – Belisco seu queixo. – Posso garantir que, no final, quem vai sair por cima serei eu.

Provo isso segurando as mãos dela acima da cabeça e beijando-a sem parar. Ela torce o quadril para encontrar o meu, mas mantenho minha pélvis um pouco fora dela, provocando-a. No momento em que me sinto arrastado pela minha própria provocação, recuo. Há algo que eu preciso perguntar a ela, e não posso esperar mais tempo pela resposta.

– Por que você decidiu retomar isto?

Ela demora um minuto para entender a minha pergunta.

– O sexo? – Ela cora, tirando os olhos dos meus. – Bem, além do motivo óbvio...

– Sim?

– É divertido. – Seu rubor se aprofunda.

– Sim, você está certa. Bastante óbvio. – *E muito divertido*. É na sua outra resposta em que estou mais interessado, porém. – E...?

Agora, ela encontra o meu olhar, seus olhos castanho-escuros me encarando penetrantes com a sua transparência, com a sua honestidade.

– E eu confio em você – diz ela.

Minha garganta fica seca e meu coração parece que está caindo para o meu estômago. Não é o que eu esperava que ela dissesse, nem em um milhão de anos, se bem que... o que eu *tinha* esperado que ela dissesse? Que ela pulou de volta para a cama comigo porque tinha ficado intimidada? Porque ela não poderia resistir a mim? Porque ela estava apaixonada por mim?

Qualquer coisa que ela dissesse teria tido suas próprias repercussões a enfrentar, mas qualquer outra resposta teria sido mais fácil de receber do que esta.

De repente, parece que não há ar suficiente, e eu tenho que me sentar. Manobro então gentilmente as suas pernas para arrumar um espaço onde eu possa me sentar. E, como sou um masoquista e tenho que ouvir tudo isso, eu digo:

– Vá em frente.

– Bem...

Ela enrola seus joelhos novamente enquanto pensa, mas não os usa para esconder seus seios, como fez antes. Ela parece mais confortável, o que é bastante irônico, considerando o quão desconfortável estou no momento. Felizmente, ela não parece notar.

– Você disse que estava diferente agora – diz ela finalmente. – Diferente comigo. E eu percebi que não importa se é loucura ou estupidez acreditar. Porque acredito, de qualquer maneira. Eu acredito em você. Eu confio em você. Sobre isso, confio em você.

Mais uma vez, ela me atinge com esses olhos castanhos penetrantes, e me sinto como alguém que está de pé diante de um juiz à espera de sua sentença. Que será a liberdade ou a execução, mas o estranho é que o veredicto será decidido por mim. Pela forma como eu escolher responder à sua franqueza.

Eu já sei qual será a decisão, mesmo antes de pesar as minhas opções.

Há tantas razões pelas quais Alayna não deve confiar em mim, é claro, e a menor delas é que estou atualmente mentindo para ela, e dando um golpe nela. Esta é uma oportunidade perfeita para confessar, e se eu fosse um cara decente, faria isso, embora certamente fosse a minha sentença à morte.

Mas não é o que eu escolho. Porque, e de um modo bastante verdadeiro, tenho sido mais honesto com ela do que com qualquer outra pessoa em toda a minha vida. Mesmo com Celia, sufoquei qualquer emoção que tivesse começado a insinuar-se em mim. Com Alayna, estou deixando que isso aconteça, permitindo que os sentimentos passem a existir. E isso está me transformando em alguém que *pode* ser confiável. *Alayna está* me transformando em alguém que merece essas palavras: *Eu confio em você.*

Isso me emociona – suas palavras, sua presença, a minha transformação. Isso me rouba as palavras.

Então, puxo essa mulher para meu colo e passo a responder da melhor maneira que conheço – com meu corpo. Com a nossa conexão física que transcende qualquer conexão que já tive com outro ser humano. Passo a beijar seu rosto, pálpebras, bochechas, a curva de sua mandíbula. Então, enquanto minha boca viaja ao longo de seu pescoço, desço minhas mãos para baixo, memorizando as linhas de suas costelas com os meus dedos, deslizando pela inclinação de seus quadris com as palmas das mãos.

Eu falo com ela assim. Uso meus gestos em vez de palavras. *Estou aprendendo com você*, digo quando estou lambendo seu ombro. *Sua confiança me dá motivos*, sussurro quando mordisco o mamilo e ele fica duro. *Não desista de mim,* peço enquanto deslizo minha mão entre as coxas para esfregar seu clitóris. *Eu sinto você*, quando levanto o corpo dela e a acomodo no meu pau.

Embora eu não saiba nada de amor, faço amor com ela. Totalmente. Completamente. Inegavelmente.

A garota estabiliza a si mesma com as mãos sobre meus ombros enquanto penetro nela e deslizo para fora. Ela é quente e apertada, e minha coroa bate contra ela em um lugar que faz com que Alayna passe a se contorcer e faz meu pau crescer ainda mais. Ela está por cima, mas consigo controlar todo o movimento – o ritmo, a força dos meus golpes, a profundidade da minha penetração. É uma canção de amor que canto para ela, do jeito que a abraço, beijo e a envio para um estado de êxtase, seus soluços de prazer ao fundo. Faço

com que Alayna goze – duas vezes, até – antes de apertar meus dedos nos quadris e procurar meu próprio orgasmo, atingindo-o quando menos espero com uma súbita explosão de euforia.

É o sexo mais doce que já tive. O mais poético. O mais transformador.

Enquanto nos acalmamos juntos, descendo dessa onda de felicidade, pouso em um espaço de clareza. Paro de me preocupar com o fato de que será Alayna a ficar despedaçada com este caso, e começo a aceitar que serei eu.

14

Antes

Tentando ignorar a música de Natal que minha mãe pôs para tocar, eu me concentrei em colocar alguns números em uma planilha de uma das empresas com as quais meu pai me deixou trabalhar durante os feriados. Plexis, uma subsidiária com uma grande perspectiva. Se minhas modificações no plano de negócios fossem bem-sucedidas, os ganhos para o próximo ano iriam muito além do que havia sido previsto. Isso era excitante o suficiente para fazer com que o tempo passado com minha família durante as férias fosse suportável.

– Não vejo nenhuma caixa do tamanho de um anel de diamantes por aqui – disse minha mãe atrás de mim.

Olhei para trás para vê-la organizando os presentes sob a árvore na sala de estar, pela quinta vez em uma hora. Havia mais presentes do que eu já vi por lá, e aposto que pelo menos metade deles foram para *o bebê*.

– Não vai ter anel, mãe. Eu não vou me casar com Celia. Já lhe disse isso.

– Eu continuo esperando que você esteja tentando me surpreender com um noivado no Natal.

Ela falava sem parar de planos de casamento desde o feriado de Ação de Graças. Eu tinha pensado que teriam sido os pais de Celia a pressionar por um casamento. Acabou que Sophia era muito pior.

– Eu gostaria mesmo de saber qual cor comprar. – E colocou outro pacote no monte. – Mas guardei todos os recibos, para o caso de você e Celia se enjoarem de verde e amarelo.

Quando combinei de ter uma paternidade limitada para o filho de Celia, tinha esquecido de levar em consideração minha mãe. Desde que tínhamos anunciado essa novidade, Sophia tinha vivido em um zumbido de excitação. Cada conversa acabava sempre em torno desse bebê. Cada dia era uma nova chance para ela enlouquecer com seu neto ainda não nascido. Parecia também que ela estava bebendo menos. Embora isso fosse difícil de provar, especialmente quando eu tinha estado ausente na faculdade por grande parte das últimas semanas.

Ela trouxe um presente da parte de trás de modo que ficasse mais visível. Ele era um que eu não tinha visto antes, o pacote em forma muito parecida com um cavalo de balanço. Quanto tempo levaria para que um garoto pudesse usar isso? Com um suspiro, eu me virei

para meu computador.

– Estou tão feliz que Celia não vai voltar para a faculdade no próximo semestre. Espero que vocês fiquem aqui.

Esta foi outra conversa que havia se repetido continuamente. Por telefone e depois pelo menos duas vezes por dia desde que eu cheguei em casa para as férias.

– Boston não está longe. Estarei presente em cada exame pré-natal. Vou me certificar de estar aqui também para o parto.

– Isso é o que você continua dizendo. Mas o trabalho de parto pode vir rapidamente. E se você perder?

Eu não respondi. Honestamente, eu ficaria feliz em perder isso. Ver Celia em uma sala de parto não era algo que estivesse no topo da minha lista de coisas-legais-para-se-fazer. O restante, os exames, os ultrassons, até mesmo o enxoval verde e amarelo, tudo isso eu começara a olhar com algum entusiasmo. Eu ia ser pai. Não importava que ele não fosse meu biologicamente. Como eu o assumi, ele era meu filho em todos os sentidos que mais importavam.

Sophia não parecia se importar que eu não tenha respondido.

– Você sabe, nós não temos que esperar até depois do Natal para saber o sexo do bebê no ultrassom. Nós podemos ir a um desses lugares que fazem ultrassom 3D. Você acha que devo falar com Celia e organizar isso? É por minha conta.

– Não. – Fiz uma pausa enquanto terminava de digitar a fórmula que eu estava trabalhando. – Madge não confia nessas coisas. Ela quer esperar por seu exame agendado.

– Não temos de contar a Madge.

– Mesmo que fosse capaz de manter alguma coisa em segredo de Madge, não acho que Celia iria querer ir sem sua mãe.

– O que eu não entendo é por que você não está mais animado sobre isso? – A voz da minha mãe se aproximou enquanto ela falava. Em seguida, ela se sentou à mesa ao meu lado. – É o seu primeiro filho, Hudson. Mostre um pouco mais de orgulho.

Talvez eu precisasse fazer um trabalho melhor em demonstrar entusiasmo. Meu pai, porém, não tinha se mostrado muito mais emocionado do que eu. Nem foi uma surpresa. Nós nunca conversamos sobre isso, mas se ele não assumia que o bebê poderia ser dele, então ele era um idiota. Mesmo que ele acreditasse que eu, de verdade, fosse o responsável pela gravidez de Celia, ele tinha que estar pelo menos um pouco desconfortável com a ideia de ele compartilhar uma mulher com seu filho. Isso *me* incomodaria, de qualquer maneira. Mas meu pai e eu tínhamos diferenças óbvias em relação ao que era socialmente aceitável e o que não era.

– Eu não sou muito expressivo – respondi, não olhando para cima do meu trabalho. – Isso

não significa que não sinto as coisas.

Era uma frase que eu tinha roubado de algum filme. Não teria sido curioso se fosse realmente verdade?

Ela colocou a mão no meu braço.

– Estou contente de ouvir isso, Hudson. Eu costumava me preocupar que você não fazia isso.

Minha mãe nunca tinha dado qualquer indicação de que ela percebesse minha falta de resposta emocional. Eu digitei mais uma fórmula e fechei meu laptop.

– O que exatamente a preocupava, mãe?

– Você, Hudson. Você me preocupava. – Ela largou a mão do meu braço e pousou na mesa. – Você se lembra de quando tinha doze anos e fez a prova de admissão no Choice Hill?

Assenti com a cabeça. Essa tinha sido a escola de elite que frequentei no ensino médio. O processo de admissão foi uma rigorosa sessão de seis horas de vários testes de QI e de personalidade. Os alunos que foram aceitos não só eram os mais ricos em Manhattan, mas também os mais bem-dotados intelectualmente.

– Um dos psicólogos que trabalharam com você. – Ela franziu a testa como se tentasse se lembrar de algo. Depois de alguns segundos, acenou com a mão com desdém. – Seu nome me escapa, mas de qualquer maneira, ele sugeriu que você lutava com as emoções. Ele recomendou que fizéssemos outros exames em você. Para que pudéssemos descartar tendências ou personalidade esquizoide e sociopata, ou síndrome de Asperger. Porque você tinha um afeto embotado. Ou vivia em negação. Ou algo assim. Eu não me lembro os termos.

Meu coração bateu no meu peito. Esta foi a primeira vez que eu tinha ouvido falar disso.

– Mas eu não me lembro de ter feito esses testes.

– Oh, não. Você fez tudo na escola, por isso não vimos razão de continuar vasculhando essa coisa.

Sentei-me na minha cadeira, incrédulo.

– Eu fiz na escola – repeti – e assim vocês não viram nenhuma razão para descobrir se o seu filho poderia estar sofrendo de um distúrbio psicológico importante.

Ela revirou os olhos.

– Não vá começar a agir como se isso fosse tão sério. Você está obviamente bem.

Como diabos ela poderia pensar que eu estava bem? Eu nunca estive bem. Enquanto eu não estava particularmente ansioso para experimentar as emoções voláteis, irracionais de meus colegas, eu, pelo menos, queria saber o que diabos havia de errado comigo. Que merda me fazia ser assim tão diferente?

Essa indiferença casual de meus pais em relação a um problema potencial perturbou-me, acima de tudo. Sejam quais fossem meus problemas, pelo menos eu sabia como sentir raiva. E eu estava excepcionalmente com raiva no momento.

Eu não tinha terminado de decidir se devia ou não expressar a minha raiva quando o telefone tocou, tomando a decisão por mim. A governanta teve o seu dia de folga, por isso Sophia levantou-se para atender. Pelo tom de seu "Olá", eu sabia que devia ser uma de suas amigas.

Eu a desliguei, abrindo o laptop para fazer uma pesquisa na internet. Tinha acabado de digitar "afeto embotado" quando minha mãe engasgou. Eu olhei para ela. Ela estava balançando a cabeça, a mão levantada para agarrar o peito. Por um bom segundo, fiquei imaginando se ela estava tendo um ataque cardíaco.

Em seguida, seus olhos encontraram os meus.

– Certo, certo – ficava dizendo para o receptor. – Estaremos lá. Estamos indo. Até breve.

Ela desligou, e eu vi que toda a cor tinha deixado seu rosto.

– Hudson, Hudson. Ah, não.

Minha testa ficou enrugada. Foi o pai? Ele tinha levado meus irmãos para fazer patinação no gelo no Rockefeller Center mais cedo. Ou era Mirabelle? Ou Chandler?

Minha mãe correu em minha direção, e eu fiquei de pé para pegá-la. Ela já estava chorando quando escondeu o rosto no meu ombro.

– É o bebê – disse ela com o rosto na minha camiseta. – Celia acaba de perder o bebê. Ela está no hospital. Temos de ir.

Nunca pressionei o botão de "retornar" no campo de busca. Os resultados de *minha pesquisa* nunca apareceram. Eu não precisava da internet para me dizer se eu podia sentir ou não. Naquele momento, tudo o que eu sentia era entorpecimento.

*

Eu assistia ao gotejamento do soro em transe, os sinais sonoros do monitor cardíaco, o único som no quarto silencioso, escuro. Celia estava dormindo. E tinha ficado assim por várias horas. Eu não tinha falado com ela ou a visto acordada desde que cheguei.

Quando a minha mãe e eu chegáramos ao hospital, Celia estava em trabalho de parto. O bebê, fomos informados, já estava morto.

Depois, ela não queria ver ninguém. Madge e Warren nos deram as poucas informações que receberam. Eles tinham ido ao pronto-socorro quando a bolsa de Celia rompeu. Lá, um ultrassom não tinha conseguido encontrar o batimento cardíaco do feto. Os médicos calcularam que ele tinha falecido talvez há duas semanas. Celia estava internada na

enfermaria de obstetrícia. O trabalho de parto continuou naturalmente e, algumas horas mais tarde, viram que era um menino.

Passei a noite consolando minha mãe na sala de espera. Finalmente, meu pai chegou e levou-a para casa, onde eu imaginei que ela iria chorar do jeito que ela sabia fazer melhor, com uma garrafa de vodca. Embora Celia ainda se recusasse a me ver, eu fiquei. Por volta de meia-noite, os Werner foram embora, prometendo voltar logo de manhã cedo. Foi então que me esgueirei ao quarto dela. Passei a noite acordado em uma poltrona ao lado da cama. Eu não tinha nenhuma razão para estar lá. Eu não tinha nenhuma razão para ir embora.

– Por que você está aqui?

A voz de Celia me tirou do meu estupor.

Eu limpei minha boca e minha garganta antes de tentar falar.

– Você está acordada.

– Estou. – Ela apertou um botão, e a cama inclinou-a em uma posição sentada. – E você não precisa estar aqui. A farsa acabou. Você pode ir. – Seu tom de voz era direto, vazio de expressão.

– Eu não vou embora.

– Por quê?

Respondi honestamente.

– Não sei.

Ela inclinou a cabeça para trás no travesseiro, aceitando a minha resposta. Celia não me pediu para sair do quarto de novo, e algo me disse que era porque ela realmente não queria isso.

Embora eu soubesse que a conversa não era necessária, perguntei mesmo assim:

– Como você se sente?

Ela encolheu os ombros.

– Entorpecida.

Essa era uma emoção que eu conhecia bem.

– Isso é natural.

– É mesmo?

Quem diabos saberia que era natural? Certamente, eu não.

– Eu realmente não sei, Celia. Suponho que seja. – Quando ela me olhou com olhos vazios, continuei a falar. – Imagino que seja algum tipo de mecanismo de defesa para o trauma. Será que eles sabem o que aconteceu?

Ela começou a sacudir a cabeça e parou.

– Um dos médicos me disse em particular, quando meus pais não estavam no quarto, que parecia haver problemas no desenvolvimento do feto. Eu perguntei se isso poderia ter

acontecido porque... bem, porque fui a muitas festas no começo e... bebi demais e ainda, ahn, usei drogas. Antes de saber que estava grávida, é claro. Ele disse que não podia ter certeza, mas foi provavelmente um fator contribuinte.

Sua voz estava áspera com a honestidade, ou talvez fosse o fato de que tinha acabado de acordar e o dia anterior tinha sido mais do que difícil. De qualquer forma, senti que eu era a única pessoa que iria ouvir essa verdade.

Mas eu não tinha nada para lhe oferecer em termos de conforto. Nem sequer tentei. Perguntei-me, porém, no silêncio que se seguiu, se ela me culpava. Parecia uma reação razoável a partir do que eu aprendi sobre o comportamento humano. Celia tinha perdido seu filho por causa do uso de drogas e álcool. E havia feito isso porque estava de coração partido. E eu partira seu coração. Era justo dizer, então, que Celia tinha perdido seu filho por minha causa.

Ela nem sequer teria ficado grávida se não fosse por mim. Era fácil dizer que suas ações eram sua responsabilidade, apenas, mas eu tinha manipulado essa garota pela única razão de estudar como ela reagiria. Eu tinha culpa.

Mas não me sentia culpado ou até mesmo arrependido, necessariamente. Eu simplesmente queria saber se ela me culpou. Mesmo aqui, neste momento inadequado, procurei entender as nuances da psicologia humana.

Celia quebrou o silêncio.

– Sinto muito.

– Mas por qual motivo? – Vindo logo depois do meu diálogo interno, o seu pedido de desculpas parecia particularmente fora do lugar.

Ela piscou várias vezes, e percebi que estava chorando.

– Você não é realmente o pai, mas sinto que preciso dizer isto a alguém. Então, estou dizendo a você que eu sinto muito. Me desculpe, eu matei o nosso bebê.

Suas lágrimas fluíam em correntes suaves que ela limpou com a ponta dos seus dedos. Ela ficou em silêncio e seu corpo, imóvel, enquanto chorava. Fiquei assistindo, absorvendo aquilo. Não completamente insensível, notei uma certa melancolia me envolvendo. Foi quase estimulante, até, sentir algo diferente do que sempre sentia. Porém, esta emoção parecia menos do que confortável para Celia, e isso era lamentável.

Quando o choro parou, Celia lançou-me um olhar.

– Foi divertido por um momento, não foi? Fingindo que era nosso.

Eu inclinei minha cabeça enquanto refletia sobre isso. Nossa farsa foi muito fácil de ser vendida. As pessoas estavam prontas a acreditar, e isso havia inspirado uma espécie de prazer secreto. Celia estava na Califórnia durante a maior parte de nosso ardil, mas nos dias anteriores à sua partida, pude reconhecer sua própria euforia. Ela tentou escondê-la atrás do

pretexto de vergonha e culpa, mas eu podia ler essa garota muito bem.

– Sinto que o entendo melhor agora, Hudson. – Ela esperou que eu erguesse os olhos interrogativamente para ela. – Porque você faz esses jogos. Porque jogou comigo.

Meu coração ficou imóvel por um instante. Eu tinha que ter entendido mal sua alusão. E esclareci.

– Que jogo?

Ela soltou um suspiro exasperado, jogando a cabeça para trás em seu travesseiro.

– Não vamos fazer isso agora, Hudson. Por favor? Seja honesto comigo por um minuto.

Talvez tenham sido as circunstâncias que nos rodeavam ou a melancolia persistente. Ou talvez a escuridão do quarto. Ou a falta de sono. Ou, finalmente, a oportunidade de falar com alguém que estava disposto a me ouvir. O mais provável era que fosse a combinação de todos os itens acima, o que me permitiu pisar em terreno sagrado e revelar os meus segredos.

Em voz baixa e firme, derrubei a primeira parede.

– Eles não são jogos.

– O que são, então? – Celia combinava com o tom e o timbre da minha voz, como se entendesse tão bem quanto eu que este momento era incomum. Que essa conversa seria única.

– Eles são experimentos. – Fixei meus olhos no constante blip do monitor cardíaco. – Eu não entendo... as pessoas. – *Blip, blip*. – O que faz as pessoas sentirem, e faço esses experimentos para entender. – *Blip*.

– Você não sente as coisas? – *Blip*. Sua frequência cardíaca não se alterou.

Blip.

– Acho que não, pelo menos não da maneira que a maioria das pessoas sente. – *Blip*.

– Isso explica muita coisa.

Encontrei o olhar dela.

– Ah, é?

– Sim. – Ela não estava falando de modo acusatório. Simplesmente falava a verdade. Nós éramos iguais, de certa forma. Ela entendia coisas sobre as pessoas. Ela entendia coisas sobre *mim*, pelo menos. – Você fez isso com mais gente além de mim, então?

Assenti lentamente.

– Você aprendeu alguma coisa?

– Eu aprendi muito.

– Mas ainda continua sem sentir as coisas. – Celia estava curiosa, mas aceitava.

– Não. – Agarrei os braços da cadeira, mas depois soltei de novo. – Não acho que isso seja uma coisa que vai mudar. Não é por isso que faço. Quanto mais experimento, menos eu sinto. Exceto com você. Você... eu não sei. – Não é que eu não quisesse compartilhar com

ela, é que eu simplesmente fiquei sem palavras. – Você é muito parecido com família, eu acho. Então, eu tenho... Eu sinto... *alguma coisa*.

– Você não sabe o quê, porém?

– Não. – Tentei descobrir isso tantas vezes. – Obrigação, talvez. Responsabilidade.

Ela brincava com a borda de seu lençol, mas manteve seu foco em mim.

– Mas com os outros, você não sente nada?

– Não.

Ela soltou o lençol, virou-se e apoiou a cabeça em uma das mãos.

– Você já sentiu alguma outra coisa?

Deus, estávamos realmente fazendo isso, então? Examinando todas as peças, deixando todas as paredes cair. *Poderia muito bem ficar confortável*. Cruzei um tornozelo sobre o joelho vestido de jeans.

– Na verdade, não. Raiva, às vezes. Nojo.

– Você nunca está feliz?

– Estou muitas vezes contente.

Eu não mencionei que a única excitação que eu sentia girava em torno da manipulação dos outros. Eu estava me despindo na frente dela, mas não tinha necessidade de ser vulgar.

– E quanto à tristeza?

– É mais como desapontamento. – Limpei minha garganta. Isto era o mais próximo de simpatia que Celia receberia de mim. – Neste momento, estou desapontado por você.

Mas tinha havido um momento, o momento em que eu soube que o bebê de Celia estava morto, que esse desapontamento tinha sido outra coisa. Algo mais intenso, mais intolerável. Ele parecia começar no centro de mim, uma sensação tão forte que soou em meus ouvidos. Logo reverberou em meus ossos, na minha pele, até que cada parte de mim tinha... *doído*.

Mas bastou um alinhamento de minha coluna e a decisão de não sentir mais isso. E com um assobio, isso ficou em silêncio. Foi embora. Eu estava endurecido de novo.

Tinha sido um incidente único. Um que eu nunca tinha experimentado antes. Talvez isso tenha garantido a necessidade de renomear o sentimento, para o benefício de Celia.

– Estou *muito* desapontado por você.

Ela mordeu o lábio como se estivesse lutando com um novo fluxo de lágrimas.

– E quanto à culpa? Ou à compaixão? Ou ao amor?

Eu balancei minha cabeça, negando.

– Você não ama sua mãe? Ou Mirabelle?

– Isso é mais complicado. – Era difícil explicar a minha falta de emoção para outra pessoa quando eu mesmo mal entendia isso. – Acho que tenho um carinho por elas. Eu sinto uma afinidade para com elas. Mas isso é tudo.

A respiração de Celia parecia ter ficado irregular, e eu só poderia assumir então que essa revelação a perturbava.

– Não me entenda errado – acrescentei –, elas significam algo para mim. Mas dificilmente isso se compara com as profundidades que eu acredito que os outros sentem pelas pessoas pelas quais se importam.

– Isso o incomoda?

– Isso me intriga. Me incomoda? Não realmente. – Eu estava grato pelo quarto quase na escuridão. Isso deixava a conversa honesta menos intensa. – Essa coisa me deixa mais forte, eu acho. Ninguém tem o poder de me machucar.

Esta ideia me perturbou por um tempo, mas nunca se formou por completo. Agora, que eu tinha dito isso em voz alta, recostei no assento da cadeira e absorvi a noção. Este incidente tinha sido realmente o melhor teste do conceito. Isso *quase* me machucou. Não muito, mas quase. E assistir aos Werner e minha mãe e Celia suportar essa dor como se fosse uma febre terrível e sem alívio era exaustivo em si. Se alguma vez pensei que a minha impassibilidade fosse uma maldição, não sabia. Mas agora, era uma bênção.

Aceitar isso não mudava nada – nem mudava a mim – mas talvez tenha impulsionado meu interesse em estudar a psique humana. Isso me deu uma missão. Porque ao aprender o motivo pelos quais os outros se comportavam da maneira que faziam, eu descobri mais da minha própria força.

– Hudson. – A voz fraca de Celia me tirou do meu devaneio. – Ensine-me, Hudson.

Eu levantei uma sobrancelha, questionando.

– Faça seus experimentos comigo.

– O quê? Por que você quer que eu...? – Eu não sabia como reagir ao pedido insano. – Não vou mais experimentar com pessoas que conheço, nunca mais!

– Não é *em* mim. É *comigo*! – Celia se sentou na cama. – Eu quero aprender como fazê-lo. Ensine-me.

Compreender a sua verdadeira intenção não deixou a solicitação menos estranha.

– Não. Isso é um absurdo.

– Por favor.

– Não. – Mas agora Celia tinha plantado o pensamento, e não pude deixar de explorá-lo. – Por quê?

– Porque eu quero ser assim.

– Como o quê?

– Como alguém que não sente. – Ela caiu de volta na cama. – Eu não quero mais sentir. Eu disse que estava dormente, mas há algo pior escondido debaixo. Picos irregulares de dor. Eu queria aquele bebê, Hudson. E, antes disso, eu queria *você*. Não mais, mas eu quis. Tudo

o que resta desse desejo todo é dor. Eu tentei te odiar, e odeio um pouco. Mas, principalmente, não consigo evitar, admiro você. Seus métodos são impressionantes. Talvez você seja um exemplo de evolução. Talvez a falta de emoção seja o que é preciso para levar a raça humana para o próximo nível. Porque eu acho que você está certo, a falta de emoção é a sua força. E não sei se você nasceu assim ou se você virou isso ao longo do tempo por causa da sua família fodida. Desculpe, mas é verdade. Mas eu acho que eu poderia aprender. Ou pelo menos tentar. Qual é o mal em deixar-me tentar?

Sua voz tinha se reforçado enquanto falava, e agora suas palavras ecoaram na sala silenciosa. Honestamente, havia pouco a refutar. E as possibilidades que seu monólogo haviam inspirado...

– Tudo bem.

Ela animou-se com surpresa.

– Tudo bem? Jura?

Minha mente já estava nadando com os planos. Eu nunca fui à procura de experiências. Elas surgiam de situações e relacionamentos em torno de mim que eram interessantes, que eu queria explorar. Por exemplo, havia um casal recém-casado que tinha acabado de se mudar para o prédio dos meus pais. Embora eles tivessem recentemente comprometido suas vidas um para o outro, não pude deixar de notar a maneira como o cara olhava para outras mulheres. Havia muita coisa que eu queria estudar lá. Celia iria realmente ser útil.

– Depois do Natal. Se você ainda estiver a fim.

– Eu estarei a fim. – Celia estava animada.

Minha pulsação estava acelerada. Era uma coisa doentia, sentir que o entusiasmo dela era um tesão mental? Sufoquei minha adrenalina adicionando praticidade.

– Haverá regras. Algumas a gente vai ter que criar à medida que avançamos, já que nunca trabalhei com um parceiro.

– Claro. Qual é a diversão de um jogo sem regras?

– Eles não são jogos. – Isso saiu mais duro do que eu pretendia, mas era importante para mim que ela entendesse a diferença. – Eles são experimentos. É ciência.

– Como você quiser chamá-los, Hudson. É uma quetão de semântica. Não há nada de errado em ter um pouco de diversão com essa coisa. Eu sei que você tem...

Então, não importava que eu não tivesse contado a Celia que os jogos me excitavam. Ela já sabia.

E Jesus, eu mesmo já estava me referindo a eles como jogos. Se eu não estivesse tão ansioso pela nova fase de minha pesquisa, eu poderia ter ficado irritado.

– Talvez – admiti. – Há um certo prazer em prever corretamente como as pessoas vão reagir.

Ela sorriu, o primeiro sinal de alegria desde que tinha acordado naquele quarto frio e estéril.

– Com o que eu concordei, mesmo? – Sorri de volta, com sinceridade.

Celia respirou fundo. Em seguida, sua expressão aliviou-se em algo mais solene.

– Obrigada, Hudson.

– Não há de quê. – Isso também foi verdadeiro.

Nós nos acomodamos em um silêncio confortável. Minha mente rodopiava com ideias e noções. Talvez algo realmente bom tivesse saído de toda a confusão de Celia. Porém, em algum lugar dentro de mim, um sinal de alerta soou, e embora fosse baixo o suficiente para ignorar, era persistente e me deixou com uma pequena sensação de dúvida e temor.

Depois de um momento, ela riu.

– Você é tão ridículo, sabia? Você é como o Homem de Lata em *O mágico de Oz*. Durante todo o tempo ele não acha que tem um coração e ainda assim ele realmente tinha.

– Uma comparação interessante.

Eu sempre me identifiquei mais com Hannibal Lecter, da famosa série de livros de Thomas Harris sobre um serial killer sociopata e psicologicamente curioso. Embora eu não fosse um assassino em série, o modo como a personagem moldava e manipulava os outros, estudando e prevendo seu comportamento – ler esses livros era como olhar em um espelho.

– Exceto que eu realmente não tenho um coração.

Mesmo na penumbra, vi Celia revirando os olhos.

Bati de leve um dedo no braço da cadeira e considerei a base de sua análise – ela viu bondade em coisas que eu tinha feito, imaginei. Embora Celia possa ter percebido benevolência, isso não foi sincero.

– Você percebe, Celia, qualquer coisa que aparece como um ato de compaixão de minha parte é simplesmente isso, um ato.

– Mas por que realizar esses atos, afinal? Veja por exemplo comigo. Por que afirmar que era o pai de meu bebê?

Havia um punhado de respostas que eu poderia ter dado, algumas com um pouco de verdade, outras apenas mentiras diretas. A verdade era que eu me sentia obrigado. Era a única emoção que eu tinha, e como tal, tinha que fazer bom uso dela. Se o meu senso de dever ia ser a razão para a maior parte de minha existência, então tinha que garantir que eu viveria isso com o máximo de minha capacidade. Eu era responsável pela situação de Celia – não havia nenhuma dúvida em mim sobre isso –, e só por isso, fui obrigado a ela, não importa o quão forte o alarme de dúvida estivesse soando em minhas entranhas.

– Posso ver você formulando uma resposta, Hudson. Não se preocupe. Se você não vai responder honestamente, então não responda. – Celia olhou para o teto. – Eu preferiria se

você simplesmente dissesse que não sabe.

Então foi isso que escolhi dizer. Porque era mais fácil.

– Eu não sei.

A enfermeira chegou, então, e eu saí. Era perto das sete horas e eu tinha que ir para casa me trocar para ir trabalhar. Uma noite sem dormir ia transformar meu dia no escritório num dia de cão, mas pior seria um dia com minha mãe chorosa.

O berçário ficava no caminho dos elevadores, disse a mim mesmo, quando percebi meus pés caminhando nessa direção. Uma figura masculina solitária vestida em um terno e gravata ficou olhando as vitrines, e até mesmo no corredor, com seu corpo meio virado, eu o reconheci.

Eu não disse nada quando me aproximei das janelas ao lado dele. Obriguei-me a olhar, eu me forcei a olhar para os recém-nascidos. Obriguei-me a reconhecer que tinha havido uma perda neste mundo – em *meu* mundo – e deveria haver pelo menos um momento de luto.

O desapontamento de mais cedo tinha retornado. Mas isso era tudo.

Para meu pai, porém, havia mais. Lágrimas riscavam seu rosto, e eu percebi que nunca tinha visto um homem adulto chorar, muito menos meu pai.

Sem qualquer saudação, sem me olhar diretamente, ele perguntou.

– Era meu?

Talvez fosse conveniente que meu pai fosse a pessoa de luto. Mas os fatos que cercavam isso – aquela filha tão nova de um amigo com quem ele transou, a esposa que ele levou a beber, os segredos que exigiam que ele ficasse lá incógnito nas primeiras horas do dia – me encheram de raiva, esmagando todo o resto.

– Eu não dormi com ela – respondi, confirmando suas suspeitas. – Mas aquela criança nunca foi sua. Nunca mais fale que ela era outra coisa que não minha.

Meu pai fechou os olhos quando uma nova onda de dor franziu a sua expressão.

Deixei-o lá junto das janelas e me dirigi aos elevadores. Deixei-o lá, lutando com seu arrependimento e culpa, tristeza e mágoa – todas aquelas emoções ridículas que o deixavam fraco.

15

Depois

Eu só tenho alguns minutos antes de Alayna voltar do banheiro. Deveria estar esperando por ela nu na cama, quando ela retornasse, e farei isso. Já estou meio despido e completamente duro, mas enquanto tiro minha calça e cueca, minha mente atravessa uma nuvem de pensamentos na velocidade da luz.

Este quarto, este lugar – sinto-me sobrecarregado com lembranças.

Mabel Shores contém uma vida inteira de lembranças, e as mais proeminentes agora são as daquele verão com o experimento que realizei com Celia. E isso contamina cada coisa maravilhosa que aconteceu aqui nos Hamptons neste fim de semana com Alayna. E vibra no meu ouvido como um lembrete de meus defeitos, das minhas falhas, e há muito pouco que posso fazer para silenciá-las.

A presença de meu pai aqui neste fim de semana não ajuda. Embora eu devesse ser grato a ele por funcionar como um contrapeso para a megera de minha mãe, não confio em seus motivos para se aproximar de Alayna. Eu não quero que ele fique amigo dela, como pretende. Embora ela nunca fosse me trair do jeito que Celia fez, embora ele nunca tenha feito um movimento parecido com esse em direção a ninguém desde então, não posso suportar a ideia de que ele poderia tentar algo com Alayna. Assusta-me, e eu nunca fui um cara fácil de assustar.

As memórias conseguem assombrar os outros também. Minha mãe está constantemente sendo lembrada, e está descarregando tudo em Alayna. Sua relutância em seguir em frente após o aborto de Celia e abraçar a gravidez de Mirabelle como seu primeiro neto me faz desconfiar. Será que, no fundo, Sophia sabe? Será que ela suspeita dos segredos que cercam o bebê de Celia? Provavelmente não, mas como ela não pode ser capaz de sentir que há algo *fora do lugar* em tudo isso?

Por isso que eu acho que ela trouxe esse assunto à tona hoje de novo, jogando no rosto de Alayna. Eu entendo que a lembrança não permita minha mãe deixar isso para trás – eu também não consigo deixar para trás. Mas isso não é nenhuma desculpa para a maneira como ela magoa Alayna. O jeito que ela me magoa. Esta é mais uma nova emoção que se somou ao meu repertório nos últimos dias, mas não tenho certeza do seu nome. Simpatia? Compaixão? É uma dor que vai fundo no meu peito sempre que Alayna está sendo magoada,

e me sinto desesperado para impedi-lo, não por minha causa, mas para o bem dela.

E a maneira como tive que me arrastar para fora com aquela revelação para Alayna...

Jurei ser tão honesto com ela quanto eu puder, apesar daquela mentira – a *enorme* mentira – que sempre carrego comigo. Então, quando ela perguntou sobre o bebê, eu contei a ela o que podia. Pela primeira vez, tive vontade de contar-lhe tudo, mas não soube como fazer isso sem expor as piores partes de mim. Sim, ela conhece isso, mas não sabe verdadeiramente como fui horrível. E onde acaba a história do bebê de Celia, de qualquer maneira? No seu aborto? Quando ela me pediu para ensiná-la a ser como eu?

A única coisa que eu podia fazer era implorar para Alayna confiar em mim. Ela já havia me entregado sua confiança antes, e eu não tinha direito a ela nem antes e nem agora, mas Alayna me deu isso de novo. É mais um tijolo na minha parede de culpa. Quanto tempo ainda posso arrastar esse peso antes que nos esmague, a nós dois?

E não é apenas a culpa me puxando para baixo. Há mais – a emoção. Há tanto disso naquilo que diz respeito a Alayna... É tudo novo e intenso, e se parece com a mancha de tinta na paleta de um pintor – tudo tão borrado que não consigo identificar nenhuma emoção colorida por aquilo que realmente é. Às vezes, a partir do olhar que brilha em seu rosto, e a suave pressão dos lábios e do jeito que ela dá e dá e dá, eu fico imaginando se ela não se sente tudo isso também. Eu disse a ela, eu a avisei um dia de que isso não pode ser real. Mas será que Alayna se sente tão impotente quanto eu em tudo isso?

E não é essa de fato a questão que Celia está colocando em teste?

Alayna é mais experiente nessa coisa de sentimentos. Só espero que ela não seja afetada. Mas se não *for* afetada...

Deus, isso pode me matar também.

Ouço-a se movendo no banheiro, então vou com pressa ocupar meu lugar na cama. De repente, sinto-me atingido por uma lembrança muito diferente de Mabel Shores. *O dia do casamento de Mirabelle*. Embora eu não tivesse fé em relacionamentos românticos, eu sabia que ela acreditava. Sua confiança profundamente enraizada em Adam me deixou perplexo tão completamente que eu tive de perguntar como ela poderia ter tanta certeza sobre o casamento com aquele homem.

– *Porque quando você ama alguém* – ela me olhou nos olhos e respondeu, sem a menor hesitação em sua confiança –, *o mundo dele lhe interessa mais do que o seu próprio mundo.*

Eu não tenho tempo para examinar o motivo dessa lembrança me vir agora porque a porta do banheiro se abre e Alayna está de pé ali, pronta para mim. Ela está vestindo uma camisola de renda vermelha que chama a atenção para seus lindos seios. Seu cabelo derrama-se sobre os ombros, e ela parece tão incrível como sempre. Minha respiração acelera.

– Jesus, Alayna. Você é tão linda – digo, surpreso por ainda conseguir falar. Eu me ajoelho, meu pau esticado inteiro entre as minhas pernas. – Acho que eu poderia deixar você usando isso enquanto a como.

Alayna fica corada, e me pergunto se serei capaz de me segurar até tocar essa mulher.

– Venha cá – rosno para ela.

Alayna vem em minha direção e então, para.

– Espere, eu estou no controle, lembra?

Eu tinha esquecido que concordara com isso. Normalmente não me sinto à vontade de dar as rédeas para outro, mas para Alayna, bem, estou ansioso por fazer isso. Pode ser que ela não compreenda, mas essa é a minha maneira de dizer *eu confio em você também*.

Sento-me para trás em meus calcanhares e convido-a a tomar o poder:

– Então, pode assumir o comando.

Uma faísca brilha nos olhos dela. Que morde os lábios e, depois, emite sua primeira ordem:

– Sente-se contra a cabeceira da cama.

Porra, ela é sexy. Não posso evitar de sorrir quando sigo suas ordens.

Ela sobe ao pé da cama e se arrasta pelo comprimento do meu corpo. Seus seios estão em exibição perfeita e eles roubam a minha atenção, mas também sou atraído para os olhos. Eles estão pegando fogo com desejo e algo mais. Algo suave e bonito e que não consigo entender.

Então ela está lambendo meu pau, e eu esqueço de tudo, exceto aquela língua maravilhosa.

– Faça isso de novo.

Claro, não me esqueci de quem está no comando, mas ela precisa saber o que eu quero.

– Talvez faça – brinca ela.

Jesus, essa mulher é adorável.

Alayna se inclina para o meu pau de novo, beijando e lambendo minha coroa antes de me levar em sua boca.

Eu gemo.

– Oh, preciosa, você me chupa tão gostoso.

Ela me provoca, lambendo e me chupando e acariciando, sem se preocupar em manter um ritmo constante. Logo, terei que assumir ou então vou morrer. Prendo os dedos em seu cabelo e a mantenho imóvel enquanto empurro em sua boca.

Alayna não me deixa ir longe com isso por muito tempo, e quando retoma o controle, ela me libera. Eu lamento pela perda de seu calor.

– Você quer mais? – provoca. – Então, terá que aguardar.

Eu quero mais, mas vou aceitar qualquer coisa que me der. Ela sobe mais para cima do meu corpo e meu pau cutuca contra a sua bunda. Foda, isso é pura tortura. Eu estou no paraíso.

Ela estende as mãos sobre o meu peito, e quando a minha pele queima ao seu toque, ela se inclina para um beijo. Essa mulher tem um gosto tão bom. Seguro o rosto com as mãos, mantendo-a no lugar para que eu possa devorá-la.

Mas ela balança a cabeça e se solta, e sou lembrado de como Alayna me colocou fora de minha zona de conforto. Não sei o que fazer quando não estou controlando a cena.

– O que você quer? – pergunto, embora fique imaginando se isso não pareceu mais como se eu estivesse implorando.

– Toque em meus seios.

Mas nem precisa pedir. Eu escorrego minhas mãos dentro de sua camisola e passo a acariciar seus seios. Faço com força porque sei que é assim que ela gosta, mas também porque estou tão excitado que não consigo ser gentil. Puxo a camisola para baixo e me sento para colocar seus seios na minha boca. Chupo e mordo os mamilos e sou recompensado quando ela grita:

– Hudson, oh, Deus!

Eu amo a reação dela, e tenho que ter mais. Deslizo minha mão sob sua calcinha e passo os dedos através de seu clitóris, por suas dobras, até que encontro a abertura de sua vagina.

– Você já está tão molhada, preciosa.

Começo a lamber seu mamilo pontudo, e ela estremece. Estou prestes a enfiar os dedos em seu buraco quando me lembro de que ela está no assento do motorista. Assim, exorto-a a dirigir a ação.

– Eu quero o seu pau dentro de mim.

Alayna não parece tão certa desse pedido, e isso só me deixa mais excitado.

Não existe nada que eu queira mais do que me enterrar em sua boceta quente, mas me forço a segurar. Chupo seu outro peito até que ela geme.

– Mas você não está pronta para mim, preciosa.

– Estou pronta sim – exige Alayna. – Quero montar em você.

Isso é tudo o que preciso. Eu rasgo as laterais da calcinha dela e jogo-a de lado. Ela agarra meu pau, e dou um empurrão em sua mão. Ela se equilibra em cima de mim. Estou tão perto de me ver perdido dentro dela.

– Não consigo imaginar por que mereço isso – digo, apalpando seus seios.

Sei, por nossas vezes antes, como vai ser, como eu vou me sentir quando a vagina se fechar em torno de mim. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente.

E eu me assusto.

Então digo uma merda qualquer como um lembrete para nós dois de que nada disso pode ser real.

– Eu deveria estar recompensando você pela sua atuação incrivelmente verdadeira como minha namorada hoje.

Alayna fica imóvel e percebo imediatamente que eu a feri. E as implicações de por que essa declaração iria machucá-la me dizem que necessariamente eu prefiro não saber, porque ela *está* sentindo isso também. Tudo isso.

Eu não tenho certeza de como lidar com esse conhecimento. Uma bolha de euforia estourou no meu peito e se espalha através de meus membros. Mas meu cérebro tenta detê-la. Alayna não pode se apaixonar por mim, é o que ele diz. Ela não pode. Porque se ela o fizer, isso vai machucá-la ainda mais quando tudo isso chegar ao fim, e tem que chegar a um fim. E isso vai me destruir.

E só não sei o que vai me destruir mais – o fato de que isso termina ou de que ela está machucada. Merda, estou tão fodido.

Seus olhos parecem reconhecer tudo que está acontecendo em minha mente. Então, com um ar de desafio que quase me deixa orgulhoso, ela levanta o queixo e desliza para baixo no meu pau. Ela é muito apertada e deliciosa. Então começa a se mexer, tentando me fazer penetrar mais fundo. É uma metáfora, penso, o jeito dela tentando deslizar ainda mais profundamente em minha vida e como ela encontra resistência, todas as vezes.

Embora não haja nada a ser feito sobre a metáfora, eu posso ajudá-la com o literal. Então, coloco minha mão em sua barriga, empurrando-a ligeiramente para trás até que Alayna se abre e desliza para baixo e me vejo completamente enterrado.

– Puta merda – solto um gemido. – Você é tão apertada, Alayna. Tão bom.

São palavras ligadas ao sexo, mas, na minha cabeça, o significado é obscuro. É sua boceta molhada e apertada que parece tão bom? Ou é tudo sobre ela que me parece bom pra caralho?

Ou é tudo isso, junto e misturado?

Ela se ergue para cima e para baixo sobre meu comprimento. Eu tento comandar o ritmo, mas ela mantém seu ritmo constante, deslizando para cima e para baixo. Para cima e para baixo. É a visão mais erótica que já vi, e minha incapacidade para dirigir esses movimentos me deixa inquieto. Minhas mãos passeiam sobre seu corpo, tocando-a, acariciando-a, finalmente colocando meu polegar em seu clitóris, onde pelo menos aqui eu posso ter algum controle.

– Deus, oh, Deus – geme Alayna, apertando meu pau com a boceta.

Alayna está perto de gozar, e me vejo capturado pela maneira como ela se contorce em cima de mim. Sua pele brilha com o suor, e suas bochechas estão lindamente coradas.

Ela fala enquanto me cavalga, suas palavras misturadas com gemidos entrecortados.

– Estou feliz, Hudson. Você me fez feliz.

Alayna geralmente não fala, e absorvo cada som único que ela faz, todos os sentimentos que compartilha.

Tudo isso aumenta a confusão de desejos dentro de mim. Eu não quero ouvir essas coisas. Quero que ela diga mais.

E isso acontece.

– E eu fiz você feliz também. – *Quero que ela pare, mas também quero que continue*. – Nós estamos nos apaixonando, isso somos nós, nos apaixonando.

Essas palavras são a minha morte. São lindos venenos, e eu não posso ouvir mais.

– Chega.

Imediatamente, eu a lanço debaixo de mim. Dobro as pernas dela e empurro-as para trás, enquanto arremeto com força dentro de Alayna. Tento silenciar suas palavras que ainda ecoam na minha cabeça – *apaixonando, estamos nos apaixonando*. Ela não deveria ter dito isso. Empurro com mais força, para castigá-la por expressar esses pensamentos ridículos. Se há alguma verdade nisso, eu me recuso a reconhecê-la.

Mas eu sei. Enquanto Alayna se desfaz debaixo de mim, enquanto deixo jorrar minha liberação dentro dela em jatos longos e quentes, eu sei que ela tem razão. Que isso não pode ser afastado de nosso sistema com esse sexo frenético e desesperado. Que isso não pode ser esquecido ou enterrado ou ignorado. Há emoção entre nós, e se é isso como essa emoção é chamada – se isso é de fato o amor – não está desaparecendo.

E que diabos eu faço com isso?

Rolo para o lado e caio em cima da cama. Por mais que eu queira, não consigo ficar com raiva de Alayna. Estou com raiva de mim mesmo. E de Celia. Irritado que ela faz parte de meu relacionamento com Alayna, daquilo que poderia ser o mais genuíno momento de toda a minha vida.

Acima de tudo, sinto-me afetado. Quando nunca tinha sido afetado por qualquer pessoa, e isso significa que eu também estou confuso e talvez com um pouco de medo. Ou talvez com muito medo.

Não sabendo mais o que fazer, eu puxo Alayna para a dobra do meu braço, fecho os olhos e finjo dormir. Desejo poder cair na felicidade da inconsciência, onde os pensamentos e sentimentos não podem me morder e me beliscar como eles fazem quando fico aqui deitado, e acordado. Não é como se existisse algo de novo sobre o qual debruçar-me. Os mesmos pensamentos continuam revolvendo-se em minha mente. *Nós estamos nos apaixonando. Posso realmente estar apaixonado? Eu tenho que terminar este jogo. Eu tenho que contar-lhe tudo. Mas então vou perdê-la. E não irei perdê-la de qualquer maneira? Todo o amor*

não se acaba um dia?

Mas e se ele não se acabar? E se essa porta que Alayna abriu, se essa inundação de sensações que ela desencadeou, e se isso tudo for uma parte permanente de mim agora?

Demorou quase uma hora, mas sua respiração se acomoda em um ritmo profundo, e eu sei que ela está dormindo. Escapo de seu abraço e jogo no corpo algumas roupas. Mesmo vestido agora, sinto-me nu. É isso que é sentir amor?

Sento-me na poltrona ao lado da cama e fico olhando para Alayna enquanto tento resolver tudo isso. As palavras que Mirabelle me disse no dia de seu casamento voltam para mim: *Quando você ama alguém, o mundo dele lhe interessa mais do que o seu próprio*. Tudo sobre Alayna me interessa mais do que eu mesmo. É por isso que pensei nessa frase. Porque em algum lugar na minha psique fodida, eu entendi que o que sentia por ela era amor, antes mesmo que Alayna dissesse. Eu tinha evitado a aceitação dele, sabendo que este surpreendente e maravilhoso nascimento do amor dentro de mim não poderia ter vindo em pior hora.

O que quer que eu faça agora, e ainda não tenho ideia do que fazer, sei que terá que ser a negação. Ou eu nego essa emoção e tudo o que esta mulher traz para mim, ou vou negar Celia e seu jogo fodido de merda. Negar esse amor seria doloroso para nós dois, mas admitir minha participação nessa trama contra Alayna... nem consigo pensar no quanto ela vai me desprezar por causa disso.

Passo o restante das horas noturnas à procura de qualquer outra maneira de sair dessa bagunça em que estou. Crio plano após plano que ainda envolve manipulação e mentiras. Mas não quero mais ser aquela pessoa, então abandono cada um deles e fico sem uma estratégia definida. Esta é outra primeira vez para mim, outra novidade que posso creditar à bela criatura que dorme na minha cama.

Quando a luz pálida da manhã começa a fluir através da janela, imagino por um momento acordá-la e dizer-lhe que a amo muito. Com palavras e depois novamente com meu corpo. Eu posso imaginar o calor em seu olhar quando disser isso. Eu posso ouvir a forma como ela vai responder do mesmo jeito para mim. E, vezes sem conta, iríamos repetir essa mesma declaração com nossos lábios, com nossas línguas.

Esta fantasia não vai longe, porém, por causa de todas as decisões que ainda tenho que tomar, e há uma coisa que sei com absoluta certeza, não posso lhe dizer como me sinto sem lhe contar tudo isso. A minha definição de amor ainda está se formando, mas estou certo de que inclui transparência e honestidade, e não tenho como fazer isso sem despejar todos os meus segredos. Não tenho como realmente proclamar o meu amor por ela mantendo esta cortina escura fechada sobre uma das partes mais importantes de nós.

É uma dor no meu lado. Uma faca de dois gumes. Eu não posso reclamá-la, sem soltá-la.

Então, eu a deixo dormir.

Precisando de uma distração, pego meu laptop e verifico meus e-mails. Tinha desligado tudo no dia anterior, tirando um dia de folga a pedido de Alayna, e agora tenho uma montanha de mensagens não lidas para verificar. Rapidamente, percebo que muitas delas são de Roger e de outros membros da minha equipe na Plexis. Apesar de minhas tentativas de impedir, o conselho está votando uma moção para vender a empresa ao meio-dia de segunda-feira. Que é hoje. Minha vida pessoal está em alvoroço, mas isto – a minha empresa –, isto eu posso fazer algo a respeito. Isto é negócio, é familiar. É onde eu posso fazer a diferença.

Preciso apenas de um par de mensagens de textos e um punhado de e-mails para organizar minha partida mais tarde nesta manhã. Eu tomo banho e arrumo minhas coisas, com cuidado para não perturbar Alayna. Encaro-a por longos minutos antes de sair. Há tanta coisa que eu quero dizer a Alayna, tanta vontade de estar com ela. Mas não sei como. Assim, embora esteja com medo de que esta poderia ser a última vez que eu a veria nua na minha cama, escorrego para fora sem um adeus.

Ir embora e deixar essa mulher aqui é a coisa mais difícil que eu já fiz. É também a única coisa que *posso* fazer.

*

Lá embaixo, na cozinha, acho café fresco. E Celia.

Ela está sentada sozinha no balcão, como se estivesse esperando por mim.

Não falo com ela e nem reconheço sua presença até depois de me servir de uma caneca e tomar um longo gole. Preciso dessa dose de cafeína para lidar com ela. Eu gostaria de que fosse algo mais forte.

Olhando para o relógio sobre a cafeteira, eu digo:

– Não são nem oito horas. – Coloco minha caneca na mesa. – A que devemos o prazer da sua presença?

Sua voz responde às minhas costas.

– Estou conversando com Sophia sobre algumas renovações que ela quer que eu faça.

Isso. Certo. Minha mãe tinha anunciado isso no dia anterior. Celia pode estar trabalhando para nós legitimamente, mas eu a conheço bem o suficiente para saber que sua visita foi propositadamente planejada para coincidir com a minha própria visita.

Eu me viro para encará-la, examinando a cozinha em busca de sinais de outras pessoas.

– Onde ela está, então? Minha mãe.

Celia dá de ombros.

– Ela foi buscar alguma revista com uma foto que ela gostaria de usar como inspiração. – Celia apoia os cotovelos no balcão e repousa o queixo sobre as mãos. – E você? Por que você está de pé e vestido para o trabalho durante suas férias nos Hamptons?

– Uma emergência no trabalho. Minhas férias se acabaram.

– Oh, Hudson, eu sinto muito em ouvir isso. – Minha mãe entra no ambiente com uma pilha de recortes de revistas em uma das mãos e um suco de laranja na outra. – Você e Alayna estão ambos indo embora?

Eu olho sua bebida enquanto toma um gole. Minha mãe nunca bebe suco de laranja puro.

– Não. Eu não queria acordá-la.

Eu lanço um olhar para Celia. Ela pode entender isso do jeito que quiser, não importa realmente no momento.

Se ela pensa algo sobre o assunto, não deixa transparecer.

– Vou deixar meu carro aqui para que ela o leve para a cidade, se quiser – informo a minha mãe. Apesar de não ter certeza de que Alayna dirige. – Se ela preferir um táxi, entregue isso a ela para pagar a corrida.

Retiro minha carteira e entrego uma nota de cem. Minha mãe tem dinheiro e poderia muito bem dar um pouco para Alayna, mas não me surpreenderia se ela afirmasse não ter um centavo, apenas para dificultar as coisas.

– Tudo bem. – Ela pega o dinheiro com um franzir de irritação em sua testa que diz que ela odeia ser incomodada. – Como você vai para a cidade?

Coloco minha carteira de volta no bolso.

– Eu preciso chegar ao aeroporto de East Hampton, na verdade. Meu avião já está programado para me encontrar lá. Eu só preciso de Martin para me levar, se você não se importar.

– Martin só vai chegar aqui mais tarde, sinto informar.

Sophia dá um sorriso muito doce, o brilho nos olhos muito fulgurante. Ela adora quando está no controle de uma situação. Adora quando os planos de outras pessoas não funcionam da maneira que gostariam.

Não é a primeira vez que me pergunto, será que ela me ensinou? Ou fui eu a ensiná-la?

Mas não me debruço sobre a questão. Eu não tenho a energia ou o clima para pensar nessas coisas nesta manhã.

– Vou levá-lo. – Celia oferece.

Meu queixo fica tenso. Eu posso sentir a armadilha em que estou prestes a cair.

– Não é preciso – respondo, o mais educadamente que posso. – Você tem uma reunião com a minha mãe. Vou levar um dos outros carros.

Eu aceno um adeus e começo a sair.

Minha mãe passa na minha frente, me parando.

– Não seja bobo, Hudson. Deixe que ela o leve. Nossa reunião não tem urgência. Podemos nos encontrar mais tarde. Não podemos, Celia?

– Claro.

O sorriso de Celia me faz mal.

Eu corro a mão pelo meu cabelo. Entre a falta de sono, a tensão em torno da presença de Celia, o beber logo de manhã cedo da minha mãe, e minha agitação interna sobre Alayna, não tenho forças para discutir.

– Tudo bem.

Além disso, deixar Alayna sozinha com a minha mãe já é ruim o suficiente. Deixando-a com Celia também seria muito imprudente.

Estamos prontos para sair dentro de dez minutos. Na porta, minha mãe faz um show para dizer adeus, mesmo que não haja ninguém para assistir, já que Celia está esperando lá fora. Em seguida, ela se desculpa e vai para a cozinha, provavelmente para encher seu copo.

Mirabelle desce as escadas pouco antes de eu partir.

– Aonde você está indo?

Eu não tenho tempo para explicar toda a situação, mas estou com medo da versão de minha mãe, então conto rapidamente a Mirabelle o que preciso fazer.

Quando termino, minha irmã não parece feliz.

– Mas você nem vai se despedir de Laynie?

Balanço a cabeça.

– Estou com pressa.

Ela coloca as mãos na cintura arredondada.

– Isso vai demorar dois minutos. Suba ao andar de cima e conte a sua namorada o que está acontecendo.

– Mirabelle, eu não tenho tempo para isso.

Puxo meus óculos escuros do bolso da pasta e coloco. Não preciso de minha irmã me olhando nos olhos agora. Não sei muito bem o que ela veria.

– Hudson, isso é... – Mirabelle procura as palavras para definir o que ela acha. – Isso é terrível, isso é que é. Normalmente estou do seu lado, e você sabe disso, mas estou muito envergonhada de você no momento.

Você não é a única, penso. Não há nada para dizer, então desço as escadas. O clima fica pesado, eu indo embora desse jeito, então digo sobre os ombros.

– Veja com que Alayna... – Faço uma pausa. Não sei como terminar a declaração. – Certifique-se de que ela chegue em casa bem.

Escapo antes de dar à minha irmã uma chance de responder.

Celia está esperando na entrada de carros. Depois de colocar minha pasta na parte de trás do carro, sento-me no banco do passageiro e afivelo meu cinto de segurança. A sensação dele cruzando meu peito é apertada. Solto novamente e tento me convencer de que estou melhor agora, como se a pequena largura desse material fosse responsável por minha incapacidade de conseguir respirar. Meu estômago dá uma guinada quando o carro de Celia faz uma curva e desce a longa passagem até a estrada. Não olho para trás. Já me sinto um grande merda do jeito que as coisas estão. Não era assim que eu queria deixar Alayna, com Celia dirigindo e indo embora sem me despedir.

O pensamento me dá uma pausa – então foi isso que decidi? Que vou deixá-la?

É insuportável, mas é possível que seja inevitável.

Apenas alguns minutos se passaram depois que Celia entrou na rodovia antes que ela fale.

– Quanto tempo você vai me deixar esperando?

Eu esfrego o rosto com as mãos.

– O que você quer saber, Celia?

– Não seja um merda de um babaca, Hudson. – Seu olhar furioso é evidente, mesmo por trás de seus óculos escuros. – Você sabe o que eu quero.

Eu sei. Ela quer um relatório de progresso, por assim dizer. Como posso responder? Eu ainda estou me recuperando de minhas recentes autodescobertas. Estou perdido. Não há nenhum lugar em que eu possa me virar neste labirinto sem que eu dê com a cara na parede. Não tenho nenhuma esperança de escapar. A questão é: e Alayna?

Eu não sou uma pessoa impulsiva, mas tomo uma decisão repentina, sem planejar. E, embora não exista nada ideal sobre ela, eu sei que é a melhor escolha que posso fazer. Então, me comprometo com o que vou dizer com tudo que tenho:

– Acabou, Celia – digo. – O jogo acabou.

Ela geme.

– Oh, não. Não essa merda de novo.

– Não, não tem nada de merda. Não é isso que estou dizendo. – Viro a cabeça para encarar seu perfil, deixando-a saber da plenitude da minha sinceridade. – Eu estou dizendo a você que já gastei muito tempo. Como você queria. E agora acabou. Não há qualquer outra coisa de que você precise para completar a sua experiência.

Sua sobrancelha se ergue acima da borda de seus óculos.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer... – Eu me odeio por isso que estou prestes a dizer – por compartilhar algo tão íntimo e privado entre mim e Alayna, mas estou bem familiarizado com a autoaversão. E

força as palavras a saírem de minha boca. – Quero dizer que ela já está emocionalmente investida em mim. Eu não preciso passar mais tempo com Alayna. Já posso encerrar meu acordo com a garota e então você poderá estudar a reação dela como queria.

Celia ainda está cética.

– Mas dizer que o jogo acabou significa tudo isso, Hudson. Isso significa que o pessoal também faz parte.

– Eu sei.

Assim, do nada, deixo de lado qualquer possibilidade de algo mais com Alayna. Estou indo embora.

Meu peito aperta, e é difícil respirar. Parece que fiquei preso debaixo de uma pedra gigantesca. Os membros estão dormentes, não posso me mover, e a dor... é acentuada e persistente. Esmagadora.

Com a gravidade da minha agonia, não é fácil explicar por que estou fazendo isto, até mesmo para mim, mas tento raciocinar de qualquer maneira. Alayna diz que está apaixonada por mim, e embora esteja pessoalmente desconfiado de que alguém poderia sentir alguma afeição por mim, eu *sinto* o seu amor. Isso pulsa em minhas veias como se ela tivesse injetado seu beijo em meu corpo, com suas unhas cravadas em minhas costas, com sua boceta misturando nossos fluidos no calor de nossa transa.

Mas a realidade é que Alayna não me conhece de verdade. Não tudo de mim. E se ela descobrisse, não apenas o amor desapareceria, mas ela ficaria machucada demais. Tenho quase certeza de que ela iria ficar muito mais despedaçada do que com este meu abandono de agora.

É uma aposta, eu suponho, mas é a melhor chance que ela tem. Seus cartões de crédito e empréstimos estudantis já foram pagos, e as confirmações serão enviadas amanhã. É o momento perfeito para acabar com a farsa, e então não irei vê-la novamente. Vou deixar que nosso caso em particular venha a desaparecer sozinho. Talvez eu possa passar algum tempo trabalhando em nossas filiais no exterior. Vai ser uma boa desculpa para ficar fora de sua vida. Então espero – vou até rezar, embora não seja um cara que reze – que Alayna não volte a cair em seus comportamentos do passado.

E, caso isso aconteça, vou lhe oferecer todo o apoio que puder, anonimamente, é claro. Celia vai vencer esse experimento, mas não vou permitir que Alayna seja prejudicada permanentemente. Ela vai se recuperar. Eu simplesmente vou ser uma lombada em sua estrada.

Celia olha para mim. Ela está tentando me ler, tentando identificar o meu ângulo. Finalmente, ela pergunta:

– Você está...

Eu a corto.

– Você duvida de minha experiência nesses assuntos?

Já é bastante difícil me manter neste plano, quanto mais ter a convicção de convencer Celia também.

Felizmente, ela recua.

– Não. Eu não duvido de você. É tão cedo. Eu esperava que nós precisaríamos de mais tempo.

Ela está quase lá. Só mais um empurrão e pronto.

Então, eu empurro.

– É mesmo cedo. Alayna entrega seu coração facilmente, ao que parece.

Eu tenho que olhar para fora da janela do passageiro quando digo isso. É uma mentira, e sei muito bem. Alayna não entrega seu coração facilmente – ela o dá totalmente. Ela não se apaixona por qualquer um. Mas quando o faz, ela se entrega por inteiro. Essa é a razão por trás de suas tendências obsessivas. Eu aprendi isso sobre ela.

Mas não vou deixar que Celia saiba isso, já traí Alayna o suficiente.

– E você?

A pergunta de Celia atinge a parte de trás da minha cabeça, mas eu sinto a sua força bruta.

E eu…

Eu dei meu coração, também, embora Alayna não deva saber. Ela o possui, total e completamente. Cada pulsação que passa longe dela é a cadência de uma marcha da morte. Se houvesse alguma coisa na minha vida antes dela, sua substância desapareceu na minha memória. Este abandono dela, esta é uma escuridão que eu nunca testemunhei.

Mas por que Celia quer saber? Ela sempre foi plenamente consciente de que eu não tinha coração. Será que ela sente que alguma coisa mudou? Será que ela sabe que eu não sou mais o homem com quem ela costumava jogar?

Ou é simplesmente mais um dos seus truques?

Eu retiro o meu telefone do bolso e me ocupo passando por suas telas enquanto respondo:

– Não sei muito bem o que você está insinuando. Mas isso não importa. Eu não tenho mais tempo para esta charada. Eu tenho um negócio que preciso gerir e uma empresa subsidiária que estou à beira de perder. Se você não se importa, preciso focar minha atenção nisso agora e não neste jogo bobo.

Sabendo que Celia irá assumir que estou fazendo algo ligado ao trabalho, digito uma mensagem de texto para Alayna. É dolorosamente curta – *Crise na Plexis. Eu vou ligar assim que puder.*

Mas não vou ligar. Eu vou vê-la novamente para terminar as coisas mais formalmente,

mas não vai ser por telefone.

Rodamos em silêncio por vários minutos antes de Celia dizer baixinho:

– Talvez eu estivesse errada sobre você.

Sua declaração enigmática puxa minha atenção dos meus pensamentos sombrios. Passo alguns segundos tentando rastrear a origem de sua observação e chego de mãos vazias.

– O que isso significa?

Ela encolhe os ombros.

– Você está muito crescido para jogar, eu acho.

Eu não acredito que isso é o que ela queria dizer, mas não pressiono para saber. Prefiro aproveitar a abertura que ela me deu.

– Crescido demais porque eu tenho uma vida e responsabilidades? Sim, estou muito crescido. Estas experiências não têm mais lugar em minha vida, Celia.

– Não tenho muita certeza disso – responde ela quando vira na entrada do aeroporto. – Veremos.

Suas palavras são nefastas, mas não as deixo entrar. Estou frio. Como aço. Já coloquei minha máscara agora, aquela que usei por mais tempo que me lembro. Eu costumava usá-la para esconder o que não sinto. Agora eu a uso para esconder o que sinto.

16

Eu lanço toda a minha energia em salvar a Plexis, e isso não é o suficiente. A empresa é vendida debaixo do meu nariz. Não fico surpreso. As minhas propostas foram todas direto ao ponto, mas a minha apresentação foi medíocre. Eu estou desatento, minha atenção dividida. Fico imaginando por quanto tempo vou continuar assim – metade de mim no momento presente e a outra metade sempre com ela. Embora tudo isso seja novo para mim, presenciei e estudei inúmeros rompimentos para saber que há recuperação para a maioria dos indivíduos.

Tenho certeza de que eu não sou como a maioria dos indivíduos.

Permaneço em Cincinnati pela maior parte da terça-feira, não querendo ir para casa em Manhattan. Finalmente, não tenho mais motivos para ficar e volto para casa. O avião pousa quando era noite. Estou desgrenhado e exausto, mas em vez de ir para casa, peço ao meu motorista para me levar para o Sky Launch. Não há mais sentido em retardar meu encontro com Alayna. Preciso informar de nossa dissolução para ela de forma que eu possa seguir em frente.

Observo a hora em que chego. É ainda um pouco cedo para que Alayna já esteja trabalhando, mas assim é melhor. Se eu já estiver aqui quando ela chegar – tratando de negócios com David, por exemplo –, então a minha visita vai parecer apenas casual. E vai parecer que minha conversa com ela seja uma coisa não planejada. Isso deve ajudá-la a ver que eu acredito que tudo o que existe entre nós é mundano. Comum.

Eu não tenho certeza de que ela vai acreditar. Honestamente, nem tenho certeza se quero que ela acredite.

Mas isso tem que acontecer. Porque é assim que as coisas são agora. É assim que as coisas precisam ser.

A discoteca está às escuras quando entro. Vou direto para o escritório – se David já estiver, será lá que ele está. A porta está aberta quando me aproximo, mas quando entro por ela, não estou preparado para a visão que me recebe. David está aqui, mas, em seus braços, está Alayna.

Os dois estão abraçados, e é um abraço íntimo demais para ser apenas algo entre amigos. Não posso ver o rosto dela, mas a expressão no rosto dele é uma com a qual eu posso me conectar. É adoração. É afeto. É talvez até mesmo amor.

As emoções correm pelo meu corpo com essa cena. Ciúme, espanto, desprezo – essas

emoções se misturam em um coquetel tóxico de raiva. Eu nunca me senti assim, tão afetado, tão lívido. Meu sangue está fervendo, a pele formigando, as entranhas como se estivessem perfuradas.

Mas estou vestindo a minha máscara. Por isso, David não enxerga nada disso quando me vê. Em vez disso, ele vê frio e aço, o que pode ser muito intimidante, descobri.

Instantaneamente, ele deixa Alayna ir e se afasta.

– Oi, Pierce.

Alayna gira o corpo, e seus olhos encontram os meus. Os olhos dela estão inundados de preocupação, de medo, e o sangue foi drenado de seu rosto. Sua preocupação se suaviza um pouco. Não o suficiente, no entanto. Eu ainda estou consumido pela minha fúria.

A merda da coisa toda é que eu não tenho o direito de me sentir assim. Nem de sentir nada do que senti em relação a ela. Porque já tomei a minha decisão. Escolhi me afastar e enterrar qualquer emoção que ela possa ter provocado em mim. Ela tem permissão para abraçar o homem que quiser. Ela pode beijar e foder qualquer pessoa que lhe agradar. Porque ela não é minha.

Meu estômago aperta. Tudo o que vejo é vermelho.

Estou vagamente consciente de David falando e, em seguida, o som da porta se fechando quando ele sai. Pelo menos, ele foi inteligente o suficiente para saber que deveria se mandar sem que fosse solicitado. Percebo que estou puto com ele também – ele é meu empregado e está se engraçando com a namorada de seu chefe. Meus sentimentos em relação a ele são apenas uma pequena parte da minha agitação, e estou contente com sua partida. Agora, eu me concentro no tormento se agitando dentro de mim. Se eu tenho que sentir essa dor, pelo menos posso usá-la para afastar a garota.

– Hudson – ela diz meu nome, e isso soa como uma corda quebrada, cada sílaba pendurada no ar com um peso distinto. Alayna dá um passo em minha direção. – Eu li sobre a Plexis. Estou tão...

Como se eu desse a mínima para a Plexis no momento.

Eu corto sua frase.

– O que está acontecendo entre você e ele?

Não é o meu papel perguntar, mas embora minha voz esteja controlada e uniforme, não tenho nenhuma autoridade sobre minhas ações. Eu preciso que ela me responda. Preciso que ela alivie esse medo de que Alayna possa sentir por alguém o mesmo que sente por mim.

É insano. É irracional. E não posso parar de *precisar* disso.

– Nada. – Ela suspira. – David era, hum... foi um abraço de amigo, só isso.

Sua resposta só faz a picada ficar pior.

– A expressão no rosto dele era muito mais do que amigável. – Dou um passo em direção

a ela, exigindo com minha postura uma resposta antes mesmo de formular a pergunta. – Você transou com ele?

– Não!

Eu estudo Alayna com os olhos apertados. Há mais que ela não está dizendo – posso ler seu rosto, ler sua postura. Há *algo* entre eles.

– Mas quase – aposto.

– Não. – Seu tom é inflexível, mas seus olhos mudam.

Esta, a sua mentira, me dilacera mais do que qualquer coisa.

– Por que eu não acredito em você?

– Porque você tem alguns problemas sérios de confiança. Qual é a sua, afinal?

Há uma voz racional na minha cabeça gritando que não é assim que devo me comportar. Que seus relacionamentos são particulares e não são da minha conta. Que este não é o meu lugar. Ela. Não. É. Minha.

Eu quero ouvi-la. Eu quero acalmar a tempestade que está viajando através de cada terminação nervosa. Mas é impossível.

Então eu desisto, permitindo que a tempestade me engula enquanto dou um passo a mais em direção a Alayna e rosno.

– Já lhe disse antes. Eu não compartilho.

Sejam quais forem os planos que eu tinha para os nossos caminhos, estão todos anulados e sem efeito. Porque embora não possa ter essa mulher, embora eu devesse abrir mão dela, acabo de reclamá-la.

Há um brilho de aceitação nos olhos dela, e eu me agarro a essa luz muito tempo depois que ela sumiu e deu lugar ao desafio que se segue.

– Mas eu tenho que compartilhar você com Celia? É isso?

– Porra, Alayna. Quantas vezes tenho que dizer? Não há nada acontecendo comigo e Celia.

Eu me convenço de que não é uma mentira, porque ela está questionando um envolvimento romântico. Em meus ossos, eu tenho certeza de que ela sente a verdade, de que existe algum tipo de conexão entre mim e Celia. Alayna pode me ler muito bem para deixar de notar isso.

Ainda assim, eu me recuso a lançar qualquer luz sobre os meus segredos.

Então, ela usa a única arma que pode.

– E não há nada acontecendo comigo e David.

– Sério? Não foi isso que pareceu quando entrei aqui.

– Assim como não pareceu quando você foi embora com Celia enquanto eu ainda estava nua em sua cama?

A raiva surge através de mim como um relâmpago. Como ela pode não entender? Eu a agarro pelos braços e a puxo para mim.

– Deixar você naquela casa daquele jeito foi a coisa mais difícil que tive que fazer. Não trate isso desse jeito.

Então, porque ela tem que saber como me sinto e porque esta é a única maneira que conheço de dizer a ela, eu esmago minha boca na dela. Eu mordo e machuco seus lábios. Eu sou brutal e caloroso. *Assim,* eu digo a ela com o meu beijo, *é como eu me sentia ao ir embora*.

Ela se afasta.

– Hudson, pare.

Mas eu não posso. Eu tenho que chegar até ela. Ou talvez eu só precise de seu corpo para acalmar a fúria dentro de mim. Eu não sei de mais nada, exceto dessa urgência ardente de possuí-la.

– Pare. – Alayna empurra pelo meu peito.

Ela empurra para o meu peito.

– Não. Eu tenho que te foder. Agora.

– Por quê? Você está marcando seu território?

Sua pergunta me assusta. É isso o que está acontecendo? Esta ação é apenas uma extensão do meu ciúme irracional? Não é o que eu queria que fosse.

Minha pausa lhe permite ficar livre de meu aperto.

– Você não me possui, Hudson! Pare de brincar comigo como se eu fosse uma de suas outras mulheres. *Não comigo,* lembra?

É a verdade que tento não encarar, batendo no meu rosto com tanta força que não posso negá-la.

– Você não acha que eu sei disso? Cada minuto de cada dia, eu me lembro que não posso conquistá-la. Isso eu não posso fazer com você. Mas não significa que eu não queira.

As palavras saem correndo de mim tão rapidamente que não posso digeri-las até que ficam penduradas no ar em torno de nós dois. Nelas está a clareza. Eu queria conquistá-la. Por mais que eu tivesse refutado os planos de Celia e defendido as minhas ações como sendo benevolentes para com Alayna, sempre existiu uma parte de mim que queria ser o dono dela. Queria dominá-la. Conquistá-la. Foi esta a verdadeira razão por que concordei com o jogo? Porque eu não posso evitar de jogar?

A possibilidade dói em Alayna tanto quanto em mim. Lágrimas se derramam pelo seu rosto.

– Então, eu sou como as outras.

– Não. Você não é. – Eu queria manipulá-la. É um desejo que nunca vai embora. Mas era

fraco com Alayna. Ele permaneceu no fundo atrás de tantos outros desejos mais proeminentes. – Eu lhe disse antes, não quero feri-la mais do que desejo conquistar você.

Ela está chorando quando responde.

– Você já fez as duas coisas.

O horror me inunda como um chuveiro gelado.

– Puta merda!

Não era isso que eu queria. Era tudo o que eu tinha tentado evitar. E mesmo que eu soubesse – eu *sabia* – que a tinha machucado, a lembrança disso, emparelhada com o lembrete de que ela declarou seu amor, me domina. A realidade de suas emoções traz todas as minhas à superfície. Eu fodi com tudo. Não há possibilidade de qualquer um de nós sair desta relação como se fosse apenas uma lombada na estrada. Não há nenhuma boa decisão a ser tomada. Eu fiz a nossa história de uma maneira que só pode terminar em dor.

Dou um passo para trás, para longe dela, como se eu pudesse me distanciar do inferno onde nos coloquei.

Mas ela me segue, entrando em meus braços e beijando-me com a mesma determinação que eu tinha anteriormente imposto a ela.

Não posso resistir. E não há razão para isso, na verdade. Nós dois estamos condenados, não importa o que aconteça.

– Alayna.

Eu aceito o que ela está me dando, aceito avidamente. Minha mão amassa seu peito enquanto começo a lamber sua boca. Meu outro braço puxa a garota para mais perto. Ela diz meu nome. Ela me diz que precisa de mim. Eu não preciso ouvir as palavras. Eu sinto isso no seu beijo, em seu corpo, enquanto ela se entrega para mim.

Sou rápido para tirar a calcinha e deitá-la no sofá. Meu olhar nunca a deixa enquanto tiro sua roupa. Ela está linda assim, espalhada desse jeito para mim, sua boceta brilhando de excitação. E mesmo para além do erótico visual, há beleza no significado de sua capitulação. Mesmo em sua dor, ela me procura em busca de conforto. Assim como eu a procuro.

Não consigo atrasar nossa conexão por mais tempo. Deito-me em cima dela e a penetro. Implacável, com a minha velocidade, com a minha força. Estou focado apenas no clímax, meu e dela, esfregando o polegar contra o clitóris enquanto me impulsiono. Nosso sexo é primordial e cru. É um espelho de nossas circunstâncias – não devemos amar o outro, mas a força que nos une é mais forte e mais vil do que qualquer coisa que podemos controlar ou contradizer. Não tenho palavras para esta conexão, e por isso dou a ela o único som que faz algum sentido – o nome dela derramando-se dos meus lábios, repetidamente, com reverência. Então essa é a palavra que anuncia a minha liberação quando gozo dentro dela

em uma explosão violenta. Alayna ecoa meu clímax com o dela, gritando enquanto se aperta em torno de mim.

Desabo sobre essa mulher, enterrando minha cabeça em seu pescoço. Meu pau se contrai dentro dela quando se acalma. Alayna é quente e segura e, enquanto nossa respiração se restabelece, relaxo dentro dela. Esta é a primeira vez na minha vida em que eu posso me lembrar de estar completamente à vontade. Apesar da falta de resolução em nossa situação, eu estou livre em seus braços.

No santuário deste momento, a revelação vem naturalmente.

– Eu queria conquistar você, Alayna, mas não queria te machucar. – Intensifico meu aperto em torno dela. – Esta é a última coisa que eu queria.

Com esta admissão simples, minha carga se alivia. Mas ainda tem muita coisa que eu carrego na culpa. Posso quase imaginar como eu me sentiria aliviando toda a minha carga, tijolo por tijolo, confissão por confissão.

Alayna passa a mão pelo meu cabelo, seus dedos enviando faíscas de eletricidade através do meu couro cabeludo.

– Isso faz parte dos relacionamentos, H. As pessoas se machucam. – Ela beija minha cabeça. – Mas você pode torná-lo melhor também.

Apesar de seus relacionamentos terem sido atípicos, Alayna tem muito mais experiência nisso do que eu. Percebo que muitas das perguntas que eu tenho podem ser respondidas por ela.

Não sou acostumado a pedir ajuda, mas eu levanto a cabeça para encontrar seus olhos e implorar:

– Diga-me como.

Ela embala meu rosto em suas mãos, seus polegares roçando na minha pele.

– Deixe-me entrar.

– Você não vê que eu já fiz isso?

Eu a deixei entrar mais longe do que qualquer outra pessoa em toda a minha vida. Alayna derrubou paredes que eu nem sabia que estavam de pé. Ela nem percebe.

Ou não é o suficiente.

Ela fecha os olhos e engole em seco. Quando os abre novamente, uma lágrima corre pelo seu rosto. Ela sai debaixo de mim, puxando a calcinha enquanto se levanta.

Aí está a minha resposta, então. Não é o suficiente. Mas isso é tudo que eu posso dar, para a proteção dela e minha também. E continuo numa posição difícil, encarando uma decisão séria. Onde isso pode me deixar com Celia? Onde isso pode me deixar com Alayna?

Suspiro enquanto me arrumo e fecho o zíper da calça. Estou de volta onde eu estava quando comecei, onde a melhor decisão é a de acabar com isso.

E eu não posso.

Então, eu luto por ela. Mesmo que não saiba como fazer isso. Mesmo que seja a pior coisa possível que eu possa fazer.

Fico de pé na frente dela. Passo os braços pelo seu corpo por trás e posso sentir que ela está lutando contra seu desejo de se apoiar em mim. Ela fica parada, e falo suavemente em seu ouvido.

– Por que você está agindo como se eu estivesse me afastando?

– Porque você me tranca para fora. Não é a mesma coisa que se afastar?

É exatamente a mesma coisa. Sou atingido pela súbita lembrança de Alayna no nosso quarto nos Hamptons. Eu estava dormindo, e ela foi nadar. Quando ela voltou, estava chateada.

– E você? E sobre quando você apareceu no nosso quarto chorando e nem sequer me contou o motivo?

Alayna fica tensa em meus braços.

– Isso foi diferente.

O que poderia ser diferente? Eu quebro a cabeça tentando chegar a um cenário que poderia tê-la magoado. Então, com certeza nauseante, eu descubro – minha mãe.

Viro Alayna para mim.

– O que ela disse para você, Alayna?

Ela guerreia consigo mesma por apenas um momento antes de responder.

– Que eu era insignificante. Ela me chamou de prostituta.

Porra. Minha raiva reacendeu, dirigida à minha mãe agora. Mais de uma vez, fui resgatar Sophia. Agora, nem consigo pensar em uma única razão por ter feito isso.

– Minha mãe é insensível e cruel.

Durante muito tempo eu teria acrescentado "como eu" nessa frase. Mas neste momento, não sinto nada que se pareça com ela.

Ergo o queixo de Alayna até encontrar o meu olhar.

– Você não é uma prostituta, Alayna. Nem mesmo perto disso. E a magnitude de sua importância na minha vida não pode ser colocada em palavras.

É o mais próximo que posso chegar a uma declaração de emoção.

Como se pudesse ler o meu subtexto, ela acrescenta:

– E Sophia também disse que você não pode me amar... jamais.

Minha mão cai do seu rosto. Estou atordoado. Que minha mãe iria contar-lhe isso, por exemplo, é chocante demais para mim. E esclarecedor. Mas o mais importante, eu não sei como responder. Não posso refutar a afirmação, não sem admitir que estou aprendendo a amar por causa dela. E não posso dizer isso até que não exista nenhuma mentira entre nós.

Então respondo a única coisa que posso.

– Eu já lhe disse isso antes.

Ela se afasta dos meus braços.

– Bem, ela me disse de novo. – E se vira para mim. – Então, aí está, eu me abri para você. Está feliz agora?

Eu a machuquei. Mais uma vez. Não é o que eu queria, mas estou despedaçado. E impotente.

– Alayna...

Mas não há nada que eu possa acrescentar que deixe as coisas melhores. Estou me afogando em meus segredos, e sinto tudo isso vindo à tona. Se não consigo ir embora, eu tenho que lhe contar a verdade. Cada pedacinho dela. No entanto, as palavras ficam presas na minha garganta.

Com lágrimas manchando seu rosto, ela implora:

– Como você pode achar que eu não iria me apaixonar por você, Hudson? Mesmo que você não quisesse que isso acontecesse, como eu poderia não me apaixonar? E isso significa alguma coisa para você, afinal?

Eu sinto que ela me deu um tapa.

– Como você pode perguntar isso? – Que ela me ama significa *tudo*. É a razão pela qual estou aqui com ela agora, me debatendo, sem direção. Seu amor é o único farol de esperança que encontrei no meu mundo sombrio. Eu me apego a ela. Eu seguro isso como se fosse uma tábua de salvação. – É claro que significa. Mas, Alayna – sempre isso, *mas* –, você não sabe o que diria se me conhecesse...

– Eu conheço você.

– Nem tudo.

Os segredos estão pressionando os meus lábios, pedindo para que sejam liberados.

– Só porque não me deixa entrar.

Abro os braços em frustração.

– O que é que você quer saber? Sobre o que eu fiz com outras mulheres? Sobre Celia? Eu sou a razão pela qual ela ficou grávida, Alayna. Porque eu passei um verão inteiro fazendo-a se apaixonar por mim quando eu não sentia nada por ela. Para me divertir. Para ter algo para fazer.

As palavras se derramam como lágrimas que ainda mancham o rosto de Alayna. Com elas, a dor e a angústia que eu não sentia brotam dentro de mim. O horror daquilo que fiz se enraíza. O desgosto com minhas ações, o arrependimento, a culpa – tudo isso me oprime a cada sílaba que pronuncio. Mas, ainda assim, não consigo parar de falar:

– E então, quando a fiz desmoronar por completo, Celia se tornou destrutiva, dormindo

com qualquer um, indo a festas, tomando drogas. Pense em alguma coisa e ela fez. Ela nem sabia direito quem era o pai do bebê.

A última parte é uma mentira, mas não estou pronto a implicar Jack neste momento. Esse não é o ponto, afinal. O ponto é que está aí, agora, um dos meus maiores segredos. E enquanto há alívio nessa admissão, um manto de incerteza paira no ar como uma névoa pesada que esconde a minha visão. Antes eu conseguia ler Alayna muito bem, cada expressão, cada pensamento que atravessava os olhos dela. Agora, eu não vejo nada. Tenho certeza de que essa história a impressionou, a enojou até... Afinal, como isso poderia não acontecer? Mas não consigo *ler* tal coisa no rosto dela.

Alayna respira fundo, estremecendo um pouco, e enxuga os olhos.

– E depois você alegou que o bebê era seu.

– Sim.

Eu estreito meus olhos, estudando-a enquanto ela avalia o que acabei de dizer.

– Porque você se sentia responsável. – Sua voz é equilibrada, vazia de qualquer inflexão.

– Sim. Celia perdeu o bebê aos três meses. Provavelmente por causa de toda a bebida e das drogas que ela consumiu mais cedo. Ela ficou arrasada.

E eu estou arrasado agora, como se essa perda tivesse acabado de acontecer. Há uma familiaridade na dor, e eu lembro de sentir uma sugestão dessa dor naquela época. Eu havia me convencido de que fora Alayna quem me ensinara a sentir, mas agora eu me pergunto se essas emoções sempre estiveram dentro de mim, trancadas bem no fundo, à espera de alguém para libertá-las.

– Isso é horrível – diz Alayna, e deixo de lado a minha introspecção, retornando meu foco para ela.

Eu ainda não consigo ler o que ela pensa, ainda não consigo descobrir que coisas medonhas Alayna pode estar imaginando por trás desses belos olhos castanhos.

– É horrível – diz ela novamente, sua voz cheia de confusão –, mas eu não entendo. Você pensou que isso iria me fazer não te amar... por qual motivo?

Eu caio sobre o braço do sofá, confuso com sua falta de preocupação.

– Porque isso muda tudo. Eu fiz aquilo. Esse é quem eu sou. É o meu passado, e é repulsivo demais.

Finalmente, o rosto dela descansa, mas não é decepção que eu vejo nele – é compaixão. Ela se aproxima de mim e pousa suas mãos em meus ombros.

– E você pensa que essas suas coisas repulsivas são muito diferentes das minhas?

O toque dela, suas palavras, tudo isso é difícil demais para suportar. Ela está achando que meus pecados são leves demais. Mas eles não são nada parecidos com o que Alayna fez.

– Nada do que fiz é parecido com seguir alguém ou ficar ligando toda hora.

– Foi uma tragédia imprevisível, Hudson. Um jogo que ficou fora de controle. Você não preparou tudo para que Celia engravidasse e tivesse mais tarde um aborto espontâneo. E você não pode diminuir as coisas que eu fiz para uma simples declaração como essa que acabou de dizer. Eu magoo as pessoas. Profundamente. Mas isso foi antes. Nenhum de nós tem um passado ideal, lembra? Isso não significa que tais coisas definam o nosso futuro. Ou até mesmo nós.

As palavras dela chegam fundo. Passam através da minha pele, em meus ossos, e eu a *ouço*. Eu a ouço, de verdade. Ela está expressando uma ideia com a qual venho me debatendo desde que a conheci. Será que eu posso – será que *nós* podemos – nos libertar de nossos passados e dar um passo para o futuro sem essas correntes?

Eu solto a respiração que estava segurando e seco uma lágrima no rosto de Alayna.

– Quando eu estou com você, quase acredito nisso.

– Isso significa apenas que você precisa passar mais tempo comigo.

Isso quase me faz rir.

– É isso o que significa?

Talvez seja, mesmo. Avalio essa ideia com mais sinceridade do que fazia antes. Eu poderia ficar com ela assim? De verdade? Dito de outra forma, eu poderia encontrar a força para *não* ficar com ela assim?

Deslizo o polegar para baixo para acariciar sua bochecha.

– Ontem de manhã, quando recebi o telefonema que me obrigou a estar em Cincinnati, nem consegui me permitir ficar olhando para você, dormindo na cama. Se eu fizesse isso, não teria sido capaz de ir embora.

Seu rosto se ilumina.

– Eu pensei que você foi embora por estar surtando. Por causa daquela coisa de amor.

– Eu não estava surtando – não por causa da coisa de amor. Isso eu achei bem-vindo. – Só fiquei surpreso, apenas isso.

– Surpreso?

– Sobre o que a gente estava sentindo. – Dou a volta ao redor de uma declaração verdadeira. – Que aquilo era amor.

– Era – responde Alayna com certeza. – E é.

– Hum.

Permito que essa afirmação se acomode dentro de mim. Essa coisa que senti por Alayna começou quando eu a vi pela primeira vez, a primeira faísca surgiu no momento em que a conheci. Desde então, tem se mantido constante, crescente e brilhante, recusando-se a tomar uma forma que eu pudesse identificar, mas sempre se reforçando em intensidade. Amor, ela chama. É novo. É incrível.

– Eu nunca senti isso antes. Eu não conhecia.

Desço minhas mãos para descansar na cintura dela.

– Mas, Alayna, eu nunca tive um relacionamento romântico saudável. Toda mulher que me amou... – Minha garganta se aperta quando me lembro da dor que causei a Celia e a outras mulheres que afirmavam que tinham se apaixonado por mim. – Eu não quero partir seu coração também.

– Você não vai fazer isso comigo, Hudson. – Ela tem tanta certeza... – Até pensei que poderia, no começo. Mas descobri que você me faz bem, me deixa melhor. E acho que faço o mesmo com você.

– Faz, sim. – Ela é a única que fez.

– Se você decidir que... Se decidir não continuar... Com seja o que for que temos, isso vai machucar. Mas eu não vou me despedaçar.

– Mas isso machucaria?

Eu já estou me comprometendo com um novo plano, que ainda não foi totalmente formulado na minha cabeça.

– Pra caralho.

Eu não quero machucá-la. É por isso que não posso admitir tudo para ela, mas também é por isso que não posso deixá-la. Ela confirmou isso agora. E enquanto passo a compreender plenamente que haverá uma dor em algum momento da nossa relação, decido que não vai ser agora.

– Então, é melhor seguir adiante.

É errado, eu tenho certeza. É definitivamente egoísta, porque eu quero isso mais do que qualquer outra coisa.

Puxo Alayna para mais perto, envolvendo-a em meus braços e digo as palavras que vim aqui dizer.

– Alayna, você está demitida. Você não pode mais ser minha namorada de mentira. – Então, acrescento as novas palavras que acabo de escolher em minha mente. – Em vez disso, seja minha namorada de verdade.

A felicidade brilha nos olhos dela.

– Eu meio acho que já sou.

– Você é.

– Ainda posso chamá-lo de H?

Esse apelido ridículo que ela me deu. É, de alguma forma, cativante. Mas nunca vou dizer isso a ela.

– Absolutamente, não.

Eu a beijo então, selando nosso novo acordo. É aqui, quando modelo meus lábios nos

dela com paixão, que meu plano se solidifica. Eu vou amá-la assim, sem palavras, mas com a minha vida. Vou deixá-la entrar, tanto quanto eu puder. Vou me comprometer com ela completamente. Seu mundo será meu. E vou fazer tudo o que puder para protegê-la de ser machucada, inclusive escondendo o segredo do meu passado que vai machucá-la mais do que qualquer outra coisa, aquele que a envolve.

Tudo isso eu digo a ela no meu beijo.

Alayna se afasta, mas apenas o suficiente para perguntar:

– E agora?

Sinto-a trepidar. Ela não tem ideia de tudo o que estou oferecendo, e tenho um pressentimento de que vai demorar um pouco para fazê-la entender. Em breve, esperamos, ela vai ser capaz de ouvir tudo o que eu digo a ela com os meus sinais não verbais.

Por ora, vou tentar usar as minhas palavras. Eu sorrio ligeiramente.

– Venha para casa depois de terminar aqui.

– Não estarei livre até às três.

– Não tem importância. Eu quero você na minha cama.

Eu quero essa mulher na minha vida. Vou levá-la para se mudar para minha cobertura assim que ela permitir. Quando se sentir pronta.

– Então, tudo bem.

Estou indo rápido demais? Estou com quase trinta anos de idade e sentindo as coisas, pela primeira vez na minha vida. Eu acho que, pela maioria dos padrões, estou bem atrasado.

Ela me ajuda a ficar de pé e eu, com relutância, solto a mão dela para endireitar a minha roupa. Eu já sinto falta de seu toque, mas não vai demorar muito até que possa vê-la novamente. Meus olhos avistam a mobília atrás de mim, onde acabamos de transar, e só me ocorre agora que é novo.

– Belo sofá – digo. – Muito bom sofá.

Ela ri.

– Obrigada.

Eu a estudo, desembaraçando o cabelo despenteado e ajeitando o vestido. Deus, ela é incrível. Ela é tudo que eu nunca soube que queria. Eu sou viciado nela, ela é minha droga e não me canso de tomar novas doses. Mas também é exatamente o oposto. Ela é a minha cura. Ela é um bálsamo que me alivia. Ela é a reabilitação. Ela é o remédio. Ela é a razão.

Tomo suas mãos nas minhas, surpreso ao descobrir que não estou tremendo. Dentro de mim, a adrenalina está bombeando, não com medo, mas com antecipação.

– Diga a Jordan para levá-la ao The Bowery. Ele sabe onde é.

– Não para o loft? – A excitação é evidente na voz de Alayna.

– Não. É a minha casa. Vou deixar a chave com o porteiro.

Ela entrelaça seus dedos nos meus e ri. Eu amo o som. Quase tanto quanto suas palavras.

– Nós estamos realmente fazendo isso, não estamos? Seguindo em frente.

– Estamos.

Puxo Alayna em meus braços, querendo que ela saiba que estou fazendo isso completamente, esperando que esse abraço lhe traduza o que quero dizer.

Sua boca está no meu ouvido, e ela sussurra:

– Vou dar uma agitada em seu mundo. – E depois, ela mordisca a orelha.

Eu belisco seu pescoço em resposta, pensando em como vamos batizar a minha cama nesta noite.

– Mal posso esperar.

– Nem eu.

Deixo Alayna trabalhar e vou para casa, uma lista se formando na minha cabeça de tudo que preciso preparar para ela. Ela vai precisar de roupas e produtos de banho. Eu tenho quase sete horas até que ela chegue. Isso é mais do que tempo suficiente para minha assistente deixar minha casa apresentável para a minha namorada.

Minha namorada.

Minha.

Desde que nasci, eu tive tudo que poderia querer. O dinheiro me comprou cada pequeno capricho. Nunca consegui nem mesmo começar a compreender tudo que me pertence, e ainda assim tenho certeza de que nunca existiu nada tão bonito e especial e precioso como Alayna. E ela *é* minha. Tanto quanto eu sou dela. Eu sei que pareço um cara estoico e estável, mas, por dentro, estou tonto e delirando em saber disso. Como eu pude acreditar que minha força estava na minha impassibilidade? Isto, este fluxo sem fim de amor, de alegria e de vitalidade, *isto* é o verdadeiro poder.

Eu não estou me enganando – isso não vai ser fácil. Haverá obstáculos. Celia. Minha mãe. Meu passado. Mesmo o passado de Alayna. Mas nada disso parece tão monumental quanto o que está acontecendo dentro de mim. Alayna é motivo suficiente para lutar contra todos os inimigos e muito mais.

Assim, enquanto grande parte da minha noite é preenchida com a preparação para a presença física de Alayna em minha vida, é também passada formulando um plano para proteger o nosso amor. Eu vou encontrar uma maneira de contornar o obstáculo que é Celia. Eu sou a pessoa que a construiu; então, certamente consigo jogar melhor do que ela.

E Alayna... Eu vou manter o meu segredo. O que for preciso, custe o que custar. Ela nunca vai saber a traição que a trouxe para minha vida. Por ela, eu vou esconder esta verdade. Só por ela.

17

Antes

Abrir a porta do loft foi complicado, com a minha boca presa à boca da morena curvilínea que eu levara, mas de algum jeito eu consegui. Lá dentro, apertei-a contra a parede e segurei suas mãos acima de sua cabeça, meu torso se afundando nela, tentando encontrar algum conforto para meu tesão furioso.

Eu lambi seu lábio inferior e puxei minha cabeça.

– Monica, eu gostaria de ser um cavalheiro sobre isso, mas simplesmente não há maneira educada de dizer o quanto eu vou fazer você gozar esta noite.

Ela suspirou, e eu me inclinei para mordiscar sua orelha. Os gemidos desencadeados pelas mordidas afiadas de meus dentes faziam meu pau pulsar.

Ela suspirou novamente, mas desta vez não foi tão sexy. Ela me empurrou para longe e, com um olhar irritado por cima do ombro, perguntou:

– Quem é ela?

Levei um segundo para seguir o olhar da garota. E quando o fiz, tentei lutar contra o sorriso que tentou rastejar em meus lábios.

– Celia. Eu não sabia que você estaria aqui hoje.

Eu estava tão surpreso quanto Monica ao ver essa convidada. Ainda bem que eu era bom em disfarçar.

– Sim – respondeu Celia, fingindo constrangimento. – Eu acho que deveria ter ligado primeiro.

Ela estava vestida apenas com uma toalha branca macia, o cabelo enrolado em uma segunda toalha em cima de sua cabeça. Mesmo sem o rubor que iria acrescentar à autenticidade do momento, sua fala e seus gestos pareciam verdadeiros.

Uma pequena explosão de orgulho se espalhou através de mim. Fiquei impressionado.

– Hudson – Monica chamou, lembrando-me que ela ainda estava lá. E como eu poderia esquecer disso, com meu pau ainda pulsando em minha calça jeans. – Quem é ela?

– Ela é...

Corri a mão pelo meu cabelo e olhei de uma garota para outra, como se estivesse procurando uma explicação.

– Sou Celia. Uma amiga. – Ela puxou a toalha maior sobre seu corpo ágil. – Eu realmente

sinto muito por interromper seu encontro. Vou me vestir. Licença. – Ela pediu desculpas novamente enquanto corria para o meu quarto.

– Hudson?

Respirei fundo, removendo o deleite da minha expressão, antes de voltar para a minha acompanhante.

– Ela não é ninguém, Monica. Apenas uma velha amiga. Eu não sabia que ela estaria aqui.

Avancei um passo para beijá-la novamente, mas ela virou o rosto.

– Por que ela está aqui, então? Será que ela tem a chave?

Sua suspeita me encantou. Toda a configuração do esquema com Celia era fazer minha mais recente "namorada" duvidar da minha fidelidade. O experimento foi feito para analisar quanto tempo o objeto de estudos – Monica – ficaria comigo se recebesse repetidas provas de que eu não posso ser fiel. Esta foi a primeira vez em nosso relacionamento que eu tinha dado a Monica um motivo de dúvida. Nós só vínhamos saindo por uma semana e eu ainda nem tinha transado com ela, uma atividade que havia sido agendada para esta noite.

Até que Celia tinha aparecido, de qualquer maneira. Agora fiquei ainda mais interessado em deitar com Monica, porque, embora eu não esperasse que a minha parceira no crime fosse aparecer naquela noite em particular, o fato de que nosso jogo estava provando ser bastante frutífero me fez muito feliz. Me excitou.

– Sim, ela tem uma chave. – Procurei atuar da melhor maneira possível para parecer de vez em quando. – Quando ela briga com o namorado. Eu não sabia que ela estaria aqui.

A desculpa foi criada em cima da hora, uma vez que eu não tivera a oportunidade de me preparar para este cenário.

Os olhos de Monica se arregalaram.

– Ela está nua, Hudson!

– Obviamente, ela não sabia que eu estaria aqui também. – Puxei a garota em meus braços, e inclinei minha testa contra a dela. – Vamos. Eu vou fazê-la dormir no sofá. Ou podemos arrumar um quarto de hotel.

Ela derreteu em meu corpo, as mãos descansando em meus braços.

– Eu não posso acreditar que estou mesmo considerando isso.

– Monica, vamos lá. Fique. Eu quero que você fique. – Isso foi fácil de dizer porque não era uma mentira. Eu estivera ansioso para enterrar-me dentro dela desde o momento em que a tínhamos escolhido para a nossa experiência, duas semanas atrás. Beijei o lado de seu rosto. – Você sabe que quer ficar também.

– Eu quero, mas, sei lá... não sei.

Deus, ela estava tão perto de ser convencida. Balancei minha pélvis na dela enquanto

desci sobre sua boca para um beijo a que ela não podia dizer não.

Mas, antes que meus lábios a encontrassem, ela se afastou.

– Não. Eu não posso. Talvez isto seja inocente como você diz, mas eu acho que é uma sugestão para dar um passo atrás.

Abaixei minha cabeça com um suspiro apenas um pouco exagerado.

– Tudo bem, eu entendo. – Segurei meu pau através da minha calça. – Mas estou duro por você exatamente agora. Vou pensar em você a noite toda.

– Que bom. Estarei pensando em você também.

Eu a escoltei para o corredor com uma mistura de satisfação e decepção. Por um lado, ela estava se mostrando um grande desafio. Essa foi uma emoção que eu estava procurando. Por outro lado, me deixou aqui com um caso grave de tesão reprimido.

Enquanto esperamos pelo elevador, Monica se virou para mim com olhos de corça.

– Me liga?

– Amanhã.

Tinha planejado telefonar para ela, mas já sabia que não seria no dia seguinte. Eu faria essa garota suar bastante antes. Iria plantar mais sementes da dúvida.

– Boa noite.

Eu a beijei sedutoramente, deixando-a saber o que ela estava perdendo.

Depois, coloquei-a no elevador. E mantive meu olhar fixo no dela até que as portas se fecharam.

Então, voltei para o meu apartamento para lidar com Celia.

Ela estava recostada no sofá quando voltei, bebendo uma garrafa de Diet Coke. Ela estava vestida agora, ou, mais precisamente, não mais em uma toalha, mas no meu roupão de banho. Seu cabelo também já não estava embrulhado, e vi que não estava nem mesmo molhado. Suspeitei que Celia devia estar usando roupas de baixo sob meu roupão, também.

– Como foi? – perguntou ela.

– Considerando que sou duro como pedra, diria que não muito bem.

Eu me ajustei enquanto caminhava até o bar para preparar uma bebida.

– Mas ela ainda quer vê-lo novamente?

Minhas costas estavam viradas para ela, mas eu poderia dizer que ela estava ansiosa por um relatório de progresso. Era compreensível, embora soubesse que Celia tinha escutado uma boa parte da nossa conversa do quarto e já sabia o que tinha acontecido. Além disso, era divertido provocar a minha amiga, por isso me demorei em responder.

– Você não parece se importar em ter interrompido a minha foda – disse eu, enquanto me servi de dois dedos de uísque, uma recente descoberta que fiz.

– Não, mesmo. Eu me importo sobre se ela vai vê-lo novamente.

Eu me virei para ela e tomei um gole da minha bebida.

– Ela vai me ver de novo.

Todo o seu rosto se iluminou, e ela cerrou os punhos em sinal de vitória.

Enquanto eu também estava me sentindo triunfante, havia um problema a resolver.

– Mas que porra, Celia? Não estava no plano você estar aqui esta noite.

Celia havia se transformado em uma grande componente dos experimentos que realizei. Ela fazia com que a variedade fosse possível, e estudei muitas novas emoções e situações desde que ela se juntara a mim, há poucos anos. Mas enquanto jogamos juntos, eu sempre fui o motorista. Eu ditava os parâmetros de nossa pesquisa. Eu escrevia o roteiro. Naturalmente, havia sempre a necessidade de uma boa quantidade de improvisos, mas, sempre que podiam ser controlados, eles o foram. E controlados por mim.

Mas esta havia sido a primeira vez que Celia tinha me surpreendido em nosso esquema. Tinha sido uma boa jogada, mas eu não estava pronto para dizer isso a ela. Não estava pronto para abrir mão da minha autoridade.

– Mas foi um belo improviso, hein? – Ela já sabia que tinha jogado bem, quer eu estivesse pronto a reconhecer isso ou não. E minha reprimenda nada fez para abalar seu sorriso confiante.

– Não vou admitir tal coisa – banquei o presunçoso quando me juntei a ela no sofá.

Celia golpeou o meu ombro com o dorso da mão.

– Vamos lá, isso foi perfeito. Eu tenho que deixar essa garota com ciúmes e desconfiada, e confie em mim, a velha amiga nua no apartamento do namorado é a maneira perfeita de se fazer isso.

Eu descansei um braço sobre o encosto do sofá e a estudei.

– Você está extremamente feliz com isso.

– E você não está?

– Preciso lembrá-la do tesão reprimido?

Ela jogou a cabeça para trás em frustração.

– Oh, meu Deus. Você e seu pau. Vá bater uma no chuveiro. Você vai ficar bem. – Então, enrolou as pernas debaixo dela e se inclinou para mim, os olhos doces, mas exigentes. – Agora, admita que fui bem.

Eu hesitei. Por fim, com relutância, concedi.

– Você foi bem. – Tomei um gole da minha bebida, deixando a queimadura dela me relaxar e derreter o desejo de agarrar as rédeas de novo. – Na verdade, você foi muito bem, Celia. Bom trabalho.

Ela torceu o nariz de alegria quando absorveu a minha aprovação. Sua pura alegria de alguma forma tornou mais fácil continuar o reconhecimento.

– Você está muito mais flexível com os experimentos do que costumava ser – disse eu. – Olha, que longo caminho percorreu...

Houve alguns poucos nos primeiros dias que mal sobrevivemos. E eu nunca tinha percebido como as ideias desses esquemas vinham para mim tão naturalmente. Como era difícil ensinar a alguém. No entanto, mesmo com as dificuldades, percebi que Celia tinha nascido para isso.

– Eu espero estar melhor. Estamos fazendo isso agora por... sei lá... três anos? – Celia rolou a garrafa de refrigerante entre as mãos enquanto falava, como uma vareta que estivesse tentando esfregar e fazer fogo. – Já era hora de eu finalmente receber um elogio, Hudson.

Ela estava nervosa, e de repente percebi o quanto minha aclamação significava para ela. Foi esta a primeira vez que tinha recebido?

Terminei o meu uísque e coloquei o copo na mesa de café, em seguida, olhei para ela com os olhos apertados.

– Eu elogiei antes. Não?

Ela balançou a cabeça.

– Não estou reclamando. Eu não merecia isso.

Dei de ombros com indiferença. Ela cometeu erros, mas no geral eu tinha ficado satisfeito com ela como minha parceira. Mais do que satisfeito. Também tinha ficado contente com sua companhia.

Ela apertou os lábios agora, como se estivesse pensando.

– Lembra-se daquele casal em seu prédio? Os recém-casados?

Assenti com a cabeça. Como eu poderia esquecer? Tinham sido a nossa primeira experiência juntos.

Celia deixou cair a garrafa em seu colo e apoiou o cotovelo no encosto do sofá, inclinando seu rosto para sua mão.

– Eu estava tão nervosa quando me aproximei dele pela primeira vez. Tim era o seu nome. Era para eu deixar cair o saco de mantimentos, lembra? E ver se ele ia me ajudar com isso. Isso era tudo o que havia para fazer no primeiro contato. Você me treinou e me treinou. Eu juro que fiquei naquele canto do térreo observando-o folhear a correspondência por, sei lá, uma eternidade antes que tivesse a coragem de ir lá fora. Então, deixar cair o saco de mantimentos foi moleza, pelo tanto que eu estava tremendo.

– Mas ele notou você. Ele ajudou com as compras.

– Ele encostou a mão dele na minha, de propósito, acho. E foi só o nosso primeiro encontro. – Seus olhos se estreitaram quando ela se perdeu na memória. – Ele ficou olhando para o meu decote, e eu me lembro como era incrível ter a sua atenção, mas, ao mesmo tempo, pensei que ele era um idiota um pouco seboso. – Celia riu. – Obviamente, eu passei

por cima dessa parte do seboso.

Eu ri.

– Obviamente.

Aquele havia sido um grande estudo. Celia tinha seduzido Tim, o marido, enquanto joguei meu charme para a esposa. Meu objeto de estudos tinha resistido a mim, profundamente dedicada ao seu casamento, mas Celia conseguiu levar o objeto de estudos dela para a cama. Repetidamente. Eles tiveram um caso completo. Mesmo quando a esposa descobriu, ela ainda se recusava a dormir comigo, embora tivesse mostrado mais de uma vez que se sentia atraída. Essa não fora a minha hipótese. Mais surpreendente ainda foi que ela perdoou o marido por sua infidelidade.

Eu arquivara toda a experiência como mais um atestado em detrimento do amor. Por que diabos uma pessoa em sã consciência perdoaria um cônjuge por esse tipo de infidelidade tão crua? Foi fraqueza. Devoção deixava as pessoas estúpidas. Não havia nenhuma dúvida em minha mente.

– Eu ainda fico nervosa toda vez que iniciamos um novo jogo. – Celia se inclinou de volta para o canto do sofá e abaixou as pernas bem na frente dela, os pés descalços se empoleirando na beira da minha coxa. – E esta foi a primeira vez que eu me senti confortável em mudar as coisas sem falar com você primeiro.

– Bem, não precisamos agora transformar isso em um hábito.

Puxei um de seus pés em minhas mãos e comecei a esfregá-lo.

– Vamos ver como vai ser, acho.

Eu tentei não deixar que isso me incomodasse. As coisas iriam se transformar bem, disse a mim mesmo. Quer eu estivesse no controle ou não.

Ficamos ambos em silêncio. Eu continuei a minha massagem enquanto pensava no quanto nós dois mudamos nos últimos anos. Por meio de nossos jogos, ficamos confortáveis em mais do que apenas improvisar. Nós tínhamos encontrado uma facilidade em nosso relacionamento, também. Nós frequentemente encenávamos beijos e abraços, sem qualquer tensão sexual residual. A corrente de carga emocional que uma vez existia entre nós tinha se dissolvido em algo menos preocupante, menos físico, mas muito mais íntimo. Nós compartilhávamos um relacionamento entre nós que não tivemos com ninguém mais. Nós éramos... próximos. Amigos. Parceiros.

Deixei aquele pé cair em meu colo, pronto para pegar o outro. O primeiro roçou a minha virilha. A testa de Celia subiu.

– Esse é o seu pau?

– Eu não falei que ele estava duro?

Ele estava meio duro, na verdade, mas certamente não flácido, e a lembrança de minha

luxúria reprimida por Monica vinha me endurecendo novamente.

– Ainda? – Ela cutucou o meu volume com seu dedo do pé e balançou as sobrancelhas. – Eu posso fazer algo sobre isso, se quiser.

– Você está falando sério?

A ideia por si só já tinha me amolecido. A gente se tornara próximos, mas a ideia de levar as coisas a um nível físico ainda parecia errada.

– Por que não?

Ela passou a língua ao longo de seu lábio inferior. Isso era para ser sexy, e qualquer outro homem provavelmente teria assumido como tal. Eu não.

Eu tive que desviar o olhar.

– Ahn, obrigado, mas não.

Empurrei seus pés do meu colo para enfatizar ainda mais a minha falta de interesse no que ela estava propondo.

– Você é um idiota. – A carranca de Celia estava presente em sua voz. – Você é um galinha total, mas não vai me deixar te chupar?

– Isso iria estragar o nosso relacionamento.

– E daí?

Eu a estudei, tentando determinar se ela estava me provocando de brincadeira. Um efeito colateral de saber o quanto uma pessoa sabe fingir bem é que você não sabe quando a questionar sobre a sua sinceridade.

– Você está falando sério sobre isso?

Ela encolheu os ombros.

– Fiquei excitada com o que aconteceu na noite de hoje e isso me deixou com tesão.

– Percebi. – Mas eu não ia transar com Celia. – Vou te comprar um vibrador.

– Tudo bem. – Ela cruzou os braços sobre o peito. – Eu não estou mesmo interessada em chupar esse seu pauzinho peludo.

Eu não conseguia decidir se ela estava realmente concordando com a minha recusa ou se agora ela estava fingindo. De qualquer maneira, estava contente pela virada na conversa, que agora estava mais leve. E continuei nessa direção.

– Pauzinho? Você acaba de dizer que meu pinto é pequeno? Talvez precise colocar seu pé aqui novamente.

– Não! Não! Não!

Celia gritou enquanto eu pegava o pé, fingindo querer puxá-lo de volta para a minha virilha.

Segurei seu pé em minhas mãos enquanto ela lutava para fugir.

– Quer dizer que, um minuto atrás, você estava disposta a colocar sua boca nele, e agora

não consegue nem me tocar com o seu pé?

Celia ergueu a mão, em sinal de rendição.

– Eu estava brincando, eu nunca iria chupar você, Hudson. Ou transar com você. Nunca. Isso ia ser... estranho.

– Muito estranho. – Quando soltei o pé, ela o colocou debaixo das pernas, de novo. – E iria atrapalhar o que temos. – E gesticulei para trás e para frente, dela para mim.

Ela sorriu.

– Concordo. E isso que temos é legal.

– Também gosto.

A gente não conversava sobre *isso* muitas vezes. Ou nunca, na verdade. Deixamos que nosso relacionamento evoluísse sem muitos comentários, mas era uma coisa que precisava ser conversada. Especialmente depois daquela estranha insinuação sexual de Celia. Eu não tinha a menor intenção de ir lá com ela, mas *isso* que tínhamos significava algo para mim. O que era, por sua vez, uma coisa interessante em si mesma – que qualquer relacionamento que eu tivesse e que significasse algo para mim era incomum.

Ainda assim, se as coisas ficassem estranhas, se Celia tentasse ser algo mais do que o que tínhamos, eu seria capaz de ir embora. E eu iria embora. Sem olhar para trás. Engraçado, então, como a ideia me incomodou.

Foi mais do que eu queria contemplar no momento. Levantei-me e me espreguicei, fingindo um bocejo.

– Você vai ficar?

Celia se hospedava muitas vezes no loft comigo, dividindo a minha cama *king size* como dois amigos de escola que têm uma festa do pijama. Isso nunca foi um problema, mas esta noite esperava que ela dissesse não. Seria bom manter certa distância depois daquela nossa conversa.

Mas Celia não pareceu concordar.

– Vou ficar – respondeu. – Eu ainda tenho roupas aqui? Não consegui achar nada no armário, e costumo deixar algumas peças.

– Eu escondi todas as suas coisas para o caso da Monica querer ficar. Mas não é difícil de achar. Na parte de trás do armário, e se ela fuçasse, iria encontrar...

– Espertinho.

Celia encontrou algumas de suas calças de ioga e um top e foi para o banheiro para se trocar. Fiquei me perguntando por que ela fez isso enquanto eu mesmo me trocava. Ela geralmente se vestia e se despia na minha frente. Talvez ela também tenha observado uma estranheza persistente depois da nossa discussão. Eu certamente o fiz. Normalmente, eu estaria dormindo em boxers. Hoje à noite eu tinha escolhido uma camiseta e uma calça de

moletom.

Eu já estava na cama quando ela subiu do outro lado. Sem falar, eu me inclinei e apaguei a lâmpada. Fiquei no meu lado, de costas para ela, e esperei o sono tomar conta de mim.

Ficamos deitados assim por alguns minutos no escuro. Eu poderia dizer, por sua respiração, que ela também ainda estava acordada, por isso não me surpreendeu completamente quando ela falou.

– Você acha que nunca vai parar de jogar?

Sua voz estava mais fraca do que o habitual. Fina e insegura.

Ou foi apenas o escuro brincando com os meus sentidos.

Eu levantei minha cabeça para que pudesse falar sobre o meu ombro.

– O jogo? – Celia não podia estar se referindo a outra coisa. – Não, eu sempre vou jogar. – Essa era uma pergunta que nem mesmo sequer pensei em considerar. Os experimentos eram parte de mim. Mesmo quando eu não tentasse, estava constantemente manipulando as vontades das pessoas ao meu redor e medindo suas reações. – Eu não tenho escolha.

– Claro que você tem escolha.

Embora sem saber se ela poderia vê-lo no escuro, eu dei de ombros, não concordando, mas não querendo debater o assunto ainda mais.

– E você?

– É legal por ora. – E limpou a garganta. – Mas posso ver que um dia vou parar.

Essa resposta me incomodou. Eu não gostei de que ela tenha pensado em desistir. Nem gostei que Celia considerou que isso poderia ser uma possibilidade.

Virei de costas para que eu pudesse olhar para ela e vi que Celia também estava de costas.

– Você está enganando a si mesma. Você nunca desistiria, porque ama esses jogos, ama demais.

Talvez estivesse dizendo tudo isso para mim mesmo. Mas eu queria que essas palavras fossem verdadeiras para ela. Precisava que elas fossem verdadeiras para Celia.

E ela se virou para me olhar.

– Eu amo, sim. Partes disso, pelo menos.

*

Partes disso. Sim, havia partes dos jogos que eram melhores do que outras. Minha parte favorita era adivinhar corretamente como uma pessoa iria reagir a uma determinada situação. Eu tinha ficado tão bom em ler as pessoas que raramente falhava em prever o resultado dos esquemas que criávamos. Mas mesmo podendo antecipar resultados, cada

experiência me ensinou algo novo sobre as emoções humanas, sobre as coisas que eu não sentia. Fiquei cada vez mais interessado em estudar. E cada vez mais alienado do mundo ao meu redor.

Com exceção de Celia.

Os experimentos tinham me trazido para mais perto dela. Éramos amigos agora do jeito que sempre deveria ter sido. Ocorreu-me, porém, que eu não sabia exatamente o que Celia gostava no jogo. Sempre presumi que ela gostasse de tudo, e nunca tinha pensado em perguntar a ela.

Foi isso que eu fiz naquele momento.

– E quais são essas partes?

– Hummm. – Ela fingiu estar pensando, embora eu tivesse certeza de que ela já conhecia a resposta. – A dor – disse ela, finalmente. – Eu gosto de ver as pessoas sentindo dor.

Essa resposta me deixou perplexo. Eu gostava de ver o resultado de um experimento, e muitas vezes esse resultado era dor, mas quando não era, ficava satisfeito do mesmo jeito. E esse desejo de Celia me deixou tão intrigado quanto os desejos de qualquer outra pessoa.

Eu me virei para ela, apoiando minha cabeça com a minha mão.

– Por quê?

– Não sei, realmente. Não sei como explicar isso.

– Tente.

Ela ficou em silêncio por um tempo, mas finalmente falou.

– Eu acho que faz minha dor diminuir, de alguma forma.

Eu ri.

– E que dor você poderia ter?

– Ei! Até mesmo as meninas ricas e mimadas podem ter coisas que as machucam.

Celia fez uma pausa de novo, mas eu esperei. Eu sabia como a escuridão poderia extrair coisas que ficavam ocultas na luz. Não era nisso onde Celia e eu sempre nos encontrávamos? Em salas escuras? Em situações sombrias?

Os segundos passavam em silêncio, mas pouco depois ela me deu mais.

– Mas não me pergunte especificamente qual é a minha dor. Faz tanto tempo que não tenho sentido nada que já não me lembro. Mas ela está lá em algum lugar. Eu sei disso. E esperando por mim. E toda vez que alguém chora e cai por terra, essa dor torna-se menor. Fico pensando que, se eu apenas machucar muitas pessoas, partir muitos corações, então essa dor finalmente vai partir. E daí eu não terei mais que participar desses jogos. E posso voltar a sentir.

Esse monólogo de Celia foi lento e sobrecarregado. Como se fosse muito difícil pronunciar essas palavras, ou como se agora tivesse sido a primeira vez que havia pensado nelas. Eu

nem mesmo tinha certeza se ela já havia terminado de falar, mas sua última declaração pedia uma resposta:

– Por que você iria querer fazer isso?

– Porque eu me lembro de como é ficar apaixonada. – Celia puxou as cobertas até o queixo, afastando-se. Escondendo-se.

Mas ela se expôs mais uma vez.

– Eu gostaria de sentir isso de novo, eu acho. Algum dia.

– Mais uma vez, eu pergunto, por que diabos você iria querer fazer isso?

– Você nunca esteve apaixonado, Hudson. Você não conseguiria entender. – Ela se virou para seu lado, de costas para mim. – Boa noite.

Era evidente que a conversa tinha acabado, por isso não pressionei Celia. Além do mais, eu não queria continuar. Embora eu estivesse muito interessado em tudo o que mantinha acesa dentro de Celia aquela esperança de amar de novo. Mesmo agora, depois de todo esse tempo que passou comigo, como ela poderia ainda sentir essa motivação? Eu estava morrendo de vontade de entender.

Mas havia outros pensamentos que estavam nadando na minha cabeça e que eu não queria explorar. Como, por que agora? De onde veio isso? Será que estava conectado com a nossa brincadeira lúdica anteriormente no sofá? Celia estava ainda carregando uma tocha que eu havia efetivamente ignorado?

Se eu tivesse que dar um palpite, eu diria que ela não estava mais tão encantada comigo, mas com a emoção em geral. Ambas as ideias eram desconcertantes, mas eu não podia acreditar que havia deixado passar os sinais de afeição de Celia por tanto tempo.

Havia algo mais que me manteve acordado muito tempo depois que Celia tinha escorregado nessa respiração ritmada ao meu lado. Se ela realmente fosse parar de jogar comigo um dia, onde isso iria me deixar? Sozinho de novo. Tal pensamento nunca tinha me incomodado antes, mas agora...

Agora, eu tinha ficado acostumado à companhia de Celia. O experimento tinha evoluído com a ajuda dela, e eu tinha encontrado consideravelmente mais alegria nele desde que ela entrou no jogo. Se Celia não fosse continuar a jogar, não teríamos mais qualquer vínculo entre nós. Nossa amizade iria esvanecer. E, por motivos que eu não podia explicar, isso não era uma coisa com a qual eu poderia viver.

Então, não deixaria isso acontecer. Teremos de continuar jogando, e ela iria ver como era ridículo desejar um final feliz. Não existiam finais felizes. Nunca. Havia apenas aqueles que percebiam isso e os tolos, que não percebiam. Celia e eu não faríamos parte dos tolos.

18

Depois

Estamos em silêncio enquanto nos dirigimos ao restaurante para o aniversário da minha mãe. Alayna está nervosa, e eu estou certo de que é por isso que ela está em silêncio. As mães em geral nos intimidam, é isso que costumo ouvir. Minha mãe bate todas elas.

Também estou nervoso, e por mais de uma razão. Primeiro, estou preocupado em submeter Alayna a esta noite com Sophia. Foi por esse motivo que não lhe contei sobre hoje. Alayna deveria estar trabalhando, então usei isso como desculpa para não tocar no assunto. Então, os planos dela foram cancelados e eu tive que tomar uma decisão. Ela pensa que conseguiu arranjar um convite, mas, honestamente, eu queria Alayna comigo. Sempre a quero ao meu lado.

Mas agora, tenho um problema maior. Celia. Tenho certeza de que ela estará lá. A família dela sempre se junta à nossa para os jantares de minha mãe e por mais tempo do que me lembro, de modo que esse cenário não é improvável. E isso traz uma série de problemas em potencial. Alayna, por exemplo, não vai ficar contente com a presença de Celia. Eu lhe prometi que não passarei nenhum tempo com Celia se ela não estiver presente. Não tinha sequer me ocorrido que esta noite iria quebrar essa promessa até que percebi que Alayna estaria comigo.

Eu deveria lhe contar agora. Mas não consigo me obrigar a fazer isso porque estou pedindo a Deus que isso não seja um problema, que Celia não venha hoje à noite. Não porque Alayna vá ficar chateada, mas porque não quero ver Celia. De maneira nenhuma.

Até mesmo esse pensamento faz com que o suor molhe toda a minha testa.

Quando a limusine para no meio-fio, enxugo a testa e rio por dentro comigo mesmo. Sou um cara geralmente seguro de si e confiante, e agora, com o pensamento de minha amiga de infância tão pequena e reservada, estou com medo. Mas a culpa é minha. Eu deveria ter feito contato com ela antes. Já são três dias que abandonei nosso experimento por completo, e ainda preciso contar a Celia. Tenho evitado isso, porque não sei exatamente o que vou dizer. Todo o meu foco tem sido Alayna, fazendo-a tomar parte de meu mundo, convidando-a para ir viver comigo e parece uma vida inteira desde que Celia me levou ao aeroporto de Hamptons e eu disse a ela que tudo estava terminado. Não sou mais aquele homem. Agora, sou alguém completamente novo.

Saindo do carro, olho casualmente em volta para ver se ela está por perto, antes de ir ajudar Alayna a sair. Celia não estava por perto, e, na verdade, não teria importância se estivesse. Ela provavelmente não ficará surpresa ao nos ver aqui. Ela sabe que não rompi as coisas quando apareceu no meu apartamento enquanto Alayna estava lá. O jogo supostamente teria terminado antes disso. Mas Celia só pode adivinhar as circunstâncias que me fizeram mudar meus planos. Tenho certeza de que suspeita de algo diferente, eu nunca levei uma mulher para minha casa antes. Nenhuma, pelo menos, com a qual eu estivesse em um relacionamento. Isso é uma mudança em meu padrão que Celia certamente não teria deixado passar.

Sim, há um monte de coisas que devem ser ditas a Celia, um monte que já deveria ter sido informado. Quando eu finalmente lhe disser a verdade, Celia irá retaliar. Não há dúvidas quanto a isso.

Aceno para Alayna para que siga à minha frente enquanto dou instruções a Jordan para quando vir nos buscar. Uma vontade de último minuto de cair fora de lá me invade. Eu poderia chamar Alayna, levá-la para outro lugar e aproveitar a noite com ela. Minha mãe vai ter um ataque e beber mais do que o habitual, ou talvez exatamente o tanto que bebe normalmente, o que já é demais. Mas eu não ligaria, porque estaria bem longe disso tudo.

Mas os nossos problemas não seriam resolvidos. Seriam simplesmente adiados. É por isso que decido continuar com esse horror de noite. Será pior porque Alayna está comigo, mas me sinto estranhamente confortado sabendo que ela vai estar a meu lado durante tudo isso.

Entro no saguão antes dela e olho para o relógio. Estamos alguns minutos atrasados. Isso não deveria ser um problema. Eu tinha ligado mais cedo para minha mãe, dizendo que estaria levando Alayna comigo, de forma que a mesa já estaria preparada para nós. No elevador para o nosso andar, pego a mão dela. Preciso tocá-la nem que seja apenas desse modo simples porque isso me dá forças. Faz-me lembrar que meu poder reside nela.

A tensão em meu pescoço e nos meus ombros fica mais forte à medida que subimos. Percebo que não sei o que Alayna irá fazer quando ela descobrir que Celia está lá. *Se* ela estiver lá. Talvez não aconteça grande coisa. Mas e se acontecer...? Será que Alayna vai ficar de boca fechada? Ou vai atacar? O que vou dizer quando ela me questionar sobre isso? A verdade é sempre mais segura, mas qual é exatamente a verdade?

Mais de uma vez, inclinei-me sobre Alayna com a intenção de lhe avisar que Celia poderia estar aqui. E, a cada vez, me impedi de fazer isso. Finalmente, começo a orar pelo impossível. *Não deixe que ela esteja aqui. Amanhã, irei falar com ela. Vou começar a fazer as coisas direito com ela.* Embora eu não tenha a mínima ideia como.

Cedo demais, muito antes de eu estar preparado, somos levados pelo maître para a mesa de minha família. Estão todos lá, Chandler, meus pais, Mira e Adam, os Werner. E Celia.

Aquilo me deu um nó no estômago.

Percebo o momento em que Alayna a vê. Ela solta minha mão e me olha, com o rosto varrido pela dor.

– Entendi, quando você me contou, que este seria apenas um encontro de família – resmunga, e vai embora.

Bem, essa não foi a reação que eu esperava.

Aceno para minha família, vendo a carranca de minha mãe quando peço desculpas.

– Ela esqueceu alguma coisa no carro, desculpe-nos por um momento.

Então, vou atrás de minha namorada. Embora ela precise apenas de um minuto para se acalmar, Alayna tem que saber que não pode correr de mim. Eu sempre irei atrás dela.

Ela vai pelas escadas. Faço uma pausa na porta, tentando descobrir se ela desceu ou subiu. Ouço os sapatos dela ecoando pelo concreto, mas quando espio pelo corrimão, não a vejo abaixo de mim. Então, vou para o teto.

No alto das escadas, abro a pesada porta e vejo-a correndo e passando pela área de estar e chegando até a parte mais distante do terraço. Não há muita gente aqui, apenas um casal absorto um no outro em um sofá, um grupo pequeno conversando ao redor de um pequeno fogareiro apagado. Sem querer provocar uma cena, passo a caminhar mais devagar. Alayna está à minha frente e não tenho como perdê-la de vista.

Quando estou mais próximo, paro. Ela está de costas, respirando fundo. Seu corpo sobe e desce a cada nova golfada. Quero estender minhas mãos para ela, mas estou hesitante. Embora eu quisesse movimentar tudo na minha vida para estar com ela, esse novo arranjo é uma coisa nova para mim. Já estou cometendo erros e sinto-me desesperado para não cometer mais.

Eu devia ter contado a ela.

Mas agora preciso dizer alguma coisa, então me decido sobre a única coisa que vem à minha mente agora.

– Os Werner são praticamente da família.

Alayna não se vira para mim.

– Certo. Ahã.

– Você acha que não lhe contei de propósito?

Tudo bem, eu não contei a ela de propósito, mas não pelas razões que ela pode estar pensando. Quando estou assim, no modo de defesa, meu fraseado tende a ficar manipulador.

Alayna solta uma gargalhada.

– Você não vai querer saber no que estou pensando.

– Na verdade, eu quero.

Ela gira em minha direção.

– Não, você não quer.

Fico olhando quando ela se afasta de mim, parando ao encontrar a parede. Alayna deveria estar com raiva de mim. Agressiva, mas não recuada desse jeito. Há muito mais nisso do que simplesmente ciúme, mas não entendo o que pode ser.

E *quero* entender.

– Acredite em mim quando lhe digo que quero.

– Hudson, não diga isso quando você não sabe o que eu quero dizer. – A voz de Alayna é tensa, como se ela estivesse se segurando. – Não é bom, e, na verdade, você deveria me deixar sozinha. Ou irei culpá-lo por coisas. São coisas sobre as quais posso estar exagerando, e você irá ficar ofendido. E irei perder você...

A luz se acende, e eu me sinto como um idiota. Alayna me disse que faz as coisas serem maiores do que realmente são, e aqui está ela, com medo de que esteja fazendo exatamente isso. Mas não está, é claro. Eu mereço suas acusações, por mais equivocadas que possam ser. Eu mereço a culpa.

Mas, idiota que sou, não digo nada. Isso iria afastá-la, e eu preciso – *ela* precisa – que ela fique mais próxima. Então, faço tudo que posso para fazer com que Alayna veja que seus problemas não me assustam. Para fazer com que ela veja que não irei a lugar nenhum.

– Você não vai me perder. – E dou um passo em direção a ela para provar.

O rosto dela está angustiado, com uma expressão descrente.

– Você ainda não viu esse meu lado, Hudson. Você não conhece.

Eu não sei como ela é, ou como ela pode ser. Tive vislumbres de sua tendência obsessiva, mas nada muito substancial. Ela tem sido tão forte, ocultando suas fraquezas de mim.

Eu sou egoísta porque, mesmo que não vá lhe mostrar toda a minha escuridão, quero testemunhar a dela.

– Então, eu preciso ficar. Preciso conhecer todos os seus lados.

Porque eu irei amá-la em todos eles.

Alayna balança a cabeça, e morde o lábio sexy com batom vermelho, e posso dizer que ela está lutando contra as lágrimas.

Mas ela está também avaliando o que eu disse. Vejo isso em seus olhos. Então, a pressiono mais:

– Vá em frente, pergunte-me o que quiser.

– Não estarei perguntando, estarei acusando.

A voz dela está mais fraca, e posso notar que sua determinação está enfraquecendo. Não vai demorar muito para persuadi-la de que seus pensamentos sejam trazidos à luz.

Será que eu a estou intimidando, forçando-a e pressionando-a desse jeito? Um masoquista, por estar ansioso em ouvir aquilo que Alayna tem a dizer? Suas acusações não

serão precisas, mas mereço ser questionado e examinado. Mereço ter que lutar por ela.

Mas não é por isso que a estou pressionando. Mas porque não posso viver sem Alayna, e isso significa essa mulher por inteiro, mesmo isto.

– Faça isso – digo. – Eu quero ouvir. Preciso saber o que você está pensando. Acredite.

E ela abre mão de sua resistência.

– Você não me convidou para vir nesta noite porque sabia que Celia estaria aqui. – A voz é apenas um sussurro.

Aceno a cabeça em concordância. Essa não foi a razão pela qual não a convidei, mas se eu tivesse sabido de manhã que Alayna não teria que trabalhar nesta noite, não sei se a teria convidado então. E Celia seria a razão.

A admissão teria conduzido a coisas sobre as quais não quero encarar, então respondo:

– Isso não é verdade. Eu já lhe contei porque não a convidei. E no final, eu a convidei. Você está aqui.

– Mas, no começo, você não queria. – Embora Alayna não olhe nos meus olhos, sua postura está mais forte. – Provavelmente é por isso que você quis que eu me embonecasse. Para exibir a Celia, qualquer que seja o seu jogo com ela. Não tinha nada a ver com a sua mãe.

Isso é como um soco no estômago.

– Você tem razão.

A cabeça de Alayna chicoteia para cima.

– Isso mesmo, você tem razão em dizer que não tem nada a ver com a minha mãe. Tem a ver com você. Eu queria que todo mundo visse que mulher linda que você é. Como é linda a mulher que me ama.

É muito duro para mim até mesmo dizer essas palavras, porque eu sei que ela me ama de verdade e que não mereço isso.

Pior, ela não entende o quanto sua afeição é importante para mim.

– Celia. Você queria que Celia visse, isso é o que quis dizer.

Balanço a cabeça, negando, e sem saber como chegar até ela.

– Ela está aqui! – grita Alayna. – Ela está aqui livre e eu tive que implorar para você me trazer. E você me disse que nunca mais a veria sem que eu estivesse junto. O que essa mulher significa para você?

– Nada. Ela é uma velha amiga. – Uma inimiga, quem sabe, dependendo de como as coisas se desenrolarem.

– Mentira. – A voz dela falha. – Senão você teria me contado sobre este jantar desde o início. Você estava escondendo tudo de mim! – E aponta um dedo acusador para mim. – Porque você sabia que Celia estaria aqui.

– Eu não sabia.

Fecho os olhos e respiro fundo. Será que eu teria que viver desse jeito para sempre? Contornando a verdade? Esquivando-me do passado?

A minha única esperança é usar do máximo de honestidade possível.

– Eu suspeitava – admito. – Mas ela não está aqui por minha causa. A mãe dela é a melhor amiga de minha mãe. Você sabe disso.

– Foda-se. Essa cadela tem vinte e oito anos. Já tem idade suficiente para não ter que acompanhar a mamãe em todos os eventos que ela for. Celia está aqui por sua causa.

Isso é verdade. Embora o nosso relacionamento nunca tenha sido romântico – não de verdade – nós nos agarramos um ao outro como se fôssemos dois filhotes órfãos e da mesma cria. Nossos círculos sempre estiveram entrelaçados. Se fosse o aniversário da mãe dela, eu estaria lá. Eu tinha chamado de amizade. Mas agora vejo o que isso é realmente, hábito. E obrigação. E medo.

Isso termina agora. Não me interessa se Celia veio aqui por minha causa. O que importa é com quem *estou* aqui.

– E estou aqui com você – retruco.

É honesto. E é a coisa mais importante que já falei para alguém em muito tempo.

– E ela ainda está apaixonada por você. – Ciúmes e medo são provas de sua reivindicação por mim.

Isso me deixa excitado.

– E eu estou com você. – Não consigo mais suportar a nossa distância. Nem literalmente nem figurativamente. Eu preciso dela. Preciso dela para que fique obcecada por mim, para me amar tão profundamente que isso vai acabar balançando seu mundo, porque é assim que eu a amo. Dou um passo até ela, apoiando meus braços em sua cintura. – Eu estou com você.

As mãos de Alayna chegam ao meu paletó quando me aproximo. Eu me pressiono contra ela, que responde inclinando-se para mim. Então, ela percebe a minha ereção e os olhos começam a brilhar com um desejo questionador.

– Estou duro por você e apenas por você. É você quem eu adoro.

Beijo-a no pescoço e Alayna geme. E meu pau salta.

Mas isso não se trata de mim, porém. Esta conversa é sobre ela – sobre acalmar Alayna, satisfazê-la, mostrando-lhe que ela me possui em todos os sentidos.

Esmago meus lábios nos dela, acariciando sua boca com a língua. Eu a beijo de uma maneira que sei que irá deixá-la molhada. Vai fazê-la pingar de desejo.

– Eu estou com você – repito, quando me afasto.

Repito isso a Alayna muitas vezes, como se fosse um mantra, como uma trilha sonora

para a cena de amor que estamos realizando, e que está prestes a ficar muito gostosa.

Recolho a barra de seu vestido e a levo para cima, prendendo-a em sua calcinha, deslizando meus dedos para dentro. O cheiro de sua boceta sobe e meu pau vira pedra. Os risos fracos ao fundo me lembram de que há pessoas por perto, mas não consigo evitar. Na verdade, essa proximidade alimenta a minha luxúria.

Alayna também não parece estar perturbada com isso. Esfrego seu clitóris, massageando do jeito que aprendi que ela gosta, e seu quadril pressiona contra a minha mão.

– Isso. – Tento persuadi-la entre beijos, meus dedos trabalhando nela. – Relaxe, deixe-me ficar com você.

Minha mão se move para baixo e deslizo dois dedos em seu buraco. Ela está quente e apertada e molhada. Os sons que ela faz enquanto eu a fodo com meus dedos – gemidos e sussurros – me deixam louco. Meu pau está latejando, implorando para liberar-se.

Mas eu tenho mais coisas a dizer. Mais coisas a contar-lhe. Caio de joelhos e puxo a calcinha até o tornozelo. E arrasto vagarosamente a minha língua por toda a extensão da boceta.

– É você que estou prestes a comer – sussurro. – É você que vou fazer gozar com minha boca, e assim, quando voltar para lá e começar a se sentir insegura, vai estar molhadinha e vai se lembrar de que meus lábios estavam em você e em mais ninguém.

Minhas palavras sozinhas a fizeram se contorcer.

Tiro a calcinha dela, erguendo seu pé, e jogo essa perna sobre meu ombro. Então, vou nela para valer. Chupo e lambo e belisco o clitóris, enfiando três dedos em seu buraco. Dobro um dedo, esfregando no lugar que eu sei que vai fazê-la gozar. E ela goza. Ela balança para frente enquanto jorra sobre a minha mão, em minha boca, Deus, ela tem um gosto tão bom.

Alayna ainda está gozando quando fico de pé e coloco minha ereção sobre a mão dela.

– Puxe-o para fora – exijo.

Mesmo que eu conseguisse sossegar o suficiente para voltar ao jantar com a minha família, ainda assim eu teria que transar com ela primeiro. Esta é uma parte crucial daquilo que tenho que dizer a ela. Estou aqui com Alayna – eu disse isso a ela com minha boca e com a minha mão – mas ela também está aqui comigo. E isso é o que irei dizer a ela com meu pau.

– Não estamos sozinhos – Alayna acaba de anunciar.

Se eu não estivesse tão excitado, eu iria parar um momento e saborear o fato de que eu a chupara como nunca.

Mas estou pulsando de necessidade.

– Puxe para fora. Eu não me importo com nada e nem com ninguém, a não ser penetrar

em você agora mesmo. Eu tenho que meter em você.

Alayna faz o que eu pedi. Abaixo minha calça apenas o suficiente para deixar o meu pau para fora. Então, eu a levanto do chão, apoiando-a contra a parede, e enfio em sua boceta. Forte e duro.

– Deus, a sua boceta é tão deliciosa. – Movimento meu pau para dentro e para fora dela com impulsos rápidos. – Você está me ouvindo? Sua boceta é que me deixa assim tão duro. A de ninguém mais.

Seus gemidos aparecem ao mesmo tempo que minhas estocadas. É muito gostoso, e estou pronto para explodir, mas eu continuo relembrando-a enquanto me mantenho penetrando nela. Continuo tranquilizando a mulher:

– Quando a gente voltar para o jantar, vou estar cheirando que nem você e você vai estar cheirando que nem eu. E você vai se lembrar de que estamos juntos. Que eu estou com você.

Não preciso dizer a ela que deve gozar comigo. Ela faz isso de qualquer maneira, e encaro isso como um sinal de que ela compreendeu meu ponto de vista. Alayna morde meu ombro, abafando seus gemidos enquanto meu clímax se rasga em minhas palavras.

– Ninguém, além de você.

Ninguém, além de você.

Ninguém além dela, nem antes e nunca novamente. Meu compromisso é muito profundo e não há fim nisso. Ela está dentro de mim, ao meu redor, como um tumor. Não há nenhuma maneira de cortar essa mulher de minha vida sem cortar dentro de mim, também. Sem me matar.

*

Quando nos juntamos à minha família para o jantar, estamos ambos mais calmos. Mirabelle cumprimenta Alayna calorosamente, e meu pai faz o mesmo. Esse último gesto não me agradou muito, mas eu me lembro do terraço, estou com Alayna e ela está comigo. Meu pai não representa uma ameaça.

Minha mãe está como sempre, bêbada e mal-intencionada.Mas, durante a maior parte do tempo, ela está controlável. Celia é quem mais me preocupa. Lanço alguns olhares para ela durante a noite. Ela continua ilegível. Ela é boa.

Na hora em que o jantar chega, relaxo consideravelmente. Seja o que for que Celia tenha planejado, não haverá uma cena. Não aqui, pelo menos. Talvez eu seja até capaz de ir embora sem ter trocado uma palavra com ela durante a noite toda. De repente, Deus existe, mesmo.

Acabo de dar a primeira garfada nos crepes de pato quando Warren começa uma

conversa.

– Fiquei muito chateado quando soube a respeito de seu negócio com a Plexis – diz ele, com a boca cheia de *steak au poivre*.

A gente tinha falado de negócios mais cedo, mas nada assim tão pessoal como agora.

– Às vezes você ganha, em outras vezes você perde.

Embora eu ainda esteja desapontado em ter perdido a Plexis, estou no processo de conseguir a empresa de volta, graças a Alayna. Ainda é muito cedo para ficar comentando esse tipo de notícia com outras pessoas, por isso não falo nada.

Além disso, há um outro plano com o qual tenho brincado, um plano que poderá me assegurar alguma influência, mas muita coisa precisa se alinhar antes que eu decida implementá-lo. Parte disso inclui informações que só posso conseguir com Warren.

– A GlamPlay ainda está pensando em adquirir parte da Werner Media?

Warren dá de ombros.

– Eles estão brincando comigo. Ainda não se decidiram. – Ele toma um gole de vinho. – Seria uma grande vantagem para ambas as empresas, mas não consigo convencê-los a fazer isso.

Eu assenti com a cabeça, digerindo a informação. As Indústrias Pierce exercem forte influência sobre a GlamPlay. Essa é uma empresa que venho considerando comprar já há algum tempo. Para que meu plano funcione, a GlamPlay precisa comprar as ações da Werner Media, em primeiro lugar. Vou ter que ver com Norma um modo de fazer com que isso aconteça.

Enquanto isso, preciso escorar meus próprios investimentos na empresa dos Werner.

– Quanto a GlamPlay pretende comprar?

– Coloquei 30% na mesa. Qualquer coisa a mais do que isso iria me colocar em risco.

– Claro.

Com os 10% que já possuo e mais os 30% da GlamPlay, eu já teria 40% da participação total. Mas não tenho certeza de que isso será suficiente.

– Essa parte que está na mesa é parte de suas ações ou de outros investidores?

Ele sorri.

– Tudo meu.

Isso deixa Warren com 40% também. É uma jogada arriscada da parte dele, ficando com menos de 50% de participação. Mas ele está certo de que a GlamPlay irá trazer benefícios que aumentarão o valor global da empresa, e enquanto ele detiver as ações majoritárias, ele ficará numa boa posição.

Então, só preciso garantir que ele não tenha a maioria. Terei que convencer outro investidor a vender. Outra estrela que tem que se alinhar.

Como se Warren pudesse ler a minha mente, ele diz:

– Você tem interesse em investir mais? Bishop está procurando alguém, porque quer vender seus 2%. Um bom momento para comprar. Os valores das ações deverão subir quando a GlamPlay investir.

Bingo.

– Vou falar para o meu pessoal entrar em contato com Bishop amanhã.

Esta minha ideia está funcionando melhor do que eu pensava. As perspectivas me excitam e por muitas razões, e não menos porque isso é uma versão dos meus jogos. Fazer bons negócios sempre é. Assim como no xadrez. É estratégico e secreto e muitas vezes manipulador, mas muito mais ético. O trabalho é onde eu exercito a minha necessidade de jogar. É emocionante.

Mas não tão emocionante como a vida ao lado de Alayna. Guardo a nova informação e volto a minha atenção para ela. Espetando um pedaço de crepe sem cogumelos, ofereço uma mordida a ela. Seus lábios deslizam ao longo do garfo de prata, e tudo que posso pensar é em como ela fica bonita quando seus lábios se curvam ao redor de meu pau.

– Está divino – diz ela.

– Eu posso dizer a mesma coisa. – E não sou nem um pouco sutil quanto ao significado do que falei.

Madge fica vermelha e limpa a garganta. Acho que falei um pouco mais alto do que pretendia. Oh, bem. Quem sabe isso venha a fazer com que ela deixe de lado suas ideias tolas de me fazer casar com sua filha. Se isso acontecer ou não, bem, não estou realmente preocupado.

A conversa se volta para a gravidez de Mirabelle. E toda a mesa se une à mesma discussão. É difícil ignorar a excitação pela chegada de um novo bebê. Sei disso por experiência própria.

E também por essa mesma experiência, eu reconheço a tensão na voz de Mirabelle quando ela sugere hifenizar o sobrenome da criança para Sitkin-Pierce. Eu sei que é uma ideia ridícula e que ela só está dizendo isso para benefício de minha mãe. Mais ridículo ainda é minha mãe fazer Mirabelle acreditar que ela precisa fazer isso.

– Não é a mesma coisa. – Pelo menos Sophia não está incentivando a ideia. – Sitkin-Pierce não é Pierce. Assim, a linhagem continua, mas não o nome.

É essa declaração que me faz temer esta conversa. Se conheço minha mãe – e conheço! – não será nada bonito. Observo enquanto as peças são alinhadas para o acidente que, estou certo, está prestes a acontecer. Adam nos lembra que Chandler poderá vir a ter um filho Pierce. Meu pai desliza em sua dúvida de que Chandler seja mesmo um Pierce.

Então, Sophia diz aquilo que eu mais temia:

– O bebê de Celia e Hudson poderia ter sido ambos.

São momentos como este em que percebo como a minha falta de emoções me permitiu sobreviver a uma vida ao lado de minha mãe. Suas palhaçadas de bêbada, seus comentários cáusticos, sua indiferença – nada disso jamais me incomodou. Essas coisas nem mesmo arranhavam a superfície de meus escudos, deixando apenas arranhões leves e amassados rasos.

Agora, no entanto, com Alayna a meu lado, minha armadura caiu. E eu sinto cada pancada.

Estou furioso. Ela não tem esse direito. Ela não está apenas magoando Alayna, mas também Mirabelle e Celia. Provavelmente os Werner também. Embora minha mãe possa não saber todas as dores e lembranças que são reavivadas com essa declaração casual, ela não é tão ignorante a ponto de não perceber a sua inadequação.

Pretendo dizer alguma coisa, mas quero estar no controle de minha raiva antes de fazer isso. Não estou acostumado a ter que controlar a emoção, e isso me leva um minuto. Enquanto isso, é meu pai quem fala:

– Isso de novo não, Sophia. Mesmo? Mas que droga, não vou ouvir isso. – Ele atira o guardanapo na mesa e se levanta. – Obrigado a todos, eu gostaria de poder dizer que foi uma noite encantadora, mas, bem, vou deixar por isso mesmo. Podem deixar que cuido da conta quando estiver saindo. O resto de vocês pode ficar e desfrutar. Peçam sobremesa. Quanto à minha esposa, não vou convidá-la a apodrecer no inferno, como eu provavelmente deveria fazer, porque me parece que ela já vive lá. Pelo menos é no inferno que todos aqueles que passam algum tempo com ela sentem-se como se tivessem sido enviados.

Essa explosão de meu pai surpreende a todos. Para mim, acho que dentro da surpresa há lucidez. Jack não teve o abrigo emocional que eu já tive. Talvez eu tenha colocado culpa demais em cima dele pelo comportamento de minha mãe. De repente, foi ela quem o levou à infidelidade, e não o contrário. Talvez a situação seja bem mais complicada do que pensei. Mesmo com todos os meus estudos, nunca consegui perceber como era fácil se machucar e ser ferido em um relacionamento, até estar apaixonado por uma pessoa.

Sophia não parece ter sido afetada pela partida dele.

– Quanto drama... – Ela dá uma garfada em sua comida. – Eu estava simplesmente apontando que tivemos a chance de ter um neto Pierce e que, agora, essa chance se foi.

Adam faz um comentário sarcástico, mas não lhe dei nenhuma atenção. Estou recolhido agora. Estou pronto para falar o que tenho que dizer.

– Eu poderia ter um filho com Alayna.

Claro que o principal objetivo desse comentário é provocar a minha mãe, mas isso não

muda sua verdade. Nunca dei muita atenção às crianças, exceto por aquele breve momento no tempo quando quase me tornei o pai do bebê de Celia. Nunca tive o desejo de continuar a minha linhagem e, para ser justo, tenho certeza de que a minha mãe tinha compreendido isso em relação a mim. É provável que isso tenha alimentado a crença dela de que sua única chance de ter um filho de Hudson Pierce havia passado. Bebês não eram uma coisa que estivesse em meu futuro.

Agora, com Alayna, isso subitamente passa a ser possível.

Sem olhar para ela, sinto seu espanto. Mas ela não é a pessoa a quem eu queria chocar, e me sinto um pouco culpado. Isso deveria ter sido uma conversa cujo teor seria discurido em particular. Uma segunda onda de raiva corre sobre mim por ter sido colocado nesta posição, em primeiro lugar. Abafo esse sentimento ao me concentrar eu meu prato, provando outro pouco de meu jantar.

Apesar do momento infeliz de minha declaração, ela atinge seu alvo.

– Você já está falando de casamento e filhos? É cedo para isso, Hudson. Incrivelmente cedo.

– Oh, mãe, não seja tão antiquada. Você não precisa se casar para ter filhos. – Tomo um gole de meu vinho. – E aquilo que Alayna e eu estamos discutindo é algo que não lhe diz respeito.

Os olhos de Sophia se estreitam.

– Foi você quem começou a falar disso.

– Eu estava dizendo que *eu* poderia gerar um filho e que isso iria continuar tanto sua preciosa linhagem quanto seu precioso sobrenome. – Estou calmo, controlado, mesmo quando me revelo. – E a única pessoa com quem eu imagino ter um filho é Alayna.

Antes, quando estávamos com minha mãe, a minha relação com Alayna não passava de um ardil. Embora muito daquilo que supostamente seria uma mentira acabou se revelando real, este é o momento no qual Alayna tem que saber exatamente como estou sendo sincero sobre nós. Porque estou sendo muito sério.

Depois de tudo que minha mãe disse e fez nesta noite, este parece ter sido o pronunciamento que causou mais tensão.

– Hudson, eu...

Alayna enrijece ao meu lado, e fico temeroso de que eu tenha ido longe demais. De que eu a tenha assustado. Pela primeira vez, me ocorre que ela pode não estar tão devotada a mim quanto eu estou a ela.

Não, não posso pensar nisso. Ela provavelmente está se sentindo desconfortável com todos os olhos voltados para nós.

Coloco minha mão em sua perna para tranquilizá-la – e a mim também – e me desculpo

com meus olhos antes de me voltar para minha mãe.

– O ponto é que você precisa abrir mão do passado, mãe. Ainda existe um futuro à nossa frente, um futuro para todos nós. – *Para mim e Alayna*.

Volto a olhar para minha namorada. Enquanto minha mão sobe e desce, acariciando sua perna, digo a ela com meus olhos as palavras que eu gostaria de saber falar. *Nosso futuro é brilhante, Alayna, você é a única mulher que me interessa. Estou com você. Eu amo você. Para sempre*.

Meu olhar fica bloqueado nos olhos dela, e então percebo que eles se enchem de lágrimas. Deus, por favor, que sejam lágrimas de felicidade.

Ela pede licença e vai ao toalete.

Minha mãe quase não espera até que Alayna esteja fora do alcance da voz antes de começar.

– Bem, Hudson, veja o que você fez. Você a assustou com essa sua palestra sobre futuro. Ela é inteligente o suficiente para saber que não há tal coisa com um homem como você.

– Ora, pare com isso – diz Mirabelle. – Se alguém a assustou, foi você.

O calor se espalha por todo o meu peito. Eu tenho mesmo uma bela irmã. Isso não é de fato uma revelação, apenas um lembrete. Preciso me lembrar de agradecer a ela em algum momento.

Quanto aos demais, já me cansei desse coisa toda também. Limpo a boca com o guardanapo e me levanto.

– Na verdade, mãe, *ir ao toalete* é nosso código para *dar uma sarrafada*.

Mirabelle e Celia quase engasgam enquanto Adam tenta esconder uma risada. Chandler até olha para cima de seu telefone, os olhos arregalados de admiração.

Passo pela cadeira de minha mãe e, antes que ela possa perguntar o que isso significa, digo:

– Procure no Google. Você vai aprender alguma coisa. – Inclino-me para beijar seu rosto. – Feliz aniversário, mãe. Quem sabe no ano que vem você consiga atravessar todo o jantar sem espantar as pessoas.

– Você continua encantador como sempre, Hudson – responde ela, com as palavras encharcadas de sarcasmo.

– Não é mesmo?

Enquanto me dirijo ao banheiro, ouço Chandler rindo enquanto explica para minha mãe:

– Isso quer dizer... hã... que ele vai se encontrar com Alayna para eles... er... manterem relações sexuais.

Ainda estou sorrindo quando chego ao banheiro, e aproveito para me limpar um pouco de nosso encontro anterior, no terraço. Quando saio, pecebo que Mirabelle está indo para o

banheiro feminino. E Celia saindo de lá.

Quando ela me vê, caminha em minha direção. Pecebo que é agora. Não tenho como evitar falar com ela por mais tempo.

Felizmente, Celia não parece estar com raiva. Um pequeno sorriso repousa sobre seus lábios. É brincalhão. Como se ela fosse zombar de mim, mas isso é tudo.

Fico mais esperançoso.

– E então...? – pergunta ela.

Olho por cima dos ombros de Celia, na direção do banheiro feminino, temeroso de que Alayna pudesse sair a qualquer momento, ou que ela já tivesse saído e eu não vi.

– Ela está lá dentro – diz Celia, adivinhando a minha preocupação. – Ela está bem. Agora, desembuche.

Passo a mão pelo cabelo, desejando que eu tivesse lidado com isso mais cedo.

– Sinto muito. Eu deveria ter ligado para você.

– Provavelmente. – Ela cruza os braços sobre o peito. – Você decidiu que precisa de mais tempo no jogo, então?

Passa pela minha mente que eu poderia deixá-la acreditar nisso. Eu poderia explicar que este tempo com Alayna é apenas uma chance de ganhar mais de seu afeto. Só que isso não parece direito, porém. Porque não apenas vai causar mais problemas no futuro, mas também porque não quero mais mentir sobre os meus sentimentos. Especialmente sobre meus sentimentos para com Alayna.

– Não, o jogo acabou. Esta é... esta é a verdade.

Celia franze a testa.

– Você está... Não sei se você está dizendo a verdade ou está brincando. Você... – ela faz uma pausa, como se não acreditasse naquilo que estava prestes a me perguntar – ... Você não se apaixonou por ela, não é?

Parece uma traição dizer isso em voz alta a outra pessoa antes de Alayna, mas é necessário.

– Sim, é isso. Estou apaixonado por ela.

A cena é surreal – Celia e eu discutindo o amor em uma situação não experimental. Ela está tão perplexa com isso quanto eu.

– Mas você nunca...

Eu a corto.

– Não, nunca. É a primeira vez. Eu estou... estou... – Não tenho palavras para descrever tudo que estou sentindo. É por isso, em parte, que não a procurei antes.

– Você nem sabe o que dizer. – Os olhos de Celia estão arregalados, mas também brilhantes. E ela deixa escapar uma risada. – Deus, eu nunca vi você assim.

– Nem eu.

– Uau... – Ela traz a mão para cobrir a boca, suprimindo outra risada estranha. – Estou muito surpresa. Me desculpa se pareço confusa, mas... Estou realmente muito surpresa.

– E você não é a única.

Meus olhos voam de volta para a porta do banheiro, quando outra mulher entra. Alayna ainda não saiu.

– E ela está apaixonada por você, também? – Celia chama minha atenção de volta, com essa pergunta.

E, desta vez, não hesito em responder.

– Acho realmente que está.

Eu sei que ela está. Não tenho nenhuma dúvida sobre isso, e quero gritar isso para todo mundo com plena força de meus pulmões.

– Eu acho que você tem razão. Pela maneira como ela olha para você... – Celia suspira. Mas então, seus olhos se estreitam em desconfiança. – Você promete que não está tentando aprontar uma brincadeira pra cima de mim? Você realmente sente alguma coisa por ela?

É engraçado como Celia está tão desconfiada de mim assim como estou dela.

– Prometo. Isso é a pura verdade – *Agora, vem a coisa mais importante*. – É por isso que não posso mais continuar com esse jogo.

Eu me preparo para a reação dela, prendendo a respiração enquanto espero.

– Claro que não. – A expressão no rosto de Celia diz que ela está chocada comigo por sequer ter mencionado o nosso jogo. – Quero dizer, eu sabia que você estava a fim dela, mas pensei que fosse apenas sexo e é por isso que continuei pressionando você para continuar jogando. Nunca pensei que fosse sério.

Não entendo muito bem o que ela está falando.

– Quer dizer que... tudo bem com você... quanto a isto?

– Por que eu não estaria? É por causa de nossa trama? Foi por isso que você andou tão distante durante o jantar? Você pensou que eu ficaria chateada com isso?

É minha vez de ficar surpreso.

– Você nunca foi de abandonar um experimento no meio.

– Não, eu nunca fiz isso. Mas esta situação é uma coisa totalmente diferente. – Celia morde o lábio. – Mas receio que seja tarde demais. Nós já a pressionamos longe demais.

Fico tenso.

– O que você quer dizer?

– No banheiro... agora há pouco. Ela... – Ela fecha os olhos e respira fundo. – Provavelmente não é nada, mas ela me encurralou. E me atacou verbalmente.

Meu estômago dá um nó. Pensei que tivesse acalmado Alayna o suficiente, com relação a

mim e a Celia. Mas, aparentemente, isso não aconteceu.

– O que ela disse?

Celia balança a cabeça com desdém.

– Não importa o que ela disse exatamente. Mas ela estava possessiva. Parecia ser uma repetição do comportamento obsessivo que ela demonstrava antes. Acho que ela já pode estar em uma recaída.

Não acredito nisso nem um pouco. O problema de Alayna deriva diretamente de meu próprio relacionamento secreto com Celia. É uma resposta natural, não uma recaída.

– Eu não estou preocupado com isso.

– Não? Mas se ela precisa de terapia...

– Se ela precisar de terapia, vou cuidar disso. O que Alayna realmente precisa é de confiança. – Posso ver que Celia está cética. – Olhe, você é a ex-namorada, aos olhos dela. Não é comum a pessoa ter um pouco de ciúmes nessa situação?

– Sim, talvez você esteja certo. Esqueça que eu disse qualquer coisa. Ela te ama, e está protegendo o que é dela. – Celia enxuga o canto do olho, e é então que noto que ela está chorosa. – Sinto muito. Eu não estava preparada para tudo isso. Estou um pouco nervosa.

Estou igualmente despreparado. Eu esperava ataques e desafios. Não lágrimas. Coloco a mão em seu braço.

– Celia... você está bem?

Ela acena com a mão para seu rosto.

– Estou bem. É que estou meio tocada... Jesus, o que está acontecendo com este mundo? Hudson Pierce se apaixonar, e me fazer ficar emocionada por ele. Quem teria pensado? – Ela olha para seus sapatos. – Isso é uma coisa boa, no entanto. Surpreendente, mas boa.

O alívio que me preenche se espalha através de cada fibra do meu corpo. Eu tinha me convencido de que Celia não aprovaria meus desenvolvimentos emocionais recentes. Ela era tão teimosa sobre o jogo quanto sempre fui.

Não era? Ou eu simplesmente tinha assumido que ela compartilhava de meu próprio compromisso?

Lembro-me daquela noite quando ela me contou que ainda esperava por um homem que a fizesse andar nas nuvens. Isso foi há cinco anos, ou talvez seis. Eu não tinha pensado sobre isso durante algum tempo, mas agora fico me perguntando se Celia continuou agarrada a essa esperança por todo esse tempo. Mas se isso for verdade, então por que ela não foi procurar por esse homem? Seria eu esse cara? Será que eu sou a causa de ela ter se segurado, mantendo-a presa a essa noção ridícula de uma vida sem romance e sem amor?

Porra.

Quantas vezes estraguei a vida dessa mulher? Será que essa merda que causei poderá um

dia ser desfeita? Pode ser uma pequena retribuição, mas eu lhe dou a permissão que suspeito que Celia está esperando.

– Talvez seja hora de você deixar o amor entrar em sua vida, também.

Ela revira os olhos.

– Ah, ah. – Mas então, ela reflete sobre isso, permitindo que o conceito seja absorvido. – Pode ser – concorda, finalmente. E pensa sobre isso mais alguns segundos antes de balançar a cabeça. – Mas não vamos falar sobre mim agora. Será que Alayna sabe sobre...? – Ela olha em volta para se certificar de que ninguém esteja escutando e, em seguida, abaixa a voz. – Você não contou a ela, não é?

Eu sei do que ela está falando sem que Celia precise soletrar. Sobre o jogo. O experimento que trouxe Alayna à minha vida. O peso do segredo despenca sobre meus ombros.

– Não. Eu não acho que consiga fazer isso.

– É, não tem como, mesmo. – Celia está inflexível, com os olhos em chamas com sua insistência. – Não, se você quiser mantê-la. Confie em mim. Eu fui enganada por você antes. Não há nenhuma maneira de que ela vai continuar a amar você depois disso.

Isso não é novidade. Mas a confirmação vinda da única pessoa que poderia entender a posição de Alayna é chocante. Eu não quero ouvir isso. Eu não quero acreditar que exista qualquer coisa que poderia me fazer perder o amor de Alayna.

Celia dá um passo em minha direção, sua expressão arrependida.

– Eu não estou dizendo para entristecer você. Eu apenas...

– Eu sei. – Não preciso que Celia se sinta mal sobre isso. – É a verdade. Eu tenho que esconder isso dela. É só você e eu que sabemos...

– E eu não vou contar.

Nem passou pela minha cabeça que ela o faria, mas agora eu tenho que garantir que não vai fazer mesmo.

– Odeio perguntar isso, mas você jura?

– Eu juro, Hudson. Não só porque você me pediu, mas porque é o código. Nós não falamos sobre o jogo a qualquer um. Mesmo que não estejamos jogando mais, aplicam-se as regras antigas.

– Obrigado.

Olho de novo para a porta do banheiro, mas meus pensamentos estão em Celia. Ela tem uma camada de escuridão sobre ela que não tenho como negar. Celia é sádica. Enquanto minhas experiências sempre foram um estudo estéril do comportamento humano e das emoções, ela repetidamente sentiu alegria à custa de outros. Isso me fez desconfiar dela.

No entanto, mesmo que tenha sido eu que educou e alimentou sua natureza perversa, ela nunca jogou contra mim. Vezes sem conta, Celia ficou ao meu lado, sendo minha única

confidente, compartilhando o vínculo mais profundo na manutenção de nossos segredos implacáveis.

E agora, ela está me apoiando de uma forma que nunca tinha esperado. Deixando-me seguir em frente quando eu sempre a segurei.

– Você tem sido uma amiga muito melhor do que jamais pensei.

– Digo o mesmo. – Celia aperta a minha mão. – Você é realmente um bom amigo, Hudson. Você me salvou, sabe?

Olho para os olhos dela. Ainda estão úmidos, e ela pisca várias vezes, provavelmente tentando impedir que as lágrimas se derramem. Ocorre-me que devo a Celia o mesmo reconhecimento. Se não fosse por ela me empurrando para o jogo, eu não teria Alayna agora. Eu não tenho nem o tempo ou nem as palavras para explicar a extensão da minha gratidão, então simplesmente digo:

– Você me salvou também.

Ela aperta minha mão mais uma vez antes de soltar.

– Eu tenho que voltar. Boa sorte, Hudson. E estou sendo sincera.

Então, ela vai embora.

Alayna e Mirabelle aparecem com um *timing* impecável. A dor que sempre me enche quando Alayna não está comigo desaparece ao vê-la. Mas minha mente está amarrada ao encontro com Celia. Muito tempo depois de termos saído do restaurante e estarmos no banco de trás da limusine, me vejo repetindo frases, chegando a um entendimento mais completo das verdades que foram expostas em nossa breve conversa.

Fico pensando mais tempo sobre o que eu fiz para Celia durante toda a nossa amizade. E também sobre o que eu fiz para Alayna, o que ainda estou ocultando dela. Esses pensamentos me enviam em uma espiral de autoaversão e depreciação que nunca experimentei até hoje. Não a este nível.

Quando chegamos ao apartamento, estou tão consumido em mim mesmo que digo a Alayna que tenho trabalho a fazer. Não posso estar com ela quando estou assim. Ela não merece isso. Eu não mereço *essa mulher*. Ainda assim, não vou abrir mão dela. Nunca a deixarei ir embora, não importa o quão indigno eu possa ser.

Mas quanto tempo pode demorar até que Alayna descubra o pior em mim e me deixe? Mais e mais, sinto a inevitabilidade desse dia. E então isso vai destruí-la como destruiu Celia? Eu não posso suportar tal ideia.

O cursor pisca no documento vazio aberto na tela do meu computador, mantendo-me preso a esse meu lamentável transe durante toda a noite. Estou ciente de Alayna aqui, sempre ciente dela. Ela está correndo na esteira, a música aos berros no sistema de som enquanto se exercita. Então, ela vai tomar banho. Depois, a casa fica em silêncio, e suponho

que ela foi dormir.

A letra de uma das músicas que ela ouviu fica comigo – uma mulher cantando sobre sua escuridão, imaginando se seu amante poderia amar seu lado escuro. É bem a propósito, e me pergunto se Alayna imagina isso. Eu me pergunto ainda se meu distanciamento esta noite já a afastou de mim. Não quero afastar Alayna, quero puxá-la para mim.

Então, que diabos estou fazendo sentado sozinho na minha mesa?

Balanço a cabeça, lamentando a minha estupidez. Eu disse mais cedo que estava com ela. Sempre com ela. Era uma promessa que já quebrei, porque aqui estou eu, envolvido em meu ódio por mim, que está a quilômetros de distância de Alayna e de seu amor.

Desligo meu computador e vou até ela. Tirando a roupa rapidamente, deslizo para debaixo das cobertas e abraço-a por trás. Alayna está nua, e eu sei que é um convite. Assim, embora esteja dormindo, eu coloco minhas mãos em torno dela e começo a beijar ao longo dos ângulos de seu corpo.

Ela suspira em mim, abrindo as pernas para que eu possa deslizar meu pau em seu calor. Nós fazemos amor assim, em silêncio, atentamente. Neste ato silencioso de paixão, ela me traz de volta – de volta para o homem que pode ser confiável e amado e presente.

Depois, quando respiramos juntos, quando nós nos encontramos, ela pergunta:

– Onde você foi? Mais cedo.

Eu acaricio meu nariz contra ela.

– Isso importa? Estou aqui agora.

Ela quer mais, palavras que não posso dar, promessas que ela não está pronta para ouvir, paredes a derrubar e que foram muito fortemente construídas. Há coisas que não posso lhe contar – nem agora, nem nunca –, mas há também coisas que *posso* dizer. Puxo-a para baixo de meu corpo, esticando meu corpo em cima dela para que Alayna possa sentir o peso da minha presença. Assim, em todos os lugares em que nossa pele se encontra, ela pode *sentir* que estou com ela.

Eu balanço dentro dela e sussurro a linguagem do amor.

– *Mon amour. Mon précieux* – digo-lhe no ouvido. – *Mon chéri. Mon bien-aimé.* – *Meu amor. Minha preciosa. Minha querida. Minha amada.*

Digo-lhe isso mais e mais entre beijos enquanto deslizo dentro e fora dela. Digo que estou com ela. Sempre com ela. Com tudo o que posso lhe dar. Com cada parte de mim que importa – que são os lugares onde Alayna está, os cantos escuros que ela ilumina com seu amor.

Eu não posso lhe dar tudo de mim, mas posso fazer isso. Rezo para que seja o suficiente.

19

– Hudson.

A voz de Celia do outro lado da linha, me telefonando no escritório, me surpreende. Eu não tenho falado com ela desde o aniversário da minha mãe, quatro dias antes, mas não é o período de tempo entre aquela noite e agora que me pega. É o tom de sua voz. Há algo que não posso identificar sob essa palavra. Alguma coisa... fora de lugar.

Meu corpo fica tenso imediatamente.

– Tem algo errado?

– Eu preciso ver você. Agora.

Tenho uma reunião de negócios e dois telefonemas a fazer antes de encerrar meu dia. Depois, espero convencer Alayna a se juntar a mim na minha viagem para o Japão para tentar recomprar a Plexis.

– Agora não é um bom momento, Celia. Posso te ligar hoje à noite?

– Não. É urgente. – A voz dela está apertada de emoção. – É Alayna.

Ela não vai me dizer mais do que isso, insistindo que tem que me ver cara a cara. Houve muitas vezes em que Celia estalou os dedos esperando que eu fosse saltar. Eu raramente obedeci. Desta vez, porém, obedeço. Não só porque ela disse a palavra mágica – *Alayna* –, mas porque seu comportamento é completamente estranho. Parece frágil e medroso. São características que não vi em minha velha amiga desde que ela perdeu o bebê, dez anos atrás.

Peço à minha secretária para cancelar todos os compromissos da tarde e saio do escritório dentro de sete minutos. Minha mente quer tirar conclusões precipitadas, quer encontrar as piores razões possíveis para esta reunião improvisada, mas não me permito pensar em nada, a não ser chegar rapidamente ao The Bowery. Celia me exasperou tão completamente que nem sequer discuti quando ela disse que o local de encontro seria na minha cobertura. No entanto, quando subo no elevador, eu me lembro mais uma vez que preciso tirar sua chave.

Dentro do meu apartamento, vejo que ela não está sozinha. Os meus pais estão lá também, e um homem que reconheço ser o irmão pelas fotos que estavam no arquivo de Alayna. De repente, desejo ter entrado em contato com Alayna quando estava a caminho daqui. Ela está ferida? Houve um acidente? É por isso que todo mundo está aqui, para me dizer algo que eu não quero ouvir? Algo que eu *não posso* ouvir?

Estou no limite agora, mas escondo isso.

Estendo a mão para cumprimentar o homem.

– Hudson Pierce.

– Brian Withers. – O aperto de mão é firme, mas não posso deixar de me ressentir com ele por todos os problemas que causou a Alayna. – É bom finalmente conhecê-lo.

– Digo o mesmo. Embora você vai me perdoar por não estar a par das circunstâncias pelas quais estamos reunidos.

Dirijo este último comentário para Celia. Ela é a única que detém as respostas.

– Eu estava pronta a fazer isso, Hudson. Por que você não se senta?

A voz dela é pesada, como se fosse um médico se preparando para dar um diagnóstico terminal.

É enervante e, novamente, sinto-me atingido por uma onda de medo congelante. *Por favor, Deus, deixe Alayna ficar bem.*

Então me lembro que, embora ela soe sincera, já ouvi Celia usar esse tom de voz muitas vezes antes, quando ela não estava sendo. Então, eu continuo cauteloso.

– Vou ficar de pé.

– Como quiser.

– Eu prefiro que você comece a explicar o que está acontecendo.

Há uma irritação em minhas palavras que reconheço ser completamente injustificada. Celia tinha me surpreendido quando declarou seu apoio a mim e Alayna, mas não pensei em duvidar de sua sinceridade. Por que estou tão pronto para a batalha com ela agora?

É porque prefiro uma batalha do que qualquer outra notícia que ela poderia me dar. Eu prefiro lutar com ela do que descobrir que não tenho mais nenhuma razão para isso.

– Calma, Hudson. – Minha mãe é a última pessoa que pode me acalmar. Sua presença por si só é um perigo. – Sirva-se de uma bebida.

– É claro que esta seria a sua solução – murmura meu pai.

É o gracejo habitual da minha família. Normalmente, eu iria ecoar o sentimento. Agora, só quero ouvir o que Celia tem a dizer.

Ela sente que estou perdendo a paciência e limpa a garganta, preparando-se para entregar o que imagino que seja um show.

– Não há outra maneira de dizer isso a não ser vir a público e falar. Alayna tem sido... bem, ela está me perseguindo.

Fico aliviado instantaneamente. Ela está bem. Não houve nenhum acidente. Nenhum corpo à espera de ser identificado em um necrotério.

Mas a pausa é de curta duração, quando uma nova tempestade de emoções me ultrapassa.

– Não se trata apenas do assédio – Celia esclarece. – Ela tem estado... odeio usar a

palavra, mas é aquela que mais se adapta... me perseguindo. Me ligando. Me seguindo.

– Perseguindo você, Celia?

Estou incrédulo. Alayna sabe que não deve nem ficar perto de Celia. Ela não iria quebrar esse voto, iria?

– Perseguindo, Hudson – confirma Celia.

Brian aperta a ponte de seu nariz.

– Isso de novo, não.

Eu quero dar um soco nele. Porque, mesmo que não soubesse questionar a fonte da acusação, eu não iria de cara acreditar em qualquer coisa que fosse dita contra Alayna.

Mas mais do que ele, eu quero dar um soco em Celia. Percebo agora por que ela incluiu a minha família aqui. É a única maneira de ela poder dizer estas mentiras e ainda ter a chance de ser ouvida.

– Isso é besteira. Dá o fora.

– Espere um pouco, Hudson. – Celia cruza a sala para mim. – Antes de você decidir não acreditar em mim, ouça o que tenho a dizer. Eu tenho a prova.

Ela me dá uma pilha de papéis. Minha primeira reação seria atirar tudo ao chão, mas há outras pessoas na sala. Ter um ataque de nervos não vai garantir o apoio deles ao meu lado. Meus olhos tremem, mas me concentro na folha de cima. É um registro de chamadas telefônicas. Para o telefone de Celia, para ser mais preciso. Vários telefonemas foram feitos para ela a partir do mesmo número. Número de Alayna.

– Isso não prova nada.

Celia deve ter roubado o telefone dela de alguma forma. Ou alguém foi pago para usá-lo. Talvez alguém no clube? Entrego os papéis de volta para ela.

Ela não pega, ignorando-os para atender uma mensagem em seu telefone. Minha mãe pega os registros, e tudo bem, ela pode ficar com isso.

– Então, olhe para isto – diz Celia, virando o telefone para mim.

Na tela vejo uma imagem que parece ter sido enviada pela mensagem de texto. A mulher na foto está de costas para a câmera, mas é claramente Alayna.

– Este é no local de trabalho, onde tenho trabalhado nesta semana. Nation Fit. Ela apareceu lá tantas vezes me incomodando que eu pedi ao cara na recepção para documentá-la na próxima vez em que viesse. Esta foto foi feita hoje, Hudson. Vinte minutos atrás.

Eu balanço minha cabeça.

– Isso é ridículo.

– Você simplesmente não quer ouvir.

Celia coloca o telefone de volta na bolsa.

Agora eu entendi. Eu vejo o que ela queria. Celia não foi sincera com todas aquelas palavras amáveis no restaurante. O que ela queria era me deixar de guarda baixa. Esta é a sua próxima jogada.

Não me surpreende, mas me atinge. Eu queria acreditar que nós compartilhávamos algo além das tramas odiosas que inventamos. Eu queria pensar que ela realmente... *se importava*... comigo. Do jeito que eu supunha me importar com ela.

Não mais. Os anteparos todos caíram. Se estamos destinados a ser inimigos, que assim seja.

Dou um passo em direção a ela. Estamos face a face agora. Perto o suficiente para que ela possa ver que estou falando sério quando digo:

– Largue mão disso, Celia.

Não há qualquer dúvida de que isso é uma ameaça. Ela pode saber alguns podres meus, mas não pode se esquecer de que também sei alguns podres dela...

Mas Celia não recua.

– Tem mais. Além das chamadas, Alayna tem aparecido em restaurantes enquanto eu estava lá, deixa recados em meu escritório, até seguiu-me na rua.

– Isso é um monte de mentiras. – Estreito meus olhos, acusando. – Isto é o que você queria que acontecesse, e como não aconteceu, você fez acontecer.

– Eu não queria que isso acontecesse, Hudson. – Celia se inclina para que eu seja a única pessoa que pode ouvi-la. – Não mais.

Sua expressão não é apenas verdadeira, mas desesperada. Não é um olhar que eu tivesse visto alguma vez em Celia. Ela pode ser fria e calculista, mas isso... isso é diferente. Por que ela se importa tanto que eu acredite nela? Ela pode causar os problemas dela sem mim. E nunca se preocupou se estávamos no mesmo lado, ou não. Então, por que isso agora?

Minha convicção oscila.

E se ela estiver dizendo a verdade? Estou plenamente consciente de como as "provas" podem ser fabricadas. Também estou ciente de como vícios passados podem voltar. Como é fácil você cair em velhos padrões. Alayna realmente saiu dos trilhos, como se diz? Nós a empurramos para isso. Quer dizer então que atingimos nosso objetivo?

– Por que Celia iria inventar tudo isso?

Minha mãe, sempre aquela sem noção de nada, dá seu palpite do sofá.

Eu poderia lhe dar uma aula sobre isso, mas seria o tipo de atitude que quebraria todas as regras do jogo. Ou Celia já quebrou todas as regras, inventando esse esquema todo? De repente, estou incerto de tudo.

– Porque é isso que ela faz. – O comentário sarcástico de Jack me lembra que ele também foi manipulado por Celia. Meu pai tinha idade suficiente para pensar melhor quando a

jovem apareceu na porta da casa de hóspedes, mas ela era manipuladora o suficiente para enganar até mesmo os mais sábios. – Ah, e muitas dessas questões podem agora ser resolvidas porque o assunto em pauta chegou.

Em sincronia, todos os olhos na sala giram em direção à mais nova ocupante.

– O que está acontecendo? – pergunta ela, seu olhar me perfurando.

– Alayna.

Deus, eu queria poder evitar que ela passasse por este momento. Vai ser um banho de sangue, e tudo isso, se houver alguma verdade nas acusações de Celia – estou realmente considerando que há? –, tudo isso aconteceu por minha causa.

Eu queria protegê-la. Pensei que tinha conseguido. Eu estava errado.

A sala está cheia de vozes em torno de mim quando Alayna é informada do que está acontecendo. Não escuto a maior parte do que está sendo dito, perdido em minha própria batalha. O desejo de me debruçar sobre a minha culpa nesta cena é esmagador. Eu tento negá-lo, mas isso me congela. Juntamente com o apelo desesperado de Celia, lembro-me que há mais nessa história toda do que simplesmente acreditar nela ou não. E como vou decidir lidar com isso terá repercussões. Repercussões para todos nós.

Eu quero descartar tudo que Celia alegou. Seria a coisa mais fácil, atravessar a sala e ficar ao lado da mulher que amo. Mas isso vai ser a decisão certa? Eu teria que explicar por que acho que Celia está mentindo. Até onde posso responder isso sem expor o jogo? Sem reconhecer minha própria participação? E se eu for capaz de me salvar da culpa, Celia não vai apontar o dedo para mim em vez disso?

Enquanto Alayna se defende, percebo uma verdade ainda pior – ela quebrou sua promessa. Ela estava vendo Celia nas minhas costas. Ela mentiu para mim, e não é a primeira vez. Alayna manteve segredo de seu relacionamento passado com David até recentemente. Então seu ex, que havia lançado sobre ela uma ordem de restrição, reentrou em sua vida, e Alayna me manteve no escuro sobre isso também.

Agora, descubro que ela estava se encontrando com Celia secretamente, e o que isso significa para o nosso relacionamento? Posso ficar ao lado dela quando Alayna não está tão disposta a ficar ao meu lado?

Sim. Posso. E ficarei.

Mas posso tão facilmente assumir que Alayna me traiu? Talvez ela não tenha feito isso. Talvez todas as alegações de Celia sejam verdadeiras, e estou ignorando o problema maior, a doença mental que reside nela. Não é o que eu gostaria de ter de enfrentar, especialmente quando estou bem ciente de que, se ela voltou aos velhos hábitos, a culpa é minha. No entanto, se isso de fato aconteceu, farei de tudo para ajudá-la. Qualquer coisa para mantê-la sã e comigo. Ela tem que saber que eu estou do seu lado.

Então, qual é ele? Eu estou com ela, não importa como Alayna precise de mim, mas de que maneira será?

Celia repousa a mão no meu braço, puxando-me de volta ao presente.

– Eu lhe contei naquela noite, lembra?

Sobre que noite eles estão falando? Eu reproduzi os últimos segundos de conversa na minha cabeça. Havia algo sobre o aniversário da minha mãe. O que Celia me disse naquela noite?

Ah, sim. Celia tinha dito que Alayna a assediara, então. Teria sido isso um sinal precoce e que eu havia ignorado?

Eu puxo meu braço para longe dela.

– Eu não preciso de um lembrete.

– Ele se recusou a acreditar em mim naquele dia, também – diz Celia a todos na sala.

Eu não tinha me recusado. Mas escolhido acreditar que o assédio nasceu de uma causa diferente. Essa pequena distorção da verdade pode ser um sinal de que Celia fabricou tudo isso?

– Claro, ele está cego pelo sexo, nada disso é real.

O comentário maldoso de minha mãe não me perturba. Ela é irrelevante nesta situação.

Alayna, no entanto...

– Ela disse que eu a assediei?

Sinto-a tentando encontrar meus olhos, mas eu os mantenho presos ao chão. Ela vai muito facilmente ser capaz de me ler. Ela vai ver a guerra que estou travando, e vai interpretar mal contra o que estou lutando. Alayna vê como se fosse Celia contra ela, e está esperando que eu escolha um dos lados. Há apenas um lado, o de Alayna. Eu só não consigo descobrir a melhor maneira de lutar por ela.

– Por que você não me contou nada, Hudson? – Sua voz é suplicante.

Por que não contei nada?, pergunto silenciosamente a mim mesmo. Uma coisa eu posso dizer com certeza, nós dois temos que trabalhar muito para melhorar a nossa comunicação. Eu me culpava por todas as lacunas em nossa conexão, supondo que guardasse a maior parte dos segredos entre nós, mas agora estou descobrindo que Alayna tem segredos também.

Mais acusações voam, mais discussões acaloradas. Celia traz o assunto de Paul. O fato de que ela sabe sobre a interação recente de Alayna com seu ex é outro detalhe que me deixa perplexo. Será que Celia sabe por estar seguindo Alayna? Ou por que Alayna contou a ela? E se este último for o caso, sinto-me novamente perplexo ao saber que Alayna me deixou no escuro, enquanto outros ficavam sabendo.

Honestamente, se tudo isso for porque Alayna está doente de novo, então tudo não pode ser considerado uma traição.

Eu me afasto, na esperança de que as coisas esfriem, enquanto tento trabalhar com os fatos. Mas os ânimos na sala se exaltam, e logo percebo que não posso me ausentar da conversa por mais tempo.

– Você está escutando, Hudson? – diz minha mãe atrás de mim. – Ela ameaçou Celia na frente de todo mundo. – Sophia não está ajudando.

– Mãe, fique fora disso.

– Hudson, você tem que se livrar dela. Ela é perigosa. Celia me contou que essa mulher tem um registro na polícia. Por que diabos você deixou que ela entrasse em sua vida, quando sabia de tudo isso sobre ela?

Eu não vou ouvir isso.

– Cale a boca, mãe.

Giro o corpo, passando por Celia e Sophia, parando no centro da sala para finalmente encontrar os olhos de Alayna. Embora eu esteja despedaçado e incerto sobre muitas coisas, há uma verdade que não se abala com nada disso – estou apaixonado por Alayna Withers. Eu farei qualquer coisa para ela. Ela é a minha luz, e vou lutar como o inferno para mantê-la afastada de minha escuridão. Seja de que forma for.

Digo-lhe isso em silêncio, através do meu olhar, e sinto seu reconhecimento passar de volta para mim. Ela sabe. Alayna tem que saber que estou aqui para ela.

Mal estou consciente de minha mãe tagarelando atrás de mim:

– Agora entendo por que ela estaria obcecada com Celia. Ela sabe que vocês se pertencem, Hudson, e está com ciúmes. Celia estava grávida de seu bebê. Ela não pode competir com isso, não importa o quê...

– Ah, cala a boca, Sophia. – Meu pai corta. – Não era nem mesmo bebê de Hudson. Era meu, sua cadela ignorante.

E então, o mundo veio abaixo. Minha raiva, já borbulhando sob a superfície, inflama-se em uma chama.

– Puta merda, Jack.

– Se alguém tinha que contar isso, esse alguém seria eu – responde ele. – E estou cansado dessa merda persistente em cima de mim.

– Não foi uma mentira que contamos por você.

Por mais que não gostasse de guardar esse segredo, eu o mantive totalmente comigo. Há muitas pessoas que vão se machucar por causa dessa revelação. Minha mãe. Os pais de Celia. Alayna, porque eu nunca disse a ela. Era um segredo que deveria ser levado ao túmulo.

Agora, a sala está fervilhando com as consequências. Sophia está destroçada. Celia, envergonhada. Jack... aliviado, ao que parece. Estou surpreso ao perceber que eu não me

importo tanto quanto me importaria, antigamente. Tudo no meu mundo fica esmaecido quando estou próximo de minha preciosa Alayna.

Na confusão, ela foge. Corro para segui-la, não chegando ao elevador antes de as portas se fecharem. Eu pego o outro elevador para baixo e vou encontrá-la no saguão.

– Alayna! – grito.

Ela espera por mim, mas quando me aproximo, percebo que não sei o que dizer. Então, escolho perguntar:

– Por que você foi embora?

– Não é óbvio? Aquilo era um hospício, e eu não queria mais ficar lá!

– Era mesmo...

Há palavras que estão na ponta da minha língua. Muitas delas. Mas, qual escolho?

– Eu... ahn... Por que você não me defendeu lá em cima? – pergunta Alayna, antes de eu me decidir. – Você está tão louco assim sobre a situação com o David? Eu é que deveria estar com raiva de você, lembra?

Foi só nesta manhã que tinha transferido David para minha casa noturna em Atlantic City? Parece que foi há uma vida que eu estava preocupado com Alayna e ele. Não me arrependo de minha decisão de tirar esse sujeito do Sky Launch – essa casa pertence a Alayna –, mas eu admito que fui dissimulado ao lidar com ele.

Agora isso parece algo benigno em comparação com a malignidade que estou prestes a infligir em nosso relacionamento. Mas se temos alguma chance de superar os nossos problemas, eu tenho que ter certeza de que nós dois estamos mentalmente capazes para lidar com a tarefa.

– Espere. – Alayna percebe isso antes que possa dizer alguma coisa. – Você acredita nela.

Minha mandíbula se contrai. *Eu não sei.*

– Hudson?

Coloco minhas mãos em seus braços.

– Eu acredito em você. – São as palavras mais verdadeiras que eu já pronunciei. – E o que você precisar, eu quero dar a você. Se precisar de ajuda...

– Oh, meu Deus, eu não posso acreditar nisso. – Ela se afasta de mim. – Eu não posso acreditar nesta merda.

Eu abro e fecho os punhos como se isso, de alguma forma, pudesse me ajudar a me apegar a ela.

– Diga-me que você não fez isso. Diga-me que você não ligou para Celia. Que você não foi vê-la.

Se ela me disser que não, vou acreditar nela.

Mas ela não o faz.

É a confirmação de que ela mentiu para mim. Eu não posso suportar a ideia de que Alayna fez isso intencionalmente. Ela tem que estar agindo assim por causa de sua doença. É a coisa mais fácil de acreditar.

Mas Alayna balança a cabeça.

– Não é o que parece, Hudson. Eu não persegui ou assediei ou sei lá o que mais Celia anda dizendo. Você está do lado dela ou do meu?

– Estou do seu lado. Sempre, do seu lado.

Como ela pode não saber disso até agora? Tudo o que faço, tudo que digo, é sempre para ela.

– Então você acredita em mim? – Seus olhos estão suaves, implorando.

Não é tão simples assim.

Enfio minhas mãos nos bolsos. Se eu não escondê-las, vou puxá-la para mim, e então tenho receio de perder a coragem para fazer as perguntas difíceis.

– Você ligou para ela?

– Sim! Eu disse que fiz isso lá em cima! – Alayna puxa seu telefone de seu sutiã e empurra-o para mim. – Aqui, você quer ver? Pegue! Você verá todas as vezes que eu liguei para ela, uma vez que é com isso que você parece se importar.

Eu ignoro a mão estendida.

– Eu não quero nenhuma prova. Eu quero ajudar você.

– Não preciso de porra nenhuma de ajuda!

E joga o telefone no chão, que se quebra quando cai.

Alayna fica olhando para ele enquanto eu olho para ela. Ela está machucada. Ela sente que eu a decepcionei.

Mas ela me desapontou também. *Eu* também *estou* machucado. Sou novo em relação a essa dor, e não sei como lidar com isso. As traições constantes de Alayna são feridas que eu sei que posso aprender a ignorar, mas não tenho certeza de como, ou se elas um dia irão cicatrizar completamente.

Ela se vira e corre, atravessando a porta da rua.

Sigo atrás.

– Alayna, volte aqui. – Eu a pego pelo pulso. – Eu vou cancelar minha viagem. Nós vamos encontrar o melhor tratamento...

– Não estou doente. – Ela puxa os braços e os livra do meu aperto. – Vá para o Japão, Hudson. Eu não quero ver você.

Jesus, o Japão. Eu deveria estar partindo daqui a umas duas horas.

– Não vou para o Japão agora.

Vou cancelar tudo por ela. Não há *nada* sem ela.

Ainda assim, ela se afasta.

– Vá para o Japão. – E olha de volta para mim. – Eu não quero ver você por um tempo, se não para sempre. Entendeu? Se você estiver na cobertura quando eu chegar em casa, vou encontrar outro lugar para dormir, e não quero dizer por apenas uma noite.

Ela continua andando. Eu a deixo ir.

Fico assistindo a Alayna ir embora por longos minutos. Eu escolhi errado; sei disso. Eu provavelmente sabia quando a pressionei sobre a coisa de seu tratamento. Ela não está doente. Ela não fez as coisas das quais Celia a acusou. Alayna estava em seu juízo perfeito quando fez as coisas pelas minhas costas.

Tenho uma nova decisão a tomar. Posso optar por deixar essa dor pesar em cima de mim e arruinar a nossa relação para sempre, ou posso escolher tornar minhas próprias transgressões uma coisa melhor.

A decisão é fácil. Eu não vou perder Alayna. Antes que comece a tentar reconquistá-la, no entanto, há um obstáculo que deve ser removido – Celia.

*

Choro e gritaria me recebem quando volto para o meu apartamento. Celia e meu pai estão em uma briga de gritos, e minha mãe chorando. Ou fingindo chorar. Não há lágrimas reais. Brian está estudando as obras de arte em minhas paredes, aparentemente tentando ser invisível.

Eu quase me sinto mal pelo cara.

Eu não me sinto mal por ninguém. Na verdade, eles precisam ir embora daqui.

– Obrigado a todos pelo caos na minha sala de estar. É hora de todos vocês irem embora.

Brian se dirige primeiro em direção ao elevador, como se estivesse simplesmente à espera de permissão antes de se mandar.

Eu o impeço.

– Você, não. Eu gostaria que você ficasse, se não se importar. Alayna pediu-me para não estar aqui quando ela voltar, mas prefiro que ela não fique sozinha.

A boca de Brian se abre, os olhos correndo.

– Eu acho que... tudo bem.

– Onde você está? No Waldorf? – Eu o surpreendo com o meu palpite exato, mas ele simplesmente concorda com a cabeça. – Vou mandar suas coisas serem trazidas para cá. O quarto de hóspedes fica ao fundo do corredor. Fique à vontade.

Ele concorda e vai para onde eu lhe dirigi, feliz por escapar.

Célia tentou esgueirar-se enquanto eu estava falando com Brian, mas pego-a antes que o

elevador chegue.

– E eu não disse que você poderia ir embora. Nós precisamos conversar.

Seus olhos estão vermelhos e cansados.

– Hudson, eu não estou de bom humor.

– Oh, não vamos falar sobre o humor.

Minha voz está fria e uniforme. Estou realmente surpreso de que, apesar de estar fervendo por dentro, tenho tanta paciência com ela.

– Você não percebe o que aconteceu aqui? – Sua voz é baixa, mas ela está agitada. – Meus pais vão me matar. Eles nunca deveriam saber isso sobre mim e Jack.

– É chamado de carma, Celia. Você colhe o que planta. E hoje você semeou uma grande quantidade de carma ruim. Gostaria de explicar?

– Já disse tudo o que tinha para dizer. Tenho que estar em outro lugar agora, então me dê licença.

Ela passa por mim e entra no elevador à espera.

Ela não vai fugir tão fácil. Eu passo atrás dela.

– Vou descer junto.

Celia esfrega as têmporas. Ela não está feliz com isso, mas tem pouco a dizer.

– Eu vou também. – Minha mãe coloca sua mão quando as portas estão se fechando.

Não me seguro e rosno para ela.

– Pegue o outro elevador.

Mas minha mãe não se intimidou. Ela desliza para dentro, apesar do meu comando.

– Eu não vou ficar mais um minuto aqui com esse homem.

Esse homem está em pé atrás dela, uma expressão mal-humorada no rosto.

– *Eu* pego o outro elevador.

Suponho que imaginar que Jack e Sophia estivessem no mesmo elevador é um pouco demais no momento.

– Tudo bem – admito. Eu espero que as portas se fechem antes de acrescentar: – Mas estou surpreso de que você não se importa de estar aqui com *esta mulher*.

Celia me lança um olhar.

Minha mãe me lança um olhar também.

– Eu conheço Jack. Ele é o único responsável. Não foi culpa dela. – Sophia envolve um braço ao redor de Celia. – Ele se aproveitou de você, querida. Compreendo. Ele era o adulto. Você era a criança.

Puta merda. Inacreditável.

Celia inclina-se no abraço da minha mãe, fazendo o papel completo de vítima.

– Obrigada, Sophia. Isso significa mais do que você poderia saber. – Celia até bate os

cílios que, até onde posso ver, estão secos.

– Jesus Cristo... – murmuro. Elas são mais parecidas do que jamais podia imaginar.

Minha mãe me repreende quando carinhosamente dá um tapinha no braço de Celia.

– Eu não estou feliz com você também, Hudson. Dando cobertura para aquele bastardo traidor...

– Eu não... – Mas não termino a frase. Não vale a pena. Ela nunca vai entender. – Tanto faz. Não vou passar por isso com você, mãe. Trabalhe seus sentimentos sobre isso por sua própria conta.

– Eu não sei por que eu esperava simpatia. – Seu tom lacônico é bem praticado. – Esqueci com quem estava lidando.

Eu reviro os olhos.

– Tal mãe, tal filho.

– O ditado não é assim.

Celia se endireita e dá um tapinha em Sophia com a consolação que eu neguei.

– Isso tudo deve ser tão difícil para você, Sophia.

Como se ela não fosse a causa de tudo isso que é *difícil*.

Minha mãe pega a deixa e começa a ir longe.

– É mesmo. É horrível. – Ela continua quando as portas do elevador se abrem e saímos para o saguão. – Deus, parece que muito dos últimos dez anos têm sido uma mentira. O bebê. O bebê não era nem meu...

Desta vez parece que as lágrimas estão realmente se formando em seus olhos. Em algum lugar lá no fundo, há uma parte de mim que reconhece que esta é uma grande perda para ela. Mesmo sendo pouco saudável fazer isso, Sophia concentrou praticamente toda sua energia no neto. A criança que teria continuado sua união com Jonathon Pierce. A revelação de hoje deve tê-la sacudido até os ossos.

Mas, francamente, neste momento, eu não dou a mínima.

– Guarde-o para seu psiquiatra. Eu disse que não queria ouvir.

Enquanto isso, Celia tentou escapulir novamente. Eu trotei atrás dela, abandonando minha mãe.

– Ei, ei, ei. – Eu a agarro pelo braço e a escolto em todo o lobby e para fora das portas da frente.

– Nós não acabamos ainda. Vou levá-la até seu carro.

– Eu não estou dirigindo.

– Vou esperar com você até o seu motorista aparecer.

– Eu estava pensando em tomar um táxi.

– Nós vamos juntos. – Não lhe permito interpor outra desculpa. – Celia, nós vamos ter

uma conversa quer queira, quer não. E teremos essa conversa agora, embora você possa escolher o local da conversa.

Seus ombros caem quando ela se rende à derrota.

– De táxi, então.

Nós chamamos um táxi e entramos atrás. Eu mergulho no minuto em que ela terminou de dar o endereço para o motorista.

– Esse golpe seu, Celia, não é legal. Nem mesmo inteligente. Ele termina agora.

– Eu amo esse seu jeito de assumir imediatamente que qualquer coisa que eu digo é uma farsa. Você nunca pode me dar o benefício da dúvida?

– Eu lhe dei o benefício da dúvida. Eu acreditei quando você estava lá e me disse que se sentia feliz por mim. Que você iria desistir dessa experiência com Alayna. Grosseiras mentiras, seria esse o seu truque agora?

Ela olha para longe, para fora da janela, e dá de ombros.

– Eu mudei de ideia.

– E agora você está mudando de ideia novamente. Alayna não é seu objeto de estudos. Sua experiência acabou.

Sua cabeça gira para me encarar.

– Estou ouvindo uma ameaça por baixo de sua frase? Não vamos esquecer que eu sei de coisas que você não quer contar...

Não há dúvida sobre o que ela está se referindo. Ontem, eu poderia ter dito o mesmo sobre ela. Mas o maior segredo que eu tinha em relação a Celia agora foi revelado. Tenho pouco contra ela no momento, embora pretenda mudar isso. E rápido.

Nesse meio-tempo, porém, vou ter que jogar em sua lealdade. Não para mim, mas para o jogo.

– Você não vai contar a Alayna que eu joguei com ela. Você não vai contar a ninguém. É contra as regras.

– Você está preocupado com as regras? O jogo acabou para você. Por que se preocupa com as regras?

Sua atitude indiferente me incita.

– Como você ousa?

– Perdão?

– Você me ouviu. Como diabos você se atreve? – É demais. Tudo isso. Não só o que ela fez a Alayna, mas a insinuação de que a maneira que eu a ensinei significava menos para mim do que para ela. Era a *minha* maneira de viver a vida, pelo amor de Deus. Como ela ousa agir como se eu não tivesse respeito por isso? – Eu sempre cumpri a nossa lei. Eu fiz tudo exatamente como disse que faria, mesmo com Alayna. Meu único pecado foi me apaixonar.

E isso nunca foi contra as regras.

– Era certamente implícito.

Eu ignoro essa observação cáustica e continuo com o meu ataque.

– Foi você quem abandonou o plano. Você até mudou o objetivo.

– Eu não mudei nada. O objetivo era fazer a garota se destruir.

Faço uma pausa, a cabeça inclinada em direção a ela.

– Você quer dizer que o teste era para ver se ela *iria* se destruir. Não havia nenhuma meta para *fazê-la* destruir-se. – Estudo a reação de Celia, e percebo que estou errado. O objetivo da Celia *era* fazer isso com Alayna. Não simplesmente ver o que acontecia.

Estou perplexo com essa revelação.

– Quando foi que o nosso objetivo se transformou em ferir as pessoas? Nós éramos cientistas, não carrascos. Nós não estávamos mal-intencionados. Nós não montamos os jogos para ferir as pessoas.

Ela olha para mim, incrédula.

– Você é tão ignorante, Hudson. Temos ferido e destruído pessoas desde que o jogo começou. Você sempre fingiu que isso era apenas um efeito colateral infeliz, mas saiba que mesmo persistir em um experimento que pode machucar alguém é algo malicioso. É como realizar pesquisas prejudiciais aos seres humanos. Os cientistas não agem assim como uma regra. Você sabe por quê? Não é apenas antiético; é contra a lei.

Balançando a cabeça, ela olha para a frente.

– Eu entendo, Hudson, realmente entendo. Você não queria enfrentar o fato de ser um cara cruel pra caralho, então ficou aí dizendo a si mesmo aquilo que precisava ouvir, para poder viver consigo mesmo.

Ela estava errada. Eu sabia muito bem que sou cruel pra caralho, sabia que sou um idiota. Sabia que, antes de Alayna, eu não tinha coração.

Mas eu tinha sido um homem sem compreensão de qual seria a sensação de sentir dor de verdade. Eu não tinha entendido o dano que poderia causar para as pessoas. Dr. Alberts tinha comparado isso a um homem cego pedindo para descrever a cor azul. Embora isso não desculpasse todas as minhas ações, pelo menos as tornava menos intencionais.

– Não é a mesma coisa. Nós não éramos iguais. E durante todo esse tempo, achei que fôssemos. E o fato de você pensar assim mostra que você é uma cadela maldosa.

Celia bate palmas com entusiasmo fingido.

– Agora vamos recorrer aos palavrões para nos definirmos. Que ótimo! – Mas sua expressão logo fica séria. – Você não pode estar falando sério, porra.

– Eu estou falando sério, Celia. Você vai acabar com isso. E nós... – Faço uma pausa, não porque as palavras são difíceis de dizer, mas porque eu quero ter certeza de que ela ouve sua

ênfase. – *Nós* também acabamos. Quero você fora da minha vida. Não me ligue. Não venha me visitar. Estamos entendidos?

Ela zomba. Para uma mulher tão preocupada com a graça e a aparência, ela bem que consegue fazer uma cara feia.

– Não é assim tão fácil cortar-me de sua vida, Hudson. Nossas famílias...

Foi uma bênção a recente divulgação de nossa mentira sobre o bebê.

– Eu não estou tão certo de que nossas famílias serão um problema depois de hoje. Eu aposto que nossos pais não vão querer passar muito tempo juntos a partir de agora.

A lembrança de seus pais e a revelação da tarde parecem sacudi-la daquela espécie de torpor. Mas Celia se recupera rapidamente.

– Bem, nós transitamos pelos mesmos círculos sociais.

– E você vai se afastar de mim quando aparecermos no mesmo evento. Fui claro?

Suas narinas soltam fumaça, seus olhos estão calculistas. Mas ela admite com uma palavra:

– Perfeitamente.

Para que tudo fique esclarecido, acrescento:

– Você não vai querer me tornar seu inimigo.

– Engraçado, eu pensei que você já tinha feito isso comigo.

Essa verdade paira no ar em torno de nós, irrefutável. Ela pode querer dizer que eu a tornei minha inimiga quando saí do jogo com Alayna. Ou quando larguei tudo há três anos e comecei a terapia. Mas eu acho que, em vez disso, é mais acurado dizer que ela se tornou minha inimiga naquele verão há dez anos, quando decidi partir seu coração.

Eu lhe disse que ela estava sofrendo com um carma. E não era assim?

Nós chegamos ao seu prédio. O táxi para no meio-fio.

– Adeus, Hudson. Isso é para sempre, eu suponho. O táxi fica por sua conta.

Ela sai do carro. Não espero que Celia entre.

Instruo o motorista para voltar para o The Bowery. Tenho apenas o tempo suficiente para pegar a minha bagagem antes de ir para aeroporto para minha viagem ao Japão. Se fosse apenas o negócio da Plexis em jogo, eu cancelaria. Mas há outra coisa agora, algo mais importante. É hora de agir sobre a informação que Warren Werner me deu sobre as vulnerabilidades de sua empresa, e que começarão no Japão.

Quando eu voltar, minha energia vai ser concentrada em reparar meu relacionamento com Alayna. Houve sérios danos feitos em ambas as partes, mas podemos seguir em frente, eu acho. Eu tenho que acreditar nisso. Porque, sem ela, não há nenhuma razão para qualquer outra coisa na vida.

Embora exista um turbilhão dentro de mim, sinto-me estranhamente em paz quando volto

para o meu apartamento. Celia se foi da minha vida, e há uma liberdade com esse reconhecimento que eu não esperava existir. Como se um tumor que vinha crescendo há anos fosse finalmente extirpado. Haverá uma cicatriz, eu sei. Eu vou esfregar e arranhar as dores fantasmas. Mas já foi embora, e, com Alayna, poderemos finalmente começar o processo de cura.

20

Antes

– Por que eu não posso simplesmente sair hoje à noite após o ensaio? Essa é a parte importante, certo?

Chandler tinha tentado por vinte minutos sem parar livrar-se do ensaio do jantar de casamento de Mirabelle.

Minha mãe testara a temperatura do ferro modelador, sua mente claramente mais voltada para sua tarefa do que para as queixas do seu filho.

– Eu não entendo por que você está tão ansioso para nos abandonar.

Ele tem quinze anos, eu queria dizer a ela. Isso era motivo mais do que suficiente.

– Porque é chato! – Ele jogou as mãos, exasperado.

– Chandler! – Minha mãe advertiu, cobrindo as orelhas da minha irmã, como se ela pudesse ficar ofendida pela palavra *chato*. Como se bloquear o som depois de ser dito pudesse desfazer o fato de que ele já tinha sido ouvido.

Mas *chato*... Isso era uma coisa com a qual eu poderia concordar, mesmo não tendo mais quinze anos, eu estava com vinte e quatro. Toda a família tinha passado a última semana de agosto em Mabel Shores nas preparações para o casamento de Mirabelle, que seria num final de semana. Cinco dias de nada, apenas de interação social. Eu estava perto de ficar maluco. Por insistência da minha irmã, tinha concordado em não trazer trabalho. Foi um erro. Com minha mente desocupada dos negócios, meus pensamentos voltaram-se novamente e novamente para o meu outro vício – o jogo.

Celia e eu estávamos sem esquemas no momento – parte da razão pela qual eu estava tão ansioso para inventar um novo. Cada hóspede que chegava em casa nessa semana, cada visitante, se tornava um objeto de estudos em potencial. *O que eu poderia aprender com ela, ou com ele, ou com eles?,* era isso que eu me perguntava.

Mas conseguia reconhecer, também, que essa minha obsessão estava começando a ficar fora de controle. Nossos experimentos tinham ficado cada vez mais complexos, mais intensos, mais frequentes. Muitas vezes, até mesmo minhas horas de trabalho foram infiltradas quando eu sonhava acordado sobre o próximo projeto, o próximo golpe. A semana de distância de meu trabalho tinha me feito perceber exatamente como eu estava consumido por essa obsessão. Eu me sentia como um viciado que não injetava qualquer coisa há algum

tempo: nervoso, agitado. No limite.

Precisando de alguma coisa para ocupar meu tempo, fui me juntar a Mirabelle no quarto da minha mãe enquanto Sophia a deixava apresentável para o ensaio da noite.

Chandler encostou-se ao batente da porta. Eu podia sentir que ele estava à beira de desistir, mas não completamente.

– Ninguém vai sentir falta de mim – disse ele calmamente.

– Eu vou sentir sua falta.

Minha mãe nem sequer tentou fazer soar como se ela realmente quisesse dizer isso.

Meu irmão e eu trocamos um olhar. Eu não era próximo de Chandler – onze anos de separação tornou isso difícil, para não mencionar que eu não era o tipo de cara a criar um vínculo. Mas nós ainda éramos uma família, em que nós compartilhamos as partes mais básicas da nossa existência. Tivemos os mesmos pais, a mesma educação. Nós dois sabíamos que ele poderia esgueirar-se para longe do jantar e nossa mãe nunca iria notar.

Mirabelle sabia disso também. Tendo permanecido em silêncio pela maior parte da conversa, ela girou para encarar Chandler agora.

– Vou sentir sua falta! Então, por uma noite, Chandler, você pode esquecer os seus amigos e ficar? Por mim?

Não havia uma pessoa no mundo que pudesse dizer *não* a Mirabelle Amalie Pierce. O assunto foi descartado. Chandler saiu do quarto com um bufar, mas ele ficaria para participar das extravagâncias da noite.

Ocorreu-me que Mirabelle poderia ter simplesmente feito esse pedido desde o início e impedido toda a discussão. Acho que ela estava dando a Sophia uma chance para bancar a mãe. Eu pensei como era incrível que Mirabelle continuasse a fazer isso. Comecei, então, a me perguntar o que seria necessário para que minha irmã perdesse sua fé e foi quando me peguei. Aqueles eram o tipo de pensamentos que sempre levavam aos experimentos. Não importava, porém, o quanto eu estivesse desesperado por uma dose, eu não iria jogar com Mirabelle. Não podia fazer isso.

Obriguei-me a concentrar-me na cena à mão para ter alguma distração. Mirabelle se sentou, minha mãe estava atrás dela, trabalhando em seu cabelo. Ela estava até sóbria, pelo menos pelo que eu podia observar. Uma lembrança passou pela minha mente, ou melhor, uma colagem de memórias. Do tempo em que minha irmã e eu nos sentávamos ao redor dos pés de minha mãe quando ela se arrumava em frente àquele mesmo espelho. Ela se sentou lá por séculos, embelezando-se. Eu assistia enquanto ela aplicava ruge, arrancava as sobrancelhas, ajeitava o cabelo, e, todas as vezes, eu pensava em como minha mãe era bonita.

Embora tivesse sido uma ocorrência frequente, eu parecia ter esquecido. Aqueles tinham

sido bons momentos. *Houve bons momentos*.

A memória inseriu um calor para o presente, como se uma luz tivesse sido focada em nós, iluminando o momento comum e transformando-o em algo significativo.

– Ainda bem que seu cabelo só chega aos seus ombros. Se fosse de outro jeito, nunca ficaria pronta a tempo. – Mesmo a reclamação de minha mãe parecia menos azeda.

– Eu deveria ter cortado. Então a gente não teria que se preocupar com isso. Estou pensando em cortar estilo joãozinho assim que voltar da lua de mel. O que acha?

Segurei uma risada. Minha mãe odiava cabelo curto em meninas.

– Você está tentando me matar? – Mas eu notei a sombra de um sorriso nos lábios de Sophia também. – Eu ainda não sei por que você não contratou alguém para fazer seu cabelo e sua maquiagem hoje à noite.

Mirabelle deu de ombros.

– Eu não achei que precisasse me arrumar nesta noite. Já terei o suficiente disso amanhã.

Estudei minha irmã no espelho. E vi sua mentira. Ela esperou que isso acontecesse – que Sophia insistisse em arrumá-la. Mirabelle se lembrou daqueles tempos também, e sempre romântica que ela era, tinha a esperança de recapturá-lo. Até que tinha conseguido.

Talvez eu devesse dar mais crédito ao otimismo de minha irmã.

– Obrigada por estar aqui, Hudson – disse Mirabelle quando ela pegou meus olhos com seu reflexo. – Significa muito para mim que você possa compartilhar este momento comigo.

Normalmente, eu daria de ombros. Mas a nostalgia me tornou estranhamente disposto a conversar.

– Eu tenho que admitir, isto realmente não combina comigo, mas, ainda assim, estou feliz de estar aqui também.

Isso era uma coisa de que eu só tinha me dado conta há poucos momentos, mas ela não precisava saber disso.

Minha mãe pegou uma mecha de cabelo de Mirabelle e teceu-a em torno do ferro modelador, aparentemente alheia à nossa conversa enquanto se concentrava em seu trabalho.

– Tenho certeza de que você tem uma lenga-lenga esperando na ponta da língua – disse Mirabelle, retocando o batom. – Como o amor é um mito e casamento a ruína de tudo o que é bom.

Eu ri com a precisão de sua declaração.

– Sem falar que você mal tem idade para beber. Imagine então se tem idade para estar assinando uma coisa para sua vida inteira.

O rosto ensombreceu um pouco. Ela queria me negar meu desdém para a prática da união romântica, e eu o tinha reforçado, em vez disso. Ah, bem. Era honesto. O que eu

deveria fazer? Mentir?

Então, eu não era o tipo de colocar sutilezas nas coisas. Mas eu poderia encontrar uma outra forma de ser solidário. Mirabelle tinha sido sempre um pouco Poliana. Ela iria sempre procurar o melhor de qualquer coisa. Talvez o casamento realmente fosse dar certo para ela.

– Eu confio em que você saiba o que está fazendo, Mirabelle. Não dê bola para mim.

– Eu normalmente não faço isso. – Seu sorriso estava de volta, e senti meus ombros relaxarem. Eu nem tinha percebido que estava tenso. – E sei o que estou fazendo. Adam é a melhor coisa para mim. Ele me faz feliz. Eu o faço feliz. Você sabe. É tudo um monte de felicidade.

Blá-blá-blá. Era o que todos os pombinhos diziam. Em seguida, uma colisão na estrada, uma lombada, e tudo desmoronava. O amor foi sempre tão facilmente manipulado. Tão facilmente redirecionado. Como poderá algum dia ser real? Como alguém poderia estar disposto a dar a sua vida por algo tão pouco confiável?

Como Mirabelle podia fazer isso?

Ela deve ter lido os meus pensamentos em minha expressão, porque acrescentou:

– Quero dizer, eu sei que a vida não vai ser sempre no topo do mundo. Haverá tempos difíceis. Mas nada disso importa, desde que tenhamos um ao outro.

– Desculpe-me quando eu rolar meus olhos.

– Você não vai saber, até encontrá-lo você mesmo, Hudson.

Ela era a única pessoa que sempre falou como se eu pudesse encontrar o meu *amor verdadeiro*. Isso era até encantador, realmente.

– Mas você tem que se casar? Não seria possível morarem juntos por um tempo primeiro?

Até que a euforia desaparecesse e a pessoa percebesse o ridículo da noção de viverem felizes para sempre.

– Não. Eu tenho que me casar. – Ela arregalou os olhos quando aplicou rímel nos cílios.

– Mirabelle! – Então, minha mãe estava ouvindo.

– Existe algo que você não está me contando, irmãzinha?

Mirabelle riu, parando sua aplicação de maquiagem.

– Eu não estou grávida, seu burro. Eu estou apaixonada. E sim, eu ainda *tenho* que me casar. Porque quando você ama alguém – ela encontrou meu olhar no espelho e disse, sem um tremor em sua confiança –, o mundo dele lhe interessa mais do que o seu próprio. Tanto é assim que você desaparece dentro dele, e a única escolha que lhe resta é fundir sua vida com a dele. Porque, de outra forma, você deixa de existir.

Mais lero-lero. Mas isso me atingiu – em algum lugar dentro de mim, um lugar que eu não reconheci, reverberando nos meus ossos e causando formigamento através das minhas terminações nervosas. Então eu deixei assentar e decidi não refutar.

Alguns momentos de silêncio depois, foi minha mãe quem falou.

– Eu não podia esperar para me casar com seu pai. Eu já contei isso?

Eu congelei, e senti que Mirabelle fez isso também. Minha mãe nunca falou sobre o passado. Nunca nada agradável, de qualquer maneira. Nós tínhamos crescido assumindo que seu casamento com nosso pai foi baseado em negócios. A empresa do pai de Jack tinha quebrado, mas o nome Pierce ainda tinha peso, e meu pai era um pensador inovador. A família Walden, por outro lado, tinha dinheiro e investimentos, sem ninguém para fazer aquisições. A união de Sophia Walden com Jack resolveu uma série de problemas.

Nós nunca tínhamos sido levados a acreditar que havia amor envolvido.

– Não, mamãe, você não nos contou – disse Mirabelle baixinho, e eu podia sentir seu pedido silencioso para que Sophia seguisse adiante.

– Nós éramos mais apaixonados do que qualquer pessoa deve ter o direito de ser. Isso tinha assustado meu pai, eu acho. Quando anunciamos nosso noivado, ele quase teve um ataque cardíaco. "Como é que ele vai cuidar de você?" Como se meu fundo fiduciário não me desse dinheiro suficiente para cuidar de mim mesma.

Sophia não olhou para cima enquanto falava, seu foco fixado em uma mecha de cabelo que se recusou a ficar do jeito que ela queria.

– Mas papai levou Jack para fora para "uma conversa". E quando voltou, foi decidido que poderíamos nos casar desde que seu pai assumisse as empresas Walden. Foi um ganha-ganha, pelo menos naquilo que entendi. Nossos mundos estavam se entrelaçando em todas as formas possíveis.

Notei seu uso da palavra *mundos* e percebi que tinha sido isso o que a impulsionou em sua viagem pela estrada da memória. Minha mãe também tinha trazido seu mundo para estar com Jack Pierce. Ou Jack havia mudado seu mundo para estar com ela. Era uma coisa estranha para tentar compreender. Era mais fácil para mim imaginar meus pais fazendo sexo do que imaginá-los apaixonados um pelo outro.

– Meu pai queria que Jack assumisse tudo logo que casássemos. Como eu queria um noivado curto, Jack passou um monte de tempo no escritório com meu pai. Eu não o vi quase tanto como teria gostado. Nosso dia do casamento, no entanto. – Ela suspirou baixinho. – Foi o dia mais feliz que eu poderia imaginar. Lá estava Jack, em seu smoking. Muito bonito. Fiquei desejando que a cerimônia acabasse logo para que eu pudesse pular em cima dele.

– Mãe!

Mirabelle fingiu constrangimento. Era o tipo de história que ela adorava. Mesmo que estivesse sendo contada por um de seus pais.

– Eu já fui jovem, também. – O rosto de Sophia estava brilhante, mais feliz do que eu jamais lembrava de ter visto.

– Então imagino que teve uma lua de mel maravilhosa.

O sorriso melancólico de minha mãe desapareceu com as palavras de Mirabelle.

– Bem, até que começou bem. Mas Jack teve que partir um dia depois que chegamos em Bora Bora. Os problemas da empresa. Ele estava no comando agora. Você sabe. Se uma esposa tinha que ser deixada sozinha em sua lua de mel, então é isso o que tinha de ser feito. A história de nossas vidas depois disso...

Mirabelle baixou o olhar. Se eu tivesse que adivinhar, ela estava lutando contra as lágrimas. Minha irmã era uma chorona.

Interessante, porém, foi como as palavras de minha mãe me afetaram. Eu sempre tinha visto minha mãe envolta em uma casca dura de amargura. Agora, ela pareceu mudar aos meus olhos, e, a partir deste novo ponto de vista, eu vi outra coisa em torno dela, algo quente e suave. Acessível, mesmo. A mulher que ela foi uma vez.

Como seria fascinante esse estudo, hein? Poder examinar de onde ela veio até a maneira como ela terminou. Talvez fosse outro cenário que Celia e eu poderíamos tentar recriar. Outro jogo que poderíamos tentar jogar.

Deus, sempre o jogo...

Minha mãe deixou de lado o ferro de modelar.

– Mas o dia do casamento foi lindo. E o seu vai ser também. – Sophia passou os dedos através dos últimos cachos que tinha feito, em seguida, tomou Mirabelle pelos ombros. – Olhe para você. Você está simplesmente adorável.

Mirabelle fez o que lhe foi dito. Ela sorriu para seu reflexo, aparentemente satisfeita com a sua aparência. Ou ela estava satisfeita com a experiência. Então, estendeu a mão e acariciou uma das mãos de Sophia.

– Obrigada, mãe. Por tudo.

Por um curto espaço de tempo, enquanto eu observava como esta mãe e sua filha compartilhavam um momento aparentemente normal que era tudo, menos comum, senti que havia algo na vida que me estava faltando. Um ajuste de cor, talvez. Um sabor ao qual eu simplesmente não tinha sido apresentado. Um som que não tinha encontrado o seu caminho para os meus ouvidos. Algo... *mais*.

Mas isso era mimimi também. Se eu precisasse de provas, só tinha que olhar para trás, para os resultados das minhas experiências. Como eu vivi – sem emoção e livre –, isso era tudo que havia de verdadeiro. Não havia *mais* nada.

*

Eu descobri naquela noite que os ensaios eram tão exaustivos como o casamento real.

Embora já tivesse ido a alguns por obrigação, nunca tinha estado tão envolvido neles como Mirabelle tinha me envolvido. Ela convenceu Adam a me fazer o padrinho dele. Eu estava na maldita festa de casamento. Era a situação mais hipócrita em que eu podia me imaginar. Toda a noite as pessoas me perguntavam: "Não está feliz por Mira? Ela não é uma noiva linda?"

Tão feliz quanto eu poderia estar e *Ela está adorável como sempre* foram frases ditas tantas vezes que isso se tornou cansativo. Entre um sorriso e outro, daqueles educados e falsos, fiquei imaginando os esquemas que eu poderia criar com essa gente toda. Aquela na saia apertada – será que ela ainda estaria babando em cima do mané que a trouxe aqui se eu a convencesse de que o padrinho do noivo estava a fim dela? O garçom que ficou xavecando a irmã de Adam, ele iria trair a esposa (o sujeito estava usando uma aliança de casamento) se a garota lhe desse atenção? Eu sabia que poderia levar a dama de honra de Mirabelle a dar uma escapada comigo – porque já havia transado com ela algumas vezes no passado –, mas será que eu conseguiria fazer com que o noivo dela nos pegasse?

Era enlouquecedor quantas vezes eu tinha que me lembrar que o casamento de Mirabelle estava fora dos limites para meus experimentos. Então, muitas vezes, de fato, eu parei de ouvir a mim mesmo. E quando a dama de honra em questão se sentou ao meu lado, o puxão para tentar o meu jogo foi muito forte, o zumbido sobrecarregando todo o meu pensamento razoável.

Coloquei minha mão sobre as costas da cadeira e inclinei-me.

– Você não teria escolhido esta cadeira, Melissa, se não tivesse a intenção de conseguir algo de mim.

Ela girou um anelzinho de cabelo em torno de seu dedo e sentou-se mais para a frente para que eu pudesse facilmente espiar seu vestido.

– E o que exatamente eu quero de você, Hudson?

– Do jeito que você está empurrando o peito para mim, eu diria que você quer que eu chupe e lamba suas tetas na casa da piscina. – Sob a mesa, deslizei minha mão por baixo da saia. – Mas não se preocupe. Eu daria atenção adequada à sua boceta, também.

Sua respiração acelerou, e os olhos dela dilataram.

– Eu vou sair primeiro. Espere cinco minutos para me seguir.

Perfeito.

– Esteja sem roupa quando eu chegar lá.

Eu esperei até que a garota estivesse fora de vista antes de procurar por Timothy, seu noivo. Ele era estagiário em um escritório de advocacia que iria fazer de tudo para conseguir as Indústrias Pierce como cliente.

– Timothy, tenho algumas questões legais meio sigilosas que gostaria de debater – disse a

ele. – Você se importaria de me encontrar na casa da piscina em quinze minutos? – Uma imagem de Melissa empurrando seus peitos de atriz pornô juntos enquanto meu pau estivesse entre eles surgiu na minha cabeça, e eu alterei o meu pedido. – Melhor daqui a vinte minutos.

Ele concordou. Claro. E eu estava pronto para ter uma noite com aquilo de que eu mais gostava – fazer meu jogo e trepar. Meu pau ficou mais duro quando escapei do salão onde o jantar logo seria servido. E mal caminhei alguns poucos passos quando uma voz familiar me chamou.

– Hudson?

Virei imediatamente ao som da voz de Mirabelle.

– Ahn, sim?

Mesmo que ela não tivesse nenhuma ideia do que eu estava fazendo, me senti culpado mesmo assim. Felizmente, estava tão escuro aqui fora que ela não podia ver a protuberância na minha calça.

Ela ficou ali, no umbral da porta.

– Aonde você está indo?

– Só vim tomar um pouco de ar.

– Nem por um caralho.

Não percebi o quanto ela estava com raiva pelo palavrão que ela soltou – Mirabelle raramente dizia algo mais grosseiro do que idiota –, porque senão eu teria interpretado corretamente a fúria brilhante acendendo em seus olhos.

– Eu não tenho certeza do que você está falando.

– Não se faça de bobo. Estive observando você. Eu vi você falando com Melissa. E eu sei que já esteve com ela antes. Então ela sai, e você fica aí todo sussurrante com Tim? Este é o meu fim de semana do casamento, Hudson. Nem consigo olhar para a sua cara agora!

Ela sabia, ela devia saber. Não havia outra razão para ela estar tão indignada. Honestamente, tentando bancar seu amigo era uma merda da minha parte. Mas, como qualquer viciado, eu continuava a negar.

– Mirabelle, eu realmente não tenho ideia do que se trata.

– Sabe o que mais? Foda-se! – O pequeno corpo de minha irmã tremia quando cruzou os braços na frente dela. – Foda-se, e eu não quero você mais aqui agora. Eu quero que você saia.

A casa da piscina contava como sair, certo?

– Mas que Deus me ajude, se você foder com minhas amigas esta noite ou amanhã ou durante qualquer das minhas coisas de casamento, eu nunca serei capaz de perdoá-lo.

– Você está falando sério? Eu...

– É sério! – Sua voz falhou. – Eu não quero você aqui agora. Vá.

Eu queria discutir mais, mas o que exatamente eu poderia dizer? Minha irmã tinha me sacado corretamente. E não era a minha intenção estragar o ensaio de Mirabelle.

– Tudo bem, eu vou.

Ela manteve os olhos em mim, então ir para a casa da piscina agora estava fora de questão. Passei por ela, em vez disso, e roubei uma garrafa de scotch do bar antes de me dirigir para a casa. Não me permiti pensar. Não até que estivesse longe o suficiente para não fazer nada do eu pudesse me arrepender depois.

Ficar fora da casa, no entanto, mostrou-se problemático. A entrada estava lotada demais de carros para que eu pudesse pegar o meu, então parecia que eu teria que me contentar em ficar a pé. Não havia nenhum lugar para eu ir, se fosse em direção à rodovia. Então, tomando um caminho no lado da casa e oposto à festa, fui até o mirante que ficava nos limites de nossa propriedade. Embora tivesse uma bela vista do mar, era raramente utilizado. Muito longe das conveniências da casa, supunha. Mirabelle e eu o usávamos bastante quando éramos pequenos. Esse mirante se mostrara um ótimo lugar quando Sophia ficava muito difícil – ou muito bêbada – para se tolerar.

Parecia apropriado que eu acabasse lá.

As escadas rangeram enquanto eu subia na rotunda. Sentei-me no banco de madeira e desfiz o nó da minha gravata. A brisa veio soprando como as ondas do mar abaixo, para dentro e para fora. Tomei um gole da bebida e deixei a merda se assentar dentro de mim.

Deus, Melissa com aqueles peitões e a boceta apertadinha. Neste exato momento, ela provavelmente estaria puta da vida e pronta para se vestir de novo. Em seguida, Timothy iria aparecer. Eles provavelmente pensariam que eu tinha armado tudo dessa forma, para que eles se encontrassem e ficassem ali transando até mais não poder. Nunca pensei que eu estaria com ciúmes de um idiota daqueles.

Mas a decepção e a irritação por causa do final forçado de minha diversão não duraram muito tempo. Seu desaparecimento deixou espaço para uma emoção mais intensa – vergonha. Eu tinha certeza de que Mirabelle não estava ciente da extensão dos meus jogos, que ela pensou que tinha acabado de me pegar transando por aí com uma mulher comprometida. Não era realmente o maior dos problemas. Exceto que eu a desapontei. Eu a magoei. Essa não era uma constatação sobre a qual eu queria me debruçar por muito tempo. Era algo muito cru, muito desconfortável. Como um vento gelado cortante, ferindo minha pele.

Eu deixei o Scotch queimar e procurei alguma outra coisa para ocupar minha mente. Logo vi meus pensamentos retornando para a revelação da minha mãe mais cedo. Era estranho pensar sobre como sua vida tinha sido antes. Que ela fora uma mulher feliz. Que

ela acreditava em seu futuro com o meu pai. Era tão simples assim dizer que toda a sua vida tinha sido arruinada porque seu pai queria que seu noivo precisasse se provar a si mesmo? Que, por sua vez, Jack – por amor à sua noiva – atirou-se para fazer exatamente isso? Que o tempo afastado no trabalho levou ao relacionamento distante, a beber, a trair?

E se os eventos tivessem sido diferentes, se eles tivessem conseguido encontrar o equilíbrio em seus mundos e mantido um relacionamento mais saudável, eu ainda teria sido desse jeito que sou?

Era inútil insistir nisso. Nunca haveria uma resposta.

Provavelmente, meus pais estariam ferrados, mesmo se ele tivesse ficado durante toda a lua de mel. E eu ainda seria exatamente como era. Por que estava reclamando, afinal? Isso era meu superpoder, não era? Não ter sentimentos.

Ultimamente, porém, isso não parecia um superpoder. Era mais como uma distração. Um zumbido constante na minha cabeça que pedia explicação. Isso me empurrava para examinar e estudar e criar esses jogos. Uma coisa que me deixava louco. Ou, antes de mais nada, eu já não estaria louco?

Bem, era essa a pergunta do século.

– Hudson?

O chamado suave de Mirabelle assustou-me e me tirou de minha espiral especulativa. Não respondi, mas ela continuou vindo em direção a mim de qualquer maneira, subindo as escadas e, em seguida, inclinando-se contra o arco da entrada.

– Olha você aqui.

– Aqui estou eu.

Apesar de seu comportamento estar mais calmo do que tinha estado, não estava exatamente feliz por ter sido encontrado. Isso certamente significava que ela iria ficar *falando*. Merda, como eu odiava isso. Mas não podia exatamente mandá-la embora. E tinham sido minhas ações que levaram a isto. Consequências.

A luz estava apagada no gazebo, e Mirabelle bloqueou a lua atrás dela, então eu não podia ver a expressão em seu rosto. Ela ainda estava nervosa? Ferida? Ou ela veio para pedir desculpas?

Finalmente, minha irmã enfiou um cacho de cabelos atrás da orelha e disse:

– Minha mãe está bêbada.

Bem, então o foco não era eu.

– Você está surpresa?

– Não. Eu estava esperançosa, no entanto. Ela passou um dia legal. – Seu tom era melancólico, e eu sabia que, se pudesse ver seus olhos, eles estariam tristes.

Eu não entendia essa coisa de tristeza. Mas não gostava quando Mirabelle estava assim.

Tentei consolar.

– As festas são o momento mais fácil para ela beber sem que ninguém perceba. Todo mundo está bebendo.

– Verdade.

Ela deu um passo para a frente e se sentou no banco ao meu lado. Isso significava que iria ficar. Isso não deixava muito espaço para escapar de mais reprimendas por causa do incidente de mais cedo.

– Você deveria estar com seus convidados.

Eu tomei um gole da garrafa de uísque e tentei parecer indiferente sobre a minha sugestão para ela ir embora.

Ela não estava mordendo a isca.

– Você é meu convidado.

– Você tem convidados mais importantes do que eu.

– Eu não penso assim. – Mirabelle espelhou minha postura, olhando para o mar. – Além disso, nós precisamos conversar.

Eu fingi não saber o tema que ela achava que deveria ser discutido.

– Se precisar de aconselhamento de última hora, você sabe o que eu vou dizer: não se case.

– Você é um idiota. E não. Eu nunca teria vindo a você pedir aconselhamento matrimonial. Mas você virá falar comigo, isso sim.

Ela balançou o pé em um movimento rítmico que parecia estar no mesmo tempo que as ondas do mar.

– Sei...

Nem a pau que eu iria me casar. Se bem que casamento parecia algo mais provável que me apaixonar. Mas dizer isso a Mirabelle seria outra conversa impossível. Realmente, para qualquer lado que eu olhasse, havia alguma discussão desconfortável a ponto de ocorrer.

Eu decidi mergulhar e acabar logo com isso.

– Olha, nós não precisamos falar sobre o que ocorreu mais cedo. Lapso de julgamento. Isso é tudo.

Estava tão silencioso que eu podia ouvi-la engolir.

– Não. Nós não precisamos falar sobre isso – ela concordou tranquilamente, para minha surpresa. – Mas há algo mais.

Bem, isso era fácil. Com sua disposição suave e seu humor sombrio, eu tinha um bom palpite sobre o que ela queria conversar. O típico, *eu te amo, você é um bom irmão, mesmo que tenha tentado me afogar quando eu tinha sete anos e comer a minha dama de honra durante meu ensaio do casamento*, toda aquela merda fofinha que as irmãzinhas ingênuas

dizem aos irmãos na véspera de ocasiões importantes, como seus casamentos.

Mas ela me surpreendeu novamente.

– Hudson, eu preciso falar com você sobre uma intervenção.

Mesmo? Hoje à noite? Eu já tinha me perguntado antes quanto tempo iria levar até que alguém tentasse fazer nossa mãe ficar sóbria. Mas nunca imaginei que isso iria acontecer no meio do casamento da minha irmã.

– Mas Chandler e papai não deveriam estar aqui? Eles têm tanto efeito sobre a nossa mãe quanto eu. Se não mais.

– Não é para a mãe. – Ela parou o balanço de seus pés. – Para você.

Eu ri.

– Isso provavelmente não parece convincente quando estou bebendo diretamente da garrafa, mas eu não sou um alcoólatra. – Claro, isso era o que todos os alcoólicos diziam. Ainda assim, eu nunca tinha chegado bêbado ou desleixado a lugar nenhum. Não era crível que Mirabelle realmente pensasse que eu tinha um problema. Eu ri novamente. Fala sério? – Além disso, não se supõe que tem que haver um monte de gente para fazer essas coisas?

– Bem, devia se formar um grupo de pessoas que o viciado, que é você, ama e vai ouvir. Acontece que acho que sou a única que poderia dizer qualquer coisa que importa. Pelo menos, espero que eu diga alguma coisa que importe. – Ela estava tão solene, tão intensa.

Suspirei, e tentei me dirigir a ela com a mesma honestidade.

– Eu não tenho um problema com bebidas, Mirabelle.

Ela riu educadamente.

– Eu não acho que você tenha um problema com a bebida, Hudson. Caia na real. – Sua melancolia havia retornado. – Mas eu acho que você tem um problema. Um tipo muito diferente de problema.

Meu coração pulou uma batida, minha mente imediatamente saltou para o jogo. Não havia mais nada que eu fazia, nada mais que eu tivesse na vida. Mas como a minha irmã poderia saber sobre isso? Houve ocasiões em que meus experimentos tinham vindo de volta para casa. Hoje à noite, por exemplo. O resultado de algumas escolhas ruins da minha parte. Talvez fosse isso que ela quis dizer?

Banquei o ignorante. Porque eu *era* ignorante.

– Não sei sobre o que você está falando.

Tomei um gole do uísque, mas isso não me acalmou da maneira que eu esperava.

– Não vamos ficar rodeando, Hudson. Não sei a palavra para isso, de qualquer maneira. Pode até ser que não exista uma palavra. Mas eu sei. Eu vejo isso. Eu vejo o que você faz com as pessoas. Como você... *lida* com elas. Como esta noite mais cedo, mas esta não é a primeira vez. Ou a quinta. Ou até mesmo a quinquagésima, eu apostaria. É um

comportamento cruel. É destrutivo. E eu não me refiro apenas a essas pessoas e ao que você faz para elas. Eu me refiro também a você. Isso o está destruindo.

Estas foram as únicas palavras que eu tinha, então as repeti.

– Não sei sobre o que você está falando.

Minha voz estava mais fraca do que antes. E com convicção zero.

– Você sabe. E não tem que dizer nada. Eu não preciso ouvir desculpas ou detalhes. O que eu preciso é que me ouça. – Minha irmã caiu de joelhos na minha frente e agarrou minha mão vazia nas dela. – Ouça-me, Hudson. Você não é quem pensa que é. Há mais aí dentro do que você suspeita. Mais em você do que os jogos mentais que acho que absorvem sua vida. Eu vejo isso. Eu *sinto*. E não porque sou uma otimista incorrigível, mas porque essa outra parte de você é muito, muito real.

Comecei a puxar minha mão, uma reação instintiva, mas ela segurou firme.

– Não faça isso. Eu não vou deixar você fugir de mim, Hudson. Você não pode, eu estou prestes a começar uma nova vida. Uma vida que pode possivelmente me empurrar para mais longe de você, e aí está o problema, não posso ir se não souber que meu irmão está bem. Não posso mudar meu mundo de lugar até que eu saiba que você não irá destruir o seu.

Minha garganta ficou apertada. Parecia que eu deveria dizer alguma coisa, mas não havia palavras. E dentro de mim, onde eu costumava me sentir vazio, meu peito queimava. Desconfortável, como indigestão, mas ainda mais constritivo. Como se algo estivesse se mexendo lá no fundo, roubando o espaço da minha respiração, prestes a explodir para fora de mim.

Mirabelle enterrou os dedos em minha pele, as unhas dela implorando tanto quanto suas palavras.

– Então você vai fazer isso? Diga-me que vai fazê-lo. Diga-me que não vai desistir. Diga-me que vai tentar. Por mim, se não for por mais ninguém. Por favor, diga.

Eu poderia dizer-lhe para ir se foder. Eu poderia dizer-lhe tudo o que ela queria ouvir apenas para tirá-la das minhas costas. Eu poderia tentar explicar-lhe o que o jogo realmente era, para que Mirabelle pudesse entender que não era realmente um problema.

Mas a verdade é que era um problema. Os experimentos haviam se tornado uma obsessão. Eu vivia e respirava por eles. E nenhum deles, nem um único deles, jamais me ensinou o que eu realmente queria saber, que era por que diabos eu me sentia tão vazio.

Então, respondi do único jeito que eu sabia.

– Tudo bem.

– Você está mesmo falando sério?

Assenti com a cabeça. Sendo difícil fazer as palavras saírem pela minha garganta apertada.

O rosto de Mirabelle se enrugou, com lágrimas nos cantos dos olhos quando mordeu o lábio. Ela assentiu com a cabeça algumas vezes. Finalmente, com a voz embargada, disse:

– Obrigada.

Ela arrastou-se no meu colo, com as pernas para um lado, e me abraçou, como ela costumava fazer quando éramos mais jovens.

Eu a deixei fazer isso.

E até a abracei de volta. Relutantemente no começo, e depois com um abraço de urso.

– Obrigada – disse minha irmã quando finalmente se afastou. Ela arrastou-se do meu colo para o banco ao meu lado. Então, enxugou de novo os olhos. – Sinto muito. Eu não queria chorar. Achei que você ia me levar mais a sério se eu ficasse junto. Mas, essa não sou eu. Bem. Você tem um encontro amanhã.

– Um encontro. Com quem?

– Um psiquiatra. Dr. Alberts. Ele é um especialista em esquiva de deveres, comportamento antissocial e um monte de outras palavras complicadas que basicamente significam "distanciamento".

Outras palavras como *sociopata*?

– Ele fica na cidade – continuou ela –, mas também atende em casa, e concordou em vir aqui para conhecê-lo às dez. Eu arranjei isso antes mesmo do que aconteceu nesta noite. Então, não pense que eu estou apenas reagindo a este incidente.

O fato de que ela havia planejado isso o tempo todo deixou um gosto amargo na minha boca. Eu odiava que minha irmã tivesse uma opinião formada sobre mim, e então eu provara que estava certa. Foi quase como se tivesse jogado seu próprio jogo, formado sua própria hipótese, e no final, tivesse adivinhado corretamente. Ver a mesa virada não era bem o que eu avaliava como algo divertido de se fazer.

Além disso, eu tinha concordado em passar por essa intervenção, por assim dizer, mas achei que seria em meus próprios termos. Que eu poderia decidir o rumo do meu tratamento. Não ela. Então, fiz uso do mais óbvio para meu protesto.

– É o dia de seu casamento.

– Sim, e este é o meu presente de casamento. Seu para mim.

Mirabelle continuava tonta com essa besteira.

– Meu presente de casamento era não trabalhar a semana toda.

Mas eu já sabia que iria encontrar com o especialista dela.

– Este é mais um presente de casamento. Você me deu dois. – Ela rapidamente beliscou minha bochecha. – Obrigada, mano.

E *eu* que era o mestre manipulador.

– O que você fez comigo, Mirabelle?

– Coisas boas, Hudson. Fiz coisas boas. Espere e verá. – Ela ficou olhando para o meu perfil por alguns segundos. Senti seu olhar como se fossem as mãos que tocaram minha pele. Quando ela parecia satisfeita com o que viu, disse: – Agora, vou voltar para a festa e deixar você aqui para ficar deprimido ou meditar ou qualquer dessas coisas chatas e antissociais que você gosta de fazer. Chocar. Isso é o que você faz.

– Eu não fico chocando.

– Bem, faça o que fizer, eu vou deixar você com isso agora. – Ela se levantou, a saia rodando na brisa leve do mar. Na escada, minha irmã se voltou para mim. – Dez da manhã, no escritório. O Dr. Alberts virá. Esteja lá.

– E onde mais eu estaria? Arrumando as flores com mamãe?

– Bem pensado. – Ela me deu outro sorriso brilhante, desta vez adicionando uma piscadela. – Eu te amo, irmão. Obrigada por fazer do meu casamento tudo o que eu sempre sonhei.

Lá estava. As palavras típicas para a ocasião. Isso me fez sorrir um pouco também.

Ela me mandou um beijo, em seguida, pulou para dentro da noite.

Eu me sentei naquele banco por um longo tempo depois. Tomei um gole de uísque. E chorei. Solucei pela primeira vez que eu conseguia me lembrar. Não havia nenhum sentimento por trás das lágrimas, apenas alívio. Foi catártico. Foi um começo.

Talvez fosse mesmo o começo da nova estrada adiante de mim.

21

Depois

Acordei com a cama vazia. Eu devia estar acostumado a isso, nesta altura, tendo acordado sozinho pelos últimos vários dias. Cada uma dessas noites tinha sido inquieta, com o sono difícil de chegar sem o calor da mulher que me acostumei a abraçar.

Só que cheguei em casa do Japão mais cedo hoje à noite e me reuni com Alayna. Por isso a minha cama *não* devia estar vazia. Estou tão em sintonia com ela que, apesar de vários dias separados, a sua ausência pode ser sentida até mesmo no meu sono.

Eu a encontrei no banheiro, olhando no espelho, o rosto pálido e os olhos arregalados.

– Tem algo errado?

Ela pula ligeiramente ao ouvir a minha voz, então espia por cima do ombro para mim. Não deixo de notar que ela varre o meu corpo nu. Meu pau engrossa um pouco sob esses olhos, mas eu ignoro, cruzando o espaço até ela.

– Você está bem?

Há um momento de hesitação antes que ela diga:

– Tive um pesadelo, e agora não consigo dormir.

Sua relutância em dizer mais me preocupa. É apenas um sonho, mas depois de tudo o que nós acabamos de passar, temos de ser mais abertos um com o outro. Eu preciso que Alayna consiga compartilhar isso comigo, se não por outra razão, então pelo menos para sentir que estamos fazendo progressos.

Eu cutuco gentilmente.

– Quer falar sobre isso?

Ela balança a cabeça e diz:

– Sim. Mas depois.

Bem, isso é algo que posso aceitar. Então, preparo um banho para ela e concordo sem pensar quando me convida a me juntar a ela.

Poucos minutos depois, estamos os dois acomodados em uma banheira de água quente, Alayna sentada entre as minhas pernas, de costas para o meu peito. Eu seguro aquele corpo e acho que, pela primeira vez na minha vida, entendo a felicidade. É um sentimento bem diferente de estar sexualmente satisfeito. Estamos nus, e eu definitivamente estou excitado. Vou ter que estar dentro dela antes de nosso banho acabar. Vou precisar lamber as gotas

molhadas de água de seus seios, ter que penetrar sua boceta apertada com meu pau. Mas não é uma exigência. Tocar essa mulher, abraçá-la, estar no seu mundo – é aí que esta felicidade pacífica se origina.

Além disso, nós falamos. Nós nos conectamos com as palavras. É uma coisa estranha para nós dois nos comunicar assim abertamente, sem medo de julgamento, sem pesar. Vai levar tempo para nos acostumarmos, mas já começamos a tentar. Estou profundamente animado com este novo começo.

Até mesmo comecei a esquecer aquele único segredo que ainda escondo de Alayna. Fiquei preocupado se devia contar a ela, depois fiquei preocupado que ela poderia descobrir. Agora, a preocupação começa a desvanecer-se. Talvez não seja um problema tão grande. Eu posso mantê-lo enterrado, e, enquanto aprender a viver com ele, talvez eu possa impedir que isso afete a minha vida com Alayna. Talvez possa até contar a ela como eu realmente me sinto. Dizer que eu a amo sem a culpa impedindo as palavras.

Mas então Alayna faz uma pergunta muito inesperada.

– O que aconteceu entre você e Stacy?

– Stacy? – Levo um minuto para descobrir quem é Stacy. Então eu percebo que ela se refere à garota que trabalha com Mirabelle em sua butique. – Não aconteceu nada. – Estou perplexo que ela ache que houve alguma coisa entre nós. – O que você quer dizer? Que eu saí com ela? Eu a levei para um evento de caridade um ano atrás, ou coisa assim. Mas depois disso, nada. E não dormi com ela.

Alayna não parece ter ficado convencida.

– Existe alguma razão para que ela queira se vingar de você? Ou para não confiar em você?

Nego com a cabeça.

– Não que eu saiba.

Só que não é verdade, porque de repente posso pensar em uma razão muito válida para que ela não confie em mim. Celia tinha jogado com ela. E quando o fez, usou minha pessoa em sua trama.

Eu deveria contar a Alayna. Não há nenhum motivo para esconder isso dela. Não fui nem mesmo eu que joguei. Bem, isso não é inteiramente verdade. Eu tinha *permitido* que Celia usasse minha pessoa. E, no final, tinha participado. Disse a mim mesmo na ocasião que foi para colocar um fim à farsa, mas eu tinha gostado da excitação do jogo, assim como o dr. Alberts levou-me a perceber.

Seja qual for a razão – a culpa da minha participação, a novidade de ser tão aberto –, não estou pronto para compartilhar isso com Alayna. Ainda não. Não até que eu entenda a razão de seu interesse.

– Por que a pergunta?

Ela respira fundo.

– Na última vez em que estivemos na loja da Mira, Stacy me disse que possuía algum tipo de vídeo. Um vídeo que prova uma coisa ou outra sobre você e Celia. Ela não estava com ele, então eu lhe dei meu número de telefone para que ela pudesse contatar-me mais tarde.

E assim, o lugar tranquilo que eu descobri é perturbado. Que porra de vídeo é esse que a Stacy pode ter? Algo sobre aquela noite? Algo depois? A Stacy sabe sobre nosso plano em relação a Alayna? Não tem como ela pudesse saber, mas se Celia lhe deu alguma coisa... Uma gravação de uma conversa ou algo assim...

Estes eram pensamentos paranoicos. Os mentirosos e os maquinadores aprendem que essa é a única forma de permanecer um passo à frente da descoberta. Eu acreditava que tinha passado isso. Estou desapontado ao descobrir que não passei.

Interrompo a conversa tanto quanto posso, enquanto tento recuperar o equilíbrio. Mas ela pergunta sem rodeios:

– Você sabe do que ela está falando?

– Não faço ideia. – E eu não sei, mesmo. – Ela não lhe disse do que se tratava esse vídeo?

– Não, só disse que o possuía, e que ele iria me mostrar por que eu não poderia confiar em você. E ela me mandou uma mensagem novamente esta noite. Ou ainda na semana passada, quando estava sem telefone, e só recebi a mensagem hoje à noite.

Embora a água ainda esteja quente, os cabelos em meus braços ficam arrepiados, como se eu tivesse sido jogado no gelo. É possível que Stacy tenha a prova de algo no passado de que Alayna já esteja ciente. Mas e se for alguma outra coisa?

– O que a mensagem de texto dizia?

– Que o vídeo era muito grande para enviar por telefone, mas que eu poderia entrar em contato com ela se quisesse vê-lo.

Estou assustado. Eu nunca diria isso em voz alta, mas posso admitir para mim mesmo. Estou com medo de que possa perder Alayna. Eu não sei como lidar com esse medo. Eu não sou aquele que se encolhe.

O que eu sei é que Alayna não pode ver esse vídeo. Não até que eu o veja. É com grande aversão de mim mesmo que recorro à minha maior habilidade – manipulação.

– Você quer vê-lo?

Não há como permitir que Alayna o veja antes que eu. Mas deixá-la acreditar que estou indiferente vai tirar sua necessidade de ir atrás.

– Não. – Ela hesita. – Sim – Então: – Não sei. Eu deveria?

Ela está conflituosa. É exatamente onde eu quero que esteja. Agora, basta empurrá-la para a resposta que eu quero que escolha, mas com cuidado. Se eu avançar muito forte, ela vai

enxergar através de mim.

– Bem. – Começo a esfregar minhas mãos para cima e para baixo nos braços dela, aproveitando a distração que nossa intensa conexão física fornece. – Você já sabe que Celia não pode ser confiável. E não há nada que Stacy pudesse ter sobre mim que você ainda não saiba. Você conhece mais sobre os meus segredos e meu passado do que ninguém. Você me conhece, Alayna.

– Sim, conheço.

– Então, a menos que você não confie em mim...

As palavras têm um gosto amargo na minha boca. No entanto, eu as mastigo.

– Eu confio em você. Se está dizendo que não há nada com que eu devesse me preocupar...

O contato direto é a melhor maneira de vender uma mentira.

– Não há.

Esta pode ser a pior coisa que já fiz, enganando-a assim. Pior do que a minha participação real no jogo. Porque então eu não a conhecia. Agora estou fazendo isso com alguém que amo.

Eu prendo a respiração enquanto Alayna toma a sua decisão. Embora esteja enojado com minha traição, estou desesperado para que ela escolha aquilo que desejo.

Depois do que parece uma vida inteira, ela sorri e diz:

– Então, eu não preciso vê-lo.

Uma mistura de emoções me invade. Alívio é a mais proeminente, mas há também uma agitação inebriante. Não porque minha tapeação tenha sido bem-sucedida, mas porque Alayna acaba de me dar sua confiança. É ilusório pensar que eu a mereço. Mas, oh, como eu quero. É um presente que não posso nunca nem pensar em pagar.

Eu juro que vou tentar. O que for preciso, vou trabalhar para finalmente ganhar a confiança dela.

Eu me inclino para a frente para beijar seu queixo.

– Obrigado.

– Por quê, exatamente?

Não há nenhuma maneira de explicar a minha verdadeira gratidão. Então, deixo as coisas mais simples.

– Por se abrir comigo. Você não precisava me contar sobre isso, mas, ainda assim, contou.

– Estou falando sério sobre ser mais aberta e honesta.

– Estou vendo. E estou levando a sério, também. A única maneira com que nós podemos seguir em frente é decidir que estamos comprometidos um com o outro, em primeiro lugar. – Estas palavras são mais do que a minha tentativa de apagar a mentira que acabei de dizer.

São o início da promessa mais importante que pretendo jamais fazer. É porque sou tão dedicado a ela que escondi o que eu tenho. É para ela. É para *nós*. – Certo?

– Eu estou.

São apenas duas palavras, mas soam como música. Quando eu me casar com ela, e farei isso um dia, aquele voto de "para sempre" vai ser apenas uma repetição deste momento aqui, agora.

– Eu também.

Faço amor com ela. Eu preciso dela assim, para apagar a coisa horrível que fiz com a bela coisa que temos juntos. Eu finjo que o peso do meu amor por Alayna pode abafar o zumbido das mentiras.

Minhas mãos e boca tomam conta de seu corpo, um corpo que conheço de cor. Rapidamente, eu a envio em direção ao orgasmo. É egoísta, realmente. Eu preciso estar dentro dela. Preciso dela pronta. Ela intervém, no entanto, tomando a decisão de parar a sua liberação. Me obrigando a deitar, ela se abaixa para cima de meu pau, gemendo quando eu descanso em seu interior.

Deus, ela é tão apertada. Ela é tão incrível. Toda vez, é uma surpresa. Toda vez, eu tenho que me recompor para que não venha a gozar tão cedo. Ela me cavalga lentamente, mas com força. É um tesão, os seios dela quicando, a testa franzida de esforço, os gemidos de prazer que escapam para fora da boca quando desliza para baixo. Sexy demais.

Mas isso não vai ser suficiente. Ela precisa de mim para penetrá-la. Minha garota gosta mais forte. Eu envolvo minhas mãos em torno de sua bunda e a seguro quieta para que eu possa penetrar nela do jeito que ela precisa.

– Você sempre tem que assumir o controle? – Ela não está reclamando.

Eu sorrio ligeiramente.

– Se você quer que nós dois gozemos, então sim.

Ela ri e isso faz com que sua vagina me aperte. Eu estremeço dentro dela. Estou perto. Ela está perto.

– E quem não iria gozar se eu ficasse no controle?

Será que ela ainda tem que perguntar?

– Você.

Eu empurro mais profundamente dentro dela, dobrando em direção ao ponto que parece sempre enviar Alayna ao êxtase. Isso funciona. Imediatamente ela está ofegante e cravando as unhas na minha pele quando explode com seu orgasmo. Nesta posição, posso ver claramente seu rosto. Ela é completamente transparente neste momento. Vejo tudo em sua expressão – seu amor, sua confiança, seu êxtase. É lindo.

Deus, o que eu não daria para merecê-la.

Termino depois dela. Então eu a beijo ao longo de seu pescoço e queixo e lábios. Quando me afasto, ela tem lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Alayna. O que é isso, preciosa?

Mas ela não responde, e, logo, suas lágrimas são soluços.

Ela me empurra e se atrapalha para sair da banheira. Estou bem atrás dela. Eu pego uma toalha e enrolo em torno dela.

– Alayna, fale comigo.

Mais uma vez, ela corre de mim.

Estou perplexo e preocupado. Eu não tenho ideia do que pode estar incomodando. Será que eu a machuquei? Foi algo que eu disse? Será que – eu me pergunto como sempre – ela sabe de alguma coisa?

Pior é que ela está correndo de mim. Quando acabamos de dizer que estávamos comprometidos um com o outro. Quando prometemos que não iríamos fazer mais isso. Será que esperei muito dela, e tão cedo?

Se assim for, ela tem que me dizer. Eu a sigo – eu sempre a sigo – e giro o corpo dela para mim.

– Fale comigo. O que foi?

Sua respiração é profunda, seu corpo inteiro tremendo com os soluços.

– Você. Realmente. Me machucou.

Suas palavras são entrecortadas, mas eu entendo tudo.

– Agora?

– Não. – Alayna tenta se acalmar o suficiente para falar. – Você realmente me machucou. Com Celia. Quando você acreditou nela. Ao invés de mim.

Há um peso no meu peito, esmagando contra o meu coração, tornando-se difícil respirar.

– Oh, Alayna. – Eu a puxo para mais perto. Saber que sou a causa de uma dor tão profunda me destrói. Queria poder arrancar isso tudo dela. – Me conte tudo, eu preciso ouvir.

Ela me conta. Tudo, em frases curtas e quebradas. Cada palavra parece outra faca enfiada através da minha própria pele.

– Dói, Hudson. Isso machuca muito. Mesmo que você esteja aqui. Agora. E nós estejamos juntos. Há um buraco. Um buraco profundo, profundo.

Eu não posso dizer o que quero dizer, a frase mágica que vai levar tudo embora. Então eu lhe digo o que posso.

– Sinto muito. Eu sinto muito. Se eu pudesse voltar atrás, se eu pudesse mudar a forma como reagi... eu teria escolhido de um jeito diferente.

– Eu sei. Eu sei. Mas você não escolheu de forma diferente. E você *não pode* voltar atrás. – Ela se endireita em meus braços. – Você nunca poderá voltar atrás.

– Não. Eu não posso.

Dentre todas as coisas que tenho feito na minha vida, elas nunca vão superar o peso deste erro.

– E isso muda as coisas. Isso me muda.

Eu tenho medo de perguntar, mas faço isso.

– Como?

– Me deixa vulnerável. Exposta. E você sabe agora. Que você pode me machucar. Pode me machucar muito.

– Alayna. – Eu a puxo de volta para mim. – Minha menina preciosa. Eu nunca quero te machucar novamente. Será que você vai ser capaz de... me perdoar?

Minha voz está grossa e irreconhecível, e percebo que também estou à beira de um colapso. Se isto tem o poder de machucá-la tanto, o que meu outro segredo faria com ela?

Se alguma vez me perguntei se nosso amor poderia sobreviver aos meus malfeitos, sei a resposta agora. Não vai. Alayna não vai sobreviver.

Talvez Celia tenha acertado seu diagnóstico o tempo todo. Alayna pode ser destruída.

Fico balançando minha mulher em meus braços, beijando-a, as desculpas sobre minha língua. Finalmente, eu a levo para a cama onde ela termina suas lágrimas envolta em meus braços.

Enquanto ela chora, penso como houve um breve espaço de tempo lá onde os lamentos tinham parado, onde minha mente estava quieta e minha pele não se arrepiava com arrependimentos. Eu iria cortar Celia da minha vida, e embora esperasse que ela não tivesse terminado comigo ainda, eu tinha começado o trabalho para garantir que isso acontecesse. No Japão, encontrei com GlamPlay e convenci-os a comprar ações da Werner Media. Eu até consegui a Plexis de volta.

Então, tinha voltado para casa para lutar por Alayna.

E tinha ganhado.

Nós tínhamos ganhado, pensei. Os nossos demônios não tinham se colocado entre nós. Nós ainda estávamos juntos. Ainda apaixonados.

Depois, no decurso de uma hora, percebi que não só minha mentira iria estar sempre à beira de ser descoberta, mas como era importante manter esse segredo enterrado. Embora eu sempre esperasse, agora eu sabia. A verdade iria nos destruir.

Quando Alayna fica mais calma, nós conversamos, começamos a consertar as coisas. Seguimos em frente.

Nós vamos ficar bem, eu sei disso. Não estou preocupado com o fato de que não possamos nos recuperar dos erros que cometemos. Aqueles conhecidos, de qualquer maneira. E eu juro mais uma vez nunca a deixar saber a verdade sobre como ela entrou no meu

mundo. É esta batalha que pode me matar, mas é melhor que seja eu do que ela.

Após as palavras serem ditas e as nossas dores confessadas, faço minhas promessas novamente para Alayna, em silêncio, com os meus lábios. Eu a beijo, a acaricio. Da cabeça aos dedos dos pés, não deixo nenhum espaço intocado. Minha boca adora cada polegada quadrada de sua pele, cada sarda, cada dedo, cada dedo do pé.

Eu encharco essa mulher com o amor que não sei falar. Eu reivindico seu corpo, sua vida, como sendo meus.

*

Fico batendo a minha caneta no rosto em ritmo acelerado, imerso em pensamentos. Faz realmente apenas cinco dias desde que voltei do Japão? Parece que uma vida toda aconteceu nesta semana.

– Se você comprar a GlamPlay sob qualquer uma de suas subsidiárias americanas, a imprensa vai ficar sabendo dessa informação e você não terá a cobertura que deseja. Hudson, você está ouvindo?

Eu paro minha caneta no meio do movimento e atiro meu olhar para Norma Anders. Ela está frustrada comigo. Com este projeto. Estou frustrado também. Mas seja o que for preciso, temos de fazer esta compra acontecer.

– Eu te ouvi. Por isso, precisamos encontrar uma maneira mais indireta para comprar a GlamPlay.

Eu trabalho o meu queixo enquanto tento chegar a uma solução para o nosso problema, mas meu cérebro não está funcionando. Passando a mão no meu rosto, deixo escapar um suspiro exasperado.

– Porra. Eu não sei. Você tem alguma sugestão?

– Eu não tenho certeza. – Ela balança a cabeça enquanto pensa. – Na verdade, tenho uma ideia... e se usarmos a Walden Inc. para adquirir a GlamPlay? As Indústrias Pierce ainda detêm o controle acionário lá, certo?

Quando meu pai assumiu a Walden Inc. para a família da minha mãe, ele deixou uma pequena parte da empresa fora da Pierce Corporation. Como uma rede de segurança, ele tinha dito. Ao longo dos anos, as Indústrias Pierce acabaram por ser a tábua de salvação para a Walden Inc., comprando ações e investindo quando a pequena empresa financeira precisava. Agora ela está de pé sozinha, embora as Indústrias Pierce sejam donas da maioria das ações. A ideia de Norma é boa. Se a Walden tiver recursos líquidos suficientes para pagar o preço – e estou certo de que tenha –, essa seria uma maneira de se mover sob o radar.

Walden Inc., no entanto, é a única empresa que meu pai ainda dirige ativamente. Qualquer aquisição terá que passar por ele.

Eu prefiro não envolver Jack. Mas se eu tiver que fazer isso...

– É a nossa única chance, não é?

– A única que eu possa pensar. Será que você terá dificuldades em convencer o seu pai?

Considerando como Jack se sente sobre Celia, tenho certeza de que não vai ser um problema.

– Não. Ele vai fazê-lo.

Aperto o botão do interfone para a minha secretária. Minha reunião com Norma foi cedo, mas durou tempo suficiente para Patrícia entrar agora.

– Sim, sr. Pierce?

– Eu preciso do meu pai na linha em cerca de quinze minutos, por favor.

– Sim, senhor.

– Tudo bem, então – digo para Norma. – Algo mais?

Norma risca uma nota no seu bloco, em seguida, olha para cima.

– Não que eu possa lembrar. Se tudo isto correr bem, teremos de estar em LA na próxima semana para as assinaturas finais. E não, eu não posso fazer isso por você. Você vai ter que estar presente.

– Ótimo. Obrigado.

Ela guarda o bloco em sua pasta e senta-se para a frente como se fosse ficar de pé. Mas ela faz uma pausa.

– Hudson, você está bem?

Eu não tenho que adivinhar por que ela está perguntando. Eu tenho estado mal-humorado e distraído nos últimos dias. As fontes do meu estresse podem ser divididas em duas coisas, ou pessoas, para ser mais preciso: Celia e Stacy.

A primeira está perseguindo Alayna. Tenho certeza de que é simplesmente uma tática do medo – Celia não vai fazer nada para prejudicar fisicamente a minha namorada, mas não vou correr nenhum risco. Este acordo com a GlamPlay deve terminar qualquer interação com Celia de uma vez por todas. Agora, se pudermos sobreviver até que os contratos sejam assinados...

Stacy, por outro lado, ainda é desconhecida. O vídeo que ela me enviou...

– Hudson – cutuca Norma. Eu a deixei esperando muito tempo pela minha resposta.

– Estou bem, só estou com um monte de coisas na cabeça, a subavaliação do ano.

Fico de pé, esperando que isso a estimule a fazer o mesmo. Tenho outras coisas a cuidar, começando com uma conversa franca com meu pai.

– Obrigado por se reunir comigo tão cedo. Eu aprecio todo o seu trabalho neste projeto.

Ela se levanta e acena com a cabeça para mim.

– Claro.

– Eu não preciso lembrá-la de que tudo isso deve permanecer confidencial, certo?

Manter essa compra em segredo é vital. Eu nem sequer contei a Alayna sobre esses planos. Eu não gostaria de alimentar suas esperanças, no caso de algo sair errado.

– Claro – diz Norma. – Oh, a propósito, eu queria agradecer-lhe pela contratação de Gwen.

Alayna havia contratado oficialmente a irmã mais nova de Norma para o Sky Launch na noite anterior.

– Eu não tenho nenhum crédito nisso. Agradeça a Alayna. – De repente, me lembro de algo que Alayna havia dito sobre sua nova gerente. – Norma, posso perguntar por que Gwenyth estava tão ansiosa para sair da Eighty-Eight Floor? Eu pensei que ela estivesse feliz lá.

Norma suspira.

– E estava. Longa história. Vamos dizer apenas que tinha um homem.

– Oh.

Eu dou um sorriso tenso para que ela saiba que não é preciso dizer mais nada.

– Mas sobre esse assunto, Gwen realmente gostaria de não ser encontrada. Você tem alguma sugestão de como podemos fazer isso acontecer?

Era quase reconfortante saber que eu não era o único a ter segredos.

– Vamos precisar pagar-lhe sob um número de previdência social alternativo. Isso é ilegal. – Faço uma pausa para me certificar de que ela está me seguindo. – Mas eu poderia dar um jeito nisso.

– Eu aprecio muito o que você puder fazer.

– Não tem problema.

Há poucas pessoas a quem eu faria esse tipo de oferta. Mas Norma tem estado comigo nos bons e maus momentos, e cuidou de mais de um negócio não tão legal assim enquanto trabalhamos juntos. Eu confio nela. Faço uma nota mental para colocar Jordan na tarefa.

São apenas alguns minutos depois da saída de Norma que Patricia coloca Jack na linha.

– Hudson. Que surpresa. É meu aniversário?

Seu charme nunca deu certo comigo. Não desde Celia, pelo menos.

Eu deveria apenas ignorar o seu jogo, mas, por alguma razão, não o fiz.

– Seu aniversário é em dezembro. Estamos em julho. Então, não.

Ele *zomba* através da linha.

– Sempre tão sério. Como diabos você pode ser meu filho?

– Ora, vamos. Nós sabemos que você é meu pai. A semelhança física é irrefutável. A

verdadeira questão é: quem mais diabos é seu filho?

Não tenho ideia de por que é tão bom agir como um cretino com Jack, mas o fato é que é.

Ele ri.

– Até agora, apenas três reclamaram isso. E pelo menos um deles provavelmente preferia não ser.

Houve rumores de que Chandler não é filho de Jack, mas ele está se referindo a mim.

Eu penso sobre isso por um momento. Será que eu realmente prefiro não ser filho de Jonathan Pierce? É uma pergunta difícil de responder e não uma que valesse a pena me debruçar sobre ela. Eu sou seu filho, para o bem ou para o mal. Com tudo o que eu tenho feito para continuar o seu legado e as Indústrias Pierce, eu gostaria de pensar que fiz mais do que minha parte. Mas agora que eu começo a ver o mundo de forma diferente através de Alayna, talvez haja mais que eu poderia ganhar com Jack. Algo não medido em ações e títulos.

De qualquer forma, não é assunto para hoje. O que eu preciso dele agora é muito mais tangível.

– Embora eu adorasse discutir os prós e contras de ser um Pierce, liguei por outro motivo – hesitei. É mais difícil pedir do que eu gostaria. É a única opção que tenho, então sigo diante. – Eu preciso de um favor.

– Ooh, isso é intrigante. – Há um rangido no fundo. Posso imaginá-lo na minha cabeça, sentando-se para trás na cadeira, com os pés cruzados sobre a mesa na frente dele. – Diga-me mais.

Por onde começo? Não há nenhum lugar ideal, então falo.

– Talvez não seja uma surpresa para você, mas tornou-se necessário remover Celia Werner da minha vida.

– Não me diga! – Ele engasgou com espanto zombeteiro. – Fico feliz que você tenha finalmente chegado à conclusão de que essa mulher é totalmente fodida.

É estranho que ainda exista uma parte de mim que quer defender Celia. Exceto por suas ações mais recentes, ela não tinha feito nada pior do que eu mesmo fizera. E, como sempre, posso justificar a maneira como ela se comporta comigo.

Estranho é que o meu pai, que eu nunca iria descrever como um cara intuitivo, parece adivinhar meus sentimentos.

– Ela não é como você, Hudson – diz ele. – Eu sei que você pensa que é, mas Celia é diferente. Ela quer machucar as pessoas. Você só quer entendê-las.

Fico atordoado com a sacada dele, mas tento esconder o choque na minha voz.

– Você está certo. Ela não é como eu. – É uma grande admissão, e eu poderia passar mais tempo tentando avaliar como me sinto sobre isso. Mas isso de fato não importa. – Celia vem

perseguindo Alayna.

– Porra. Você está brincando comigo? Jesus. – Ele xinga um pouco mais, coisas que não consigo entender direito, então pergunta: – E Laynie está bem?

Eu cerro os dentes.

– Está. Um pouco abalada, mas arrumei um guarda-costas para ela. Ela está segura.

– Graças a Deus.

Meu pai sempre teve uma queda por Alayna. É incômodo. Essa sua atração por ela é paternal ou pode ser algo mais? Mesmo que ele viesse até mim e contasse, eu provavelmente teria dificuldades em acreditar nele.

Mas é por causa de seu carinho por ela, e por causa de sua aversão por Celia, que sei que ele vai ajudar com o meu plano.

– Celia não infringiu a lei e conversar com ela não adiantou. Eu preciso de uma outra maneira de convencê-la a parar o seu jogo.

– E eu tenho certeza de que você tem uma ideia já em andamento. Pode me contar.

Da maneira mais sucinta possível, explico como eu já convenci a GlamPlay a comprar a Werner Media, e como, se combinado com as ações que já detenho, seria possível ter a maioria das ações na companhia de Warren.

– Se eu comprar a GlamPlay...

– Então você vai ser capaz de arrancar Warren para fora – meu pai completa.

– Certo. Eu não quero realmente assumir o controle da Werner Media, só quero ter o poder de fazê-lo. E desde que preciso que isso seja feito da maneira mais secreta, preciso comprar a GlamPlay sob uma entidade diferente.

– Você quer usar a Walden Inc. – Meu pai pega rapidamente. Eu não deveria estar surpreso. Foi ele quem me ensinou. – Claro. Diga-me o que fazer, e está feito.

Eu passo a maior parte da próxima hora elaborando o plano com Jack. Ele é mais inteligente do que me lembro, rápido para resolver os problemas que surgem durante a conversa. É... bom, na verdade. Um pouco como voltar para casa.

Antes de terminar, outra ideia me aparece.

– Alguém vai usar a casa neste final de semana?

– Nos Poconos? Eu não, Mira é a única que vai lá realmente, e ela anda tão ocupada com sua inauguração que não vai querer sair da cidade. Você está pensando em ir até lá?

– Sim. Acho que vou levar Alayna.

O estresse das últimas semanas está cobrando seu preço em mim. Nela também. Precisamos de algum tempo sozinhos.

– Boa ideia. Você precisa de uma chave? Eu posso lhe enviar a minha mais tarde.

Eu tenho uma em algum lugar, mas, em vez de tentar procurá-la, aceito na hora a oferta.

– Obrigado. Eu apreciaria. E papai. – Faço uma pausa, não sabendo direito como dizer o que mais quero falar. Finalmente, resolvo: – Obrigado por tudo o mais também.

Depois de desligar, olho para o telefone por longos minutos. Após os anos de tensão e ressentimento entre nós, eu me pergunto se nós acabamos de nos reconciliar. Deus, não há nada que Alayna não interfira em minha vida? Eu não estou reclamando.

Com toda a merda de Celia resolvida por ora, meus pensamentos se voltam para o outro peso em minha mente – Stacy. Eu tinha pedido a Jordan para encontrar suas informações de contato no dia depois que soube sobre o vídeo. Então, enviei um e-mail a ela. E liguei. Quando ela não respondeu, mandei outro e-mail e telefonei novamente. Todos os dias. Minhas mensagens foram, bem, ameaçadoras. Finalmente, ontem, ela me enviou o vídeo.

Hoje, eu ainda estou processando o que fazer com ele.

Viro-me para o meu computador e abro o arquivo. Eu assisti a esse vídeo várias vezes agora, mas sou obrigado a vê-lo novamente. É tanto pior e melhor do que eu pensei que poderia ser. Não é exatamente uma gravação de minhas conversas com Celia sobre Alayna, por exemplo. Mas o que ele mostra também é condenável, se uma pessoa juntar as peças.

Eu tento ver o filme da maneira que Alayna faria. Primeiro, ela ficaria magoada. Sou eu beijando Celia. Eu não gostaria de vê-la beijar outro homem, e se fosse alguém com quem eu soubesse que ela teve uma história – com David, por exemplo –, seria muito pior. Portanto, há uma razão pela qual ela nunca deve ver esse vídeo.

Depois, ela iria querer saber *por que* eu estava beijando Celia. Eu sempre disse que nunca tive um relacionamento romântico com ela. E não tive. Eu poderia dizer que menti antes, que Celia e eu realmente tínhamos um caso. Mas nunca fui um fã de mentiras, e isso é o que seria. Se lhe dissesse a verdade, que estava ajudando Celia com uma farsa, então Alayna iria pensar que eu ainda estava jogando na ocasião. Mesmo se ela entendesse que eu realmente não estava, Alayna não vai deixar de perceber que o vídeo foi feito fora do simpósio, onde a vi pela primeira vez. Ela saberá que Celia estava comigo naquela noite.

Quanto tempo vai levar para Alayna ir de Celia e de mim no simpósio para Celia e eu realizando um jogo com ela?

Novamente, isso é paranoico. Mas *eu* pularia para essa conclusão. Eu sou mais analítico, com certeza. Ainda assim, Alayna é inteligente. Não dá para deixar essa coisa passar batida por ela. É um risco que não posso correr.

Alayna nunca pode assistir a este vídeo. Tudo o que eu tenho que fazer será convencer Stacy a se livrar dele. Ele tem que ser destruído.

22

O bar no Lester é muito diferente do tipo que normalmente frequento. Há uma mesa de bilhar e dardos no canto de trás. Os fregueses usam jeans. Eu sou a única pessoa em um terno, sem falar que é um terno que custa provavelmente mais do que todo o faturamento do bar nesta noite. A música berra de antigos jukeboxes e são sucessos familiares dos anos 90. Eu prefiro uma banda ao vivo. Jazz ou um pianista seria bom. Mas eu não estou aqui para curtir o ambiente. Lester cumpre as duas exigências que tenho no momento, eles têm uma boa garrafa de uísque, e fica a apenas metade de um quarteirão de distância do meu loft. Eu vou estar bêbado quando sair daqui. Felizmente, a curta distância irá garantir que eu desmaie em meu próprio imóvel.

Balanço a cabeça para mim mesmo. Eu, bebendo para tentar encontrar conforto. É bastante cômico. E pensar que apenas ontem eu estava enrolado com Alayna nas montanhas, fazendo amor sob as estrelas, flertando com o tema do casamento. Hoje à noite, eu estou aqui. Que diferença um dia faz.

Eu soube que algo estava errado no momento em que entrei na cobertura. Encontrei-a lá fora, na varanda. Bêbada. Ah. Ela havia escolhido a garrafa como sua amiga também. Eu não tinha percebido a ironia disso até certo momento, quando pedi meu terceiro drinque nesta hora. Nós somos tão parecidos, ela e eu. E mesmo assim, diferentes. Ela cometeu erros com a gente, mas eu acredito plenamente que foram com a melhor das intenções. Eu posso defender minhas próprias escolhas erradas – e farei se for preciso – ainda que minhas desculpas de fato não tenham nenhum peso. Como eu poderia explicar um tal nível de mentiras?

Eu não tenho a resposta. É por isso que estou sentado aqui, sozinho, nesta porra deste bar. Eu não tenho as respostas.

Ela assistiu ao vídeo.

Eu tenho que dizer a mim mesmo, vezes e vezes sem conta, para me lembrar que isto não é o pesadelo do que aconteceria, mas é o fato real. Alayna viu o vídeo. E pior, ela sabe também até onde eu fui para que ela não o visse. Eu praticamente subornei Stacy para se livrar dele. Eu menti para Alayna. Menti na cara dura. Eu pensei que tinha coberto todos os pontos, que ela nunca iria descobrir. Eu estava errado.

Deus, eu estava errado...

E não estava preparado.

Eu geralmente sou bom em improviso. A preparação não é obrigatória. Mas eu não tinha palavras para Alayna. Trechos de nossa conversa se repetem sem parar na minha mente. *As aparências enganam,* eu disse a ela. *E não estou admitindo nada. Você não descobriu nada.*

Porra, eu sou um idiota. O que mais eu poderia ter dito? Nada. *Não tenho respostas,* eu disse. *O assunto está encerrado.*

E então... Jesus, eu me encolho quando me lembro disto... Eu *a* culpei pela falta de confiança. Já mencionei que sou um idiota? Pior do que isso. Eu sou uma pessoa horrível. Disposto a jogá-la sob o ônibus para esconder o que fiz para nós. O que ainda estou fazendo para nós.

O barman verifica se quero mais. Eu trago o último gole.

– Outro – digo.

Eu fico olhando atordoado para o espelho atrás das garrafas. O reflexo que me encara se parece com a porra da morte. O que Alayna viu mesmo em mim? Como é que ela não me vê como a criatura vil que eu sou? Eu não a culpo por me pressionar ainda mais esta noite. Eu faria a mesma coisa se os papéis fossem invertidos. Porque é evidente que eu estou escondendo alguma coisa. Estou escondendo tudo. Eu não posso nem mesmo dizer-lhe como me sinto sobre ela, porque está tudo enredado nesta mentira. Estou me afogando nesta farsa, e não sei como conseguir respirar.

Eu fiz a única coisa que poderia fazer. Pedi um tempo.

A porra de um tempo.

O que eu devo fazer com isso? Por acaso eu acho que esse tempo longe dela vai me fazer voltar com uma mentira maior e melhor? Ou isso vai me dar coragem para esclarecer tudo de uma vez? Ou estou torcendo para que essa pausa irá fazê-la esquecer todas as suas perguntas? Eu rio em voz alta com o absurdo.

– Algo engraçado?

A pergunta vem da mulher no banco à minha direita. Eu não tinha notado a mulher entrar. Eu mal noto agora.

– Uma piada interna – respondo, com desdém.

Isso é estúpido. Eu sei que responder, mesmo o mínimo, só incentiva mais conversa.

Estou correto em minha suposição.

– Me fale sobre isso, querido. Lola tem um bom ouvido.

Ela refere-se a si mesma na terceira pessoa. Eu reviro os olhos.

– Vamos lá, querido. Você não estaria aqui se não quisesse falar com alguém.

Eu bufo – o álcool está definitivamente em vigor.

– Eu estou aqui porque quero encher a cara.

– Mas isso não é tudo. Caso contrário, você estaria bebendo sozinho em algum outro

lugar.

Eu olho para ela agora. Ela é mais velha do que eu, quarenta anos, acho. Não é feia. Seus cabelos, unhas e peitos são falsos. A saia é muito curta, mas ela tem pernas bonitas.

O barman retorna com a minha bebida, e Lola faz seu pedido. Posso dizer que a mulher está esperando que eu vá pagar por ela. Até penso nisso. Não porque esteja a fim de deitar com ela – mesmo se ela fosse a supermodelo mais quente, eu não iria transar com ela. Estou com Alayna. Mesmo dando um tempo, nunca seria infiel. Além disso, ninguém mais faz isso por mim. A única mulher que me excita é aquela que deixei em lágrimas no meu apartamento de cobertura. Eu parti a porra de seu coração. Quando prometi a mim mesmo que nunca faria isso. Quando eu disse a ela que nunca iria embora. Eu fui.

Me sinto uma merda. E é por isso que considero pagar a bebida dela. Ela é aberta, confia – seria fácil jogar com ela. As coisas que eu poderia fazê-la acreditar, as coisas que eu poderia levá-la a fazer... um milhão de diferentes cenários começa a se formar na minha cabeça.

Em seguida, eles param.

O jogo não vai resolver nada. Será uma dose rápida, e depois? Então eu vou ser ainda menos digno de Alayna do que sou agora. Não posso lutar contra meus demônios com meus próprios demônios. Não é a solução que estou procurando.

Então engulo a minha bebida e fecho a conta.

Sigo cambaleando de volta para o loft e me espalho no sofá. Não me permito dormir na minha cama. Eu não mereço ficar confortável. Não mereço estar onde ela esteve. Eu não mereço Alayna.

Acordo no dia seguinte com a boca seca e uma porra de dor de cabeça. É um lembrete instantâneo da situação miserável em que me coloquei. Depois de mensagens de texto para minha secretária, pedindo para reprogramar todos os meus compromissos do dia, permito-me um copo de água, mas não vou tomar analgésicos. Eu mereço este desconforto, e não vou me afastar dele.

Quando meu telefone vibra, verifico imediatamente, esperando que seja Alayna. Não é, e decido fingir que não estou decepcionado. É importante, porém, uma mensagem de texto de Norma me pedindo para ligar para ela. Ela sabe que não deve me escrever nada incriminatório. Norma também sabe ser cuidadosa com seus telefonemas. Se ela está me escrevendo, é porque precisa de mim.

Ela nem sequer diz olá quando ligo para ela.

– Você não está em seu escritório.

– Não. Estou trabalhando do meu loft hoje. – Olho e me sinto uma merda. Eu não deveria ver as pessoas. – O que você precisa?

– Stuart Reed está com dúvidas.

Stuart é nosso homem na GlamPlay. Eu não preciso disso. Hoje não.

– Você explicou que Walden Inc. ainda sou eu?

– Ele não está com dúvidas sobre isso. Eles estão prontos para vender para você, não importa qual empresa você esteja comprando. Só está tendo dúvidas sobre a compra da Werner Media. Seus últimos preços das ações não foram tão elevados como previsto.

– Com a mudança na economia, esses preços foram incríveis. O que esse porra do Reed espera? – Corro a mão pelo meu cabelo. – Sabe de uma coisa? Eu não dou a mínima para suas dúvidas. Nós vamos terminar a compra da GlamPlay primeiro, e então ele não terá escolha sobre o assunto.

– Irritar Stuart Reed não é uma boa ideia. – Norma está calma e razoável. – Claro, você terá plenos poderes para fazer o que quiser quando possuir a empresa, mas será muito mais fácil se Stuart estiver do seu lado.

Eu me inclino contra as janelas amplas que se abrem sobre a cidade e me lembro por que não é uma boa ideia passar meu punho através delas.

– O que você sugere que eu faça, então, Norma?

– Você precisa aliviar algumas das preocupações dele. Eu não acho que vai demorar muito. Uma conversa amigável fora do escritório. – Há uma voz no fundo. Masculina. Fico chateado com que ela esteja falando sobre isso na frente de alguém, mas confio em Norma.

É porque eu confio nela que lhe dou o benefício da dúvida.

– Você tem um plano para organizar essa conversa amigável? – Nós estamos correndo contra o tempo neste negócio.

– Eu não teria ligado se não o tivesse. – Seu sorriso triunfante pode ser ouvido através do telefone. – Stuart estará no baile de caridade Breezeway esta noite. Nós dois vamos juntos, você e eu.

– No baile Breezeway? Me diga como você pretende me fazer chegar lá.

O presidente do conselho de administração da Breezeway, Alan Fleming, não é um fã de Hudson Pierce. Eu tinha enganado sua irmã no início da minha história do jogo, antes de ter aprendido que o experimento seria melhor realizado longe do meu trabalho e de casa. Não pela primeira vez, eu me pergunto agora se o meu passado nunca vai me deixar livre.

– Alan não vai estar lá. E o nome na lista de convidados é o meu. Então nós vamos ter que ir juntos. Vamos bem tarde, e não ficaremos muito tempo. Venha buscar-me às oito.

O plano parece terrível, mas apenas porque a última coisa que eu quero fazer hoje é vestir um smoking e tagarelar. Mas é necessário. E o que mais estou pensando em fazer com a noite? Outra noite de bebedeira não parece algo muito produtivo. Consigo dizer *obrigado* antes de desligar.

Outra mensagem de texto chega antes de eu poder descartar o telefone. Desta vez é de Alayna. Três palavras, uma simples solicitação: *Venha para casa.*

Vou para uma poltrona onde caio e volto a olhar para a tela, lendo a mensagem vezes sem conta. Ela ainda me quer. Minha garganta se aperta com esse fato, e preciso de toda a minha força de vontade para não saltar ao carro e obedecer. Mas onde estaríamos então? Nada mudou. Nós ainda estamos em um impasse. E eu não estou pronto para fazer o que acho que acabará por ser o meu único curso de ação.

Eu ainda estou sentado lá quando seu próximo texto vem.

Você está me evitando agora?

Escrevo e apago a minha resposta várias vezes. Eu não tenho nenhuma resposta. Ela manda mais textos:

O mínimo que você pode fazer é falar comigo.

Você disse que eu era tudo para você.

Fale comigo.

Eu não vou perguntar sobre isso se não quiser.

Isso não é justo. Não deveria ser eu a estar com raiva?

Cada nova mensagem me apunhala no peito, arranca minhas entranhas. Eu já lhe causei tanta dor, mas sei que isso não é nada comparado com a dor da verdade. O que eu faço? Deixá-la sofrer assim ou confessar o que provavelmente vai destruí-la? Talvez eu devesse simplesmente ir embora. Romper com tudo e partir seu coração. Isso vai me matar, eu sei. Estou começando a ver que não há nada que vá nos salvar. Logo, eu vou ter que escolher o que é melhor para ela e esquecer de mim.

Mas não hoje. Eu ainda não posso. Eu não estou preparado.

Eu envio a ela um texto, porque eu a amo, e não posso suportar deixá-la pendurada por mais tempo.

Eu não estou com raiva. E nem estou evitando você. É que não sei o que dizer.

Eu não sei o que dizer. Quanto de verdade há nisso? É tão verdade.

Não diga nada. Apenas volte para casa.

Eu engasgo com uma risada cáustica. Pela segunda vez em vinte e quatro horas, entrei numa conversa quando não deveria ter entrado. Agora eu tenho que cair fora, repetindo as palavras que ela não pode entender.

Eu não posso. Ainda não. Precisamos de tempo.

Eu não preciso de tempo. Eu preciso de você.

Porra, como preciso dela. Ela não tem ideia.

Conversamos depois.

Você não entende. Eu tenho que falar agora. Vou continuar mandando essas mensagens de

texto. Não tenho como evitar.

E vou ler cada uma.

Mas ela não envia nada depois disso, e fico desapontado. Mais do que isso, decepcionado. Estou despedaçado. Suas palavras foram breves e me ajudaram a me manter à tona. Sua ausência do meu telefone me preocupa. Aconteceu alguma coisa? E penso no pior – que sua vida pode continuar sem mim. Minha vida, por outro lado, está paralisada.

Vejo com Jordan que Alayna o convenceu a se juntar a ela para uma corrida. Eu a tinha proibido de correr ao ar livre, preocupado com Celia e sua perseguição. Ela está desafiando os meus desejos – posso culpá-la? Mas, pelo menos, ela levou seu guarda-costas. Pelo menos, ela ainda se preocupa o suficiente comigo para manter suas promessas. Se ao menos houvesse uma maneira de eu me comprometer com ela. Eu daria qualquer coisa que ela quisesse, contaria todos os segredos do meu passado, derrubaria cada última parede de pé, contanto que Alayna pudesse me dizer que nunca me deixaria. Que ela não iria desistir de nós.

E ela diria que não, que prometeria ficar comigo para sempre.

Mas não vou deixá-la fazer essa promessa. Se ela descobrir o que eu fiz, ela não seria capaz de mantê-la.

*

Meu telefone toca no meio da noite. Em um estado meio acordado, eu alcanço a mesa de café onde eu o tinha deixado antes de me esparramar no sofá. Então paro. É provavelmente Alayna – e Deus, como eu quero que seja ela –, mas não tenho a força para lhe negar qualquer coisa. Não nessa hora da noite, quando a quero tão desesperadamente que vou dizer e fazer qualquer coisa para tê-la.

Sento-me e esfrego minhas mãos sobre o rosto. Estou acordado agora. Na verdade, estou surpreso que dormi. Olho a hora, quase três. Acho que dormi mais do que pensei. Eu tinha começado a dormir por volta da meia-noite. Como disse que iria, fui ao baile de caridade com Norma e ainda consegui conversar com Stuart Reed. Eu acho que fiz o meu trabalho de convencê-lo de que Werner Media seria um bom investimento, mas antes que tivesse a chance de confirmar, recebi uma mensagem de texto de Reynold, o segundo guarda-costas de Alayna, dizendo-me que não apenas Celia estava no Sky Launch, mas que Alayna tinha dado folga a ele naquela noite.

Nem preciso dizer que fiquei furioso. E preocupado demais.

Peguei Norma, e saímos para o clube. Inseguro como era dirigir sob coação emocional e ainda falar ao telefone, liguei para Alayna de qualquer maneira. Eu a mantive no telefone

até que cheguei à calçada do lado de fora. Com meus próprios olhos, vi Celia indo embora. Alayna estava a salvo, graças a Deus. Mas ela tinha me visto – com Norma, vestidos para uma noitada.

Como eu sempre consigo me cavar um buraco mais fundo? Claro, é por isso que ela quer falar comigo. Eu deveria explicar. O negócio está tão perto de vir a ser concretizado, talvez isso fosse uma coisa que posso compartilhar com Alayna. Mas se Celia grampeou Alayna... Eu não posso me arriscar que Celia descubra sobre isso antes que aconteça.

Então terei que manter isso em silêncio também.

Meu telefone começa a tocar novamente, e preciso de toda a força de vontade para não lançá-lo do outro lado da sala. Possivelmente, a única coisa que me impede é perceber que a tela não está piscando o nome de Alayna; está piscando Adam.

Meu coração está em minha garganta quando respondo.

– Adam? – Não espero que ele responda. – O que aconteceu? É Mirabelle?

– Ela está tendo contrações – diz ele. – Estamos em Lennox Hill.

– O bebê?

É muito familiar, esta dor do desconhecimento. Um ser frágil, que eu ainda não conheci, mas que me importa tanto. E tem Mirabelle... isso não pode acontecer. Eu não posso suportar se isso acontecer. Não com ela.

A voz de Adam está apertada.

– Nós não sabemos ainda. Deus, não sabemos nada ainda.

– Eu estarei lá.

Desligo e não penso duas vezes antes de enviar uma mensagem de texto a Jordan. Então, pressiono o número de cima na minha lista de discagem rápida.

– Alayna. Eu preciso de você.

– O que foi? – Três palavras curtas, mas o seu amor e carinho são evidentes.

– Mira. No Hospital. O bebê... – Engasgo, incapaz de dizer mais alguma coisa.

– Eu estarei lá.

– Jordan está indo buscá-la.

Fico segurando o telefone no meu peito durante vários minutos depois que ela desliga. Talvez seja isto o mais próximo que vou conseguir ficar perto dela nesta noite, por isso me importo tanto.

No hospital, Adam avisa que Mirabelle foi levada para a enfermaria de obstetrícia, mas eu espero por Alayna antes de ir lá em cima. Não consigo ver minha irmã assim. Estou fraco. Estou uma bagunça. Eu preciso da minha força.

Então, aí está – a minha força. Alayna entra vestindo calça de ioga e uma camiseta, e ela está mais bonita do que jamais a vi antes. Minha pulsação diminui ainda que levemente, e o

ar parece finalmente se mover através de meus pulmões melhor do que estava, apenas um momento antes. Ela faz isso para mim. Ela dá e dá, sem saber, mesmo quando eu me distancio dela. Mesmo quando a feri, Alayna está aqui para me reparar.

A verdade da minha situação está começando a criar raízes dentro de mim. Tudo nela é luz. Não posso continuar a mantê-la na escuridão para sempre.

Quando ela me alcança, vamos para o elevador e conto a ela tudo que sei. Quando Alayna estende a mão para mim, eu a tomo. Não deveria ter feito isso. A última coisa que eu quero fazer é complicar as coisas para ela. Mas não consigo ficar *sem* tocá-la por mais tempo. Eu a seguro enquanto posso, antes de a sensação de sua pele contra a minha me fazer querer mais dela, tudo dela. Então solto a mão de Alayna, e me proíbo de receber o conforto de seu toque novamente.

Antes de chegarmos ao andar de Mirabelle, já rompi esse acordo. Passo o polegar pelo rosto dela. É um hábito, percebo, de segurar e acariciá-la. Eu tenho que tentar mais.

Nós encontramos o resto da família rapidamente. Meus pais, Chandler e Adam estão todos esperando do lado de fora do quarto de Mirabelle. Fico tenso. São muitas lembranças da última vez que vim a um hospital para ver uma mulher na maternidade. Felizmente, a história desta vez é muito diferente. Adam nos assegura que Mirabelle – e o bebê – está muito bem. Por agora. Ela ficou desidratada, só isso.

Eu quero matar minha irmã. Ela me fez correr para o hospital morrendo de medo porque não se preocupou em andar com uma porra de uma garrafa de água?

Mas é claro que eu realmente não quero matá-la. Estou aliviado. Estou muito aliviado. E tenho que acreditar que existe algum tipo de justiça neste mundo, algum tipo de poder mais alto que reconhece a bondade da mulher que sou afortunado o suficiente para poder chamar de minha irmã. Embora muitas das mulheres em minha vida pareçam ser amaldiçoadas por me amar, Mirabelle parece ter permanecido incólume. Fico um momento em silêncio em sinal de gratidão, agradecendo a quem ou o quê a poupou.

Meus olhos piscam para Alayna. Agora, a quem eu tenho que rezar a fim de salvá-la?

23

Liguei para Adam para saber como está Mirabelle cinco vezes nos últimos dois dias, e mandei mensagens ainda com mais frequência. Claro, eu sempre me preocupei com ela, mas a separação de Alayna me deixa mais ansioso em geral. Uma vez que ainda não consigo encontrar as palavras que ela precisa ouvir, tento evitar todos os pensamentos em relação a ela. É impossível, mas vou tentar de qualquer maneira, jogando minha energia na preparação para minha viagem esta tarde para concluir o negócio com a GlamPlay e me preocupar com Mirabelle.

Acabei de me sentar à minha mesa depois do almoço com uma xícara de café preto quando Patricia me interfona.

– Mirabelle Sitkin na linha.

Parece que minha irmã me venceu nos telefonemas hoje.

– Pode passar. – Tomo um grande gole de meu café, deixando o telefone tocar três vezes antes de pegá-lo. Eu não estou dormindo bem, e minha cafeína da manhã já parecia ter desaparecido. – Mirabelle, não seria eu que deveria estar ligando para saber como você está?

– É exatamente por isso que estou ligando. – Sua voz é leve e borbulhante. – Adam diz que você o está assediando.

– *Assediando?* Essa é uma descrição meio grosseira para uma preocupação fraternal.

– E eu adoro a preocupação. Eu realmente adoro. – Ela deixa escapar um suspiro. – Mas entre você e mamãe e papai e Adam... Eu acho que um texto amigável uma vez por dia vai ser o suficiente.

Recosto-me na minha cadeira e giro para frente e para trás enquanto falo.

– Bem, se você me deixasse contratar uma enfermeira para ficar com você o tempo todo, eu não precisaria ficar checando toda hora.

– Hudson, eu não preciso de uma enfermeira. Sou casada com um médico. Lembra-se?

Eu dou de ombros, embora ela não possa vê-lo.

– E você estava casada com um médico quando foi internada no hospital há três dias. Isso, obviamente, não é o suficiente.

– Oh, meu Deus. Você está falando sério?

– Muito. – Paro meu giro e me inclino sobre a mesa. – Mas se você diz que está bem e me prometer que está bebendo líquidos e descansando...

– Estou!

– Então eu vou concordar com uma chamada e um texto por dia.

Esta é uma concessão difícil para mim. Eu belisco a ponte do meu nariz enquanto me obrigo a aceitar. Além disso, raciocino comigo mesmo, eu tenho que voar para Los Angeles para as reuniões no fim de semana, e provavelmente não terei tempo para mais nada.

– Fechado – Mirabelle concorda. – Estou contente que chegamos a um acordo. Mas não é realmente por isso que estou ligando.

– Oh...

E agora me lembro por que fiz todas essas checagens com meu cunhado. Eu estava com medo da conversa que tenho certeza de que minha irmã está prestes a embarcar.

– Não. Você e Laynie...

É esse o jeito dela, de deixar a frase em branco e querendo que eu preencha os espaços, em vez de me perguntar de uma vez. Mas eu sei que, se não responder do jeito que ela quer, ela vai se tornar mais direta. Não estou surpreso de Mira estar me perguntando. Ela notou que estávamos... *tensos*... quando a visitamos no hospital. Ela até mesmo mandou Alayna e eu para fora do quarto para consertar o que estivesse errado. O tempo a sós com Alayna foi difícil. Ainda abalados pela causa da nossa visita de emergência, o abismo entre nós parecia tão inconsequente. Mas, é claro, não é. E embora eu não quisesse fazer outra coisa que não puxá-la em meus braços e confessar todos os meus segredos, incluindo o quanto eu a amo, não fiz isso.

Pelo amor de Mirabelle, concordamos em pôr de lado nossas questões e colocar uma cara feliz. Parecia que a minha irmã tinha comprado a farsa. Ela convenceu Alayna disso, de qualquer maneira. Mas eu sabia. Mirabelle tem um talento especial para ler as pessoas. Ela tem um talento especial para ler *a mim*. Eu nunca fui capaz de enganá-la.

Então, nem começo a pensar que posso enganá-la agora.

– Eu fodi tudo, Mirabelle.

Isso resume tudo.

– O que você fez?

Sua voz é baixa e tensa, e eu momentaneamente lamento ter falado alguma coisa. Não porque não esteja disposto a compartilhar, mas porque estou preocupado em deixar minha irmã nervosa.

Mas agora já foi. Eu não tenho que dizer tudo, mas tenho que dizer alguma coisa.

– Eu menti para ela.

– E ela descobriu?

Mira não pede os detalhes da minha mentira, o que eu aprecio.

– Sim. Ela descobriu. Mas há mais que eu não disse a ela, mais coisas que preciso dizer.

Estou surpreso por estar despejando a minha alma tão facilmente. E isso é bom. Tudo

aquilo acumulado, acho que estive desesperado para falar com alguém. Uma vez que nunca iniciei uma conversa, sou grato que de repente Mirabelle fizesse isso.

– Tudo bem. – Ela respira fundo o suficiente que posso ouvi-la através da linha. – Então, você precisa contar a ela, mas não fez isso.

– Não.

– Porque você tem medo de... O quê?

– Perdê-la.

Só pronunciar a palavra deixa a minha garganta apertada.

– Mas você não vai saber, a menos que conte a ela. Fará isso?

Essa é a pergunta da década. Da minha vida inteira, na verdade. Já se passaram quatro dias desde que declarei que precisava de tempo. Quatro noites que não me enterro dentro dela, não sinto o aperto de Alayna em torno de mim, não caio no sono ao som de sua respiração ritmada. Quatro dias e noites, e me parece uma eternidade. E eu ainda não sei o que devo fazer.

E percebo que o tempo não vai me dar nenhuma resposta. Não será longe de Alayna que vou encontrar a força para fazer essa escolha.

Fico em silêncio por muito tempo. Mirabelle diz:

– Seu silêncio me leva a crer que você não vai fazer isso.

Sua decepção é pesada em seu tom de voz.

– Não é verdade. Meu silêncio é apenas um produto de não ter uma resposta.

– Muito bem, então. – Minha irmã faz uma pausa, e posso senti-la querendo dizer mais. Finalmente, continua: – Você quer meu conselho?

– Se eu disser que não, você vai respeitar minha decisão?

– Provavelmente, não. – E pensa um pouco. – Definitivamente, não.

– Então, por favor, vá em frente.

Lanço um olhar para o meu armário de bebidas, perguntando se é muito cedo para "batizar" meu café.

– Não vou perguntar o que você está escondendo dela. – Mirabelle está andando, tenho certeza disso. Ela gosta de caminhar, enquanto faz suas palestras. – Se é algo que você não quer dizer a ela, eu tenho certeza que não é algo que queira me dizer. Mas, eu sei que você poderia me dizer qualquer coisa, e ainda assim eu te amaria. E não apenas porque sou sua irmã. E apesar de ser difícil de admitir isso, eu meio que tenho a sensação de que Laynie te ama ainda mais do que eu. Ela escolheu você. Entre todos os caras que ela poderia amar ou que poderiam amá-la, ela escolheu *você,* Hudson. Eu tenho que acreditar que ela vê essa coisa em você também. Aquela coisa que você acha que não existe. Aquela coisa que faz com que todo o seu mau comportamento valha a pena. E se ela vê isso, se ela ama você,

tanto quanto acho que ela ama? Então não acho que exista alguma coisa que possa ser dita que fará perdê-la. Mesmo que seja o segredo mais horrível de todos os tempos.

– Mesmo que seja a pior traição que se possa imaginar?

Seu sentimento é bonito. Mas é ingênuo.

Mirabelle faz uma pausa, e eu sei que ela está se preparando para mais um de seus discursos na linha do felizes-para-sempre. Pela primeira vez, minha irmã me surpreende.

– Eu já te contei que traí Adam?

– Uh, não.

Estou esperando que ela não me conte agora.

– Muito tempo atrás. Antes mesmo de ficarmos noivos. Eu dormi com outro cara.

Estou chocado. Mirabelle tem sido sempre a imagem de lealdade e compromisso.

– Eu não sei se quero ouvir isso.

Ela segue em frente assim mesmo.

– Fui uma idiota. Mas foi realmente uma merda. Quero dizer, ele conhecia o cara. Eles foram companheiros de quarto na universidade. E nós estávamos namorando a sério na época, Adam e eu. Eu só... não sei. Foi estúpido. Eu fiz uma coisa estúpida. E por motivos estúpidos também. Eu queria chamar a atenção de Adam. Você pode acreditar nisso? Bem, com certeza chamou sua atenção. Além disso, quase perdi o amor da minha vida.

– Mirabelle...

Não sei bem o que dizer.

– Não, não, está tudo bem agora. O que eu quero dizer é que a fidelidade é importante em qualquer relacionamento, mas ainda mais para Adam, porque sua namorada anterior o tinha enganado, e, bem, isso é uma outra história. Seja como for... – Minha irmã bufa no receptor. – A tapeação é a traição final para ele. E nós resolvemos as coisas. Não foi fácil, mas aqui estamos nós, hoje. Então, sim, eu acredito que o perdão acontece. Mesmo na família Pierce.

Eu ainda estou atordoado. E também não estou convencido de que a minha situação com Alayna seja um pouco parecida com a de Mirabelle. Por um lado, qualquer pessoa que não reconheça que a minha irmã é a melhor coisa da vida de alguém é louco, não importam seus pecados. Mas fico comovido por sua confissão.

– Obrigado por me contar. Isso dá alguma perspectiva.

– Hudson, não basta sorrir e acenar com a cabeça e, em seguida, descartar tudo o que estou dizendo. – *Deus, ela me conhece muito bem*. – Porque tem mais. Mentiras como aquelas? Elas crescem. Crescem entre vocês como grandes buracos negros. Muito em breve vocês não vão conseguir se ver através da escuridão. E essa parte de você que Laynie ama? Ela não será capaz de encontrá-lo mais, através da nuvem. Em outras palavras, você pode

dizer-lhe a verdade e dar-lhe a chance de provar que ela te ama de qualquer maneira. Ou pode deixar a mentira crescer até que Laynie o abandone, porque não o conhecerá mais. Pode ser que só eu pense assim, mas acho que você tem uma aposta melhor com a verdade.

Vinte minutos depois que desliguei, suas palavras ainda estão enraizadas na minha cabeça, agarrando-se à minha consciência como bolor na fruta estragada. Não consigo me concentrar em qualquer outra coisa. Eu li o mesmo e-mail de Stuart Reed três vezes agora e ainda não entendi nada dele. Quando vejo que ele copiou Norma, desisto. Se é importante, ela vai me explicar durante o voo.

Pensando em meu voo... Eu deveria dizer a Alayna que estou saindo da cidade. Eu pego meu celular e começo a digitar uma mensagem de texto. Então, deleto. Parece que não consigo nem escrever algo tão simples como: *Bem, estarei em Los Angeles durante o final de semana*. Ela vai querer saber mais, ela merece saber mais e, mais uma vez, não posso lhe contar.

Em vez disso, mando uma mensagem para Jordan:

Checando, como está Alayna hoje?

Ele responde rapidamente:

Como assim? Ela não está com você?

Estou alarmado com esta resposta o suficiente para chamá-lo diretamente.

– Por que ela estaria comigo?

Jordan parece realmente confuso.

– Eu a deixei cerca de vinte minutos atrás. Ela disse que estava subindo para surpreendê-lo.

Teria sido uma agradável surpresa.

– Bem, ela não está aqui.

– Tem que estar em algum lugar no edifício – Jordan insiste. – Eu estive sentado na frente do prédio o tempo todo.

Existem outras saídas para fora deste prédio, mas seria difícil para Alayna chegar até elas. É possível que ela tenha despistado Jordan, mas, por alguma razão, não acredito que seja esse seu plano.

– Fique na linha enquanto verifico o loft.

Talvez tenha feito planos para me surpreender. Nua na minha cama no andar de cima. Espero que sim.

Enquanto tomo o elevador privativo até meus aposentos, questiono Jordan ainda mais.

– Você deveria avisar sempre que ela fosse em qualquer lugar. Por que não me avisou quando chegou aqui?

– Ela me pediu para lhe dar alguns minutos. Depois disso, achei que já estivessem juntos.

– Jordan está tão ansioso quanto eu. – Quer que eu vá para cima?

– Não. Fique lá fora. Vigie as portas.

Estou no loft agora. Mesmo sem verificar o quarto e o banheiro, eu sei que ela não está aqui. O quarto parece como o de sempre. Eu sentiria se Alayna estivesse aqui.

Deus, estou começando a falar como Mirabelle.

– Ela não está aqui – digo a Jordan. E agora estou totalmente preocupado. – Vou verificar as câmeras ao vivo. Entre em contato com a segurança e mande-os rever as gravações da última meia hora. Veja se podemos localizá-la.

Desligo o telefone e volto para baixo pelo elevador. Após verificar se minha secretária a viu, volto para minha sala. O armário no canto abriga um gabinete de mídia privada. Aqui, eu tenho um sistema criado para duplicar todas as câmeras da mesa de segurança. Estas não gravam qualquer coisa, exceto as câmeras ao redor de meu escritório. Uma verificação rápida através dos principais corredores e elevadores não mostram Alayna. Não esperando encontrar nada nas gravações – afinal de contas, ela estaria aqui se tivesse vindo ao meu andar –, volto para verificar quadro a quadro, de qualquer maneira.

Então, eu a vejo. Saindo do elevador fora do meu escritório. Em vez de entrar, porém, ela se lança no corredor, longe de mim, e na direção...

Meu telefone toca. É Jordan.

– Nós a encontramos em seu andar – diz ele. – Parece que ela foi a outro escritório. Uh, recebendo o nome agora. É de...

– Norma Anders. – Termino a frase para ele. Eu não deveria estar surpreso. Na verdade, não estou. Eu também estou meio orgulhoso. E muito irritado. – Ela ainda está lá?

– Não há nenhum sinal de que tenha ido embora.

– Obrigado, Jordan. Eu vou cuidar disso daqui.

Coloco o telefone no bolso e fico matutando sobre este novo desenvolvimento enquanto saio para o corredor. O que diabos Alayna espera conseguir com Norma? Eu confio em Norma, ela não vai abrir nenhum segredo sobre o nosso próximo negócio. Mas Alayna não sabe disso. Ela está tentando descobrir algo sobre a GlamPlay e a Werner Media? Não, ela não pode sequer saber o suficiente para perguntar. Então está aqui para algo relacionado a Gwenyth? Ou ela ainda está com ciúmes de meu relacionamento com minha gerente financeira?

Maldição, por que Alayna simplesmente não confia em mim?

E daí que a sua confiança não se justifica? Eu quero isso mesmo assim. Especialmente quando os meus segredos são principalmente para protegê-la.

E ficar se esgueirando para conversar com membros da minha equipe não é a maneira de ajudar o nosso relacionamento. Isso pode ser um caso do roto falando do esfarrapado, mas

sei que dois erros não fazem um acerto. Ela não deveria estar aqui. Ela precisa parar de pressionar, sempre pressionando.

Até o momento em que ela aparece em meu corredor, estou fervendo. Ela segue na ponta dos pés ao longo do caminho até o elevador, os olhos fixos no meu escritório. Certo, ela é adorável. Minha fúria desce alguns graus. Ou vários.

Ela não me nota, mesmo quando está quase em cima de mim, então pula quando digo:

– Alayna.

Ela olha para mim com seus olhos de corça – e lá está, a luz que eu amo, sorrindo para mim com o carinho e o desejo que me acostumei a ver em seu olhar.

É louco demais que, no meio da minha frustração, tudo o que eu quero fazer é cair aos pés dessa mulher e adorar a sua existência? Minha vida sem ela tem sido tão escura, tão lúgubre. Ela não é só a minha luz; ela é meu sol. Meu mundo gira em torno dela.

Mas agora, ela está em apuros. E estou a ponto de deixá-la saber.

Eu envolvo meu braço em torno dela, sua pele me aquecendo através do meu terno.

– Vamos conversar em particular, não é?

Eu a levo para o meu escritório. Digo a Patricia para segurar as minhas chamadas. Então, fecho e tranco a porta atrás de nós.

Trancar a porta não era realmente necessário. Eu não tenho certeza se fiz isso para assustá-la ou para tentar a mim mesmo.

Certamente, Alayna não está com medo. Ela é quase coquete quando me cumprimenta.

– Bem, olá, H.

Meu pau já está endurecendo. Eu libero o braço dela.

– O que você está fazendo aqui, Alayna?

– O que estou fazendo aqui no seu escritório? Você me arrastou aqui, lembra?

Ela caminha para longe de mim com um ar de superioridade que me faz querer dobrá-la sobre meu joelho.

Eu mordo de volta um sorriso que não quero exibir.

– Não seja engraçadinha. Eu quis dizer no edifício.

Ela espia de volta por cima do ombro, e juro por Deus que a expressão dela está gritando “me coma”.

– Talvez tenha vindo vê-lo. Tenho a tendência de perseguir um homem quando ele me ignora.

*

Essa Alayna combativa é bastante excitante. E muito inconveniente.

Eu suspiro.

– Você não veio para me ver. Você chegou a este andar mais de meia hora atrás e só agora está vindo ao meu escritório.

Ela gira em direção a mim.

– Como diabos você sabe tudo o que faço? Jordan? Suas câmeras de segurança?

– Eu não vou me sentir culpado por tudo que faço a fim de proteger o que é meu.

Eu faria muito mais. Eu mataria por ela, se fosse preciso.

E esperava que a minha ladainha de macho dominante fosse irritá-la. Em vez disso, ela lambe os lábios.

Jesus, estou de pau duro.

Eu quis essa mulher durante dias, mas agora que ela está aqui, me lembro por que não posso tê-la. Não é justo. Até eu lidar com a mentira entre nós, tenho que manter minha distância.

O que significa que tenho que tirá-la daqui.

– Alayna?

Ela tira os olhos de mim, deixando-me instantaneamente frio.

– O que é seu, hein? Não me faça rir.

– Jesus, quantas vezes eu tenho que passar por isso com você?

Não consigo acompanhá-la. Ela é gostosa em um minuto, fria no próximo. Muito como me sinto, na verdade.

– Não sei. Quem sabe mais umas cem vezes. Porque eu obviamente não estou entendendo.

Eu me afasto dela e passo a mão no cabelo. Estou dividido entre enfiar algum bom senso nela e arrancar suas roupas e reclamá-la com meu pau. Nenhum dos dois seria muito produtivo, embora ambos fossem fantásticos.

Não. Eu tenho que me lembrar de meu objetivo. Dirijo-me de volta para ela, esperando parecer mais no controle.

– Por quê. Você. Está. Aqui?

– Eu vim para ver Norma.

Finalmente, ela está sendo honesta.

– Sobre Gwen?

Ela cobre o rosto com as mãos em frustração. Quando as deixa cair, responde:

– Sobre você, seu idiota. Eu não dou a mínima para nada mais, exceto você. – A voz dela fica apertada. – Jesus, quantas vezes eu tenho que passar por isso com você?

Sua admissão renova minha irritação anterior.

– Você veio falar com *minha* funcionária sobre *mim*?

Talvez irritação não seja uma palavra forte o suficiente. Eu estava muito puto da vida.

E sim, eu estava principalmente chateado comigo mesmo. Como deixei que chegássemos a isso? Alayna e eu em lados diferentes. Nós deveríamos estar no mesmo lado. Sempre.

Ela joga minhas próprias palavras de volta para mim em sua defesa.

– Não me culpe por proteger o que é meu.

É então que eu sei que ela entendeu. Ou talvez seja eu que finalmente entendi. Ela está lutando por mim, da mesma forma que eu estou lutando por ela. Nós não estamos *contra* o outro, estamos *para* o outro.

Se ela está disposta a se manter lutando depois de tudo pelo que a fiz passar, talvez tenhamos uma chance. Talvez Mirabelle tenha razão. Talvez Alayna possa me amar, de qualquer maneira.

– Eu só queria ver por mim mesma se ela estava a fim de você – diz ela, mais suave agora. – Se você tinha alguma coisa com ela. – Então ela aponta um dedo para mim. – E não se atreva a falar comigo sobre confiança, porque você sabe que eu fiquei com ciúmes dela, e você não estava por perto para ajudar a me tranquilizar.

Eu me inclino contra o sofá e estudo essa mulher. Como posso culpá-la por coisas que eu faria? Coisas que eu fiz? Não posso.

– Você conseguiu o que veio buscar? – pergunto.

– Sim.

– E?

Ela morde o lábio. Eu sou tão ciumento desse lábio.

– Ela acha você o máximo. Ela te respeita e admira você, e ela reconhece que você é fisicamente atraente. Mas não deixe que isso lhe suba à cabeça.

– Mas...

– Mas não está mais a fim de você. Eu posso ver isso em seus olhos.

Ou ela descobriu o caso secreto de Norma com seu assistente. De qualquer forma, estou satisfeito que esse ciúme foi cortado pela raiz.

– Ótimo. – Talvez tenha sido uma coisa boa ela ter conversado com minha funcionária, afinal. – Então você acredita nas coisas que eu lhe disse.

– O problema nunca foram as coisas que me disse. São as coisas que *não* me disse.

– Não são coisas que você deva saber.

Não é justo, mas é para seu próprio bem. Sempre para o bem dela.

Mas Alayna não vê isso.

– Mas que merda é essa que nunca acaba? Eu poderia dizer a mesma coisa sobre você. Vive me espionando, cavando minha história antes de você sequer me conhecer, talvez eu pense que são coisas que você não deva saber também. Ainda assim, você fez e faz a porra

que quer fazer sem ter em conta os meus limites ou meu espaço pessoal.

Ela me encara de frente.

– E enquanto isso estiver assim, vou ser bem clara, já que você não é capaz de explicar as coisas para mim, eu mesma vou procurar as explicações.

O pânico percorre a minha espinha. Quanto ela vai precisar procurar até descobrir a verdade?

– Isso mesmo que você ouviu. Já vi todos os livros enviados por Celia. Estive com Stacy. E Norma. Estou coletando meus próprios fatos. Você não acha que seria melhor me contar seus segredos e evitar que eu os descubra sozinha?

– Alayna, pare de procurar.

Dou um passo em direção a ela. Alayna é uma mulher inteligente. Se ela se empenhar o suficiente, vai descobrir tudo. E isso irá destruí-la.

– Você está protegendo Celia novamente, não é?

Como pode ser tão cega e não enxergar?

– Não, não é Celia quem estou protegendo.

– A quem, então? A você mesmo? A mim?

Estou perto agora de lhe contar tudo. Porque odeio o fato de ela não entender. Como ela pode não entender o quanto meu passado vai machucá-la? O quanto eu quero salvá-la. E, Deus, acho que não consigo lhe contar.

Ela tem que ir embora. Para seu próprio bem. Antes que continue me pressionando ainda mais, agarro seu cotovelo.

– Você precisa ir embora, agora.

Alayna estremece como se estivesse sem ar, sem conseguir respirar. Como se *eu* a *tivesse* deixado sem ar. É insuportável vê-la assim, lágrimas se derramando por suas bochechas.

– De novo fazendo isso, me empurrando para fora e como sempre faz. Escondendo-se atrás de suas paredes grossas. – Sua dor é palpável. – De que vale eu ficar lutando por você, se você nunca, nunca vai me deixar entrar? Quem você está protegendo, Hudson? Quem?

É o fim. Eu não posso deixá-la acreditar que não estou lutando tanto quanto ela. Por ela.

– Você, caramba! Estou protegendo você, Alayna. Sempre foi você!

Então, porque nunca consigo lhe dizer em palavras o que sinto, eu tenho que dizer a ela com o meu corpo. Esmago os meus lábios contra os dela, saboreando-a, devorando-a. Estou desesperado por seu beijo, porque tenho que lhe dizer como me sinto. Porque preciso sentir o que *ela* sente por mim.

Isso só deveria ser um beijo. Ou não deveria ser nada, porque não há nenhum pensamento envolvido. Mas quando ela envolve uma perna ao redor da minha, quando ela inclina seus quadris contra mim, esfregando-se contra meu pau duro, então não tenho

escolha a não ser continuar. Ela é como uma montanha-russa. Uma vez que você começa, tem que ficar lá por todo o passeio.

E então, eu vou.

Giro o corpo dela em direção ao sofá e tiro sua calcinha. Meus dedos passeiam dentro de seu sexo. Cristo, ela está molhada. Ela está sempre pronta para mim. Jogo minha calça para baixo e meu pau para fora antes de ter a chance de pensar duas vezes. Com meus dedos presos em torno de seus quadris, empurro fundo. Muito fundo.

Mergulho dentro dela, cada vez mais fundo, perseguindo não só o meu orgasmo, mas as respostas para nossa situação de merda. As costas de Alayna estão voltadas para mim, o rosto escondido. Eu não posso vê-la assim. E fecho meus olhos. É uma reminiscência de tantas outras trepadas com tantas mulheres aleatórias. Esta costumava ser a minha posição favorita. É tão errado estar com ela desta forma. Mas estou muito vulnerável agora. Não posso estar com ela em outra posição, sem perder toda aparência de controle.

Exceto que Alayna não me deixa simplesmente usá-la. Ela sabe do que precisamos e bem melhor do que eu. Pelo menos, ela sabe neste momento. Ou talvez seja apenas mais forte do que eu, mais disposta a ficar tão vulnerável, a se expor.

Ela torce o corpo e se vira para mim, agarrando minha camisa. Ao seu toque, meus olhos se abrem. E trava o seu olhar no meu, e isso é tudo o que é preciso para me trazer de volta. De volta para *ela*. Meu ritmo fica mais estável, e sua vagina se aperta em torno de mim. Então gozo com ela, gritando seu nome como se fosse um SOS. Esperando, além da esperança, que ela possa me salvar. Possa nos salvar.

Deito-me em cima dela, segurando-a, respirando com ela em uníssono. São curtos minutos que passam, cada segundo deles precioso. Acho que nunca mais vou deixar que Alayna vá embora.

Finalmente, tento fazer isso. Dou um passo atrás, saindo de dentro dela. Mas, logo, ela está em meus braços, e os meus lábios são pressionados contra os dela. Seguro-a no lugar, nossas bocas seladas em um beijo imóvel. É isso, eu sei. Minha decisão está prestes a ser tomada, e mesmo que meus muros teimosos não permitam que essa decisão seja sólida com palavras e declarações, já está se formando no centro da minha mente, sentada na beira da minha língua.

Eu não posso perdê-la.

Quando a gente se separa, Alayna envolve as mãos em volta do meu pescoço, aparentemente tão desesperada para se agarrar a mim como eu a ela.

– Oh, Deus, eu sinto sua falta. Eu sinto tanto a sua falta.

– *Précieux... mon amour... ma chérie*...

Corro minhas mãos pelo seu rosto, memorizando o toque de sua pele, a curva de sua

mandíbula. Será que esta vai ser a nossa última vez?

Não pode ser a última vez.

– Quando você vem para casa? – pergunta ela, trazendo-nos de volta à realidade, de volta para as coisas com que temos de lidar.

Eu inclino a minha testa contra a dela. Estou exausto. Tão cansado deste jogo.

– Eu tenho que ir para Los Angeles neste fim de semana. – Verifico meu relógio. – E tenho que sair em cerca de vinte minutos, falando nisso.

– Parte dessa coisa de grande negócio? Com Norma?

Não há nenhum indício de ciúme na sua pergunta. Apenas a necessidade de saber.

Eu deslizo meu nariz ao longo do dela.

– Sim, com Norma. E depois disso, se tudo correr bem, estará tudo terminado.

Eu quero convidá-la para vir comigo, mas é muito arriscado. Se Celia decidir nos seguir por todo o país...

Não, eu tenho que mantê-la aqui. A salvo de arruinar este negócio que está quase pronto. Então, depois disso, depois de saber que tirei Celia das costas de Alayna. Então...

Eu não posso nem mesmo pensar nisso. Porque, uma vez que expressar a minha decisão, sei que não haverá como voltar atrás. Primeiro isto, este negócio. E depois... aquilo.

Com uma força que eu não sabia que possuía, afasto-a. Eu me visto e fico olhando para ela, os punhos na cintura. A distância já está começando a se estender entre nós, e penso nas palavras de Mirabelle. A mentira que cresce e separa e constrói muros. Eu vejo isso. Ela está aqui agora, entre nós, formando-se diante de meus olhos.

E eu sei que não posso deixá-la crescer ainda mais. Não posso esperar mais para começar. Não posso perdê-la, e só tenho uma chance de mantê-la aqui. A escolha se forma em palavras na minha cabeça. *Vou contar a ela*. Eu *tenho* que contar a ela. Tudo. Tudo. Começando com isto.

Estendo a mão para ela, puxando-a de volta para mim com tudo o que sou.

– Deus, Alayna, eu não posso mais fazer isso. – É um alívio dizer isso. Uma carga liberada. – Não posso suportar ficar longe de você. Eu sinto sua falta terrivelmente.

– Sério?

Alayna se inclina para trás para olhar nos meus olhos.

A luz. Sua luz brilhante me invade. E agora, que já tomei a decisão, as confissões começam a se derramar facilmente.

– Claro, claro que sim, preciosa. Você é meu tudo. Eu te amo. Eu te amo tanto.

Finalmente, estou livre.

Não pensei que fosse possível, mas a sua luz, ela fica ainda mais brilhante.

– O q-quê? – Ela não acredita.

Estou ridiculamente apaixonado.

– Você me ouviu.

– Eu quero ouvir novamente.

– Eu te amo.

É fácil de falar agora. Como eu sempre soube que seria. É apenas o começo de minhas confissões, e o resto vai ser muito mais difícil. Mas não vou pensar nisso agora. Vou deixar que esta declaração tenha o seu próprio momento ao sol.

– Você me ama?

Eu escovo meus lábios nos dela.

– Eu amo você, preciosa. Eu sempre amei você. Desde o momento em que a vi pela primeira vez. Eu sabia mesmo antes de você, acho. – Ergo o queixo dela para encontrar meus olhos. – Mas há coisas, coisas no meu passado, que me impediram de ser capaz de lhe dizer isso. E agora... Eu tenho que fazer isso... essa coisa. Fechar esse negócio. Então, quando eu voltar, vamos conversar.

– Vamos conversar?

Ela está brilhando. Deus, como eu gostaria de não ter que roubar sua felicidade.

Mas eu estou comprometido agora.

– Vou lhe contar tudo que quiser saber. E se você ainda me quiser, eu vou voltar para casa.

– Sim, eu quero você em casa. Claro que quero. Nós pertencemos àquela casa, juntos. Não há nada que você pudesse dizer que me faria parar de te amar. *Nada*. Eu me apego, lembra?

Eu me agarro às suas palavras, mantendo-as como uma tábua de salvação.

– Oh, preciosa. Espero que seja verdade.

– Mas é!

Só que eu sei que ela não pode fazer essa promessa. Eu não vou obrigá-la a isso.

– Diga isso de novo.

– Você é uma menina tão mimada. – Esfrego meu nariz em torno do nariz dela. – E eu amo... mimar você.

Ela me beija alegremente.

– E eu te amo.

Eu vou dizer isso a ela tantas vezes quanto ela quiser ouvir. Tantas vezes quanto me permitir dizê-lo. E embora esta possa ser a última vez que eu a seguro assim, a última vez que começo a me aquecer ao sol junto de Alayna, eu sei que nunca vou parar de dizer as palavras que descansaram tão profundamente dentro de mim por tanto tempo. “Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.”

24

Antes

A terapia até que foi bastante útil. Minha vida não mudou no decorrer de uma sessão ou duas, ou mesmo cinco, mas pouco a pouco comecei a entender coisas sobre mim que achei que nunca poderiam ser entendidas. E, embora eu ainda me sentisse principalmente insensível, também senti algo mais. Uma espécie de leveza. Como se o peso sobre meus ombros tivesse diminuído, de algum modo. Eu ainda estava cético sobre o progresso desse trabalho, mas estava disposto a tentar.

Consegui evitar Celia por mais de um mês depois que comecei a minha reabilitação. Me tornei muito bom em desculpas – negócios, viagens, obrigações familiares. Ela telefonou e apareceu no meu loft, mas consegui me esquivar.

Finalmente, tive que encarar a mulher. Dr. Alberts insistiu nisso. Disse que, enquanto eu mantivesse a opção de jogo "aberta", então eu nunca conseguiria me livrar disso completamente. Ele estava certo, é claro. O único problema era que eu não tinha certeza se queria sair completamente do jogo. Na verdade, tinha certeza de que *não* queria.

Foi em uma sessão no meu escritório que finalmente admiti isso.

– Não é que eu sinta falta de jogar. Bem, não só que eu sinta falta de jogar.

Estranhamente, não senti tanta falta quanto eu havia imaginado. Havia outras coisas, descobriu-se, que preenchiam o meu tempo com a mesma facilidade. Eu gostava das artes – a sinfônica, o balé, a ópera. Tanto é assim que arranjei uma série de bolsas de estudo e contribuições de caridade que beneficiaram esses interesses recém-descobertos. E o trabalho era mais do que um substituto adequado. As estratégias manipuladoras que eu tinha aperfeiçoado provaram ser úteis na sala de reuniões. Isso ainda me dava a mesma emoção que eu encontrava em meus experimentos.

– Então, o que o impede de abrir mão de uma vez? – A abordagem do dr. Alberts sempre foi gentil e compreensiva. Nunca agressiva ou sentenciosa.

– Não sei. – Eu sabia. Dizer é que era difícil. – É só que... quem sou eu sem o jogo?

Era uma crise de identidade boba, realmente. Todo mundo sabia quem era Hudson Pierce. Eu poderia fazer uma busca na internet e encontrar várias biografias que resumiam a minha vida de forma mais sucinta do que eu jamais poderia esperar. Eu esperava que o dr. Alberts me desse a sua própria lista de minhas realizações e *curriculum vitae*.

Mas ele não o fez. Em vez disso, disse:

– Isso é o que nós temos que descobrir, Hudson. Felizmente, você é jovem e saudável. Você tem bastante tempo para descobrir isso.

Havia algo em suas palavras que me atraíram. Ele expressou isso como se fosse um desafio – de propósito, provavelmente – e isso foi o suficiente para chamar minha atenção. Eu nunca me afastei de um desafio. E que belo substituto, superadequado, de autodescoberta, para os meus experimentos do passado. Ao invés de estudar os efeitos de certas situações em outros, eu poderia estudar os efeitos sobre mim mesmo.

– Mas – havia sempre um *mas* com dr. Alberts – você nunca será capaz de explorar plenamente o futuro Hudson se ainda estiver firmemente ancorado ao passado.

Tudo me mantinha ancorado ao passado. Minha mãe, que constantemente lembrava a gravidez de Celia. Meu pai, a quem não podia olhar sem me lembrar de sua traição à sua esposa, a mim. Minha irmã, que sempre olhava para mim com olhos inocentes, ainda que, como se viu, sabia mais do que ninguém sobre quem eu realmente era.

Mas não era a isso – ou a *quem* – o dr. Alberts estava se referindo.

– Celia. – Foi difícil até mesmo dizer o nome dela. Não havia ninguém que me ancorasse mais ao passado do que ela. E, já que eu estava pronto para zarpar, tinha que deixá-la ir. – Eu cuidarei disso.

Era mais fácil dizer do que fazer. Embora eu pudesse definir claramente os passos em minha mente daquilo que precisava ser feito, que precisava ser dito, a verdade era que eu nunca tinha rompido com ninguém. E isso não era exatamente o que seria? O rompimento final? Estudei rompimentos com outros casais, claro. Eu mesmo tinha sido a causa de alguns deles. Eu sabia o que esperar – choradeiras e gritaria. Às vezes, até, eram menos emocionais.

Mas como seria com Celia? Haveria uma exibição apaixonada? Se ela ainda sentia as coisas tão profundamente quanto uma vez tinha dito que sentia, já não exibia isso por um bom tempo.

Quanto a mim, achei que fosse imune a toda essa coisa de sentimentos. Mas o dr. Alberts me corrigiu.

– Se você fosse verdadeiramente incapaz de sentir qualquer tipo de afeto, então como é que a sua irmã conseguiu convencê-lo a me ver? Não foi por causa da afeição por ela que você concordou com isso?

Então eu não estava completamente desprovido de emoção, embora ainda acreditasse que os níveis típicos de amor e devoção expressos pela maioria das pessoas não estavam ao meu alcance. E o que eu sentia por Mirabelle... bem, ela foi certamente uma exceção. Mas havia alguma coisa entre mim e Celia. Mesmo que fosse simplesmente uma afinidade pelo mesmo passatempo, era uma ligação forte.

– Você está conectado a ela, Hudson. – Sem nunca tê-la conhecido, o dr. Alberts tinha uma imagem bastante clara do nosso relacionamento. – Pode não ser a forma de amor que você imagina quando pensa na palavra, mas existe um envolvimento emocional. Não vai ser fácil cortá-la de sua vida. Você precisa estar preparado para isso.

Então eu me preparei tão bem quanto pude. Fiz arranjos para vê-la através de sua assistente, e escolhi o local. Não no loft; eu nunca poderia tê-la no meu loft de novo. Eu sabia disso sem que o dr. Alberts precisasse me indicar. Seu apartamento era um lugar melhor. Eu tinha estado lá uma ou duas vezes, mas ele nunca foi um ponto de encontro para nós. Marquei nosso encontro para as sete da noite num dia durante a semana. Normalmente, quando a gente se encontrava, nosso horário era bem genérico. "*Eu estarei lá depois do jantar*." Ou: *"Passo por lá no caminho para a academia."* Estas mudanças em nosso comportamento típico iriam perturbá-la, dando-me uma vantagem. Antes mesmo de estarmos cara a cara, eu já tinha definido que o ambiente estaria a meu favor.

Não me escapou que eu estava, mais uma vez, manipulando a situação. Engraçado que eu deveria estar em recuperação desse tipo de coisa. Desta vez, porém, eu tinha certeza de que o dr. Alberts não desaprovaria.

Cheguei tarde. De propósito.

– Ei, cara. – A saudação de Celia mostrava que ela estava tensa, sem saber se deveria me abraçar ou não, indícios de que a minha configuração para o encontro estava indo como planejado. No final, nós não nos abraçamos. Ela passou o braço no meu como um convite. – Vamos entrar.

Eu pisei em seu espaço climatizado e depois parei. O problema em ter que lidar com Celia em um novo terreno foi que era novo para mim também. Meus olhos vagaram em torno de seu apartamento imaculado. Eu não tinha pensado nisso antes, mas sua localização no Gramercy Park não devia ser barata, e ela vivia em um edifício com todas as comodidades. Seu salário como designer de interiores não era certamente o bastante para pagar por um local top assim. Ela, obviamente, devia estar fazendo saques em seu fundo fiduciário. Ou conseguindo ajuda em outros lugares. Em resumo, eu me perguntava se ela estava tapeando pessoas por baixo dos panos.

Então, deixei o pensamento de lado. Não tinha nada a ver comigo. Não mais.

– Bem, nós vamos só ficar aqui de pé girando os polegares ou vamos nos sentar? – Celia sorriu, mas suas mãos brincavam nervosamente com a ponta da blusa.

– Sentar, é claro. – Fui em direção a sua sala de estar.

– Posso pegar uma bebida para você?

– Claro. – Fiz uma pausa. – Na verdade, eu vou buscá-la.

Seu bar ficava na sala de jantar. Lembrei-me disso de visitas anteriores. Peguei um copo

de seu escorredor de pratos.

– Eu não tenho scotch. – Celia chamou da outra sala. – Desculpa.

– Não tem problema.

Abri o armário e estudei o que havia. Bourbon e vodca estavam na frente – as bebidas de escolha de minha mãe. Algo nesse pensamento me lembrou que eu precisava de meu melhor juízo naquela noite. Fechei o armário, enchi meu copo com gelo e derramei um pouco de água engarrafada. Então, voltei para Celia na outra sala.

Ela já estava sentada em sua cadeira, tentando parecer relaxada, mas a linguagem corporal dizia que não se sentia nem um pouco assim. Tomei um gole profundo de água antes de me sentar no sofá à frente dela.

– Então? – Celia torceu as mãos enquanto falava. – E aí? Quero dizer, eu sei que tem alguma coisa rolando. Você tem me evitado por semanas, e tudo isso hoje à noite é apenas... estranho. Você está tentando me tirar de meu equilíbrio. Está funcionando. Então, o que é?

Eu ri. É claro que ela via através de mim. Eu já não vi através dela?

Embora eu não tivesse planejado mergulhar direto no assunto, essa pergunta direta de Celia não me deu escolha.

– Eu vim aqui para dizer... Eu preciso te dizer... – *Desembuche de uma vez.* – Não jogo mais.

Foi a vez de Celia rir.

– É claro que não. Faz séculos que a gente não se vê, como poderia jogar? Tenho certeza de que isso está te deixando louco. Você é um viciado nessa coisa. Não se preocupe. Tenho vários cenários possíveis apenas esperando você escolher um deles. Nós vamos trazer você de volta.

Celia tinha relaxado, seu comportamento habitual retornando enquanto enumerava as situações em seus dedos.

– Há um novo vizinho no sétimo andar. Ele está saindo com duas mulheres, uma não sabe sobre a outra. Nós poderíamos apresentá-las. Ou você poderia tentar seduzir uma delas. Ou ambas. Ou eu poderia surgir como uma terceira mulher.

Seu entusiasmo era contagiante. Quanto mais tempo eu a deixasse tagarelar, pior seria para mim. Eu tive que corrigir seu mal-entendido.

– Celia, eu quis dizer que...

Ela me ignorou, falando sem parar.

– Se essa não parece legal, então tenho uma outra. Eu conheci um casal de noivos no MoMA na semana passada. Eu sei, nós fizemos a coisa dos recém-casados, mas achei que poderia ser divertido relembrar os velhos tempos.

– Eu estou fora, Celia. Não vou jogar mais.

– Ou, espere... – Agora tinha ficado claro que ela me entendera, afinal. Só não queria entender. – Andrea Parish vai ter um chá de noiva em breve. Aposto como a gente poderia...

– Celia, pare.

Ela o fez, seu rosto assustado quando ela se virou para me olhar nos olhos.

– Pra mim, chega. Não vou mais jogar. Nunca mais. – Minha voz ameaçou tremer, mas consegui evitar. – Acabou.

Terminei minha água, desejando que tivesse escolhido a vodca em vez dela.

Seus olhos caíram para o chão por um momento. Em seguida, ela se recuperou.

– O que aconteceu? Existe uma ação judicial rolando? Nós sempre soubemos que era uma possibilidade.

Eu balancei minha cabeça.

– Não há nada disso. Estou apenas... cheio disso.

– Isso é ridículo. – Ela estreitou as sobrancelhas com ceticismo. – Você está tentando me sacanear? Não caio mais nas suas tramas, você sabe.

Embora eu soubesse que passar esta notícia a Celia seria difícil, pensei que a parte mais difícil seria convencê-la de que eu estava feliz com a minha decisão, não que quisesse dizer isso.

– Não estou sacaneando você, Celia. Nem inventando nada. Chega desse jogo. Eu sei que isso parece vir do nada, mas estou falando sério sobre isso. Não há mais experimentos. Nem jogo. Acabou.

Ela inclinou a cabeça e me estudou.

– Você não pode estar cheio disso. Você disse que nunca ficaria cheio disso.

– Sim, eu disse isso, tem razão. Mas eu estava errado. Mudei de ideia. – Pensei em comentar sobre Mirabelle, mas então percebi que não havia nenhuma maneira que pudesse explicar como minha irmã tinha me influenciado. Mesmo que eu tivesse condições de encontrar as palavras, Celia não entenderia. Eu mesmo, mal compreendia.

Celia chegou perto de assumir isso por conta própria, no entanto.

– Isso é por causa de sua mãe? Jack?

– Não. Não é por causa de Sophia. Definitivamente, não é por causa de Jack.

Celia se levantou e começou a andar.

– De onde veio essa merda, então? Se não é da sua família, você encontrou Jesus ou algo assim?

Eu ri novamente.

– Não. – A ética estava começando a me interessar mais do que tinha interessado no passado. Os erros e acertos de coisas que eu tinha feito. Isso tudo estava começando a me importar. – Isso sou eu, Celia. Só eu.

Ela virou o rosto para mim.

– Besteira. Isso não é você. O *jogo* é você.

– Não mais.

– Sempre! Você não consegue nem mesmo passar um jantar inteiro sem chegar a inventar pelo menos um jogo.

Eu levantei da minha cadeira.

– E esse é exatamente o problema. O jogo tornou-se toda a minha vida. A tal ponto que comecei a arruinar as poucas coisas ao meu redor que não são o jogo. E ainda não é o suficiente. Nunca é o suficiente. Eu preciso de algo mais. Algo mais gratificante, que me consuma menos. Mais honesto.

– Como o quê? *Amor?* Porque, eu juro por Deus, se é isso que você quer dizer...

Ela não teve que terminar seu pensamento. Eu compreendi. Depois que eu usei essa emoção para jogar com ela, seria a traição final deixar o jogo – e Celia – por causa disso.

– Nada a ver com amor. Claro que não. – No entanto, não era exatamente por isso que eu estava caindo fora? Pelo amor por Mirabelle? Não era o amor romântico, porém, e a isso é que Celia estava se referindo. – Você sabe que eu sou incapaz disso, Celia. Apenas... tem que haver algo mais. Se eu soubesse o que é esse algo, eu diria a você. Mas eu não sei. Ainda.

– Porque não há mais nada.

Eu acreditava nisso. Parte de mim ainda acreditava. Mas eu vinha ouvindo novas vozes – dr. Alberts, Mirabelle – e elas disseram de forma diferente.

– Como sabemos disso, Celia? Temos procurado?

Ela zombou de mim.

– Eu não preciso procurar.

– Então, como você sabe?

– Porque você me disse!

– Só porque você me implorou para ensiná-la!

Não era o curso que eu tinha planejado para esta conversa com Celia. Ficar perseguindo a culpa, passando a bola, isso não iria nos levar a lugar nenhum.

Corri a mão pelo meu cabelo e soltei uma corrente de ar. Quando falei de novo, eu estava mais calmo, mais equilibrado.

– Olha, você escolheu isso. Eu nunca escolhi. Eu pensei que era a minha única opção, mas agora vejo que não era. Então, estou tentando escolher algo diferente. – Meu orgulho me fez dizer mais do que devia. – Eu a apoiei quando você fez essa escolha, e agora é a sua vez de ficar ao meu lado.

Ela cruzou os braços sobre o peito e me deu um olhar que poderia matar.

– Se nós estamos marcando territórios, então temos de voltar muito mais longe no tempo,

Hudson. Seu jogo contra mim naquele verão foi o que começou tudo isso.

Eu não tinha munição contra essa bomba. Não havia como negar que eu tinha sido o único culpado em colocar o curso atual de sua vida em movimento. E embora não sentisse muita culpa pelas coisas que eu tinha feito para outras pessoas, eu estava começando a sentir. A terapia já estava funcionando. Ou bagunçando minha mente, não sabia direito. Fosse o que fosse, não havia remorso específico relativo a Celia. Foi porque eu estava ligado a ela, como o dr. Alberts sugeriu? Será que eu a *amava*? Talvez eu a tenha amado, de alguma forma. Talvez eu sempre tivesse.

Sentei-me pesadamente no braço do sofá.

– Você está certa, Ceely. Eu comecei isso. E gostaria de saber o que fazer agora para terminar.

Ela balançou a cabeça, seu rabo de cavalo curto balançando com o movimento. O olhar no rosto dela disse que estava se preparando para outro ataque. Mas, quando ela falou, sua voz era fraca e resignada.

– Eu não quero acabar com nada. Não estou preparada.

Eu não a tinha visto tão vulnerável assim desde aquela manhã, no hospital. Era difícil vê-la assim. Celia tinha se tornado muito mais. Tão forte. Indestrutível. Eu fechei meus olhos e mantive a imagem de Celia que eu mais gostava – despreocupada e responsável. Será que terminar o jogo poderia tirar isso dela? Eu não tinha ideia de onde eu estaria sem isso na minha vida, mas e ela?

Ocorreu-me que eu não estava lá para salvá-la. Eu estava lá apenas para me salvar. Se ela precisava continuar a jogar, então que assim fosse.

Abri os olhos de novo e encontrei seus azuis brilhantes.

– Então você não tem que fazer isso. Você é livre para fazer o que quiser. Eu não estou aqui para tentar impedi-la.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Ela desviou o olhar quando a limpou com a palma da mão.

– Eu realmente não estava esperando isso.

– Honestamente, nem eu.

Celia deu a volta por trás de mim e apanhou um lenço de papel de uma caixa decorativa em cima da mesa. Depois, enxugando os olhos, veio e se sentou no sofá.

– Era para ser eu quem sairia em primeiro lugar.

Eu escorreguei do braço do sofá para a almofada ao lado dela.

– Porque você queria me deixar para trás?

Ela deu de ombros.

– Talvez um pouco isso.

Pelo menos nós podíamos ser honestos. E eu merecia isso. Merecia qualquer ressentimento que ela poderia ter escondido. Na verdade, eu lhe devia mais.

– Eu sinto muito por... pelas coisas que eu fiz. Para você, eu quero dizer. Espero que um dia possa me perdoar.

Ela virou o pescoço para me entregar um olhar incrédulo.

– Isso é tipo o AA, quando você pede perdão às pessoas que sacaneou? Você está fazendo terapia?

Pensei em negar, mas, diabos, a gente estava sendo honesto...

– Sim, estou.

– Oh. – Ela mordeu o lábio, parecendo refletir sobre esta nova informação. – Então, você não deveria me ver mais, não é?

– Eu...

Fiz uma pausa. O dr. Alberts havia sugerido uma ruptura total. Isso fazia muito sentido. Especialmente se Celia ainda planejava manter seus esquemas. Mas eu não conseguia me obrigar a dizer isso. Não era apenas o rosto manchado e os olhos suplicantes que me detiveram. Eu estava mudando, mas não tão rápido assim. Eu ainda era centrado em mim mesmo. Não, foi a queimadura em meu peito. A dor que aumentava a cada momento que eu pensava sobre as palavras que deveria estar dizendo.

E mudei meu script.

– Ei, eu estou parando o jogo. Isso não significa que tenha que desistir de você.

Sua testa marcou para cima.

– Mesmo se eu decidir jogar? Eu não vou ser uma tentação?

– Talvez eu queira a tentação.

Sua expressão se suavizou, seus olhos estavam brilhando com esperança.

– Você realmente quer isso?

Sim. Não. Eu não tinha a resposta.

– Não sei. Não sei o que eu quero, Celia. Isso não é fácil para mim. Eu estou voando às cegas.

– E você não é assim.

– Não, não sou.

Na verdade, acho que nunca me mostrei tão fraco assim para Celia em minha vida. Exceto talvez na noite em que tinha visto minha mãe bêbada demitir a babá. Mesmo assim, eu não acho que Celia tenha percebido a extensão da minha vulnerabilidade.

Agora, não havia nenhum lugar para me esconder. Ela viu.

Celia mudou de lugar no sofá, dobrando os joelhos em direção a mim, e me deu um tapinha uma vez na coxa.

– Aqui está o que eu penso, e vá em frente e me xingue se não for o que você quer ouvir. Acho que esta é uma fase pela qual você está passando. É algo que você tem que tentar. Entendi. Mas vai perceber que você não pode ficar longe. O jogo não é apenas o que você faz; é quem você é. Então, vá em frente e faça isso, essa coisa de terapia. E quando você estiver pronto, estarei aqui.

Anos atrás, quando eu tinha aceitado o pedido dela para lhe ensinar o jogo, eu tinha pensado a mesma coisa sobre ela. Que ela estava passando por uma fase. Que ela me abandonaria depois que se aborrecesse.

Ela me surpreendeu quando se prendeu a ele, tanto quanto ela me surpreendeu agora.

– Você poderá ficar esperando um tempão – respondi. – Estou fora de vez.

– Veremos.

Engoli em seco.

– Então você vai continuar jogando?

– Acho que sim, tudo bem?

Na verdade, não.

– Eu disse que sim. Não sou seu guardião.

Egoísta, eu também queria que ela desistisse como eu. Quanto mais fácil seria ter um companheiro no caminho para a recuperação? Seria mesmo possível, para dois viciados, ajudarem-se mutuamente?

Ela deve ter percebido que eu não estava sendo totalmente verdadeiro.

– O que você quer que eu faça, Hudson?

Se eu realmente estava querendo seguir com isso, realmente querendo fazer um esforço real para ser menos manipulador e ter mais empatia, então teria que começar com Celia.

– Eu quero que você faça o que é melhor para você. Uma vez, ao menos. Honestamente.

– Então, vou continuar jogando. – Ela sorriu. – E não se surpreenda se eu tentar trazê-lo de volta para os meus caminhos...

– Ei, isso não era parte do trato.

Ela piscou os cílios, fingindo inocência.

– Você disse que queria o que fosse melhor para mim. – Então, ficou séria. – Melhor para mim é ter você comigo, Hudson. Comigo no jogo, eu quero dizer. Você disse que não posso ter isso. Mas tenho que continuar tentando.

Então, juntamente com minhas próprias tentações, eu teria que lutar contra o aliciamento de Célia também? Malditas consequências.

– Isso é justo, eu acho.

– É...?

– Importa se for justo ou não? Você irá atrás do que quer, de qualquer maneira.

– Verdade. – Celia sorriu. – E você acabou de dizer que deseja que eu tenha o que quero.

Nós estávamos falando em círculos, e foi exaustivo. Eu pensei que, com certeza, ver Celia me faria querer jogar novamente. Estranhamente, isso não tinha acontecido. Ao contrário, vi o quão desesperados e fúteis os experimentos foram. Aqui estávamos nós, depois de todos os nossos jogos, e com todos os dados e experiências que coletamos, e tudo que tínhamos entre nós era o próximo jogo. Não era sustentável. Isso não era, para usar minhas próprias palavras, real...

Nosso relacionamento tinha de mudar. Eu vi isso agora. Eu disse que não iria romper a nossa amizade, mas não disse em que medida permaneceria em contato. Teria de ser limitado, percebi. Reuniões de família e com amigos. Lugares onde não poderíamos bolar novos esquemas e tramas. Não era só a mim que eu estava protegendo. Talvez, se nós não nos víssemos muitas vezes, Celia desistisse também.

Tudo bem, eu não estava tentando salvá-la, mas não seria admirável se eu conseguisse? Despojado de meus superpoderes, eu estava procurando alguma coisa, qualquer coisa, para tornar-me especial ao invés de apenas um idiota épico.

Passar mais tempo com Celia não ia ajudar com isso.

– Eu tenho que ir, Ceely. – Fiquei de pé e me virei para encará-la. – Mas, sim, eu quero que você tenha o que deseja. Espero que algum dia queira algo diferente disso.

Ela me seguiu, ficando de pé.

– Que cara protetor.

Suspirei.

– Não estou tentando ser protetor e nem nada. Estou tentando ser honesto.

– Se nós estamos sendo honestos, posso perguntar uma coisa?

– Claro.

Ela bateu as unhas contra o queixo.

– Será que a chantagem funcionaria? Para manter você no jogo, quero dizer.

Um arrepio percorreu minha espinha. Fiquei espantado por sua sugestão. Chocado. Mais do que um pouco chateado.

– Bem, isso é realmente honesto, não é?

Olhei para ela com cuidado, procurando um sinal de que pudesse estar blefando. Ela conhecia meus segredos, mas será que Celia realmente iria ameaçar usá-los contra mim?

Não vi nenhum de seus blefes usuais. Embora sentisse uma ponta de orgulho – afinal, eu a ensinara muito bem –, principalmente, senti-me desafiado. E não gosto de ser desafiado, com terapia ou não.

– Acho que tenho tanto sobre você quanto você poderia ter sobre mim.

Um sorriso satisfeito deslizou pelos lábios.

– Então nós estamos acordados que nossos segredos estão seguros?

– Enquanto for mútuo, meus lábios estão selados.

– Então, os meus também estão.

Saí do apartamento dela com mais clareza do que quando cheguei. Por mais que não devesse me envolver com Celia Werner, eu sabia agora que nunca poderia cortá-la completamente da minha vida. Por um lado, não tinha certeza se ela era realmente uma amiga ou uma inimiga. E lá estava aquele velho ditado, que dizia que a gente devia manter os amigos próximos e os inimigos mais próximos ainda...

Mas havia outra coisa – sem o jogo, perder Celia me deixaria totalmente sozinho. E a solidão era uma emoção que eu desesperadamente evitava aprender.

25

Depois

Tomar a decisão de contar a verdade a Alayna levou embora boa parte do meu medo. Eu já não tenho de debater e lutar comigo mesmo. Eu já não tenho nada a esconder, e estou ansioso para estar com ela novamente. Então, quando encerrei meus negócios em Los Angeles mais cedo do que esperava, decidi voar de volta e surpreender a mulher que amo. Sim, isso significa que o meu segredo será exposto mais cedo do que se eu não tivesse minhas reuniões agendadas em um domingo, também conhecido como "horas de folga", mas estou pronto.

O que não estou pronto é para a recepção que tenho quando chego ao Sky Launch mais tarde naquela noite. Eu sabia que Alayna estaria aqui para a festa de despedida de David, e, ansioso para vê-la, venho para cá logo após o desembarque. Levo alguns minutos para encontrá-la. Ela não estava com o resto dos convidados, que estão espalhados principalmente pelo bar e na pista de dança. Em vez disso, ela está escondida em um canto. Mas *está* dançando. Dança lentamente. Nos braços de David.

Fico assistindo, hipnotizado, incapaz de desviar o olhar como acontece frequentemente quando se encontra algo horrível. Nenhum deles me nota, e, de onde estou, não posso ver o rosto de Alayna. Mas posso ver David. Seus olhos estão fechados, mas sua expressão é suave e desamparada. Ele parece estar sussurrando em seu ouvido, cantando talvez. Se algum dia eu duvidava de que ele tinha sentimentos por ela, não duvido agora.

É simplesmente uma dança, digo a mim mesmo. *Em seguida, ele vai embora*. É provável que seja a maneira dele de dizer adeus. Se eu fosse um cara diferente, eu lhes daria privacidade.

Mas não sou um cara diferente. Eu sou este aqui. E sou completamente possessivo. Então, ainda estou assistindo àqueles dois quando eles param de se mover e fazem contato visual. E vejo quando ele se inclina para frente e a beija.

É um momento de revelação. O primeiro momento em que sinto dor absoluta. Há uma onda de pânico acompanhada por este peso esmagador contra o meu peito. Isso tira toda a minha capacidade de me mover. Toda a capacidade de respirar.

Ela o empurra, e eu deveria ser grato por isso. Mas ainda estou preso no *antes*. Que vejo de novo em minha cabeça como se estivesse em constante repetição – ela em seus braços,

sua boca contra a dela. Contra a boca que é *minha*. Ele não a ama como eu. Não pode. É impossível. Seus sentimentos são pequenos e inconsequentes em comparação com o imenso carinho por ela que viaja através de meu corpo com batidas do meu coração. Ele nunca deveria tê-la deixado ir se ele sentisse o que eu sinto.

E agora, uma nova emoção, quero fazer mal a David. Eu quero vê-lo morto. Por ousar tocar a mulher que não pertence a ele. Por tentar roubar o que é tão claramente meu. Minhas mãos estão fechadas em punhos ao lado do corpo e estou imaginando como desejo puni-lo, de todas as maneiras que nunca poderão equivaler à dor que sinto por dentro.

E ela...

A traição é realmente dela, mas não quero machucá-la. Eu quero puxá-la para mim, para a minha própria alma, para que ela possa ver como me sinto sobre ela, ver como isso me rasga por dentro. Amarrá-la em mim tão completamente que não poderá nunca estar fora do meu controle. Foi por isso que eu mandei David para longe. É por isso que me agarro a ela de forma tão apertada. É por isso que eu duvido quando ela diz que quer dizer para sempre. Se ela pode ferir-me assim, com que facilidade ela vai me deixar quando sentir-se justificada?

É um fragmento do meu maior medo concretizado – ela me ama, mas não me ama *o suficiente*.

Mal percebo quando eles descobrem minha presença. Eu a ouço dizer meu nome. Ouço quando Alayna diz que não é o que parece.

Não importa o que parece. Eu sei exatamente o que *é*, é o pior momento da minha vida até agora. E sei que é apenas o começo.

– Talvez devêssemos discutir isso em um ambiente mais privado – consigo dizer.

Ela concorda e, dolorosos minutos mais tarde, estamos sozinhos no escritório.

– *Ele* me beijou, Hudson. Eu não o beijei. E quando o fez, eu o empurrei. – O pesar de sua ação está em seu rosto e em sua voz.

No entanto, a dor continua.

– Por que você estava em seus braços, em primeiro lugar?

– Nós estávamos dançando. Era uma festa.

– Você estava em seus braços, Alayna. Nos braços de alguém que não fez segredo de seus sentimentos por você. O que você acha que ele faria?

Não quero sentir essa raiva. Estou plenamente consciente de que isso é quase nada se comparado a todas as maneiras com que eu a traí.

Mas isso não muda o que sinto. Minha inexperiência com esta emoção governa a maneira como eu me comporto.

– Isso foi inocente – ela insiste. – Eu precisava de alguém. Ele estava aqui. E você não

estava. – Sua expressão muda e suas palavras se tornam amargas. – Onde você estava hoje, afinal? Quando eu precisei de você?

Eu estava salvando-a de Celia, porra, era onde eu estava. Minha própria amargura se mostra em minhas palavras.

– E o que você precisava, Alayna? Alguém para mantê-la quente?

Ela aperta os lábios.

– Isso machuca.

– O que eu testemunhei dói.

Isso parece cruel. Não é a reunião que eu queria. Há tantas coisas que precisamos conversar, e nós estamos presos nesta merda. Talvez eu esteja me prendendo a isso, então não tenho que dizer as outras palavras. Aquelas que irão machucá-la ainda mais.

Ela é igualmente cruel.

– Sim, eu sei como é isso.

– Você?

– Sim. Deixe-me ver se eu consigo explicar. Parece como se suas entranhas fossem arrancadas de seu corpo. Pelo menos é isso o que senti quando Celia me disse que você vinha *transando com ela* durante a maior parte do tempo em que ficamos juntos.

Sou pego de surpresa por suas palavras.

– O quê? – Isso é novo e, de repente, fico preocupado com o fato de que eu tenha perdido alguma coisa. – Quando ela disse isso?

Alayna me conta.

– Você a viu hoje?

No início, antes de ter embarcado em meu avião, verifiquei meu correio de voz e descobri uma mensagem de Celia. Eu a deletei. Era algo sobre seu advogado e Alayna. Uma vez que não recebi nenhuma mensagem de Jordan ou Reynold, percebi que era mais uma tentativa de me irritar com nada. Pergunto a Alayna sobre isso agora.

Ela explica que tinha fugido para o café. Que encontrou Celia. David torna-se uma conversa para mais tarde. Estou instantaneamente preocupado com *isso* – com o que Celia fez. Com o que Celia disse.

Fico tenso durante toda a sua narração do evento, mas tento manter a calma. É especialmente difícil quando Alayna admite que foi ela a se aproximar de Celia. Depois de tudo o que fiz para mantê-las separadas, isso é difícil de ouvir. É como se Alayna viesse a trabalhar propositadamente contra mim, minando as minhas tentativas de proteger o nosso relacionamento. É claro que ela não tem ideia de que está fazendo isso.

– Então, ela disse que estavam juntos – diz Alayna finalmente. – Que vocês eram um casal. Que você transou com ela naquela noite e não era a primeira vez e não foi a última.

– E você acreditou nela?

É uma mentira descarada, é claro. Enquanto não é a coisa mais horrível que Celia poderia dizer, é outra palha sobre o monte de raiva que sinto em relação a ela.

Alayna endireita o corpo com orgulho.

– Isso me deixou puta da vida o suficiente para dar um soco nela.

– Você *deu um soco* nela?

Alayna enrijece.

– Sabe o que mais? Continue agindo como se esta merda fosse um interrogatório e estarei fora daqui.

Aparentemente, o choque não era a resposta certa.

Honestamente, além de choque, eu não sei o que estou sentindo no momento. Isso não é verdade. Eu sei. Estou bravo. Bravo com Celia. Puto que Alayna deixou Celia chegar até ela. Puto que ela se colocou em uma situação onde Celia poderia tê-la machucado.

Mas a minha raiva está fora de contexto. E não quero ficar com raiva de Alayna.

Eu ando pela sala enquanto passo minhas mãos pelo meu cabelo, tentando me acalmar. Quando estou no controle, paro de andar para encará-la.

– Me desculpe se pareço um pouco tenso, Alayna. Garanto que é apenas preocupação com você.

Finalmente, eu disse a coisa certa. Alayna esfria e começo a entender a situação em que entrei. Ela fez algo que sabia que não deveria. Estava com medo. Ela precisava de mim. Eu não estava lá. Ela se virou para um amigo em busca de conforto. Ele a beijou. Isso não ajuda a diminuir a dor ao vê-la nos braços do cara, mas agora vejo que tenho culpa. Eu deveria ter ligado para ela antes de sair de LA. Eu nunca deveria tê-la deixado nesta posição – contra uma mulher que é perigosa e resoluta.

Compreendo as preocupações de Alayna. Celia pode tentar prestar queixa, mas eu tenho o negócio com a GlamPlay e a Werner Media para jogar sobre sua cabeça agora. Eu quase conto a Alayna sobre isso agora. Mas a papelada ainda precisa ser apresentada na parte da manhã, e tenho que ter certeza de que tudo vai passar. Então, simplesmente garanto a ela que vou cuidar de tudo.

– Obrigada.

O alívio é evidente. Ela acredita em mim. Ela confia em mim sobre esse assunto e me sinto melhor.

Ela, no entanto, ainda precisa ser tranquilizada.

– Hudson. – Sua voz treme. – Sinto muito.

– Não faça isso. Ela merece o pior.

Estou orgulhoso, realmente. Eu sabia que Alayna era mais forte do que Celia pensou que

fosse. É fantástico que ela teve a chance de provar isso.

Mas Alayna franze a testa.

– Quero dizer, eu sinto muito sobre David.

– Oh.

Vejo os dois juntos novamente na minha cabeça – o rosto pressionado contra seu ombro. Eu tenho que saber, por isso pergunto.

– Diga-me uma coisa: você ainda sente algo por ele?

– Não. Não. Nada. Eu já lhe disse isso antes, e é verdade, embora eu tenha certeza de que não pareça ao me ver assim hoje. Mas o tempo todo em que ele estava me segurando, eu me senti mal. Tudo o que eu conseguia pensar era em você. Eu estava sentindo falta de você, H. Precisando de você. Muito. E nem pensei sobre o que estava fazendo. Eu...

Voo para ela, incapaz de suportar a distância entre nós por mais tempo. Eu envolvo meus braços em torno dela e agarro minha mulher com força.

– Eu senti sua falta também, preciosa. Precisei de você. Eu estava tentando voltar aqui e...

Ela me corta.

– E estraguei sua surpresa. Eu sinto muito.

– Não faz mal. Isso dói, mas eu também te magoei. E enquanto jurar que esse cara não significa nada...

– Nada. Eu juro com cada fibra do meu corpo, é só você.

Ela beija ao longo da minha mandíbula. Deus, ela está aqui. Ela é minha. E por este momento eu me permito acreditar que este poderia ser o sempre – o sempre que prometi a ela. O sempre que quero viver com ela. Ela estar comigo como estou com ela.

Então, Alayna pergunta:

– E quanto a você? Você ainda sente algo por Celia?

E o momento é encerrado.

Lembro-me agora que esta reunião não deve acabar assim. Há muito mais para dizer. Mais a explicar. E é por aí que tenho que começar.

Eu me inclino para trás para encontrar seus olhos.

– Alayna... Eu nunca senti nada por Celia.

– Você quer dizer, era apenas sexo?

Eu balanço minha cabeça.

– Eu nunca estive com ela de maneira nenhuma.

– Ela estava mentindo.

Alayna não está perguntando, mas eu confirmo, de qualquer maneira.

– Ela estava mentindo.

– Isso é o que eu pensava. – Não há alívio em sua voz, e isso me deixa nervoso. Ela se

afasta para longe de mim, deixando-me gelado. – Mas olha só – diz ela. – Eu meio que gostaria que fosse verdade.

Eu sei em meu coração que ela está chegando perto. Ela está prestes a descobrir. Ela é uma mulher inteligente, e a verdade esteve sempre lá, esperando por ela para simplesmente juntar as peças.

Assisto quando Alayna faz exatamente isso.

– Não que você estivesse dormindo com ela enquanto estávamos juntos, não essa parte. Mas o restante, que você estava realmente com ela quando Stacy viu vocês. Se isso fosse a verdade, eu poderia aceitá-la. Não me interprete mal, a ideia de você com Celia, transando com ela, isso me atormenta. Realmente me atormenta. Mas eu acho que sempre soube que você nunca dormiu com ela. Está em seus olhos, tanto agora como no vídeo.

Eu engulo em seco.

– Nunca. Nunca dormi com ela.

– E isso significa que a coisa com Stacy era uma farsa. Claro que era. Eu queria pensar que era apenas Celia nisso, e você estava protegendo-a. Mas você disse que não e que foi até o fim a ponto de encenar aquele beijo. Você era parte disso.

Se pudéssemos deixar a coisa aqui, onde ela fez uma pausa, eu sei que ficaria tudo bem. Mas nós não podemos. Eu prometi a ela a verdade. Tudo. Eu só não tenho certeza se é melhor deixá-la prosseguir ou ir direto para a minha confissão.

Como parece que perdi minha capacidade de falar, é ela que continua:

– Pensei por um minuto que esse podia ser o seu segredo. Só que não é isso. Quero dizer, sim, é uma merda que você fez isso com ela, mas eu sabia que você tinha essas coisas em seu passado. E *você* sabia que eu conhecia essas coisas. Se isso fosse tudo o que havia para entender com esse vídeo, você teria me contado. Tinha que haver mais coisas escondidas.

O segredo se desdobra como um detetive resolvendo o crime que o provocou e zombou dele, ameaçando levar a melhor, e, em seguida, o detetive finalmente consegue a pista que precisava para revelar tudo que falta.

Alayna levanta os olhos para mim.

– É por causa daquela noite, a noite do simpósio, não é? Eu considerei que você não queria que eu soubesse que ainda estavam manipulando as pessoas para se divertir tão recentemente, mas agora eu não acho que isso é tudo.

– Alayna...

É como assistir a um objeto frágil caindo de uma grande altura. Um vaso bonito, talvez. Uma estatueta de cristal. Por um momento, parece que, se eu me mover rapidamente, posso pegá-la antes que se espatife no chão. Mas estou muito longe. O tempo parece diminuir e cada milissegundo parece uma eternidade.

Ela junta todos os pedaços do segredo que tenho escondido dela, a verdade do nosso começo. E não importa o quanto desejo impedi-la, tudo o que posso fazer é assistir à sua queda.

– Não é o vídeo em si. É o que aconteceu depois.

– Alayna – digo novamente.

É a única palavra que eu tenho. Uma oração para nos dar força. Para mim. Para ela.

– Se Celia estava lá com você fora do simpósio... então não faz sentido que ela tenha entrado com você? E se ela entrou com você, ela estava lá quando você me viu. E se os dois ainda estavam jogando com as pessoas...

Eu posso precisar o momento em que ela finalmente deixa a verdade penetrar. O rosto dela fica branco e os ombros caem para dentro, como se tivesse sido atingida no estômago. Sua angústia é palpável.

É insuportável.

– Eu ia lhe contar. Eu voltei para lhe contar. – As palavras vêm agora. Os discursos que preparei e reescrevi em minha mente e por vezes sem conta. Desculpas que significam merda. – Foi o meu pior erro, Alayna. – Dou um passo em direção a ela. – A mais terrível de todas as coisas que já fiz. Meu maior arrependimento, embora seja o que me deu você e por isso lhe sou eternamente grato. Mas eu nunca soube o que sinto por você. Eu nunca soube que poderia te machucar muito, e que me importaria por ter feito isso. Por favor, Alayna, você tem que entender.

Estou desesperado para ela me ouvir, mas minha voz parece rolar através de seu corpo. Alayna está em seu próprio pesadelo, e não posso chegar até lá.

– Era isso o que era, não? Um jogo. O seu jogo. Juntos. – Ela cai no chão. – Oh, Deus. Oh, Deus, oh, Deus.

– Alayna.

Eu caio de joelhos, estendendo a mão para ela. Preciso dela, preciso consertá-la com o meu toque, como sempre faço.

Mas ela se afasta de mim.

– Não me toque!

Seu grito penetra em meu corpo. Eu nunca ouvi essa profundidade da dor e da repulsa em seu tom de voz. O peso disso se compara à minha própria dor, obscurecendo minha visão, fazendo com que o meu coração dispare.

Eu me recuso a parar de lutar. Eu tenho que chegar até ela, de alguma forma. Se não com o meu toque, então minhas palavras terão que bastar.

*

– Não é o que você pensa, Alayna. Sim, começou como um jogo. Como o jogo de Celia. Mas eu só fui em frente porque era você. Porque eu estava enamorado por você.

Ela olha para mim, piscando, como se me visse claramente pela primeira vez. E estava, não é? Finalmente visse o diabo disfarçado que sou.

Ela se inclina sobre seu corpo, arfando em seco.

Compreendo. Estou tão enojado comigo mesmo.

Estou desesperado para ajudá-la, mas tenho medo de que ela vá me afastar novamente.

– Alayna, deixe-me...

Ela coloca sua mão para me impedir de chegar mais perto.

– Eu não quero sua ajuda. – Alayna limpa a boca com as costas da mão. – Eu quero a porra das respostas.

– Qualquer coisa. Eu disse que ia lhe contar qualquer coisa.

Talvez... se ela ouvisse tudo... talvez então ela pudesse entender.

Mas enquanto ela faz as perguntas e eu respondo, posso ouvir a história do jeito que ela ouve. É horrível. É feio. É absolutamente podre.

Peço-lhe que me deixe tentar explicar com minhas próprias palavras. As palavras que eu tenho guardadas para esta ocasião. Mas são tão ruins quanto. Cada nova frase parece destruir Alayna de uma nova maneira. E cada nova rachadura que rasga através dela ecoa através de mim com uma dor lancinante. Mesmo quando imploro a ela, não sei o que estou pedindo. Para entender? Por amor? Para perdoar?

Eu sei que perdi os meus direitos a tudo isso. E não é nenhuma surpresa quando ela declara em palavras medidas e ponderadas:

– Isso é imperdoável, Hudson. Não há como seguir em frente com isso.

Alayna disse essas palavras para mim antes, em cada pesadelo que eu tive ao contar-lhe a verdade. É por isso que escondi isso por tanto tempo. Porque estas palavras pareciam inevitáveis.

No entanto, não posso aceitar. Dói muito, demais, para que este seja o fim.

– Não diga isso. Nunca mais diga isso.

– O que é exatamente o que você não quer ouvir, Hudson? Que eu não posso perdoá-lo? Eu não posso. – Ela está tentando me machucar agora; eu sinto. – Não posso perdoar isso. Jamais.

Eu também sei que está falando a verdade. Ainda assim, tento me aproximar.

– Alayna, por favor!

Ela me empurra, gritando palavras que me ferem e me quebram. Ela me diz que acabou. Ela me diz que nunca poderá confiar em mim novamente. Eu não tenho nenhuma esperança, estou já destruído, mas vou continuar lutando. Protestando. Prometendo meu

amor. Eu vou fazer de tudo para resolver isso. Qualquer coisa para apagar tudo isso.

Mas cada vez que vou chegar a ela com palavras ou com minhas mãos, Alayna me empurra. Empurra-me para longe. Será que eu realmente esperava algo diferente? Eu vi o amor deteriorar-se assim, antes. Eu assisti a isso acontecer diante dos meus olhos. Isso é algo que conheço. É a coisa em que sempre fui bom – destruir o conto de fadas de viver felizes-para-sempre.

O amor não suporta tudo. O amor não aguenta. Ele acaba, o amor sempre termina.

Porque em tudo o que eu destruí – em meu passado com Celia, hoje aqui com Alayna – a minha maldição é que só o meu amor persiste. Toda a minha vida eu estava vazio. Agora, eu estou repleto. Transbordando de amor e de angústia. Minha e dela. Estão tão completamente entrelaçadas, tão bem misturadas mutuamente que não acredito que um dia poderão se separar. Eu amo Alayna Withers. E cada gota desse amor está tão atada com a dor que viaja através das minhas veias como o ácido, queimando e me deixando cicatrizes de dentro para fora.

Não há nada mais que eu possa dizer. Não há nada mais que ela possa ouvir.

Há uma batida na porta e David enfia a cabeça para dentro. Ele me ignora e direciona seu foco para Alayna.

– Você está bem, Laynie?

Ela é honesta em sua resposta.

– Não. Eu não estou bem.

É a deixa para eu sair. Mas quero tentar mais uma vez, incapaz de deixar que ela se vá.

– Alayna...

Com um simples movimento de cabeça, ela termina. Termina com a gente.

– Vou embora. – Espero que Alayna me detenha. Ela não o faz.

Dirijo-me a David.

– Eu sinto muito por estragar sua festa. Obrigado por olhar por ela.

Embora isso doa, estou grato por alguém tomar conta dela quando eu for embora. Ela é forte, eu sei. Mas não posso suportar que ela fique sozinha. Como eu vou ficar.

Eu olho para ela uma última vez. Estou enterrado sob uma avalanche de arrependimento. Eu mal posso me mover, mal consigo respirar sob o seu peso.

De alguma forma, porém, consigo me afastar. Porque é isso que ela quer. E depois de tudo que tirei dela, isso eu posso dar – saio pela porta e vou embora.

*

A única coisa que me mantém vivo pelos próximos dias é o meu compromisso em garantir

que Alayna esteja bem. Passo a manhã de segunda-feira recarregando as baterias do fora de Alayna e finalizando os detalhes sobre o negócio da GlamPlay com Norma. Eu mantive Jordan de plantão, observando Alayna de longe no caso de Celia decidir tentar alguma coisa, e checo as coisas com ele muitas vezes. Mando comprar um Kindle e baixo os livros favoritos de Alayna nele, assim ela terá alguma coisa para fazer em vez de ficar obcecada e triste com o estado das coisas. Essas são as *minhas* tarefas neste momento. Eu vou ficar obcecado com ela, em vez do contrário. Eu vou ficar triste o suficiente por nós dois.

Ligo para Liesl. Fico grato ao descobrir que Alayna está com ela e não com David. E não dou desculpas. Não peço outra oportunidade. Digo as verdades a Liesl – que a polícia não está à procura de Alayna, que seu trabalho está seguro, que ela pode ficar na cobertura, que eu estou aqui quando ela quiser conversar. Que eu a amo.

Liesl parece se importar o suficiente com Alayna para me deixar falar, embora zombe de minha proclamação de amor.

– Ela não quer ouvir isso – diz Liesl.

– Isso não torna minha declaração menos verdadeira.

Eu me alimento, mas só porque preciso de energia para continuar lutando por Alayna. Eu não me afogo em uísque, por mais tentador que seja. Não serei de valia para ela assim. Não durmo. Sofro. Sinto. Tento não me enterrar em minhas emoções.

Quando a dor fica insuportável, eu me lembro que a dela é pior. Eu tento abraçar a tristeza. É justo, pelo que fiz. Consequências.

E mando uma mensagem de texto a ela. Tenho certeza que ela não está lendo minhas mensagens, mas é bom poder dizer as coisas que eu quero. E envio tantas que parece que nossos papéis se inverteram – sou eu agora quem a persegue. Sou quem não consegue evitar fazer isso. Eu lhe digo tudo e qualquer coisa.

Eu sinto falta de você, eu disse.

Ouvi aquela canção do Phillip Phillips no rádio hoje. Você deixa tudo tão fácil...

Jack perguntou por você. Você deveria ligar para ele algum dia. Tenho certeza de que ele adoraria ouvir notícias suas.

E tantas vezes escrevi apenas *eu te amo.*

Deus, eu realmente amo Alayna demais.

*

Terça-feira, eu chamo o dr. Alberts para marcar uma consulta. Ele diz que vai me ver naquele dia com as mesmas condições de antes, ou seja, tenho que encontrá-lo em seu escritório, em vez de no meu. Eu concordo.

É mais fácil falar com ele agora do que foi antes. Alayna abriu portas em mim que nunca poderão ser fechadas novamente. Digo-lhe tudo.

– Ela me ensinou a sentir – explico, meus olhos fixos na superfície lisa do teto. – Ela me ensinou a ter emoções.

O dr. Alberts não vê as coisas da maneira como eu vejo.

– Ela não lhe ensinou nada. Você sempre soube. Você trabalhou duro durante todo esse tempo tentando esquecer tudo isso. Mas nunca foi incapaz de sentir. Você criou bloqueios quando ainda era jovem para lidar com a dor que sempre cercou sua vida familiar. Você não sentia porque era mais fácil não sentir. Era um mecanismo de defesa.

Absorvo essa informação e avalio. Há lembranças que se arrastam para cima de mim, às vezes, que são muito específicas de minha juventude, em que meus sentimentos são tão brilhantes que se mostram na minha mente como uma cor. Vermelhas e roxas e verdes. São poucas e distantes entre si, mas estão lá. Seriam os remanescentes dos dias antes que tenha aprendido meus mecanismos de defesa?

E se assim for, por que o dr. Alberts não me disse isso antes? Pergunto-lhe.

– Você não estava pronto para ouvi-lo. A questão é, por que você acha que decidiu permitir-se sentir agora? Você viu essa mulher de longe e imediatamente sentiu-se pronto para dar os primeiros passos. Por quê?

Estou certo de que o dr. Alberts não é o tipo de terapeuta que vai aceitar amor à primeira vista como uma resposta. Honestamente, eu também não. Levo um segundo para descobrir a verdadeira resposta.

– Ela era familiar – respondo finalmente. – Eu reconheci que ela havia lutado. E ainda assim, iria sair-se bem. Isso era lindo e eu queria conhecer mais. Eu queria isso para mim.

– E você percebeu que, para chegar lá, teria que começar a sentir de novo.

– Eu acho que sim.

Tudo está muito simplificado, mas... Não é tudo assim?

Ocorre-me que eu tenho outras questões que estão precisando de respostas simples. Perguntas que meu terapeuta pode ser capaz de colocar em pratos limpos. Sento-me, e encaro o homem cara a cara.

– Eu tinha estado muito bem sem jogar com as pessoas. Por que decidi que eu tinha que jogar de novo, para poder chegar perto de Alayna?

Ele estala os dedos e apoia o queixo contra eles.

– Por que você acha que isso ocorreu?

– Porque não conhecia nenhuma outra forma de me relacionar com as pessoas.

Seja como for, essa era a razão à qual eu me agarrava.

– Eu imagino que há verdade nisso. – Ele pensa por um momento. – E você gostava de

fazer isso, Hudson. Talvez não mais, parece que veio a superar esse vício, mas gostava. A energia que o jogo lhe dava foi um substituto para as emoções reais que tinha enterrado. Você manipulou Alayna, porque uma parte de você queria isso.

É difícil de ouvir, e começo a objetar. Mas então paro. Porque ele está certo. Havia uma parte de mim que queria exatamente isso. Queria sentir meu coração acelerar enquanto tentava imaginar como ela se comportaria. Queria a recompensa de prever isso. Eu senti uma excitação no momento em que a vi, e o jogo era o jeito que eu conhecia para recapturá-la. E essa emoção rapidamente foi substituída pela emoção de me apaixonar.

Mas aquele primeiro sim, quando confirmei a Celia que jogaria, ele estava errado. Eu não tinha desculpa. A culpa era minha.

Dr. Alberts reconhece meu processo de pensamento.

– A aceitação é o primeiro passo para seguir em frente, Hudson. É por isso que você nunca poderia se recuperar totalmente antes, porque nunca aceitou realmente a culpa por suas ações. Este é um grande progresso. Falar sobre isso, compartilhando o que você fez com as pessoas próximas, ajudará também. Eu recomendo que você trabalhe nisso como próximo passo.

Já que ele não tem pacientes agendados depois de mim, dr. Alberts me deixa ficar por duas horas. Uma vez que estamos no escritório dele e não no meu, ninguém interrompe. Esqueço o trabalho. Eu me concentro em mim. Com a ajuda dele, trabalho em muitas questões que tive ao longo da vida sobre mim mesmo. Pude abrir os olhos. Foi libertador.

A única coisa que ele não pode responder, no entanto, é a única coisa que eu mais quero saber.

Há alguma chance de Alayna poder me perdoar?

26

Na quarta-feira, Mirabelle para em meu escritório. Eu tinha cancelado a maioria dos meus compromissos não urgentes, por isso estou disponível para vê-la. Peço a Patricia para mandá-la entrar.

O rosto da minha irmã é grave. Eu sei que não tem nada a ver com sua saúde, ou ela teria ligado se houvesse quaisquer novas ameaças a ela ou ao bebê. Eu tenho que assumir que ela está aqui por causa de Alayna.

– Estou supondo que você conversou com ela – afirmo, quando ela se instala na poltrona na minha área de estar.

Sua testa franze.

– Conversei com quem? Mamãe?

– Não, eu quis dizer Alayna. – Pego uma garrafa de água da minha geladeira e entrego a ela antes de me sentar no sofá. – Você não está aqui por causa dela?

– Agora estou. – Os olhos se estreitam maliciosamente. – O que está acontecendo?

Eu vou ter que contar a ela. Mas não sei se posso falar sobre isso. Ainda não. Eu esfrego minha mão sobre meu rosto.

– Esqueça, não falei nada...

– Oh, isso não está acontecendo. – Ela se inclina para frente e coloca a mão no meu joelho. – Hudson? – Eu balanço minha cabeça, mas, como sempre, ela me lê. – Oh, Deus. O que aconteceu? Conte-me.

– Ela... – Respiro fundo e deixo o ar escapar antes de prosseguir. – Ela me deixou, Mirabelle.

– De jeito nenhum. – Ela me estuda. – Você está falando sério.

Como eu gostaria que não fosse.

– Eu disse a Alayna tudo o que ela queria saber, e ela me deixou.

Não é mais fácil dizer isso desta vez do que era há pouco. Minha voz se pega nas palavras. Não só agora sou capaz de sentir, mas também parece que sou incapaz de manter meus sentimentos ocultos.

– Eu tenho certeza que você está exagerando. As pessoas brigam. Vocês vão superar isso.

Eu não quero discutir com ela. E prefiro deixá-la esperar pelo melhor. Eu mesmo espero por isso, então, simplesmente respondo:

– Tudo é possível, acho.

– Mas você não acredita nisso, não é? – Ela inclina a cabeça e olha para mim com os olhos cheios de empatia. – Oh, Hudson, o que aconteceu? Talvez eu possa ajudar.

Sei que ela não pode ajudar, e é por isso que não tenho a intenção de contar. Mas então eu me lembro do que o dr. Alberts disse sobre me abrir para as pessoas próximas a mim. Se quero ver a progressão na minha terapia, tenho que trabalhar para isso. Quero ver essa progressão. Não sei se há alguma chance de que Alayna e eu possamos ficar juntos novamente, mas se houver, sei que preciso me tornar o melhor homem possível. O melhor de *mim* possível.

Então, pela segunda vez em dois dias, conto a mesma história. É mais difícil de compartilhar com Mirabelle. Ela não esconde a decepção em suas feições. E frequentemente enxuga as lágrimas de seus olhos, mas ouve sem interromper.

Quando eu termino, ela solta um suspiro ofegante. Então, diz:

– Foda-se, Hudson.

Estou surpreso, não porque não mereça o "elogio", mas porque não esperava isso. Não dela.

– Eu te amo. Eu realmente amo. – A voz está pesada com emoção. – E eu sempre vou estar ao seu lado, mas você realmente fodeu tudo desta vez. E se não reconhece isso, então não há esperança para você.

Curvo minha cabeça. E não consigo olhar para ela. Sua desaprovação dói quase tanto quanto a de Alayna.

– Eu reconheço isso. Totalmente.

Ela não vai olhar para mim.

– Pelo menos isso.

– Essa é a pior coisa que eu já fiz.

– Eu não duvido.

Há uma mordida em suas palavras. Elas são pontiagudas e afiadas. Deixam marcas em mim.

Eu sempre pensei em mim como sendo um cara bem blindado. Nada poderia entrar. E agora, quando realmente me olho, vejo as cicatrizes. Sinto suas bordas irregulares através de cada polegada do meu corpo. Será que todo mundo pode ver? Será que Mirabelle pode ver?

Eu estou quebrado e mutilado, mas é subitamente importante para mim que ela saiba que estou tentando ficar de pé novamente.

– Perdê-la, Mirabelle, é... é como bater no fundo. Eu estou me consultando com o dr. Alberts novamente. Tentei mudar quando você me enviou antes, mas agora... agora eu quero isso.

Finalmente, ela olha para mim. Há um toque de bondade em seu olhar e uma pitada de

piedade.

– Estou contente de ouvir isso, Hudson. Eu realmente estou. Eu só quero o melhor para você. E sinceramente acredito que você pode ser um homem diferente se quiser.

– Eu quero.

Eu quero isso retrospectivamente. Por que não pude ser um homem diferente antes de conhecer Alayna? Se eu tivesse tentado mudar antes com mais ímpeto, então eu estaria pronto para conhecê-la com o melhor de mim?

Não vale a pena ficar me debruçando sobre "e se...". No entanto, eles se esgueiram, de qualquer maneira. Deixo minha cabeça cair para trás e fecho os olhos.

Mirabelle vem sentar-se ao meu lado. Sem dizer uma palavra, ela passa os dedos pelo meu cabelo. É reconfortante. Hipnótico.

Eu engulo em seco a bola apertada na minha garganta.

– Eu fodi tudo, mas realmente a amo.

– Eu sei. – Sua voz é suave agora. – Ela não é a única razão pela qual você quer mudar, não é?

– Possivelmente.

Não é a resposta certa, mas é a verdade.

A mão de Mirabelle faz uma pausa por meio segundo antes de retomar seus movimentos calmantes em meu couro cabeludo.

– Porque eu não sei se vai conseguir reconquistá-la. Isto é... é ruim, Hudson. Pode ser que não tenha como seguir em frente com isso.

Eu forço uma risada.

– A rainha do amor-vence-tudo tem dúvidas? Cara, eu estou realmente fodido.

– Eu só estou sendo honesta. – Ela inclina a cabeça no meu ombro. – E eu quero que você melhore, com ou sem ela.

Eu não posso imaginar uma vida sem ela. Mesmo quando estamos separados, ela ainda está tão presente na minha vida. Eu sei o que Mirabelle quer dizer, mas simplesmente não posso me deixar pensar assim.

– Não vai ser um problema. Eu nunca vou deixar de amar Alayna. Preciso estar pronto no caso de ela mudar de ideia.

Quando ela mudar de ideia.

– Hudson. Estou tão brava com você.

Mirabelle se senta e dá um soco com o punho no meu peito. É um soco até bastante pesado, embora eu quase não o sinta em meio à dor que me recobre. Gostaria que ela me batesse de novo, que ela me batesse até eu virar uma massa disforme.

Ela não o faz. Em vez disso, ela coloca a palma da mão contra mim e coloca a cabeça no

meu ombro.

– Estou tão desolada. Por vocês dois. Eu amo essa garota também, você sabe.

– Eu sei.

Não sou geralmente o cara do tipo de aninhar a minha irmã mais nova, mas nem sei mais quem sou "geralmente". Então, passo o braço pelos ombros dela e a puxo para perto. Ficamos sentados assim, os dois lamentando a perda.

Então, Mirabelle pula.

– Puta merda! Minha reinauguração da loja! Laynie ia ser uma das modelos, e agora provavelmente ela vai voltar atrás.

– Se imaginar que estarei lá, sim, eu apostaria que ela deve cancelar. – Eu pensei nisso. Não há nada que não pensei sobre Alayna. Mas minhas próximas palavras não são premeditadas. – Eu não vou.

Mirabelle olha para mim, parecendo calibrar minha seriedade. Quando ela percebe que estou sendo completamente genuíno, replica:

– Eu sei que eu deveria tentar argumentar, mas honestamente? Não quero mesmo que vá. Não me odeie por isso.

– Compreendo. Ela é sua modelo. Você precisa dela. Eu sei que ela quer estar lá. Então, por favor, deixe-me cair fora dessa.

Também espero que isso seja algo que vá tirar Alayna de sua concha. Algo que vai lembrá-la de como é estar viva. Não se trata mais de Celia ganhar ou perder – Alayna tem que sobreviver, porque *não quero* ser a pessoa que a destruiu.

– Certo. Vou deixar você pular fora. Considere-se banido daquelas instalações no sábado. – O brilho em seus olhos diz que minha irmã compreende a totalidade da minha motivação. – Estou falando sério. Não mude de ideia e depois acabe aparecendo lá.

– Não vou, palavra de escoteiro.

Como se algum dia eu tivesse sido escoteiro. Ou tivesse palavra.

Eu me estico para apagar a mancha que suas lágrimas anteriores deixaram sob seu olho. De repente, estou comovido com esta bela criatura. Além de Alayna, ela é a única pessoa que tem sido capaz de ver algo mais em mim do que aquilo que exponho. E tenho certeza que nunca falei a ela tanto sobre mim.

Então, continuo:

– Eu nunca poderia te odiar, Mirabelle. Eu te amo. Eu quero que você seja feliz. Eu quero que você possa se orgulhar de ser minha irmã. Do mesmo modo que me sinto orgulhoso de ser seu irmão. Você tem sido muitas vezes o único apoio que tive. A única que acreditou em mim. Detesto ver que você está olhando para mim agora com decepção.

Os olhos dela estão úmidos, mas ela sorri.

– Estou desapontada, Hudson. Estou. Mas isso não significa que não tenho orgulho de ser sua irmã. Eu também te amo. Não desista dela. Mais importante ainda, não desista de si mesmo. Eu nunca irei desistir.

Ela me abraça, e eu permito.

Por alguns minutos, de qualquer maneira. Mas saio de seu abraço, porque é bom, e não posso sentir nada bom. Não agora. Minha mente vagueia de volta para a pessoa que nunca realmente esqueci.

– Alayna ainda pode desistir de ir à sua festa, você sabe. Mesmo que eu não vá.

– Eu sei. – O tom dela diz que não está preocupada. Se alguém pode convencer Alayna do contrário, é Mirabelle. – Eu vou pensar de forma otimista. E vou ser otimista sobre vocês dois também. Eu não acho que vou deixá-la saber que sei o que aconteceu. Ela poderia ficar realmente envergonhada com isso. Talvez vá se sentir mais confortável se ela não estiver preocupada com o que eu acho de tudo isso.

– Bem pensado. – Nem tinha considerado que Alayna poderia se sentir humilhada. Mas é claro que está. Ela havia sido enganada por um idiota. – Eu vou apoiar do jeito que quiser jogar isso.

Mas me assusto com a minha escolha de palavras.

– Eu vou apoiar o que fizer, quero dizer.

Mirabelle percebe a correção. Com um sorriso triste, ela bagunça o meu cabelo.

– Você é um cara bom, Hudson. Apesar da merda que fez, ainda é um cara muito bom. – Uma lágrima desliza pelo seu rosto. Ela limpa rapidamente. – Deus, tenho que sair daqui. Estou muito hormonal para essa porcaria.

– Não, você está bem. – Fico de pé e a ajudo. Então, eu me lembro. – Mas havia uma outra razão para sua vinda?

– Oh, sim. Havia. Há sim. Eu estou lhe dizendo, hormônio é uma loucura. – Ela muda seu peso sobre a perna e mordisca seu lábio. – Bem, eu odeio trazer isso depois de tudo pelo que você está passando, mas há algo importante, e preciso da sua ajuda.

Detesto quando ela fica nervosa para pedir. Será que ela não sabe que faria quase qualquer coisa por ela?

– Claro. O que há?

– É a mãe. Ela está em apuros.

Agora, eu entendo sua hesitação.

– Ela está em apuros faz tempo. – Mais do que qualquer um de nós.

Mirabelle acena com a cabeça.

– E nós não estivemos ao lado dela. É hora de fazer isso.

– Você está planejando uma outra intervenção? – O olhar em seu rosto responde à

pergunta para mim. – Está...

– Você acha que é algo idiota de se fazer?

Estou surpreso por nunca discutirmos isso antes. Todos esses anos nós simplesmente deixamos Sophia viver como se a bebida não fosse um grande problema. Como se fosse normal. Porque nunca conhecemos mamãe de outra forma, então esse jeito era normal. O normal que conhecíamos, pelo menos.

Mas nós tínhamos crescido. Em algum momento, percebemos que o seu comportamento não era saudável ou são. E ainda assim, não tínhamos feito nada.

Mirabelle tem razão quando diz que é hora de fazermos alguma coisa.

– Não é nada idiota – respondo. – É lindo.

A esperança brilha em seus olhos.

– Jura que você acha isso?

– Acho.

– Obrigada. Isso é realmente um alívio.

Percebi. Seus ombros relaxam e ela para de ficar mordendo o lábio inferior.

Mais uma vez, Mirabelle me comove. Eu a puxo para um abraço.

– Não sei como você acabou rodeada por essas almas quebradas e maltratadas. Nós não merecemos você. Mas eu honestamente acredito que nenhum de nós teria chegado tão longe quanto chegamos se não fosse Mirabelle nos mantendo juntos. Você é nossa cola. Você é a *minha* cola.

Jesus, quando na minha vida soltei tanta merda pela boca?

Mirabelle me cutuca com o cotovelo.

– Isso foi muito poético, Hudson. Eu diria que não sabia que você tinha isso aí dentro, mas seria uma mentira. Ainda há esperança para meu maninho.

Eu não tenho certeza que isso é verdade. Mas não seria maravilhoso se fosse?

*

Naquela noite, o peso de tudo isso me atinge. Eu estou no loft, sentado no sofá no escuro, quando a dor rasga meu peito como um trator me atropelando. Não há uma parte de mim que não esteja doendo – as minhas mãos, os meus pés. A cabeça lateja. O sangue sobe em minhas orelhas. Meu coração bate como se fosse estourar dentro do meu peito. Isso me faz dobrar, roubando minha respiração. Engulo o ar em grandes sorvos e que são quase soluços.

É uma morte. O final do que foi e o renascimento doloroso que se segue. Eu envolvo meus braços em volta de mim, minhas unhas cravando em meu peito, apertando, como se eu pudesse me segurar onde estava. Quero que o mundo pare de girar em torno de mim. Estou

transpirando. E grito o único nome que me dá conforto. O nome dela. De novo e de novo.

Eu não quero passar por isso. Eu não quero ficar sem ela. Eu não quero sentir falta dela como sinto, ansiando por seu sabor, seu toque, seu som. Eu não quero renascer neste novo mundo, um mundo que não significa nada com sua ausência.

Eu não quero estar nesta vida sem ela.

*

Na manhã seguinte, estou com uma mensagem de texto em meu telefone. Prendo a respiração, esperando que seja de Alayna. Não é, mas a mensagem me motiva a sair da cama de qualquer maneira. É de Norma. *Todos os documentos estão prontos. Estarão em sua mesa quando você chegar.*

Finalmente, tenho o que preciso para me livrar de Celia de uma vez por todas.

Sete horas depois, estou sentado na poltrona no loft, agitando o gelo no meu copo de uísque vazio enquanto Celia analisa os contratos da empresa que trabalhei tanto para adquirir. Eu deixei que ela argumentasse e me provocasse com insultos antes de apresentar os fatos. Este é o último jogo que pretendo jogar, e quero aproveitar.

Exceto que não há qualquer prazer nele. Não há excitação. Não há nenhuma emoção. Talvez esteja muito insensível com a tristeza sobre Alayna, mas sei que não é isso. Perdi o gosto pelo jogo. Isso é tudo.

Assim, enquanto Celia lê, eu silenciosamente digo adeus. Mesmo através da dor, sinto uma lufada de paz.

Observo enquanto ela avança através das páginas. Celia lê devagar. Tenho certeza de que parte da linguagem é difícil para ela compreender na totalidade, mas posso dizer quando ela entende. O rosto dela fica branco e sua respiração fica mais lenta.

Finalmente, ela pergunta:

– Como você fez...?

– Às escondidas. – Eu me forço a saborear este momento. Fiz isso por Alayna, e queria que ela pudesse testemunhar. Estou orgulhoso de poder fazer isso por ela, embora – se não fosse por minha causa – ela jamais teria precisado deste tipo de proteção. – Eu admito, não foi fácil. Tive que convencer outra empresa a comprar uma parte das ações, e então comprei essa empresa, mas você realmente não quer os detalhes, não é?

Ela faz uma carranca. Cada traço de humor deixou seus olhos.

– Os contratos estão assinados agora. Isso é tudo que importa. Eu sou oficialmente o proprietário majoritário da Werner Media Corporation.

Os lábios de Celia se apertam quando ela fecha a pasta que contém os contratos.

– E você disse que iria parar de jogar.

– Eu tinha uma última jogada a fazer.

Eu me pergunto brevemente se Celia realmente pensa que este é apenas mais um jogo para mim. Um dia, ela amou. Será que ela não se lembra mais?

Uma punhalada familiar de culpa me atinge, bem nas minhas entranhas.

E então desaparece.

Tem sido tão fácil culpar-me por ela. Mas, mais cedo ou mais tarde, temos de assumir a responsabilidade por nós mesmos, assim como disse o dr. Alberts. Talvez eu tenha lhe ensinado esta vida, mas Celia foi quem escolheu abraçá-la. Agora, quando tento mostrar-lhe outra maneira de viver, ela se recusa a vê-la.

Eu não sou responsável por ela. É o corte final da corda que nos unia. O último fio entre nós, recortado, e agora nós dois estamos totalmente livres.

Celia enxerga isso também. Ela me deixa ir, em um silvo de ar longo e lento.

– É xeque-mate, então?

– Diga você.

É quase admirável como ela joga até o fim. Alguma vez eu teria ficado impressionado. Agora, estou apenas cansado.

– Quais são seus planos para a Werner Media?

Esta é uma pergunta justa.

– No momento, não tenho planos. A empresa está indo bem, assim como está. Warren Werner é definitivamente o homem certo para estar no comando. No entanto, se houvesse alguma razão que eu sentisse que sua presença já não seria necessária...

Paro no meio da frase, deixando-a preencher os espaços em branco.

– Ele ficaria arrasado.

Suas sobrancelhas são comprimidas e sua habitual expressão fria foi substituída pelo ar de desânimo.

Sinto um lampejo de alívio. Eu tinha feito uma aposta. Todo o meu plano só funcionaria se Celia ainda tivesse a capacidade de se importar com outra pessoa que não ela mesma, ou seja, o pai. É mais uma prova de que ela só vive como se fosse uma pessoa cruel por escolha.

Embora eu não descarte que sua preocupação pudesse ser monetária – estou convencido há anos de que Celia vive com a riqueza do seu pai. E embora o pai ainda continuasse rico mesmo que eu o afastasse, é menos provável que ele continuasse tão generoso. É sabido que um Warren feliz é um Warren que compartilha.

– Eu imagino que ele ficaria arrasado só por saber que já não detém o controle acionário. Por ora, o fato ainda está oculto. Ele não tem ideia de que não está mais no comando. Gostaria de que isso mudasse?

– Não – responde Celia.

– Você está pensando em fazer qualquer coisa que possa me obrigar a alterar meu atual plano de negócios?

Os ombros dela caem.

– Não.

– Então, sim, é xeque-mate.

Nós ficamos sentados em silêncio por alguns minutos. Tem sido uma longa batalha. E este é o fim oficial da nossa amizade. Ele merece algum luto. As lembranças voam pela minha mente como se fossem eslaides numa apresentação. Algumas são de há muito tempo, eu não posso datá-las com precisão. Outras, de tão impressas em minha alma, nunca vou esquecer os detalhes. O voleio dela num jogo de tênis que tinha estado tão perto. A garrafa de champanhe que abrimos no final de nosso primeiro jogo com sucesso. Sua mão nas minhas costas e sua sincera confissão – *eu te amo*.

Esse é todo o tempo que vou passar de luto por aquilo que fomos uma vez. É breve, mas deixei-me senti-lo.

Finalmente, ela está de pé.

– Eu acho que é hora de eu ir.

– Sim. Vou com você até a porta.

Eu verifico o meu relógio enquanto cruzamos o andar juntos. Preciso estar na casa de meus pais em meia hora. Hoje é a intervenção planejada por Mirabelle. *Um dia de palavras difíceis,* penso. E emoções difíceis. É como se eu estivesse compensando uma vida toda de não sentimentos em apenas alguns dias. É algo pelo qual espero nunca mais ter que passar novamente.

Eu abro a porta para Celia e a mantenho aberta para que ela passe. Celia não olha para mim. Ou eu não olho para ela, não sei bem qual dos dois. Quando começo a fechá-la, meu olhar percebe algo inesperado – uma mochila no chão. É de Alayna. Eu tenho certeza disso.

Ou isso é uma ilusão?

Não, é dela. Arrumei isso para ela na nossa viagem para os Poconos. Mas o que isso está fazendo aqui?

Uma súbita explosão de antecipação se atira através de mim e faço a varredura na sala, esperando – contra toda a esperança – que eu vou ver o que tanto quero ver.

E vejo.

Meus olhos se bloqueiam nos dela. Ela está ajoelhada no chão na soleira para o quarto. Sua postura sugere que ela não está aqui para ficar, que ela não queria que eu soubesse que estava aqui. A mochila é enganosa. Ainda assim, estou feliz. Eu senti falta de ver seu rosto, senti falta de me conectar com ela, mesmo assim tão rapidamente.

Estou desesperado para ficar e falar com ela. Ansioso para descobrir por que ela está aqui. E, percebo, de repente, que ela viu o fim entre mim e Celia. Eu não poderia ter desejado que Alayna testemunhasse melhor prova de meu amor por ela.

Mas, apesar de me sentir assim, sei que se o fizer, nunca irei sair daqui a tempo de cuidar da coisa da minha mãe. É uma obrigação que não posso ignorar. Algo que eu preciso fazer antes que possa afirmar que matei meus demônios e que sou o homem que Alayna pode voltar a chamar de seu novamente.

Mas não sou o único a não estar pronto – ela não está pronta também. Eu sinto isso no fundo da minha alma. Ela precisa de mais tempo para processar tudo, e apressar as coisas não fará nenhum bem a longo prazo.

Então eu tenho que me agarrar a este momento para poder seguir em frente. Agarrar-me ao amor que ainda brilha tão claramente em seus olhos e espero que ele possa finalmente ser suficiente.

– Segure o elevador – chamo Celia sem olhar para longe da minha preciosa Alayna.

É sempre tão difícil deixá-la. Mas agora eu estou me sentindo forte, e fechei a porta atrás de mim.

Celia está esperando no elevador, apertando o botão, para manter a *porta aberta*. Eu entro e a porta se fecha. Nós viajamos em silêncio por vários segundos antes de ela falar:

– Bem, isso é estranho.

Honestamente, eu esqueci que ela está lá. Ainda estou de volta no loft, meu coração e minha mente fixos em Alayna. Mas me obrigo a sair e voltar para o presente.

– É mesmo? Não saberia dizer, nunca tive uma derrota desse tamanho.

Culpo essa minha condescendência pela emoção de ter descoberto a espiã. Mas acho que seria tão arrogante assim, mesmo que não tivesse visto Alayna.

Celia não parece ter gostado.

– Você é um idiota.

– É uma fração do que você merece.

A fração menor, porém, e tento não me debruçar sobre a lista de coisas piores que eu poderia fazer para ela. É gratificante pensar nisso, mas focado demais no negativo, coisa que não gostaria de estar.

Celia cruza os braços sobre o peito e me olha.

– Bem, meu pai vai se aposentar um dia. O que você terá contra mim, então?

Eu reviro os olhos.

– Por favor. Seu pai vai trabalhar até morrer. Eu lhe dou mais vinte anos, pelo menos. Se você ainda estiver querendo vingança nessa época... Bem, então não acho que você poderia chamar qualquer coisa que faça de vitória. Não penso que seja tão patética assim.

Um olhar de soslaio para Celia diz que talvez ela seja patética. A ideia de ela ainda perpetuar este esquema contra nós por anos a partir de agora me enfurece. Eu desço meu olhar para ela e minha voz fica gelada.

– Mas se você precisar de mais motivos para abrir mão disso, deixe-me dar um para você. Eu amarrei suas mãos legalmente. E prefiro não usar outros métodos para impedi-la, mas ouça, eu mataria por Alayna se tivesse que acontecer. Por favor, não me teste com isso.

Celia encolhe os ombros com desdém.

– Foi só uma pergunta. Eu não quis dizer nada com isso. O jogo acabou e estou entediada com vocês dois. – Ela franze os lábios. – Eu certamente criei uma hipótese errada desta vez, não? Jamais teria rotulado você como um herói.

É um elogio indireto, e isso me faz sorrir por dentro. Ela não está sozinha. Eu certamente nunca teria apostado em mim como alguém que fosse se apaixonar.

Mas espere – por que ela estava me rotulando?

– Quem era exatamente o assunto nessa experiência, Celia?

A porta se abre e ela sai sem responder. Atordoado pela minha descoberta, estou a poucos passos atrás dela. Não pretendo segurá-la, por isso chamo de novo:

– Celia?

Surpreendentemente, ela se vira para trás.

– O quê?

Diminuo a distância entre nós, meu coração que tinha pulado uma batida um momento antes, agora, acelerado.

– Você nunca esteve realmente jogando com Alayna, certo? Fui eu. Você estava jogando comigo.

A faísca em seu olho diz que acertei na mosca.

As peças se encaixam, de repente, e entendo a razão pela qual ela estava tão relutante em abrir mão disto – Alayna foi apenas o peão. Durante todo o tempo, Celia estava estudando *minhas* emoções, *meu* comportamento. Era *eu* o objeto de sua trama.

É ridículo que eu não tenha visto isso antes, que nunca esperasse tal coisa. Por acaso, ela não estava me devendo algo assim? Eu merecia sua retaliação. Dormir com o meu pai foi uma punição, mas nunca se igualou ao tipo de manipulação pela qual a fiz passar. Mas isto, isto sim. Perguntas correm pela minha mente. Por quantos anos Celia planejou isto? Ela queria que eu me apaixonasse? Ou foi seu objetivo provar que eu realmente não poderia ser capaz disso? Será que ela queria me ferir ou apenas saber como eu me sentiria ao ser enganado? Ela teria me enganado até o fim se eu não tivesse desistido? Foi este sempre seu objetivo? E toda a nossa amizade realmente foi apenas um longo jogo?

Estou deslumbrado.

E impressionado. E com raiva. Realmente irritado.

E, também, um pouquinho agradecido. Preciso dar crédito a Celia pelo meu relacionamento com Alayna, afinal. Eu sou inteligente o suficiente para saber que eu nunca teria ido atrás da mulher que me encantou se minha velha amiga não tivesse me empurrado para ela.

Mas isso não a redime. Alivia uma dor, porém. Ela sempre disse que eu a salvei ao apresentá-la ao meu mundo – isso foi verdade ou era parte do esquema também? Se foi ou não, agora ela me salvou. Ela me deu esta vida com Alayna.

Talvez ninguém tenha vencido este jogo, afinal. Acho que estamos simplesmente empatados.

Celia gira sobre os calcanhares, deixando me recuperar da minha revelação. É claro que ela oferece palavras de despedida, lançadas levianamente por cima do ombro.

– Cuide-se, Hudson. Se você decidir que quer voltar a participar do jogo, sabe onde me encontrar.

*

Minha mente gira durante todo o caminho para a casa dos meus pais. Depois de entregar minhas chaves para o manobrista, fico no lobby e tento me concentrar antes de ir lá em cima. É difícil deixar de lado os acontecimentos da tarde, mas foco em Mirabelle e em tudo que devo a ela. Então, entro no elevador e subo.

Eu sou o último a chegar para esta intervenção, embora tenha chegado aqui mais cedo. Toda a família está presente, assim como Adam. Madge Werner também está aqui. Ela não deve culpar minha mãe pela noite de Celia com meu pai há dez anos, embora evite cuidadosamente qualquer contato visual com Jack. Ela não parece estar muito feliz comigo também. Suponho que a minha participação na mentira é o suficiente para fazê-la não gostar de mim. Ela está desconfortável, mas ainda está aqui em apoio a Sophia. É admirável.

Isso corre tão bem quanto qualquer uma dessas coisas corre. Há muita choradeira, principalmente de minha mãe, sentada no sofá ao lado de Madge, com lágrimas silenciosas escorrendo por seu rosto que seria de pedra, se fosse outra ocasião. Todos falam. Chandler diz que quer uma mãe que possa receber uma namorada dele. Adam fala muito sobre o tipo de ambiente onde ele quer criar seu bebê. Madge relembra o tempo de sua longa amizade quando nenhuma delas tocava em bebida alcoólica.

Mirabelle dá o ultimato pesado.

– Fique sóbria ou não entra em minha vida.

É depois disso que Sophia concorda em ir para a reabilitação. Ela vai fazer qualquer coisa

pelo seu neto.

Mas, mesmo com sua aquiescência, há dois de nós que não falamos, e não seremos ignorados. Jack vai primeiro.

– Eu sei que o homem com quem você se casou desapareceu há muito tempo com a mulher que você foi. Se eu estou pedindo que você seja ela de novo, então é justo que eu o encontre novamente também. Você sempre foi o amor da minha vida, Sophia, mesmo que a vida que eu criei para você, para nós, tenha sido uma merda. Mas, com os diabos, nós ainda somos jovens. Não há nenhuma razão para que não possamos começar uma vida melhor agora.

Minha mãe não diz uma palavra, mas ela dá um tapinha na almofada do lado dela depois do discurso de Jack. Ele vai para lá imediatamente e envolve-a em seus braços. É agora que ela se desintegra, o rosto enterrado no peito dele. Mirabelle e eu trocamos um olhar atordoado. Nós nunca vimos tal afeição entre nossos pais. É muito comovente.

Eu vou por último. Com cuidado, para não incluir o envolvimento de Celia – Madge está aqui e este não é o lugar para revelar mais segredos que não são meus –, compartilho a natureza do meu relacionamento com Alayna. Como me tornei envolvido com ela. Como eu me apaixonei e traí. É chocante e decepcionante, e posso sentir a angústia na sala ficando mais pesada, e por um curto segundo, eu me pergunto o quanto eles ficariam chocados e decepcionados ao saber que Celia tinha feito o mesmo comigo (Deus, eu ainda não consigo acreditar).

Mas não posso ir lá, porque então teria que revelar toda a história por trás de Celia e de mim, e estes não são o local e nem o momento para isso.

Então, fico com Alayna.

É uma curta confissão. Esta não é a minha intervenção, afinal das contas, mas minha história é relevante.

Ela não olha para mim, mas eu acabo dirigindo-me diretamente a Sophia.

– Eu já não sei o que veio primeiro, mãe, sua bebida ou a minha reclusão emocional. É como tentar responder à pergunta sobre quem veio primeiro, o ovo ou a galinha. Embora culpar não seja importante, eu sei que nossos comportamentos estão diretamente correlacionados. Que eu tenho contribuído para o seu vício. Que você já contribuiu para o meu. Com isso em mente, acho que, se eu ficar bem e você ficar bem, também, então nós dois teremos uma vida melhor.

Minha mãe se mexe no sofá, levantando os olhos para mim.

Eu sinto que minha garganta aperta, mas falo mesmo assim.

– Nós dois estivemos escondendo nossas falhas por trás dessas muletas. É hora de enfrentá-las. Estou de volta na terapia. Eu não quero ser aquela pessoa, e juro que vou

mudar. Por mim. Por Alayna. Por você. Você vai mudar também? Por todos nós? Por mim? Por você mesma?

É um simples aceno que ela dá, mas é tudo. Nós nunca vamos ser capazes de reparar o nosso passado. Eu sei disso. Estaremos sempre tensos e desajeitados e, talvez, até mesmo cruéis em relação ao outro. Mas iremos ter para sempre esse momento em que lhe pedi o seu amor e ela me deu. É o suficiente para durar uma vida inteira.

27

Hoje é o dia seguinte à intervenção de minha mãe, e já parece que passou uma vida. Estou sentado no camarim da butique de Mirabelle, chafurdando em meus pensamentos. Eu não tinha planejado vir para a reabertura – afinal, prometera que não viria.

Mas fui convencido do contrário. Por Jack, entre todas as pessoas.

Nós tínhamos acabado de chegar ao centro de reabilitação para deixar minha mãe quando meu pai me entregou as chaves do carro.

– Já arrumei uma carona para mim e Chandler. Leve o carro, vá até a loja de Mira e lute.

Então, fiz isso.

E perdi.

Eu arrisquei tudo, e Alayna ainda me deu as costas. Não vou desistir, mas ainda não reuni forças para descobrir qual será meu próximo passo. Talvez esteja esperando por alguma orientação, não sei. É por isso que ainda estou aqui quando minha irmã bate na porta, quase uma hora depois que Alayna foi embora. Francamente, estou surpreso que ela não apareceu mais cedo. Suponho que sua grande festa de reabertura a manteve ocupada. Eu sabia que ela ia me encontrar mais cedo ou mais tarde.

Mirabelle entra sem convite, espreitando primeiro em volta, à procura de Alayna, presumo, antes de fechá-la atrás dela.

Me levanto do banco onde eu estava sentado, coçando a parte de trás do meu pescoço.

– Ela se foi. Eu sinto muito.

Tenho certeza de que Alayna tinha terminado a sua parte do show, então realmente não me sinto tão mal assim.

Mirabelle caminha até mim, coloca suas pequenas mãos no meu peito e empurra.

– Que merda é essa, Hudson? Você não deveria estar aqui. – Ela me empurra novamente para garantir.

Eu envolvo minhas mãos em torno de seus pulsos.

– E você deveria estar cuidando de sua pressão. Pare de empurrar.

Ela se contorce e arranca os braços fora do meu alcance e coloca os punhos nos quadris.

– Se a minha pressão está subindo, não é por causa dos empurrões. É o homem que está sendo empurrado que está me causando ansiedade.

Mirabelle se move novamente para me empurrar, mas desta vez eu a pego primeiro.

– Não há nenhuma razão para eu estar causando qualquer coisa a você. Tudo está bem,

sente-se. – Levo-a ao banco, onde ela se senta sem nenhum empurrão. – Quer que eu vá buscar água para você?

– Não – retruca. – Estou perfeitamente hidratada, muito obrigada.

Algo sobre seu comportamento me lembra um confronto similar. Seu ensaio para o jantar. Eu tinha afastado Mirabelle de sua festa então, também. Deus, eu sou um merda de um irmão.

Em nome dos velhos tempos, pergunto:

– Você não precisa estar com seus convidados?

– Estou na minha pausa para ir ao banheiro, está tudo bem. – Seus olhos se estreitaram ao mostrar uma pitada de humor, e eu sei que ela entendeu minha referência. Então, fica animada novamente.

– E o que quer dizer "está tudo bem"? Conseguiu falar com Alayna?

Eu inclino um ombro contra a porta.

– Sim. Falei com Alayna.

– E?

Mirabelle está quase tão ansiosa como eu para que a gente volte. É bom ter alguém torcendo por mim.

– E eu a pedi em casamento.

– Hum... o quê?

– Você ficaria orgulhosa dela. Ela disse que não.

Aquele não tinha sido um dos meus melhores momentos. Eu tinha estado desesperado e ousado e descarado. Nem arrumara uma aliança. Essa fora a solução que pensei na minha viagem de volta para a cidade. Eu achei que se provasse até que ponto eu poderia ir por Alayna, isso fosse a resposta para os nossos problemas. Como se a falta de gestos dramáticos tivesse sido o nosso problema.

– O que é compreensível.

Alayna já explicara isso em palavras difíceis de ouvir – ela me ama, mas não pode ficar comigo. Não consegue mais confiar em mim. Sou um idiota por pensar que ela iria querer passar o resto de sua vida comigo.

Mas estou me sentindo masoquista e acho que talvez devesse ouvir novamente.

– É mesmo?

Mirabelle foi legal com sua resposta.

– Você partiu o coração dela, Hudson. Você não consegue corrigir isso com uma proposta de casamento.

Eu quero perguntar: *mas então como você conserta?*

Mas não expresso minha dúvida. Receio que a resposta seja *não conserta*.

Então, ao invés disso, caio no assento ao lado dela e assumo um ar de confiança.

– Mas foi bom, mesmo assim. Eu irei reconquistá-la. E não vou desistir até lá.

Essas foram as palavras que gritei para Alayna quando ela se afastou de mim antes. Ela não olhou para trás. E finjo que isso não quer dizer nada.

Mirabelle levanta a cabeça para estudar meu rosto, a surpresa gravada em sua expressão.

– Quando diabos você se transformou em um cara romântico?

Eu balanço minha cabeça.

– Não me transformei. Apenas me lembrei de que eu sou um homem que consegue o que quer.

E eu quero Alayna. Preciso dela, na verdade. Eu preciso dela como preciso de ar para respirar.

– Bem, não use isso com ela. Não tem nada de romântico nessa frase. – E Mirabelle faz uma careta para provar o quanto a detesta.

Eu não tinha a intenção de fazer isso, mas agora que Mirabelle zombou tão abertamente, eu tenho que saber.

– Por que não? Isso funcionou antes.

– Talvez para dormir com alguém. – E faz uma pausa por um segundo. – E agora que penso sobre isso... eca. – Ela estremece. – De qualquer forma, ser arrogante e dominador não é o que vai fazer ganhar de volta a confiança e o afeto.

– Mas, porra, como se pode ganhar de volta a confiança?

Eu não quero ser tão grosseiro, mas estou frustrado.

E, também, eu entendo. Não há nada, *nada*, que Celia algum dia pudesse fazer para ganhar de volta a minha confiança. É assim que Alayna se sente sobre mim? Ela provavelmente deveria. Como ela disse, não há perdão a esse tipo de traição. Agora, eu sei.

Mas ela também me disse que ainda me amava. Mesmo que ela não tivesse dito, eu vi em seus olhos, no rosto. Eu senti isso na maneira como teve que lutar para evitar sair correndo para os meus braços. Se ela dissesse que me odiava, talvez então eu poderia deixá-la ir em frente com sua vida. Sem mim. Mas como ainda me ama, bem, não posso desistir assim.

Bem, talvez tenha virado um cara romântico, afinal...

– Tempo – diz Mirabelle. Eu não esperava que ela respondesse. – Dê-lhe espaço. Deixe que ela saiba que você ainda está lutando por ela. Mas não faça nada que lhe garanta uma ordem de restrição.

Tempo e espaço. Cada segundo longe dela me mata. Cada polegada entre nós parece quilômetros. Mas posso tentar. Se isso é o que ela precisa, vou tentar ao máximo lhe dar.

Mirabelle esfrega uma das mãos em pequenos círculos sobre sua barriga.

– Você tem alguma coisa específica planejada para mostrar a Laynie que ainda pensa

nela?

Na verdade, é por isso que eu ainda estou sentado no provador de Alayna. Estou paralisado, tentando descobrir o meu próximo passo. Até agora, não vim com nada.

Exceto que me sinto preso ao ritmo hipnótico de movimento de mão da minha irmã, e de repente me lembro de algo de muito tempo atrás.

– Alguém uma vez me disse – comento – que o caminho para ganhar o coração de uma garota é fazer as coisas que provam que você notou quem ela realmente é.

Eu tinha usado essa sabedoria para ganhar meninas no passado. Sempre como parte de um esquema, claro, o que tornou difícil considerar isso como uma tática, agora. No entanto, tinha sido um bom conselho.

Mirabelle me olha.

– É sério que você vai desenvolver seu plano de jogo baseado em algo que eu disse quando era uma adolescente inexperiente?

Minha testa se franze com a escolha de palavras de minha irmã.

– Não é um jogo, mas sim, o meu plano é baseado em sua sugestão.

Ela levanta a sobrancelha e vejo que está infeliz com a minha ideia.

– Você tem alguma coisa melhor?

Espero que a minha exasperação não seja muito aparente.

– Não. A ideia é ótima. Simples. Romântica. É realmente o melhor que você tem.

– Então, que olhar foi aquele?

Ela se abre em um sorriso.

– Você. Pedindo a minha opinião sobre sua vida amorosa. Eu lhe disse que faria isso um dia.

Seu sorriso é contagiante.

– Não fique se achando. Não é bom para o bebê.

Cutuco suas costelas, onde sei que Mirabelle sente cócegas.

Ela bate na minha mão e grita.

– Pare. Você está me fazendo rir e minha bexiga não aguenta.

– Vá fazer sua pausa para o banheiro.

Eu me levanto e a ajudo a ficar de pé. Então, abro a porta e vou para trás para deixá-la passar.

No corredor, antes que ela vá para o banheiro e eu em direção à porta dos fundos, ela pergunta:

– Você vai ficar bem?

Faço uma pausa.

– Sim. Eu acho que sim.

Porque Alayna parecia que ia ficar bem. E isso é o que mais importa para a minha felicidade. Ainda assim, até que ela me peça para parar, vou continuar tentando conseguir outra oportunidade.

Até o momento em que chego ao meu carro, eu já havia barganhado comigo mesmo sobre dar espaço a Alayna. Não posso ficar completamente longe, e, apesar de que talvez seja a última coisa que ela precise, sei que pode entender como é se sentir consumido. Decido que posso manter minha distância fisicamente, mas só se estiver com ela de outras formas. Uma lista de presentes já está se formando na minha cabeça.

A maioria das coisas que vou precisar pode ser encomendada on-line, mas há uma compra que preciso fazer em pessoa. Vou diretamente para a Tiffany. Alayna disse não à minha primeira proposta, mas ainda tenho toda a intenção de um dia fazê-la minha noiva. Quando eu tiver a chance de pedir sua mão de novo, vou estar preparado. Compro um brilhante de três quilates ladeado por duas pedras em berço de platina. Assim que vi essa aliança, soube que era dela. Bela e preciosa, como ela.

Naquela noite, comecei a dar meus presentes. Fiz entregarem o Kindle no seu trabalho. Ela pode odiá-lo. Ela pode dá-lo a alguém. Ela pode jogá-lo no chão como fez com o seu telefone.

Ou talvez vá aceitá-lo. Talvez até o adore. Não sei. Nunca tive que fazer isso antes. Como todas as coisas novas que Alayna me ensinou, este também é um conceito inédito para mim – aprender a rastejar.

Quando uma mensagem de texto vem um pouco mais tarde, vejo que é o seu número de celular. Fecho meus olhos e digo uma oração sem palavras em silêncio antes de abrir a mensagem.

Cara, você é falador. Sou a Liesl, falando nisso.

Estou desapontado e confuso por um momento. O que ela quis dizer com falador? Então percebo que ela está se referindo a todos os textos que enviei.

Ela leu alguns deles? , pergunto.

Não. Mas eu li alguns. :)

Eu não me importo com isso. Vou gritar minhas palavras do topo do Empire State, se houver uma chance de que Alayna vai ouvir o que tenho a dizer.

Embora eu tenha a atenção de Liesl, aproveito a oportunidade para saber mais sobre Alayna. Eu a vi hoje, mas quero saber realmente:

Como ela está?

Bem. Considerando-se. Ela não vai usar o vibrador que ofereci.

Eu rio. E então estou pensando sobre sexo com Alayna. Sinto falta. Eu tentei não deixar que esses pensamentos entrassem na minha mente. Nós conversamos mutuamente através de

nossos corpos e lembrar dela debaixo de mim, sua boca em mim, sua língua deslizando contra a minha – isso acrescenta um nível mais profundo à constante dor que sinto por ela. Fico excitado com essas lembranças, mas não vou me tocar. Prefiro sofrer com esse tesão reprimido, porque sei que, me aliviar, isso só vai aumentar a solidão.

Ignorando a dor, eu me concentro em meus textos.

Ela está comendo? Dormindo?

Ela come. Ela bebe. Muito. Mas isso está melhorando. Ela está dormindo no meu sofá. É um futon.

Então nós dois estivemos dormindo no sofá. De alguma forma, isso me dá conforto.

Você está em casa? Você pode tirar uma foto?

Poucos minutos passam e, em seguida, uma imagem de um colchão desgastado aparece na tela do meu telefone. Uma mensagem se segue.

É melhor você não querer isso para algo bizarro.

Nada disso. E obrigado.

Eu só quero saber onde ela está passando seu tempo. Eu quero ver como ela está dormindo.

Se isso não é completamente psicótico, eu não sei o que é.

Fico olhando para a imagem mais um momento. Eu tenho a ideia para o meu próximo presente agora. Vou pedir um colchão novo para ela. E um para mim, só assim posso sentir que estamos conectados em nosso sono.

Outra mensagem vem.

Vai continuar mandando mensagens pra ela?

Vou. Você acha que tudo bem?

Deus, quando eu cheguei a ficar assim tão carente?

Acho que sim.

Ela envia outra imediatamente.

Vou desligar agora. Assim, você pode voltar a ficar ansioso. Vou tentar não ler muitas de suas mensagens.

Eu sei que Liesl está do lado de Alayna, mas me permiti pensar que talvez esteja também do *nosso* lado.

Estou inquieto antes mesmo de tentar dormir. É o sofá e essa coisa de dormir sozinho. Eu não durmo bem há dias.

Hoje à noite decido tentar algo diferente. Eu retiro o meu iPad e procuro uma estação de rádio. Geralmente tendo a ouvir os clássicos – Mozart, Brahms, Wagner. Alayna, por outro lado, gosta de ouvir músicas modernas, canções com letras, música com uma batida forte. Hoje à noite eu quero ouvir o que ela estaria ouvindo se estivesse aqui. Algo parecido, pelo

menos. Não sei como se chama o gênero de música que ela normalmente ouve, então seleciono algo aleatório na seção de música contemporânea.

Não presto muita atenção à primeira música que toca – já está na metade e estou me acomodando no travesseiro e cobertor. Mas a segunda música vem e sou atraído imediatamente. O piano é solitário, cativante. Um tenor masculino entra com a melodia. É simples. Triste.

E a letra...

Conta a história de um homem que está se afogando em seu amor por uma mulher. Afogando-se, mas ele ainda consegue respirar bem. A mulher tem muitas falhas, mas para ele é perfeita. Ela faz sua cabeça girar. Ela é perturbadora e inspiradora. E ele está tão encantado com ela que cada parte dele ama cada parte dela. É uma canção sobre ser aberto, sobre não ter barreiras. Sobre amar com "tudo de mim" e pedindo "toda você" em troca.

É tudo o que sinto por Alayna. Tudo o que quero dizer a ela.

Sento-me e olho para o nome e título da canção e do artista. John Legend, "All of Me". Eu compro o álbum e coloco a faixa no *repeat*. Já a memorizei antes mesmo de cair no sono.

Enquanto me equilibro na linha entre consciência e inconsciência, decido que amanhã vou voltar à Tiffany's. A aliança de Alayna precisa de uma inscrição, e sei exatamente o que dizer.

*

Domingo, ela começa a responder alguns dos meus textos. Estou exultante, mas acho que consigo manter a calma.

Continuo a enviar seus presentes diários, lembretes do nosso relacionamento. Deixo cada um deles em sua mesa para quando ela chegar ao trabalho. Quinta-feira, porém, não deixo nada. Em vez disso, eu venho para o Sky Launch durante o seu turno e fico em um banco no final do bar. Ela mal fala comigo, mas estou feliz apenas por me sentar e assistir a ela. É uma reminiscência da primeira vez que falei com ela. Na noite antes de sua formatura.

Parece que foi há séculos. Tanta coisa mudou e ainda muita coisa não mudou. Seu sorriso ainda ilumina meu mundo. Seus olhos ainda me atraem e me mantêm refém. Ela ainda é a coisa mais intrigante que já encontrei.

Fico com meu Scotch por uma hora. Finalmente, deixo-lhe um envelope com uma nota de cem e um certificado de presente para o meu spa em Poughkeepsie. Então, vou embora.

Estou a meio caminho para a garagem quando ela chama atrás de mim. Meu coração bate contra o meu peito enquanto espero por Alayna. Estou preocupado com as razões pelas quais ela quer falar comigo. Ao mesmo tempo, estou tão feliz que ela quer falar comigo.

Quando Alayna se aproxima, ela segura o envelope na minha direção.

– Não posso aceitar isso. Eu estou no comando da casa. E não posso sair por uma semana para ir a um spa. – Ela abaixa o olhar. – A menos que você prefira que eu não esteja trabalhando aqui.

Minha resposta é instantânea.

– Nem pense nisso. – A única razão pela qual eu tenho essa casa noturna é por causa dela. – Se você acha que não pode trabalhar comigo, como seu proprietário, eu lhe dou a casa.

Que já é dela, de qualquer maneira. Na minha cabeça, no meu coração. Onde realmente importa.

Ela pisca algumas vezes.

– Eu só quero manter o meu emprego, muito obrigada.

Estou aliviado. Eu estava com tanto medo de que ela se demitisse. Não só porque eu perderia o acesso a ela, mas ela iria perder o trabalho que tanto ama. Sou grato por ela ficar.

– É seu, pelo tempo que quiser.

Eu empurro a mão e o envelope para trás em direção a ela, uma desculpa descarada para tocá-la.

– E o certificado, fique com ele. Você pode usá-lo quando quiser. Não há validade.

Mesmo com apenas o toque de seu dedo, faíscas viajam através de nossa pele.

Ela puxa a mão para longe de mim.

– Tudo bem, então.

Nossa conversa parece ter acabado agora, e estou desanimado que ela vai embora. Mas Alayna me surpreende.

– Há uma outra coisa. – E inspira profundamente. – Eu preciso pegar minhas coisas do apartamento de cobertura.

Meu estômago afunda. Eu estava temendo isso. Enquanto as coisas dela estão lá em segurança no Bowery, parece que ainda estamos juntos. Ainda é a nossa casa. Nós ainda temos uma chance. No minuto em que ela levar tudo embora, tudo isso acabou.

Eu aperto meu queixo.

– Preferiria que não fizesse isso.

Ela ignora a minha declaração.

– Eu quero ir pegar o resto das minhas coisas segunda-feira. – Suas mãos se torcem de nervoso e ela olha para um ponto atrás de mim. Pelo menos, isso é difícil para ela também. Isso é reconfortante.

– Posso mandar embalar tudo e mandar para você, se preferir.

Isso consistiria em comprar um monte de novos itens e colocá-los em caixas com as coisas

dela. Ela teria roupa nova, novas joias...

Como se estivesse lendo minha mente, Alayna retruca:

– Eu prefiro embalar eu mesma.

Cada negativa é outra rejeição. É bobagem como isso parece tão pessoal. Rogo-lhe:

– Pelo menos, deixe-me arranjar um caminhão.

Ela fecha os olhos brevemente. Quando os abre, deixa escapar um suspiro relutante.

– Tudo bem. Você pode fazer isso.

– Está feito. – Meu lábio se dobra em um sorriso. – Isso não significa que desisti de tentar conquistá-la de volta.

– Não pensei por um segundo que fosse assim. – Havia um pouco de flerte em seu tom de voz?

Eu inclino minha cabeça e estudo a mulher à minha frente. Seus traços estão mais suaves do que da última vez em que ela falou comigo. Seus olhos têm uma pitada de diversão, e ela está à beira de um sorriso. Eu decido esticar a minha sorte.

– Você diz isso como se estivesse se divertindo com meu rastejar.

Ela revira os olhos e me dá um aceno de despedida quando se volta para a entrada da discoteca. E grita para mim por cima do ombro:

– Não poderia dizer. Ainda não vi você rastejando.

A emoção de vê-la e de poder conversar sem brigar fica comigo até eu chegar ao carro. Então, de repente, tudo se acaba. Sento-me ao volante do meu Mercedes e tento não deixar que a realidade da situação me leve para baixo. *Alayna vai se mudar do apartamento*. Mesmo estando separados, desde que suas coisas estejam no Bowery, desde que seus produtos de banho se misturem com os meus e sua roupa esteja pendurada em meus cabides, e depois em minha mente, ainda estamos juntos. A casa ainda é *nossa*.

Agora, ela quer acabar com isso.

Parece um final. Como um fecho. E eu não quero um encerramento.

De repente, tenho que estar lá. Vou para o Bowery e entro no meu apartamento pela primeira vez em semanas. A primeira coisa que noto é o silêncio. O tique-taque do relógio do meu avô é o único som que se estende por toda a extensão do meu apartamento de 400 metros quadrados. Eu entro na sala e acendo a luz.

Mesmo com o brilho das lâmpadas de alta potência, o lugar parece frio e vazio. Houve outras ocasiões em que estive em viagem de negócios por longos períodos de tempo e, no entanto, quando voltei, ele nunca pareceu tão sem vida. É a ausência dela que estou sentindo. Essa ausência está em tudo ao meu redor, em todo lugar que vou, mas está especialmente aqui.

Analiso lentamente todo o lugar, absorvendo. A janela onde Alayna ficava, a luz do luar

iluminando seu rosto, na primeira vez em que a vi na minha casa. A mesa da sala de jantar, onde nós nos reconectávamos jantando depois de um longo dia afastados. O piso onde nós transamos como coelhos.

Cada polegada do espaço tem uma memória, mas nada de antes de Alayna. Quatro anos, esse é o tempo em que tenho esse apartamento, e a única vida que ele teve foi neste verão. Depois ela. Havia alguma coisa antes dela? Poderia haver qualquer coisa sem ela?

Uma vez que a verdade veio à tona, fiquei triste. Lamentei e senti a dor e sua ausência física e emocionalmente. Mas eu ainda tenho que me permitir ficar com raiva. Até agora.

A raiva irrompe através de mim, avançando em uma espiral através de minhas veias, aquecendo a minha pele, apertando meu queixo. Eu ganhei estas minhas circunstâncias. Eu mereço essas consequências. Mas quero que não seja justo. Por apenas um minuto, eu quero alguém para culpar. Minha mãe e sua bebida. Jack e sua ausência como pai. Celia e o jogo fodido que ela jogou. O imbecil frio que ocupou minha vida até que Alayna chegou.

Ele.

Ele é a pessoa a ter culpa.

Esta casa sem ela, essas coisas, esse mobiliário – tudo isso pertence a ele. Perfeitamente colocado de acordo com as sugestões de Celia Werner. Os dois. O velho Hudson e Celia. Eles não eram um par? Distorcidos, narcisistas doentes que não dão a mínima para nada, a não ser o seu próprio entretenimento.

Fodam-se eles. Eu não quero mais ter algo a ver com essas pessoas.

Com uma explosão de adrenalina, varro os braços sobre a mesa lateral, derrubando o abajur de designer que Celia comprou para mim em um leilão. A base de cerâmica frágil quebra quando bate no chão, preenchendo o espaço com um som diferente de solidão.

É tão bom, e faço isso novamente. Desta vez é a mesa que ataco. Com as mãos agarrando cada lado, viro o móvel. A bandeja de chá decorativa apoiada em cima faz barulho ao se espalhar pelo chão. Eu gosto do barulho que faz, tanto que chuto as peças de novo, amassando o bule com a força do meu golpe. Agora, puxo as cortinas. E limpo o que há sobre a estante acima da lareira. Castiçais nunca antes acesos e fotos emolduradas de cenas aleatórias da cidade se juntam à bagunça no chão.

Então é o sofá. Eu puxo e enfio as unhas nas almofadas, jogando toda a minha energia nessa destruição. Quando não faço qualquer marca visível, vou para a cozinha e pego a maior faca do bloco. Um olhar sobre a lâmina me faz imaginar se a faca foi usada alguma vez. Bem, se não, agora seria.

De volta ao sofá, enfio a faca no couro e rasgo uma longa fenda no assento. Repito isso com outro corte no braço. Em seguida, outro. Não sou louco com meus golpes, mas fazer isso requer energia. Quando acabei de cortar todo o sofá de couro, meu braço está doendo.

Eu rolo meu ombro para relaxar o músculo e examinar meu trabalho manual. O lugar é um desastre. E mesmo assim, tem mais vida que senti desde que Alayna foi embora. Me apego a ela, segurando a vida enquanto puder.

Muito em breve, a energia desaparece e morre.

É então que sei que não posso viver mais aqui. Não sozinho. De novo, não.

Encontro meu telefone e chamo meu assistente. Ele está acostumado a solicitações em horários incomuns, de modo que, mesmo depois das dez, o meu chamado não é fora do comum. Digo-lhe para arranjar um caminhão para Alayna na segunda-feira.

– Também preciso de embaladores e uma equipe de mudança para este fim de semana. Eu posso estar aqui às nove no sábado, para supervisionar. Quase tudo precisa estar fora no domingo à noite.

Depois que tudo está arranjado, volto para o quarto. É aqui que passei a maior parte do tempo com Alayna. Eu caio em cima da cama e, embora os lençóis já tenham sido trocados e já não cheirem como ela, eu os agarro, fingindo que a estou segurando. Permito que nossas lembranças se acomodem e cantem para que possa dormir.

*

Domingo à tarde, eu envio a Alayna uma cópia do CD de John Legend com um bilhete que dizia: *Esta é a canção que me faz pensar em você. Faixa 6. – H*

Por essa noite, tudo no apartamento já foi embalado e removido, exceto as poucas coisas que pertencem a Alayna e o colchão do nosso quarto. Celia tinha levado o estrado, que está agora em um caminhão para um centro de doação, mas eu tinha escolhido o colchão. Ele tem muitas lembranças para simplesmente se jogar fora.

Dou uma olhada ao redor do espaço vazio, me lembrando da primeira vez que eu vi o lugar. Eu andei por ele antes de comprá-lo. A próxima vez que voltei, Celia tinha terminado a concepção e a instalação de todo o mobiliário e peças de arte. Eu tinha esquecido como ele se parecia em seu estado de uma tela vazia. Há muito potencial para ser um verdadeiro lar. Há amplo espaço de parede para fotos pessoais e lembranças. A varanda tem espaço para as plantas. O quarto de hóspedes, raramente utilizado, poderia ser transformado em um escritório ou em uma sala de trabalho. Ou no quarto das crianças.

Quando eu morar aqui novamente, com Alayna, digo a mim mesmo, vamos decidir juntos como queremos que nossa casa seja.

Mais tarde, penso sobre como contatar Alayna. Quando ela encontrar o apartamento vazio, vai haver perguntas. Eu poderia chamá-la antes para explicar ou poderia esperar até que ela me telefone.

Ou eu poderia estar lá quando ela vier buscar suas coisas.

Não há realmente muito o que debater. A conversa parece mais apropriada para ser em pessoa, e eu vou assumir qualquer desculpa para vê-la cara a cara. Preferencialmente, sozinhos. Pode haver uma maneira de que isso aconteça.

Decido assumir o risco e ligar para Liesl. Ela está com Alayna, mas pode se afastar para nossa conversa.

– Laynie está ouvindo a porra da sua música sem parar – responde ela. – E me deixa dizer uma coisa, você precisa me comprar urgentemente um par de tampões de ouvido.

Eu estou tão entusiasmado com essa informação que ofereço para lhe dar um aparelho de som totalmente novo também. Não é preciso muito esforço para convencê-la a fazer com que Alayna esteja na cobertura sozinha na parte da manhã. Os presentes provavelmente ajudaram na cooperação de Liesl. Ou talvez ela realmente esteja do *nosso* lado.

28

Eu acordo segunda-feira mais animado do que posso lembrar. Depois de ter passado uma vida inteira empurrando para baixo as emoções, eu sou frequentemente apanhado de surpresa quando experimento uma. Não estou preparado para a adrenalina em minhas veias ou para as gotas de suor acima da minha sobrancelha. Eu sei que Alayna não acorda cedo, então vou correr um pouco na esteira da academia das Indústrias Pierce antes de ir para a cobertura e encontrá-la. A corrida ajuda a acalmar-me.

Eu me pergunto se é por isso que Alayna ama tanto esse esporte.

Na cobertura, a minha emoção retorna. Ou talvez a ansiedade seja um termo melhor. Ando pelo corredor, para cima e para baixo, vinte vezes. Cem vezes. É inacreditável que ela possa me virar do avesso assim. Que ela possa obrigar um homem poderoso como eu a cair de joelhos. Eu sou impotente sem ela. Fico desesperado sem ela.

Enquanto espero, tento me equilibrar refletindo sobre o que eu espero de nosso encontro. É semelhante à criação de uma hipótese em um experimento. Desta vez não há nenhuma manipulação, apenas previsões. Costumo fazê-las antes de uma importante reunião de negócios, classificando os resultados realistas possíveis a partir do fantástico. Era um truque que Jack me ensinou, na verdade.

O sonho, claro, é que Alayna vai querer tentar ser um casal novamente. Ela vai aceitar meus erros e aprender a me perdoar. Não importa se nós ficarmos no Bowery ou se ficamos noivos imediatamente. O sonho é que estamos juntos, ponto.

Mas essa não é uma previsão prática. Diminuo o meu ritmo enquanto imagino o que é mais provável. *Ela vai chegar, vai ver a casa vazia e pode se sentir desconfortável. Alayna vai recusar a minha oferta para deixá-la ficar aqui com Liesl, ela é muito independente para aceitar o que seria percebido como uma esmola. Mas ela vai ver mais uma demonstração de como minha vida simplesmente não funciona sem ela. E talvez eu possa ganhar um pouco de piedade.*

Eu poderia lidar com esse cenário.

Há um outro cenário, no entanto. Um que não quero pensar. Agora, porém, pela primeira vez desde a nossa separação, eu a imagino sem mim. Eu testo a ideia suavemente em meu pensamento, focando sobre o que a vida significa para ela. *Ela é forte e saudável. Ela está no controle de suas emoções. Alayna toca o Sky Launch e faz com que seja uma das discotecas mais quentes da cidade. Ela está feliz. E encontra alguém para amá-la – alguém que não seja*

capaz de mentir, alguém que não seja tão mandão. Alguém transparente e aberto.

É um bom resultado para ela. Mas não consigo manter essa imagem. Porque não ressoa na minha mente. Porque *conheço* Alayna. Eu sei que ela vai se contentar com menos do que vale. Ela está muito preocupada com suas tendências obsessivas para se colocar lá fora. Porque acha que é um fardo para os homens, por isso se fecha lá dentro. Fecha-se completamente.

Se eu pudesse ser convencido de que seu futuro seria melhor sem mim, então eu iria embora, apesar do fato de que isso iria me matar. Eu iria deixá-la ir. Eu sei que não a mereço mais do que ninguém, mas não há nenhuma dúvida em minha mente de que nós pertencemos um ao outro. Nós nos encaixamos. Curamos o outro. Nós nos completamos mutuamente.

É esta convicção que me faz perceber que não importa o que aconteça hoje. Vou ver Alayna. Vamos seguir em frente, de alguma forma, e quer avancemos devagar, ou aos trancos e barrancos, estaremos indo na direção certa. Juntos.

Minhas passadas me levam para perto do quarto quando a ouço chegar. O ding do elevador envia meu coração à minha garganta e minha boca fica seca. Cautelosamente, saio fora da vista. Faz silêncio e posso ouvir seu sobressalto quando ela percebe que o lugar está vazio.

Dou-lhe um minuto para se aclimatar. Ou me dou um minuto para me acalmar. Seja como for, finalmente, caminho para ela.

Alayna está na biblioteca, perto das caixas de livros que dei a ela. Conversamos rapidamente e parece estar tudo bem. O modo como ela olha para mim, porém, não é nada seguro. Seus olhos viajam avidamente para cima e para baixo do meu corpo e tudo que posso fazer é não entender as proposições de sua linguagem corporal.

Pensar em Mirabelle termina minha contemplação de avanços inadequados. Além de saber que pensar em minha irmã é um poderoso brochante, Mirabelle tinha apontado tão sabiamente que eu não estava apenas tentando transar. Então, sou um bom menino. E Alayna é uma boa menina com um sorriso malicioso.

– Eu não esperava que você estivesse aqui – diz ela, depois de outro olhar cobiçoso. Seu tom de voz sugere que ela não está chateada. Se eu tivesse que apostar, diria que ela está mesmo feliz com isso. *Passos na direção certa.*

– Você não disse que eu não poderia estar.

Não há outro lugar onde eu estaria hoje.

– Estava implícito – brinca ela.

– Você não parece terrivelmente chateada em me ver.

Meus olhos encontram os dela e eles se atrevem a negá-lo.

Alayna morde o lábio e posso dizer que ela está em guerra consigo mesma. Sou capaz de ler minha garota tão bem, mas ainda há tanta coisa que não sei o que se passa em sua linda mente. Se eu pudesse saber agora no que ela está pensando...

Mas ela não está disposta a me deixar entrar lá novamente. Ainda não. Ela muda de assunto.

– Onde está tudo?

– Suas coisas ainda estão aqui.

– Mas onde estão suas coisas?

Eu não tenho certeza de que estou pronto para deixar acabar a facilidade de nossas brincadeiras. Respiro fundo. Então, pronto ou não, eu digo a ela:

– Não posso viver sem você aqui, Alayna.

Ela tenta esconder uma careta e falha.

– Então, você está se mudando?

A ideia parece incomodá-la. Boa. Incomoda-me, também.

– Na verdade, eu espero estar chegando.

– H, você me confunde mesmo sem tentar ser confuso. – A exasperação encontra-se sob suas palavras. – Você poderia dizer algo que eu possa entender?

– Eu a confundo?

– E isso é uma surpresa?

Eu dou de ombros. Tinha esquecido como é divertido provocá-la. Eu senti falta disso.

– Então, você está chegando? – pergunta, suas mãos gesticulando no ar, talvez como uma substituição da vontade de me estrangular.

Ela está perdendo a paciência agora e não é isso que eu quero. Respondo à sua pergunta.

– Um dia. Espero. Mas, por ora, quero que você more aqui.

– O quê?

Sua expressão fica irritada e seu tom, cansado.

Ela acha que não entendo o que ela quer de mim. Mas eu entendo. Ela não quer que eu fique ostentando o meu dinheiro ou lhe dando presentes ridiculamente caros.

Sou eu quem está sendo mal interpretado. Não estou tentando comprar o seu amor. Eu simplesmente quero que ela fique bem cuidada. E quero que ela more em nossa casa.

Tento fazê-la entender da melhor maneira que posso.

– Eu não posso viver aqui sem você, preciosa. Mas não quero vendê-lo, porque amo estar com você. Algum dia, você e eu estaremos vivendo aqui novamente. Por isso, enquanto estiver esperando por você, espere, apague o que acabei de dizer, enquanto estiver rastejando pelo seu perdão, é uma pena deixar o apartamento vazio, então você e Liesl poderiam se mudar para cá.

– Não posso aceitar isso, H.

Mas ela parece estar com menos raiva agora.

– Eu tinha a sensação de que iria responder isso. Então, não vai ter jeito.

Eu sabia que ela não aceitaria minha oferta. Mas eu tinha que fazê-la.

Alayna morde o lábio como se elaborasse um problema em sua cabeça – meu Deus, como eu quero chupar aquele lábio –, em seguida, ela sugere:

– Você poderia alugá-lo.

– Eu poderia alugá-lo para você.

Alayna ri e cada nuvem escura no céu se espalha. Eu faria de tudo para manter esse sorriso no rosto dessa minha mulher. Qualquer coisa para manter o flerte e o calor que passa entre nós dois. Nós ficamos nos provocando desse jeito, o sorriso dela permanecendo, e com os olhos brilhando. O dia já vale a pena só por ter visto o sol no rosto de Alayna.

Ela me pergunta novamente:

– Falando sério agora, onde estão todas as suas coisas? Você arranjou outro lugar para morar?

Balanço a cabeça, negando.

– Doei tudo para caridade.

Isso é verdade. Em sua maior parte. Menos as peças que destruí.

– Estilo de vida dos ricos e famosos – brinca ela.

Por mais que nós dois estejamos desfrutando desse joguinho – é óbvio que ela está, tanto quanto eu –, ainda existem montanhas entre nós. Ainda há coisas a dizer e explicar. Nós temos feridas que precisam ser curadas e cicatrizes que ainda não terminaram de se formar.

Dou um passo em direção a Alayna, diminuindo a lacuna que parece uma caverna entre nós.

– Eu não me sentia ligado a nada daquilo. Todo esse apartamento foi perfeitamente projetado para seguir o meu gosto e estilo, mas nunca senti como se fosse meu lar. – Paro a uma curta distância dela. – Não até que você apareceu, Alayna. Você fez isto aqui vir à vida. As coisas que estavam aqui, elas foram todas escolhidas para mim por alguém que não quero nunca mais na minha vida. Neste momento, as coisas que estão aqui são aquelas que transformaram este apartamento em um lugar em que desejo viver. São as suas coisas. Você.

Alayna começa a dizer algo, mas logo fecha a boca antes de qualquer palavra sair.

Aproveito que ela ficou sem o que dizer. E o fato de que ela ainda não me chutou para fora.

– E quando a gente se mudar para cá, podemos mobiliar este lugar a partir do zero. Juntos. Você e eu.

Ela inspira audivelmente e de forma instável.

– Você está com muita certeza de que vou receber você de volta um dia...

Eu a estudo. Eu a conheço tão bem, posso ler suas emoções a partir de sua linguagem corporal melhor do que consigo ler a mim mesmo. Talvez eu esteja me enganando agora, vendo o que eu quero ver, mas seus traços, sua expressão, seu comportamento – tudo isso diz que as perspectivas para nós são boas. Muito boas.

Ela está olhando para mim com amor, com os olhos me implorando para levá-la em meus braços, e sou levado pelo momento.

– Estou esperançoso – digo a ela com um sorriso. – Gostaria de ver o quanto esperançoso estou?

– Claro.

A palavra sai facilmente, e isso só deixa mais fácil aquilo que preciso fazer.

Procuro no meu bolso e tiro um anel, a aliança. Quando eu o coloquei lá esta manhã, disse a mim mesmo que era para ter boa sorte, que eu não tinha a intenção de apresentá-lo hoje a Alayna. Acontece que eu estava me enganando.

Seguro no ar, o meu polegar e o indicador apoiando a base para que o diamante fique de pé.

– Eu comprei isto.

Ela demora um segundo para registrar o que é. Então seus olhos se arregalam. Eu tomo sua mão e solto-o sobre a palma. Ainda não decidi se o estou mostrando apenas para que Alayna saiba como estou falando sério sobre o nosso futuro, ou se estou lhe fazendo outra proposta de casamento. Mais uma vez.

Seus olhos começam a se encher de lágrimas e sua expressão é confusa e esperançosa. É então que decido que será agora. Estou perfeitamente ciente de que isto é exatamente o oposto de dar tempo e espaço. Estou preparado para um segundo *não*, mas, honestamente, estou preparado para um terceiro e um quarto também. Eu posso esperar por ela.

Mas ela precisa saber que eu estou aqui agora, se ela me quiser.

– Há uma inscrição – digo suavemente.

Eu ouço sua respiração enquanto ela lê o que eu tinha acrescentado. *Eu te dou tudo de mim*.

Caio de joelhos.

– Percebi uma coisa da última vez em que lhe pedi isso. – Não preparei nada, mas as palavras vêm facilmente. – Eu fiz tudo errado. Em primeiro lugar, não tinha uma aliança, e depois, eu devia ter ficado de joelhos. Mas o mais importante, eu não lhe dei a coisa certa. Eu ofereci-lhe tudo o que eu tinha, pensando que esse era o caminho para ganhar seu coração. Mas não era o que você queria. A única coisa que você pediu, a única coisa que nunca consegui lhe dar, era eu.

Ela tenta engolir um sobressalto, mas ele sai de qualquer maneira.

– Mas agora, vou fazer direito. – Meus braços ficam abertos. – Aqui estou eu, preciosa. Eu me entrego livremente. Tudo de mim, Alayna. Não há mais paredes ou segredos ou jogos ou mentiras. Eu te dou tudo de mim, honestamente. Para sempre, se você quiser.

Isto é o mais nu que eu já estive. O mais vulnerável. E, absolutamente, o mais honesto.

Pego o anel e coloco no dedo daquela mão que está tremendo. Ou é a minha mão que está tremendo? Não, não acho. Pela primeira vez, eu me sinto completamente estável.

Alayna olha para ele, o reflexo do anel aparentemente faiscando em seus olhos. Ela é um livro aberto, cada dúvida e preocupação atravessando seu rosto. Mas, no final, é afeto que se instala em suas feições. Um amor mais profundo do que qualquer coisa que já tenha sido me mostrada.

Tenho certeza de que ela pode ver o mesmo no meu rosto. Minha máscara caiu. Meus sentimentos estão aparentes. Mas eu vou falar deles também.

– Alayna, eu te amo.

Ela sobe seu olhar do anel para encontrar meus olhos. Deus, como eles me encontram. Estou encontrado neles para sempre, e embora esteja preparado para esperar, espero e rezo para que não tenha que fazer isso nunca mais.

– Você quer se casar comigo? Não hoje, e não em Vegas, mas em uma igreja, se você preferir, ou em Mabel Shores nos Hamptons...

– Ou nos Jardins Botânicos do Brooklyn durante a temporada de flor de cerejeira?

– Sim, lá... – Ela tem bom gosto. E então, o que ela disse me atinge. – Mas, então, isso é...

– Sim. – Alayna concorda com a cabeça. – É um sim.

*

Alayna adora isso.

Ela está usando o anel há um mês e ainda mostra a todos. Até o nosso porteiro foi forçado a elogiá-lo. Na outra noite, tive que dar uma gorjeta em dobro ao entregador de comida chinesa, porque ele permaneceu por sete minutos mais depois de eu ter pagado apenas para ouvi-la discorrer sobre seu diamante. Se eu não a conhecesse tão bem, diria que ela só disse *sim* para que pudesse balançar o dedo na frente das pessoas.

Mas uma vez que a conheço, eu entendo sua compulsão de se agarrar ao objeto de sua afeição e desfilar com ele possessivamente. É um comportamento que levou os outros para longe dela, que é algo que eu nunca consigo entender. Eu me desenvolvo sob sua atenção. Respondo a ela gentilmente. Nós nos enredamos mutuamente com a nossa necessidade de pertencer ao outro. E o nosso amor se fortalece através disso. Mais do que certo.

Em paralelo às minhas consultas com o dr. Alberts duas vezes por semana, ainda vemos uma conselheira de casais às segundas, a dra. Lucille Parns. Ela insiste que nós a chamemos de Lucy. Em atenção aos desejos de Alayna, sucumbi ao apelido. De início, fiquei preocupado com o fato de que Lucy iria reprovar a nossa fixação um pelo outro. Que fosse dizer que isso não era saudável. Surpreendentemente, ela não o faz. Em vez disso, ela alimenta os aspectos que funcionaram como pontos fortes em nosso relacionamento. Ela incentiva nossa paixão e nossa vida sexual como um meio para nos conectarmos.

Não que Lucy tivesse qualquer impacto sobre a nossa vida sexual. Eu não posso manter minhas mãos longe de Alayna, e, felizmente, ela não consegue manter suas mãos longe de mim também.

Apesar do que temos em curso para nós, Lucy espera ainda um monte de trabalho. Ela se concentra em nossa falta de comunicação e confiança. É um mistério para mim a maneira como posso estar tão determinado em compartilhar tudo com Alayna agora e ainda, pois, quando Lucy nos pressiona, fica tão difícil ser tão transparente.

– Velhos hábitos custam a morrer – lembra ela. Então, atribui um novo exercício que parece fácil e prova depois ser uma verdadeira batalha.

Hoje à noite, a nossa missão é a revelação completa. De minha parte. Embora Alayna tenha descoberto os conceitos básicos de meus jogos com Celia e meu esquema sobre ela, eu nunca lhe contei tudo. Alayna também não tem certeza absoluta de que queira ouvir.

Mas Lucy insistiu.

– Alayna já perdoou você – disse ela. – Use esse conhecimento para apagar todos os medos que você tem. Mas não há nenhuma maneira de você, de vocês dois, serem capazes de colocar uma pedra nessa história sem iluminar cada canto escuro de sua alma.

Portanto, esta é a noite que escolhemos para a minha confissão, exatamente um mês depois que ela aceitou a minha proposta. Meu chef preparou um jantar que desfrutamos à luz de velas na nossa novíssima mesa de jantar. Ainda não temos mobília na sala de estar, e, como o verão está passando rapidamente, depois da refeição tiramos proveito desta noite quente e passamos para a varanda.

O novo mobiliário da varanda tem melhores almofadas do que o conjunto anterior, mas ainda assim não consigo ficar confortável no meu lugar. Alayna me ofereceu uma bebida, mas eu a recusei. Não quero suprimir nenhuma das emoções que poderá vir desta confissão. Pode não ser fácil, mas eu quero sentir tudo isso com ela.

Alayna coloca a cadeira na minha frente, para poder me encarar, e enrola os pés debaixo. Ela não me pressiona para começar, e nós nos sentamos por vários minutos em silêncio. Então, eu começo.

Eu começo com o jovem emocionalmente fechado que tinha sido, o cara que queria

entender as relações que estava perdendo por causa de sua falta de sentimento. Conto a ela como ele fez experimentos em pessoas que conhecia. Como fez isso com sua melhor amiga e transformou-a em uma mulher amarga e odiosa.

Conto tudo – como eu tinha beijado Celia, como eu tinha comido sua amiga, como ela fodeu com meu pai, como ela engravidou. Tudo.

Alayna não interrompe. Ela ouve atentamente, sua expressão mudando com os detalhes particularmente perturbadores. Só quando falo sobre a noite do simpósio, a noite em que a vi e minha vida mudou instantaneamente, é que as lágrimas começam. Elas são doces lágrimas que caem silenciosamente pelo seu rosto. Isso torna mais difícil para mim prosseguir até a parte onde a traí. Mas continuo. Conto tudo o que eu pensava e sentia, e como me convenci de que estava fazendo algo de bom, mas sempre soube que estava errado.

Eu termino no The Sky Launch, quando Alayna percebeu a verdade. É a pior parte e a melhor parte. Foi o momento em que eu quase perdi tudo. Mas foi também o momento em que eu estava finalmente livre para amar Alayna da forma como ela merecia, e, dessa forma, foi o momento em que ganhei tudo.

Só não conto que a coisa toda foi um jogo da Celia. Um dia, eu conto. Mas esta noite é reservada para os *meus* defeitos, *meus* erros. De ninguém mais. E admitir meu próprio papel como vítima muda o foco para longe disso.

Leva mais de duas horas para completar a minha história, e quando termino, estou exausto. Mental e fisicamente. E não posso esconder que estou deprimido. Foi uma noite para recordar os meus pecados. Estou humilhado. Estou envergonhado.

Alayna olha para o horizonte além de mim, uma brisa soprando o cabelo, seu rosto está claramente visível. Ainda assim, é difícil ler seus pensamentos enquanto ela absorve minha história. Começo a pensar que talvez agora aquela bebida viria a calhar, mas os olhos dela se viram para mim e ela começa a falar.

– Não combinamos que eu devesse confessar qualquer coisa, mas tenho algo a dizer.

Não estou preocupado com o que quer que ela tenha a me dizer. As coisas que ela acha que são seus defeitos são os próprios aspectos que mais adoro. Mas estou intrigado.

Ela limpa a garganta.

– Pode ser fácil ouvir o que você disse e se concentrar na mágoa que afirma ter causado. Mas a parte que está faltando é que suas experiências foram feitas em pessoas adultas. Adultos que são, no final, responsáveis por si mesmos. Você feriu Celia. Ela teve a chance de ir embora, e ela não o fez. Ela é culpada pelo que se tornou depois disso. Tudo se deve a ela, H, e não a você.

Eu inclino minha cabeça para estudá-la.

– Você teve a chance de ir embora também.

– Sim, e o fato de voltar agora, essa sou eu. – Seus lábios se curvam em um sorriso. – Embora você tenha feito um trabalho muito bom em tornar-se um cara impossível de resistir.

Retorno o sorriso dela, quase imperceptivelmente. É um pequeno conforto contra o peso do meu passado.

Alayna se levanta de repente e se arrasta para o meu colo, me ocupando. Meu pau se mexe automaticamente a partir de nosso ponto de contato, mas eu o ignoro. Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço e minhas próprias mãos descansam em torno de sua cintura.

– Aqui está a minha confissão, H. É uma tarefa difícil admitir, porque eu não quero que pareça que perdoei as coisas que você fez. – Inspira profundamente. – Mas, honestamente, eu não lhe teria feito o menor favor se não tivesse me manipulado. Não importa como você me perseguiu. Nada que pudesse ter feito me faria começar qualquer tipo de relacionamento com você.

Meus olhos se estreitam. Ela me disse antes que foi tão instantaneamente atraída por mim como fui por ela. Isso estava em seu rosto, em sua linguagem corporal a partir do momento em que interagimos. Certamente, se eu tivesse me aproximado dela pelo método convencional de galanteios, eu poderia ter conseguido sua atenção.

– Não me entenda mal – continua, aparentemente notando minha confusão. – Eu estava atraída por você à primeira vista. Você me puxou inexplicavelmente. E isso o tornou tudo aquilo de quem eu deveria ficar longe. Eu tinha estado bem por um longo tempo antes de você, Hudson. Eu tenho certeza de que poderia continuar estável. Teria sido difícil, mas eu o teria evitado como se fosse uma praga contagiosa.

Alayna passa carinhosamente a mão pelo meu queixo. A vibração suave de seus polegares contra a minha barba envia choques à minha virilha.

– Então, você acenou com dinheiro na minha frente. E eu me convenci de que precisava de dinheiro suficiente para quebrar as minhas regras e fazer a coisa que você me pediu. Se você não tivesse feito isso, Hudson, se você não tivesse jogado comigo... – Ela balança a cabeça para onde quer que seus pensamentos a tenham levado. – Honestamente, eu não acho que houvesse nenhuma outra maneira pela qual conseguisse a minha atenção. A menos que segurasse uma promoção sobre a minha cabeça em troca de passar algum tempo com você, e que teria sido uma outra merda igual.

Ela se inclina e me beija suavemente, em seguida, inclina sua fronte contra a minha.

– Eu nunca teria me dado a chance de me apaixonar por você, se não tivesse me forçado a fazê-lo. Isso não o desculpa de nada. Mas é a verdade. E, por isso, tenho que dizer que acho que as coisas aconteceram como deveriam. Se eu tivesse a chance de reescrever toda essa história, não mudaria nada. Este é o caminho que me levou a ficar com você deste jeito.

É a razão pela qual eu voltei tão facilmente. Porque eu percebi que prefiro viver através de sua traição e acabar com você do que nunca ter conseguido este homem.

Ela me beija de novo, desta vez mais profundamente. Sua língua empurra através dos meus lábios e ataca furiosamente a minha. Estou emocionado. Não apenas o meu pau, que agora está duro como pedra, e não apenas a partir do que ela está fazendo, mas por tudo o que disse. Alayna é indulgente demais. Muito cabeça aberta. E sou muito agradecido por isso, porque agora ela é minha.

Seu beijo fica mais frenético, e eu sei o que ela precisa, mas quando estou a ponto de tomar as rédeas, ela me detém.

– Deixe-me fazer isso, Hudson. Você contou coisas que eram difíceis de falar. Deixe-me mostrar-lhe o quanto isso não importa. O quanto eu te amo mesmo assim.

Então, eu deixo.

Espero até que ela me peça para tocar seus seios antes de cobri-los com minhas palmas das mãos. Deixo que ela solte o cinto e liberte o meu pau. É ela quem levanta a saia e arranca a calcinha fio dental. Então é ela quem se posiciona sobre mim e desliza por cima de meu pau. Ela é apertada, mas empurra as mãos contra o meu peito e se inclina para trás até que fica sentada confortavelmente. Eu a preencho tão perfeitamente, sua boceta pulsando em torno de mim enquanto ela sobe e desce sobre meu pênis.

Eu me inclino e dou um puxão com minha boca em seus mamilos através de sua camisa e sutiã. Alayna inclina seus quadris para frente e posso dizer que ela encontrou o ângulo certo quando começa a gemer. Ela acelera, falando em suspiros ofegantes enquanto monta.

– Eu te amo, Hudson Pierce. Cada parte de você. Cada falha, cada cicatriz. Assim como você me ama.

Ela aperta, e posso sentir que está perto.

– Eu adoro a forma como você cuida de mim. – As palavras saem com dificuldade, agora. – E a maneira como aceita as minhas inseguranças e os meus ciúmes. Eu amo seu pau e o jeito com que você me fode. E a sua maneira de fazer amor.

Ela está saltando para cima e para baixo em um frenesi e nós dois estamos no limite. Enquanto se aperta em torno de mim, diz:

– Você me falou que não consigo gozar quando estou no controle? Porque estou gozando!

Eu começo a rir, mas então estou gozando também, a escuridão desaparecendo em um relâmpago branco quando o orgasmo rouba minha visão. Nós voamos juntos assim, aproveitando a onda do nosso clímax simultâneo, subindo mais e mais à medida que caímos mais e mais um no outro. Eu estou perdido nela, e me encontrei nela ao mesmo tempo.

E, assim como me sinto toda vez que nos tocamos, cada vez que falamos um com o outro, cada vez que nossos olhares se encontram, estou novo. Há um passado que me levou a este

momento, mas ele não está me segurando mais. Mesmo no escuro desta noite em Nova York, a única coisa diante de mim é o sol.

Epílogo

Três anos depois

Clique. Clique.

A câmera emite cada vez que tiro outra foto. É o único ruído na tranquila sala de hospital. *Clique.* Eu olho para o contador de fotos – oitenta e sete. O cartão de memória estava vazio antes de chegarmos. Eu fiz oitenta e sete imagens. O que posso dizer? Sou um pai orgulhoso.

Desço a câmera para Alayna e tiro outra foto. *Clique.* Baixo a câmera e estudo a minha mulher. Seus olhos estão fechados, mas sua respiração é irregular, então eu sei que ela só está descansando. Alayna parece aniquilada, e com razão. Tem sido uma longa estrada até este momento. Embora a gente quisesse tentar um bebê logo que nos casamos, Alayna havia acabado de tomar uma injeção de controle de natalidade que durou três meses. Em seguida, demorou mais do que um ano de tentativas antes de ela conseguir conceber. O médico disse que era comum haver problemas após as injeções. Comum ou não, isso pesou sobre ela – e sobre mim –, e ela ficou obcecada para tentar descobrir as razões pelas quais não conseguia engravidar. Eu me perguntava se era uma consequência do meu passado. Ou carma, mesmo. Parecia um milagre quando Alayna finalmente saiu do banheiro e me mostrou a varetinha do teste de gravidez positivo. Era seu aniversário. Não houve nenhum presente que eu poderia dar a ela e que fosse competir com o que tínhamos feito juntos.

A gravidez em si correu bem. Ela teve os problemas típicos – os enjoos logo de manhã, os seios doloridos, o mau humor. Eu preferia que ela parasse de trabalhar na discoteca e deixasse Gwen no comando. Alayna queria ficar tocando a casa noturna até perto do dia do parto. Combinamos finalmente em meio período, e o último dia de Alayna foi um mês antes da data marcada. Isso nos deu tempo para terminar o quarto do bebê que decidimos decorar com um tema baseado em literatura infantil. Dorothy e o Homem de Lata vinham pela estrada de tijolos amarelos em uma parede. Peter Rabbit cavoucava o jardim do sr. McGregor em outra. E o trocador do bebê dava destaque aos personagens de *Alice no País das Maravilhas*.

Apesar das últimas semanas de folga, a coisa toda foi cansativa para Alayna, como se esperava. Ela mal tinha conseguido dormir nas últimas noites. Então, as contrações começaram logo após a meia-noite de ontem, o que representou o fim das horas de sono

para ambos. O trabalho de parto durou durante o dia e o bebê só foi nascer às duas e meia da manhã. Eu gostaria que ela deixasse as enfermeiras levarem o bebê para o berçário, para que ela pudesse dormir um pouco, mas Alayna foi insistente em manter a bebê aqui. Não apenas no quarto, mas em seus braços. Ela não vai ficar longe desse embrulhozinho sonolento – o que é compreensível e adorável –, mas toda vez que a pequena criatura se mexe, o mesmo faz Alayna.

Aponto a câmera de volta para o nosso bebê – o *meu* bebê. Seu rosto se enruga todo e relaxa, como se ainda se acostumando com a sensação de ar em sua pele. Eu tiro mais uma dúzia de fotos, tentando capturar todas e cada alteração de suas feições. Ela é incrível e bonita e não há nada igual a essa bolha estourando dentro do meu peito por causa da maravilha que ela é.

Então, por que eu ainda estou segurando a câmera e não ela?

Tranquilamente, de modo a não perturbar a minha esposa, descanso a minha câmera sobre a mesa e estico os braços para pegar minha filha. Alayna se mexe ligeiramente com a ausência repentina de seus braços, mas seus olhos não se abrem. Esperemos que ela esteja finalmente caindo no sono.

Ótimo. O momento de união entre papai e filhinha começou.

Eu sorrio para a minha doce menina, afastando o cobertor para ver melhor o rosto. Sua cor empalideceu desde que ela berrava com um vermelho brilhante no berçário, durante o banho. Estudei cada parte da pequena criatura então, contando os dedos dos pés e das mãos, descobri a marca de nascença escura na parte baixa das costas. Exame feito. Agora, eu estou simplesmente varrido pela paixão.

Eu acaricio seu rosto impossivelmente suave e traço a curva de seus pequenos lábios franzidos. Instintivamente, meu corpo começa a balançar com uma melodia que ouço apenas na minha cabeça. Eu cantarolo um pouco. As palavras dançam na minha cabeça e algumas frases escapam com minha estranha voz de tenor: “Tudo em mim ama tudo em você.”

Não poderia haver uma canção mais adequada para o momento. Estou completa e totalmente no amor.

– Continue cantando – diz Alayna de sua cama, me surpreendendo.

Eu sinto meu pescoço quente.

– Você não deveria ouvir isso. E deveria estar dormindo.

– Mas não estou dormindo. E ouvi. Então, trate de continuar cantando.

É quase impossível negar qualquer pedido dela, mas este eu nego.

– Talvez mais tarde. Agora, uma vez que a parte mais fácil de tudo isso acabou – encontro seu olhar –, devemos voltar ao trabalho duro. É hora de escolher um nome.

Tínhamos pensado em muitos nomes ao longo da gravidez, e quando soubemos que provavelmente seria uma menina, achei que finalmente isso teria sido resolvido. Alayna queria usar o nome de sua mãe – Louise – como nome do meio, mas nunca chegamos a um nome adequado.

– *Eu preciso vê-la primeiro* – dizia. – *Quero que tenha um nome que combine com ela*.

E então, aqui estamos com uma linda criança, sem nome.

Os olhos cansados de Alayna se estreitam com a minha observação.

– Você acha que tudo isso foi fácil?

Faço um gesto para ela para que ficasse de lado e eu pudesse me juntar a minha esposa na cama.

– Eu quis dizer para você. Foi extremamente difícil para mim ouvir você me chamar daquelas coisas, especialmente perto do fim. Mas eu estava tentando não fazer uma tempestade disso.

– Hudson!

Eu realmente não acho que foi fácil. A médica tinha usado esse termo, supostamente em comparação a outros nascimentos em que havia trabalhado, mas pelo tanto que sei, trabalho de parto é o inferno. Eu sempre soube que minha esposa é forte e capaz de qualquer coisa, mas nunca tinha imaginado o esforço e a resistência que seriam necessários para empurrar um ser humano de três quilos e meio para o mundo. E também nunca me senti tão impotente. De todas as coisas que posso fazer para Alayna, essa coisa ela mesma tinha que fazer, principalmente por conta própria.

Acomodo-me no espaço que ela reservou para mim e beijo sua testa.

– Estou lhe provocando, preciosa, e você sabe disso. Estou agradecido e orgulhoso por tudo que passou para trazer nosso bebê até aqui. É o melhor presente que você poderia me dar e não há palavras para expressar como estou maravilhado.

O rosto dela suaviza e seus olhos começam a verter água. Mais uma vez. Deus, eu amo essa mulher, mas a gravidez a transformou em uma manteiga derretida. Hoje, eu entendo. É natural você chorar de dor. E quando a médica veio trazer a bebê chorosa e nua ao peito de Alayna, eu admito que comecei a derramar uma lágrima ou duas também.

Agora, no entanto, prefiro não chorar – porque se Alayna começar, estou certo de que irei atrás. Olho para o relógio.

– Por mais que eu pudesse continuar a dizer o quanto eu te adoro, Alayna, agora são quase sete. Nossas famílias estarão chegando em breve e eu adoraria termos um nome para ela antes que todos chegassem. Embora Bebê Pierce tenha um certo charme, acho que seria motivo de diversão quando ela entrasse na escola.

Dou um beijo no nariz de nossa filha adormecida e a devolvo para os braços da mãe

antes de pegar o tablet da mesa lateral.

Alayna olha amorosamente para seu pacotinho e, em seguida, inclina a cabeça no meu ombro.

– Então, procure o site de nomes de bebês e vamos decidir. Caso contrário, sua mãe vai tomar para si o encargo de escolher o nome da bebê e isso não pode acontecer.

Tínhamos os dois decidido a não chamar ninguém da família à maternidade até que a bebê tivesse nascido. *Fica muito drama,* disse ela, e concordei. Como a bebê nasceu no meio da noite, esperei até às seis horas *para* fazer as chamadas telefônicas. Mirabelle e Adam teriam que vestir sua menina de quatro anos, Aryn, e seu filho de um ano de idade, Tyler, antes de vir, e meus pais são lentos na parte da manhã, o que vai fazer com que cheguem atrasados. Por isso, acho que temos até por volta das oito para ficarmos a sós com a nossa filha antes que ela se encontre com o resto dos *Loucos*, como Alayna gosta de chamar a minha família.

A partir dos marcadores no navegador, eu abro o site que nós usamos como nosso guia de busca e seleciono o link para os nomes de menina. Os mais populares aparecem na tela em uma lista. *Charlotte, Sophia, Amelia, Emma*.

– Eu ouvi dizer que Celia Werner ficou noiva.

Eu olho para a minha esposa.

– Como você pretende estragar o mais belo momento com o nome dela?

Eu sei por que ela pensou nisso – *Celia* tinha sido um nome na tela.

– Ora, deixa disso. Eu não mencionei o nome dela desde antes de nos casarmos.

Alayna tem razão, não fez isso. Celia não tem sido uma parte de nossas vidas, de nenhuma forma, desde a última vez em que a vi no meu loft. Ela manteve sua parte do acordo, cessando todo e qualquer contato comigo e com minha família. E eu tinha mantido a minha – Warren Werner ainda é o cabeça da Werner Media.

Por um tempo depois do nosso noivado, o nome de Celia surgiu no aconselhamento. Ela havia sido uma fonte que contribuiu em muito para nossos conflitos, e era inevitável que fosse discutida. Mas, com o tempo, todos nós – Alayna, Lucy e eu – concordamos que falar sobre Celia iria mantê-la conosco quando já não era necessário. Nós não falamos sobre ela depois disso, e, afortunadamente, não pensei sobre ela também. Bem, não muitas vezes.

– De qualquer forma – Alayna diz agora –, sua mãe me contou.

– É claro que sim.

Ela havia me contado também. Sophia sempre gostou de agitar as coisas, mesmo estando sóbria. Embora há muito tivesse perdido seu amor por Celia – raramente mencionando seu nome, graças a Deus –, minha mãe não se sentia exatamente afetuosa em relação a Alayna. Se bem que ela não demonstre afeto por ninguém, falando nisso, exceto, possivelmente, pelo

meu pai. Os dois parecem encontrar redenção mutuamente, mesmo quando ninguém mais pode vê-la. Talvez Alayna e eu sejamos como eles aos olhos dos outros.

– Algum comentário?

Ela não está me testando e nem querendo ver uma reação emocional. Não há mais segredos entre nós. Particularmente, não sobre minha antiga parceira no crime.

– No que diz respeito a Celia? Bom para ela.

Esse é o máximo de atenção que vou dedicar a essa mulher no dia do nascimento de minha primeira filha. Isso não significa que eu não queira saber sobre ela de vez em quando, ou que não parei quando ouvi notícias dela. Parte de mim espera que seu romance seja real. Não seria irônico?

Mas é perfeitamente possível que o noivado seja simplesmente uma farsa ou um arranjo de seus pais. Ela continua provavelmente fria e insensível. Talvez até mesmo infeliz e miserável.

Eu não vou mentir. Há uma pequena parte de mim que lhe deseja a última coisa. Certo, uma grande parte de mim.

– Sim, bom para ela.

O tom de Alayna parece indiferente, e sinto que a amargura que já sentiu por Celia foi substituída por outras coisas. Coisas que importam. O prestígio de dirigir a danceteria mais falada de Nova York, de acordo com o *Village Voice*. Dois aniversários comemorados com um marido que a ama mais do que jamais poderia ser expressado. Um bebê recém-nascido que murmura em seu sono.

Alayna olha fixamente para a bebê em chapéu rosa. Acho que ela poderia ficar olhando assim para sempre. Eu poderia ficar olhando Alayna olhar nossa filhinha para sempre. Jesus, estou ficando mole na minha velhice.

Eu volto para o tablet e clico em pesquisa avançada. Digito um significado, curioso para ver se algum nome vai aparecer. Aparece uma lista de 50 nomes. Passo por todos, a minha respiração presa em um deles. Clico no nome para ler mais.

– Alayna – chamo, ainda não acreditando nos meus olhos –, você sabia que seu nome significa *preciosa*?

Ela está surpresa.

– Sério?

– *Preciosa; raio de sol*. Veja. – Mostro a ela o tablet, onde a definição aparece clara como o dia.

Ela pisca na tela.

– Você sabia disso?

– Não tinha ideia...

Não tenho certeza se Alayna percebe quantas vezes já me referi a ela como sendo a luz na minha escuridão. Seu nome é completamente apropriado para ela. Para a mulher que seria minha.

– Foi predestinado – diz Alayna com o sorriso mais doce. – Eu era para ser sua. Você sabia o que eu era antes mesmo de mim.

Não posso suportar mais. Ela é muito linda, perfeita demais. Volto a olhar para o tablet.

– Você está me dando muito crédito.

– Não estou, não.

E, penso, talvez ela esteja certa. Talvez nós estivéssemos mesmo fadados ou destinados a nos encontrar. Talvez tudo o que aconteceu comigo e Celia e Alayna estava destinado a acontecer, cada parte dolorosa dessa história surgindo a fim de nos levar ao nosso final feliz.

Ou talvez seja apenas coincidência. E isso realmente importa, afinal? É um final feliz, de qualquer maneira.

Nosso bebê se mexe de novo, desta vez com mais determinação.

– Ela está acordando.

Vejo-a inclinar a cabeça para Alayna, sua pequena boca aberta e procurando.

– Ei, ela quer mamar! – exclama Alayna.

– Entendo essa menina, eu também gosto de chupar seus seios. – Faço cócegas no rosto de minha bebê com meus dedos.

Alayna ri.

– Isso é uma coisa totalmente diferente.

– Talvez em parte seja diferente, mas...

– Não, é muito diferente, e é incrível – responde, olhando para mim com aquele sorriso diabólico dela, aquele que pode me deixar instantaneamente duro se eu não tomar cuidado.

Mais uma vez, tenho que desviar o olhar.

– Pare. Você vai me deixar excitado e a enfermeira disse que eu tinha que esperar seis dias.

– Seis semanas.

Eu suspiro.

– Acho que ouvi errado.

– É, ouviu...

Volto meu foco para a tela na minha frente e vasculho a lista mais um pouco.

– O que você acha de Mina?

– Mina? Mina Louise. – Ela repete, testando o nome. – Gostei. O que significa?

– *Preciosa*. Em sânscrito. – Olho para a minha filha, minha *filha*!, e assisto a sua luta para abrir os olhos, as pequenas pálpebras fechadas apertadas e relaxando antes de abrir. – Olhe

para ela. O que você acha? Serve?

– Ela é certamente preciosa.

– Como a mãe.

Eu lanço o iPad para o final da cama e passo meus braços em volta da minha esposa e da minha filha. Para alguém que uma vez se sentia tão vazio, agora estou sobrecarregado com as emoções. Meu coração está cheio até a borda, transbordando de amor. Muito amor.

Às vezes, é difícil até mesmo lembrar que já fui outro homem. Que fui outra coisa nada parecida com este cara, capaz de lotar sua câmera digital com fotos do bebê recém-nascido e se derreter inteiro quando sua preciosa filha abre os olhos. Um homem que encontrou a luz do sol em sua existência escura quando ele merecia menos.

Alayna Withers mudou tudo para mim. Eu posso facilmente dividir minha vida em duas partes: antes e depois dela. A pessoa que eu era, naquele momento há muito tempo, e a pessoa que me tornei quando meus olhos encontraram os dela pela primeira vez.

Apesar de que isso não é totalmente preciso. Antes dela, eu realmente nunca vivi. Quer dizer então que só existe o depois.

Começo e termino com ela. É tão simples e tão profundo quanto isso. Nossos mundos se entrelaçaram e se envolveram mutuamente de forma completa. Eles se moldaram em algo novo, fixo e inteiro. Não existe mais a história dela ou a minha história. Mas sim, agora e sempre, só a nossa.

FIM

Agradecimentos

Quando eu estava no colégio, a professora de teatro não iria nos chamar à ribalta até que estivéssemos "prontos". Em outras palavras, o resto do programa tinha que estar no seu melhor. Às vezes nós não conseguíamos a nossa chamada à ribalta até a noite de abertura. Eu sempre senti a mesma coisa acerca dos agradecimentos – não me permito escrevê-los até que o resto do livro esteja terminado. Então eu me sinto um pouco como uma garota malvada agora, quando voo para a Filadélfia para uma sessão de autógrafos e começo a escrevê-los quando ainda tenho três capítulos do livro para terminar. Mas estou indo ver amigos e fãs – pessoas que eu vim a amar tão fortemente, pessoas que eu não teria conhecido se não tivesse sido por Alayna e Hudson e meu mundo de escritora. Meu coração está repleto e acho que agora é totalmente o momento oportuno para tentar capturar uma fatia dessa gratidão guardada aqui dentro.

Sempre, no entanto, a questão é: por onde começar?

Tom, o mais importante e otimista de todos, devo-lhe muito mais do que inspiração. Eu te amo e tenho sorte de ser a sua princesa. Continue a me servir o café da manhã na cama por muito, mas muito tempo, combinado?

Minhas meninas, embora pareça que vivo absorvida em meu próprio mundo na maioria das vezes, espero que vocês percebam que eu as amo mais do que a vida. Eu coloquei pedaços de vocês em tudo o que faço. Embora isso esteja acontecendo muito rápido, mal posso esperar para ver as mulheres que se tornarem.

Mãe, obrigada por sempre viver me empurrando para seguir os meus sonhos. Eu não seria a pessoa que conseguiu realizar tudo que fiz se você não tivesse sido tão solidária como tem sido. Agora, só falta se mudar para o Colorado.

Bethany Hagen, há tantas palavras para descrever tudo que você é para mim. Você é minha editora, com certeza, e uma parceira crítica, e fadinha dos livros, mas, acima de tudo isso, você é minha grande amiga. Eu sonho com o dia em que iremos fugir juntas e construir nossas cabaninhas de cobertores uma ao lado da outra. Algum lugar cinza, é claro, com uma bela atmosfera e clima. (P.S.: Espero que esta experiência não requeira muito scotch.)

Melanie Harlow, eu me sinto como se tivéssemos crescido juntas desde a WrAHMs para a NAturals e depois para irmãs de agência, a gente fez uma bela corrida, hein? Embora já não precise de mim para ler seus manuscritos, espero que você ainda me envie todos eles antes

de qualquer outra pessoa. Tenho orgulho de ser capaz de me gabar de você antes de qualquer um. Vamos tentar nos ligar mais vezes e tagarelar, vamos?

Kayti McGee, você é a minha outra metade. Honestamente, não é justo que você tenha todo o charme e inteligência, enquanto eu estou condenada a apenas abrir um sorriso. Posso até abrir mais de um quando estou com você. Você é uma líder de torcida constante e nunca se cansa de minhas reclamações (bem, pelo menos finge nunca se cansar). Eu acho que você pode ser tão santa como meu marido. Não há outra pessoa com quem eu considere me associar. E obrigada por me deixar mostrar quem mandava por aqui.

Tamara Mataya, sua voz sexy e rapidez de raciocínio não são suas únicas qualidades incríveis, mas são certamente duas das minhas favoritas. Você me faz rir mesmo quando não estou no clima. O que é o tempo todo. Você é uma de minhas ouvintes favoritas com quem despejar minhas tristezas. Supere essa coisa de canadense que você tem e seremos as melhores amigas para sempre. Está bem, talvez você possa ficar canadense. Vamos ver como isso se desenvolve.

Gennifer Albin, se você precisar de uma carreira alternativa (além de ser a designer das melhores capas do mundo, de ser uma agente nas horas vagas e escrever livros incríveis), você devia realmente se empenhar em fazer coaching da vida. Suas "palavras duras" nunca são tão difíceis de ouvir quanto as que constrói para ser, mas serão sempre a verificação da realidade que precisava acontecer. Você pode até achar que não é uma líder de torcida; eu discordo. Pode até ser escassa com os cumprimentos e elogios, mas quando os faz, recebo-os com o coração porque sei que queria mesmo dizer aquilo. Já a conheço por todos os altos e baixos, e continua sendo tão legal nos altos quanto nos baixos. Isso não é algo que pode ser dito de todos. Espero que eu possa aprender a ser tão graciosa como você através da minha própria carreira.

Amy McAvoy, a minha favorita entre todas as tontas, o seu papel na minha vida evoluiu por tantas fases. Você foi a primeira blogueira que disse: "Oh, definitivamente, este", quando pedi que fizesse uma crítica da minha pequena história. Como uma das primeiras e apaixonadas apoiadoras, eu sei que parte das vendas de meus livros têm prosperado por sua causa. Suas opiniões são fortes, como você é, e também são muitas vezes corretas. Mas, além daquilo que faz para a minha escrita, estou tão contente de tê-la como uma amiga. Você sinceramente enfeita a minha vida. Estou honrada em conhecê-la.

Patricia Mint, este livro só existe por sua causa. Se você não tivesse me afogado com suas perguntas constantes sobre as motivações de Hudson, eu jamais teria percebido que ainda havia uma história a ser contada. Lembra-se de quando isto ia ter apenas o tamanho de um conto? Agora, ele é o livro mais longo dos que escrevi, e meu favorito. Devo-lhe alguns drinques. E umas palmadas. Porque estou morrendo de vontade de colocar minhas mãos em

sua bunda! *Hola!*

Lisa Otto, eu sei que você ficou muito ocupada por minha causa e que queria que eu a "despedisse", mas não tenho como fazer isso. Mesmo quando tinha apenas o mínimo indispensável de palavras para mim, elas eram sempre exatamente o que a história precisava. Você não pode se livrar de mim tão facilmente assim.

Jackie Felger, você sobreviveu através de todos os meus projetos e isso é realmente admirável, considerando-se todos os lugares por onde estive. Sou muito grata por seus comentários e sugestões. Muito obrigada por ser uma pessoa de contato tão fiel.

Tristina Wright, você foi a primeira pessoa a ler as histórias de Hudson e Alayna. Você os viu (e a mim) no pior momento e, ainda assim, achou uma história para aplaudir. Talvez possa não ter estado tão envolvida com o mais recente capítulo de sua jornada, mas o que você contribuiu para o meu crescimento como escritora se mostra em cada novo parágrafo que escrevo. Obrigada pela orientação quando eu mais precisava. Espero poder retribuir o favor algum dia.

Shanyn Day, quando eu estava na escola, minha amiga tinha um emprego, trabalhando como uma "guardiã". Ela era basicamente uma assistente pessoal, mas sua chefe dizia que ela era muito mais que isso – porque a mantinha nos trilhos, a mantinha inteira e sã. Embora eu apresente você como minha assessora e minha assistente, você é definitivamente a minha guardiã. Muito obrigada por me manter inteira. Eu estaria perdida sem você.

K.P. Simmons, você me salvou de muitas maneiras. É estranho pensar que temos uma relação comercial porque não parece assim, de maneira nenhuma. Mas que faz bons negócios, faz! InkSlinger PR é de longe o melhor. Mas você também sabe como manter uma boa amizade. Eu levanto o meu copo cheio para você.

Joe LaRue – Não há mais ninguém que renove
minha criatividade, espírito, mente e motivação
como você faz. #thanksinhaiku

Rebecca Friedman, nosso relacionamento é novo, mas não é essa a melhor parte? Mal posso esperar para ver onde vamos juntas. Estou totalmente sentindo o "crepitar"!

Bob Diforio, percorremos um longo caminho nestes dois últimos anos. Estou muito agradecida por todo o trabalho que você fez por mim. Obrigada.

O resto da minha equipe: Anthony Coletti, Sara Norris e Danielle Nelson, por manter mais dinheiro na minha carteira e me guiar através das partes escorregadias do sucesso financeiro; Stacy Shabalin na Amazon, Ian e Chris no iBooks, e Lauren e Carina na CreateSpace pelo seu tempo e empenho em ajudar os meus livros a brilhar em suas lojas; Caitliyn Greer por suas rápidas guinadas e linda formatação; e Jolinda Bivins por fazer meus livros ganharem vida como os mais belos suvenires. Sou grata a cada dia por todo o tempo e

energia que as pessoas dedicam para tornar minha vida mais fácil. Sou muito, muito abençoada.

Holly Atkinson e Eileen Rothschild, minhas "outras" editoras. Eu amo o quanto a gente "clica". Obrigada por me compreender e me ensinar como fazer minhas palavras brilharem.

Jenna Tyler e Angela McLain, obrigada por tudo que você são. Suas amizades são algo de valor inestimável (como são suas habilidades de revisão, Jenna).

Shera Layn e a equipe da rua Hudson, vocês são simplesmente incríveis. Seu talento e motivação para embelezar as coisas são demais. Eu não poderia conseguir um grupo melhor de pessoas para colocar meu livro lá fora. Obrigada por se importarem com o sucesso de Hudson do mesmo modo que eu. Beijo!

Para as mulheres em Obsessed com a trilogia Paige e Hudson Pierce, meus dias são mais brilhantes por causa de seu amor e compromisso com meus personagens. Obrigada por compartilharem seu entusiasmo e paixão comigo. É uma das melhores partes do que eu faço.

Esta comunidade da escrita está cheia das pessoas mais incríveis. Assim, muitos autores se tornaram meus melhores amigos, primeiro on-line e depois, pouco a pouco, comecei a conhecê-los. Tenho certeza de que vou sentir muita falta de vocês, mas tenho que tentar mencionar especificamente alguns de vocês, que causaram um impacto particularmente significativo sobre mim: Lauren Blakely, Kyla Linde, Melody Grace, M. Pierce, Pepper Winters, Kristy Bromberg, Emma Hart, Kristen Proby, as mulheres da NAturals, FYW, WrAHM e Babes of the Scribe, e aquele outro grupo que não deve ser mencionado (vocês sabem quem são). Há um monte de gente maravilhosa nesse meu mundo e vocês representam a maior parte deles.

Eu costumava tentar citar todos os blogueiros que apoiaram meus livros e minha carreira, mas a lista tem crescido tanto que é impossível sequer tentar reconhecer todos vocês. Por favor, saibam que vejo vocês. Eu vejo o que fazem e sei quanto tempo dedicam ao seu trabalho. Sou muito grata por seus elogios e apoios. Eu não estaria onde estou sem vocês.

E eu definitivamente não estaria em qualquer lugar sem os leitores – queria poder mandar um agradecimento pessoal a cada um de vocês toda vez que escolhem meu livro ou me recomendam a um amigo. Eu não teria um trabalho sem vocês. Sou uma pessoa muito sortuda em poder fazer o que faço, e ainda mais sortuda por tanta gente ter sido tocada por minhas palavras e os meus personagens. Vocês me impressionam a cada dia, mesmo que eu nem sempre compartilhe isso. Obrigada, obrigada, obrigada.

Acima de tudo, envio meus agradecimentos a Deus. Você me eleva. Por favor, continue me ensinando a fazer o mesmo por você.

Título original
HUDSON
Fixed Series (volume 4)

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2014 *by* Laurelin Paige

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

FÁBRICA231
O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Tradução de
JÚLIO DE ANDRADE FILHO

Preparação de originais
ANA ISSA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição Digital: Julho, 2016

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Star Books Digital

P161h
Paige, Laurelin
Hudson [recurso eletrônico] / Laurelin Paige; tradução de Júlio de Andrade Filho. – 1ª- ed. – Rio de Janeiro: Fábrica231, 2016.
recurso digital (Fixed; 4)

Tradução de: Hudson: Fixed Series (volume 4)
ISBN 978-85-68432-71-6 (e-book)
ISBN 978-85-68432-70-9 (brochura)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Andrade Filho, Júlio de. II. Título. III. Série.

16-33773

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

A Autora

Laurelin Paige é a autora do momento, alcançando o topo das listas norte-americanas *The NY Times*, *Wall Street Journal* e *USA Today* com a Série Fixed. Além de ser fã de romances, ela divide seu tempo entre escrever, cantar e assistir às séries *The Walking Dead* e *Game of Thrones*. Ela é casada e tem duas filhas.